



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE - PPGEduc

LÍVIA MARIA GOES DE BRITTO

PRESENÇA DO ESPÍRITO CIENTÍFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA
NAS IMBRICAÇÕES DAS
HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO E DAS CIÊNCIAS NO BRASIL
Influências, Desdobramentos e Permanências

SALVADOR

2018

LÍVIA MARIA GOES DE BRITTO

PRESENÇA DO ESPÍRITO CIENTÍFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA
NAS IMBRICAÇÕES DAS
HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO E DAS CIÊNCIAS NO BRASIL
Influências, Desdobramentos e Permanências

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutora na Área de Educação.

Linha de Pesquisa¹ - Processo Civilizatório: Educação, Memória e Pluralidade Cultural.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Jaci Maria Ferraz de Menezes

SALVADOR
2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

B862p

Britto, Livia Maria Goes de

PRESENÇA DO ESPÍRITO CIENTÍFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA
NAS IMBRICAÇÕES DAS HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO E DAS
CIÊNCIAS NO BRASIL: Influências, Desdobramentos e Permanências /
Livia Maria Goes de Britto. – Salvador, 2018.

473 fls. : il.

Orientador(a): Profª Drª Jaci Maria Ferraç de Menezes.

Inclui Referências

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia, Departamento
de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e
Contemporaneidade - PPGEDUC, Câmpus I, 2018.

1. Anísio Teixeira. 2. Espírito Científico. 3. História da Educação.
4. História das Ciências.

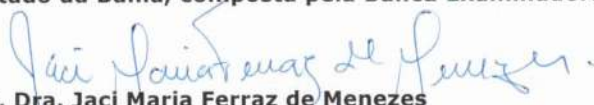
CDD: 370

TERMO DE APROVAÇÃO

PRESENÇA DO ESPÍRITO CINTÍFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA NAS IMBRICAÇÕES DAS HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO E DAS CIÊNCIAS NO BRASIL

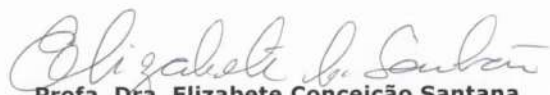
LÍVIA MARIA GOES DE BRITO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 19 de novembro de 2018, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:


Profa. Dra. Jaci Maria Ferraz de Menezes
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Ciencias de La Educación
Universidade Católica de Córdoba, UCC, Argentina


Prof. Dr. André Luís Mattedi Dias
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em História Social
Universidade de São Paulo, USP, Brasil


Prof. Dr. Edgar Porto Ramos
Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI
Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional
Universidade de Barcelona, UB, Espanha


Profa. Dra. Elizabete Conceição Santana
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educación Moral y Democracia
Universidade de Barcelona, UB, Espanha


Profa. Dra. Nadia Hage Fialho
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Democracia é O problema

Anísio Teixeira

No curso da história da espécie humana, a democracia não foi e não é um fenômeno natural, mas uma idéia moral. Embora tenha tido seus antecedentes no humanismo helenico, nas crenças cristãs e nas lutas contra formas particulares de opressão, somente no século XVIII a idéia tomou forma consciente de luta pela liberdade e se constituiu como um movimento dominantemente político, para constituição de um tipo de governo "livre" e consentido.

Como ideal e aspiração e, portanto, escolha moral da espécie, era muito mais do que isto: era uma forma nova de associação humana, fraternal e igualitária, para todos os fins da vida: políticos, econômicos e sociais. Essa aspiração, entretanto, não podia escapar de se revestir dos aspectos da cultura dominante ao tempo em que se fez movimento consciente, nos fins do século XVIII.

Se da Inglaterra vieram seus melhores teóricos, da França, sua mais espetacular apresentação, foi da América do Norte, onde as condições sociais eram plenamente favoráveis à experiência do novo sistema político, que viria o seu melhor interprete. Thomas Jefferson, que não escreveu tratados teóricos, mas discursos e cartas, foi o profeta dos novos princípios. Filho de um novo mundo geográfico iria começar a transformá-lo em um novo mundo humano, com a nova fé democrática.

O seu idealismo é um idealismo moral e o centro da doutrina a crença de que "nada é imutável, salvo os direitos inerentes e inalienáveis do homem". Na sua formulação na Declaração da Independência, usou a linguagem do seu tempo: "São verdades evidentes por si mesmas: que todos os homens são criados iguais; que todos são dotados pelo seu Criador de direitos inerentes e inalienáveis; que entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade".

O estilo do seu tempo identificava "natureza" com uma ordem bondosa do Criador e com os direitos "naturais" do homem. Hoje temos de substituir seu termo natureza pelo termo moral, que exprime a aspiração humana pela vida, liberdade e felicidade e, por isto, a democracia não se iria realizar como o destino manifesto do homem, mas como um esforço, uma luta, uma opção do homem em face de sua existência. A democracia não era assim uma solução, mas um problema. E problema extremamente difícil, porque em oposição a costumes, hábitos e idéias que tinham por si todo o passado da humanidade.

O êxito da democracia nas terras novas da América encontrou em De Tocqueville expositor hoje clássico. A tradição anterior de igualdade e liberdade da jovem nação americana fez da democracia, aparentemente, uma consequência mais fácil do que difícil, embora não escapasse a De Tocqueville os perigos da nova ordem e não deixasse Jefferson de prever os obstáculos que logo iriam trazer os desenvolvimentos industriais.

A transição entre a civilização agrária e religiosa da jovem nação, no século XVIII, e a nova civilização industrial nascente do século XIX iriam alterar profundamente as bases em que assentavam as crenças de Jefferson, ao mesmo tempo que o progresso das ciências físicas iria dar um novo poder ao homem e transformar todo o projeto democrático numa empresa extremamente difícil, infinitamente

distante do simples curso espontâneo e natural dos negócios humanos.

As circunstâncias do século XVIII levaram os homens a julgar a liberdade um problema de simples supressão das restrições impostas pelos governos. Uma vez retiradas as imposições, o livre jogo dos desejos e vontades dos homens iria construir a harmonia social e conduzir a sociedade ao seu indefinido progresso. O sonho não seria de todo inconcebível para a sociedade agrária e modesta do século XVIII, e isto bem chegou Jefferson a sentir no seu indistigável temor a industrialização e à concentração gigantesca da atividade humana.

Não se registrou, contudo, uma tomada de consciência lúcida das novas condições e novas circunstâncias da luta pela democracia. No idealismo do século XVIII, o projeto era um reencontro com a "natureza" e a "ordem benevolente do Criador". Esse idealismo, no século XIX, defrontou-se com uma identificação entre as ciências físicas e as ciências sociais e o conceito resultante de uma evolução determinista tanto da "matéria" quanto da "sociedade". O Brasil forjou, em sua bandeira, a filosofia da época: "ordem e progresso". Os dois marchariam de mãos dadas para o manifesto destino de cada nação.

Não cabe na estreiteza de um artigo a análise do que veio a ocorrer no século XX. O conhecimento das ciências físicas deu ao homem poder inconcebível. As forças econômicas em livre evolução permitiram a organização do trabalho e a criação de um mercado mundial em formas tão concentradas, gigantescas e impessoais, que a vida humana ganhou coesões oligopólicas, dentro das quais a velha idéia de indivíduo se obscureceu, se é que não se perdeu inteiramente.

Do velho idealismo do indivíduo soberano, núcleo e força da sociedade espontânea e feliz, muito pouco ficou, salvo certas formas residuais de composição política de governos, democráticos porque impotentes. E surgiram governos totalitários, tentando fazer renascer ordens autoritários, baseadas em programas planejados para o bem social. A vida humana reencontrou em uma ordem em rigor tão imposta quanto a velha ordem que antecedeu o século XVIII.

A grande crise em que nos debatemos no mundo tumultuado dos nossos dias é esta. Sobre esta crise real e indistigável, paira ainda a sombra da guerra, que duzentos anos de democracia não conseguiram eliminar, antes, talvez, sobremaneira a agravaram, pois também ela, — a guerra — ou sobretudo ela, ganhou pela ciência poder inimaginável.

Onde as esperanças? Confesso que não as vejo no conjunto de forças estabelecidas e dominantes. Têm de vir de novos ângulos de visão do problema democrático. Dois movimentos novos se erguem no horizonte. Em nosso mundo ocidental os seus sinais aparecem com os jovens e com a Igreja. São mais sintomas da patologia extremamente complexa da sociedade que forças propriamente ditas. Mas, se provocarem um "Novo Exame" e vierem a reformular a velha crença do homem na "vida, na liberdade e na felicidade", para que voltemos a buscá-las sob o escudo da "eterna vigilância" e do eterno esforço e não como um bem que nos chegará, um dia, de presente, creio que teremos razão de esperar. Democracia ainda é o problema.

A meu pai “in memoriam”, grande incentivador dos nossos estudos, pelas muitas histórias contadas e, principalmente, a meu filho, pelas traduções e muitas histórias que ainda haverá de contar. Entre ambos, dedico também este trabalho a minha irmã pelo sempre presente apoio e que, assim como eu, está em vias de se descobrir como contadora de histórias.

AGRADECIMENTOS

Ao término dos estudos e sendo longa a lista de pessoas a quem devemos nossos sinceros agradecimentos por apoios recebidos em distintos momentos da jornada, optamos em ao tempo em que agradecemos a prof.^a Dr Jaci Maria Ferraz de Menezes pela confiança e oportunidade de pesquisar sob sua orientação, estender estes agradecimentos aos membros da banca, aos professores e técnicos do PPGEduc e do Departamento de Educação Campus I - UNEB, bem como aos profissionais das instituições nas quais realizamos a pesquisa de campo presencial.

Escrever História é gesto político, pois significa reler o seu passado, quase sempre com perguntas do presente e projetos para o futuro. A pretensa neutralidade científica representou muitas vezes uma postura de imobilismo no presente ou de apoio ao status quo [...] Dissemos que escrever História é gesto político, tanto quanto deixar de escrevê-la ou ainda levar a crer que não há simplesmente história a ser escrita.

Padre José Oscar Beozzo¹

E não me esquecer, ao começar o trabalho [de escrever histórias] de me preparar para errar.

Não esquecer que o erro muitas vezes se havia tornado o meu caminho.

Todas as vezes em que não dava certo o que eu pensava ou sentia – é que se fazia enfim uma brecha, e, se antes eu tivesse tido coragem, já teria entrado por ela. Mas eu sempre tivera medo do delírio e erro.

Meu erro, no entanto, devia ser o caminho de uma verdade, pois quando erro é que saio do que entendo.

Se a "verdade" fosse aquilo que posso entender, terminaria sendo apenas uma verdade pequena, do meu caminho.

Clarice Lispector

Creio que o produto do esforço de estudar e criar [monografias sobre novos pontos de vista] não são os escritos

em que os outros vão nos conferir. O produto somos nós mesmos, refeitos e possuídos de uma sabedoria nova depois de cada esforço criativo.

O ruim é que ela é inexpressável, a não ser através de outro esforço que, por sua vez, nos transfigura. O processo não tem fim.

Ao contrário de um descascar cebolas, ele consiste em um enfolamento sem fim.

Darcy Ribeiro

¹Doutor em História Social – USP.

RESUMO

O título do presente trabalho monográfico sugere e dá a exata dimensão do conteúdo abordado e o objetivo. Perpassa pela trajetória de vida de Anísio Teixeira, mas tendo como referência a premissa da existência de um *Espirito Científico* que, além de ser caracterizado, teve o seu escopo circunscrito a três categorias, ou seja: Influências, Desdobramentos e Permanências. Esta última incorporando e sinalizando atualizações do pensar deste expoente da história brasileira. Para tanto, tornou-se necessário o desenvolvimento de estudos mais amplos registrados como apontamentos, sobre as transformações do pensamento ocidental, bem como sobre as Histórias da Educação e das Ciências no Brasil. A pesquisa de cunho qualitativo teve como fontes primárias e secundárias, produções de Anísio Teixeira e de outros autores que se reportaram ao mesmo ou que trataram de temas afins. De tais fontes, foram anexados na íntegra ou recortes de documentos que, após analisados e comentados, produziram o texto dissertativo argumentativo em tela. No que se refere aos resultados encontrados, ficam evidentes influências da família e dos jesuítas no Anísio jovem, mas a principal influência do seu pensar cientificamente adulto é o filósofo americano, John Dewey e o seu método científico experimental, elaborado a partir de reflexões e associações com a teoria da *Evolução de Charles Darwin*. Método que Dr Anísio induz para que não só seja utilizado nos processos educativos, como, também, nas gestões públicas em que assume cargos diretivos, a partir do curso que realiza no “Teacher College”, da “Columbia University”. Os desdobramentos são numerosos, muitos desses já conhecidos e estudados pela academia. Sendo assim, procuramos abordá-los pelo viés que se torna observável e perene ao longo de quase toda sua trajetória de vida, ou seja: a defesa da não dicotomia que coloca em polos opostos ciências e filosofia. Questão que permanece presente nas suas últimas produções, que abordam ideias difundidas por McLuhan, mas ainda centrada nas ideias e método de Dewey. Cabe destacar, entretanto, que ao sinalizar para novas reflexões sobre como o pensamento se expressa pela palavra oral ou escrita, assim como pelos sinais, Anísio Teixeira antecipa-se em discutir questões que se tornam centrais para uma nova corrente filosófica nomeada de neopragmatismo ou pragmatismo linguístico, que surge a partir da década de 1960. Demonstrando, portanto, uma percepção futurista, que se soma e vai ao encontro de certas ideias de McLuhan, resgatadas na atualidade. As questões levantadas na categoria permanências, na nossa perspectiva, reforçam ideias defendidas por Dewey, endossadas por Anísio Teixeira, de que conjunturas democráticas são espaços privilegiados para lidar com mudanças sociais, principalmente, a partir da acelerada evolução tecnológica vivenciada na contemporaneidade e que vem impondo contextos novos à vida em sociedade. Portanto, em sendo a escola espaço de convivência social, o primeiro do ser humano depois da família, Anísio Teixeira continuará defendendo, próximo da finitude, que esta Instituição é um espaço real para a lapidação de democratas, assim como para a elaboração de conhecimentos que privilegiem aproximações entre as ciências e as humanidades.

Palavras Chaves: Anísio Teixeira; Espirito Científico; Histórias da Educação e das Ciências.

ABSTRACT

The title of this monographic work suggests and gives the exact dimension of the content approached and the objective. Perpasses through the life trajectory of Anísio Teixeira, but having as reference the premise of the existence of a Scientific Spirit which, besides being characterized, had its scope circumscribed to three categories that is: Influences, Splits and Permanences. This last one incorporating and signaling updates of the thinking of this exponent of Brazilian history. Therefore, has become necessary to develop more extensive studies recorded as notes, on the transformations of Western thought, as well as on the Histories of Education and Sciences in Brazil. The research of qualitative character had as primary and secondary sources, productions of Anísio Teixeira and other authors who have reported on it or who dealt with similar issues. From such sources, they have been attached in full or clipped documents that, after analyzed and commented, produced the text dissertation argumentative on screen. With regard to the results found, are evident influences of the family and of the Jesuits in the young Anísio but the main influence of his scientifically adult thinking is the American philosopher, John Dewey and its experimental scientific method, drawn from reflections and associations with Charles Darwin's theory of evolution. Method that Dr Anísio induces so that it is not only used in the educational processes as well as in the public administrations in which he holds management positions, starting from his course at "Teacher College", "Columbia University". The developments are numerous, many of these already known and studied by the academy. Thus, we try to approach them by the bias that becomes observable and perennial throughout almost all its life trajectory, that is to say: the defense of the non-dichotomy that puts opposite poles sciences and philosophy. A question that remains present in his latest productions which approach ideas spread by McLuhan, but still centered on Dewey's ideas and method. It should be noted, however, that in signaling for new reflections on how thought expresses itself through oral or written word, as well as through signs, Anísio Teixeira anticipates discussing issues that become central to a new philosophical current called neopragmatism or pragmatism language, which emerged from the 1960s decade. Demonstrating, therefore, a futuristic perception, that adds up and goes to meet certain ideas of McLuhan, rescued in the actuality. The issues raised in the permanence category, in our perspective, reinforce ideas defended by Dewey, endorsed by Anísio Teixeira, that democratic conjunctures are privileged spaces to deal with social changes, mainly, from the accelerated technological evolution experienced in the contemporaneity and that has imposed new contexts to the life in society. Therefore, since the school is a place of social coexistence, the first of the human being after the family, Anísio Teixeira will continue to defend, close to finitude, that this institution is a real space for the stoning of democrats, as well as for the elaboration of knowledge that privileges between the sciences and the humanities.

Key Words: Anísio Teixeira; Scientific Spirit; Education and Science Stories.

RESUMEN

El título del presente trabajo monográfico sugiere y da la exacta dimensión del contenido abordado y el objetivo. En el siglo XVIII, en el siglo XVIII, en el siglo XVIII, en el siglo XVIII, en el siglo XVIII, Esta última incorporando y señalando actualizaciones del pensamiento de este exponente de la historia brasileña. Para ello, se hizo necesario el desarrollo de estudios más amplios registrados como apuntes, sobre las transformaciones del pensamiento occidental, así como sobre las Historias de la Educación y las Ciencias en Brasil. La investigación de cuño cualitativo tuvo como fuentes primarias y secundarias, producciones de Anísio Teixeira y de otros autores que se reportaron al mismo o que trataron de temas afines. De esas fuentes, fueron anexados en su totalidad o recortes de documentos que, después de analizados y comentados, produjeron el texto disertivo argumental en pantalla. En lo que se refiere a los resultados encontrados, quedan evidentes influencias de la familia y los jesuitas en el Anísio joven, pero la principal influencia de su pensamiento científicamente adulto es el filósofo americano, John Dewey y su método científico experimental, elaborado a partir de reflexiones y asociaciones con la teoría de la evolución de Charles Darwin. El método que el Dr. Anísio induce para que no sólo sea utilizado en los procesos educativos, como, también, en las gestiones públicas en que asume cargos directivos, a partir del curso que realiza en el "Teacher College", de la "Columbia University". Los desdoblamientos son numerosos, muchos de los ya conocidos y estudiados por la academia. Siendo así, procuramos abordarlos por el sesgo que se hace observable y perenne a lo largo de casi toda su trayectoria de vida, o sea: la defensa de la no dicotomía que pone en polos opuestos ciencias y filosofía. Cuestión que permanece presente en sus últimas producciones, que abordan ideas difundidas por McLuhan, pero aún centrada en las ideas y método de Dewey. Cabe destacar, sin embargo, que al señalar para nuevas reflexiones sobre cómo el pensamiento se expresa por la palabra oral o escrita, así como por los signos, Anísio Teixeira se anticipa en discutir cuestiones que se vuelven centrales para una nueva corriente filosófica nombrada de neopragmatismo o pragmatismo lingüístico, que surge a partir de la década de 1960. Demostrando, por lo tanto, una percepción futurista, que se suma y va al encuentro de ciertas ideas de McLuhan, rescatadas en la actualidad. Las cuestiones planteadas en la categoría permanencias, en nuestra perspectiva, refuerzan ideas defendidas por Dewey, endosadas por Anísio Teixeira, de que coyunturas democráticas son espacios privilegiados para lidiar con cambios sociales, principalmente, a partir de la acelerada evolución tecnológica vivenciada en la contemporaneidad y que viene imponiendo nuevos contextos a la vida en sociedad. Por lo tanto, en la escuela espacio de convivencia social, el primero del ser humano después de la familia, Anísio Teixeira seguirá defendiendo, cerca de la finitud, que esta Institución es un espacio real para la lapidación de demócratas, así como para la elaboración de conocimientos que privilegien acercamientos entre las ciencias y las humanidades.

Palabras Claves: Anísio Teixeira; Espirito Científico; Historias de la Educación y de las Ciencias.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Periódicos editados na tipografia do jornal *A Penna*

QUADRO 2: Cursos oferecidos no 1ºano e respectivas carga horaria do Instituto São Luiz Gonzaga.

QUADRO 3: Publicações do Pe Torrend em periódicos Brotéria no período de 1902 a 1958.

QUADRO 4: Publicações do Pe Carlos Zimmermann em periódicos Brotéria no período de 1902 a 1919.

QUADRO 5: Títulos de obras dos autores citados por Talhes de Azevedo que integravam a biblioteca pessoal do Pe Torrend.

QUADRO 6: Quantitativo de escola

QUADRO 7: Resumo de cartas enviadas por Omer Buyse a Anísio Teixeira.

QUADRO 8: Escolas do Rio de Janeiro – gestão Anísio Teixeira

QUADRO 9: Dirigentes da Universidade do Distrito Federal, no ano de 1935.

QUADRO 10: Professores da Escola de Educação da UDF, no ano de 1935.

QUADRO 11: Professores da Escola de Economia e Direito da UDF, no ano de 1935.

QUADRO 12: Professores da *Escola de Filosofia e Letras* da UDF, no ano de 1935.

QUADRO 13: Professores do Instituto de Artes da UDF, no ano de 1935.

QUADRO 14: Professores do Instituto de Ciências da UDF, no ano de 1935.

QUADRO: 15: Título, autores e previsões contidas nos conteúdos de alguns livros de ficção do período 1870-1968.

QUADRO: 16: Resumo de assuntos tratados em correspondências trocadas entre Anísio Teixeira e membros da UNESCO, logo após sua saída da Instituição em 1947.

QUADRO 17: Incremento na produção de vacinas durante gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação e Saúde da Bahia no período de 1947-1951.

Quadro 18: Professores contratados para elaboração dos *guias de ensino*.

QUADRO 19: Informações contidas no Anteprojeto das instalações do CEB 1 para o 1ºCiclo.

QUADRO 20: Informações contidas no Anteprojeto das instalações do CEB 1 para o 2ºCiclo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Mapa de Vila Nova do Príncipe e Santana de Cayteté – 1810. (Representa o território que abarcava praticamente toda a Serra Geral e ainda o Sudoeste da Bahia).

FIGURA 02: Mapa Estado de Bahia (Destaque da Região da Chapada de Diamantina e Serra Geral).

FIGURA 03: Casa da Câmara e Cadeia

FIGURA 04: Base do Pelourinho

FIGURA 05: Atual Praça Rodrigues Lima, chamada popularmente de *Feira Velha* – o Largo do Alegre,

FIGURA 06: Vista da cidade de Caetité no início do século XX

FIGURA 07: Mapa da Região da Serra do Espinhaço

FIGURA 08: Cédulas produzidas por empresários alemães com circulação restrita a Brejinho Das Ametistas e vilarejo do entorno, entre 1918 e 1933.

FIGURA 09: Família de Anísio Teixeira: os pais Deocleciano e Anna Teixeira com Anísio e irmãos.

FIGURA 10: Casarão dos pais de Anísio Teixeira antes de tornar-se Centro Cultural em Caetité.

FIGURA 11: Capa do discurso pronunciado pelo deputado Aristides Spinola em 1883.

FIGURA 12: Capa do Manual Escolas Elementares D'Ensino Mútuo.

Figura 13: Revista A Escola (1880): Capa.

FIGURA 14: Revista A Escola (1888): Artigo sobre Ciências.

FIGURA 15: Revista do Ensino Primário (1895): Capítulo único da LEI nº117 trata da organização do Ensino do Estado da Bahia.

FIGURA 16: Revista do Ensino Primário (1895): Capítulo III da LEI nº117 que trata do Ensino Profissional – Instituto Normal.

FIGURA 17: Primeira sede CAV (alugada) na Rua do Sodré, nº43

FIGURA 18: Sede atual do CAV Garcia, inaugurada em 1933.

FIGURA 19: Vista frontal da sede do CAV da rua Coqueiro da Piedade

FIGURA 20: Vista lateral da sede do CAV da Piedade.

FIGURA 21: Horta do CAV

FIGURA 22: Quarto do Internato do CAV

FIGURA 23: Gabinete dentário do CAV

FIGURA 24: Sala de aula do CAV

FIGURA 25: Laboratório de Química do CAV

FIGURA 26: Laboratório de Ciências Naturais do CAV

FIGURA 27: Pe Torrend em estudos Botânicos no São Francisco.

FIGURA 28: Exposição ciências Naturais, período provável 1920-1930.

FIGURA 29: Coleção de plantas do Pe Torrend: Carambola.

FIGURA 30: Coleção de plantas do Pe Torrend: Pitanga.

FIGURA 31: Coleção de plantas do Pe Torrend: Ingá.

FIGURA 32: Padre Camilo Torrend, durante uma de suas expedições de estudo.

FIGURA 33: Escola Agrícola da Bahia, Bairro Monte Serrat, Salvador-BA

FIGURA 34: Capa de exemplar da Flora Brasiliense

FIGURA 35: Carlos Zimmermann S.J. (1871-1950) ao centro

FIGURA 36: Lâminas da coleção do Pe Carlos Zimmermann.

FIGURA 37: Foto do Pe Cabral, professor do CAV, no período, também, diretor do Centro Mariano Acadêmico e do Centro do Circulo de Estudos Mariano Acadêmico.

FIGURA 38: Contracapa do volume II da coleção Inéditos e Dispersos de autoria do Pe Cabral

FIGURA 39: Foto Faculdade Livre de Direito da Bahia

FIGURA 40: Foto Faculdade Nacional de Direito

FIGURA 41: Exposição Universal de 1922: Documento produzido pelo órgão da comissão organizadora do evento, Rio de Janeiro, 1922 a 1923.

FIGURA 42: Salão da Congregação Mariana, no CAV da rua Coqueiro da Piedade.

FIGURA 43: Capa do volumes 1 da publicação *Archivo Mariano Academico*, publicada em 1925.

FIGURA 44: Parte II do índice do vol. 1 da publicação *Archivo Mariano Academico*, publicado em 1924.

FIGURA 45: Capa da dissertação do jovem Anísio apresentada ao CCEMA.

FIGURA 46: Capa da tradução de parte livro de Omer Buyse, traduzida, editada e distribuída para professores de escolas primarias baianas no ano de 1927.

FIGURA 47: Vista global da Escola “Brady”, sistema “Platoon” visitada por Anísio Teixeira, em Detroit – EUA, em 1928.

FIGURA 48: Teachers College Main Building. (1894).

FIGURA 49: Laboratório de Química, denominado de Grace Dodge Hall, ano de 1910.

FIGURA 50: Foto do professor Ellwood Patterson Cubberley no seu gabinete na Universidade de Stanford.

FIGURA 51: Diagrama elaborado por Anísio Teixeira, de experiência em curso sobre cursos diferenciados, realizada em escola no Rio de Janeiro, durante sua gestão, e apresentado na

página 51 e 52, do artigo de sua autoria, titulado de *A Educação Elementar no Districto Federal*.

FIGURA 52: Diagrama de experiência realizada no âmbito do Plano Baltimore, cursos diferenciados, constante na página 525 do livro, de autoria de Cubberly, titulado “Public Education in the United States”.

FIGURA 53: Vista frontal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro em 1932

FIGURA 54: Laboratório de Ciências do Instituto de Educação do Rio de Janeiro

FIGURA 55: Alunos do *Jardim de Infância* comemorando o Dia da Pátria

FIGURA 56: Alunos do *Jardim de Infância* cuidando da plantação.

FIGURA 57: Alunos do *Jardim de Infância* em atividade de marcenaria

FIGURA 58: Alunos do *Jardim de Infância* em atividade de higiene pessoal

FIGURA 59: Alunos do *Jardim de Infância* em atividade de recreação

FIGURA 60: Alunos do em atividade em classe

FIGURA 61: Alunos do ensino primário em atividade de leitura

FIGURA 62: Alunos ensino primário em atividade de recreação

FIGURA 63: Aula no laboratório

FIGURA 64: Aula de arte

FIGURA 65: Atividade de avaliação

FIGURA 66: Ginásio de Esportes

FIGURA 67: Área externa com quadra de vôlei.

FIGURA 68: Auditório

FIGURA 69: Capa/sumário da publicação Arquivos do Instituto de Educação.

FIGURA 70: Parte inicial do Decreto 19.458

FIGURA 71: Organograma constante na 1ª edição do livro Educação para Democracia: introdução à administração pública, de autoria de Anísio Teixeira.

FIGURA 72: Ed Carioca, onde foi instalado o IPE, em 1933.

FIGURA 73: Documento com informações sobre o IPE, datado de 1935.

FIGURA 74: Atribuições da *Seção de Programas Educacionais e Atividades Extraclasse*s.

FIGURA 75: Seção de Medidas e Eficiências Escolares

FIGURA 76: Atribuições da Seção de Antropometria

FIGURA 77: Atribuições da Seção de Ortofrenia e Higiene Pessoal

FIGURA 78: Atribuições da Seção de Paz pela Escolares

FIGURA 79: Atribuições da Seção de Recenseamento Matrícula e Frequência

FIGURA 80: Atribuições da *Seção de Estatística Escolar*.

FIGURA 81: Fotos de alunos trabalhando na sala de torno da “Emerson School”

FIGURA 82: Foto de alunos montando a estrutura do banco da “Emerson School”

FIGURA 83: Anísio Teixeira, Pedro Ernesto e outros diante da maquete de uma escola-modelo “Platoon” no Rio de Janeiro, à época Distrito Federal.

FIGURA 84: Recorte do Decreto de criação da UDF

FIGURA 85: Recorte da Instrução nº1, relativa a UDF

FIGURA 86: Recorte da Instrução nº2, relativa a UDF

FIGURA 87: Recorte da Instrução nº3, relativa a UDF

FIGURA 88: Foto tirada entre 1933 e 1935, de um grupo de intelectuais na ABE. Da esquerda para direita o 2º Anísio Teixeira e o 7º Lourenço Filho.

FIGURA 89: Foto tirada em 24 de agosto de 1959, durante evento de diplomação de alguns intelectuais, entre estes Anísio Teixeira, como conselheiros vitalício da ABE.

FIGURA 90: Antiga Fábrica de Cimento Aratu vista do mar - Porto de Tubarão.

FIGURA 91: Foto de Anísio Teixeira no dia que recebeu o convite para integrar o Conselho de Educação da UNESCO, com Afrânio Coutinho, Washington Luís, Werther de Azevedo (esq./dir.) .

FIGURA 92: Lista de Publicações de Donald Pierson, publicada no Boletim Bibliográfico de Antropologia Americana, versando predominantemente sobre pesquisas realizadas no Brasil.

FIGURA 93: Livro de ficção titulado de a *Historia do Futuro* de autoria de H.G. Wells, tradução Monteiro Lobato

FIGURA 94: Carta confidencial de Paulo Carneiro enviada a Anísio Teixeira, sondando se o mesmo não teria interesse de voltar a trabalhar no Departamento de Educação da UNESCO.

FIGURA 95: Foto do modelo de *Escola Rural* do Plano de Edificações da Bahia.

FIGURA 96: Foto da maquete do modelo *Escola Mínima* do Plano de Edificações.

FIGURA 97: Foto da maquete do *Grupo Escolar Completo* do Plano de Edificações.

FIGURA 98: Planta de Centro Regional Educacional do Plano de Edificações

FIGURA 99:Maquete dos centros(sete) educacionais previstos para serem construídos na capital

FIGURA 100: Lateral da sede do CRPE – Bahia

FIGURA 101: Entrada do CRPE-Bahia e da escola experimental

FIGURA 102 : Escola Classe no CRPE-BA. (1950-1951)

FIGURA 103: Atividade ao ar livre na Escola Classe / CRPE-BA.(1950-1951)

FIGURA 104: Atividade em sala de aula na Escola Classe / CRPE-BA.(1950-1951)

FIGURA 105: Atividade manual na Escola Experimental / CRPE-BA.(1950-1951)

FIGURA 106: Atividade em sala de aula na Escola Classe Experimental / CRPE-BA.(1950-1951)

FIGURA 107: Vista da *Escola-Parque* e entorno.

FIGURA 108: Foto do Galpão de Trabalhos Manuais, Destaque aluno no tear.

FIGURA 109: Foto do Galpão de Trabalhos Manuais. Destaque meninos trabalhando

FIGURA 110: Foto do Galpão de Trabalhos Manuais. Destaque meninas trabalhando

FIGURA 111: Frente do casarão em que funcionava o Instituto Gonçalo Muniz

FIGURA 112: Laboratório (reformado e equipado) da Fundação Gonçalo Muniz (IGM)

FIGURA 113: Secção de desenho do Instituto Gonçalo Muniz

FIGURA 114: Tipografia Instituto Gonçalo Muniz

FIGURA 115: Contracapa do 1º boletim da Campanha (CAPES) com os nomes dos representantes da Comissão.

FIGURA 116: Capa do boletim nº1 da CAPES

FIGURA 117: Capa da Boletim nº4 da CAPES, de março de 1953.

FIGURA 118: Organograma da CAPES em 1952

FIGURA 119: Bolsas e auxílios fornecidos pela CAPES no período de 1953-1955.

FIGURA 120: Exposição de Motivo para criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais(CBPE) e dos Centros Regionais de Pesquisas (CRPEs).

FIGURA 121: Organograma do INEP, com os Centros Regionais

FIGURA 122: Sede do CBPE no Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1-JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO TEMA	20
2-O PROJETO DO ESTUDO.....	32
CAPÍTULO I - ANÍSIO TEIXEIRA E AS TRANSFORMAÇÕES DO PENSAMENTO OCIDENTAL.....	54
CAPÍTULO II EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS NO BRASIL ANTES DA REPÚBLICA.....	8
7	
CAPÍTULO III O ESPIRITO CIENTIFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA: INFLUENCIAS....	109
1-BASILARES.....	109
2-COMPLEMENTARES.....	185
3-DETERMINANTES.....	255
CAPÍTULO IV DESDOBRAMENTOS DO ESPIRITO CIENTIFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA.....	286
1-NA DIREÇÃO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO.....	286
2-ENQUANTO CONSELHEIRO DA UNESCO.....	352
3-ENQUANTO GESTOR DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE DA BAHIA.....	374
4-ENQUANTO GESTOR DA CAPES, DO INEP E DA UNB.....	402
CAPÍTULO V PERMANÊNCIAS DO ESPIRITO CIENTÍFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA.....	431
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	471
REFERENCIAS.....	476

INTRODUÇÃO

Assim como há gente que tem medo do novo,
há gente que tem medo do antigo.
Eu defenderei até a morte o novo por causa do antigo
e até a vida o antigo por causa do novo.
O antigo que foi novo é tão novo como o mais novo .
[...]
Augusto de Campos²

1- Justificativa e Delimitação do Tema

Ao passarmos a dedicar tempo integral ao Centro Memória da Educação da Bahia, sob a coordenação da professora Dr^a Jaci Ferraz de Menezes, em virtude de um período de adaptação funcional, nos foi facultado participar de dois projetos em curso: Um referente a uma pesquisa que subsidiaria a elaboração de um livro sobre a história da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e outro no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad) – CAPES, no qual o Centro, liderado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em conjunto com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), estava desenvolvendo estudos sobre a temática *Relações Raciais* na Bahia, no âmbito do Projeto desenvolvido pela UNESCO e executado em parceria com o governo do Estado, no período em que Anísio Teixeira foi Secretário de Educação e Saúde do governo de Otávio Mangabeira (1947-1950).

Ao iniciarmos as atividades no Centro fomos inserida na primeira pesquisa, ou seja, a que fundamentaria a elaboração do livro sobre a Universidade. Esta posição nos oportunizou um mergulho na *História da Educação da Bahia* que inevitavelmente perpassa e/ou tangencia, em alguns períodos, a história de vida do Dr Anísio.

De forma não semelhante, mas complementar, o Projeto desenvolvido no âmbito do Procad, bem como os de outros pesquisadores do Centro, que tem como um de seus eixos estruturantes ações vinculadas a temática Anísio Teixeira, também, contribuíram para ampliar o nosso interesse em verificar a possibilidade de estudá-lo em um curso a nível de doutorado.

Entretanto a definição final não foi uma decisão fácil. Tem-se a sensação, ao debruçar-se sobre as produções dele e as produções de outros sobre ele, que tudo já foi dito, que nada mais há para acrescentar. Muitos que se aventuram por trilhar um processo investigativo sobre Dr Anísio registram esta observação primeira.

Experimenta-se até um certo ceticismo quanto a possibilidade da pesquisa desvelar novas fontes que acrescentem elementos novos aos estudos já desenvolvidos sobre Dr Anísio.

Portanto, ao escolhermos esculpir o nosso objeto de pesquisa a partir de um personagem de suma importância na história recente do Brasil, mas muito pesquisado, ou seja, Anísio Spinola Teixeira deparamos com a seguinte questão: Admitindo-se o posto como verdade, o por que da escolha? Acontece que fomos, literalmente e incondicionalmente, dragados por esse personagem - *antigo que [sempre] foi novo* e que, portanto, continua tão *novo como o mais novo* e, principalmente, por concordar com Popper (1975) quando afirma que “uma

²Campos, Augusto de. Verso, Reverso, Controverso. São Paulo, Perspectiva, 1978

explicação é algo sempre incompleto; sempre podemos suscitar um outro por quê, e esse novo por quê talvez leve a uma nova teoria, que não só explique, mas corrija a anterior” (POPPER, 1975, p. 97).

Sendo assim decidimos que a tese do doutorado versaria sobre este ilustre e conceituado conterrâneo.

Como nossa graduação é em Licenciatura em Ciências Biológicas e tomamos conhecimento de que, quase concomitantemente com a elaboração da proposta para desenvolver estudos sobre relações raciais na Bahia, a UNESCO nos anos iniciais de sua criação tentou viabilizar a execução de um projeto para a instalação de um Instituto que funcionaria na Amazônia e que foi nomeado no período de Instituto Internacional da Hileia Amazônica - IIHA, com o objetivo de desenvolver pesquisas sobre a floresta e suas populações, avaliamos que talvez pudéssemos estruturar o nosso objeto de estudo a partir de um possível envolvimento de Dr Anísio com a proposta do projeto do Instituto. Em sendo assim, decidimos realizar algumas leituras exploratórias, e nesta etapa acabamos por aprofundar nosso conhecimento sobre a proposta preliminar para criação do IIHA, elaborada por Paulo Barredo Carneiro, um bioquímico brasileiro que atuava na recém-criada UNESCO e que conhecia Anísio Teixeira, da Associação Brasileira de Educação (ABE). Portanto, muito antes de Dr Anísio se tornar conselheiro da Instituição entre os anos de 1946-1947.

Tal situação nos levou a elaborar o pré-projeto para ingresso no doutorado centrado no estudo do Projeto do IIHA, mas sempre na perspectiva de uma possível vinculação de Anísio Teixeira com a proposta do Instituto. No entanto, após o ingresso no Programa de Pós - Graduação e Contemporaneidade – PPGEduc, ligado ao mesmo departamento do Centro, novas leituras nos guiaram para um desenho de uma pesquisa mais ampla, ou seja, uma pesquisa que desvelasse o envolvimento de Dr. Anísio o campo das ciências e suas imbricações com o campo da educação, que não só englobaria discussões sobre o IIHA como, também, outras questões referentes às ciências, educação e suas histórias no Brasil.

Esta decisão foi tomada baseada no fato de que fomos identificando que a maioria dos estudos sobre Anísio Teixeira encontram-se centrados, quase que exclusivamente, na área da educação e sua história, apesar da frequência com que o substantivo ciências aparece, direta ou indiretamente, nas ideias, ações e articulações de Dr Anísio ao longo de toda sua existência, como foi ficando evidente nas leituras exploratórias iniciais.

Como consequência, começamos a elaborar o projeto que nomeia o presente documento com um escopo amplo, sabíamos disso, mas com a certeza, sempre crescente, a partir dessas constatações iniciais como doutoranda do Programa e contando com a mediação da professora-orientadora, de que deveria ter existido um *Fio de Ariadne*³ que guiava Anísio Teixeira a se reportar ao substantivo ciências, nas suas exposições orais e escritas, de forma tão constante. Esta suposição nos motivou a elaborar a seguinte questão: Qual seria o *Fio de Ariadne* do percurso de Anísio Teixeira que propiciou o desenvolvimento de um interesse sempre crescente por ciência?

Se,

³O Fio de Ariadne, assim chamado devido a lenda de Ariadne (deusa grega), que envolve Teseu, Dionísio e o Minotauro, também personagens da mitologia grega. É o termo usado para descrever a resolução de um problema que se pode proceder de diversas maneiras óbvias (como exemplo: um labirinto físico, um quebra-cabeça de lógica ou um dilema ético), através de uma aplicação exaustiva da lógica por todos os meios disponíveis.

[...] o pensamento de Anísio Teixeira não se separou de sua prática. Escritos sobre sua obra tendem, por isso mesmo, a ser quase biográficos. Ao longo de sua lide com a educação Anísio Teixeira tornou-se o maior filósofo da educação brasileira. E ninguém torna-se filósofo por autonegação. Ao contrário. É-se reconhecido filósofo. Nesse caminho despropositado que conduz ao reconhecimento público, a reflexão sobre o ideal de vida e a luta por mantê-lo, gera produção intelectual. Assim ocorreu a Anísio Teixeira (SOUZA, 2000, p.1).

Portanto, se o pensamento de Dr Anísio não se separou de sua prática, e sua produção intelectual incluí e valoriza temas relacionados às ciências, como atestam muitos documentos⁴, deveria existir desdobramentos de suas ações no campo do saber ciências e que, de forma dialógica, realimentavam suas reflexões teóricas e suas ações no campo da educação. Cabia, portanto, tentar elucidá-los, bem como tentar identificar a origem desse interesse de Dr Anísio por ciências

Neste sentido, fizemos incursões na produção intelectual de Dr Anísio partindo da ideia, já referendada em muitos trabalhos acadêmicos, da existência de uma vasta rede relacional que vai sendo construída por Dr Anísio e representantes da elite intelectual brasileira, que não só se articulava a nível nacional, para pensar e tirar o Brasil *do atraso*⁵, como estabelecia e mantinha ramificações internacionais. Uma rede formada por profissionais de formações variadas e que, na nossa percepção, deveria ter sido relevante em diferentes períodos e níveis de envolvimento, para institucionalizar setores da educação e das ciências no Brasil,

Esta ideia inicial orientou leituras que nos levaram a premissa de que Anísio Teixeira foi detentor de um *Espírito Científico*, e que este tinha características peculiares que funcionaram como um “passaporte” para o estabelecimento de um trânsito livre em diversos campos de conhecimento, como fica demonstrado no presente estudo.

Sendo assim, reformulamos o pré-projeto e ampliamos o escopo da pesquisa para cobrir a trajetória de vida de Anísio Teixeira.

Orientado por tal premissa, este trabalho monográfico é resultado de uma investigação que objetivou não só confirmar, como, também, caracterizar, localizar a gênese e identificar desdobramentos deste *Espírito*.

Para tanto, perpassamos por variados contextos das Histórias da Educação e das Ciências Brasileira, bem como por suas pontes internacionais, e visitamos algumas produções intelectuais anisiana de outros intelectuais que se reportam a ele e suas produções.

Cabe destacar que centrada no campo das ciências e da educação, a pesquisa procurou estabelecer correlações com questões postas na atualidade, como o ensino de ciências e a formação profissional, licenciado ou não, que atua na área de educação básica, de forma a registrar o quanto é atual o pensamento de Anísio Teixeira.

⁴ Artigos, cartas, discursos, entre outros.

⁵ A situação social do Brasil no início da década de XX, período em que Dr Anísio cursava Direito, no Rio de Janeiro, à época capital da República, demandava atenção, principalmente, com o término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). As aceleradas transformações técnicas da Segunda Revolução Industrial, instalou um sentimento de “atraso” na intelectualidade brasileira em relação à Europa e aos Estados Unidos. O país, ao participar do mercado global, sentia os impactos das mudanças econômicas, políticas, culturais, científicas e tecnológicas ocorridas mundialmente. Nesse contexto, apesar do clima de incerteza, setores importantes da intelectualidade defendiam enfaticamente a necessidade do país modernizar seu setor produtivo, suas instituições, sua cultura e seu sistema educacional, de forma a se adequar às novas tendências da economia. A sociedade da década de 1920 exigia algo diferente da política de “valorização do café” e do mandonismo e/ou clientelismo regional. Nessa conjuntura, ganhava ênfase a ideia de reformar a educação nacional como uma das alternativas para se encaminhar o projeto de modernização material e social do país. A educação deveria formar um novo espírito de trabalho, uma nova relação do conhecimento com as coisas práticas da vida, em que a ciência moderna deveria se fazer presente.

Ressaltamos que a formação docente e o ensino de disciplinas elencadas como sendo de cunho científico se fazem presentes em muitos documentos produzidos por Dr Anísio. E que estes temas se constituíram como pontos relevantes de estudo dentro do contínuo processo de mudança vivenciado pela humanidade como tentamos retratar nos primeiros capítulos do presente estudo.

É importante destacar que no Brasil, após a independência e por todo o século XIX,

[...] a ciência transforma-se em objeto de discurso, tanto sob o ecletismo como durante a ascensão do positivismo. Segue-se a fase de crítica ao positivismo como filosofia das ciências, processo que se completa, no que respeita às chamadas ciências naturais, durante as três primeiras décadas da presente centúria [pós independência]. Finalmente, as circunstâncias contemporâneas singularizam-se pela coexistência de uma adequada conceituação da ciência - pelas correntes filosóficas mais representativas - com a persistência do conceito oitocentista e positivista no âmbito das denominadas ciências sociais (PAIM,2007, p.152).

Antes deste período, poucos são os registros que indicam atividades em ciências no Brasil e destes, a maioria se encontram vinculados aos jesuítas, ao governo de Maurício de Nassau – entre os anos de 1637 a 1644, em Pernambuco - e a transferência da família real, no ano de 1808, para o Brasil.

A presença da corte no Brasil, contribuiu para que as ciências se transformassem em objeto de discurso, bem como para impulsionar o processo de independência do Brasil em 1822. No reboque desse processo, vem a questão do ensino de ciências impulsionada por discussões vivenciadas em academias científicas de outros países.

Para ilustrar tal questão adicionamos uma citação que faz referência a preocupação de um outro ilustre brasileiro, ou seja, José Bonifácio.⁶ Este, assim como Dr Anísio, pouco estudado por pesquisadores brasileiros pelo viés da história da ciência. Com muitas pesquisas desenvolvidas no campo das ciências em Portugal como, por exemplo, na área biológica (botânica e zoologia) e, principalmente, na área geológica (mineralogia), Dr Bonifácio já demonstrava preocupações com o ensino de ciências desde o século XIX, como pode ser comprovado em trecho de um manuscrito produzido em Portugal, em torno de 1822. No manuscrito, Dr Bonifácio sinaliza como sendo uma das causas para o impedimento do desenvolvimento das ciências em Portugal “[...] a ausência do estudo das ciências naturais no plano de educação dos jovens”. (DOLHNIKOFF apud VARELA, LOPEZ e FONSECA, 2004 p.701)

José Bonifácio de Andrada e Silva (1763/1838) formou-se pela Universidade de Coimbra em 1787, em Ciências Naturais, que era o curso então ministrado na Faculdade de Filosofia, e, no ano seguinte, em leis. Foi desde logo admitido na Academia das Ciências, fundada em fins do decênio anterior, e mandado especializar-se em outros países europeus. De volta a Portugal e até seu regresso ao Brasil (1819), ocupou-se de atividades científicas - seja no magistério seja na Academia, de que foi secretário – e administrativas, estas na repartição incumbida da mineração (PAIM,2007, p.158).

⁶Ministro do Reino e dos negócios estrangeiros de janeiro de 1822 a julho de 1823.

Há muito incluída nos currículos brasileiros, o desenvolvimento das ciências aludido por Dr Bonifácio como sendo crucial para Portugal ainda é, na atualidade, insatisfatório para um país com as dimensões do Brasil que, entre outras dificuldades, não consegue formar quadros de professores para atuarem em áreas do conhecimento relacionadas às ciências exatas e naturais. Soma-se a essa questão a falta de interesse dos jovens para se matricularem em cursos das áreas referidas. E quando o fazem, muitos acabam por abandonar o curso logo após ingresso e, em especial, em cursos de física e química, o que compromete inclusive a formação de novos profissionais para atuarem nas áreas das ciências e tecnologias.

Cabe portanto perguntar: O que pode está provocando isso? A resposta por certo não é simples e pode englobar vários fatores, dos quais alguns podem estar relacionados a forma de conceber, abordar ou omitir certas temáticas nos currículos dos diferentes níveis de ensino.

A ausência em muitos dos currículos de cursos de licenciatura, por vários anos, de disciplinas referentes às histórias das ciências e da educação e, principalmente, as da Bahia, podem se configurar em questões importantes a serem consideradas. Estas, quiça, poderão ser pontos de partida para entender dificuldades enfrentadas pelo ensino básico no Estado na atualidade.

Como o delineamento de novos caminhos para esse nível de ensino perpassa pela formação do professor e, conseqüentemente, pelos currículos dos cursos de licenciatura, refletir sobre o isolamento imposto às disciplinas que compõem os campos de conhecimento *Humanidades* e *Ciências*, ditas exatas e naturais e, principalmente, a falta de comunicação entre estas na maioria das *grades* curriculares, na nossa percepção, deveria se constituir em um alerta para novas rotas investigativas. Em sendo assim, registrar algumas transformações ocorridas em alguns currículos no período do estudo, nos pareceu ser uma contribuição relevante, ainda mais agora que o governo federal publicou, em edição extra do Diário Oficial da União de 23 de setembro de 2016, a Medida Provisória nº 746/2016 que trata da criação do *Novo Ensino Médio*, antigo secundário e já muito discutido no Brasil, inclusive por Anísio Teixeira e contemporâneos, assim como por antecessores destes como, por exemplo, Rui Barbosa.

Como referido anteriormente, antes de iniciarmos o presente estudo tivemos dúvidas se haveria algo na história de vida de Dr. Anísio, para além das produções acadêmicas existentes, que ainda não tivesse sido estudado, dito e/ou escrito. Na busca de desvelar tal questão, esclarecemos que nos debruçamos em levantar o *Estado da Arte* sobre o mesmo e pudemos constatar, o que já assinalavam as pesquisas exploratórias iniciais, que apesar do grande volume de estudos em torno da temática Anísio Teixeira, as pesquisas o abordam, quase que exclusivamente, pelo viés da história da educação.

Poucas são as publicações que fazem referência às contribuições de Dr Anísio a outros campos de saberes e, mais especificamente, ao seu pensar cientificamente. Entretanto, para satisfação nossa e indo ao encontro do que defendemos no presente estudo, localizamos em uma lista de homenageados, produzida pela Fundação de Amparo a Pesquisa de São Paulo – FAPESP, titulada de *Uma centena e meia de brasileiros que ajudaram a construir a C&T no país*, o nome de Anísio Teixeira ao lado de outros renomados cientistas brasileiros. Sentimos, entretanto, a ausência do nome de Paulo Carneiro pois este além de ter desenvolvido pesquisas importantes no Brasil e no Instituto Pasteur da França, teve uma importância preponderante, através da UNESCO, no desenvolvimento de iniciativas brasileiras não só em C&T como, também, educação e cultura em geral.

Portanto, apesar de ciências na maioria das pesquisas sobre Dr Anísio ser tratada como apêndice do objeto a ser estudado, as muitas produções teóricas e ações deste demonstram uma centralidade que indica que o seu interesse por discutir ciências perpassava pela educação e ia além, inclusive em áreas mais específicas das ciências naturais e exatas.

Uma tentativa plausível para tentar explicar, ainda que não de forma cabal, o fato do reduzido interesse de pesquisadores brasileiros por estudar Anísio Teixeira a partir de referências de outros campos do conhecimento que não seja exclusivamente relacionado ao da educação, pode ser construída a partir do recorte que define o escopo de cada pesquisa. Ao optarem por um maior aprofundamento do ponto de referência para a construção do objeto de estudo, acabam por deixar de fora correlações que muitas vezes só aparecem de forma tangencial e que demandariam, portanto, um alargamento das correlações, para que novas relações se tornassem visíveis para serem elucidadas. Portanto, fica evidente, que estes recortes acabam por não dar visibilidade a fatos que poderiam representar pontos de interseções, de discussões relevantes sobre interconexões entre as múltiplas histórias que, em última instância, se fundem e compõem uma única história: a história cultural de um povo, e no caso do nosso estudo sobre Dr Anísio, a dos brasileiros. Como consequência, a maioria das pesquisas acabam por perpetuar um delineamento que desconsidera, e/ou deixa em segundo plano, tangenciações que poderiam ser enriquecedoras para o registro e, consequentemente, compreensão das múltiplas histórias sempre em curso.

Ao realizarmos a pesquisa exploratória a partir de vários artigos e livros sobre este intelectual, que pouco conhecíamos, a não ser por vinculação com o Manifesto dos Pioneiros e a Escola Parque de Salvador, tivemos o cuidado de verificar em que os artigos sobre a história das ciências poderiam complementar e/ou elucidar sobre as incursões de Dr Anísio nas áreas que compõem o campo de conhecimento ciências. Encontramos vinculações interessantes, inclusive algumas que nos fizeram refletir sobre nossa própria trajetória e as escolhas que foram sendo feitas a partir das configurações dos contextos vividos. Trajetória de uma vida acadêmica, cujas reflexões atuais se reportam às memórias do nosso ingresso em 1978 na Universidade Federal da Bahia – UFBA, para cursar Licenciatura em Ciências Biológicas.

Nesse processo, uma das primeiras questões recortada para reflexão foi: Como pôde um curso direcionado para a formação de professores desconsiderar a relevância de iluminar a história/memória do conhecimento produzido sobre a área base no qual se encontrava estruturado?

No caso de um curso de Licenciatura em Ciências Biológica ainda mais agravante, pois demanda acesso às histórias de dois campos do conhecimento, ou sejam: Humanidades (Educação) e Ciências (Biologia e suas interfaces com química e física).

Trazemos esta questão, pois vai ao encontro de questões postas na atualidade referentes a formação de professores e ensino de ciências já destacadas anteriormente.

A questão é preocupante e adquire contornos ainda mais relevantes na atualidade em decorrência de problemas socioambientais urgentes, com rebatimento na formação do professor e no ensino de ciências, tais como: violência, distúrbios alimentares, escassez de água potável, fontes de energia não poluentes, aquecimento global, bactérias resistentes, arsenal nuclear, evasão no ensino médio, entre tantos outros.

Por isso mesmo, foco de interesse e discussões em inúmeras instituições ativas, inclusive a Associação Brasileira de Ciências – ABC, que vem demonstrando preocupações com a

formação das novas gerações ao publicar, em 2008, o seguinte documento: *O Ensino de Ciências e a Educação Básica: Propostas para Superar a Crise*.⁷

Cabe destacar que Anísio Teixeira frequentava as reuniões dessa Instituição, cuja fundação remonta ao ano de 1916, o que reforça o que fomos demonstrando ao longo da pesquisa: o interesse de Dr. Anísio pelas múltiplas ciências, bem como as incontáveis investidas para apoiá-las e colocá-las sempre na agenda, quando esteve na direção de setores da esfera pública, antecipando-se, portanto, em sinalizar o que muitos estudiosos da atualidade já admitem como sendo primordial, ou seja: A educação ter como foco, o desenvolvimento pleno⁸ do ser humano. E, para tanto, o conhecimento de cunho científico não pode ser desconsiderado, pois, entre outras relevâncias, facilita o acesso e apoio crítico às políticas públicas, além da compreensão dos processos que fundamentam quase toda a arquitetura da tecnologia disponível na contemporaneidade.

Por acreditar nisso, como atestam muitas de suas ações, Dr. Anísio buscou refletir de forma mais espalhada sobre todos os campos do conhecimento. Para Dr. Anísio,

[...]a única finalidade da vida é mais vida. Se me perguntarem o que é essa vida, eu lhes direi que é mais liberdade e mais felicidade. São vagos os termos. Mas nem por isso eles deixam de ter sentido para cada um de nós. À medida que formos mais livres, que abrangermos em nosso coração e em nossa inteligência mais coisas, que ganharmos critérios mais finos de compreensão, nessa medida nos sentiremos maiores e mais felizes. A finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida. No fundo de todo este estudo paira a convicção de que a vida é boa e que pode ser tornada melhor. É essa a filosofia que nos ensina o momento que vivemos. Educação é o processo de assegurar a continuidade do lado bom da vida e de enriquecê-lo, alargá-lo e ampliá-lo cada vez mais (TEIXEIRA, 1930,p.30).

Cabe ressaltar que mesmo para aqueles que restrinjam o sentido de liberdade da citação aos princípios liberais, é inegável que a “finalidade da educação se confunde com a própria vida”, pois estamos sempre em processos de mudança e, portanto, sendo submetidos a situações que impõem novas aprendizagens. Pode-se, no entanto, inferir das palavras de Anísio Teixeiras, uma defesa pelo *Estado Democrático de Direito* quando introduz na citação o termo, *liberdade*, ou seja: liberdade para escolher, liberdade para participar, entre outros verbos que dão ação ao substantivo liberdade nos regimes democráticos. Pode-se, também, inferir um sentido de *qualidade de vida*⁹, quando introduz *mais vida e mais felicidade e, educação continuada* quando introduz “Educação é o processo de assegurar a continuidade do lado bom da vida e de enriquecê-lo, alargá-lo e ampliá-lo cada vez mais” (TEIXEIRA, 1930, p.30).

Paschoal Leme, tendo participado das gestões de Fernando de Azevedo (1927-1930) e de Anísio Teixeira (1931-1935) no antigo Distrito Federal, então capital da República, e cuja ideologia está sintetizada no histórico *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* de 1932, resultante de uma corrente de pensamento reformista ou, especificamente, liberal democrática,

⁷O documento apresenta uma proposta detalhada de ações visando a correção do quadro atual da educação básica, dado o seu caráter altamente prioritário e a necessidade de que as mudanças resultem de uma política de Estado.

⁸Tomado no presente estudo como sendo o desenvolvimento de suas faculdades físicas, mentais e intelectuais.

⁹Os conceitos e concepções referentes à qualidade de vida são bastante diversos. Por exemplo, no Dicionário Oxford de Filosofia (Rio de Janeiro: Zahar, 1997) a consulta ao vocábulo remete diretamente à outro vocábulo, Felicidade. É uma visão bastante específica do tema, apesar de fugir dos aspectos mais práticos do problema (TRIGO, In ALMEIDA, GUTIERREZ e MARQUES, 2012, s/p).

em matéria de educação iniciada na década de 20, em depoimento em 1987 para a tese de doutorado da professora Zaia Brandão - ex-professora da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, afirma que em dado momento assumiu um caminho próprio e que o distinguia ou o separava de tal pensamento e justifica dizendo:

Lá pelos idos de 1933 ou 1934, recordava perfeitamente, entrando em contato com as correntes de pensamento marxista, comecei a compreender que numa sociedade dividida em classes de interesses opostos e em situação econômica nitidamente diferente não era suficiente que se pregasse uma educação gratuita, obrigatória, leiga, sem qualquer discriminação de qualquer espécie, para que todas as crianças, adolescentes e adultos, nas idades próprias, pudessem chegar às respectivas escolas e nelas permanecerem pelo tempo suficiente para tirar do ensino o melhor proveito em igualdade de condições. As desigualdades de situações econômicas, ou seja, as diferenças de classe, impediam que a educação se processasse dentro do princípio básico do gozo desse direito, a igualdade de oportunidades para todos. E, além disso, a escola não era o veículo promotor das transformações sociais que viessem a proporcionar essa igualdade de oportunidades. Ou, dito de outra forma: somente numa sociedade democrática seria possível organizar uma educação verdadeiramente democrática. E isso não seria obtido pela ação da escola, mas pela atividade política, porque a escola é sempre muito mais uma mantenedora e defensora da ideologia das classes dominantes, da ordem vigente, do que uma promotora das transformações sociais. As transformações sociais profundas não passam pela instituição escolar... Pensar que se pode fazer "revolução" por meio da educação escolar é, no mínimo, uma ingenuidade... Na medida em que se processam as transformações sociais, a educação se modifica e passa a ser um fator de consolidação da nova ordem[...]. (LEME, 2004,p.26).

E Leme (2004), complementa:

Entretanto, a aquisição de conhecimentos é um fator importante para se compreender o que se está passando na sociedade. Quem domina a leitura, digamos, tanto pode ler a Bíblia como O Capital... Assim, leitura, escrita, línguas estrangeiras, matemáticas, ciências físicas e naturais e outros conhecimentos são instrumentos fundamentais que devem ser adquiridos e podem ser utilizados em várias direções: um computador tanto serve, com vantagem, a um regime capitalista quanto a um regime socialista...Por isso mesmo, um professor cômico de seus deveres profissionais, em qualquer circunstância, tem que cumprir sua tarefa de ensinar, e, se chegar à compreensão de que não pode fazer o melhor porque sua situação social e a de seus alunos não o permitem, o caminho é lutar para que a ordem existente se modifique, isto é, participar das lutas políticas. Assim, abriu-se, para mim, a terceira linha de minhas atividades ao lado da família e da profissão: a atividade política, aliás, sempre exercida através da atividade profissional. A educação passou a ser para mim, antes de tudo, um meio de comprovação da tese de que só poderá haver democracia na educação quando houver democracia na sociedade... Tudo isso, porém, foi caindo no domínio do óbvio.(LEMME, 2004, p.26).

Concordando com a justificativa do professor Paschoal Lemme acrescento que isso passou a ser óbvio, também, para Anísio Teixeira, pois apesar de se manter apartidário até 1934, com a promulgação da constituição e o acirramento das críticas que lhe eram dirigidas por causa da reforma em curso no Rio de Janeiro, este participa de articulação, em conjunto com Hermes Lima, para transformar o Partido Autonomista do Distrito Federal no Partido Revolucionário, ainda sob a liderança de Pedro Ernesto, cujo o programa faria frente ao que, à direita e à

esquerda profetizavam, ou seja, o fim da democracia e do individualismo (CUNHA, 1999). "[...] a crise moderna de democracia não é uma crise de excesso de democracia, mas de falta de democracia. A crise de individualismo não é uma crise de excesso de individualismo, mas de falta de verdadeiro individualismo." (TEIXEIRA apud CUNHA, 1999, p.6)

Contrariando a afirmação acima que reforça, incontestavelmente uma fala de princípios liberais democráticos, Dr Anísio foi apontado como de orientação comunista, por adiar a regulamentação do ensino religioso nas escolas públicas, conforme orientava a constituição de 1934. (CUNHA, 1999)

Comunista Dr Anísio com certeza nunca foi. Amigo de comunista como por exemplo Jorge Amado, sim. Talvez aí resida a dificuldade que muitos estudiosos sentem de enquadrá-lo, literalmente, em uma corrente de pensamento político.

O professor Florestan Fernandes, um outro marxista convicto como o professor Paschal Lemme, fez a seguinte observação sobre Anísio Teixeira: “o educador prevalecia em todas as suas ações e chega a ser inacreditável que as mãos da ditadura militar tenham se erguido contra esse homem ao qual nós todos devemos [...]”. (FERNANDES, 2002, p. 51)

Nos parece, portanto, concluindo a análise da questão posta na citação do professor Paschoal Lemme, que a posição assumida por Dr Anísio foi recuar e voltar fortalecido para assumir novas posições, já que a articulação de um partido político não vingou. Isto porque, como afirmou Fernandes (2002), o educador prevalecia.

Portanto fica evidente que para Dr Anísio, da mesma forma como para Paschoal Lemme, conhecimento é um fator importante para se compreender o que está acontecendo na sociedade. Em sendo assim, leituras e escritas significativas, que envolvam conhecimentos sobre humanidades e ciências, são fundamentais e podem ser fortes aliadas para fortalecer os membros de cada comunidade, inclusive, para a participação política.

Complementando lembramos que para o educador Anísio Teixeira as escolas públicas, em todos os níveis e modalidades possíveis, e as universidades são os espaços, principalmente para as pessoas menos favorecidas, de apropriação de conhecimentos, de valores e de vivências que podem resultar em desdobramentos responsáveis na vida em sociedade, ou seja, são propulsores de concepções democráticas de convivências mais pacíficas e frutíferas.

E foi por acreditar nisso que seu foco inicial se localizou na ampliação de acesso a educação e, posteriormente, na melhoria da qualidade do que seria acessado nas instituições criadas para este fim.

Cabe entretanto ressaltar que ao colocar o foco nestas instituições, Anísio Teixeira não assumiu uma posição de negação de outros espaços e frentes de luta que combatessem desigualdades sociais. Chegou até a viabilizar pesquisas nesse sentido, como por exemplo a desenvolvida na Bahia com a participação do professor da “Columbia University”, Charles Wagley.

Através da pesquisa que desenvolvemos, chegamos ao entendimento de que Dr Anísio se colocou na condição de aprendiz diante da vida, inclusive nas relações interpessoais. Portanto, muito menos ingênuo ou romântico, e sim fundamentando em estudos considerados de ponta à época, Anísio Teixeira se impôs o desafio de navegar em vários campos do saber.

Tinha como objetivo alargar a sua cultura, fortalecer conexões que, posteriormente, pudessem fundamentar as suas ações, principalmente as que se vinculassem direta e/ou indiretamente com a educação da população brasileira. Nesse processo buscou sempre ocupar espaços que lhes foram facultados por conjunturas diversas e somar com todos aqueles que independente da orientação política viessem agregar esforços para ampliar e qualificar a educação pública que, no seu entendimento, deveria preparar para a vida.

Vida que, portanto, demandaria, não só uma preparação para o labor pessoal e profissional, como, também, para convivências sociais-democráticas.

A educação em uma perspectiva democrática passa, portanto, ser a bandeira de luta de Anísio Teixeira a partir do espraio dos seus conhecimentos para além da formação jesuita. Por ela desistiu de combater nas trincheiras do catolicismo e buscou somar, quando possível, radicais e conservadores em alguns projetos, como o da Universidade do Distrito Federal – UDF, mas sempre a partir de conhecimentos técnico-científicos e humanistas que contribuíssem para com os processos formativos dos que nela ingressassem.

Entretanto, com tais marcos e sempre aberto para inovações e atento para as perspectivas de mudanças, como as propagadas por McLuhan no seu livro *A Galaxia de Gutenberg*, cujo o prefácio lhe coube autoria e reforça o que dissemos até aqui, foi encontrado sem vida, aos 71 anos, num poço de elevador. Cena arquitetada por quem, muito possivelmente, sabia mensurar o poder revolucionário de conhecimentos bem apreendidos em processos de formação de qualidade desde tenra idade.

A formação integral dos educandos visada por Dr Anísio objetivava, não só ser significativa para o desenvolvimento pessoal dos mesmos, como, também, o aprimoramento das relações que são estabelecidas com a comunidade em que estes encontravam-se inseridos. Daí, quiça, o seu interesse por questões e discussões sobre antropologia, sociologia, psicologia, entre outras, além de, é claro: ciências naturais e exatas.

Em sendo assim, no nosso entender, o fio de Ariadne de todo esse processo foi o seu *Espírito Científico* e a origem encontra-se vinculada às suas vivências na infância no sertão, a partir de sua cidade natal Caetité e nesta cidade, com familiares, amigos e a vida do povo sertanejo. Assim como, de forma mais sistemática, aos espaços das primeiras letras, aos colégios jesuítas que frequentou na educação básica, bem como aos cursos que realizou como complemento desta.

A partir deste núcleo inicial restrito, e muito bem formatado e complementado por estudos mais avançados, seu *Espírito Científico* passa a desenvolver um movimento que vai se ampliando, na medida que incorpora vivências do mundo do trabalho, até tomar contornos, na nossa percepção, de uma ampla espiral.

Tomaremos as citações que se seguem, referentes ao universo da dança, para justificar tal percepção. Cabe, entretanto desde já destacar uma observação primeira, ou seja: a relação que o autor do artigo da citação estabelece entre movimento e vida.

Dançar não significa reproduzir formas. A forma é fria, estática, repetitiva. É aventurar-se na grande viagem do movimento que é a vida; lançar-se na espiral dinâmica que nos tira do círculo neurótico da repetição e da não-possibilidade de experiências primeiras. A forma pode ser comparada com a morte; o movimento,

com a vida. Nosso corpo precisa de códigos para que possa se exprimir. Novos códigos nascidos, não da forma, e sim do movimento, devem surgir dentro de um processo de reclassificação interior de valores autênticos. Num passo subsequente, esses códigos irão comunicar-se com o mundo exterior (VIANNA¹⁰,1984, p.24).

E Vianna complementa:

As figuras desenhadas pelo movimento circular são as mais relaxantes para o corpo humano. Mas esse movimento pode ser perigoso quando usado de maneira indevida e repetitiva. Sem uma capacidade madura de observação física, emocional e intelectual do que se está fazendo, perde-se o sentido criativo da repetição e do amadurecimento dessa linha curva. Ela deverá, sempre, redundar numa espiral, ou seja, numa curva aberta. Se a pessoa entende a curva como sendo uma linha fechada [círculo], ela roda, roda, e não sai do mesmo lugar. É preciso distinguir bem, portanto, entre a linha curva que uso em meu trabalho e o círculo fechado, que é o oposto dele. Este raciocínio é perfeitamente válido para todas as situações da vida; portanto, também pode ser válido para o trabalho da dança [VIANNA,1984, p.24].

A vida de Dr Anísio foi um aventurar-se; foi um lançar-se na *espiral dinâmica*, mas com uma capacidade madura de observação e reflexão sobre o que se determinava a fazer como atestam as muitas biografias escritas sobre ele. Sobre esta trajetória defendemos que o *Espírito Científico* de Dr Anísio foi o responsável pela curva espiral descrita e *Fio de Ariadne da mesma*. E foi exatamente isso que procuramos demonstrar ao adicionarmos os recortes ou documentos na íntegra, como, também, através das considerações e discussões estabelecidas.

Um *Espírito* que não estava só aberto para estabelecer interlocuções com atores que se interessavam por discutir e fazer ciência, nos mais variados campos dos saberes como, também, por orientar suas ações no campo da educação, ao procurar alicerçá-las por conhecimentos científicos. Acreditava Dr Anísio que este seria o caminho que possibilitaria a reorganização da sociedade em alicerces democráticos. Para que isso ocorresse, no que se refere ao setor educacional, Dr Anísio supunha necessário aplicar o conhecimento científico em três níveis da atividade educativa a saber:

Um primeiro nível seria o da organização e gestão dos serviços escolares. Para Anísio Teixeira, era preciso racionalizar a administração pública da educação, sendo necessário trazer o conhecimento científico para gestão dos serviços educativos. Em segundo lugar, era preciso também reorganizar a escola com base nesse princípio, começando pela formação dos professores. Também na formação dos professores era preciso introduzir o espírito científico, percebido como sinônimo de espírito experimentalista, de espírito de investigação e de pesquisa. Por fim, era preciso ainda trazer o conhecimento científico para o interior mesmo da escola, e fazer com que cada escola se constituísse num espaço de experimentação pedagógica (FILHO e SANTOS,2006, p.5127).

De forma panorâmica, foram as questões levantadas e percorridas nestas colocações iniciais que nos motivaram a mergulhar em um estudo mais profundo sobre o *Espírito Científico* de Anísio Teixeira. Portanto, cabe reforçar que na nossa perspectiva este *Espírito* manifestou-se precocemente e desenvolveu um movimento de curva aberta e que definiu o percurso da sua existência resultando, inclusive, em desdobramentos que contribuíram para estruturação de vários campos de saberes no Brasil.

¹⁰Professor de dança e ex-diretor do Teatro Municipal de São Paulo.

Em seguida e fundamentado no exposto, apresentamos um esboço comentado do roteiro do projeto que materializa-se com o que é apresentado e discutido nos capítulos do presente trabalho monográfico.

2- O Projeto Do Estudo

Adotamos como fio condutor na elaboração do projeto o *Espírito Científico* de Anísio Teixeira que, como já mencionado, consideramos ser o *Fio de Ariadne* de suas reflexões e ações. Em sendo assim, elaboramos a introdução ao tempo que justificamos o Projeto, a partir de alguns pontos centrais, entre outros complementares, que apresentamos e discutimos a seguir. Para tanto esclarecemos que já nas leituras introdutórias percebemos que a origem de tal *Espírito* poderia remontar aos tempos de sua formação basilar, ou seja: Caetité – sertão, família e colégios jesuítas. E que este *Espírito*, muito possivelmente, foi se encorpando e enriquecendo com novas reflexões e ações, que acabam pôr o qualificar, não só para ser estudado pelo viés da História da Educação como, também, por histórias de outros campos de saberes.

A resistência do fio, plagiando a *Metáfora da Corda de Sisal*¹¹, no nosso entender, advém da forma como este foi sendo trançado, a partir de elementos das vivências familiares e sociais em Caetité - Alto Sertão do Interior da Bahia -, e reforçado, não só pelas novas vivências nos colégios jesuítas que frequentou, como também por leituras, viagens, intercâmbios, participação em associações, entre outras e, principalmente, através das experiências em gestões públicas e privada.

Além do listado, acreditávamos que o desenvolvimento do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira poderia ter sido favorecido pelo desenho em que sua rede relacional foi, gradativamente, se configurando. Isso porque tal rede foi se ramificando e permitindo-lhe acesso a um amplo espectro de novas conexões, inclusive internacionais, que favoreceu o contato e desenvolvimento de novas ideias que possibilitaram novas teorizações e experimentações.

A fase embrionária dessa rede, no nosso entender, vinculava-se, muito possivelmente, às relações estabelecidas em território baiano, seja no âmbito familiar e fraternal ou político, mas que se desdobraram para além desses limites.

Tais conjecturas contribuíram para que, desde as leituras exploratórias, aumentássemos a convicção de que o *Espírito Científico* de Dr Anísio ia de encontro a uma percepção que vinha se estabelecendo, no campo das ideias, ao longo do processo civilizatório, ainda vigente na atualidade, e muito forte no início do século XX por influência do positivismo, de que Ciências e Humanidades são como água e óleo, ou seja, não se misturam. No caso em tela, não dialogam. Agem em campos diametralmente opostos, e é Teixeira (1955.) quem vai dirimir qualquer resquício de dúvida sobre a sua posição a respeito disto, como pode ser constatado a seguir:

Não irei, mais uma vez, caracterizar a nossa civilização, a civilização dos nossos dias. Basta lembrar que a chamam de "material", "científica" e "técnica", em oposição explícita ou subentendida a "espiritual", "moral" e "humana". Acentuamos

¹¹ Imagem utilizada para simbolizar a história da microfísica contemporânea, cuja firmeza advém não da grossura nem do tamanho dos fios, mas da forma como estes se interpõem e se entrelaçam.

que o homem está progredindo *materialmente* e se deteriorando *espiritualmente*, acrescentando muitos que isto se vem dando pelo abandono alarmante dos valores morais e humanos. Tais valores "espirituais" seriam os desenvolvidos pela literatura, enquanto os valores "materiais" à ciência se filiariam. Daí a revolta contra a ciência e a exaltação dos estudos lingüísticos e literários, como os verdadeiros estudos humanísticos. A ciência "materializou" a vida humana. Salvar-nos-emos voltando aos estudos exclusivamente literários que marcaram as culturas pré-científicas [...]. [TEIXEIRA, A., 1955, p.30]

E Dr. Anísio complementa destacando que:

Por mais espantoso que pareça, não é outra a atitude de certas correntes, cada vez mais pressionantes nos dias de nossa ainda adolescente civilização industrial. Os novos "humanistas" não pretendem humanizar a ciência, responsável pela civilização tecnológica e industrial, em que vamos ingressando, mas humanizar o homem des-humanizado pela ciência, por meio de doses intensivas de estudos lingüísticos e literários que, só eles, teriam o dom de re-humanizá-lo. Não apresentam tal sugestão como algo de original e novo – que poderia sê-lo, na verdade – e sim, como lição a tomar e repetir de épocas passadas, em que os únicos estudos então susceptíveis de coordenação e sistematização teriam criado as civilizações "espirituais", de que se recordam com inexaurível nostalgia. (TEIXEIRA, A., 1955, p.30)

Estas observações de Anísio Teixeira reforçaram nossa convicção, de que é aí que reside a essência do que identificamos e caracterizamos como sendo o *Espírito Científico* de Dr Anísio, ou seja: um espírito aberto para um tipo de pensamento que na atualidade busca uma reaproximação e intensificação do dialogo entre os campos dos saberes Humanidades e Ciências. Um *Espírito Científico* que vai desenvolvendo um movimento curvo aberto de uma espiral. Um movimento que impulsiona Dr Anísio ao longo da sua vida a se interessar por várias áreas do conhecimento e, entre essas, as que compõem o campo do saber das ciências. Um movimento cuja a escolarização inicial quase o torna um jesuíta e sua formação universitária, ou seja, a advocacia, um enclausurado das disciplinas que compõem a área das humanidades. Entretanto, nada disso se concretizou. A curva do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira não se fechou em círculo, pelo contrário sempre se manteve aberta e isto favoreceu o estabelecimento de novas conexões e acesso a outros espaços para novas aprendizagens.

Cabe destacar que *Espírito*¹², no presente estudo deve ser entendido como um conjunto de faculdades intelectuais. Tais faculdades, no que se refere ao Dr Anísio, lhes permitiram reflexões de amplo espectro. Estas iam, por exemplo, de questões específicas que envolviam realidades localizadas, como as vinculadas às pequenas cidades sertanejas como Caetité, sua cidade natal e entorno rural, até outras questões mais amplas que envolvessem situações vivenciadas em cosmópolis brasileiras ou de outros países.

Percebemos a partir da pesquisa exploratória que Dr Anísio era detentor de uma cultura espalhada, mas não cristalizada, enciclopédica. Cultura atenta às dinâmicas dos movimentos e portanto sujeita às temporalidades. Percebemos, também, que tal *Espírito* mantinha certas referências do ambiente familiar e dos espaços frequentados em que predominavam a influência dos jesuítas. Esta última no “sentido stricto”, por parte de algumas pessoas: professores, colegas e por parte de condições materiais, livros, laboratório de ciências, rituais

¹² Segundo um dos significados de "espírito", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/espírito> [consultado em 27-09-2016].

religiosos entre outras, e “*lato sensu*”, através de reflexões filosóficas, como, por exemplo, sobre razão e fé, como exemplifica e comprova o trecho que se segue, retirado do discurso que Anísio Teixeira fez na “*Festa dos antigos alunos*”, realizada, em 1924, pelo Colégio Antônio Vieira – CAV, como pode ser constatado a seguir:

[...] Passado certo furôr de atheismo sectário, que dominou por espaço de meio século a vida intelectual do mundo, a inteligência voltou á tolerância razoável de quem não pode concluir definitivamente. Hoje, pode se dizer que existem dous modos de ser da inteligência perante o incognoscível. Ou a adesão plena aos dogmas da fé, ou a adesão condicional aos dogmas da ciência... E nessa condicional está o respeito que merecem, hoje, as verdades da fé e a incerteza que há de sempre pairar sobre aquelles dogmas da sciencia... [...] (TEIXEIRA, A., 1924, p.1).

No trecho acima percebe-se, ainda, uma forte influência da ordem religiosa sobre Dr Anísio quando este estabelece um contraponto entre religião e ciência. O convívio com os jesuítas dos colégios em que estudou o atual ensino básico, quase o torna um deles, mas percebe-se, também, que as ciências já faziam parte da sua formação e, conseqüentemente, reflexões.

Segundo Dewey, "A meta da vida não é a perfeição, mas o eterno processo de aperfeiçoamento, amadurecimento, refinamento". (DEWEY, 1979, p. 22) Esta meta, no caso um objetivo já que não pode ser quantificada, é uma dos realces observáveis na biografia de Anísio Teixeira.

Ao ir-se constituindo como pessoa adulta e culta, Dr Anísio passa, gradativamente, a ampliar a sua forma de estar no mundo, na forma de refletir, de interagir e de agir sobre as questões postas pelo momento vivido. E é essa referência global que vai sustentar o desejo observado em Dr Anísio de intervir para, assim como outros intelectuais da elite brasileira à época retirar o Brasil *do atraso* em que se encontrava.

As correntes políticas e os interesses desses intelectuais eram múltiplos, mas o desejo de que o país passasse por mudanças estruturantes que permitissem avanços em alguns setores era comum e passou a ser manifestado, de forma mais constante, a partir dos anos 20 da jovem república.

Esta percepção de *atraso* que muitos intelectuais tinham, devia-se, principalmente, às comparações estabelecidas com a realidade dos Estados Unidos da América, novo destino de muitos jovens da intelectualidade brasileira para realizar estudos. Destino intensificado a partir da segunda década do século XX, que modificou a rota estabelecida por gerações anteriores, com o mesmo objetivo, mas que haviam se dirigido, inicialmente, para Portugal e, posteriormente, para a França. Cabe destacar que, para muitos desses intelectuais, o entrave brasileiro em grande parte e que de certa forma justificava o *atraso*, localizava-se em questões relacionadas com a educação da população.

Entretanto, cabe destacar, que pelas lentes de Anísio Teixeira, o processo educativo perpassava, necessariamente, por formação integral, ou seja, perpassava por uma preparação para a vida e não exclusivamente para o mundo do trabalho de uma sociedade em vias de industrializar-se.

Para tal desiderato, ou seja, contribuir para retirar a país do *atraso*, Anísio Teixeira procura blindar e driblar, quando possível, as intempereis instintivas e conjunturais, adotando sempre que possível uma posição dialógica, mas muito pró-ativa e que viabilizasse seu plano maior, ou seja, garantir acesso educacional de qualidade a parcelas cada vez maiores da população brasileira. Acreditava Dr Anísio que qualificando a população a jovem República do Brasil se consolidaria.

As lentes progressistas de Dr Anísio visualizavam necessidade de mudanças. Dessa forma comungava com as ideias de que o Brasil precisava se modernizar¹³. Uma modernização, entretanto, atenta a princípios democráticos e ao respeito às tradições locais.

A fé religiosa fechada que passou a cultivar por influência dos jesuítas, na idade de adulto jovem, de verdadeiro crente por ato voluntário, cujas relações estabelecidas entre razão e fé se reportavam a defesa de princípios estabelecidos pela filosofia medieval e clássica, se abre na idade adulta para uma nova atitude mental, conforme atesta farta documentação. Dessa forma Dr Anísio evita o que para Sartre apud Japiassú e Marcondes (2001) considerava má-fé, ou seja: ocultar outros projetos verdadeiros de si mesmo. Em sendo assim, Dr Anísio adotou uma nova forma de convivência com a sua religiosidade e que se mantém latente por toda a vida. E isto significou não aderir a prática de cultos em nenhum templo.

A pesquisa exploratória que orientou o projeto cujo o esboço estamos colocando em tela, e que se centra no *Espírito Científico* circunscrito às ideias, ações e articulações de Anísio Teixeira, possibilitou a localização de documentos que sinalizaram que poderia ser estabelecido um estudo sobre as influências e desdobramentos desse *Espírito*, reforçando, portanto, a ideia já posta inicialmente de que Anísio Teixeira poderia ser estudado para além da História da Educação.

2.1 – Objetivos Da Pesquisa

A pesquisa que orientou a presente monografia de doutorado teve como objetivos: 1) Demonstrar nossa premissa sobre a existência de um *Espírito Científico* em Anísio Teixeira; 2) Delinear aspectos desse Espírito Científico, ou seja, desse pensar cientificamente; 3) Identificar as influências que contribuíram para que este *Espírito Científico* se desenvolvesse; 4) Identificar os desdobramentos desse *Espírito* nas funções públicas que assumiu, assim como as permanências dessa forma de pensar que o qualificam para ser estudado pelo viés da Educação e as múltiplas Histórias das Ciências¹⁴

Estes amplos objetivos orientaram a formulação de três questões centrais que foram formuladas tomando como premissa a existência de um *Espírito Científico* em Anísio Teixeira. São elas: 1) Sendo Dr Anísio possuidor de um *Espírito Científico*, que instâncias influenciaram (região, cidade natal, família, estudos, religião, redes de sociabilidade, trabalho executados, entre outros) para que Dr Anísio desenvolvesse tal Espírito? 2) Quais os

¹³ Moderno (lat. tardio modernus, do lat. modo: recentemente, agora mesmo) 1. Termo que se opõe a clássico. Tradicional. Considera-se que, do ponto de vista histórico, a filosofia moderna inicia-se com Descartes e Francis Bacon, caracterizando-se por sua ruptura com o pensamento medieval, sobretudo com a escolástica. O pensamento moderno valoriza o indivíduo, a consciência, a subjetividade, a experiência e a atividade crítica. em oposição às instituições, à hierarquia, ao sistema e à aceitação dos dogmas e verdades estabelecidas, que caracterizam a ordem social medieval com o pensamento escolástico. 2. Historicamente, o desenvolvimento -da economia mercantilista, o descobrimento do Novo Mundo e as grandes navegações, a reforma protestante, as novas teorias científicas no campo da física e da astronomia (Galileu e Copérnico). fatos que ocorrem em torno dos sécs.XV a XVII, marcam uma nova visão de mundo que se contrapõe à visão medieval, caracterizando assim o surgimento do mundo moderno. "Moderno" identifica-se, neste sentido, à ideia de progresso e de ruptura com o passado..(p. 1320

¹⁴ Abordada de forma ampla, envolvendo as áreas das ciências naturais e exatas, bem como as humanidades.

desdobramentos desse *Espírito* nas Histórias Contemporâneas das Ciências e da Educação no Brasil? 3) O que se mantém permanente na forma de pensar cientificamente de Anísio Teixeira ao longo de sua vida adulta?

2.2 Categorias De Análise e Relevância da Pesquisa

Da expressão *Espírito Científico*, marco principal do estudo, emergiu a necessidade de clarificar ideias que foram surgindo a partir da leitura exploratória e que permitiu a delimitação do escopo do projeto, bem como a definição de três categorias para estudo. São elas: influências, desdobramentos e permanências.

Estas categorias balizaram todo o processo de investigação e discussão que foram sendo estabelecidos. Para tanto, tornou-se necessário precisar alguns conceitos que pudessem contribuir para sustentar a premissa de ser Anísio Teixeira detentor de um Espírito Científico. Em sendo assim, nos debruçamos em clarificar o entendimento de termos como ciências e humanismo, presentes em muitos textos de Dr Anísio, como por exemplo, no artigo de sua autoria, titulado de *Ciência e Humanismo*, publicado em 1955, na revista do INEP. Neste texto fica explícita a indignação de Dr Anísio para com determinadas correntes de pensamento que insistiam em manter o dualismo entre estes saberes como pode ser observado a seguir:

Tôda tentativa de "espiritualizar" a vida moderna, mediante superfetções culturais clássicas ou medievais, funda-se na conservação do dualismo grego entre vida material e vida mental, dualismo que o conhecimento científico, a nova teoria do conhecimento científico, o método do conhecimento científico destruiu e aboliu. Sòmente será possível "espiritualizar" e "humanizar" a vida moderna, humanizando e espiritualizando a ciência, o trabalho e a organização social, de nossos dias, senão para agora, para o mais ou menos próximo futuro. O divórcio entre o material e o espiritual é inconcebível, salvo como aspectos da mesma atividade geral, que é, simultâneamente, material e espiritual ou espiritual e material. (TEIXEIRA, 1955, p31)

Cabe destacar que a escolha do tema respaldou-se, também, em outras leituras que sinalizavam que Dr Anísio já possuía, desde muito jovem, um certo domínio da história do conhecimento e que este domínio ampliou-se ao longo da vida, o mantendo atualizado e crítico sobre o processo histórico do pensamento científico.

Dito isto esclarecemos que conceituar ciências e termos correlatos foi o primeiro passo para melhor compreender o espaço que Dr Anísio dedicou à mesma no conjunto da obra produzida ao longo da vida, como poderá ser constatado nas citações que se seguem.

Segundo Japiassú e Marcondes (2001,p.36), “para Platão, ciência é uma introdução à filosofia; é ela que permite o discurso verdadeiro, mas seus conceitos exigem ser justificados pela filosofia; por isso, a ciência é a mediação entre o sensível e o discurso absolutamente verdadeiro, que é o da filosofia.”. E é ainda baseando-nos em Japiassú e Marcondes (2001, p.36) que apresentamos as mudanças nas relações entre filosofia e ciências ao longo do processo histórico.

Com Descartes, a filosofia deixa de ser o acabamento para tornar-se o pressuposto da ciência. Sua imagem é famosa: o saber é como uma árvore cujas raízes são a

metafísica, o tronco a ciência física, e os ramos as ciências aplicadas. O saber científico se desenvolve de modo autônomo e não mais como um momento do caminho da sabedoria: é ele que torna o homem mestre e dominador da natureza. O papel da filosofia é o de procurar as raízes e o fundamento do conhecimento realizado pela ciência. Sem a legitimação metafísica, a ciência permanece um saber sem garantia. Já para Kant, não é mais possível fundar a ciência (que progride) na metafísica. Seu empreendimento crítico visa delimitar esses domínios. Mas o conhecimento científico não constitui um conhecimento das coisas em si, do real nele mesmo, pois torna-se conhecimento apenas dos fenômenos. Portanto, a ciência perde toda legitimidade quando pretende falar para além de toda experiência possível. Contudo, se o saber está todo do lado da ciência, nem por isso constitui o todo do pensamento nem tampouco do destino humano. Kant reserva, ao limitar o saber, um lugar à crença. Portanto, com Kant, termina o velho sonho da filosofia, de construir, apenas pela razão, um discurso absolutamente verdadeiro, a ciência sendo apenas sua realização parcial e derivada. Doravante, só a ciência conhece. "Conhecer" não é mais contemplar um ser fora de nós, como um "em-si", mas construir: só podemos conhecer estruturas e os limites do espírito, isto é, somente a coisa para nós, tal como ela nos aparece: o fenômeno. E por isso que a metafísica, que pretende atingir a coisa em si, fracassa, pois seus três objetos, o Eu, o mundo e Deus, não correspondem aos dados da experiência (JAPIASSÚ E MARCONDES, 2001, p. 36).

Nesse ponto, cabe uma observação trazida por Dewey no texto *O Desenvolvimento do Pragmatismo Americano*¹⁵, traduzido por Cassiano Terra Rodrigues, em 2008, referente ao termo *pragmático* para o qual apresentamos um estudo mais detalhado no Capítulo III. Segundo tradução livre, Dewey afirma que “contrariamente à opinião daqueles que consideram o pragmatismo como uma concepção exclusivamente americana, foi-lhe sugerido pelo estudo de Kant¹⁶]. Na *Metafísica dos Costumes*, Kant estabelecia uma distinção entre pragmático e prático”. (RODRIGUES, 2008, p.1) Questão que detalharemos posteriormente, pois Anísio Teixeira foi um entusiasta do pragmatismo e principal divulgador do mesmo no Brasil.

Retornando a tarefa de precisar conceitos relacionados com a premissa e com as categorias do estudo, completaremos as colocações sobre ciências introduzindo algumas reflexões sobre esta e sua relação com valores. Relação importante de ser elucidada, pois envolve formação de pessoas e rebatimento em decisões políticas de cidadãos e governos. Rebatimento, também, na bandeira maior de Anísio Teixeira, ou seja: a democracia. E sobre a qual destacamos o seguinte trecho retirado de livro de sua autoria.

Numa democracia, nenhuma obra supera a de educação. Haverá, talvez, outras aparentemente mais urgentes ou imediatas, mas estas mesmas pressupõem, se estivermos numa democracia, a educação. Todas as demais funções do estado democrático pressupõem a educação. Somente esta não é consequência da democracia, mas a sua base, o seu fundamento, a condição mesmo para a sua existência (TEIXEIRA, 1947, s/p.).

¹⁵ Segundo nota explicativa do tradutor para o português, o texto foi primeiramente publicado em “Studies in the History of Ideas, ed. Departamento de Filosofia, Universidade Columbia (New York: Columbia University Press, 1925), 2: 353-377. LW: 3-21. Texto em inglês utilizado para a tradução em The Essential Dewey, vol I: Pragmatism, Education, Democracy. Edited by Larry A. Hickman and Thomas M. Alexander. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1998, pp.3-13.

¹⁶ Immanuel Kant (1724-1804). Nasceu na antiga Prússia, hoje região da Polônia, e é considerado como o principal filósofo da era moderna, Kant operou, na epistemologia, uma síntese entre o racionalismo continental (de René Descartes e Gottfried Leibniz, cuja base é o raciocínio dedutivo), e a tradição empírica inglesa (de David Hume, John Locke, ou George Berkeley, que valoriza a indução).

No Brasil de hoje, o *Estado Democrático de Direito* encontra-se estruturado em um modelo de democracia representativa, cuja a participação popular é garantida pela Constituição promulgada em 1988. Em sendo assim, é relevante questionar: Como um cidadão pode participar de forma consciente de um processo dito democrático se não detêm uma base sobre linguagens, conhecimentos e vivências que lhe permita refletir e opinar nos e/ou sobre os processos decisórios para os quais além de ter direito, é convocado a participar ao longo da vida? Questão inclusive já considerada em citação de Paschoal Leme comentada anteriormente.

Portanto, concordando com Dr Anísio de que a democracia no Brasil necessita da *máquina que prepara as democracias. E que essa máquina é a escola pública*. Única instituição que pode possibilitar o acesso à leitura de mundo a todos, registramos o nosso estranhamento para com o fato da *Nova Lei Federal do Ensino Médio*, não incluir ciências no eixo obrigatório do currículo, postergando para os governos estaduais e/ou exclusivamente para os jovens educandos e seus familiares, muitas vezes, ainda sem formação adequada, a decisão sobre a escolha de incluí-la ou não, na parte flexível do currículo. Flexibilidade importante e interessante proposta na nova orientação do Ensino médio, mas que na realidade atual brasileira poderá distanciar, ainda mais, as novas gerações das ciências.

Cabe lembrar que o país não necessita só de usuários dos resultados das pesquisas científicas, materializados em produtos que envolvem velhas e novas tecnologias. Necessita de produtores de ciências e de tecnologias que possibilitem soluções para problemas nacionais e que agregue valor aos nossos produtos regionais exportados, entre tantos outros desdobramentos que podem se materializar nas mais diversas áreas. Necessita, também, de estudos sociais, urbanos e rurais, entre outros. Necessita de críticos sobre o conteúdo e limites éticos das ciências e dos oriundos de políticas de inovação em curso ou que, por ventura, venham a ser implantadas no território nacional. Portanto, um conhecimento de base na área de ciências é de grande relevância e, cabe lembrar, deveria estar sempre associado e em consonância com a formação em valores. Para que isto ocorra, entretanto, é necessário ter contato com conhecimentos e ferramentas do campo das ciências e suas interfaces, ou seja, o núcleo comum tem que garantir o acesso do educando a esses conhecimentos. Caso contrário a situação crítica mencionada anteriormente vivenciada no campo das ciências em relação a renovação de seus quadros profissionais só tenderá a se agravar.

Destacamos que, mesmo sendo de suma importância, matemática e idiomas são linguagens, enquanto biologia, química e física são ciências básicas e lastro para uma formação sustentável a nível individual e social.

Ao insistir na educação integral, Dr Anísio demonstra possuir uma visão espalhada sobre escola e as relações que devam ser estabelecidas entre ensino e aprendizagem nestas instituições. Não entramos no mérito de esmiuçar sobre o que Dr Anísio considerava significativo no processo, mas pode-se ter uma pista através da referência que faz sobre a formação do mestre para o atual fundamental I do ensino básico:

Só a biologia ou a sociologia não fará um mestre de escola primária. Mas aquele que estiver aparelhado com as hipóteses, com as teorias e as conclusões dessas ciências será, em condições idênticas, mestre mais consumado e mais eficiente, do que

aquele outro a quem falta o auxílio do bastão da ciência (TEIXEIRA, apud VIDAL, 2000, p. 80).

Pela citação pode-se deduzir que Dr Anísio considerava importante que os educandos se beneficiassem de conhecimentos de base científica. E completamos que os conhecimentos oriundos das ciências citadas acima em conexão com os conhecimentos acessados através de outras áreas do conhecimento, são fundamentais para a formação de valores que devem ser semeados nas instituições educativas e, entre estas, a escola.

Os planos e projetos elaborados por Anísio Teixeira, e que norteariam ações que direta e/ou indiretamente tiveram rebatimento na vida social de um Brasil que aspirava, ao menos através de alguns movimentos organizados por intelectuais à época, ser menos desigual e mais democrático, incluem ou se respaldam em conhecimentos científicos, mas sem desconsiderar que a,

[...] ciência não pode ser considerada como um saber absoluto e puro, cuja racionalidade seria totalmente transparente e cujo método constituiria a garantia de uma objetividade incontestável. Não é um mundo à parte, espécie de reino isolado onde os cientistas fariam "pesquisas puras", desinteressadas, preocupados apenas com a busca do conhecimento verdadeiro. Evidentemente, eles trabalham para construir conhecimentos tão rigorosos, racionais e objetivos quanto possível: referem-se a normas racionais, testam suas teorias confrontando-as com a experiência. Contudo, na prática, as coisas se complicam, e as pesquisas nem sempre possuem a transparência e a objetividade que, de bom grado, lhes emprestamos. As idéias científicas não são totalmente independentes da filosofia, da religião e das ideologias que impregnam o meio em que vivem os pesquisadores. Por isso, é muito questionável o chamado "princípio da neutralidade", ou seja, o princípio segundo o qual os cientistas estariam isentos, imunes, em nome de sua racionalidade objetiva, de formular todo juízo de valor, de manifestar toda e qualquer preferência pessoal, de ser responsáveis por toda e qualquer decisão de ordem política ou implicando questões de tipo ético, posto que, por seu objetivo, seu conhecimento seria universal, válido em todos os tempos e lugares, para além das sociedades e das formas de cultura particulares. (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2001, p.36)

Ética e valores sempre fizeram parte do arcabouço de sustentação das práticas e reflexões teóricas de Dr Anísio e com as ciências não foi diferente. Daí ser contra as correntes que cultuavam a dualidade entre estes campos de saberes.

Cabe esclarecer que apesar de o termo *ciência* ser muito abrangente, centramos as discussões que foram estabelecidas nos capítulos iniciais da presente monografia, nas ciências da natureza. Isso em decorrência do fato das ciências da natureza e em particular a física e a astronomia, terem sido desenvolvidas mais precocemente no Brasil. Entretanto, a medida em que fomos avançando nas discussões sobre os desdobramentos do *Espírito Científico* de Dr Anísio nos espaços de atuação profissional, englobamos outras ciências como, por exemplo, antropologia e ciências sociais.

Dando continuidade a tarefa de precisar conceitos, continuaremos utilizando o suporte teórico de Japiassú e Marcondes (2001, p.36) que parte do termo *cientificidade* para evocar critérios que, segundo os autores, permitem definir em que se constitui um conhecimento científico de

fato e, assim procedendo, distingui-lo de outras formas de saber ditas não-científicas, como poderá ser verificado a seguir:

Dois são os critérios mais correntes: o recurso à dedução racional e o recurso à verificação experimental. Só há conhecimento científico a partir do momento em que podemos repetir determinado fenômeno ou prever com certeza o aparecimento desse fenômeno, sob determinadas condições. Insatisfeito com o critério da verificabilidade, defendido pelos empiristas lógicos — segundo o qual uma teoria só é científica quando suscetível de uma verificação experimental real ou possível —, Karl Popper propõe um critério demarcatório entre o científico e o não-científico. Trata-se do critério da refutabilidade, da testabilidade ou da falsificabilidade, o que significa dizer que uma teoria só é científica quando pode ser refutada pela experiência. Se a física é uma ciência verdadeira, é porque faz previsões que a experiência, em princípio, pode contradizer. A psicanálise, em contrapartida, aparece como não-científica, pois os "fatos" a confirmam sempre. Assim, a refutabilidade constitui o verdadeiro critério de demarcação entre o científico e o não-científico, ou seja, o verdadeiro critério de cientificidade: de um lado, temos teorias suscetíveis de serem refutadas experimentalmente; do outro, aquelas que resistem aos testes experimentais; as primeiras são teorias científicas, as segundas são teorias metafísicas^[17] (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2001, p.36).

Estabelecidas as considerações iniciais sobre a conceituação de alguns termos que gravitam em torno da expressão *Espírito Científico*, iniciaremos a clarificação da mesma sustentando-nos em Gaston Bachelard. No *Discurso Preliminar* que abre a publicação do livro escrito em 1934, titulado de *A formação do espírito científico - contribuição para uma psicanálise do conhecimento*¹⁸, de sua autoria e traduzido em 1996 por Esteia dos Santos Abreu, Bachelard apresenta uma síntese sobre em que, na sua percepção, se fundamenta o *Espírito Científico*.

Como Bachelard foi um dos filósofos que debruçou-se com muito afinco a discutir a questão, produzindo, inclusive, outras publicações¹⁹ sobre a temática, utilizamos o referido discurso como base para a tarefa de compreender a expressão.

Bachelard no discurso inserido no livro, esclarece que a tarefa primordial do *Espírito Científico* é “Tornar geométrica a representação, isto é, delinear os fenômenos e ordenar em série os acontecimentos decisivos de uma experiência”.(BACHELARD, 1996,p.7) Feito isto, o autor reforça o esclarecimento com a seguinte observação: “De fato, é desse modo que se chega à quantidade representada, a meio caminho entre o concreto e o abstrato, numa zona intermédia em que o espírito busca conciliar matemática e experiência, leis e

¹⁷ Metafísica é uma palavra com origem no grego e que significa "o que está para além da física". É uma doutrina que busca o conhecimento da essência das coisas.

¹⁸ Tradução Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro : Contraponto, 1996. 316 p.

¹⁹ Le Nouvel Esprit scientifique, Alcan, 1934 (ISBN 2-13-054249-2); La Formation de l'esprit scientifique. Contribution à une psychanalyse de la connaissance objective, Paris, Vrin, 1938 (ISBN 2-7116-1150-7); La Philosophie du non : essai d'une philosophie du nouvel esprit scientifique, PUF, 1940 (ISBN 2-13-054984-5).

fatos”(BACHELARD, 1996,p. 7), para em seguida destacar que a tarefa de geometrização²⁰ é insuficiente, como poderá ser observado a seguir:

Essa tarefa de geometrização que muitas vezes pareceu realizada — seja após o sucesso do cartesianismo, seja após o sucesso da mecânica newtoniana, seja com a óptica de Fresnel — acaba sempre por revelar-se insuficiente. Mais cedo ou mais tarde, na maioria dos domínios, é forçoso constatar que essa primeira representação geométrica, fundada num realismo ingênuo das propriedades espaciais, implica ligações mais ocultas, leis topológicas menos nitidamente solidárias com as relações métricas imediatamente aparentes, em resumo, vínculos essenciais mais profundos do que os que se costuma encontrar na representação geométrica. Sente-se pouco a pouco a necessidade de trabalhar sob o espaço, no nível das relações essenciais que sustentam tanto o espaço quanto os fenômenos. (BACHELARD, G.1938,7)

Em seguida passa a apresentar a direção que vai tomando o pensamento científico a partir das descobertas da física contemporânea. Cabe destacar que Bachelard já não faz referência a *Espírito* e sim, a pensamento científico indo ao encontro do significado que já havíamos adotado anteriormente para o termo *Espírito* no curso da pesquisa.

O pensamento científico é então levado para "construções" mais metafóricas que reais, para "espaços de configuração", dos quais o espaço sensível não passa, no fundo, de um pobre exemplo. O papel da matemática na física contemporânea supera pois, de modo singular, a simples descrição geométrica. O matematismo já não é descritivo e sim formador. A ciência da realidade já não se contenta com o como fenomenológico; ela procura o porquê matemático. Da mesma forma, já que o concreto aceita a informação geométrica, já que o concreto é corretamente analisado pelo abstrato, por que não aceitaríamos considerar a abstração como procedimento normal e fecundo do espírito científico? Com efeito, ao examinar a evolução do espírito científico, logo se percebe um movimento que vai do geométrico mais ou menos visual para a abstração completa. Quando se consegue formular uma lei geométrica, realiza-se uma surpreendente inversão espiritual, viva e suave como uma concepção; a curiosidade é substituída pela esperança de criar. Já que a primeira representação geométrica dos fenômenos é essencialmente uma ordenação, essa primeira ordenação abre-nos as perspectivas de uma abstração alerta e conquistadora, que nos levará a organizar racionalmente a fenomenologia como teoria da ordem pura. Então, nem a desordem será chamada ordem desconhecida, nem a ordem uma simples concordância entre nossos esquemas e os objetos, como poderia ser o caso no campo dos dados imediatos da consciência. Quando se trata de experiências sugeridas ou construídas pela razão, a ordem é uma verdade, e a desordem, um erro. A ordem abstrata é, portanto, uma ordem provada, que não fica sujeita às críticas bergsonianas²¹] da ordem achada. (BACHELARD, .1938, p.7)

²⁰A origem da geometrização remonta a Lógica que, desde Aristóteles (filósofo grego, nascimento 384 a.C) , garantiu a exatidão do pensar teórico. Simultaneamente, ao surgimento do conhecimento teórico grego aparece um processo que veio a moldar a forma das ciências da natureza. É uma tentativa de matematização a natureza, na linha que, desde Pitágoras (filósofo grego, nascimento 570 a.C) e seus seguidores, passa a vigorar de que o " arché" da natureza, ou seja, o princípio do qual brotam todas as coisas e a ele revertem, é o número. Ou seja: "o que é permanente, unitário, verdadeiro e, portanto, inteligível sob as aparências enganosas dos fenômenos, são suas proporções harmoniosas, expressas em números. Em outras palavras, a realidade vista pela teoria (theoren, em grego, significa ver) são as harmonias que governam o mundo, desde o movimento dos planetas até o som das cordas de lira" (VARGAS, 1996, p.249).

²¹Henri Bergson (1859-1941) Filósofo francês, cuja filosofia se inscreve no contexto da crítica ao positivismo, a la psicologia associacionista e ao Novo kantianismo, e aparece como continuadora de um certo espiritualismo, porém destacando especialmente seu enfoque vitalista y seu interesse pelo evolucionismo. Teve também muitas conexões com o pragmatismo, especialmente com o de seu amigo William James (muito influenciado por Bergson, em sua corrente de pensamento e com a concepção utilitarista da ciência. Disponível em: <http://www.pensament.com/>

A partir dessas colocações iniciais o autor do discurso, ou seja, Gaston Bachelard, passa a falar da proposta do livro que, segundo ele, “é mostrar o grandioso destino do pensamento científico abstrato”. (BACHELARD, 1938, p.8) E que complementa dizendo: “para isso, temos de provar que pensamento abstrato não é sinônimo de má consciência científica, como parece sugerir a acusação habitual. Será preciso provar que a abstração desobstrui o espírito, que ela o torna mais leve e mais dinâmico”. (BACHELARD, 1938, p.8) Para em seguida afirmar que as comprovações disso serão fornecidas “ao estudar mais de perto as dificuldades das abstrações corretas, ao assinalar a insuficiência dos primeiros esboços, o peso dos primeiros esquemas, ao sublinhar também o caráter discursivo da coerência abstrata e essencial, que nunca alcança seu objetivo de um só golpe”. (BACHELARD, 1938, p.8)

Pelo exposto, nota-se que Bachelard caminha na direção de não só tentar demonstrar as insuficiências do movimento explicativo geométrico, considerado por ele como *mais ou menos visual*, como tentar mostrar que o processo de abstração não é uniforme. Para tanto, explica no discurso que para “descrever o trajeto que vai da percepção considerada exata até a abstração inspirada pelas objeções da razão” (BACHELARD, 1938, p.9), seria necessário um estudo mais amplo e detalhado dos ramos da evolução científica, o que considerou extrapolar o escopo definido para o livro. Sendo assim Bachelard propõe e divide, a partir do exposto no discurso, a apresentação da trajetória do pensamento científico no corpo do livro, em três grandes etapas a saber: 1) A que compreenderia tanto a Antiguidade clássica quanto os séculos de renascimento e de novas buscas, como os séculos XVI, XVII e até XVIII (representando o estado pré-científico); 2) A que representaria o estado científico, em preparação no fim do século XVIII, e que se estenderia por todo o século XIX e início do século XX; 3) E, finalmente, a que partiria do ano de 1905, cujo marco seria a *Teoria da Relatividade*, elaborada por Albert Einstein e que, na percepção de Bachelard, desestabiliza conceitos primordiais que eram tidos como fixados para sempre, marcando, portanto, o início da era do que ele denomina de *Novo Espírito Científico*.

A partir dessa data, a razão multiplica suas objeções, dissocia e religa as noções fundamentais, propõe as abstrações mais audaciosas. Idéias, das quais uma única bastaria para tornar célebre um século, aparecem em apenas vinte e cinco anos, sinal de espantosa maturidade espiritu[pensamento]l. Como, por exemplo, a mecânica quântica, a mecânica ondulatória de Louis de Broglie, a física das matrizes de Heisenberg, a mecânica de Dirac, as mecânicas abstratas e, em breve, as físicas abstratas que ordenarão todas as possibilidades de experiência (BACHELARD, 1938, p.9).

Bachelard destaca, entretanto, que o fato de tal evento possibilitar, cronologicamente, acesso ao terceiro estágio, esse *Novo Espírito Científico* não consegue garantir ao pesquisador se imbuir do mesmo. E explica isso ressaltando que:

É imensa a distância entre o livro impresso e o livro lido, entre o livro lido e o livro compreendido, assimilado, sabido! Mesmo na mente lúcida, há zonas obscuras, cavernas onde ainda vivem sombras. Mesmo no novo homem, permanecem vestígios

do homem velho. Em nós, o século XVIII prossegue sua vida latente; infelizmente, pode até voltar. (BACHELARD, 2005, p.10)

Concordando com Bachelard (2005), nos ocorreu fazer a seguinte comparação: no ano da divulgação da referida teoria revolucionária de Einstein, Anísio Teixeira estava na fase pré-alfabética e em vias de, em mais alguns anos, ter acesso aos códigos que possibilitariam fazer leituras de diferentes linguagens e conectar-se com as fontes de informações, disponíveis à época, que lhe permitiriam compreender as questões destacadas por Bachelard e acompanhar as discussões oriundas dessa revolução²² no campo das ciências, mesmo que na sua mente lúcida, houvessem zonas obscuras. Fontes que lhe permitiriam fundamentar-se para opinar criticamente não só sobre a natureza das pesquisas propostas e/ou em curso como, também, sobre os desdobramentos das mesmas. Fontes que Anísio Teixeira, em cada idade compatível, soube explorar com mestria, pois o conjunto de sua obra retrata um domínio de temáticas variadas, em um nível de aprofundamento de espectro largo e bem localizado no tempo e no espaço. Em suma: de entender e, muitas vezes, na sua área de atuação contribuir para diminuir a correlação que simbolicamente estabelecemos com o que Bachelard destaca como “distância entre o livro impresso e o livro lido, entre o livro lido e o livro compreendido, assimilado, sabido”.(BACHELARD, 2005, p.10)

No conjunto da obra de Dr Anísio, os conteúdos que possuem relações diretas e/ou indiretas com o seu pensar científico demonstram conhecimentos sobre as dificuldades das abstrações corretas e da insuficiência dos primeiros esboços, bem como do peso dos primeiros esquemas se não se está devidamente preparado para fazê-lo. Quiça este tenha sido o calcanhar de aquiles que impulsiona Dr Anísio a perseverar na crença da importância de uma escola voltada para a vida.

O seu próprio processo formativo comprova isso, ou seja: Dr Anísio nasce e se desenvolve tendo acesso a uma formação que lhe permite acompanhar e participar das discussões sobre os recuos, avanços e desdobramentos de questões que lhes são contemporâneas, perpassando, portanto, por vivências no campo das ciências e das humanidades. E, principalmente, desenvolver capacidade de escolha e de mediação diante do que vai se contextualizando tanto a nível pessoal, quanto a nível coletivo na sociedade em que encontra-se inserido.

No entanto, assim como hoje, na maior parte das vezes, decodificar símbolos é muito pouco para que uma criança em formação tenha condição de atingir um nível de desenvolvimento intelectual e, conseqüentemente, um grau de consciência que possibilite um engajamento colaborativo para discutir e intervir para resolver questões postas na atualidade. Cabe, portanto, uma ação mais efetiva da família e/ou da instituição educacional para que a leitura de mundo aconteça e, conseqüentemente, ocorra um engajamento mais equilibrado na vida em sociedade.

²² Revolução (lat. tardio revolution) O termo "revolução" é empregado inicialmente na astronomia, indicando o movimento circular dos corpos celestes que voltam assim a seu ponto de partida, p. ex., a revolução dos planetas em torno do sol. *Copérnico intitula sua obra mais importante de Sobre a revolução das órbitas celestes. O termo é aplicado posteriormente no contexto político significando uma reviravolta, uma alteração radical e profunda de uma sociedade em sua estrutura política, econômica, social etc., geralmente por meios violentos e de forma súbita, representando um confronto entre uma ordem anterior e um novo projeto político-social. Ex.: a Revolução Francesa de 1789, a Revolução Russa de 1917. O termo é empregado também para designar uma mudança radical, ou o surgimento de um fato novo, ou uma nova forma de agir que altera a situação anterior. Ex.: a revolução industrial nos sécs.XVIII e XIX, a revolução dos costumes. Ver tradição. (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2001, p.167)

Anísio Teixeira teve o acompanhamento desses dois grupos instituídos. Estes balizaram sua formação inicial, como poderá ser constatado posteriormente em itens específicos. Outros contemporâneos seus, também. Mas a grande maioria dos jovens à época, não.

Sendo assim, a comparação primordial que se coloca em tela, no tocante a um período de aproximadamente um século, que separa o adolescente Anísio Teixeira de outros jovens brasileiros que viveram em igual período, com relação aos adolescentes de hoje é: Não havia escolas para todos e em tantas regiões, principalmente, escolas públicas, como agora. Não havia fundo para educação, não havia fundos para pesquisas, não havia internet, não havia uma constituição que garantisse tantos direitos sociais, entre tantas outras conquistas que podem ser listadas referentes ao momento presente. No entanto, ainda hoje, apesar dessa caminhada de mais de um século, a maioria das crianças e jovens do Brasil, ainda não conseguiram ultrapassar a barreira de, com muita dificuldade, apenas serem capazes de decodificar símbolos. Situação que nesse ponto quase os iguala a maioria dos adolescentes de um século atrás, pela ausência de escolas e de pais com algum nível de escolarização, mesmo que elementar. Pais que, hipoteticamente, deveriam apresentar-se mais aptos para acompanhar a formação de base de seus filhos, pois a meta de universalização da educação no Brasil já está em curso há anos. Entretanto, a situação da baixa qualidade na formação da maioria da população brasileira perdura e o que é pior, vem sendo negligenciada por sucessivos governos e com o agravante de emitir certificados que leva os educandos a acreditar em um empoderamento formativo que de fato não existe. Provas disso podem ser extraídas, entre tantas outras possibilidades, dos resultados de processos avaliativos, nacionais e internacionais, aplicados a educandos nas respectivas faixas escolares. No que se refere às ciências e tecnologias, os rebatimentos negativos são significativos e com desdobramentos negativos na vida pessoal e coletiva. Dr Anísio teve oportunidade de acesso, desde muito jovem, a muito mais que decodificar símbolos, ou seja, sua formação de base também não só o preparou para perceber a importância de priorizar o conhecimento científico como, também, para contribuir e/ou intervir, quando teve oportunidade, com o espraio e institucionalização do mesmo no país.

Portanto, dentro desta linha de raciocínio, passamos a admitir que o *Fio de Ariadne* do percurso de Dr Anísio foi o seu *Espírito Científico*. Um espírito que muito provavelmente originou-se sob a égide de uma nova forma de pensar as ciências, ou seja, sob a égide de um *Novo Espírito Científico* como nos sinaliza Bachelard no discurso de abertura do livro citado anteriormente, e o próprio Anísio Teixeira no texto de sua autoria titulado de *O Espírito Científico e o Mundo Atual* de 1955 e comentado em Capítulo específico, no qual abordamos o domínio e a forma de pensar de Dr Anísio quando o campo do saber fica mais circunscrito às ciências.

2.3 Orientação Metodológica e Fontes da Pesquisa

A filosofia alemã na virada do século XVIII para o XIX encontrava-se envolta na tradição metafísica, sobretudo derivada das reflexões de Kant e de Herder e, posteriormente, nas correntes de Hegel e de Schopenhauer.

A moderna ciência da história, origina-se na França e Alemanha em contextos de efervescência filosófica e científica. Surge a partir do desenvolvimento de sistematizações de ciências como, por exemplo, a sociologia, a antropologia e a própria história que até então era percebida como única.

Ao longo do século XIX desenvolve-se uma corrente teórica denominada de historicismo que concebe a história a partir de sua singularidade. Para os historicistas a história não deveria pautar-se pela explicação científica e sim pela compreensão. Categoria que implicava no ato de interpretar (objetividade) e criar (subjetividade). Compreender exigia um diálogo com o passado, com a tradição. A tradição fornece-nos um horizonte de compreensão, ou seja, fornece as bases para agirmos no presente.

Cabe complementar que na França do século XIX, baseada no modelo das ciências naturais, estruturada no modelo positivista pensado por August Comte, desenvolve-se uma Escola Histórica Metódica que objetivava tornar a história uma ciência metodologicamente rigorosa. Esta, apesar de muito criticada, foi importante como referência para as discussões sobre confiabilidade do método histórico, como por exemplos: 1) a concepção de ideia de tempo que alargou-se para tempos múltiplos que se entrelaçam; 2) a concordância de história como ciências, mas “dos homens no tempo”; 3) “documentos históricos” referem-se a tudo aquilo que o homem produziu ao longo de sua existência.

Assentada na moderna ciência da história, nossa pesquisa iniciou-se, como sugere Michel de Certeau (1982, p.81), pelo “gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira”, sempre atenta a observação complementar feita pelo autor e citada a seguir:

Na realidade, ela [a História] consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em isolar um corpo, como se faz em física, e em desfigurar as coisas para construí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto inicialmente. (CERTEAU, 1982, p.82)

Esclarecemos que a pesquisa desenvolvida insere-se no campo das Histórias da Educação e das Ciências, bem como suas interfaces. Buscamos, entretanto, aportes teórico-metodológicos da História Cultural, pois, cabe destacar, que apesar de tratar-se de uma análise centrada no percurso de Anísio Teixeira, a pesquisa leva em consideração as redes e teias de relações nas quais ele foi se conectando, desde o nascimento, o que pressupõe que o objeto historiográfico da pesquisa entrelaça-se com o cruzamento de alguns outros campos históricos que o ajudam a constituir-lo. Em sendo assim, ressaltamos a importância de ao tratarmos de temas que perpassam e analisam o percurso de vida de uma determinada pessoa, que no presente estudo foi o Anísio Teixeira, nos deparamos com redes de relações nas quais estas pessoas se inseriram. Portanto investigar o lugar que a pessoa ocupou nas diversas instâncias de cada rede contribui para elucidar algumas questões afins. No caso de Dr Anísio, o estudo dessas influências colaboraram não só para responder questões referentes a sua formação, como, também, as referentes a desdobramentos verificados no tocante a reflexões e ações associadas a vida profissional.

Nessa linha de raciocínio, procuramos atentar para os aspectos discursivos e simbólicos da vida sociocultural do recorte estabelecido para o estudo por concordar que,

Michel de Certeau e Pierre Bourdieu são aqui influências importantes; e o mesmo se pode dizer com respeito à contribuição da análise de discurso de Michel Foucault e Roger Chartier. Recolocar a noção de discurso no centro da História Cultural é considerar que a própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social embasam uma noção mais ampla de Cultura. “Comunicar” é produzir Cultura, e, de saída, isto já implica na duplicidade reconhecida entre Cultura Oral e Cultura Escrita – sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu “modo de vida”. (BARROS, 2011, p.41)

Para iniciarmos a seleção da documentação que seria utilizada no processo investigativo tornou-se necessário identificar que tipo de documentação referente a Dr Anísio poderia ser utilizada não só para a História da Educação, como, principalmente, para a História das Ciências, cujas as pesquisas são bem mais recente que a primeira no Brasil. Para tanto, baseamo-nos em publicação de três²³ estudiosas do Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e em uma entrevista de Peter Bucker.

Segundo Alfonso-Goldfarb; Waisse; Ferraz (2013,p.43) “Muito já se falou do trabalho de Sarton – e há muito mais a dizer (Alfonso-Goldfarb et al., 2004; Thackray, 1984)”. Sobre isso as autoras destacam que é insuficiente a ênfase nos conceitos científicos e nas ideias sobre o desenvolvimento contínuo e acumulativo da ciência, através de uma abordagem interna da ciência ao fazer registros da história do progresso da humanidade, como defendido por Sarton²⁴ apud Alfonso-Goldfarb; Waisse; Ferraz (2013).

O modelo de Sarton foi muito criticado, notadamente por eleger como ponto de partida para escrever a história de uma determinada ideia em ciência, o presente.

Na década de 1930, a proposta de Hessen, chamando a atenção para os determinantes sociais na elaboração do conhecimento, polemizou significativamente a questão (Alfonso-Goldfarb; Waisse; Ferraz, 2013). Muito possivelmente por que “deriva, em parte daí. a necessidade de se buscar no passado quais seriam os “precursores” ou “pais” das ideias em ciência.”(ALFONSO-GOLDFARB; WAISSE; FERRAZ, 2013, p. 43).

Por um lado, tratava-se de uma seleção do que havia dado certo numa determinada área da ciência e, por outro, não importava onde ou quando as ideias haviam encontrado seu desenvolvimento, pois as etapas na direção de modernidade já estavam, de certa forma, determinadas. Tudo bem ao gosto comtiano! As críticas a essa forma de historicizar ciência originou-se nas teses de Hessen. (ALFONSO-GOLDFARB; WAISSE; FERRAZ, 2013, p. 43)

Esse autor soviético produziu uma abordagem marxista, que, em vez de teorias, enfatizava fatores técnicos e sociais como sendo os motores para a transformação das ciências.

²³ ANA MARIA ALFONSO-GOLDFARB; MÁRCIA H. M. FERRAZ; SILVIA WAISSE, Professoras e, respectivamente, coordenadora e vice-coordenadora Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência e membro do CESIMA.

²⁴ George Alfred Leon Sarton (1884 -1956).Químico e historiador belga,positivista e considerado o fundador da disciplina história da ciência.

(HESSEN apud ALFONSO-GOLDFARB; WAISSE; FERRAZ, 2013) Muitos outros autores somam críticas à abordagem continuísta de Sarton. Estes vão desde Koyré²⁵, passando por Bachelard²⁶ e seu mais importante seguidor, Canguilhem,²⁷ até aqueles que criaram o conceito de revolução científica, incluindo Kuhn²⁸. Depois desses estudiosos terem apresentado e defendido seus critérios para o fazer história da ciência, o campo se modifica completamente. Mesmo quando não aceitavam totalmente suas posições, o debate sobre o continuísmo passou a ser parte obrigatória das reflexões em história da ciência.

Esses debates trouxeram bons resultados como por exemplo a entrada da técnica nos temas tratados pela história da ciência. E muito importante: ciência passava a ser vista como algo que pertence a um determinado contexto histórico. Portanto, não descolada do tempo e do espaço. Nesse caso, é interessante trazer para a discussão, de forma breve, a proposta de Pagel²⁹, feita há algumas décadas. “Pagel considerava que o conhecimento deveria ser visto em seu próprio contexto de elaboração e reivindicava um lugar para as então chamadas “pseudo-ciências”, como a alquimia e a astrologia” (PAGEL apud ALFONSO-GOLDFARB; WAISSE; FERRAZ, 2013, p. 44), ou seja: tal proposta inaugura a abertura de espaço para a inclusão dos conhecimentos negligenciados, esquecidos ou mesmo deformados pela maneira como se escrevia a história da ciência.

Vista por outro lado, essa abordagem exige a verificação do relevo que se deu, num determinado período, a certos conhecimentos. Dessa maneira, evitava-se o risco trazido pelas abordagens presentistas ou anacrônicas, que eram tradicionais até então. De todo modo, a continuidade desses debates mostraria que nem só de rupturas [muito destacada por Gaston Bachelard] foi feito o processo da ciência, mas, muitas vezes, de permanências. De igual maneira, chegou-se à conclusão de que não somente através da abordagem contextual era possível analisar os fatores internos e, portanto, teóricos, inerentes aos documentos. (ALFONSO-GOLDFARB; WAISSE; FERRAZ, 2013, p. 43)

Segundo Alfonso-Goldfarb, Waisse e Ferraz (2013, p. 45), “muito possivelmente, uma das melhores abordagens nesse sentido – conectando rupturas e permanências, assim como os fatores internos e externos aos documentos – tenha sido elaborada por Canguilhem, há cerca de cinquenta anos”. Os referidos autores destacam que o ponto de partida de Canguilhem foi definir qual é o objeto em história da ciência, que, segundo ele, não deveria ser confundido com o objeto da própria ciência. E para tanto chamou a atenção que a construção do objeto da ciência se dá através da reflexão metódica sobre os fenômenos da natureza (resultando em objetos epistêmicos de primeira ordem) enquanto o da história da ciência é produto da historicidade do discurso científico (ou seja, objetos epistêmicos de segunda ordem).

A partir de teses como as de Canguilhem, Pagel e outros que lhes vieram como reforço posteriormente, é plausível tentar uma definição, ainda que inacabada, do que seja o objeto da

²⁵ Alexandre Koyré (1892-1964). Filósofo francês de origem russa que escreveu sobre história e filosofia da ciência.

²⁶ Gaston Bachelard (1884-1962). Filósofo e poeta francês. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à filosofia da ciência.

²⁷ Georges Canguilhem (1904 -1995). Filósofo e médico francês. Especialista em epistemologia e história da ciência, publicou obras importantes. Discípulo de Gaston Bachelard, inscreve-se na tradição da epistemologia histórica francesa e exerce grande influência sobre o pensamento de Michel Foucault.

²⁸ Thomas Kuhn (1922-.1996). Graduado, Mestre e Doutor em Física. Ao lecionar Ciências para alunos de Ciências Humanas, Kuhn foi obrigado a familiarizar-se com este tema. Este fato foi determinante para o desenvolvimento da sua obra, entre elas, a mais famosa: “Estrutura das Revoluções Científicas”.

²⁹ Walter Traugott Ulrich Pagel (1898-1983). Patologista e historiador da medicina alemã.

história da ciência, se este for pensado na intersecção das três esferas de estudo a saber: 1) referente aos aspectos intrínsecos das teorias e práticas científicas sob estudo, combinando a crítica textual (assumida a partir de um modelo filológico) e a análise teórico-contextual interna ao texto (através da análise epistêmica de seus principais conceitos e argumentos); 2) referente a historiográfica - concerne às várias formas através das quais já se analisou um determinado problema, documento; 3) referente ao contexto propriamente histórico, com destaque para as circunstâncias sob as quais foi elaborada a documentação em análise. (ALFONSO-GOLDFARB; WAISSE; FERRAZ, 2013)

Portanto, longe de uma definição do que consiste o objeto próprio à história da ciência, é possível afirmar que “o historiador da ciência opera sobre noções e conceitos reconfigurados de modos diferentes, por sociedades diferentes, ao longo do tempo”. (ALFONSO-GOLDFARB; WAISSE; FERRAZ, 2013, p. 45)

Sendo assim, ao operar de forma simultânea as três esferas, coloca em evidência, ainda que de forma preliminar, o objeto da história da ciência. Tal modulação das esferas ocorre, na maioria das vezes a partir dos documentos. E por documentos em e para a história da ciência é possível entender todo tipo de material, desde que enquadrado no marco teórico próprio ao objeto da história da ciência. Dentro desse marco teórico, passam a “ganhar vida” não só obras publicadas, mas também manuscritas, cadernos de laboratório, correspondências, imagens, atas, relatórios, diários de bordo, entrevistas, objetos, entre tantos outros. (ALFONSO-GOLDFARB; WAISSE; FERRAZ, 2013)

Com vistas a reforçar o exposto sobre a orientação metodológica assumida no projeto em tela, cita-se parte de uma entrevista de Peter Burkner, cujas perguntas foram formuladas pela Prof^a. Dra. Marta Araújo e traduzidas por Affonso Nunes. Ambos, à época, participando, como membros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRGN³⁰, do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado na cidade de Uberlândia, no período de 17 a 20 de abril 2006, e que contou com a participação do Dr Burkner como conferencista.

[...]

“O que diz do rigor científico da operação historiográfica?

Peter Burke: Na minha visão, embora não apenas na minha, em um sentido a prática histórica é científica e em outro não. Acho que foi um erro de alguns historiadores do século XIX comparar seus métodos de pesquisa com aqueles das ciências naturais e proclamar serem objetivos e imparciais. Toda pesquisa histórica envolve encontros pessoais com o passado e todos os estudos do passado são necessariamente escritos de uma posição particular, parcialmente individual, e parcialmente coletiva, expressando atitudes comuns de uma nação, classe, gênero, geração, etc. Tanto a pesquisa histórica e quanto a análise podem ser sistemáticas e rigorosas. Por exemplo, durante séculos os historiadores coletivamente desenvolveram rigorosos métodos e princípio crítico. Os historiadores da economia em particular usam sofisticadas técnicas de análise estatística de dados. A história escrita é então uma combinação — em diferentes proporções e em diferentes estudos — de elementos “científicos” e não científicos, às vezes um complementando o outro, às vezes os dois em tensão. Cada historiador tende para um lado ou outro, mas eles precisam combinar ambos os elementos em alguma proporção com o objetivo de produzir algo de valor.

O senhor acompanha a profícua interlocução da História da Educação com a Nova História Cultural? Como avalia a confluência entre História e Educação, entre práticas culturais e práticas educacionais e entre cultura popular e movimentos educacionais?

³⁰ Ver Revista Educação em Questão, Natal, v. 28, n. 14, p. 215-219, jan./jun. 2007

Peter Burke: Não li muito da história da educação, mas um historiador da cultura como eu não posso ignorá-la.

Quando comecei a pesquisar o século XVI admiti passar um ou dois anos estudando a educação renascentista, lendo textos das escolas e universidades do período — mas não havia como conseguir financiamento para tal. Na ocasião publiquei um artigo sobre a História da Educação, e porém o que me interessa em particular que espero, minha palestra em Uberlândia tenha demonstrado, é a educação no sentido mais amplo do termo, aquela aprendida na família, na hora do recreio, na rua, na oficina, no bar ou no café, lendo jornais e assistindo à televisão, assim como nas salas de aula ou bibliotecas das escolas ou universidades.

Segundo Maria Lúcia Pallares-Burke, uma das suas paixões historiográficas é construir pontes entre culturas, disciplinas, línguas, lugares — e então atravessá-las, com vistas largas, para conhecer o que existe do outro lado.

Que investigação hoje faria de História da Educação?

Peter Burke: Por esta razão, não tenho planos de escrever sobre a educação, no sentido preciso do termo. Meu livro sobre a história social do conhecimento, inspirado parcialmente por Karl Mannheim, centra-se no conhecimento acadêmico porque era o que eu mais conhecia, mas tentar situar esse tipo de conhecimento num contexto mais amplo, de “conhecimentos” alternativos, e dizer algo a respeito dos encontros entre eles, as tais “pontes” mencionadas. [...]

No nosso entender, assim como a história da educação, a história das ciências não pode ser ignorada pelo historiador da cultura³¹, pois seu objeto de estudo possui mais similaridade com o objeto da história do que com o das ciências propriamente ditas.

Em sendo assim, plagiando Maria Lúcia Pallares-Burke sinalizamos que nossa intenção com o presente estudo foi localizar, na história de vida do Dr Anísio e sua História enquanto *monumento*, as *pontes* para que pudéssemos atravessá-la com *vistas largas*, para localizarmos os documentos que iluminassem a origem e os desdobramentos do seu *Espírito Científico* nas Histórias da Educação e das Ciências no Brasil.

Para tanto visitamos documentos que atestam e/ou se reportam as múltiplas histórias que estruturam ou atravessam a história de vida de Dr Anísio, ou sejam, as da sua cidade e região, as de membros da sua família, as dos jesuítas; as do surgimento campos de saberes e de instituições diversas; as das instituições que frequentou e/ou que dirigiu; entre outras que se fizeram necessárias para atingir os objetivos propostos.

Entretanto, como a relação do pesquisador com o documento é marcada por intencionalidades, fomos separando do conjunto dos documentos localizados, os que consideramos mais significativo para a pesquisa em curso, de forma que pudessem contribuir com a comprovação da premissa previamente estabelecida a partir das categorias estabelecidas.

Segundo Le Goff (1990), “o documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver”.(LE GOFF, 1990, p.547)

³¹ A Nova História Cultural, herdeira dos Annales, representa uma revolução historiográfica na medida amplia a possibilidade de estudar a sociedade por múltiplos aspectos a saber: políticos, econômicos, sociais e culturais. Com isso valoriza sujeitos, temáticas,, representações, entre outros, que até então eram colocados à margem do processo histórico. Peter Burke (1991, p.126) considera como a mais importante contribuição dos Annales a expansão do campo da História por diversas áreas, incorporando desde áreas do comportamento humano até campos em que se investiga o percurso de grupos sociais, em geral omitidos pelos historiadores tradicionais. Esse processo de extensão do território das investigações históricas se deve à descoberta de novas fontes e novos métodos para as pesquisas, bem como a seu caráter interdisciplinar. A esse respeito, ver: Chartier (1990), Lopes e Galvão (2001), Pesavento (2005).

Os documentos produzidos por Dr Anísio e outros que se relacionam diretamente ou indiretamente a ele, atestam tal afirmação. Múltiplas perspectivas vem orientando diferentes leituras sobre tais documentos nas sucessivas épocas e, conseqüentemente, possibilitando a elaboração de novas produções acadêmicas.

O presente texto é apenas mais uma leitura, na qual, destacamos o pensamento de Anísio Teixeira pelo viés da nossa premissa de ser Dr Anísio detentor de um Espírito Científico e que este muito contribuiu com o desenvolvimento da educação e de algumas ciências no Brasil..

A partir do estudo da categoria desdobramentos deste *Espírito*, procuramos demonstrar o quanto o pensamento de Anísio Teixeira é atual e, portanto, passível de ser referência para outras pesquisas que busquem um aprofundamento maior de pontos circunscritos pelo escopo do presente estudo. O estudo da categoria influências, por outro lado, mesmo se referindo a contextos e acontecimentos do início do século XX, colocam em evidência algumas vivências familiares e escolares que são referendadas na atualidade como, por exemplo, intercâmbios acadêmicos, ensino de ciências, incentivo a leitura, ficção científica, entre outras.

Como toda pesquisa, seja de que cunho for, necessita de uma revisão de literatura, o procedimento metodológico inicial foi a realização de uma pesquisa exploratória, cujo o material selecionado, para não fugir dos objetivos estabelecidos no projeto, foi submetido a uma seleção que orientou a determinação de etapas posteriores.

O estudo tem um delineamento qualitativo, baseado em pesquisa documental e bibliografia.

Elegemos como principais fontes da pesquisa, produções de Dr Anísio, ao longo da vida, aí incluídas, livros; artigos; planos; relatórios; discursos; entrevistas; correspondência; fotos; entre outras. E como fontes complementares, as correspondências respostas, às enviadas e/ou recebidas por Dr Anísio; as produções de membros da rede de sociabilidade, sejam elas de cunho acadêmico, familiar, fraternal ou política; legislações do período; bem como outros documentos diversos, tais como revistas, boletins, etc, sobre e/ou produzidos por autores e/ou instituições que investigam a temática, ou conteúdos afins.

Os procedimentos de coleta se constituíram, exclusivamente, de visitas presenciais e virtuais a determinados espaços para a localização de documentos. As presenciais se concentraram na biblioteca e arquivo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, bem como o da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, ambos em Brasília. Além destes visitamos, também, o Memorial do Colégio Antônio Vieira – CAV e a Biblioteca do Departamento de Educação da UFBA, ambos em Salvador. As visitas virtuais, com o mesmo objetivo, foram realizadas em sites institucionais ou não, nacionais, como por exemplo CPDOC-FGV, e internacionais, como o da UNESCO e da Columbia University.

Toda documentação localizada passou por uma triagem sendo, posteriormente, classificada e fichada. Gradativamente os títulos foram selecionados para leitura e análise. A partir deste processo inicial, a medida que se fez necessário, foram feitas novas buscas e adicionados novos documentos que passaram pelo mesmo tratamento dispensado aos documentos selecionados inicialmente.

Nossa intenção com tal procedimento, como referido anteriormente, foi montar um mosaico que contribuísse para elucidar as categorias propostas para o estudo.

O levantamento da documentação privilegiou, também, conteúdos que contribuíssem para com a compreensão de conjunturas anteriores ao recorte temporal do estudo. O nosso objetivo com tal incursão foi verificar as transformações que foram ocorrendo ao longo do processo histórico não só no tocante a área da educação e das ciências como, também, na vida social. Esta tomada de decisão acabou por orientar a estruturação da presente monografia na forma que se segue: Capítulo I, aborda as transformações do pensamento ocidental estabelecendo um paralelo com o pensamento de Anísio Teixeira sobre tais transformações e Capítulo II, aporta apontamentos das Histórias da Educação e das Ciências no Brasil. A partir dos embasamentos construídos nestes dois capítulos foram estruturados os Capítulos III e IV, ambos focados em dar visibilidade às influências e desdobramentos do *Espírito Científico* de Dr Anísio. E, finalmente, no Capítulo V as últimas produções do nosso pesquisado foram colocadas em tela, forma a verificar as permanências e transformações do seu pensar cientificamente.

Portanto, o presente texto monográfico é resultante de uma ampla e intensa investigação, bem como de um conjunto de recortes de diversas e diferentes fontes - algumas iconográficas - que nos levaram, de acordo com as nossas reflexões, a construir o caminho que consideramos mais plausível para comprovar nossa premissa, bem como a desenvolver as categorias propostas para estudo.

Esclarecemos que ao longo do texto construído, adicionamos alguns recortes de documentos ou na íntegra. A inclusão de tais documentos, a maioria, retirados de produções do próprio Anísio Teixeira e de alguns outros autores, teve a intenção de exemplificar ou destacar questões que consideramos mais relevantes. Com tal conduta acreditamos poder aguçar a curiosidade de outros pesquisadores para novas rotas investigativas. Esclarecemos, também, que mesmo a *análise do discurso* não fazendo parte da nossa proposta metodológica, as sinalizações observadas em algumas retóricas presentes em alguns destes documentos serviram para ilustrar o grau de envolvimento dos atores ao se exprimirem sobre determinadas temáticas, pois expressam sentimentos e pensamentos que justificaram determinadas ações. Para completar ressaltamos que a habilidade discursiva adquirida por muitos representantes da geração de Anísio Teixeira, inclusive ele, foi adquirida durante processos formativos. No caso de Dr Anísio, por influência de professores como, por exemplo, o Pe Cabral, mestre do CAV.

Estética e retórica são dimensões da formatação historiográfica, mediante as quais o saber histórico adquire as propriedades com as quais pode “inserir-se na vida”. Na dimensão estética, pela linguagem, que abarca as disposições e intenções pré e extracognitivas dos sujeitos interpelados. Na dimensão retórica, pela teleologia da interpelação, que abarca os modos, os modelos e estratégias da argumentação lingüística sempre presentes na orientação prática da vida e na constituição da identidade. Ou seja: abarca o discurso teórico, que opera como código cultural em uma dada sociedade (RUSEN, 2007, p. 36).

Portanto, reforçando o mencionado anteriormente, a metodologia não ancorou-se na análise do discurso e nem teve a pretensão de aprofundar certas questões políticas e/ou sociais. A inclusão de alguns textos selecionados na sua íntegra ou na forma de recorte estendido

funcionou apenas para dar relevo ou compor cenários que desejávamos demonstrar. Tal iniciativa teve a intenção de abrir espaços para trazer para o corpo do texto falas que expressassem ideias e iluminassem ações de uma determinada época, principalmente, as que ainda possuem ressonância na atualidade e que, na nossa percepção, perderiam força se fossem seccionadas e apresentadas apenas como citações, notas de rodapé ou anexos.

No nosso entender, tal estratégia é passível de ser admitida, pois não só atesta e enriquece os posicionamentos e procedimentos adotados em uma dada época como, também, ilumina fontes que podem, ao ser apresentadas na sua íntegra, despertar o interesse de pesquisadores iniciantes³² para propor questões de estudo.

Como mencionado, o resgate dos registros escritos pinçados e organizados dentro da estrutura textual que definimos englobou escolhas que fizessem sentido para o que nos propusemos a investigar pois,

Pesquisa é o processo da constituição narrativa de sentido, no qual a relação à experiência, presente em todo pensamento histórico, se exprime de maneira a que essa constituição de sentido adquira determinada relevância cognitiva. [...] A apresentação historiográfica é, por conseguinte, um modo da constituição narrativa de sentido, no qual domina o fator da relação público-alvo, de dirigir-se a alguém mediante o pensamento histórico (que, aliás, sempre é pensado para alguém, para um público ou para um grupo de pesquisadores, por exemplo). É determinante desse modo e de sua especificidade científica o ponto de vista da relevância comunicativa. Ela diz respeito à receptividade das histórias. Ela consiste em que a recepção do saber histórico apresentado pela historiografia possa ocorrer, na vida prática, de modo sustentável. (RUSEN, 2007, p. 28)

Nesta linha de raciocínio tivemos o cuidado de ao registrar pessoas e fatos correlatos aos períodos dos contextos postos em tela, acrescentar notas explicativas de rodapé e localizá-las no espaço e no tempo, pois

[...] datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de nomes. (BOSI, 1992, s/p).

Ao agirmos dessa forma, tencionamos facilitar não só a leitura e compreensão dos resultados que ora apresentamos como, também, de remarcar a riqueza dos entrelaçamentos epistemológicos que envolvem a temática e as categorias de estudo.

A história do conhecimento não é única. É decorrente de acúmulos de avanços ininterruptos. Sendo assim, destacamos que as escolhas que fizemos, na perspectiva de entrelaçarmos múltiplos eventos e impossíveis de serem totalmente cobertos, encontram-se circunscritas ao nosso olhar sobre a questão e ao tempo que dispúnhamos para a investigação. Em sendo assim, acreditamos que as explicações adicionadas na forma de notas de rodapé auxiliam no preenchimento de possíveis lacunas e, quiça, contribuirão para novos olhares sobre a tema.

³² Refiro-me, principalmente, as pesquisas de IC e de cursos de especialização.

CAPÍTULO I – ANÍSIO TEIXEIRA E AS TRANSFORMAÇÕES DO PENSAMENTO OCIDENTAL

Na realidade, toda a vida humana é um esquema coerente de idéias, compreendendo teorias do homem, do conhecimento, da sociedade e do mundo. Como tais teorias são, todas elas, fundadas na teoria do conhecimento, faz-se esta a teoria-chave, não só para iluminar e esclarecer as demais, como, sobretudo, para comandar as conseqüências da filosofia, como um todo, sobre o processo educativo.

Anísio Teixeira

1- O Espírito Científico de Dr Anísio

Antes de iniciarmos a tarefa de discorrer e discutir as observações de Dr Anísio sobre o processo de transformação do pensamento ocidental, consideramos importante apresentar o caminho percorrido até identificarmos a presença de um *Espírito Científico* em Anísio Teixeira. Nesse processo, a tarefa de delineamento de tal *Espírito* acabou por justificar, de certa forma, a existência do presente capítulo.

Em sendo assim, esclarecemos que ao tempo que fomos realizando a pesquisa exploratória para selecionar e classificar o material que daria suporte a elaboração do projeto definitivo do estudo, e conseqüentemente às discussões do objeto, percebemos que não obstante o grande interesse demonstrado por Anísio Teixeira sobre questões relacionadas às ciências, documentado através de manifestações orais e escritas, bem como por interesse em participar de eventos vinculados ao campo das ciências e em apoiar pesquisas de cunho científico, só conseguimos localizar algumas poucas referências³³ em que as etapas de execução investigativa tinham sido realizadas por Dr Anísio. Algumas dessas referências foram sinalizadas por Dr Thales de Azevedo³⁴, em texto de sua autoria e publicado nos cadernos do Instituto Anísio Teixeira - IAT, em 1989, com o título de *A Ciência na Trajetória Espiritual de Anísio*. Nas notas, como Dr Thales faz referência no texto, afirma que: “o que importa é evidenciar o pensamento do grande baiano em relação à ciência”(AZEVEDO, 1989, p.43). Thales de Azevedo se refere ao texto como notas, pelo fato do mesmo possuir menos de quatro páginas datilografadas e apenas conter alguns exemplos sobre o interesse de Anísio Teixeira pelo campo das ciências. Tal observação foi importante, pois ficava evidente que Dr Thales apenas desejou exemplificar o interesse de Anísio Teixeira por ciências. E isso pode ser comprovado pela seguinte observação complementar: “Esse exame exigiria o cometário do muito que deixou nosso insigne coestaduano” (ibid, 1989, p.43).

Portanto, motivada pela afirmação de Dr Thales de que os exemplos citados na publicação eram apenas uma pequena amostra do envolvimento de Dr Anísio com as ciências, e por outras referências localizadas por nós que apontavam no mesmo sentido, elaboramos o projeto e iniciamos a pesquisa. Mas, mesmo assim, ainda mantivemos a dúvida se poderíamos considerá-lo um pesquisador e portanto detentor de um *Espírito Científico*. Isto em decorrência de não termos, cabe reforçar, localizado a priori um quantitativo de projetos e

³³Ver capítulo que trata da formação nos colégios jesuítas.

³⁴Thales Olympio Góes de Azevedo (1904-1995). Baiano soteropolitano, formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1927. Até o final da década de 1930, seus trabalhos científicos foram quase todos voltados para a área estritamente médica. A partir de 1940 reorientou a sua produção intelectual na direção dos aspectos sociais da saúde e da medicina.

FonteCPDOC:http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/thales_de_azevedo. Acesso 22/06/2016.

relatórios de pesquisa que indicassem a participação de Anísio Teixeira em todas as etapas de um processo investigativo. Tal questão nos parecia fundamental para que pudéssemos considerá-lo um “homem de ciências” e, portanto, detentor de um tipo de pensamento que pudesse ser considerado científico e que desse sentido a pesquisa que ora iniciávamos.

Por outro lado, a mesma pesquisa exploratória já sinalizava que Anísio Teixeira não só frequentava eventos relacionados ao campo do saber das ciências, como filiou-se a associações científicas, assumindo inclusive, em alguns períodos, a presidência. Além disso, demonstrava, também, grande familiaridade com temáticas afins ao campo das ciências, como por exemplo, o hábito de citar renomados cientistas e/ou relevantes produções em explanações orais, bem como escritas. Cabe ressaltar que para além do mencionado, Dr Anísio demonstrava ter internalizado uma certa importância ao conhecimento científico que se refletia quando discorria sobre questões referentes às ciências. Além disso Dr Anísio demonstrava, também, grande domínio e muita desenvoltura para gestar projetos de cunho científicos quando assumia cargos diretivos e/ou consultivos. Coube então a seguinte indagação: Estas não são características observadas em alguns *homens de ciências*?

Na busca por compreender melhor o que inicialmente considerávamos um paradoxo, chegamos a citação que se segue:

[...] a ciência concreta, a de nosso cotidiano, jamais teria sido criada e mantida viva, se este homem de ciência não houvesse aparecido, pelo menos em grandes linhas, em grande número de indivíduos e durante longos séculos. É claro, não considero automaticamente um homem de ciência aquele que sabe manejar instrumentos e métodos julgados científicos. Penso somente naqueles cujo espírito se revela verdadeiramente científico. (EINSTEIN, 1981, p.88)

Ninguém melhor do que Albert Einstein, um dos mais renomados físicos contemporâneos, para dirimir tal dúvida. Anísio Teixeira era um “homem de ciências”, e isso se revelava e se comprova pela presença de um *Espírito* verdadeiramente científico.

Portanto, para iniciarmos o delineamento do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira, tomamos como referência um texto de sua autoria e elaborado para uma aula inaugural proferida na no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Sul em 02 de março de 1955 a convite do Conselho Universitário, cujo o rascunho datilografado encontra-se sob a guarda do CPDOC³⁵. em pasta classificada - AT pi Teixeira, A. 1955.03.01/1 - , no qual o verbete explicativo sobre o documento explicita que o mesmo “ [...] Prega a atualização do espírito científico entre os homens cujo fim é a integração entre o conhecimento teórico e empírico.” (CPDOC/FGV,s/data, s/p.) Este texto é um dos citados no artigo de Thales de Azevedo, referido anteriormente, cujo o objetivo foi ilustrar o interesse de Dr Anísio pelo campo das ciências.

Ao se referir ao texto, Dr Thales faz a seguinte observação: “Desse acervo destaca-se uma peça de extraordinária importância, sua aula inaugural na Universidade Federal do Rio Grande do Sul na abertura dos cursos de 1955. Nessa longa lição magistral, a que deu o título de O espírito científico e o mundo atual”. (AZEVEDO, 1989, p, 43) Este texto de Dr Anísio e

³⁵Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil d a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas.-FGV.

suporte da aula inaugural, é parte integrante de uma publicação de 1956, em formato de livro, nomeada de *A Educação e a Crise Brasileira*, que abriga um conjunto de artigos de sua autoria. Ao ler-se o documento, observa-se que Dr Anísio apresenta o aspecto evolutivo e progressivo nas relações estabelecidas pelo homem com o ato de conhecer. Neste, a medida vai desenvolvendo suas ideias e argumentações, deixa aflorar elementos que não só demonstram a presença como permite delinear características do seu *Espírito Científico*. Um *Espírito* não só conhecedor dos primórdios do pensamento ocidental, como do processo de desenvolvimento deste pensamento até o chegar ao pensar cientificamente. *Espírito* que vai ao encontro da linha defendida por Bachelard no tocante às rupturas e limites que vão sendo estabelecidos e observados nesse processo.

Como ponto de partida para a escrita do texto Anísio Teixeira elege o funcionamento do cérebro, o que pode ser constatado a seguir:

Desde as épocas imemoriais, pode-se admitir, no homem, um como duplo funcionamento do cérebro, levando-o já a ajustamentos realísticos com o meio, já a transfigurações de certos aspectos do meio para uma adaptação simbólica à existência. Para o ajustamento realístico dispunha do saber prático ou empírico; para o ajustamento simbólico ou espiritual, do saber mítico ou religioso. Pelo conhecimento prático, o seu cérebro modificava o meio em que vivia; e pelo conhecimento mítico, por um lado, o romantizava, para melhor suportá-lo e, por outro, dêle, de certo modo, se evadia. (TEIXEIRA, 1958, p.1)

Da citação destacamos a tentativa de Dr Anísio de explicar a percepção da existência pelo homem desde tempos remotos e nesse processo destacar a plasticidade do cérebro, o que na atualidade faz parte do campo de estudos da neurociência e temas correlatos, como por exemplo cognição. Entretanto, como destaca o próprio Anísio Teixeira, sem perder de vista de que: “a evolução biológica, o progresso³⁶ humano, intelectual e social, não é algo de sempre contínuo e fluente, mas um processo também de saltos e mutações”(ibid,1958, p.1), ou seja, de rupturas, como defende Bachelard. E nesse ponto também, a colocação de Dr Anísio vai ao encontro de ideias que sustentam a *Teoria da Evolução* de Charles Darwin. Teoria inicialmente restrita ao campo da biologia, mas que posteriormente passa a ser a referência de alguns estudiosos de estudos de outros campos de saberes como, por exemplo, as ciências sociais.

Como a principal rota do nosso processo investigativo foi traçada a partir de referências que vinculam-se às áreas das ciências e da educação, consideramos importante revisitar alguns aspectos das transformações do pensamento ocidental que justificam o surgimento das mesmas, bem como estabelecer neste processo um paralelo com produções que pudessem contribuir para com o delineamento do seu *Espírito Científico* de Dr Anísio. Esclarecemos, entretanto, que tais paralelos foram, predominantemente, estabelecidos com o texto destacado como magistral por Thales de Azevedo, bem como do artigo *Filosofia e Educação* publicado, em 1959, pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. No entanto, para melhor retratar as

³⁶Em historiografia e em filosofia da história, o progresso (do latim “Progressus”, avanço) é a ideia de que o mundo pode se tornar gradativamente melhor no que diz respeito à ciência, tecnologia, modernização, liberdade, democracia, qualidade de vida, etc. Disponível em: <http://isignificado.com/significado/Progresso> ; Acesso em 10 de dezembro de 2015.

transformações do pensar do ocidente adicionamos citações e comentários complementares de outros textos de autoria de Dr Anísio, bem como de outros autores.

Portanto, o objetivo do estudo que sustenta o capítulo em tela foi delinear linhas mestras da transformação do pensamento ocidental, buscando localizar as reflexões de Dr Anísio sobre as mesmas. Nossa expectativa fundamentava-se na ideia de que através das considerações de Anísio Teixeira sobre as transformações do pensamento ocidental, conseguiríamos detectar pistas que nos levariam a desvelar circunstâncias e motivos que possibilitaram o desenvolvimento do seu *Espírito Científico*.

Concomitantemente a este propósito buscamos, neste breve mergulho sobre as transformações do pensamento ocidental, identificar as implicações das mudanças de paradigmas ocorridas na transição do século XIX e XX para com o surgimento de novas propostas pedagógicas. Cabe ressaltar que algumas das discussões iniciadas nesse período subsidiaram reflexões de Anísio Teixeira no campo educacional.

Em suma, consideramos relevante a compreensão da sistematização do conhecimento ocidental para melhor situar o pensamento e ações de Dr Anísio e, conseqüentemente, encontrar indícios que reforçassem a existência de um *Espírito Científico* em Anísio Teixeira e que pudessem sustentar explicações de desdobramentos deste *Espírito* no seu percurso de vida.

Em sendo assim, cabe destacar que nos primórdios do processo de busca de conhecimento não havia uma divisão do que ia sendo apropriado em áreas específicas. As temáticas de que se ocupava a filosofia, primeira tentativa de estudar os problemas fundamentais relacionados a existência, não se separava das temáticas das diversas ciências como ocorre na atualidade.

No início e, em certa medida, por muitos séculos da era cristã, a filosofia englobou todos os ramos do conhecimento puro, em contraste com o que chamavam *artes* ou *técnicas*. Somente a partir da baixa Idade Média e mais especificamente ainda do Renascimento, as diversas ciências se diferenciaram e a filosofia se definiu em seus limites atuais.

Portanto, são os apontamentos resultantes desse breve estudo, que engloba filosofia e ciências, realizado com a intenção de reforçar nossa premissa sobre a existência de um Espírito Científico em Dr Anísio e subsidiada inicialmente por pesquisa exploratória, com destaque para as afirmações extraídas do livro de autoria de Albert Einstein e do artigo de Thales de Azevedo, citados anteriormente, que apresentamos os tópicos que se seguem.

Cabe destacar que no processo histórico do pensamento ocidental, verifica-se momentos de defesa do dualismo radical que coloca em polos opostos as discussões sobre ciências e humanidades. Tal destaque é relevante, pois pontua uma discussão que é incorporada por Anísio Teixeira ao abordar temas afins em exposições orais e escritas, e que, em certa medida, corroboraram para com uma melhor compreensão sobre a sua percepção quanto a relação entre estes campos de saberes.

Nunca poderíamos ensaiar o nosso modo atual de vida, sem as transformações tecnológicas que a ciência moderna nos trouxe. E nunca teríamos chegado a tal ciência sem a revisão da "fórmula" grega do conhecimento.

Anísio Teixeira

Desde a sua origem, o homem sempre cuidou de obter conhecimento sobre os objetos que o cercam. Essa necessidade, motivada por algo instintivo relacionado a sobrevivência biológica, não só gerou um conhecimento primitivo vinculado à necessidade de controle dos fenômenos naturais como, também, formas diferentes de perceber a natureza.

Apesar dessa necessidade primeira de um conhecimento mínimo relacionado à sobrevivência, a Grécia Antiga vivenciou o surgimento de uma perspectiva cognitiva, por mera curiosidade intelectual, no que se refere ao ato de obter conhecimento. As pessoas que cultivavam essa busca do saber pelo saber, foram chamadas de filósofos – *os que amam ou buscam a sabedoria*. Entretanto,

[...] antes de quaisquer formulações explícitas de filosofia, a humanidade havia elaborado as culturas em que vivia imersa e que lhe davam os instrumentos para a ação e para a fantasia, para o trabalho e para o consumo, para o prazer e para o sofrimento. Tais culturas continham em estado de suspensão, digamos assim, as teorias que viriam depois a ser formuladas expressamente. Baseadas em costumes e rotinas imemoriais, as culturas, quando a história delas nos deu conhecimento, já apenas podiam mudar por acidente ou por pressões externas, por choques e conflitos, desprovida a prática dos atos humanos de qualquer elemento intencional e mesmo de qualquer plasticidade para mudança ou progresso percebidos e ordenados. Tudo leva a crer que nem sempre foi assim e que períodos houve em que a humanidade praticou e aprendeu pela experiência, com poder criador considerável. A domesticação dos animais, a produção de animais híbridos, a confecção de ferramentas e instrumentos, a organização social e religiosa, com toda a complexidade de ritos e instituições, demonstram que o homem usou amplamente a inteligência e a usou com eficácia e corretamente. (TEIXEIRA, 1959, p.14-15)

E Dr Anísio complementa:

Com o apogeu das "civilizações" é que vamos encontrar os homens mergulhados em um estágio de triunfo e estagnação, mais devotados ao lazer e à suntuosidade do que à criação, endurecidos e cristalizados em intricados contextos de costumes, ritos e rotinas. Os sofistas e Platão não eram, assim, os reveladores da vida grega, mas os seus reformadores. Ao investirem contra os costumes e as práticas correntes, tão hirtos e mortos, que pareciam decorrer da adaptação cega do homem aos seus rudes apetites e necessidades, criaram virtualmente a sociedade dinâmica que se iria fundar na mudança e no cultivo da mudança. (TEIXEIRA, 1959, p.15)

A partir desse estágio civilizatório a filosofia passa a ser um campo de disputas entre concepções antagônicas ou sejam: platônicos versus metafísicos, materialistas versus idealistas, empiristas versus racionalistas, marxistas versus liberais, entre outras.

A filosofia ocidental começa no fim do século VII a.C, com os gregos de uma colônia grega existente na cidade portuária de Mileto. Localizada em um ponto estratégico na costa da Ásia

Menor, Mileto se favorecia do contato com pessoas de outras nacionalidades que viviam no interior – na Lídia³⁷, na Pérsia³⁸, e na própria Babilônia³⁹. (HAMLYN, 1990)

Na citação que se segue, são apresentados fragmentos do pensamento milesiano, período pré-socrático, que já sinalizam um esboço do que poderia ser considerado como ciências primitiva.

[...] a alegação de Aristóteles de que Tales [primeiro dos denominados filósofos milésios] dissera que o “primeiro princípio” de todas as coisas era a água, e a tese subsequente proposta por Anaxímenes, sucessor de Tales, de que as diferentes matérias são formadas de ar mediante processos recíprocos de condensação e rarefação, parecem ciência primitiva – uma tentativa antiga de identificar a natureza básica da realidade física e explicar como os fatos observáveis de coisas físicas são derivados das mesmas. Ainda assim, o mais longo dos três fragmentos que temos dos escritos de Anaxímenes (se foram escritos) diz que o ar envolve todo o mundo, da mesma maneira que nossa alma, “sendo ar”, nos mantém íntegros e nos controla. O que quer que mais fosse, a alma era para os gregos o princípio da vida. O ar ou a respiração eram as indicações mais claras da vida. Daí a conexão entre alma e ar. A implicação, porém, era que o mundo em geral possuía também vida e alma. Se assim era, a escolha do ar por Anaxímenes como matéria básica não teria sido determinada exclusivamente por considerações físicas. Este pensamento seria uma mistura de diferentes elementos. (HAMLYN, 1990, p. 9-10)

Nos referimos a fragmentos, ao apresentarmos a citação, buscando ser fiel a seguinte explicação: “[...] fragmentos. Isto é tudo que temos dos escritos dos denominados filósofos pré-socráticos, os filósofos que antecederam Sócrates. Esses fragmentos foram preservados por autores gregos posteriores”. (ibid, p. 9-10)

Ao analisarem os escassos registros desses períodos iniciais, estudiosos registram o pequeno interesse dos primeiros filósofos pelos seres humanos, que se restringia a visualizá-lo como parte da natureza.

No período clássico da história da Grécia Antiga, séculos V a.C. ao IV a.C., viveram os “sofistas”⁴⁰ e Sócrates, Platão, Aristóteles como, também, Isócrates⁴¹. Esse período é caracterizado como sendo o apogeu da cultura grega; do desenvolvimento da pólis grega; da consolidação da democracia grega e por Atenas ter se tornado o principal centro político, econômico, artístico e filosófico, do mundo helênico. Tal período é destacado, também, pelo início da fase antropológica, ou seja, uma reflexão filosófica voltada às questões humanas e seus precursores foram os sofistas. Os estudos filosóficos formais nascem, assim, como estudos de educação. “Os sofistas foram os primeiros educadores profissionais da civilização ocidental”. (TEIXEIRA, 1959, p.1)

Nesse período o conceito de educação alcança o que seria o estatuto de uma questão filosófica. Segundo Teixeira (1959), “as relações entre filosofia e educação são tão intrínsecas

³⁷ Atualmente território turco.

³⁸ Região Sul do Atual Irã.

³⁹ Atualmente a região do Iraque.

⁴⁰ Os sofistas nomeiam grupos de mestres que viajavam de cidade em cidade realizando aparições públicas para atrair estudantes, dos quais cobravam taxas para oferecer-lhes educação

⁴¹ Isócrates, chamado de o Pai da Oratória, porque foi o primeiro a escrever discursos, que serviam de modelo a seus discípulos. Foi ele que implantou a Retórica no currículo escolar de Atenas.

que John Dewey pôde afirmar que as filosofias são, em essência, teorias gerais de educação”. (ibid, 1959, p.1) E complementa:

Está claro que se referia à filosofia como filosofia de vida. Sendo a educação o processo pelo qual os jovens adquirem ou formam "as atitudes e disposições fundamentais, não só intelectuais como emocionais, para com a natureza e o homem", é evidente que a educação constitui o campo de aplicação das filosofias, e, como tal, também de sua elaboração e revisão. Muito antes, com efeito, que as filosofias viessem expressamente a ser formuladas em sistemas, já a educação, como processo de perpetuação da cultura, nada mais era do que meio de se transmitir a visão do mundo e do homem, que a respectiva sociedade honrasse e cultivasse. E, como que para confirmá-lo, não deixa, por isso mesmo, de ser significativo o fato de a primeira grande formulação filosófica, no Ocidente, se iniciar com os mais evidentes propósitos educativos. Os primeiros filósofos são também os primeiros mestres, procurando reformular os valores da sociedade e, na realidade, reformar a educação corrente. (ibid, 1959,p.14)

Ao “olhar para a Antigüidade, chegamos à Paidéia grega que, consubstanciando aquela formação humana mais completa, já continha o germe do que mais tarde se denominou educação integral – formação do corpo e do espírito”. (COELHO, 2008, p.85)

A ideia grega de *Paideia* estava ligada a um ideal de formação educacional, que procurava desenvolver o homem em todas as suas potencialidades, de tal maneira que pudesse ser um melhor cidadão. Definir o que significa esse termo é uma tarefa ingrata e sua interpretação tem variado com o passar do tempo, se vinculando ao tipo de sociedade que se quer desenvolver [ou preservar]. (LOPES, 2011, p.48)

Cabe lembrar que Anísio Teixeira foi o responsável por uma experiência pioneira de proposta de educação integral desenvolvida no Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque), na Bahia, nos anos 50. E que esta experiência serviu de inspiração para outras experiências brasileiras similares como por exemplo, os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), criados no Rio de Janeiro, por Darcy Ribeiro, enquanto secretário de Educação do governo Leonel Brizola na década 1980.

Tal observação é importante, pois ilustra períodos equidistantes e com contextos bem diferentes, mas cuja a preocupação com a formação do ser humano encontra-se centrada em abordagens mais espalhadas, mas que, ao menos teoricamente, tinham como foco uma formação para a vida. Portanto, quiça, mais significativa dentro das configurações possíveis de cada um desses contextos.

Quanto ao pensamento filosófico, em apenas três séculos foram propostos quase todos os macros temas de que este se ocupou ao longo da história. Sócrates foi o principal representante do período. “O traço distintivo dessa civilização, na frase de André Siegfried^[42], desde então consistiu no hábito de tratar os problemas à luz da razão, libertado do mágico, do supersticioso e do irracional ". (TEIXEIRA, 1959,p.1)

⁴² André Siegfried foi um geógrafo francês (1875-1959), conhecido por seus trabalhos sobre política americana, canadenses e britânicos.

As ideias de Sócrates são divulgadas por Platão, discípulo de Sócrates. Portanto, “é difícil formar uma idéia segura do que era Sócrates. Tudo o que temos é o Sócrates descrito por Platão – e dificilmente podemos considerá-lo como coerente”.(HAMLYN,1990, p. 33)

As investigações sobre a natureza do conhecimento começaram no século IV a.C, quando na Grécia Antiga, Platão funda uma escola de filosofia - a Academia, em um bosque a noroeste de Atenas, para difundir as ideias de Sócrates. Para tanto Platão escreve vários *Diálogos*. “Em alguns de seus diálogos, notadamente no Fédon e Mênon, Platão transforma essa prática em método de formação e teste de hipóteses”.(ibid,1990, p. 33) E Hamlyn (1990) exemplifica:

No Fédon em particular, Sócrates descreve um método mediante o qual uma hipótese é formulada e testada em seguida em busca de coerência. Se sobrevive ao teste, o procedimento seguinte consiste em derivar a hipótese de outra que seja “mais alta”, e novamente de outra “mais alta” ainda, até chegar-se a “alguma coisa adequada”. Provavelmente, o que se descreve nesse exemplo é um método para levar à convicção em algum assunto e não necessariamente um método para chegar-se à verdade. (HAMLYN,1990, p. 33)

De acordo com Platão, a excelência do conhecimento consistia na matematização. As formas mais puras de conhecimento eram formas idealizadas e que, portanto, só eram vislumbradas na realidade mundana.

A compreensão da época era a de que todas as questões oriundas do conhecimento genuíno já vinham incrustada na alma humana desde o nascimento. Exemplo disso é o diálogo de Sócrates com o escravo Menon⁴³ centrado no ensinamento da geometria. No diálogo fica explícito que a tarefa de instrução era apenas levar até a consciência ideias que sempre estiveram na alma do jovem Menon.

Aristóteles, discípulo de Platão, que por sua vez foi discípulo de Sócrates, discordava dessa visão. Sendo portanto, um dos primeiros a ir contra as ideias filosóficas que não levavam em consideração o mundo natural. Isso, quiza, por Aristóteles ter tido atuação na área da saúde e ter aprendido a observar sintomas para diagnosticar o problema e receitar a melhor forma de tratamento.

Na Idade Antiga (século VI a.C. a século IV d.C.), as ideias de Aristóteles configuram-se como exceções do período, pois a aceitação predominante era a da natureza como imutável e não sujeitável à ação humana. Cabia, portanto, aos seres humanos, apenas conhecer as regras da natureza e o homem como constituinte dela, submeter-se às mesmas. (ASSMANN, 2007)

Para os gregos a natureza era tudo que existia e se caracterizava por: 1) Ser composta de matéria orgânica com existência determinada - enfraquecer, murchar e deteriorar - os gregos acreditavam que sem a decomposição nada poderia surgir novamente; 2) desenvolver um movimento circular que determinava a repetição de processos semelhantes, tais como o aparecimento e desaparecimento das estrelas no céu e o nascimento, crescimento, envelhecimento e morte dos seres vivos; 3) acreditar, baseado na filosofia grega, que a essência de cada ser é singular.

⁴³ Segundo Paterlini, Mênon é um dos diálogos menores de Platão. Nele o autor coloca Sócrates dialogando com o estudante Mênon, o qual pretende que Sócrates lhe explique o que é a virtude. Em uma certa passagem do diálogo Mênon pede ao mestre que lhe explique o por que de sua opinião sobre o aprendizado. Platão, através de Sócrates, propõe que nada aprendemos, mas apenas nos recordamos de conceitos que já sabíamos através de nossa alma. Para demonstrar a afirmação, Sócrates utiliza conceitos matemáticos.
<http://www.dm.ufscar.br/hp/hp157/hp157001/hp157001.html> (Acesso março, 2016)

Segundo Platão, as estrelas fixas e os planetas giram em esferas cristalinas em torno de esferas em torno da Terra (Ptolomeu junta epíclis a essas esferas, o que nada altera a ideia central dos gregos). Como os processos nos céus, os processos terrestres foram representados por epíclis; surgir e desvanecer: tudo se repete eternamente. Numa tal cronologia, não há evolução de espécies biológicas, nem evolução das estrelas. A própria natureza é eterna, isso é não criada e imperecível. Não há um criador da Natureza, pois essa mesma é o princípio daquilo que surge e desaparece. (KESSELRING, 2000,p.156)

Os filósofos gregos dessa época, contrapõem o conceito de Natureza (*physis*), ao conceito de Arte e Artesanato (*téchne*). A vida orgânica era o paradigma do *physis*. Não por acaso esse paradigma foi utilizado por muitos filósofos gregos quando tratavam de questões referentes ao Estado ou ao cosmo. Para os gregos, o organismo é a imagem arquetípica do Estado e do cosmo. O interesse grego pela natureza do conhecimento repercutiu através da tradição intelectual do Ocidente.

Aristóteles que não era de Atenas, mudou-se muito jovem para lá e ingressou na Academia de Platão, na qual permaneceu por 20 anos. Posteriormente, com o falecimento de Platão, fundou sua própria escola - o Liceu.

Para Aristóteles, a ciência propriamente dita é uma investigação das formas assumidas pela natureza. Os objetos naturais têm certas formas e as mudanças que podem sofrer são limitadas por elas: nada pode provir de nada. A palavra aqui traduzida como “forma” é a mesma que Platão usou para suas Formas e também a mesma que é amiúde traduzida no contexto aristotélico como “espécie”. Aristóteles nada queria com as Formas platônicas. (...) Ainda assim, há um sentido em que a visão aristotélica das coisas continua imbuída de platonismo. Suas teorias de espécies e gêneros são produtos de maneiras humanas de classificar coisas e, nessa medida são, por assim dizer, de autoria humana. Mas esta não é absolutamente a visão de Aristóteles. Para ele, como para Platão, a natureza tem forma, contém espécies. E as espécies são, na verdade, os aspectos persistentes da natureza, sendo as coisas particulares transitórias em um ou outro sentido. (HAMLYN,1990, p. 52)

Há indícios de que na sua obra biológica Aristóteles estudou Zoologia. Entretanto, talvez seja mais conhecido como fundador da lógica formal, mais especificamente a teoria do silogismo⁴⁴.

Alega-se geralmente que o modelo de ciência de Aristóteles foi a biologia e, às vezes, diz-se que sobre muitos assuntos ele generalizou a partir do que é válido em biologia. Isto é um exagero, embora seja verdade que as obras biológicas constituem parte muito considerável do corpus aristotélico. Era formidável seu conhecimento de fenômenos biológicos, mesmo que ele frequentemente se enganasse em questões de detalhe e até em questões de observação. Mas sua concepção do que acontece no campo da biologia é a mesma que tem da natureza em geral. O estudo da natureza é o da mudança em corpos naturais e dos conceitos que entram em nossa compreensão dessa mudança – conceitos como os de lugar, tempo, vazio e infinito. A obra intitulada *Física* é uma compilação de discussões sobre tais coisas e se encerra com um argumento majestoso, embora sem fundamento, sobre a existência de um

⁴⁴Raciocínio lógico dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições (premissas), das quais se obtém por inferência uma terceira (conclusão) [p.ex.: "todos os homens são mortais; os gregos são homens; logo, os gregos são mortais"].

primeiro motor – algo responsável pelo movimento de outras coisas sem se mover em si. Aristóteles acha que tal fonte primária é necessária para que mudança ou movimento existam absolutamente. O argumento em relação a essa fonte tem muito em comum com o que mais tarde foi chamado de argumento cosmológico da existência de Deus – precisamos postular a existência de Deus se queremos tirar algum sentido dos aspectos que observamos no mundo. O primeiro motor é, na verdade, o Deus de Aristóteles e merece este nome em outras partes de sua obra. (HAMLYN, 1990, p. 53-54)

A explicação formulada por Aristóteles (384-322 a.C) sobre o Universo como um sistema fechado e de estrutura bem definida e harmônica foi endossada quase que na sua totalidade por Ptolomeu⁴⁵ e por São Tomás de Aquino⁴⁶, passando a ser aceita pela religião católica como justificativa para explicar a concepção de que o Universo é fruto de uma criação divina.

A partir do século IV d.C., a religiosidade fortalecida aniquilava as cogitações dos estudiosos que se interessassem por discutir e procurar as causas dos fenômenos naturais, pois passariam a ser percebidos como hereges e dignos de punição.

Em sendo assim, são as ideias de Aristóteles sobre o Universo que prevalecem na Idade Média. Os dogmas da fé são estendidos sobre as instituições e os indivíduos. Nesse período cristaliza-se a ideia de natureza como reflexo da vontade de Deus e a filosofia torna-se subordinada ao cristianismo.

Não queremos dizer que não se possa fazer uma distinção entre filosofia e teologia, ou entre razão e fé. Na verdade, a questão da relação entre as duas teve um papel a desempenhar no debate. Queremos dizer que a filosofia não ocupava mais uma posição independente. Ela era estudada principalmente por pessoas que eram também teólogos, figuras fundamentais na história da Cristandade. Constitui um dos pontos altos da revolução do século XVII na filosofia, ligada principalmente ao nome de Descartes, que, por mais que devesse em idéias à filosofia medieval, ela assinalou a recuperação, pela filosofia, do status autônomo que tivera entre os gregos. (ibid, 1990, p.80)

Colocações referentes a distinção entre filosofia e teologia, ou razão e fé, destacada pelo autor da citação, como já comentado anteriormente, podem ser observadas no discurso proferido pelo jovem Anísio, no Colégio Antônio Vieira - CAV, por ocasião da festa de reencontro de ex-alunos, em 1924, como pode ser conferido a seguir:

Recebemos, nesses collegios de jesuítas, espalhados por toda parte e sempre identicos, onde nos formamos, mais que uma instrucção. Tivemos uma educação do pensamento. Deram-nos vistas de conjuncto lucidas e aprofundadas sobre a philosophia, (...) Hoje, pode se dizer que existem dous modos de ser da intelligência perante o incognoscível. Ou a adhesão plena aos dogmas da fé, ou a adhesão condicional aos dogmas da ciência.. (TEIXEIRA, 1924, p.2).

⁴⁵ Astrônomo da escola de cientistas grego de Alexandria no século II.

⁴⁶ Filósofo cristão do século XIII.

No período em que estudou no CAV, Anísio Teixeira teve contato com disciplinas científicas como fica explícito em Capítulo específico desta monografia, mas os dogmas da fé foram mais fortes e, por muito pouco, não os tornam um jesuíta.

Trinta e três anos após a elaboração do discurso da festa do CAV, Dr Anísio escreve o texto o *Espirito Científico e o Mundo Atual*, para aula inaugural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste artigo Dr Anísio demonstra um profundo conhecimento sobre a Antiguidade e destaca a relevante contribuição da Grécia à História da Epistemologia, bem como para as mudanças ocorridas no período Moderno. Provavelmente seu contato com a *História da Teoria do Conhecimento* tenha se iniciado no CAV e se alargado com a graduação em Direito, mas foram os intercâmbios estudantis e profissionais nos EUA e Europa que consolidaram sua percepção sobre as aceleradas e profundas mudanças em curso na contemporaneidade.

Retornando ao texto o *Espirito Científico e o Mundo Atual*, ressaltamos que Dr Anísio destaca, principalmente, o período histórico comumente conhecido como *Milagre Grego*, sobre o qual demonstra estar consciente dos limites e das necessidades imperativas de novas visões para superar as condições dominantes vigentes na Grécia do período. Nesse sentido Anísio Teixeira faz referência ao início de sinais de mudança na forma de conceber e tratar o saber humano, como pode ser observado no trecho que se segue:

O milagre resultou da ocorrência de uma classe intelectual liberta de maiores preocupações materiais, e, dêste modo, dos temôres mais aflitivos, além de curiosamente desligada de vínculos sacerdotais. A "democracia" helênica, nessa atmosfera, assim tranquila e segura, produziu um grupo de intelectuais, marcados de singular independência em relação a certos aspectos da tradição, que empreende, nada mais nada menos que a análise, a crítica e a classificação do saber humano existente - não, entretanto, do saber prático, de logo o digamos, que êste não merecia sequer, para uma classe que o não praticava, o nome de saber - mas do saber representado pelos mitos, conceitos e interpretações predominantes entre os cidadãos livres das suas cidades. (TEIXEIRA, 1956 p.1)

Explicado o *Milagre Grego* no âmbito da *História do Conhecimento*, Dr Anísio passa a discorrer e argumentar no mesmo texto sobre as contribuições gregas, dando destaque para a introdução do critério racional, ainda que vinculado ao poético e místico, para em seguida destacar o início da sistematização do saber humano existente na Grécia, explicitando que este utilizava um critério racional que valia-se de um processo de análise, de crítica e de classificação, mas que ainda se restringia ao estético, muito mais vinculado ao poético e místico, que ao prático ou realístico. Ou seja, a forma de organizar o pensamento nesse período já se baseava em um processo racional, mas a fonte de informações que alimentava o processo ainda era poética e mística. Dr Anísio destaca, também, que o ambiente democrático existente na Grécia, facilitou o sucesso de tal iniciativa. E prossegue, ressaltando no texto, que nesse processo evolutivo o “homem, entretanto, continua dividido entre a necessidade de compreender o universo e a si próprio, para obter a sua integração estética ou religiosa, e a necessidade material, contingente de subsistir”. (TEIXEIRA, 1956, P.2) E complementa fazendo referência a Platão, destacando que o passo dado nesse período foi enorme, referindo-

se à *especulação metafísica consciente* e concluindo que *seria um absurdo desejá-lo mais completo*, no que se refere ao período histórico que colocou em tela. (TEIXEIRA, 1956)

As necessidades de integração mais profunda ou mais alta - as necessidades da alma, no sentido em que Platão usa o termo - valiam-se do pensamento mítico; mas, já agora, graças ao mesmo Platão, transformado em especulação metafísica, consciente, deliberada, independente e por isto mesmo, tolerante e progressiva, embora sem maior exame, baseada na observação do senso comum, cujos métodos - ao contrário dos especulativos - não pretende o novo saber grego desenvolver nem renovar (TEIXEIRA,1956,p.2).

No recorte do texto acima, Anísio Teixeira faz referência ao início do processo de observação e ao início da tentativa explicativa dos gregos, mas ainda baseada no senso comum. Afirma que eles formulam, retificam e libertam o processo especulativo da mente humana, mas o reajustam à observação do senso comum. E conclui tal ideia dizendo: “Não chegaram à revisão do processo de observação; mas aí não chegaram porque não lhes poderia ocorrer ainda questionar o próprio senso comum”. (ibid,1956, p.3)

Percebe-se claramente que Dr Anísio discorre e tem consciência disso, ou seja, dos limites do período denominado por Bachelard de *estado pré-científico*. E reforça isso quando destaca que o que diferencia a teoria do conhecimento de John Dewey da de Platão é que no último o interesse do espectador fica restrito a “contemplar o universo, para de algum modo o explicar, do que em dominar-lhe os processos, para de algum modo o controlar”. (ibid,1956,p.3) O controle de variáveis é um indicativo de início do estado científico, o que é confirmado por Bachelard. No texto Anísio Teixeira destaca ainda, que esse primeiro momento do processo histórico foi importante e explica isto ressaltando que foi a partir da tentativa de elaborar esquemas de interpretação de si e do mundo que foram abertas as possibilidades para elaboração de novos esquemas. “A descoberta não estava tanto na compreensão obtida, como na idéia de esquemas, tentativas, ensaios de compreensão e interpretação. A experiência intelectual grega vale, sobretudo, pelo carácter de hipóteses, de plausibilidades, que passou a dar às criações do espírito” (ibid,1956,p.5). E complementa enfatizando que:

Para os gregos, note-se, pensamento era atividade; mas, atividade do espírito, não envolvendo o corpo, nem a matéria, e constituindo algo de superior às atividades que importassem em atos materiais de manipular e fazer. Pensar era parcela de atividade divina no homem, sendo Deus o "ato puro", sem mistura com a matéria. Os homens tanto melhor pensariam quanto mais usassem o espírito e mais distanciados ficassem das contingências materiais. Baseado nêsse pressuposto, o senso de harmonia dos gregos, ajudado pelas circunstâncias históricas, levou-os a classificar como atividade perfeita a da mente em busca do conhecimento do imutável e eterno, em oposição à de procurar conhecer o mutável, efêmero e passageiro. A filosofia e a ciência eram o conhecimento e a contemplação do absoluto, que constituía a base perene e eterna do fluxo aparente das cousas. O outro saber, o saber mecânico das artes ou o saber prático dos homens, era saber imperfeito e inferior, contingente à condição humana, mas insuscetível de elevá-los ao quase divino da pura contemplação das idéias e das verdades puras.(ibid,1956, p.5).

A afirmação de Dr Anísio de que para os gregos, o *pensamento é atividade*, mas uma *atividade do espírito* que não envolvia o corpo é interessante, pois tal observação já sinaliza a discordância de Anísio Teixeira com essa forma de pensar.

Já caracterizado no presente estudo como *Homem de Ciência*, e reconhecido por seus pares e por pesquisadores da atualidade como *Homem de Ação*, pode-se inferir que por ser um homem de ciências e de ação, o *Espírito Científico* de Anísio Teixeira validava atividades que englobassem espírito e corpo, ou seja, pensamento e ação. Portanto, o *pensamento científico* de Dr Anísio ia de encontro às atividades meramente contemplativas e/ou míticas, ou seja, o que Dr Anísio deixa claro nos argumentos expressos no artigo em tela, é que não basta conhecer. É necessário conhecer para agir. Nesse sentido vai procurando ampliar ao longo da sua trajetória de vida adquirir conhecimentos sobre as ciências e seus métodos, bem como sobre as tecnologias decorrentes, como será demonstrado posteriormente.

Cabe, entretanto, já destacar que apesar da centralidade que a área das humanidades ocupará na sua formação básica, percebe-se uma certa sensibilidade e predisposição em certas ações desenvolvidas por Dr Anísio em momentos anteriores ao da publicação do texto em tela, ou seja, o *Espírito Científico e o Mundo Atual*, de estabelecer comparações e interconexões que apontam uma certa postura, desde muito jovem, de observador atento e desejoso de obter respostas e definir atitudes a partir de informações embasadas por pesquisas científicas. Enfim, pesquisas que envolviam metodologias científicas. Metodologias contactadas inicialmente por, quiza, curiosidade intelectual e vivências em aulas de ciências, como as desenvolvidas pelo Pe Torrend, um de seus mestres no CAV, mas que tornar-se-á esteio da sua conduta profissional. Neste sentido, observa-se uma crescente preocupação de Dr Anísio em fundamentar suas proposições em diagnósticos, dados estatísticos, resultados de pesquisas publicadas por estudiosos, entre outras iniciativas, e que vai se acentuar depois que retorna das viagens que faz a Europa e aos Estados Unidos, entre os anos de 1924 e 1928, período em que esteve na direção da Instrução Pública do Estado da Bahia, em especial, depois da conclusão do curso de mestrado no “Teachers College” da Universidade de Colúmbia, em Nova York.

Voltando ao comentado no texto *O Espírito Científico e o Mundo Atual* destacamos: “suprimiram os gregos, é certo, a linhagem cabalística, mítica e ritual dos sacerdotes, dos profetas e dos magos, mas para criar, não ainda a dos cientistas, como os entendemos hoje, e sim a dos escolásticos⁴⁷, antecessores dos nossos professores de hoje”. (ibid,1956,p.6).

Cabe destacar que Dr Anísio faz referência a supressão pelos gregos da forma como o mundo era percebido e apreendido pela humanidade até aquele momento e para tanto pontua o surgimento de uma nova classe intelectual, predominante nas universidades medievais europeias, caracterizando-a, como pode ser observado a seguir, da seguinte forma:

A nova classe intelectual, já destacada da sacerdotal, está interessada no conhecimento pelo conhecimento; é uma nova espécie de contemplativos, cheios de curiosidade, no sentido alto da palavra, mas de curiosidade pelo reino do absoluto, do imutável e do eterno, e de desdém pelo mundo contingente, mutável e frustrado dos mortais. (Um novo sacerdócio, o cristão, alguns séculos a seguir, viria apoiar nêsse dualismo a sua teologia e, por mais alguns séculos, retardar a marcha da inteligência

⁴⁷ Escolástica ou escolasticismo (do latim scholasticus, e este por sua vez do grego σχολαστικός [que pertence à escola, instruído]) foi o método de pensamento crítico dominante no ensino nas universidades medievais europeias de cerca de 1100 a 1500.

humana, mumificando a filosofia e ciência dos gregos como algo definitivo e perene, de que o espírito humano não mais pudesse nem devesse libertar-se). (ibid,1956, p.6)

Cabe destacar que Dr Anísio faz referência a curiosidade dos escolásticos por se interessar em conhecer, desvelar, como um aspecto importante a ser considerado nesse grupo de intelectuais. Isso é perceptível quando complementa sua afirmação com a seguinte colocação: “nova espécie de contemplativos, cheios de curiosidade” e em seguida a observação de: “no sentido alto da palavra”.(ibid, 1956.p.6) Para logo após fazer a ressalva de que, entretanto, a curiosidade ainda encontrava-se ancorada no “reino do absoluto, do imutável e do eterno, e de desdém pelo mundo contingente, mutável e frustrado dos mortais”. (ibidem nova espécie de contemplativo” (ibid, 1956.p.6) e frisa a dualidade entre o *reino do absoluto* e o *mundo contingente* dos mortais. Em seguida chama atenção para o fato desse dualismo ter servido de apoio para que um novo sacerdócio, ou seja, o cristão, séculos depois, retardasse “a marcha da inteligência humana”. (ibid, 1956,p7)

Abriremos um parentese nos comentários sobre o pensamento ocidental, para ilustrar uma observação que Dr Anísio faz, a partir de um ponto de vista do Pe Leonel Franca (1893-1948). Este um jesuíta, doutor em Teologia, escritor laureado com o prêmio Machado de Assis da ABL e que escreveu o livro *O método pedagógico dos jesuítas*, publicado postumamente.

No livro de sua autoria nomeado de *Humanismo e Idade Moderna*, publicado em 1947, Pe Leonel França caminha na direção diametralmente opostas da que defende Anísio Teixeira sobre a relação entre filosofia e ciências e é um exemplo do que Dr Anísio considerava um retardo da marcha que mumificou a filosofia e ciência “como algo definitivo e perene, de que o espírito humano não mais pudesse nem devesse libertar-se”,(ibid, 1956,p.7) conforme pode ser observado a seguir:

Enquanto o utilitarismo, parcial, limitado e estreito, não aspira senão a adaptar o homem à sua ambiência material, o humanismo rasga os horizontes e o coloca em cheio num mundo harmonioso, aberto a todas as exigências materiais, morais e religiosas de sua natureza una e complexa. Esta caracterização do humanismo, simples e concisa, já é suficiente para situá-lo em face do mundo contemporâneo. (...) As diferenças artificiais ou de superfície esbatem-se na penumbra, ante esta comunhão profunda em que cada indivíduo ou cada povo contribui para o bem geral com todos os tesouros de perfeição humana, acumulados pela sua cultura pessoal ou nacional. Cria-se assim uma atmosfera espiritual, à qual todos, seguindo os impulsos profundos da própria natureza, se podem entregar de toda a alma. Intensifica-se a coesão pela cooperação. “O Humanismo é o bem comum; o traço de união dos espíritos mais diversos; é a unidade humana reconquistada pelo aprofundamento do ser que cada um traz em si; é uma comunhão universal neste absoluto por que ativamente aspira todo homem, como acabamento supremo de sua natureza. (FRANÇA., 1947, p.1)

As considerações de França (1947) é um exemplo da referência feita por Anísio Teixeira de que um “ novo sacerdócio, o cristão, alguns séculos a seguir, viria apoiar nêsse dualismo a sua teologia” (TEIXEIRA,1956, p.6) e que este sacerdócio acentua a divisão, enaltecendo a superioridade do humanismo. Dr Anísio indignado com tais considerações comenta, de forma generalizada, a posição de intelectuais como o Pe Leonel França como pode ser constatado seguir:

Como se pode conceber que alguém venha a considerar inumanos êsses desenvolvimentos e a buscar em filosofias peremptas os segredos do humanismo, a não ser que este alguém conserve realmente da vida a antiga idéia grega de que só a contemplação intelectual e estética, privilégio de poucos, seja fim digno do homem? Só a paradoxal conservação desse "ideal" em amplos grupos de intelectuais e a recusa da nova ciência (para sobreviver) em elaborar a sua própria filosofia explicam o recrudescimento intermitente das tendências de manter os dualismos, em que se apoiavam a filosofia e a ciência grega e medieval.(TEIXEIRA, 1955,p.33)

Na citação Dr Anísio destaca que a posição desses intelectuais contribui para resgatar com maior intensidade a alternância verificada em um determinado período da história do conhecimento, no qual as questões estudadas eram sempre abordadas a partir dos seus opostos, ou seja, a partir de concepções antagônicas de negação.

Para reforçar a posição assumida por Dr Anísio Teixeira adicionamos a seguinte observação deste, referente ao período grego: “entre os gregos, não havia sequer, dualismo entre filosofia e ciência” (ibid,1955,p.35).

A não dualidade entre filosofia e ciências (pré - ciências) entre os gregos são condizentes com as limitações epistemológicas do período, muito diferente da contemporaneidade vivenciada por Pe Leonel França. Nesse sentido, Dr Anísio discordava dos intelectuais que assumiam posições de enaltecer a filosofia (humanismo) a partir de críticas ao *progresso* das ciências. Na percepção de Dr Anísio esta postura fortalecia a defesa de colocar em posição de confronto os saberes das áreas de ciências e humanidades, o que não concordava. Acreditava Dr Anísio no que já vem sendo harmonizado na atualidade, ou seja, no potencial de abordagens complementares. Podemos identificar tal ideia na seguinte colocação:

Por certo que o conhecimento dos fatos e suas leis e o conhecimento dos valores, isto é, dos fins, objetivos e propósitos do homem, constituem campos diversos da investigação humana. Mas, não há razão para que o segundo não possa ser objeto do mesmo processo de descrição, análise e controle por que passam os fatos do mundo físico. Conhecidos que sejam, cientificamente, aqueles valores, restará, sem dúvida, o problema de escolha e de preferência, isto é, o problema da aplicação de tal conhecimento, como, aliás, também no mundo físico, conhecidos os seus fatos e leis, resta o problema de sua aplicação.(TEIXEIRA, 1958, p. 16)

E para ilustrar o que defendia acrescenta o seguinte exemplo:

A ciência da eletricidade não nos manda fazer a lâmpada ou o motor elétrico, habilita-nos a fazê-lo. E se os fazemos é para atender uma necessidade humana. Ora, as necessidades humanas são também fatos, que podem ser estudados, como são estudados os do mundo físico. A ciência ou ciências dos fatos sociais, econômicos, políticos e morais irão habilitar-nos, como as ciências do mundo físico, a realizar os fins humanos.(TEIXEIRA, 1955,p.16)

Demonstrando que discordava dos que cultuavam o dualismo entre o saber científico e valores, complementa:

A ciência aumenta o poder do homem sobre a natureza, mas não lhe ensina a governar as suas escolhas, as suas preferências, os seus fins. A realidade porém, é que tais fins tem uma origem e uma história, surgem, afirmam-se, mudam e se desenvolvem, do mesmo modo que os processos do mundo físico. O homem tem crenças a respeito do mundo físico e a respeito dos fins porque luta, das diretrizes que deve adotar, dos bens que deseja atingir e dos males que pretende evitar. O estudo destas últimas crenças pode também ser feito cientificamente. A ciência também nos poderá dar sua gênese e desenvolvimento, e revelar-nos o meio de as controlar. Do mesmo modo que damos como certos e seguros os fins mais óbvios da vida: saúde, alimentação, casa, vestuário, etc. - os chamados “fins materiais da vida”; também haveremos de chegar a dar segurança e controle aos chamados fins superiores ou espirituais: o do Governo da liberdade humana, o da realização da fraternidade e o da felicidade pessoal e coletiva. E, talvez, conforme lembra/Dewey, esteja aí uma função específica da filosofia da nossa época.(TEIXEIRA, 1955,p.16)

Na atualidade esta colocação de Dr Anísio vai ao encontro de discussões levantadas pelo *Pensamento Complexo* (MORIN 2000a; MORIN, 2000b; PETRAGLIA, 2001; MARIOTTI, 2001). E Dr Anísio reforça tal ideia quando afirmar que na Grécia,

Uma e outra eram a mesma coisa ou quando muito aspectos diversos, porém integrados do mesmo empreendimento humano. Fosse Platão, mais dominado pelas preocupações matemáticas, fosse Aristóteles, mais envolvido nas considerações lógicas e na classificação e demonstração das cousas, temos em ambos o filósofo e o cientista trabalhando de mãos dadas. O conhecimento filosófico fundava o conhecimento científico e ambos se integravam em uma só cosmologia e uma só metafísica (TEIXEIRA, 1958, p.7)

Entretanto, mesmo reconhecendo o “Progressus” do denominado *Milagre Grego*, à época, Dr Anísio ressalta que esse conhecimento pouco produzia e revelava-se impotente e desinteressado ante aos problemas de transformação das condições do mundo. E deixa isso explícito quando afirma que esse conhecimento,

[...] continuava a ser transformado, limitadamente e muito lentamente, pelo saber empírico, tradicional, ou de raro em raro ocorrente; pelo saber de experiência feito, pelos conhecimentos práticos e inexatos - assim julgados e na verdade imperfeitos - de “mestres” e “oficiais”, dos artezões, que já existiam na Grécia e continuaram pelo tempo adiante a progredir nas linhas restritas e apartadas da aprendizagem pela ação e pelo trabalho. Os descobrimentos e invenções não eram feitos pela filosofia ou pela ciência, mas por aqueles práticos. (Salvo o episódio de Arquimedes, ainda ao tempo dos gregos, mas que não teve seqüência, nem consequência). A filosofia e a ciência antigas estariam, com efeito, preocupadas talvez com a ordenação social da vida humana, porém nada tinham a ver com o seu progresso material. (TEIXEIRA, 1958,p.15)

Portanto, é sobre esse progresso material ressaltado por Dr Anísio e sua consequente vinculação com o período das Ciências Modernas que se ocupa a tópico que se segue.

3 – A Ciência Moderna e seu Método

Com os progressos da observação e da experimentação científica, passamos a uma nova teoria do conhecimento. Este já não é o resultado da pura atividade mental a

que se referiam os gregos, mas o produto de uma série de operações materiais e concretas, inclusive as operações mentais, também elas materiais e corpóreas. Não só a teoria do conhecimento, mas também o seu objeto foram modificados, pois, o material e não apenas o mental, o mutável e não apenas o imutável, o temporal e não apenas o eterno passaram a ser os novos e verdadeiros objetos do conhecimento humano. (TEIXEIRA, 1958 , p.17)

Nos séculos XII e XIII, o ser humano já passa a merecer maiores preocupações. Obras dos antigos gregos e romanos começam a ser traduzidas e lidas nos castelos e mosteiros medievais, e depois nas primeiras universidades. Os tradutores e copistas, eliminavam o que lhes parecia irrelevante e modificavam trechos que consideravam heresias religiosas. Todo esse movimento faz ressurgir o interesse dos estudiosos pelas coisas da natureza, voltando a predominar no século XIV a curiosidade, motor essencial para o surgimento do saber circunscrito às áreas das ciências. Surge, então, um desejo de libertação do indivíduo, antes preso a um rígido sistema que determinava todas as coisas em função de um Deus único. Tal situação influi para o estabelecimento de novas discussões teológicas sobre o conhecimento. Inaugura-se, então a Renascença (fins do séc. XIV e o fim do séc. XVI) na qual as questões filosóficas não assumiram grandes destaques no período.

Talvez pareça um paradoxo que um período que presenciou o florescimento de tanta coisa mais – da ciência, da arte, e da literatura – tenha sido também aquele em que a filosofia esteve em baixa-mar. Não obstante, isso é um fato. Ao mesmo tempo, não se pode negar que a ascensão da ciência, em particular – especialmente na pessoa de Galileu – exerceu uma influência profunda. Quando a filosofia galgou novamente as alturas no século XVII, sobretudo na pessoa de Descartes, a ciência natural tornou-se a influência dominante. Descartes representa também um rompimento com muito do que houve antes. Parte de sua linguagem e maneira de pensar lembravam a escolástica, como o estilo e o contexto institucional da filosofia característicos da Idade Média vieram a ser chamados. Suas principais idéias, porém, constituíram uma espécie de revolução na filosofia, cujas origens, como tantas outras revoluções, não são inteiramente claras. (HAMLYN,1990, p. 110)

Com a inauguração da Idade Moderna (século XIV/XVI), a natureza passa a ser objeto da ciência. Apesar disso, segundo Kesselring (1992), o pensamento cristão medieval persiste na primeira fase dos tempos modernos e tem papel relevante no surgimento das ciências naturais modernas.

A ciência, no sentido como a entendemos hoje, é relativamente recente. Ela só foi elaborada na modernidade⁴⁸ com a *Revolução Científica Moderna*, ou seja, um processo de mudanças que se desenrolou do início do século XVI até meados do século XVII. Entre estes séculos ,

⁴⁸ Modernidade: 1. Característica daquilo que é moderno. Em um sentido geral, a modernidade se opõe ao classicismo, ao apego aos valores tradicionais, identificando-se com o nacionalismo, especialmente quanto ao espírito crítico, e com as idéias de progresso e renovação, pregando a libertação do indivíduo do obscurantismo e da ignorância através da difusão da ciência e da cultura em geral. 2. Nova forma de pensamento e de visão de mundo inaugurada pelo Renascimento e que se contrapõe à escolástica e ao espírito medieval, desenvolvendo-se nos sécs.XVI e XVII com Francis Bacon, Galileu e Descartes, dentre outros, até o Iluminismo do séc.XVIII, do qual é a principal expressão.3. A questão da modernidade caracteriza uma controvérsia contemporânea, envolvendo questões filosóficas de interpretação da sociedade, da arte e da cultura. E representada, por um lado, pelo filósofo francês "Lyotard e, por outro, pelo filósofo alemão "Habermas. Lyotard introduz a idéia da "condição pós-moderna" como uma necessidade de superação da modernidade. sobretudo da crença na ciência e na razão emancipadora, considerando que estas são, ao contrário, responsáveis pela continuação da subjugação do indivíduo. De acordo com Lyotard, seguindo uma inspiração do movimento romântico, a emancipação deve ser alcançada através da valorização do sentimento e da arte, daquilo que o homem possui de mais criativo e, portanto, de mais livre. Habermas, por sua vez, defende o que chama de "projeto da modernidade", considerando que esse projeto não está acabado, mas precisa ser levado adiante. e só através dele, pela valorização da razão crítica_ será possível obter a emancipação do homem da ideologia e da dominação político-econômica.

pensadores como Descartes⁴⁹, Locke⁵⁰ e Kant, entre outros, lidaram com questões teóricas e empíricas a respeito do conhecimento. E é desse processo que resulta a ideia de ciência que é, em linhas gerais, a mais adotada na atualidade.

A *Ciência Moderna* que conseguiu articular o método de observação e experimentação com o uso de instrumentos técnicos, sobretudo a partir da criação e utilização do telescópio e o microscópio se desenvolveu, inicialmente, na Europa. Essa nova forma de fazer ciência, que passou a utilizar instrumentos oriundos de avanços tecnológicos é percebida por muitos historiadores como sendo uma grande revolução, pois na Antiguidade e Idade Média as investigações dos fenômenos naturais, bem como as que envolviam seres vivos, não utilizavam nenhum instrumento sofisticado como os citados anteriormente.

Cabe destacar que a *Revolução Científica* modificou substancialmente as ideias sobre o cosmos herdadas da Antiguidade e construiu um novo modelo de ciência oposto às concepções aristotélico-tomistas⁵¹ de Universo e que passa a ser caracterizada como um conhecimento objetivo, metódico, baseado em comprovações que unem experiência e razão, fazendo uso da quantificação e da linguagem matemática.

Portanto para compreender a profundidade das mudanças operadas pela *Revolução Científica* do século XVII, é preciso conhecer, ao menos de forma sucinta, as concepções com as quais ela rompe, isto é, a cosmologia aristotélica⁵².

Nicolau Copérnico, astrônomo polonês, foi o primeiro pesquisador a elaborar uma hipótese sobre o cosmos que diferenciou-se totalmente da elaborada por Ptolomeu e que vigorou por muitos séculos. No *heliocentrismo*, como ficou conhecida a hipótese de Copérnico, o sol é o centro do Universo e os planetas, incluindo a Terra, gravitavam em torno da órbita do sol. Esta hipótese foi posteriormente confirmada por Galileo Galilei, o criador do telescópio. Instrumento decisivo para observação dos corpos celestes. Por meio do telescópio, Galileo pôde perceber imperfeições na Lua e em outros planetas, fato que acabou por contestar a antiga concepção de um cosmos fechado.

Segundo Koyré (2006), a destruição da ideia de cosmos fechado, operada por Galileo, Kepler⁵³, Brahe⁵⁴, dentre outros cientistas, inaugura, a partir do século XVII, uma nova cosmologia ou uma nova forma de se conceber o mundo físico, ou seja: a de que o universo é infinito. Tal concepção pressupunha uma linguagem nova e a matemática seria essa nova linguagem.

Assmann (2007) referindo-se à *Filosofia Moderna*, na qual passa a predominar uma visão naturalista e a vida ativa, destaca o período da Renascença, em que a Europa busca conquistar

⁴⁹ René Descartes (1596-1650): Filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência, mas também obteve reconhecimento matemático por sugerir a fusão da álgebra com a geometria - fato que gerou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que hoje leva o seu nome. Foi uma das figuras-chave na Revolução Científica.

⁵⁰ John Locke (1632-1704): Filósofo inglês e ideólogo do liberalismo e considerado o principal representante do empirismo britânico, assim como um dos principais teóricos do contrato social. Não aceitava a doutrina das ideias inatas e afirmava que todas as nossas ideias tinham origem no que era percebido pelos sentidos.

⁵¹ Concepção baseada na filosofia escolástica de São Tomás de Aquino (1225-1274), e que se caracteriza, sobretudo pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo. Procura portanto integrar o pensamento aristotélico e neoplatônico, aos textos da Bíblia, gerando uma filosofia do Ser, inspirada na fé, com a teologia científica.

⁵² Para Aristóteles, o Universo era finito, isto é, existia somente em uma região limitada do espaço. Esse "lugar" onde tudo ocorria deveria ter uma forma esférica, como uma bola. No entanto, diferentemente de uma bola que dentro só tem ar, o Universo, para Aristóteles, era formado por uma série de esferas, umas dentro das outras, como se fossem camadas. No centro do Universo estava o planeta Terra, que sempre permanecia parado (Geocentrismo).

⁵³ Johannes Kepler foi um importante astrônomo, astrofísico e matemático da época do Renascimento Científico (século XVI e XVII).

⁵⁴ Tycho Brahe, astrônomo dinamarquês nascido no século XVI que efetuou observações com um rigor sem paralelo numa época que antecedeu o surgimento do telescópio. Suas observações serviram de base para as descobertas do astrônomo, Johannes Kepler.

a América, como a época em que ocorre: 1) a Reforma Protestante, com Lutero⁵⁵ e Calvino⁵⁶; 2) o desenvolvimento a Ciência Moderna com Leonardo da Vinci⁵⁷, Bacon⁵⁸, Copérnico, Galileo e Kepler; 3) a inauguração da ciência política, com Maquiavel e Bodin; 4) o rompimento do domínio ideológico da Igreja Romana, com Galileo e Giordano Bruno e 5) uma revolução artística, com Leonardo da Vinci, Michelangelo, Buonarroti, Rafael e El Greco.

No que se refere a ciência moderna, os responsáveis pela criação dentre os quais se destaca a figura de Galileo Galilei, acreditavam que os estudos anteriores em filosofia natural exibiam uma dependência excessiva de especulações metafísicas e um apego ilegítimo à opinião de autoridades, particularmente Aristóteles, cujas doutrinas dominavam a cena filosófica havia mais de 1800 anos. Os novos filósofos contrapunham a isso a observação da própria natureza. É nessa observação – a experiência – que se encontrariam os verdadeiros fundamentos do conhecimento da natureza. Na constituição da nova ciência, tão importante quanto assentar as bases do conhecimento na experiência foi obter essa experiência de forma controlada e sistemática, por meio daquilo que se chamou experimentos. (CHIBERNI, 2014, s/p)

Como exemplo do que afirma na citação acima, Chiberni (2014) faz referência a sequência de experimentos realizados por Galileo para observar como os corpos pesados caíam. Experimentos conhecidos como plano inclinado e que foram descrito no livro titulado de *Discursos e Demonstrações Matemáticas sobre Duas Novas Ciências* (1638). Com este experimento fica comprovada a lei galileana da queda dos corpos, na qual é demonstrado que o corpo percorre distâncias proporcionais ao quadrado dos tempos de queda.

Segundo Chiberni (2014), o exemplo do plano inclinado dá visibilidade a outros pontos importantes na nova forma de abordar os fatos oriundos dos processos contemplativos.

O primeiro é que um experimento só é concebido com vistas ao esclarecimento de um dado problema, previamente configurado na tradição de investigação. Nesse caso, o problema era dado pela suspeita de Galileo de que a tese aristotélica de que os corpos mais pesados caem mais rápido do que os mais leves estava errada. O experimento de Galileo permite resolver essa dúvida de forma objetiva. Um segundo ponto é que os dados brutos de um experimento são pouco ou nada significativos se não forem refinados intelectualmente. No exemplo em análise, deve-se, para chegar à lei de Galileo, “descontar” a interferência de causas espúrias, como o atrito e a imperfeição dos relógios da época (batimento do pulso e relógio d’água, inicialmente). Fazer isso sem mutilar fundamentalmente os resultados é algo que exige perícia e verdadeira genialidade. (ibid, 2014, s/p)

Para finalizar Chiberni (2014) complementa afirmando que a partir do exemplo do experimento de Galileo, citado anteriormente, podemos extrair um segundo traço importante da nova ciência, ou seja:

⁵⁵Martinho Lutero, em alemão: Martin Luther (1483-1546). Monge agostiniano e professor de teologia germânico. Uma das figuras centrais da Reforma Protestante. Contestou diversos dogmas do catolicismo romano, principalmente o da doutrina de que o perdão de Deus poderia ser adquirido pelo comércio das indulgências.

⁵⁶João Calvino (1509-1564). Teólogo cristão francês., que teve uma grande influência na Reforma Protestante.

⁵⁷Leonardo di Ser Piero da Vinci (1452-1519). Importante personagem do Alto renascimento, que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, poeta, músico, escultor, arquiteto, e botânico.

⁵⁸Francis Bacon (1561-1626). Político, filósofo, ensaísta inglês, barão. É considerado como o fundador da ciência moderna.

[...] a preocupação em obter uma descrição quantitativa dos fenômenos, por meio de sua matematização. Vale notar, como contraste, que na visão aristotélica, nem mesmo a física poderia ser matematizada. As leis físicas assumiam, segundo Aristóteles, um caráter puramente qualitativo. Num ensaio publicado em 1623, intitulado *Il Saggiatore* (“O Ensaaiador”), Galileu expressou, numa metáfora que se tornou famosa, sua nova proposta de estudo da natureza, que, como estamos vendo, se tornaria fundamental no desenvolvimento da ciência moderna: “A filosofia está escrita neste grandíssimo livro, que continuamente está aberto diante de nossos olhos (eu quero dizer o universo), mas que não se pode entender se não se aprende a entender a língua, e a conhecer os caracteres nos quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, e os caracteres são os triângulos, círculos, e outras figuras geométricas, sem cujos meios é humanamente impossível entender uma só palavra; sem eles [a filosofia] é um vão caminhar por um obscuro labirinto.” (ibid, 2014 s/p)

Segundo Chiberni (2014), esse novo enfoque de pesquisa nessa área passa a demandar, cada vez mais, o uso de aparelhos de observação e exemplifica tal afirmação dizendo que o próprio Galileu, não só constrói sua luneta, como também o primeiro relógio de pêndulo. E complementa chamando a atenção de que as observações instrumentais tiveram um papel fundamental para a implantação da nova ciência. Entretanto destaca que o surgimento da ciência moderna, na forma como a percebemos na atualidade, não se restringiu ao método de investigar a natureza (CHIBERNI, 2014), como pode ser observado a seguir:

O conhecimento científico não se resume à observação sistemática e registro de fenômenos, sendo encapsulado em teorias. Pois bem: a época de eclosão da ciência moderna (séculos XVI a XVIII) ficou marcada não somente pelo desenvolvimento de novos procedimentos de investigação, mas também pela descoberta de novos fenômenos e, principalmente, pelo desenvolvimento de novas teorias capazes de explicá-los. Tais teorias trouxeram uma nova visão científica do mundo, que contrastava fortemente com a visão então predominante, proveniente de uma mistura de elementos da filosofia antiga e da filosofia e religião medievais. O núcleo das novas teorias da ciência foi constituído gradualmente, pelo trabalho de muitos cientistas e filósofos – sendo que essa distinção ainda não estava claramente delineada na época –, entre os quais estão o já citado Galileu, René Descartes, Christiaan Huygens, Robert Boyle e Isaac Newton. (CHIBERNI, 2014,s/p)

O mundo, segundo Galileu, poderia ser “lido”, interpretado, através de caracteres geométricos. A matemática e a lógica indutiva, mesclada com as concepções filosóficas do século XVII, notadamente o racionalismo de René Descartes e o empirismo dos filósofos ingleses, alinhavaram o sistema científico moderno, cujo desenvolvimento se deu progressivamente até o advento da Teoria da Relatividade de Einstein e da Mecânica Quântica, de Heisenberg e Bohn, na primeira metade do século XX. E Anísio Teixeira enfatiza:

A teoria da evolução, no século dezenove, e a teoria da relatividade, já no século vinte, pontos altos, talvez os mais altos, no desenvolvimento que estamos encarando, é que vêm, afinal, a dar-nos as idéias modernas de hoje, pelas quais passamos a compreender o universo e o homem como processo dinâmico de criação permanente, em que – natureza e homem – não se distinguem, mas são partes do mesmo processo. Nesse processo, há começos, continuidades, repetições, terminações – constantes e variáveis – que permitem plano e previsão. E isso é tudo que agora resta das ideias gregas de sistema, de harmonia, de acabado e de perfeito, de posse, afinal, de conhecimento científico das relações e inter-relações dos processos do mundo físico e do mundo biológico, entramos a produzir,

voluntariamente, as condições necessárias para pô-los mais do que nunca a nosso serviço. (TEIXEIRA, 1955, p.15)

Chiberni (2014) destaca Descartes, entre os filósofos e cientistas do período, para lembrar, exemplificando, que com o mesmo desenvolveu-se uma perspectiva teórica, conhecida como mecanicismo e que esta serviu de paradigma para toda a ciência desenvolvida nos séculos XVII, XVIII e XIX. É o período do denominado *paradigma mecanicista*, ou seja, um paradigma que passa a basear-se no processo mecânico dos movimentos dos corpos.

[...]o mundo corporal é caracterizado por um número muito pequeno de “qualidades primárias”, isto é, inerentes aos próprios corpos: extensão, forma, tamanho, movimento, impenetrabilidade, número e arranjo de partes. É a partir dessas qualidades que todas as demais, como as cores, os sons, os cheiros, os gostos, etc., deveriam ser explicados. Descartes e seus sucessores próximos lançaram, assim, um fértil programa de investigação, que forneceria material de pesquisa por vários séculos, nas mais diversas áreas da ciência, incluindo-se aí a química e a própria biologia. Inegavelmente, parte de sua excepcional fertilidade se devia justamente ao fato de propor uma base extremamente simples para o estudo dos corpos, uma base, além disso, que permitia a implementação plena de um dos dois ideais metodológicos principais da nova ciência, a matematização: formas e movimentos podiam ser tratados geometricamente, dentro da nova ciência mecânica desenvolvida pelos referidos pioneiros. (CHIBERNI, 2014, s/p)

Como complemento ou refinamento, como se refere, dessa visão mecanicista de mundo, Chiberni (2014), faz referência ainda as contribuições de Isaac Newton (1643-1727), físico e matemático inglês, (embora conste nas suas biografias que também foi astrônomo, alquimista, filósofo natural e teólogo), que descreveu a lei da gravitação universal e as três leis de Newton, que fundamentaram a mecânica clássica, como explica a seguir:

Ele obteve sucesso sem precedentes na formulação de princípios teóricos quantitativos precisos para a nova mecânica, mostrando ainda, de forma admirável, como lidar com a questão delicada da idealização e interpretação dos fenômenos, e como pôr a teoria mecânica a serviço da meta de prever e explicar toda uma rica variedade de fenômenos físicos a partir de pressupostos simples. Na mecânica Newtoniana, as leis básicas do movimento foram estabelecidas, com o auxílio de algumas noções físicas novas, como a de massa e força. E, entre as forças, cumpriu papel de destaque a força de gravitação universal. A assimilação filosófica deste último elemento, inteiramente novo, causou muita discussão e mesmo perplexidade, visto que não estava clara – como talvez não esteja até hoje – a questão das causas da atração gravitacional. Seja como for, a nova mecânica funcionava muito bem na explicação e predição dos fenômenos naturais, e constituiu o modelo ou “paradigma” de toda a ciência moderna, até que alguns de seus princípios viessem a ser questionados e modificados no início do século XX. (ibid, 2014, s/p)

Após um longo período de decadência vivenciado na Idade Média, sem nenhum avanço científico relevante, estudiosos europeus iniciam um período de contato com culturas e conhecimentos produzidos por outros povos. O que os impele a voltar a observar os estudos de antigos pensadores, como Aristóteles, Ptolomeu e Euclides.

A ideia de método científico começa a surgir com Roger Bacon (1214-1292), um frade franciscano inglês, cientista, e Francis Bacon (1561-1626) que fixou a base do que Descartes, posteriormente, transformou em método científico.

Segundo destaca Anísio Teixeira,

[...] a ciências deixa de ser apenas a explicação do universo para se fazer o instrumento do seu possível e progressivo controle. A velha profecia de Bacon de que saber é poder fêz-se realidade. Com a aplicação da ciência aos problemas humanos, por meio dos conhecimentos teóricos e técnicos que entrou ela a desenvolver, as artes empíricas se fizeram ou se fazem, em grande parte, obsoletas e, em seu lugar, surgiram e surgem as tecnologias científicas, operando-se, afinal, a real integração dos dois métodos de saber, o racional ou teórico e o prático ou empírico, em um só método, o científico. (TEIXEIRA, 1955, p.15)

Com o método, explicitado na obra *Discurso do Método*, Descartes, influenciado por Nicolau Copérnico e Galileu Galilei, lança os fundamentos do método científico moderno. Neste defende que só a investigação científica pode garantir o desenvolvimento do homem e o domínio do mesmo sobre a natureza.

Depois da definição do método científico por Descartes, o pensador Auguste Comte (1798-1857) o tornou mais abrangente. Na obra de sua autoria titulada de *Lei dos três estados*, afirma que o conhecimento humano perpassou por três estágios evolutivos a saber: 1º) o teológico; 2º) o metafísico; 3º) o positivo. Sobre o terceiro enfatiza, que não se trata mais da busca das causas das coisas, mas das leis efetivas da natureza.

Com essa percepção Comte organiza o conhecimento da natureza, por classes de fenômenos, em cinco ciências distintas: astronomia, física, química, filosofia e física social, além da matemática que, segundo ele, seria a *ciência zero*, pois todas as outras ciências dependeriam, necessariamente, dela. A partir daí, o método científico de Descartes, expandido por Comte, passa a migrar das ciências naturais para as ciências sociais e humanas.

Não obstante tal fato, as tensões entre visões de muitos estudiosos sobre estes campos de saberes persistem e vão de encontro ao pensamento de Anísio Teixeira sobre a questão. Um bom exemplo do que defende Dr Anísio é o artigo Simon Schwartzman, *Ciências naturais, ciências sociais e humanidades*, publicado em 2008, no qual o autor faz referência a polêmica conferência realizada pelo cientista e romancista inglês C. P. Snow, «A Palestra Rede, 1959», proferida em Cambridge como resultado da ampliação de texto publicado em 1956 na revista “New Statesman” com o título «As duas culturas», na qual ele comenta a separação crescente entre a cultura científica e a cultura humanística, ou literária. Segundo Schwartzman (2008), Snow reconhece que era “uma simplificação falar em somente duas culturas, porque frequentemente físicos e biólogos tampouco se entendiam, tanto quanto músicos e escritores. Ainda assim, ele acreditava que a classificação em duas fazia sentido”. (SCHWARTZMAN, 2008, p.2)

No artigo, Schwartzman (2008), destaca que Snow chama atenção para o fato de que de um lado ficavam, de alguma forma, os que faziam ciência, de outro os que faziam literatura, coincidindo com as considerações de Dr Anísio, referida em citação já comentada, na qual ele condena a posição dos, como nomeia, novos humanistas, ao destacar que os mesmos não

pretendem humanizar a ciência e sim, o homem desumanizado pela ciência “por meio de doses intensivas de estudos lingüísticos e literários que, só eles, teriam o dom de re-humanizá-lo”(ibid,2008,p.2) E complementa dizendo que: “Snow se preocupava com a ignorância recíproca e a tensão entre elas”. (ibid,2008,p.2)

Na citação que se segue, percebe-se que na condição de escritor e físico, como faz questão de se apresentar Snow defende, em publicações de 1956 e 1959, que os cientistas são ignorantes em relação à «cultura» enquanto os literatos são ignorantes a respeito da ciência. E que, como afirma Schwartzman (2008) a que a maneira sugerida por Snow para resolver o problema, era via a,

[...] educação das elites. Em vez de uma educação cada vez mais especializada, uma educação ampla, que fizesse, como em Cambridge cinquenta anos atrás, com que as pessoas interessadas em literatura e artes estudassem matemática, e os de vocação científica, artes e literatura. É provável que, por “literatura”, Snow estivesse entendendo também toda a tradição de estudos filosóficos, lingüísticos, legais e históricos que datam, na civilização ocidental, da cultura helenística e romana, assim como a ciência política, a antropologia e história, que começam a se apresentar como “ciências sociais” desde que Auguste Comte inventou a palavra “sociologia” no início do século XIX. Como homem culto, ele certamente considerava estas coisas importantes, e lamentava a pobreza literária da maioria dos jovens científicos engenheiros de seu tempo. Mas não faziam parte da cultura da ciência, e não é possível saber, pela leitura do texto das “duas culturas”, por quê mesmo que elas deveriam ser estudadas e conhecidas. A história do relacionamento entre as chamadas “ciências da cultura”, “humanidades” ou “ciências sociais”, por um lado, e as “ciências da natureza”, por outro, é muito mais antiga e complicada do que o texto de Snow deixa entrever. (ibid, 2008,p.2)

De maneira a complementar as questões colocadas em tela no capítulo até o presente ponto, cabe destacar que as contradições e incertezas ainda observada na contemporaneidade reforçam “o conceito de desordem com a ideia de que as concepções newtonianas⁵⁹ são incapazes de compreender os fenômenos sociais e aqui se insere também o ambiente a partir de um enfoque multidimensional”. (BACKES, 2009 p. 6) As várias revoluções conceituais por que passou a física revelaram suas limitações. Entre elas, a visão mecanicista de mundo do século XX. Em sendo assim, o universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma profusão de objetos distintos, para apresentar-se como um todo indivisível e integrado em uma rede de relações dinâmicas que incluem o observador humano e sua consciência de um modo essencial. Portanto, uma reflexão mais complexa e ecológica.

A física na contemporaneidade, passa a sinalizar para as outras ciências que o pensamento científico não tem que ser necessariamente reducionista e mecanicista, abrindo espaço dessa forma para a validação científica do pensamento complexo e ecológico. (MORIN; KERN, 2003; MORIN, 2005; CAPRA, 1982; 2005), que vem impulsionando novas discussões e inovações nos processos formativos.

Segundo Anísio Teixeira, “as épocas de confusão e conflito no campo das idéias são também as épocas de discriminação, de análise, de reformulação dos problemas e, dêste modo, de reclarificação dos objetivos e diretrizes do espírito humano.” (TEIXEIRA,1955,p.30) E como complemento, faz referência ao fato de que é nesse sentido que Whitehead⁶⁰, afirma “ser

⁵⁹ Notação nossa: referente as contribuições do físico, reconhecido internacionalmente, Isaac Newton.

⁶⁰ Alfred North Whitehead (1861 – 1947). Filósofo e matemático britânico. Renomado pesquisador na área da filosofia da ciência, principalmente no que diz respeito aos fundamentos da matemática.

todo choque de doutrina uma oportunidade”. E é nesse mesmo sentido que demonstra está convicto de que,

[...] as nossas divisões e contradições presentes são muito menos um flagelo, que uma oportunidade.[...] A divisão que o nosso tema [ciências e Humanismo] traz a debate é a divisão entre o "humano" e o "científico" e o "humano" e o "técnico", divisão e conflito que chegam a se manifestar, com tamanha intensidade, em certos meios ou certos grupos, a ponto de sugerirem soluções extremadas, que se inspiram menos em quaisquer filosofias, que em elementares revoltas contra a ciência e a técnica, e retornos sentimentais aos estudos literários e lingüísticos que, em outros tempos, constituíram os chamados estudos humanísticos. (ibid, 1955, p.30)

Tal posição de Dr Anísio vai ao encontro do pensamento de Rui Barbosa, Thomaz Spinola e Ulisses Vianna, baseados em ideias defendidas por estudiosos renomados da época, expressa em documento apresentado à Câmara dos Deputados em 1882 e titulado de Reforma do Ensino Secundario e Superior - Parecer e Projecto, conforme pode ser constatado a seguir:

A bifurcação do bacharelado em dois ramos distintos, incommunicaveis, é, portanto, um erro de consequências extremamente depravadoras. « Diz-se », escreve um dos mais notáveis representantes da opinião positivista; « diz-se á mocidade, que vem buscar conhecimentos, e põe facilmente a sua confiança nos que se votam a instruí-la : Escolhei: aqui estão duas verdades, igualmente boas, mas contradictorias; duas portas, que vos vão abrir duas carreiras incompatíveis; si entrardes por uma, vireis a ser philosophos; mas desprezareis, e ignorareis a sciencia, que constitue a gloria. do nosso seculo; si penetrardes pela outra, ficareis sabendo essa sciencia; mas desprezareis, e ignorareis esse immenso trabalho do pensamento humano, que constitue a gloria de nossos pais.» [] «Que acontece então ?» pergunta outro escriptor filiado ainda a essa escola[positivista], a que tanto já deve a humanidade. «Que acontece então». Repartida entre dois modos de educação contradictorios, que forçosamente a dividem quanto à maneira de conceber o conjuncto do mundo e suas particularidades, a juventude scinde-se em duas fracções adversas, quo nunca se poderão entender. De sorte que a instrucção, longe do contribuir para a concordia dos espiritos, não faz senão dividil-os mais, e engravecer o mal de que padecemos. E' com esse systema que se obteem, de um lado, advogados, magistrados, administradores, quo poderão ser mui eminentes nas suas especialidades, mas que são baldos de toda a cultura scientifica; do outro, astrônomos, phisycos, chimicos. industriaes, que poderão ser sabios, mas são incapazes do apreciar convenientemente os factos do governo, da politica o da historia». (BARBOSA, SPINOLA e VIANNA, 1882, p.9-10)

Concordando com Dr Anísio e Rui Barbosa⁶¹, destacamos a importância em discutir as questões levantadas por estes dois expoentes estudiosos de gerações distintas, bem como o modo como as pessoas aprendem e qual o lugar da família, da escola e de outros contextos no processo de ensino-aprendizagem. No escopo do presente estudo não adentramos nessas discussões. Nos restringimos apenas, quando possível, em registrar tais pensamentos e listar elementos e situações que se relacionassem com atividades de ensino-aprendizagem que, na

⁶¹ Rui Barbosa(1849-1923) - Atual político, jornalista e advogado brasileiro, nascido em Salvador-Bahia. Através de seus escritos como político ou jornalista percebe-se seu posicionamento acerca da realidade brasileira, que se envolveu em diferentes questões no final do Império. Atuou como deputado geral, em cujo cargo elaborou entre outros, três pareceres importantes a saber: 1) sobre reforma eleitoral; 2)sobre o Decreto n. 7247 de 19 de abril de 1879 de Leônicio de Carvalho, que reformava o ensino em diferentes níveis; 3) sobre a emancipação do sexagenário. Após a proclamação da República foi Ministro da Fazenda e, posteriormente, ficou exilado. De volta ao Brasil, reelegeu-se senador pela Bahia, tendo exercido este cargo por muitos anos. Candidatou-se à presidência da República em 1909 e 1919, entretanto não foi eleito. Sua carreira é marcada pela produção de uma extensa obra, na qual se visualiza o seu empenho para com a modernização da sociedade brasileira.

nossa perspectiva, favoreceram o desenvolvimento de um *Espírito Científico* em Dr Anísio, bem como os desdobramentos e permanências desse *Espírito*, ou seja, a sua forma de pensar ao adentra no mundo do trabalho. Desdobramentos facilmente identificados no quantitativo de produções e intervenções decorrentes de processos de gestão em que esteve a frente e que, de forma direta e/ou indireta, contribuíram com o avanço das ciências e da educação no território nacional. Contribuição que, graças à existência deste pensar cientificamente, conforme procuramos atestar e caracterizar ao longo da monografia, o qualifica para ser analisado pelo viés das múltiplas histórias em curso, sobre o Brasil e, entre estas, a de muitas ciências.

Para ilustrar o que estamos afirmando, ressaltamos que ao citar o filósofo e matemático britânico Alfred North Whitehead (1861-1947), um renomado pesquisador na área da filosofia da ciência, principalmente no que diz respeito aos fundamentos da matemática, Dr Anísio sinaliza interesse por leituras de cunho científico em áreas como ciências naturais e exatas, o que é reforçado quando em carta enviada a Monteiro Lobato faz a seguinte afirmação: *O Huxley fixou-se em mim* - referente a indicação dele para a UNESCO, que o governo brasileiro quis evitar]. Mas, Huxley, diria Dr Anísio para reforçar a informação, “era da Dinastia dos Huxley [biólogo], dos Darwin [biólogo], dos Einstein[físico], e não se deixou vencer”. (TEIXEIRA, 1946)

A citação referente a carta enviada a Dr Lobato, bem como outras referencia ao longo do estudo, exemplificam um conhecimento sobre cientistas, publicações e até, leituras efetuadas em diversas áreas do campo científico.

Cabe destacar que ao se referir a *Dinastia dos Huxley*⁶², Dr Anísio destaca uma família de cientistas respeitáveis por comunidades científicas internacionais. Membro desta *Dinastia*, também é citado por Rui Barbosa nos pareceres e projetos encaminhados à Câmara dos Deputados, nos anos de 1882 e 1883, sobre reformas de ensino no Brasil e citadas anteriormente.

Cabe complementar que tais reformas, vai ao encontro do desejo manifesto em estudos sobre instrução pública de países da Europa, no século XIX que, impulsionados pela revolução industrial, buscavam ampliar e qualificar seus sistemas educacionais.

Com os avanços das últimas décadas do século XIX no campo das ciências exatas e naturais, registram-se preocupações com a transmissão dos processos de apreensão da ciência como via de expansão desse conhecimento. Este ponto de vista se ancora na crença de que a ciência moderna era a grande dádiva do Ocidente para a humanidade. Portanto, ensinar como se conhece o mundo por meio do método científico era o verdadeiro caminho para alcançar o progresso. (VERGARA, 2004, p. 23)

Como exemplo podemos citar, os avanços no campo da Física no século XIX, ou sejam: os tratados sobre o calor (termodinâmica)⁶³, com avanços importantes devidos principalmente

⁶² Família britânica cujos vários membros se destacaram em ciências, medicina, artes e literatura. O patriarca da família foi o zoologista e anatomista comparativo Thomas Henry Huxley(1825-1895). Seus netos incluem: Julian Huxley, evolucionista e o primeiro diretor da UNESCO; o irmão deste Aldous Huxley, autor de *Brave New World* e *Doors of Perception*; o fisiologista, Prêmio Nobel, Andrew Huxley..

⁶³ A termodinâmica (do grego “therme”, que significa calor e “dynamis” significa potência) é o ramo da física que estuda as causas e os efeitos de mudanças na temperatura, pressão e volume - e de outras grandezas termodinâmicas.

aos britânicos James Joule e William Thompson Lorde Kelvin, e ao alemão Julius Clausius), a electricidade e o magnetismo (unidos no electromagnetismo, graças ao dinamarquês Hans Christian Ørsted, ao francês André-Marie Ampère e, principalmente, aos britânicos Michael Faraday e James Clerk Maxwell) e à luz (o objeto da óptica, que tanto ficou a dever ao inglês Thomas Young e aos franceses Augustin Jean Fresnel, Armand Fizeau e Jean Foucault), eram tão robustos e cheios de novidades que justificavam a criação de disciplinas autônomas da Física no plano curricular. (VERGARA, 2004)

Antes de finalizar as questões referentes ao surgimento da ciência moderna, registramos que nesse processo a contribuição de pesquisadores religiosos foi muito grande. \E que muitos só não sofrerem represálias por parte da Igreja porque usaram artifícios para camuflar a autoria, com, por exemplo, pseudônimos ou mesclagem de conteúdos das investigações com histórias fictícias de cunho religioso.

Cabe ressaltar, também, que ainda no século XIX, mas especificamente no final, ocorre uma proliferação de novas ciências e especializações filosóficas que discutiam a natureza da mente humana, como a antropologia, a sociologia, a psicologia, a linguística, entre outras, assim com várias descobertas científicas que possibilitaram o desenvolvimento de diversos campos de estudos, entre eles a atual neurociências. Hoje, equipados com novas ferramentas e conceitos mais fundamentados, um novo quadro de pensadores denominados cientistas cognitivos investigam muitas das questões que já preocupavam os gregos há aproximadamente 2500 anos atrás. Entretanto, diferente do período grego, os cientistas cognitivos utilizam-se de métodos experimentais para testar suas hipóteses e torná-las passíveis de refutação. Além disso, novos campos de estudo como, por exemplo, Inteligência Artificial, adicionam novas interrogações como, por exemplo, se há possibilidade de máquinas construídas pelo homem pensarem. Em sendo assim,

[...] como seus antigos colegas, os cientistas cognitivos de hoje perguntam o que significa conhecer algo e ter crenças precisas, ou ser ignorante ou estar errado. Eles procuram entender o que é conhecido - os objetos e sujeitos do mundo externo - e as pessoas que conhece - seu aparelho perceptivo, mecanismo de aprendizagem, memória e racionalidade. Eles investigam as fontes do conhecimento: de onde vem, como é armazenado e recuperado, como ele pode ser perdido? Eles estão curiosos com a diferença entre indivíduos: quem aprende cedo ou com dificuldade: o que pode ser conhecido pela criança, pelo cidadão de uma sociedade não letrada, por um indivíduo que sofreu lesão cerebral, ou por um cientista maduro? Além disso, os cientistas cognitivos, novamente como gregos, conjecturam a respeito dos vários veículos do conhecimento: o que é forma, uma imagem, um conceito, uma palavra; e como estes 'modos de representação' se relacionam entre si? Eles se perguntam sobre as prioridades de órgãos sensoriais específicos em contraposição a uma 'compreensão geral' ou 'senso comum' central. Eles refletem acerca da linguagem, observando o poder e as armadilhas trazidos pelo uso das palavras e a sua possível influência predominante sobre pensamentos e crenças. E especulam extensivamente a respeito da natureza da própria atividade de conhecer: por que nós queremos conhecer, quais as restrições do conhecimento, e quais são os limites do conhecimento científico sobre o conhecimento humano?" (GARDNER, 1996, p.18-19)

Todas essas novas questões sinalizam tensões que apontam para a necessidade de novos estudos e de novas reflexões, não só nos campos específicos de cada área do conhecimento como, também, sobre o ensino.

Segundo Vergara (2004), rupturas epistemológicas registradas na história das ciências, e que pretendiam incorporar em suas análises questões até então “não visíveis” no século XIX, começaram a ocorrer no início do século XX gerando muitas inquietações sobre como ensinar, mas, mesmo assim, ainda se mantêm “o estudo dos procedimentos da ciência como uma forma de reprodução e ampliação deste conhecimento em outros contextos” (VERGARA, 2004, p. 23). Por outro lado a imagem da própria ciências, diversifica as abordagens adotadas que passam a ter múltiplos usos e definições, em função das tradições histórico-culturais de cada país, a partir, principalmente, das últimas décadas deste século. Portanto, um processo de mudança foi inaugurado neste turbulento século, no qual as descobertas científicas passaram a ocupar as preocupações do meio acadêmico, em especial o europeu e o anglo-saxão. Nos dias atuais, tal preocupação amplia-se para uma dimensão cada vez mais global.

Na contemporaneidade surgiram muitas maneiras de estudar as invenções científicas praticadas por filósofos, sociólogos, historiadores, antropólogos e psicólogos. Tal situação vem impulsionando, desde o último século, que diferentes tradições filosóficas procurarem definir em que consiste a especificidade do saber científico em relação às outras atividades humanas (MACHADO, 2005). E essas discussões, sem dúvida, acabam sempre provocando rebatimentos nos processos formativos, ou sejam, acabam por impulsionar novos estudos sobre o que ensinar e, conseqüentemente, despertando necessidades de reformas na área da educação em várias regiões do mundo e, evidentemente, no Brasil.

A mais recente reforma educacional brasileira de abrangência nacional, sancionada pelo senado, nominada de *Reforma no Ensino Médio*, Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, na nossa perspectiva, impacta negativamente o ensino das ciências e como referido anteriormente, acaba afetando a relação que deve ser estabelecida com o campo das humanidades.

No nosso entender faltou a compreensão do que Dr Anísio passa a sinalizar, com muita frequência, nas suas produções, ou seja, a interdependência entre filosofia e ciências exigida pela contemporaneidade.

O estágio de complexidade atingido nas sociedades modernas, bem como o nível de interdependências observado na atualidade a nível global, inviabilizam, mais do que em qualquer outro período histórico, um pensar que privilegie posições dicotômicas entres estes dois grandes campos do saber.

Apropriar-se da história das ciências durante a formação básica contribui, não só para despertar *Homens de Ciência*, para a formação e renovação dos quadros de profissionais para atuarem na área, como, principalmente, para que a população tenha acesso a conhecimentos que, quiça, a sensibilizem para acompanhar, criticar e usufruir dos resultados do desenvolvimento das ciências a nível local e planetário.

4 - O Método Científico e a Educação Escolar

A estruturação do método científico, como mencionado, remonta ao século XII e ao período do Renascimento no qual uma comunidade científica foi se consolidando de forma mais ampla, após um longo período de decadência vivenciado na Idade Média e sem nenhum

avanço científico relevante. Nesse período, estudiosos europeus iniciam contatos com culturas e conhecimentos produzidos por outros povos. Tal fato os impele a voltar a observar os estudos de antigos pensadores, como Aristóteles, Ptolomeu e Euclides.

Não obstante tal fato, antes do século XVIII, as escolas continuavam sendo centros conservadores de preservação da ortodoxia religiosa, apesar de iniciativas isoladas de *educação, nova* em contraposição à tradicional do ponto de vista filosófico, já terem sido colocadas em prática por “Sócrates e Aristóteles na Grécia clássica e a de Quintiliano em Roma, que de forma muito acertada, assinalava que não há melhor ensino que aquele que se faz jogando. E já na Renascença as famosas escolas da alegria e do jogo dos italianos Maffeo Vegio e Vittorino da Feltre” (RODRIGUES, 2015, s/p).

Portanto, conforme explicitado na citação, algumas mudanças começaram a se processar na direção dos processos educativos e estas acabam por envolver conhecimentos científicos. As influências desta nova forma de pensar, irá se manifestar em três momentos distintos a saber: 1º) *Realismo humanista*: volta aos estudos clássicos de modo a obter conhecimento útil deles, como defendido por Rabelais e Milton; 2º) O *Realismo social*, que rejeitava amplamente o aprendizado concebido como pedante, aprendido nas escolas, e defendia, como proposto por Montaigne e Locke, um ideal para a educação em assuntos da palavra por meio das novas linguagens modernas, estudos e viagens; 3º) *Sentido de realismo*, que buscou que a instrução na escola fosse transformada em um estudo de coisas reais e o ensino de informações úteis observado por Moravian e Comenius. (CUBBERLEY, 1922). Seguem-se a estes, Locke, Basedow, Pestalozzi, Froebel, Herbart, Spencer, Owen e, a nível teórico, Rousseau. Nesse processo, o novo paradigma mecanicista iniciado com Descartes e que serviria como paradigma de toda a ciência no séc XVII, perpassando pelo séc XVIII indo até o séc XIX, acaba por impulsionar, no final do século XVIII, uma ampla discussão na Europa sobre os problemas pedagógicos. Segundo Mainka⁶⁴ (2005), a intenção de tal discussão era delinear e regulamentar algumas das principais questões escolares e educacionais dos estados iluministas⁶⁵. Partindo da afirmação de que a época do *Esclarecimento*⁶⁶ foi ao mesmo tempo uma época pedagógica”, Mainka (2005, p.167) cita o artigo publicado na revista mensal de Berlim, intitulada de *Berlinische Monatsschrift*, de 1784, no qual Kant responde a pergunta sobre o que era o *Esclarecimento*, para destacar o caráter processual no qual, segundo Mainka (2005), Kant incorpora a afirmação pragmática já no início do artigo como pode ser constatado a seguir:

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso do seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e

⁶⁴Doutor historiador da Universidade de Wurzburg- Alemanha.

⁶⁵Estados que viveram um movimento filosófico, também conhecido como Esclarecimento, Ilustração ou Século das Luzes, que se desenvolve particularmente na França, Alemanha e Inglaterra no séc.XVIII. caracterizando-se pela defesa da ciência e da racionalidade crítica, contra a fé, a superstição e o dogma religioso. Na verdade, o Iluminismo é muito mais do que um movimento filosófico, tendo uma dimensão literária, artística e política. No plano político, o Iluminismo defende as liberdades individuais e os direitos do cidadão contra o autoritarismo e o abuso do poder. Os iluministas consideravam que o homem poderia se emancipar através da razão e do saber, ao qual todos deveriam ter livre acesso. O racionalismo e a teoria crítica no pensamento contemporâneo podem ser considerados herdeiros da tradição iluminista. (JAPIASSÚ E MARCONDES, 2001.,p.100).

⁶⁶Peter Johann Mainka só faz uma distinção entre Iluminismo e Esclarecimento no artigo citado. Para ele a ideia de Iluminismo acentua mais o aspecto estático, enquanto que a ideia de “Esclarecimento” salienta mais o momento dinâmico.

coragem de servi-se de se mesmo sem a dereção de outrem. *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. (KANT apoud MAINKA, 2005, p.168)

Cabe destacar que o artigo sobre o *Esclarecimento* faz parte do conjunto da obra da fase do pensamento crítico de Kant, cuja a principal é o titulado de *Crítica da Razão Pura*.

O filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804) instigado sobretudo pelas contribuições de Rousseau - por intermédio da obra que foi considerada o primeiro grande clássico da pedagogia moderna ou da educação, denominada de Emílio, envolve-se no debate da educação ministrando, regularmente, aos alunos do curso de Pedagogia na Universidade de Königsberg, na antiga Prússia Oriental e atualmente Universidade Estatal Immanuel Kant da Rússia, uma série de preleções em cadeiras de pedagogia sobre a temática, nas quais leccionou nos semestres referentes ao Inverno de 1776, Verão de 1780 e Inverno de 1786.

A afirmação de Kant de que “o homem é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 2002, p. 11), demonstra o caráter essencial e formativo com que qualificava a educação.

Enfatizando que ciência deriva do latim e significa conhecer, saber, destacamos que existem diversas maneiras de formular um estudo utilizando o método científico, mas todas seguem alguns princípios básicos, ou sejam: observação; elaboração de pergunta(s) ou Formulação de hipótese(s); teste, utilizando o método hipotético-dedutivo e, finalmente, a análise dos encontrados parta a elaboração das conclusão.

Tomemos como exemplo o evolucionismo proposto pelo naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809-1882) para ilustrar os princípios elencados, pois os mesmos serão abordados quando tratarmos do *Método Didático de Dewey*, o grande mentor intelectual de Anísio Teixeira, em capítulo posterior.

Durante uma expedição promovida pela marinha inglesa, cujo objetivo era prospectar dados cartográficos da América do Sul, Darwin, a bordo da corveta HMS Beagle, visita as ilhas Galápagos, no Equador, para observar as várias espécies dos pássaros nomeados de tentilhões, existentes na ilha. O postulado, até então, era que todas as espécies de tentilhões no arquipélago se derivavam de uma mesma espécie original. (ODUM,1977) Através de observações, Darwin percebe que apesar da grande semelhança entre estas aves, cada espécie de tentilhão tinha um formato de bico característico, possivelmente relacionado com a forma de obter alimento, e que cada uma encontrava-se adaptada a um habitat específico de cada região da ilha. Tal observação o levou a questionar sobre a coexistência dessa grande variedade de espécies em uma área geográfica tão pequena. Sendo assim, formula a seguinte pergunta: O que pode ter provocado tamanha diversificação nessas aves? A partir desta questão, Darwin inicia a formulação das hipóteses plausíveis que pudessem responder a questão proposta.

Em termos gerais, a hipótese no método científico se expressa na forma de uma declaração que inicia-se, geralmente, pelos conectivos lógicos, de estrutura condicional *se / então*.

Essa formatação revela o raciocínio dedutivo, ou seja, um pensamento que parte do geral para o particular e que é oposto ao raciocínio indutivo que vai do particular para o geral. No caso das aves foco de observação de Darwin, o cientista formulou a hipótese de que todas as

variações deveriam ser resultado de uma mesma espécie original que se desenvolveu e se adaptou, de alguma maneira, aos diferentes ambientes.

Segundo alguns autores, a vantagem de desenvolver uma hipótese no formato *se e então*, é o fato dela se tornar passível de teste que pode confirmá-la ou refutá-la caso a experiência não demonstre que tal hipótese procede.

Levantada a hipótese, o cientista faz uma dedução, ou seja, uma previsão de solução possível, tirada a partir da hipótese e que poderá ser testada. Fala-se nesse ponto, em método hipotético-dedutivo. Cabe ressaltar, entretanto, que experimentos não são a única maneira de submeter a hipótese a testes. Isto também pode ser realizado através de uma simples observação ou pela análise de sua lógica interna. A matemática permite que testes equivalentes aos experimentais sejam feitos com base apenas na observação.

No caso de Darwin, por exemplo, este conseguiu grandes avanços na sua pesquisa em Galápagos baseando-se no *Ensaio* de autoria de Thomas Robert Malthus (1766-1834), sobre o princípio da população. No livro sobre a questão, o autor aborda a ideia de luta pela sobrevivência dentro de uma própria espécie e associa esta luta ao crescimento populacional.

Controlar uma experiência com esta metodologia, significa controlar um número máximo de variáveis possíveis para que todas as condições que não sejam as testadas, fiquem inalteradas. Além disso deve haver um grupo de controle, sem nenhum tipo de alteração, de forma a funcionar como parâmetro de comparação com a variável a ser experimentada.

Após as devidas experiências e a reunião de dados quantitativos e qualitativos, começa a quinta etapa, ou seja, a análise das informações e a conclusão.

Na investigação de Darwin, fica patente que: 1º) o isolamento geográfico impede a migração e fluxo de genes com a espécie original e as de outras ilhas, favorecendo, portanto, a estabilização de características genéticas peculiares aos tentilhões de cada ilha; 2º) ambientes ecológicos diferentes, dentro da mesma ilha, conduzem a especializações nutricionais caracterizadas por diferenças no bico entre os tentilhões e 3º) a competição, que é particularmente severa durante períodos secos por causa da escassez do alimento, favorece indivíduos melhores adaptados a seu ambiente, por apresentarem estes uma possibilidade maior de sobrevivência e, portanto, de se reproduzir. Nesse sentido, as características genéticas particulares tendem a ser passadas para as gerações seguintes. (ODUM, 1977)

O objetivo final, ao ser utilizado o método científico, é provar ou negar a hipótese e, assim, responder à pergunta inicial. Se comprovada, a hipótese pode tornar-se uma teoria, mas nunca uma verdade em absoluto, pois ela poderá ser substituída diante de novas descobertas.

Cabe destacar que *Teoria* é um conjunto de conhecimentos mais amplos que visa explicar fenômenos mais abrangentes. No caso do exemplo de Darwin, suas observações o levaram a tirar conclusões sobre a influência do isolamento geográfico, ambiente ecológico e competição na variação das espécies de tentilhão, e isso foi crucial para que ele desenvolvesse a *Teoria da Seleção Natural*, também conhecida por *Evolucionismo de Darwin*, uma vez que outros estudiosos também propuseram teorias evolucionistas.

Motivados pela efervescência no campo das ciências naturais, a partir de Darwin e questões conjunturais, o período de transição entre o século XIX e XX, registra o aparecimento de novas propostas e métodos pedagógicos em oposição aos tradicionais, o que impulsiona o

movimento educativo mais importante da história ocidental e que ficou conhecido como Escola Nova.

As primeiras “Escolas Novas”, com esse título expresso, surgiram em Instituições privadas de diferentes países europeus, depois de 1880. Época em que também se publicam os trabalhos iniciais de observação experimental da aprendizagem e se fizeram os primeiros ensaios de medida das capacidades mentais e do rendimento do trabalho escolar. Com o título de “Bureau International des Écoles Nouvelles” (Oficina Internacional das Escolas Novas), dirigido por longo tempo pelo grande educador Adolphe Ferrière, em 1889. Os propugnadores do movimento, que já eram suficientemente numerosos, criam uma entidade coordenadora de caráter internacional, que ajuda a difundir por todo o mundo as suas ideias educativas, de caráter teórico e prático. Precisamente, neste mesmo ano se funda a considerada primeira “Escola Nova” da história em Abbotsholme-Escócia, pelo educador Cecil Reddie. Embora considero que a mais antiga é a Instituição Livre do Ensino (ILE), criada em 1876 em Madrid por Francisco Giner de los Ríos e vários de seus colaboradores. E ainda se pode falar de que a primeira, e a pioneira de todas, foi a “Iasnaia Poliana” criada por Leão Tolstói, em 1859, na sua quinta próxima à cidade de Moscovo. Precursora assim mesmo da denominada “Pedagogia libertária”. (RODRIGUES, 2015,s/p)

E complementa:

O movimento das “escolas novas” terminou por estender-se também a América e a Ásia. Na difusão do novo pensamento pedagógico tiveram grande importância o labor realizado por Ferrière (1879-1960) e por Beatrice Ensor (1885-1974). Esta foi a “alma mater” da “The New Education Fellowship” (Comunidade da Nova Educação), que se estendeu por todos os continentes. Alguns autores usaram para denominar estas escolas o termo de “Escolas Progressivas” ou “Escolas Ativas”, embora o título mais usado e reconhecido tenha sido o de “Escolas Novas”. Na cidade francesa de Calais, em 1921, os participantes no congresso destas escolas acordaram que o Bureau ou Oficina passasse a ser denominado como “Liga Internacional das Escolas Novas”. A maioria das escolas novas que se foram criando com o tempo, a partir da escocesa, integraram-se no movimento mundial, organizando congressos periódicos para debater e intercambiar experiências e para estabelecer os princípios educativos e organizativos para o funcionamento destas escolas, chamadas novas por ser uma alternativa às escolas tradicionais. (ibid, 2015,s/p)

Cabe ressaltar que entre os anos de 1889 e 1939 foram sendo criadas e colocadas em funcionamento, numerosas *escolas novas* na Europa, EUA, e, em menor número, na Ásia. Na Europa a “escola escocesa de *Abbotsholme-Derbyshire*, criada por Reddie, provocou uma reação em cadeia, tomando-a como modelo, e incorporando logicamente algumas intuições pessoais dos diferentes criadores, foram aparecendo outras” (RODRIGUES, 2015, s/p). Entre o quantitativo de escolas criadas nesse continente motivada pelo movimento, destacamos duas que ficaram famosas no Brasil, ou sejam, a de Freinet, criada em 1920 na França e a de Ovídio Decroly criada em 1907, na Bélgica. No continente asiático destacou-se a *Santiniketon* (Morada da Paz) de Robindronath Tagore, fundada em 1901 no coração da Bengala indiana e ainda em funcionamento na atualidade, que conta ainda com uma universidade internacional. (RODRIGUES, 2015) Quanto ao continente americano,

[...] as inovações escolares foram-se multiplicando, ao que muito ajudou o caráter descentralizador do sistema educativo norte-americano, e a que muitas universidades contem com centros pilotos para realizar práticas educativas e para a experimentação pedagógica. A mais importante escola nova foi a criada por John

Dewey em 1890 na Universidade de Chicago, com o título de “Escola Laboratório” (Laboratory School). A sua influência deixou-se sentir no nascimento posterior de outras escolas novas como a Horace Man, a Lincoln e a Speyer. Mais tarde em 1920, Helen Parkhurst funda o famoso Plano Dalton (The Dalton School) na cidade do mesmo nome. E antes, em 1907, Johnson cria em Fairhope-Alabama a “Escola de Educação Orgânica” (School of Organic Education), e Lewis em Chicago a “Parker School” (RODRIGUES, 2015, s/p).

Sobre a educação progressiva decorrente das ideias de Dewey, Branco (2014) afirma que “é uma das tradições educativas mais fascinantes dos Estados Unidos da América, destacando-se pela sua visão humanista da educação e pelo compromisso com o aprofundamento da democracia através da escolarização” (BRANCO, 2014, p.783) que como complemento cita Semel, como poderá ser verificado a seguir.

A educação progressiva teve início nos primórdios do século XX, nos Estados Unidos da América, ao mesmo tempo em que, na Europa, verificava-se um amplo movimento de renovação pedagógica, que ficou conhecido por Escola Nova, e com o qual manteve estreitas relações (FLORES, 2001; MATA, 2001). Embora de forma intermitente, a influência dessa tradição pedagógica, na qual avulta a centralidade do pensamento de John Dewey, perdurou até aos anos 70 do século passado. (SEMEL apud BRANCO, 2014, p. 785)

Segundo Kulesza (2002), a penetração do *Escolanovismo* nas discussões sobre educação no Brasil, possui duas entradas. A primeira, no ano de 1882, através de Rui Barbosa (1849-1923) e a segunda, mais difundida, no ano de 1920 através de, principalmente, Manuel Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, além de Cecília Meireles e Armanda Álvaro Alberto⁶⁷.

No ano de 1930, Lourenço Filho, então Professor de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal de S.Paulo e Diretor da Escola Activa Rio Branco, e que desde meados da década de 1920 vinha sistematizando e expondo suas ideias sobre o movimento de inovação escolar do início do século XX, escreve o livro titulado de *Introdução ao estudo da Escola Nova*, constituindo-se o mesmo, no volume XI, da coleção *Bibliotheca da Educação*, publicada pela Cia. Melhoramentos. Sobre esta publicação, através de carta datada de 22 de agosto de 1930, Anísio Teixeira, ao tempo que cumprimenta o amigo pela obra, informa que divulgou o fato no jornal *A Tarde*, periódico impresso em Salvador – Bahia. Na mesma diz:

Como você me pediu crítica, fi-la muito mais para obedecer-lhe, do que para qualquer cousa. Primeiro, os meus estudos são parciais em vista dos seus. Estou com literatura quasi que exclusivamente americana. Segundo, não tenho o amadurecimento que lhe vêm dando a longa experiência e o longo tirocinio em cousas de educação. Esses dois pontos, retiram-me qualquer auctoridade para criticar o seu livro. (TEIXEIRA, 1930, s/p)

Na carta fica evidente, dito pelo próprio Anísio Teixeira, que a maior influência teórica dele, com rebatimentos nas suas reflexões e ações no campo da educação, centrava-se em autores americanos e isto será abordado de forma mais detalhada em outros capítulos.

⁶⁷ Educadora e militante social brasileira, que fundou, em 1921, a Escola Proletária do Meriti, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS NO BRASIL ANTES DA REPÚBLICA

Continuando a localizar educação e ciência no processo histórico, focamos os breves apontamentos aportados neste capítulo em acontecimentos ocorridos no Brasil até a proclamação da república. Isto porque a partir desse período passaremos a abordá-los incluindo discussões que envolvem Anísio Teixeira e sua família.

A professora Maria Amélia M. Dantas, da Universidade do Estado de São Paulo - USP, em depoimento fornecido para publicação na revista *Maracanan*, afirma que a pesquisa na área História das Ciências no Brasil é recente e que só a partir dos anos 1980 é que começa a expandir-se. E complementa com a seguinte colocação:

Sempre me espanto com a ampliação e a diversificação da produção em História das Ciências no Brasil. A cada seminário da Sociedade Brasileira de História da Ciência/SBHC vejo novos temas, enfoques diferentes e um número crescente de jovens pesquisadores vindos das várias regiões do território brasileiro. (DANTES, 2015, P.158)

Segundo Dantes (2015), “fazer História da Ciência significava estudar temas clássicos como a atuação de cientistas renomados ou as descobertas que haviam transformado os conhecimentos sobre a natureza”. (DANTES, 2015, p.158) Para tanto esclarece que só no período pós-guerra, com o crescimento exponencial da comunidade internacional de historiadores da ciência é que a mesma cresceu, de forma exponencial e passou a contar com representantes dos vários continentes. E explica que a situação começou a mudar, principalmente a partir de questionamentos sobre os fundamentos teóricos da História da Ciência, além da expansão dos Estudos Sociais da Ciência, que passaram a conceber as ciências como práticas sociais contextualizadas. Dantes (2015) afirma, ainda, que é “neste quadro de mudanças, que ampliaram-se os debates sobre o desenvolvimento das ciências nas regiões denominadas periféricas que, até então, estiveram ausentes da produção historiográfica”(DANTES, 2015, p. 157) e, no Brasil, com o início da formação de pesquisadores na área.

Motoyama (2015) em palestra proferida no “Seminário Anual Científico e Tecnológico em Imunobiológicos de Bio-Manguinhos -SACT-Bio” destacou que, “ao contrário de que muita gente imagina a história em questão [História das Ciências e Tecnologia no Brasil – HCT], é riquíssima e complexa”. (MOTOYAMA, 2016, s/p)

Portanto, os breves apontamentos apresentados no presente capítulo não teve outra intenção do que identificar alguns movimentos do campo educacional e das ciências, em período temporal anterior ao estabelecido no projeto do estudo, de forma a facilitar a compreensão do que seria observado e relacionado com o percurso de vida de Anísio Teixeira. Com os recortes

apresentados, colocamos em relevo fatos históricos que se vinculam a estes campos e que ocorreram entre o período do Brasil colônia até a proclamação da República.

A partir desse estudo retrospectivo, abrimos espaço para não só situar contextos que envolveram a família de Dr Anísio e as instituições educacionais que frequentou como, também, estabelecemos um lastro para discutirmos mobilizações e conquistas sociais vivenciadas no Brasil nas décadas localizadas ente 1920 e 1960 do século XX.

Cabe destacar que muitas das articulações que resultaram no século XX, no início de um processo de consolidação de um Sistema Educacional no Brasil contaram com a participação ativa de intelectuais integrantes da elite brasileira, da qual Anísio Teixeira fazia parte. Cabe entretanto ressaltar que esse período foi precedido por iniciativas pioneiras de alguns intelectuais de gerações anteriores como, por exemplo, as notabilizadas contribuições de Rui Barbosa. Estes ao visitarem outros países pelos mais variados motivos, inclusive estudos e representações diplomáticas, encontravam elementos para estabelecer comparações que evidenciavam o *atraso* brasileiro. Com isso ampliaram-se as discussões e iniciativas em torno da questão e suas possíveis soluções, pois as comparações sinalizavam atraso em praticamente todos os setores e a ampliação do acesso à educação passou, então, a ser percebida como de extrema relevância para a mudança de tal quadro nacional. A educação se torna portanto, a mola mestra de muitos debates e movimentos sociais do período.

Quando se compara o Brasil com os países da Europa e da América avultam semelhanças e diferenças no que diz respeito ao processo geral de secularização da cultura e da laicidade do Estado. Antes de tudo, se verifica a circulação mundial (no Ocidente) de ideias políticas e religiosas, inclusive de influências recíprocas. Pessoas viajavam, estudavam, trabalhavam por contrato ou migravam, passeavam e se refugiavam em outros países. Pela leitura, pelo estudo e pela observação direta, os viajantes tomavam conhecimento do que se passava no estrangeiro e as comparações brotavam. O que era proibido num lugar era livre em outro, o que era objeto de repressão num país era respeitado em outro – crenças e práticas religiosas inclusive (CUNHA, 2017, 410) .

O fluxo de estudantes para o exterior, inicialmente de Portugal e, posteriormente, França e Estados Unidos, contribuiu para a ampliação dos grupos de intelectuais que passaram a se mobilizar, de forma mais sistemática a partir de 1920, para ampliar o acesso à educação e fazer avançar as ciências no território nacional. Foram estes movimentos que impulsionaram a criação de um sistema educacional público e o desenvolvimento de algumas ciências, bem como a institucionalização da pesquisa e de cursos de pós-graduação no Brasil.

Muitas das múltiplas histórias desse período, contaram com uma ampla participação de Dr Anísio enquanto mentor e gestor público, em diferentes etapas do seu percurso de vida. Participação que reafirmamos ser motivada pelo movimento espiral de um *Espirito Científico* que se manteve presente ao longo de toda sua existência, inclusive nos momentos de desencanto e de autoexílio em Caetité.

Portanto, cabe mais uma vez ressaltar que a explanação que se segue são apenas apontamentos, como poderá ser verificado, dada a extensa e rica possibilidade de estudos e aprofundamentos sobre eventos que se relacionam com as Histórias da Educação e das Ciências no Brasil até a proclamação da república.

A História da Educação no Brasil em perspectiva formal, inicia-se com a chegada dos primeiros jesuítas e mais especificamente na cidade de São Salvador, Bahia, no ano de 1549, com a expedição que trouxe o primeiro governador Tomé de Souza, com a função de fundar a cidade, pois quinze dias após a chegada dos jesuítas em missão chefiada pelo Pe Manuel da Nóbrega, começa a funcionar a escola de ler e escrever do Ir. Vicente Rodrigues, o primeiro mestre do Brasil.

Nas escolas elementares germinaram a base de todo o sistema colonial de ensino ainda em formação, conforme pode ser observado a seguir.

Funcionavam não só nos colégios, mas em todas as terras onde existisse uma casa da Companhia. Lá aprendiam a ler, escrever, contar e falar Português não só os filhos dos índios. Recebiam a primeira instrução, também, os filhos dos colonos. Segundo o Padre Anchieta aprendiam não só a ler, escrever, contar e falar em Português. Eles também aprendiam a dançar à portuguesa, a cantar e a ter seu coro de canto e flauta para as suas festas (THEOBALDO, 2008p.22).

Os jesuítas fazem parte da ordem religiosa denominada Companhia de Jesus, fundada em 1534, por Inácio de Loyola. Criada logo após da “Reforma Protestante”, a Companhia tinha como objetivo maior, à época, barrar o avanço do protestantismo no mundo. Para isso se propunha a levar o catolicismo para as regiões recém-descobertas e, principalmente, à América, bem como catequizar os índios americanos, transmitindo-lhes as línguas portuguesa e espanhola, os costumes europeus e a religião católica. Desejava, também, difundir o catolicismo na Índia, China e África, evitando, dessa forma o avanço do protestantismo nessas regiões. Para tanto, definiu instalar e desenvolver escolas católicas em diversas regiões do mundo.

Os colégios desde a Idade Média foram constituídos para desempenhar papel estratégico na “formação dos quadros intelectuais, religiosos e civis, que propagariam o cristianismo” [...]” (FERREIRA e BITTAR, 2004, p. 170). Para os autores, “os colégios eram verdadeiros lócus irradiadores da tradição humanística greco-romana cristianizada pela Igreja católica” [...]. ibid., p.172) O Colégio da Bahia é um exemplo do exposto. Sua história encontra-se vinculada a missão do Pe Manoel da Nóbrega.

Com o objetivo de uniformizar procedimentos, centralizar decisões e obedecer a uma única diretriz filosófica, a Companhia de Jesus elabora, sob a coordenação de Loyola, o “Ratio studiorum”– um plano de estudo único que passa a ser obrigatório para todos os colégios jesuítas existentes nos diferentes continentes e que leva cinquenta anos, de 1551 a 1599, para ficar pronto.

Como não havia ainda, uma orientação geral da Companhia disciplinando as ações educativas, pois a mesma só tinha quinze anos de criada, o caráter de improvisação e de certa forma inovação, marcou o início da ação pedagógica jesuítica no Brasil até o final do século XVI, na medida em que as condições concretas aqui encontradas demandaram ajustes aos preceitos educacionais professados pela Companhia até então.

Assim, toda a ação educacional do período que analisamos [...] anterior ao Ratio, [...] nos leva a afirmar que ela foi uma espécie de “invenção” de Anchieta e seus companheiros, uma vez que transcorreu sem qualquer normalização a priori. Pelo contrário, a sua particularidade consiste em ter sido muito mais uma experiência nascida do ambiente e das condições históricas dadas do que de uma fidelidade absoluta aos preceitos emanados da Contra-Reforma, especialmente se levarmos em conta um fator extremamente importante que foi o isolamento quase total em que viveram os jesuítas do primeiro século no Brasil. (ibid., p.173)

O conjunto de *invenções* e improvisações praticadas no período anterior ao Ratio é conhecido de *Pedagogia Brasília*.

A preocupação básica nos séculos XVI e XVII, além de formar uma elite culta e religiosa, era difundir a Língua Portuguesa. Para tanto os padres utilizavam-se da influência dos meninos brancos, órfãos ou filhos de colonos, sobre os meninos índios postos em contato nos colégios. Além disso, os meninos índios que aprendiam com os padres, percorriam as aldeias e ensinavam aos pais na própria língua.

Ainda segundo Theobaldo (2008), com essas escolas, fixas ou ambulantes, nas aldeias e sertões, começou no Brasil uma unificação de um processo de educação literária popular de cunho religiosa. E complementa:

Todos aprendiam o Português. E essas crianças, órfãs trazidas de Lisboa, também contribuíram para a difusão e estímulo dos pequeninos índios à instrução. Os padres desde o séc. XVI aprenderam a língua dos índios, não só para instruir, mas também para conquistar através dela com mais facilidade os selvagens à sua fé, e às suas ideias religiosas e sociais. Elementos da cultura europeia foram penetrando a cultura indígena. (THEOBALDO, 2008, p.23)

Cabe destacar que as ações dos jesuítas nas colônias foram projetadas e acordadas nas esferas religiosa e política, conforme a acepção de poder e domínio da época. Segundo França apud Ribeiro (2009) “as questões doutrinárias não podiam ser exclusivamente políticas; eram, antes de mais nada, problemas de consciência. O homo politicus em estado de pureza não existia, [...] as ideias políticas e crenças mesclavam-se. O laicismo político é bem mais recente.” (FRANÇA apud RIBEIRO, 2009 p.322)

Portanto, esse é o pano de fundo que compõe os vários cenários narrados pelos jesuítas que vieram para o Brasil nas muitas cartas enviadas a seus superiores.

Como a principal finalidade dos jesuítas era propagar a fé católica, em contraposição à *Reforma Protestante*, só ensinavam o que não fosse de encontro aos dogmas da fé.

Em sendo assim, mesmo os jesuítas colocando em funcionamento, posteriormente, colégios e seminários, alguns dos quais oferecendo cursos de artes, cujos os currículos ofereciam ensino elementares de matemática, física e astronomia, o conteúdo destas *cadeiras* passavam pelo crivo da igreja católica.

A Companhia de Jesus dirigiu uma eficiente rede de colégios e de escolas primárias públicas e gratuitas, que totalizaram dezenove instituições de ensino primário e secundário, bem como mantinha cursos superiores, nos reais colégios de artes, da Bahia e do Rio de Janeiro. No da Bahia, nutriam planos para transformá-lo em Universidade.

Além das instituições citadas contava, também, com os Reais Colégios Máximos, em São Luís, e em Salvador, nos quais funcionavam quatro Faculdades, ou sejam: Letras, Filosofia, Teologia e Matemática. Os Reais Colégios das Artes funcionavam em São Luís, Salvador, Olinda e Rio de Janeiro, nos quais eram defendidas teses de Filosofia.

Seis Reais Seminários ainda funcionaram até o meado do século XVIII. Em todos eles o método era o clássico ensino de humanidades, focado em ensinar a pensar bem e se expressar com clareza. (TORRES, 1960)

Como os primeiros anos da colonização do Brasil foram voltados para garantir uma ocupação que permitisse a exploração mercantilista visando o enriquecimento da metrópole portuguesa, registros de atividade científica nesse período são praticamente inexistentes.

Ao longo do período colonial brasileiro, as pesquisas científicas realizam-se de modo esporádico. Exceção apenas, para o governo de Maurício de Nassau (1637-1644), em Pernambuco.

Não obstante isso, um incipiente sistema educacional foi sendo planejado e instalado a nível elementar, a partir das escolas de ler e escrever. Este sistema posteriormente foi ampliado e tornou-se mais sofisticado, na medida em que incorporou o nível secundário e passou a contar com um currículo que incluía disciplinas de cunho científico.

Portanto, falar das primeiras escolas no Brasil é “evocar a epopeia dos jesuítas do séc. XVI”. (LEITE, 1965, p. 38)

O primeiro século de ação dos jesuítas no Brasil foi de adaptação e construção, o segundo de desenvolvimento e extensão do sistema educacional, o qual foi alargado progressivamente com a criação de unidades escolares novas, ou seja: o séc. XVI foi o da catequese, obra de conversão do *gentio* e da instrução e organização do sistema de ensino jesuítico; o séc. XVII de expansão do sistema montado e o séc XVIII, implantação de seminários, excetuando-se apenas o de Belém de Cachoeira, na Bahia, fundado em 1687, pelo Pe Alexandre de Gusmão⁶⁸.

Praticamente inexistentes, também, foram as expedições artísticas e científicas no período.

Vargas (2001) faz referência a portugueses e estrangeiros invasores que em três momentos distintos fizeram registros sobre a terra, a natureza e os selvagens brasileiros, cujo o valor histórico é mais histórico que científico.

A primeira atividade científica em território brasileiro ocorreu durante a Invasão Holandesa em Pernambuco. É a dos médicos e naturalistas Guilherme Piso⁶⁹ e Jorge Marcgrave, que vieram a Recife com o príncipe Maurício de Nassau. O cronista dos feitos de Maurício de Nassau, no Brasil, Gaspar Barleus, relata observações astronômicas e cálculos relativos a um eclipse solar que aconteceu no Recife, em

⁶⁸ Alexandre de Gusmão foi um brilhante diplomata português nascido no Brasil colônia, que representou Portugal em vários países. Em Roma participou como convidado na corte do Papa Inocêncio XIII. Notabilizou-se pelo seu papel crucial nas negociações do Tratado de Madrid, assinado em 1750, que definiu os limites entre os domínios coloniais portugueses e espanhóis na América do Sul, criando a base para a atual estrutura territorial brasileira. Era irmão de Bartolomeu de Gusmão, o padre voador. Estudou com seus irmãos, Simão e Bartolomeu, no Colégio de Belém, em Cachoeira (Bahia), cujo fundador e diretor foi o protetor da família, Padre Jesuíta e escritor Alexandre de Gusmão, o qual cede o sobrenome “Gusmão”, ao futuro avô da Diplomacia Brasileira. (Patrão cadeira 3- Informações baseadas no Site do Instituto Histórico Geográfico de Santos -IHGS).

⁶⁹ Tido hoje como fundador da medicina tropical, por causa do seu livro *Medicine Brasiliensis*, publicado em 1648.

1640. Isto faz supor a existência de um observatório astronômico nessa cidade, naquele tempo (VARGAS, 2001, p. 22).

Cabe destacar, entretanto, o enorme cabedal de conhecimentos, oriundos de pesquisas e ações desenvolvidas, que a Companhia de Jesus aporta no seu currículo, não só no campo de conhecimento das humanidades e, é claro, dentro de um contexto religioso, como, também, no campo das ciências.

Vargas (2001) lembra as atividades de ensino científico nos mosteiros religiosos da Colônia e destaca o Seminário Jesuíta de Cachoeira na Bahia no qual havia o *Curso de Artes*, onde os alunos estudavam Lógica, Física, Metafísica, Estética e também Matemática. Faz referência a Bartolomeu de Gusmão (1685-1720), mencionado anteriormente e inventor do aeróstato como exemplo. Para tanto, cita os seguintes inventos:

[...] construção de uma bomba hidráulica que elevava água a um mosteiro sobre uma colina de cerca de cem metros de altura. Talvez tenha sido essa sua habilidade mecânica que o levou a conjecturar sobre o voo de balões mais leves que o ar. Suas experiências documentadas, com modelos de balões a ar quente, feitas perante a Corte de Lisboa, em 1711, demonstraram a viabilidade dos aeróstatos. Isso o levou a ser considerado o primeiro cientista das Américas (VARGAS, 2001, p. 22).

Ainda sobre pesquisas científicas levadas a cabo na Bahia, Vargas (2001) faz referência a João Antonio Andreoni (1644-1716), reitor do Colégio dos Jesuítas na Bahia e provincial do Brasil, que no mesmo período, desenvolvia pesquisas agrônômicas, conforme pode ser observado a seguir:

[...] escreveu seu relato da técnica e agricultura no Brasil, sob o título *Cultura e opulência no Brasil*, sob o pseudônimo de André João Antonil, em 1711. Porém, por ordem régia, a obra foi mandada queimar, pelo governo português, sob pretexto de não divulgar as riquezas do Brasil. Escaparam apenas alguns exemplares, três dos quais no Brasil. Este livro é um perfeito documentário sobre o estudo da técnica na Colônia, no final do século XVII, tanto no que se refere à indústria e à agricultura do açúcar como às minas de ouro, em Minas Gerais (VARGAS, 2001, p. 22).

No que se refere a área de exatas, ainda referente as pesquisas desenvolvidas no Brasil colônia, Vargas (2001) também sinaliza a presença dos jesuítas. Para tanto destaca a:

[...] missão dos Padres Matemáticos que veio ao Brasil em 1729, com a incumbência de elaborar mapas baseados na determinação exata das coordenadas geográficas. Compunha-se a missão dos padres jesuítas Domingos Capacci (1694-1736) e Diogo Soares. Capacci morreu em São Paulo; Diogo Soares, porém, continuou os trabalhos até sua morte, em 1748. Seus trabalhos, entre outros, consistiram numa Tabela das latitudes dos principais portos, cabos e ilhas do Mar do Sul na América austral e portuguesa; no Mapa topográfico do porto do Rio de Janeiro; na Carta da costa do Brasil referida ao meridiano do Rio de Janeiro, desde a Barra da Marambaya até Cabo Frio. O padre Capacci esteve ainda na Colônia do Sacramento e no Rio Grande do Sul, em sua missão cartográfica (VARGAS, 2001, p. 22).

Vargas (2001) faz referência ainda, a vinda ao Brasil, em 1753, de Ignácio Szentmartonyi, um outro jesuíta, como *astrônomo régio*, para desenvolver estudos que possibilitassem as demarcações estabelecidas pelo Tratado de Madrid, em 1750, referentes às fronteiras entre o Brasil e as colônias espanholas.

Entretanto, com o decreto de expulsão dos Jesuítas assinado pelo rei de Portugal, D. José I, em 1759, no qual este declara “os sobreditos regulares [os Jesuítas] [...] rebeldes, traidores, adversários e agressores que estão contra a minha real pessoa e Estados, contra a paz pública dos meus reinos e domínios, e contra o bem comum dos meus fiéis vassalos [...]” (Leite, 1937, p.38) e, como consequência, ordena que os mesmos sejam efetivamente expulsos de todos os seus reinos e domínios. A expulsão dos jesuítas é então determinada pelo Marquês de Pombal, e os jesuítas obrigados a deixar o Brasil e interromper as pesquisas e atividades de ensino em curso.

Os colégios foram fechados e os bens da Companhia confiscados com a alegação de conspiração contra o reino português. Tal fato provoca um desaparecimento do sistema de ensino em todo o território nacional, pois poucas eram as instituições educativas brasileiras que não estavam sob a coordenação dos jesuítas.

Em 1777, o Tratado de Madri foi substituído pelo de Santo Ildefonso e novas expedições foram organizadas para estabelecer o novo traçado. Entre essas Vargas (2001) destaca:

[...] a do brasileiro Antonio Pires da Silva Pontes (1750-1805), diplomado em Matemática pela Universidade de Coimbra, designado para demarcação da fronteira de Mato Grosso. Esse mesmo matemático organizou uma carta do Brasil e parte da América do Sul, em 1798. Outro membro da comissão de limites do Tratado de Santo Ildefonso foi Francisco José de Lacerda e Almeida (circ. 1752-?) um dos mais destacados engenheiros militares brasileiros, doutorado em Matemática e Astronomia pela Universidade de Coimbra, em 1777. (VARGAS, 2001, p. 22).

Segundo Vargas (2001), nos mosteiros eram desenvolvidas muitas investigações botânicas. Era muito comum os padres se dedicarem às atividades de plantações como jardinagem e horta, o que acabava por despertar gosto pelo aprendizado de botânica nas suas horas livres.

Esse é o caso do frade franciscano José Mariano da Conceição Veloso (1741-1811), nascido na atual cidade de Tiradentes, Minas Gerais. Sua obra de investigação botânica, toda feita no Brasil, sob o título de Flora fluminense, cujo texto completo, publicado somente em 1881, encontra-se nos Arquivos do Museu Nacional. Depois de ter ensinado Retórica em São Paulo, embarcou para Portugal, onde foi nomeado pelo conde de Linhares para a direção da Casa Literária do Arco dos Cegos, em Lisboa. Voltou ao Brasil com a Corte portuguesa e faleceu em 1811, depois de ser considerado o primeiro naturalista brasileiro. (VARGAS, 2001, p. 22)

Como a educação superior era privilégio da metrópole, os grandes proprietários brasileiros passam a enviar seus filhos, a partir principalmente, da segunda metade do século XVIII, para fazerem os cursos universitários em Portugal.

Segundo Vargas (2001),

(...) a Universidade de Coimbra foi freqüentada por cerca de mil estudantes brasileiros. Na segunda metade do século XVIII, quando nela foi introduzido, pela reforma pombalina, o estudo das ciências modernas, é que apareceram os primeiros cientistas nascidos no Brasil, porém ainda de nacionalidade portuguesa. Um deles é Alexandre Rodrigues Ferreira (1755-1815), autor da Viagem filosófica, na qual descreveu suas investigações de naturalista na Amazônia. Outro é Vicente Coelho

Seabra e Silva Telles (1764-1804), que escreveu o primeiro tratado de Química em língua portuguesa, *Elementos de química*, publicada em Coimbra em 1788/90. Note-se que essa publicação é contemporânea à chamada Revolução Química, chefiada por Lavoisier. José Alvares Maciel – que tomou parte na Inconfidência Mineira e sofreu, por isso, a pena de degredo na África – diplomou-se em Ciência e Filosofia, em Coimbra, em 1785 e dedicou-se, também, à Química. Outros dois colegas de turma em Coimbra foram José Bonifácio de Andrade e Silva (1763-1838) e Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá (1762-1835). O primeiro formou-se em Leis e Ciências e o segundo, em Ciências. Viajaram de 1790 a 1800 pela Europa, freqüentando cursos e aperfeiçoando seus conhecimentos em Química, Mineralogia, Mineração e Metalurgia. (VARGAS, 2001, p. 83)

Cabe destacar que José Bonifácio foi nomeado lente de Metalurgia em Coimbra e que foi, também, secretário da Academia de Ciências de Lisboa. Manuel Ferreira tornou-se intendente da Câmara das minas de ouro e diamantes de Minas Gerais.

Outros brasileiros foram responsáveis por traduções e publicações relevantes nas áreas das ciências exatas no período colonial. Dentre estes, Manuel Jacinto Nogueira da Gama que traduziu dois tratados franceses de matemática, ou sejam, *As Reflexões sobre a metafísica do cálculo infinitesimal*, de Carnot e a *Teoria das funções analíticas*, de Lagrange, em 1798, além de os *Elementos de geometria*, de autoria de Legendre, em 1808.

Francisco Vilela Barbosa, também formado na Universidade de Coimbra, publicou, em 1815, *Elementos de geometria* e *Breve tratado de geometria esférica*, em 1817. (VARGAS, 2001)

No século XIX, entretanto, com a transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro e a transformação da Colônia em *Reino Unido a Portugal e Algarve*, devido a eminente possibilidade de invasão de Portugal pela França, o então Príncipe Regente D. João e aclamado rei em 1816, desembarca em Salvador em 23 de janeiro de 1808, onde permanece por um mês e despacha as primeiras providências da Corte no Brasil. Entre essas, pressionado pela Inglaterra, a abertura dos portos às nações amigas. Tal iniciativa altera o estatuto colonial que restringia as viagens de estrangeiros pelo país.

A fuga para o Brasil foi uma estratégia para manter a colônia brasileira em poder de Portugal, mas significou, no entanto, a dependência em relação à Inglaterra, que se aproveita da vulnerabilidade vivenciada por Portugal no período para impor a abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional com a assinatura do Tratado de Comércio Luso - Britânico de 1810⁷⁰.

Depois da curta temporada em Salvador, o Príncipe Regente D. João, filho da Rainha D. Maria I, acompanhado por mais de dez mil pessoas, seguiu para o Rio de Janeiro. Com a chegada da família real, esta e terras vizinhas se desenvolvem muito. Houve, inclusive, grandes melhoramentos urbanos, pois são transferidos para o Brasil órgãos da Administração Pública e da Justiça da Corte.

Entre fatos importantes ocorridos no período temos: a Carta de Lei, de 4 de dezembro de 1810, que cria a Academia Real Militar na Cidade do Rio de Janeiro; a expansão dos cafezais, inicialmente cultivados apenas no entorno da cidade do Rio de Janeiro; a intensificação da

⁷⁰“Treaty of Cooperation and Friendship” que confirmou a liberação dos portos brasileiros para as demais nações do mundo. Representou a vitória da doutrina econômica liberal sobre as antigas diretrizes do mercantilismo. A vantagem obtida pelos ingleses nesse acordo ficava claramente percebida nas alíquotas alfandegárias que foram determinadas. Segundo o documento, os ingleses pagariam 15% de imposto sobre as mercadorias que desembarcassem nos portos brasileiros. Em contrapartida, os navios portugueses se submeteriam ao valor de 16% de imposto e as outras nações estrangeiras ficariam com um tributo de 24%. Estava assim garantida a hegemonia britânica sobre a economia brasileira

pesca, na Baía de Guanabara, inclusive de baleias, cujo óleo era utilizado para a iluminação da cidade.

É nesse período, também, que o Rio de Janeiro se destaca como um ponto importante, de partida e/ou passagem, para inúmeras expedições científicas⁷¹ devido a abertura dos portos às nações amigas. Viagens, principalmente, de cientistas europeus intensificam-se, com o objetivo de estudar o ambiente natural brasileiro em prol do desenvolvimento da ciência europeia, pois parte do material coletado é encaminhado para museus e instituições do velho continente.

Os primeiros naturalistas visitantes vieram com a Corte portuguesa ou com a comitiva da arquiduquesa Leopoldina (1797-1826) na ocasião que veio ao Brasil para tornar-se esposa do príncipe D. Pedro (1798-1834). Portanto, é o início um período de um processo mais sistemático de estudo e pesquisa da flora, fauna, geografia e vida social brasileira, no qual o ano de 1808 é considerado um marco para a história de investigação científica nacional mais aprofundada.

Entre estes naturalistas cabe destacar a vinda do inglês Henrique Koster que viveu no nosso país entre 1808 e 1819, e publicou, em 1816, o livro titulado de “Travels in Brazil” e do botânico francês Augusto de Saint-Hilaire (1779-1853) que, entre 1816 e 1822, realizou cinco viagens ao interior do Brasil, das quais resultaram a publicação de diversos volumes da coleção titulada de “Voyages dans l'Intérieur du Brésil” e do livro titulado de “Flora brasiliæ meridionalis”, além da sua conhecida crônica titulada de *Viagem à província de São Paulo*. Outro nome importante vinculado as expedições científicas é o do barão Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855). Um engenheiro militar e naturalista alemão que veio ao Brasil para realizar trabalhos de pesquisa geológica e mineralógica. Fixou-se aqui como tenente-coronel do Corpo Real de Engenheiros de Vila Rica e como intendente das Minas. O ouro de aluvião de Ouro Preto já tinha esgotado, mas ele explorou a mina da Passagem na qual encontrou um filão de ouro. Além disso, construiu uma fundição de ferro em Congonhas do Campo. Entretanto, sua atividade mais importante foi a investigação geológica, identificando as ocorrências de minérios de chumbo e de manganês, além das de ferro. Publicou, em Portugal, vários trabalhos sobre suas pesquisas geológicas e mineralógicas, entre os quais destaca-se o tratado sobre a geologia brasileira, titulado de “Pluto brasiliensis” e publicado em 1833. (VARGAS, 2001)

Cabe entretanto destacar, que o interesse português em desenvolver a mineração do ferro e a siderurgia em Minas Gerais, era anterior à vinda da Corte. D. Rodrigo de Souza Coutinho, futuro conde de Linhares, quando convocado pelo príncipe regente para assumir a pasta da Marinha e Ultramar em 1785, elaborou um plano denominado de *Sistema político que mais convém à nossa Coroa para conservação dos seus vastos territórios, particularmente os da América*, no qual a questão da mineração em Minas Gerais era tratada. Um amigo de Souza Coutinho, o estudante brasileiro em Coimbra Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá⁷²

⁷¹ Grande parte dos pesquisadores desse período liga-se a expedições mais amplas, nas quais são associadas ciência e arte, com o objetivo de produzir a documentação que registrariam os resultados da pesquisa. Algumas expedições se tornam célebres pelos seus resultados científicos e artísticos.

⁷² Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá cujo perfil na biografia é mais político, evidenciado pela sua atuação enquanto estadista e parlamentar, pela relevância ao desempenho do personagem no período da Independência, como deputado na Assembleia Nacional Constituinte de 1823 e como senador por Minas Gerais no período de 1827 a 1835, bacharel em Leis e Filosofia em 1787 pela universidade de Coimbra era um naturalista.

foi um dos primeiros a estudar a questão, como intendente das Minas. O intendente Câmara foi quem iniciou em 1809, após a chegada da Corte, a construção da Fábrica de Ferro do Pilar, no Morro de Gaspar Soares. Mas essa fábrica só veio a produzir em 1815. Em 1831 foi fechada por não conseguir cobrir os gastos de produção. Nessa época, José Bonifácio e seu irmão Martim Francisco interessaram-se pela siderurgia em São Paulo. O engenheiro militar vindo com a Corte, Frederico Luis Guilherme de Varnhagen (1782-1842) foi incumbido de estudar as minas de ferro de Ipanema, próximo a Sorocaba em São Paulo e ali instalar uma fábrica de ferro. Antes de assumir fez uma visita preliminar ao local em companhia do irmão de Bonifácio, da qual resultou um relatório para a construção da fábrica. Varnhagen, serviu na fábrica de ferro de Figueiró dos Vinhos, na qual eram fabricados, entre outras coisas de ferro, os canhões para as forças armadas portuguesas quando, então conhece, trabalha e torna-se amigo de José Bonifácio. A fábrica continuou a existir por vários anos, mesmo após a retirada de Varnhagen em 1821, porém entrou progressivamente em decadência. (VARGAS, 2001)

Com a arquiduquesa Leopoldina vieram ainda os médicos pesquisadores Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), botânico, e Johan Baptiste Von Spix (1781-1826), zoólogo e naturalista. Ambos, em uma de suas viagens, visitaram Caetité, cidade natal de Anísio Teixeira, e região circunvizinha. Durante sua viagem pelo Brasil, que iniciou-se em 1817, Martius esboçou imagens da natureza e da sociedade brasileira, cujos três tomos foram editados em 1823, 1828 e 1831 e cuja a edição, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IHGB, foi viabilizada em 1938. Martius permaneceu no Brasil por cerca de três anos, mas seu interesse pela natureza e o país continuou sempre presente. O relato de sua viagem pelo Brasil, titulado de *Viagem pelo Brasil*, contou com a colaboração do seu companheiro, o médico e naturalista Johann Baptist Spix (1781-1826), o qual além de colaborar com von Martius, deixou um memorial científico sobre o Amazonas, cujos principais afluentes percorreu sozinho. Ao retornar para Munique, Alemanha, von Martius dedicou-se a escrever o tratado titulado de “Flora brasiliensis”, documento pioneiro sobre as floras tropicais. Escreveu ainda a “History palmarum”, um clássico botânico sobre palmeiras. Além destes escreveu, também, dividido em três volumes, o tratado *titulado de* “New genera et species plantarum brasiliensis”, entre 1823 e 1832. Apesar do interesse para a elaboração dos livros ter sido direcionado para ampliar o conhecimento científico europeu, não se pode deixar de considerar que eles agregaram e incorporaram conhecimento à ciência brasileira. Estas publicações se constituíram na base das investigações botânicas realizadas no Brasil. Em sendo assim, von Martius além de ser considerado um dos maiores pesquisadores da ciência botânica é, também, um dos primeiros cientistas que contribuíram para o conhecimento da flora brasileira.

A missão austríaca de 1817, organizada devido ao casamento real trouxe além dos citados, um conjunto de sábios e artistas destacados, com a incumbência de investigar a flora e a fauna brasileiras. Para complementar, registramos que também estiveram excursionando pelo Brasil em outras missões científicas, o alemão Frederico Guilherme Sieber, que realiza estudos geológicos e botânicos na bacia Amazônica; os naturalistas Jorge Freyreiss (1789-1825) e Frederico Sellow (1789-1831), que acompanham o príncipe alemão Maximiliano von Wied-Neuwied (coleccionador de plantas, objetos e pesquisador de línguas indígenas), autor de da

publicação já mencionada *Viagem ao Brasil*, 1820 e 1821; João Emanuel Pohl (1782-1834), que viaja pelo país entre 1817 e 1821 registrando a riqueza da fauna e seus minérios; João Natterer (1787-1843), um zoólogo, ornitólogo e entomólogo e que permanece no país entre os anos de 1817 e 1835.

Cabe ressaltar que grande parte desses pesquisadores ligaram-se a expedições mais amplas, nas quais são associadas ciência e arte, com o objetivo de produzir a documentação que registrariam os resultados da pesquisa. E que algumas dessas expedições se tornaram célebres pelos seus resultados científicos e artísticos. Um exemplo dessa junção entre ciências e arte é Thomas Ender (1793-1875), que sendo artista, foi o responsável pelas ilustrações das viagens de Pohl e de Martius.

Alguns dos viajantes eram mais explorador que naturalista, como foi o caso de um outro médico, Georg Heinrich Langsdorff (1779-1852), que chegou ao Brasil, pela primeira vez em 1813 e publicou em Lisboa em 1823, o livro titulado de *Memória sobre o Brasil* para servir de guia para aqueles que desejassem se estabelecer no país. Voltou ao Brasil em 1825, portanto depois de proclamada a Independência, como cônsul geral da Rússia. Foi nesse retorno que empreendeu uma viagem seguindo a rota costumeira dos bandeirantes. Desceu o Tietê, a partir de Porto Feliz chegando a Cuiabá. Daí atravessou o norte de Mato Grosso e a Amazônia até Santarém e regressando ao final da viagem para a Rússia. Existe um relato dessa viagem escrito por Hércules Florence, um dos componentes da expedição. Outro viajante mais explorador que naturalista foi o célebre diplomata e viajante inglês sir Richard Francis Burton (1821-1890), que foi cônsul em Santos. Este publicou, em 1869, o relato de suas viagens pelo interior do Brasil sob o título “The highlands of Brazil”. (VARGAS, 2001)

O mais conhecido dos viajantes dessa época é o, já citado, naturalista inglês Charles Darwin, que a bordo da corveta “HMS Beagle”, passou pelo Rio de Janeiro e Bahia e chegou a Fernando de Noronha em 1832 e que, ao todo, passou quatro meses viajando pelo Brasil. Deslumbrado pela natureza tropical, Darwin escreveu em seu diário: “O cenário brasileiro não é nada menos que uma visão das Noites Árabes com a vantagem da realidade”(Darwin apud Vargas, 2001. p. 94). Ainda segundo Vargas (2001), o pesquisador fez registros no diário no qual afirma que “detestou a indolência e a sujeira da população, assim como queixou-se da impertinência dos funcionários públicos e da crueldade em relação aos escravos”. (Vargas, 2001, 96)

Vargas (2001) informa, também, que Alfred Russel Wallace (1823-1913), co-autor da teoria de Darwin, excursionou no Brasil e, mais especificamente, na Amazônia em 1848. Como esta excursão só aconteceu dezesseis anos após a de Darwin, questões da origem das espécies já deviam estar bem maturadas. O resultado das observações realizadas na excursão foi publicado como relato de viagem sob o título “Narrative of travels on the Amazon and Black River”, em 1853. A mesma viagem foi compartilhada pela naturalista Henry Bates (1825-1892) que percorreu toda Bacia Amazônica por sete anos e meio. Foi ele quem investigou o fenômeno do mimetismo. (VARGAS, 2001)

Outro nome importante e que viveu em Lagoa Santa, em Minas Gerais, entre os anos de 1825 e 1880, foi o célebre naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1980). Este além da natureza local, pesquisou, também, questões de Paleontologia em cavernas locais. O botânico dinamarquês Eugenius Warming foi seu companheiro de pesquisas e que, estudando a flora

local, deu início aos estudos de Fitoecologia. Escreveu sobre esses estudos uma monografia clássica, intitulada de *A Lagoa Santa*, que se reporta a uma pesquisa desenvolvida em uma região próxima a Belo Horizonte. Este livro foi traduzido em 1908 por Albert Loefgren, botânico sueco que viveu muitos anos no Brasil. Foi reeditado ampliado, em 1973, por ter acrescido de novos dados de pesquisas, por Mario Guimarães Ferri (1918-1985), professor Catedrático de Botânica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo. Esta nova publicação aborda a vegetação de cerrados brasileiros.

Outras missões científicas tiveram lugar a partir da transferência da Corte portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos aos estrangeiros. Estas, apesar de possuírem interesses ocultos que beneficiavam direta e ou indiretamente outros países, acabaram por contribuir com a ciência brasileira. Cabe destacar entretanto, que pelo caráter quase sempre transitório de permanência desses pesquisadores viajantes em terras brasileiras, tais excursões pouco contribuíam com a formação e consolidação de um quadro de pesquisadores brasileiros.

Em sendo assim destacamos que a criação de escolas de ensino superior foi o maior benefício que a ciência nacional recebeu com a chegada da corte. Ressaltamos, entretanto, que:

A transformação da Universidade medieval, para introduzir em seu seio a ciência moderna, é, como se sabe, processo extremamente longo e complexo. No caso de Portugal, o Marquês de Pombal promoveria, em 1772, uma reforma que de certa forma antecipa o problema, em relação às adaptações posteriormente introduzidas na Universidade europeia. Em Portugal, a Universidade tradicional seria virtualmente destruída. A singularidade do evento consiste no fato de que a nova instituição estaria voltada para a ciência aplicada. Trata-se agora de formar uma elite renovada, apta a identificar as riquezas naturais do reino e explorá-las. A nova Universidade é encarada como uma peça essencial ao projeto de tornar Portugal uma nação rica e próspera. Escapa à reforma a compreensão da ciência como saber desinteressado e busca da verdade. A geração de doutores pombalinos que acabou chegando ao poder depois de sua morte, a despeito das tentativas de eliminar sua presença na história de Portugal, evoluiria na verdade para prescindir da Universidade como instituição unitária e integrada, dando preferência ao ensino de nível superior em estabelecimentos isolados. Esse modelo seria adotado abertamente no Brasil, com a transferência da Família Real, a preservado após a Independência. Mais tarde o menosprezo pela Universidade seria fundamentado pelos positivistas. De sorte que, à tradição anterior, somar-se-ia a conceituação da Universidade como elitizante e promotora de saber ornamental, por uma facção ascendente da intelectualidade brasileira. (PAIM, 1981, p.6)

As Escolas de Medicina e Cirurgia da Bahia e do Rio de Janeiro⁷³ foram fundadas em 1808, esta última junto à Santa Casa de Misericórdia. Neste mesmo ano no Rio de Janeiro, mais precisamente no mês de maio, foi fundada a Academia da Marinha. Como complemento, D. João decidiu, também, aconselhado pelo conde de Linhares, criar cursos regulares de ciências exatas e de observação, não só para oficiais do Exército como também para engenheiros, geógrafos, topógrafos. Com esse espírito, a Academia de Artilharia e Fortificações e já existente no Estado foi transformada, em 23 de abril de 1811, em Academia Real Militar. Esta foi, provisoriamente, instalada na Casa do Trem na ponta do Calabouço, mas foi transferida, em 1812 para o Largo de São Francisco, ou seja, no mesmo local no qual seria instalado

⁷³ Esta nota é um registro homenagem que faço a memória do meu pai, falecido recentemente, e que, formado em medicina pela Universidade Federal da Bahia, especializou-se em cirurgia nesta tradicional instituição carioca, em

posteriormente a antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Esta Academia visava a formação de militares, porém oferecia cursos de Engenharia, de Matemática e de Ciências Físicas e Naturais. Dessa forma, deve ser considerada como o primeiro núcleo de formação científica leiga, sobretudo de matemática, no Brasil. Concordando com a preocupação do conde de Linhares de formar elites capazes de dirigir e administrar o sonhado Império Português no Atlântico, a Academia Militar formou não só militares como, também, dirigentes e administradores do Império. Além destes, formou muitos daqueles que vieram a tornar-se professores de disciplinas científicas. Entretanto, só Joaquim Gomes de Souza (1829-1864) atingiu notoriedade científica, e como matemático, após se formar em 1848 e ter defendido um trabalho dissertativo sobre o modo de indagar novos astros sem auxílio de observação direta. Tema este possivelmente inspirado na descoberta do planeta Netuno. Em 1882 o governo brasileiro publicou na Europa uma seleção dos trabalhos deste matemático sobre calculo integral. (VARGAS, 2001)

Outros benefícios para as ciências brasileiras decorrentes da transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro foi a criação das seguintes instituições: 1) o Real Horto, em 1808; 2) o Real Jardim Botânico, logo depois e ainda em 1808, para aclimação de plantas das colônias portuguesas no Brasil; 3) a Imprensa Régia e a Biblioteca Nacional em 1808 e 1910, respectivamente; 4) o Museu Real, em 1818; 5) o Museu Nacional, também em 1918 e sediado, inicialmente, no Campo de Sant'Anna. Importante Instituição que foi incentivadora e fonte de pesquisas científicas durante todo o Império e que serviu para atender aos interesses de promoção do progresso cultural e econômico no país. Segundo Vargas (2001), durante o Império as ciências naturais são mais bem estudadas no Museu Nacional do que nas faculdades de Medicina ou Engenharia.

Cabe registrar que o Museu Nacional recebia espécimes de animais e vegetais de muitas das missões de naturalistas estrangeiros que visitaram nosso país na primeira metade do século XIX. E que esta Instituição foi responsável pelos primeiros avanços brasileiros em várias áreas do conhecimento, como por exemplo: mineralogia, química, zoologia, entre outras, que em 1876 passa a editar a publicação titulada de *Os Arquivos do Museu Nacional*, na qual começaram a aparecer os resultados das primeiras pesquisas nacionais. Entre estes destacam-se os produzidos a partir das investigações de Fritz Müller (1822-97), professor do Liceu de Desterro (hoje Florianópolis). Este pesquisador publicou, na Alemanha, em 1864, um livro em defesa da teoria da seleção natural, titulado de “Fur Darwin”. O próprio Darwin promoveu a tradução deste livro para o inglês e que passou a ser nomeado de *Fritz Müller como príncipe dos observadores*. Entre os anos de 1885 e 1890 o Museu Nacional contou com a presença de um zoólogo muito conceituado, ou seja, Emílio Goeldi (1859-1917) e que foi posteriormente, nomeado diretor do Museu Paraense – hoje Museu Goeldi. Este, em cooperação com eficientes colaboradores, realizou pesquisas que vieram a conferir a Instituição reconhecimento internacional. Outro fato importante a registrar quanto a publicações são os Anais do Observatório Imperial de Astronomia do Rio de Janeiro a partir de 1871, quando emancipou-se das academias militares. Tal fato possibilitou uma maior visibilidade dos estudos sobre questões afins desenvolvidos na Instituição. (VARGAS, 2001)

Quanto as ciências humanas, estas só vieram a ser ensinadas no Brasil com a organização das faculdades de Direito de Recife e de São Paulo em 1827, ou seja, depois do Brasil independente de Portugal.

Entretanto, enquanto nas academias militares e as escolas de medicina dominava o estudo modernizante iluminista, baseado nas ciências exatas modernas, nas academias jurídicas dominavam os moldes das faculdades de cânones e de leis de Coimbra. Por isso, entre os advogados do Império predomina uma atitude retórica e literária que acaba por instalar a burocracia imperial. (VARGAS,2001)

Nessa época, a Psicologia e a Sociologia eram assuntos de especulação filosófica, tanto na Academia de Direito de São Paulo como na de Recife. O fato de o movimento positivista – a primeira doutrina filosófica moderna favorável à ciência, introduzida no Brasil a partir dos meados do século XIX – ter-se expandido mais nas escolas de Medicina e na Politécnica que nas faculdades de Direito comprova isso (VARGAS,2001, p. 104).

Todo esse novo contexto que foi sendo desenhado funcionou para que, treze anos depois do desembarque da Corte, as Capitânicas passassem a categoria de Províncias em 1821. Registros indicam que a Província do Rio de Janeiro contava nesse ano com uma população de 330 mil habitantes, dos quais 170 mil eram escravos. Um ano depois de elevada à categoria de Província, o Rio De Janeiro é palco central, em 1822, da tomada de poder. É consenso entre os historiadores, que foram representantes das elites brasileiras, formadas por fazendeiros, comerciantes e representantes do setor de importação e exportação que articularam a separação do Brasil de Portugal, pois tinham interesse na manutenção das estruturas tradicionais de produção, baseada no trabalho escravo e em grandes propriedades rurais. Para tanto, estes historiadores chamam atenção para o fato da tradição agrária da economia brasileira ter se mantido após a Independência apesar das oposições realizadas por parte de alguns grupos interessados em promover o desenvolvimento da indústria nacional, bem como de fazer frente as pressões inglesas para abolir o tráfico de escravos. (COSTA, 1999)

Segundo Costa (1999), “formados na ideologia⁷⁴ da Ilustração, expurgaram o pensamento liberal das suas feições mais radicais, talhando para uso próprio uma ideologia essencialmente conservadora e antidemocrática” (COSTA,1999, p.9), pois a opção pelo regime monárquico, à época, foi uma forma do país alcançar a independência, mas de colocar em funcionamento um sistema político centralizador, no qual os municípios eram dependentes dos governos provinciais e esses do governo central. No que se refere a relação Igreja e Estado, mantiveram a subordinação a tradição colonial e o catolicismo como religião oficial, com permissão para outras religiões, na forma de culto privado. Ainda segundo Costa (1999), instalaram o processo eleitoral ancorado no voto qualificado (censitário) e que, consequentemente, excluía a maior parte da população do processo.

Disputaram avidamente títulos de nobreza e monopolizaram posições na Câmara, no Senado, no Conselho de Estado e nos Ministérios. A adoção do princípio da vitaliciedade para o Senado e o Conselho de Estado assegurou continuidade às elites

⁷⁴ A Ilustração é um movimento ou corrente ideológica bastante otimista que se dá no século XVIII (“século das luzes”), baseado na confiança na razão, na ciência e na educação como fatores de progresso [explicação nossa].

políticas que se perpetuaram no poder graças ao sistema de clientela e patronagem vindo a constituir uma verdadeira oligarquia. (COSTA, 1999, p.10)

Em sendo assim, apesar das elites optarem em 1822 por um regime monárquico, quando a Independência foi conquistada, estas elites entram em conflito com o imperador em uma disputa pelo controle da nação. Tal situação leva D. Pedro I a abdicar do trono e as mesmas assumirem a liderança, em 1831, como especificado a seguir:

Nos anos que se seguiram, os grupos no poder sofreram a oposição de liberais radicais que se insurgiram em vários pontos do país. Ressentiam-se uns da excessiva centralização e pleiteavam um regime federativo; outros propunham a abolição gradual da escravidão, demandavam a nacionalização do comércio, chegando a sugerir a expropriação dos latifúndios improdutivos. Pertencentes a essa categoria eram os que se sublevaram no Rio de Janeiro⁷⁵ em 1831. Podem eles ser considerados a versão brasileira dos sans-culottes. Eram artesãos e pequenos comerciantes cuja sobrevivência se tornara difícil por causa da crescente concorrência estrangeira. Contavam com o apoio de médicos, advogados, jornalistas e outros profissionais urbanos, bem como da massa de negros e mulatos livres que se acumulavam nos principais portos e que não se identificavam com o ponto de vista das elites. A oligarquia brasileira, no entanto, desde seus primeiros tempos, revelou pequena tolerância para com a oposição. Os grupos no poder consideravam o Ato Adicional (1834), que garantiu maior autonomia aos governos provinciais, a última concessão aos anseios dos grupos radicais. A partir de então, as elites se tornaram mais conservadoras e trataram, na expressão de um de seus representantes, de “parar o carro revolucionário”. Com esse intuito, o governo da regência criou a Guarda Nacional, colocando à disposição das “classes proprietárias” uma força policial que seria usada na manutenção do poder local. O Exército, por sua vez, foi incumbido de reprimir os movimentos dissidentes em escala nacional. Dessa forma, nos meados do século, a oligarquia consolidara seu poder. Uma nova geração de políticos assumira o controle da nação, governando sob a tutela protetora do jovem imperador cuja maioridade fora antecipada. Os dissidentes dos primeiros tempos desapareceram da cena política, engolfados pelo processo de modernização ou cooptados pelo sistema. (COSTA, 1999, p.12)

No que se refere a educação, a Constituinte do Império instalada em 1823 já registrava, entre outros grandiosos planos: "escolas em todas as cidades e vilas, liceus em todas as comarcas, e universidades nos locais para isso mais indicados". (LOURENÇO FILHO, 1964, p.8) Tais ideias se renovaram em outros projetos, seguindo os passos de muitos países da Europa que já haviam fundado órgãos para disciplinar os serviços escolares. Exemplo disso é o Ato adicional à Constituição, de 1834, que descentralizou os serviços do ensino primário e normal o que, "poderia parecer, assim, supérfluo um órgão central para o exame das questões gerais do ensino no país". (ibid, 1964, p.8). Outra iniciativa é a reforma proposta por Leôncio de Carvalho em 1872 e que vai incluir a criação de um Conselho Superior de Instrução Pública. "Expedida por decreto a ser referendada pelas cortes, deu essa reforma motivo aos grandes pareceres sobre o ensino elaborados pelo deputado Rui Barbosa " (ibid, 1964, p.8), isso porque,

[...] não desejava ele [Rui Barbosa] apenas um órgão colegiado, mas outro também que servisse à documentação e à difusão de novas idéias sobre o ensino, com investigação de seus problemas na vida nacional. A exemplo de instituições

⁷⁵Sans-culotte foi a denominação dada pelos aristocratas aos artesãos, trabalhadores e até pequenos proprietários participantes da Revolução Francesa.
[Explicação inserção nossa]

similares, ensaiadas nalguns países da Europa — a Hungria, a Holanda, a França, a Bélgica, além de outros — esse órgão recebia o nome de Museu Pedagógico. Esse título museu não restringia a idéia dos estudos de que se devessem encarregar a instituição. Naqueles países funcionavam tais órgãos para coleta da estatística das escolas, de informações sobre métodos e procedimentos didáticos, como também sobre condições gerais das populações. Em duas palavras, informavam e investigavam. Mas, como à época se sentisse que o ensino deveria perder a feição essencialmente verbal com que se realizava, insistia-se na idéia de exemplificação de certo material didático, em artefatos e aparelhos, nos quais se pudesse apoiar ensino objetivo. Daí, o nome adotado. É sabido que não tiveram andamento os substitutivos de Rui, de que seus pareceres representaram copiosa fundamentação. Contudo, muitas das idéias expostas não ficaram perdidas, e em especial a do centro de estudos que pleiteara (LOURENÇO FILHO. 1964, p.9)

Nesse sentido Lourenço Filho (1964) chama atenção para algumas iniciativas promovidas no final do Império como: Uma Exposição Pedagógica, realizada em 1883; Eventos variados - palestras, estudos e debates – organizados pela privada Sociedade Promotora de Instrução; e o esboço de um museu didático, que na República se materializa como “Pedagogium”, “órgão propulsor de reformas e melhoramentos de que carecesse a educação nacional” (LOURENÇO FILHO, 1964, p. 9), conforme estabelecido no decreto n.º 667, de 16 de agosto de 1890. “O Pedagogium prestou grandes serviços à difusão de modernos conhecimentos sobre o ensino, até julho de 1919, quando foi extinto. Bastará dizer que nele funcionou um laboratório de psicologia para aplicações do ensino”. (ibid, 1964, p. 9)

Ainda sob as influências do referido contexto pós Independência, há, em 1858, a organização da Escola Central, para o ensino das Matemáticas e das Ciências Físicas e Naturais, com as disciplinas próprias da Engenharia Civil, desligadas da Academia Militar. A Escola Central permaneceu no Largo de São Francisco, enquanto a Escola Militar instalou-se na Praia Vermelha. Apesar de restrita à formação de engenheiros civis, a Escola Central continuou a ser regida pelo Exército, mas pela primeira vez no Brasil foi oficializada a expressão *engenheiro civil*. (VARGAS, 2001)

O currículo da Escola Central constituiu-se em um curso básico de quatro anos, de Matemática e Ciências Físicas e Aplicadas, que dava o título de bacharel em Matemática, ou em Ciências Físicas e Naturais e mais um curso de dois anos de Engenharia Civil. Vargas (2001) destaca que a ênfase no ensino da Engenharia Civil nessa Escola foi dada às máquinas a vapor e ao projeto e construção de estradas de ferro. E complementa dizendo:

Assim, mesmo que as primeiras estradas de ferro brasileiras tenham sido projetadas e construídas por engenheiros e empreiteiros ingleses, elas puderam ser concebidas e dirigidas por engenheiros brasileiros. Embora se deva reconhecer que a realização de estradas de ferro do Império muito deveu a Irineu Evangelista de Souza, o barão de Mauá, empresário da primeira ferrovia brasileira (do fundo da Baía de Guanabara ao pé da Serra de Petrópolis, construída em 1854), o qual não era, entretanto, engenheiro. O mais notável promotor das estradas de ferro do Império foi o engenheiro Christiano Benedito Ottoni (1811-96), que cursou a Academia da Marinha, mas diplomou-se em engenharia na Academia Militar em 1837. Foi ele quem dirigiu e controlou os empreiteiros ingleses e americanos que construíram a Estrada de Ferro d. Pedro II, auxiliado também por engenheiros brasileiros: os majores João Baptista de Castro Morais Antas e Thomaz da Silva Paranhos. Ottoni publicou, em 1859, o seu livro *O futuro das estradas de ferro no Brasil*, que veio a ser referência básica sobre o planejamento de estradas nacionais e guia para a solução de seus problemas. Notáveis engenheiros brasileiros dessa época são os

irmãos Rebouças. André Rebouças, depois de diplomado engenheiro em 1860, fez um estágio na Europa, especializando-se em docas e vias férreas. Suas obras principais são as docas da Alfândega e a do Mercado, no Rio de Janeiro, de 1866 até 1877, na qual ele introduziu o ensaio tecnológico do cimento, por meio de máquina de ensaio cujo desenho existe até hoje. Seu irmão, Antônio Pereira Rebouças, construiu a Estrada de Rodagem da Graciosa (Curitiba - Antonina) e projetou a Via Férrea Curitiba - Paranaguá em 1872, por meio de sucessivos túneis e viadutos, evitando ao máximo a escavação de cortes e construção de aterros, o que tornou essa linha a mais estável de todas as outras que galgavam a Serra do Mar. A construção foi realizada em 1886 por uma firma belga, sob a direção do engenheiro brasileiro João Teixeira Soares. (VARGAS,2001, p.117)

Além da construção de estradas de ferro, durante o Império há uma grande atividade nos estudos e projetos de instalações portuárias ao longo da costa. O engenheiro Manuel da Cunha Galvão publicou em 1869, documento titulado de *Melhoramentos dos portos do Brasil*, no qual “patenteia a penúria das nossas instalações portuárias, bem como o fracasso de várias tentativas para melhorá-la”(Vargas,2001,p.119). Melhoras que só vieram a ocorrer depois da Proclamação da República.

Em 1874 é criada a Escola Politécnica a partir de uma reorganização da Escola Central e por iniciativa do primeiro-ministro do Império, José Maria da Silva Paranhos, o visconde do Rio Branco, que foi aluno e, posteriormente, lente da Academia Militar. Este será o marco que separará a Engenharia Civil do Ministério da Guerra. O currículo da recém-criada Escola foi organizado da seguinte forma: dois anos de um curso geral, durante os quais os alunos estudavam Matemática, Física, Química e noções de História Natural, seguidos por cursos especializados de engenheiros civis, de minas, e de artes e manufaturas. A Escola oferecia ainda cursos científicos de dois anos, em Ciências Físicas e Matemáticas e Ciências Físicas e Naturais (VARGAS, 2001).

Quanto as expedições científicas, as últimas que vieram ao Brasil durante o Império foram americanas. Em 1865, chegou ao Rio de Janeiro a Expedição Thayer, chefiada pelo professor de História Natural da Universidade de Harvard, Louis Agassiz, cuja a principal ideia era demonstrar que o território brasileiro teria sido, em época geológica recente, coberto por gelo. Agassiz não aceitava a teoria da evolução de Darwin, pois acreditava que se tivesse havido uma glaciação total da terra em período recente não haveria tempo hábil para que se processasse todo o processo evolutivo dos espécimes.

Quanto já mencionado Hartt, este voltou ao Brasil em duas outras expedições americanas, as expedições Morgan, acompanhado por seus auxiliares Orville Adalbert Derby (1851-1915) e John Casper Branner (1850-1922). De volta aos Estados Unidos, Hartt publicou em 1870, em Boston, o primeiro tratado sobre geologia do Brasil, sob o título *Geology and physical geography of Brazil*.

Segundo Vargas(2001), os três geólogos que formaram a *Comissão Geológica do Império*, comandada por Charles Frederick Hartt, que entre as funções de investigação geológica do país, teria como finalidade traçar a primeira carta geológica do Brasil, foram contratados, em 1874, pelo visconde do Rio Branco, enquanto presidente do Conselho de Ministros. Entretanto com a queda do ministério conservador em 1878, a comissão foi extinta. Os estudos desenvolvidos neste período constituem a origem das investigações geológicas brasileiras. Branner, um dos membros, que continuou visitando periodicamente o Brasil

publicou, em português, um tratado de geologia, no qual apresenta e discute exemplos brasileiros para uso de estudantes.

No mesmo ano que a Comissão Geológica do Império extinguiu-se, o visconde do Rio Branco fundou a Escola de Minas de Ouro Preto. Coube aos engenheiros de minas, formados pela Escola de Ouro Preto, a continuação do trabalho de investigação geológica durante o Império e a República Velha. E para demonstrar a importância de tais estudos no período acrescentamos:

É curioso notar uma aproximação dessa investigação geológica com a construção de estradas de ferro e com as obras contra a seca no Nordeste. Isso estabeleceu a peculiar inter-relação entre a pesquisa geológica científica e a engenharia civil que persiste até hoje, no Brasil. (VARGAS, 2001, p.122)

A educação primária durante o Império era realizada em escolas de *ler e escrever* que substituíram as *aulas régias* da Colônia. Essas eram espaçadamente distribuídas pelo território nacional e ministradas por professores mal preparados e pagos pela Coroa. A primeira constituição brasileira, promulgada em 1823, previa a criação de escolas primárias gratuitas para todos em cada paróquia e de liceus em cada comarca, bem como de universidades onde fossem necessárias. Esta não conseguiu garantir tais implantações, que ficaram restritas a meras intenções.

Portanto, só com o retorno dos jesuítas a partir de 1842 é que o ensino primário e secundário foi melhorado no Brasil. Eles fundaram seminários e colégios secundários em várias cidades das províncias. Fora dos seminários, o ensino secundário disseminou-se a partir da segunda metade do século XIX quando, além dos colégios jesuítas, apareceram os liceus e ateneus, quase todos geridos pela Igreja Católica e tendo padres como professores. A mais antiga destas instituições é o Colégio Caraça, fundado em Minas Gerais, em 1820, pelos padres lazaristas e abandonado em seguida, mas que foi reativado em 1854, constituído de seminário e colégio e que mantiveram-se funcionando até 1912. Nestas Instituições foram educados jovens que vieram a ocupar postos de destaque no Império. (VARGAS, 2001)

A única instituição governamental leiga de ensino secundário durante o Império foi o Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro e fundado em 1837, na regência de Araújo Lima (1837-1840). Fornecia um curso de sete anos e conferia grau e diploma de bacharel em Letras aos aprovados, porém não podia ser comparado com uma faculdade de Letras, pois era um instituto de estudos secundários com a nítida finalidade de preparar os alunos para o ingresso em escolas profissionais superiores. (VARGAS, 2001)

A partir do final da Guerra do Paraguai (1870) a mentalidade nacional fixa-se na ideia de modernização, no sentido explícito de transformar o Brasil num país, em tudo, semelhante aos da Europa e para tanto ciência passa assumir centralidade. Cabe destacar que desde o meado do século já chegava ao país uma primeira doutrina filosófica moderna: o positivismo. De fato, o positivismo anunciou-se no Brasil, entre 1850 e 1851, por meio de teses apresentadas às escolas militares, teses que defendiam posições positivistas no esclarecimento de princípios científicos. Porém, a primeira manifestação social do positivismo ocorreu em 1865, com a publicação do livro *A escravidão no Brasil*, de Francisco Brandão Jr., publicado em Bruxelas. Desde então, as teses positivistas foram utilizadas em artigos de jornais e

pronunciamentos públicos no propósito de modernizar a sociedade brasileira. (VARGAS, 2001)

Mas não cremos que tenha sido a fundação do Apostolado Positivista, por Miguel Lemos (1854-1917) e Raimundo Teixeira Mendes (1885-1927) – tradutores do Catecismo positivista – que mais influiu neste movimento de modernização. Esta aconteceu devido a militares, liderados por Benjamin Botelho de Magalhães (1836-91), a políticos, como Julio de Castilho (1860-1903) e a médicos, como Luis Pereira Barreto (1840-1923), os quais, embora positivistas, não eram ligados ao Apostolado Positivista. (VARGAS, 1001, p. 126)

Portanto, o movimento de modernização daria lugar a uma mentalidade científicista e elitista, no sentido de crer que o país deveria ser governado autoritariamente por uma elite preparada para tal. Esta mentalidade foi superada a partir de 1920, porém suas repercussões permaneceram por muitos anos.

Analisando a evolução do pensamento liberal desse período, observa-se que durante o Primeiro Império os liberais desenvolveram uma trajetória de oposição ao imperador, mas tornaram-se conservadores quando assumiram o poder e tiveram de enfrentar as exigências dos setores mais radicais da sociedade, como bem retrata a citação que se segue:

A constituição de um ministério de conciliação nos meados do século, expressando uma união temporária entre liberais e conservadores, representou a superação das desinteligências iniciais e consolidou a hegemonia de uma elite basicamente conservadora. Nos anos que se seguiram, liberais e conservadores se revezariam no poder, mas, a despeito das diferenças programáticas que os separavam e não obstante o jogo político que os dividia em grupos antagônicos, mantiveram concordância de pontos de vista a respeito de questões fundamentais tais como a manutenção da economia agrária e da escravidão. O bourgeois gentilhomme, típico da elite brasileira, empresário e aristocrata, ávido de lucros e de títulos de nobreza, assumiu uma posição ambígua em relação à ética burguesa e ao capitalismo. A ética capitalista, com seu culto da liberdade individual, sua valorização da poupança e do trabalho, seu apreço pelo selfmademan, não fazia muito sentido numa sociedade em que o trabalho era feito por escravos, as relações humanas se definiam em termos de troca de favores e a mobilidade social dependia da patronagem da elite. (COSTA, 1999, p.12)

Continuando com a linha de raciocínio, adicionamos a citação a seguir com o objetivo de realçarmos a figura do bacharel nesse período histórico do Brasil, que ainda se perpetua por muitos anos ao longo da república e que, sem sombra de dúvida, vai ao encontro de posições assumidas por muito dos bacharéis referidos no presente estudo, inclusive, em alguns episódios, permeando a história do próprio Anísio Teixeira no início da carreira de sua profissional, como poderá ser constatado posteriormente.

O sistema de clientela e patronagem, cujas origens remontam ao período colonial, impediu a racionalização da administração. A burocracia do Império foi cabide de empregos, os burocratas sujeitos aos caprichos da política e ao revezamento dos partidos no poder. As lutas políticas se definiram em termos de lutas de família e suas clientelas. A ética de favores prevalecia sobre a ética competitiva e o bem público confundia-se com os bens pessoais. Dentro desse quadro de relações, o sistema capitalista encontrava obstáculos para seu desenvolvimento. De outro modo, seu

dinamismo limitado, característico do capitalismo periférico, não era suficiente para desarticular as bases de sustentação da patronagem. O sistema de clientela que sobreviveria ao Império mascarava as tensões de classe e os antagonismos raciais. As novas classes médias urbanas que se constituíram no decorrer do Segundo Reinado nos principais núcleos urbanos seriam atreladas às oligarquias de cuja patronagem dependiam – o que impôs limites à sua crítica. Exemplo do processo de cooptação dos indivíduos mais talentosos, pertencentes à pequena burguesia e às classes populares, é a ascensão do bacharel. Ligado às elites por laços de família, amizade ou clientela, tornou-se freqüentemente porta-voz dos grupos dominantes. A expansão do mercado interno, no entanto, permitiu-lhe almejar uma relativa independência em relação às lealdades tradicionais que o aprisionavam. Arvorou-se então em patrono do “povo”. Aceitou com entusiasmo idéias novas, apoiou movimentos políticos dissidentes e se fez emissário do progresso – mas de um progresso que pretendia fosse filtrado pela tradição. De maneira geral, no entanto, o bacharel, ao contrário do que se tem afirmado, não se opôs ao patriarca, apenas conciliou. Quando ousou se opor, sua atuação foi freada por falta de bases sociais que pudessem tornar efetivas suas reivindicações mais radicais, até que estas se perderam numa retórica vazia. Quando muito, colocou-se a serviço dos setores mais progressistas das oligarquias, participando dos movimentos reformistas característicos do período 1870-1889, tais como a reforma eleitoral, a Abolição e a República. Tal adesão se dá exatamente no momento em que setores novos das elites agrário-mercantil-exportadoras se lançam num projeto de modernização relativa do país e disputam o poder às elites tradicionais. (COSTA, 1999, p.12).

Segundo Costa (1999), da mesma forma que os bacharéis e outros grupos urbanos que surgem no fim do Império, inclusive oriundos do incipiente processo de industrialização, mantiveram-se atrelados a política vigente sem, portanto, assumir uma postura independente de contestação ao “modus operante”. E complementa:

Dessa forma, os grupos que se poderiam ter definido como oposição foram, de uma maneira ou de outra, integrados no sistema, assimilando o estilo de vida e as aspirações das classes dominantes. Análogo fenômeno de cooptação ocorreu em relação aos poucos mulatos e pretos que, graças a seus talentos, conseguiram tornar-se famosos advogados, escritores, jornalistas, engenheiros ou políticos de renome mediante o sistema de patronagem. Segura de suas posições, controlando a mobilidade social e imbuída de uma concepção hierárquica do mundo, que ratificava as desigualdades sociais e postulava obrigações recíprocas, a elite brasileira não precisou recorrer a formas explícitas de discriminação racial. Mulatos e negros foram, na sua maioria, “naturalmente” segregados por um sistema socioeconômico de dinamismo moderado e de limitadas possibilidades. Os que foram incorporados à elite, pela via do sistema de clientela, adquiriram automaticamente o status de branco, identificando-se – não obstante a ambigüidade de sua situação – com a comunidade dos brancos. Tal foi a sorte de homens como o romancista Machado de Assis, o poeta Cruz e Souza e o engenheiro André Rebouças. Através do sistema de clientela e patronagem as elites brasileiras consolidaram sua hegemonia sobre os demais grupos sociais – o que contribuiu em parte para a estabilidade relativa do sistema político. Ainda mais importante para a manutenção dessa estabilidade foi a contínua expansão da economia de exportação, favorecida pelo crescimento do mercado internacional no decorrer do século XIX, e a crescente demanda de produtos tropicais. O desenvolvimento econômico, no entanto, teve efeitos contraditórios. Ao mesmo tempo que conferiu relativa estabilidade ao regime, assegurando a sobrevivência da economia agrária e exportadora, estimulou a urbanização e o desenvolvimento do mercado interno, gerando cisões entre setores da elite. (COSTA, 1999, p.13)

As discussões para a promulgação da Lei 601 de 1850, a chamada Lei de Terra, e para a definição de uma política para resolver o impasse da mão de obra já sinalizavam uma cisão que se agravou a partir de 1870. Segundo Costa (1999), “A expansão do mercado internacional e a revolução no sistema de transportes abriram novas possibilidades para a agricultura brasileira no século XIX”.(COSTA,1999, p. 14) Esses dois fatores contribuíram para o desenvolvimento da cultura cafeeira em Minas, Rio e São Paulo, e foram fatos preponderantes na pressão para a resolução da questão da mão de obra e da propriedade da terra.

Os fazendeiros das áreas novas, preocupados com a iminência da abolição do tráfico de escravos e esperando encontrar na imigração a solução para o problema da força de trabalho, propuseram uma legislação com o objetivo de impedir o acesso fácil à terra e de forçar os imigrantes ao trabalho nas fazendas. Os setores mais tradicionais, apoiados por alguns intelectuais europeizados que se identificavam com o pensamento ilustrado, defendiam uma política colonizadora baseada na distribuição de pequenos lotes aos imigrantes, aos quais encaravam não como substitutos dos escravos, mas como agentes civilizados. A Lei de Terras reforçaria, no entanto, o poder dos latifundiários em detrimento do pequeno proprietário. As tentativas iniciais de substituir os escravos pelos imigrantes falharam. Os fazendeiros de café continuaram a abastecer-se de escravos, comprando-os em áreas do país em que a economia estava decadente. A partir de 1850, porém, a criação de novos tipos de investimentos (estradas de ferro, bancos, manufaturas, melhoramentos urbanos) tornou cada vez menos produtiva a imobilização do capital em escravos. As transformações no processo de beneficiamento de café, fabrico de açúcar, produção do charque e a melhoria dos meios de transporte permitiram uma relativa racionalização do processo de produção, tornando o trabalho livre mais viável e aparentemente mais lucrativo em certas áreas. (COSTA, 1999, p.14)

E é, portanto, nesse contexto de racha da até então hegemônica classe dominante que começa a acentuar-se a pressão abolicionista nos centros urbanos e o desmantelamento da economia escravista.

Diante do que lhes parecia um processo inevitável, os fazendeiros das áreas mais progressistas voltaram-se para os imigrantes. Promovida por brancos e por mulatos e pretos que tinham sido assimilados pelas elites, a abolição liberou os brancos do peso da escravidão e abandonou os ex-escravos à sua própria sorte. Os maiores beneficiários foram, uma vez mais, as elites e a sua clientela. O progresso econômico da segunda metade do século XIX acarretou profundo desequilíbrio entre poder econômico e poder político. Concebido em 1822, o sistema político parecia pouco satisfatório aos setores novos, na década de 1880. As novas elites urbanas não se sentiam suficientemente representadas e os fazendeiros das áreas cafeeiras mais novas, que produziam boa parte da riqueza do país, sentiam-se peados pelas estruturas políticas do Império. (COSTA, 1999, p.15)

Em tal conjuntura, novas articulações vão acontecendo e novas coligações de forças políticas vão sendo estabelecidas, como pode ser verificado a seguir:

O Partido Republicano recrutou adeptos nesses grupos sociais insatisfeitos. Republicanos e abolicionistas adotaram um estilo político novo. Pela primeira vez, a política saía dos limites estreitos dos conchavos familiares para a praça pública. Os políticos falavam às populações urbanas. Os poetas e escritores voltaram a falar do povo, redescobrimo-o, como fonte de inspiração. Apesar dessas tentativas de

mobilização popular, a República se faria como a Independência se fizera – sem a colaboração das massas. O novo regime resultaria de um golpe militar. Nos meios republicanos, a estratégia conspiratória prevaleceu sobre a estratégia revolucionária. O Exército apareceu aos olhos das novas elites como o instrumento ideal para derrubar a Monarquia e instituir um novo regime que as colocasse no poder. Desde a Guerra do Paraguai, setores do Exército se indispuseram com o sistema monárquico. Convencidos de que os políticos civis eram corruptos, entenderam que cabia aos militares uma missão regeneradora, de salvação nacional. Nada mais natural, pois, do que a aliança entre esses setores militares e os republicanos, aliança que culminou na derrubada da Monarquia. (COSTA, 1999, p.15)

Portanto, foram muitos e sucessivos fatos, inclusive na área educacional e científica, conquistados através de mobilizações sociais e políticas, que acabaram por impulsionar a proclamação da república em 1889.

CAPÍTULO III – O ESPÍRITO CIENTIFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA INFLUENCIAS

I – BASILARES

Para efeito do presente estudo, denomina-se de espaços basilares os processos formativos dos primeiros anos de vida de Dr Anísio até o seu ingresso no mundo do trabalho formal. Esclarecemos, contudo, que tal delimitação teve a intenção de facilitar a estruturação da apresentação do estudo em tela, de forma a colocar em evidencia aspectos relevantes das categorias de análise. Ressaltamos, entretanto, que não desconsideramos que o mundo do trabalho é, também, formativo. Feito este esclarecimento, informamos que visitamos, através de documentos e publicações de base fixa ou virtual, os espaços formativos iniciais, particulares ou não, frequentados por Anísio Teixeira na intenção de identificar a gênese e, posteriormente, os processos que, muito possivelmente, contribuíram para o desenvolvimento e consolidação de um *Espírito Científico* em Anísio Teixeira.

Nesse processo procuramos sempre que possível e que se fez necessário, inserir recortes históricos que não só complementassem a explanação do presente capítulo como, também, colocassem em evidencia contextos que pudessem situar e/ou se relacionar com a história de vida de Dr Anísio e que, em especial, os que contribuíssem para elucidar as categorias que elegemos para análise, ou sejam, influências, desdobramentos e permanências de um *Espírito Científico* que defendamos como presente em Anísio Teixeira.

Com nascimento datado no ano de 1900, início do século XX e já na recém-instalada República, Anísio Teixeira vive seus primeiros anos de vida em instituições – família e escolas – que aportam elementos e/ou se fundam sob a influência de um contexto de transição de regime político no Brasil. Em sendo assim, é quase natural que o seu percurso inicial de desenvolvimento tenha sido permeado por essas influências. Nesse processo acreditamos que um *Espírito Científico* foi se formando e delineado um movimento que consideramos ser de uma espiral que se amplia, na medida em que Dr Anísio perpassa por diferentes espaços, formativos ou não, e que lhe permitem acesso a múltiplas redes de sociabilidade, sejam estas fraternais ou acadêmica.

No nosso entender, graças a esse *Espírito Científico*, presente e persistente durante sua existência em articulação com outros *Homens de Ciências ou não*, organiza e participa de eventos; realiza e promove estudos quantitativos e qualitativos; cria fundos e fundações para subsidiar projetos de pesquisa e educação; participa e promove intercâmbio; entre outras iniciativas. Em sendo assim, Dr Anísio acaba por contribuir para a institucionalização de um sistema educacional no Brasil, bem como com a institucionalização da pesquisa e da pós-graduação em muitos campos dos saberes, e hoje facultada a todos os cursos que foram surgindo por derivação.

Defendendo a premissa de que Dr Anísio possuía um *Espírito Científico* e que este, muito possivelmente, aportava elementos de etapas formativas iniciais, partimos para verificar a origem e os processos que o consolidaram.

Para tanto adentramos em itens que aportam elementos sobre o sertão; a cidade natal; a família e a formação em colégios jesuítas, bem como as faculdades de direito que este frequentou no Brasil e universidades no exterior.

1- Caetité, família e primeiras letras

1.1 – Caetité e o Alto Sertão

No contexto de transição vivenciado no Brasil entre o final da monarquia e a início da segunda república, a historiografia econômica reconhece três momentos para a economia baiana, ou sejam:

O primeiro seria entre 1890 e 1897, onde o encilhamento, a alta nos preços dos produtos agrícolas, a solidificação do cacau como gênero de exportação e a exportação compensatória de novos produtos (como a borracha e os carbonados) teriam estimulado uma recuperação econômica. Em seguida, vem a depressão, em 1897 e 1905, motivada pela crise da economia européia, pela política que adotou o governo federal para sanear as finanças do país, pelas dificuldades em torno da produção e comercialização do açúcar, pela flutuação dos preços do cacau e pelas secas que atingiram inclusive o litoral. Por fim, entre 1906 e 1928, nova recuperação com o restabelecimento dos preços dos principais produtos agrícolas e a maior diversificação nas transações comerciais com a entrada de novos produtos de exportação. Cidade comercial – que atuava como centro intermediário entre os núcleos produtores e consumidores de gêneros agrícolas tropicais produzidos na Bahia, por um lado, e os núcleos produtores e consumidores dos artigos importados, por outro –, Salvador foi quem mais tirou os proveitos do incremento desta atividade. E como efeito do crescimento comercial, o seu porto possuía um movimento dos mais intensos, encontrando-se entre os principais do país (CONCEIÇÃO apud SANTOS 2010, p. 35).

É no contexto do citado terceiro momento econômico, que nasce, em 12 de julho de 1900, na cidade de Caetité, sertão da Bahia, Anísio Spinola Teixeira.

Dr Anísio, em entrevista concedida ao jornalista Odorico Tavares, em 1952 faz referência a três ciclos de influências, que o tornam, como ele mesmo afirma: “bem ou mal, um educador”, e acrescentaríamos, também, conforme caracterizado por Einstein, ou *Homem de Ciências*.

Como primeiro ciclo de influência Dr Anísio destaca a vida em Caetité e a família como pode se constatado no recorte da fala da entrevista apresentada a seguir

[...] importante e invisível como as raízes, foi a minha infância, numa pequena e antiga cidade sertaneja, Caetité, no seio de uma família dividida entre o patriarcalismo em desaparecimento e o republicanismo ardente dos primeiros da abolição e da República.. Meu pai, médico e político, era realmente uma encarnação das virtudes patriarcais enriquecidas ou modificadas pelos ideais republicanos, a que não faltava uma nota de rebeldia voltairiana. Cresci nesse ambiente de austeridade patriarcal e de veemência intelectual e cívica.. Lembro-me do seu conselho: Meu filho, não se obedece a homem algum. Obedece-se à lei. E nisto se contém todo o código republicano da dignidade humana (TEIXEIRA apud TAVARES, 1952, s/p)

Na crônica de Plínio Barreto titulada *Voltaire e a Inglaterra*, que destaca alguns elementos da personalidade deste ilustre personagem histórico utilizado por Anísio Teixeira para destacar pontos da personalidade de seu pai, encontramos a seguinte consideração: “O caos de idéias

claras [...] um caos de sentimentos encontrados. Mas a inteligência era nele tão prodigiosa que toda a gente acaba sorrindo dessas misérias do homem. Com tudo isso, e apesar de tudo isso o homem era fascinador” (BARRETO, 1941, p.52).

Seriam os elementos da personalidade de Voltaire, acima pontuados, a nota de rebeldia voltairiana que Anísio Teixeira afirma não faltar ao pai? Não tivemos como saber.

O que sabemos, entretanto, pois é citado em alguns estudos sobre os contos de Voltaire, é que para Voltaire, um materialista consequente, como se inclui e defende nos seus primeiros contos, era ateu. Na linha do que expressou Dr Anísio sobre o pai, temos:

A republicanidade da vida servida por uma ética leiga na condução dos negócios políticos caracterizava a orientação dos pioneiros da abolição e da propaganda. Anísio respirou na ambiência familiar esse "deísmo austero, revolucionário e republicano" que tornara suspeito ao velho Deocleciano o "catolicismo ultramontano e reacionário dos jesuítas". Ele não cedeu, não concordou, e nessa recusa teve sempre a mais firme solidariedade da mulher (LIMA, 1975, s/p.).

E Lima (1975) complementa, acrescentando um depoimento do próprio Anísio Teixeira no qual o mesmo diz: “ [...] estava longe de ser o católico convencional dos hábitos brasileiros”. (TEIXEIRA apud LIMA, 1975, p. 26). Às colocações pertinentes ao primeiro ciclo, acrescentamos recortes sobre uma crônica escrita pelo jovem Anísio, após uma viagem que fez pelo sertão no sentido Salvador - Caetité, que coincidiu com o período em que a *Coluna Prestes* adentrava o interior do estado da Bahia.

Cabe destacar que em 1924, ano da elaboração da crônica, Dr Anísio residia em Salvador e já fazia parte do governo Góes Calmon, dirigindo o órgão responsável pela instrução pública no Estado. E, como ele mesmo informa na mesma, fazia meses que não ia a Caetité. Na viagem, que dura muitos dias foi surpreendido com a mudança de cenário no caminho e resolveu escrever sobre as impressões que teve da situação.

Encorajado por Teodoro Sampaio, um engenheiro consagrado desde o Império por pesquisas geológicas realizadas e, no período membro, assim como o jovem Anísio, da Congregação Mariana Acadêmica, vinculada ao Colégio Antônio Vieira, resolveu apresentar, na forma de comunicação, a crônica, justificando o aceite dizendo: “Dr. Theodoro Sampaio insistiu commigo para fixar, aqui, em uma comunicação ao Instituto, o minuto sertanejo que tive ocasião de viver na minha última excursão ao centro do Estado” (TEIXEIRA, 1926, p.295).

O jovem Anísio faz a comunicação titulada de *Alto Sertão da Bahia*, mesmo título da crônica, na data de 14 de Julho de 1926, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Instituição fundada na capital do Estado, Salvador, em 1894, ou seja, ainda no período imperial.

A crônica possibilita a percepção de que o olhar de Anísio Teixeira sobre o sertão e a vida do sertanejo foi atento desde muito jovem. Sentimos necessidade de fazer comentários sobre a crônica para realçar este olhar e complementar a imagem que este expressou na entrevista fornecida a Odorico Tavares como sendo *importante e invisível como raízes* ao se referir a infância em Caetité, na entrevista que concede a Odorico Tavares., na qual o sertão é abordado de forma tangencial.

Nesse sentido privilegiamos destacar, com a inclusão de partes da crônica, percepções e impressões do olhar do jovem sertanejo sobre questões socioambientais da região.

Nessa crônica, através de uma narrativa atenta e cuidadosa, fica evidente a desenvoltura de Anísio Teixeira para observar e descrever cenários. Tal fato lembra a postura de um pesquisador etnográfico, em atividade de *exploração do terreno*, o que pode ser constatado no trecho que se segue:

[...] Aguardava-me, logo a entrada do alto sertão, uma primeira surpresa. As chuvas, nessa zona sertaneja, raramente se prolongam pela segunda quinzena de Março. Habitualmente, nessa época opera-se a transição entre as duas únicas estações anuais – a das chuvas e a das secas – por um regime de neblinas, que espalha, por todo sertão, uma cor uniforme de humidade e de tristeza. Esperava essa paisagem...No entanto, foi uma terra de janeiro que tive diante dos olhos aturcidos. Os aguaceiros diluviais ainda a salteavam, comunicando-lhe o aspecto desabrido e tumultuário que esse regime de transições violentas imprime ao nosso país tropical. As águas e a vegetação se encarregavam de fazer e desfazer cenários, assistindo-se a um verdadeiro furor de empresário alucinado. Pequenos ribeirões ganhavam vulto inesperado, lagoas resurgiam do solo imprevistas, estradas hontem transitáveis, desfaziam-se em tremedais terríveis, enfim todo um ímpeto efêmero da natureza, imprimia ao cenário essa fisionomia transitória de forças em ensaio.Tudo isto, porém, emprestava ao panorama uma sedução quase dramática.Tinha-se a impressão de uma terra em festa. A nossa viagem, de longos nove dias através do sertão, desse sertão em flor, cortado, de espaço a espaço, pela música de um correio apressado, ou pelo estrondo de uma corrente impetuosa, ou, abrindo-se de improviso, na clareira alvamenta de uma lagoa – foi entretanto, mau grado o encanto e o prazer dos meus olhos contentes de sertanejo, penosíssima para a minha observação (TEIXEIRA, 1926, p. 298).

Observa-se na narrativa a surpresa de um conhecedor dos ciclos sazonais do seu território, diante de ocorrências meteorológicas que trouxeram grandes volumes de chuva para a região, que segundo o sertanejo Anísio, vinham fora de hora. É interessante perceber a comparação que ele faz da relação água versus vegetação visualizada, durante sua viagem ao sertão, com o furor de empresário *alucinado*.

A comparação aporta elementos do acelerado processo de industrialização por que passa o mundo moderno e é um exemplo de que o jovem Anísio já havia incorporado tais questões às suas reflexões.

Abordando a labuta do povo sertanejo, evoca questões relativas a tradição e modernidade para expressar o cotidiano e valores do homem do sertão que, segundo ele, tem perfil tímido e pacífico. Nesse período o caboclo era valorado como símbolo nacional da brasilidade, mas encontrava-se abandonado, como dito no trecho da crônica adicionado a seguir:

Por toda parte, esse esplendor constituía um cenário de ironia para o habitante daquelas terras. As chuvas demasiadas tinham-lhe devastado grande parte da lavoura; a colheita se ia tornando difícil, não impossível; o feijão grelava nas roças; as represas haviam sido arrastadas pelas águas impetuosas e com elas os arrozes em pendão; – enfim todo o trabalho estava com os resultados prejudicados, ou na iminência disto. A exuberância da natureza dissipada feria o pobre homem mal armado para a luta. Vencido e abatido pela grandeza desabrida da terra, o homem era a nota desolada dessa paisagem magnífica. Quando descíamos à porta de

sua pequenina casa de rustico e naquelle intervallo do café ou do copo d'agua das boas vindas, indagavamos como iam as cousas..., era sempre o mesmo desfiar dos maleficios do regime excepcional e excessivo das chuvas. Mas a sua palavra não era queixosa, nem triste. Uma resignação quasi contente nos olhos e no espirito. Por vezes até jovial, sublinhava a ironia de soffrer da distribuição irregular e excessiva já do sol, já da agua: annos de sol, annos de chuva, e a mesma falta da fartura rara com que Deus os premeia de tempos a tempos. A sua vida habituada por um longo tirocinio de privações, á renuncia e á sobriedade continuava, assim, a ser a vida de um forte e de um atormentado, que eu sempre conhecera. Cada vez se sente mais só e mais resignadamente vencido no seu isolamento. A minha impressão, talvez, devido á minha alongada ausencia, era de grande desolação pelo estado em que ia encontrar essa nobre e abandonada sub-raça de caboclos que labuta nos sertãos. Não era só o primitivo e o rudimentar da vida, que nos poderia dar até um acre sabor de pureza e de saude. Era qualquer cousa, que já sentia um pouco a decadencia, que magoava as nossas observações. E esforçamos por nos explicar esse phenomeno de regresso, que nos chocou profundamente. Se, no famoso conceito, que por ser demasiado dynamico não é menos actualmente verdadeiro, civilisar é communicar, a terra sertaneja segregada dos meios modernos, naturalmente conserva, hoje, ainda um feitio muito diverso do que caracteriza os centros civilizados. Mas, nem por isto deixaram de existir, alli, as componentes de uma civilização que seria sui-generis, para o nosso criterio moderno, mas que se affirmava muito expressiva. (TEIXEIRA, 1926, p..299).

A crônica ainda destaca a lógica, na perspectiva do jovem Anísio, o processo de transição de organização de poder na região, que até então girava exclusivamente em torno de um chefe com características patriarcais o que, segundo ele, fazia o povo humilde do sertão sentir-se seguro. Para uma parcela significativa dessa população local a justiça assimilada ainda perpassava por chefes políticos regionais. Diz isso em alusão a figura do coronel – pai. Para o jovem Anísio, é assim que se sentiam protegidos e, consequentemente, seguros. E esta dinâmica não poderia ser negligenciada nos encaminhamentos, fossem estes oriundos dos governos federal ou estadual.

Não obstante as ressalvas que são feitas por muitos acadêmicos à crônica, pois a *Columna* referida pelo jovem Anísio é a do capitão de artilheria Luiz Prestes, a leitura socioambiental que se sobressai robusta na crônica, serve para exemplificar a capacidade desenvolvida por Anísio Teixeira para, desde muito jovem, de observar, descrever e argumentar. Ações que se fazem presente em pesquisas de cunho científico.

Portanto, a leitura do cenário descrita na crônica e sua análise demonstra um inquestionável conhecimento de causa sobre a vida do homem pobre sertanejo. E, sem dúvida, passível de concordância mesmo para aqueles que questionam a direção política sinalizada pelo jovem Anísio sobre certas questões levantadas no texto.

Cabe fazer referência ao que o Dr. Pedro Ribeiro, Presidente do Superior Tribunal de Justiça à época, e conterrâneo de Anísio Teixeira, escreveu sobre a crônica e enviou ao redator do jornal *A Tarde* para publicação. No curto texto⁷⁶ informa que leu a comunicação de Dr Anísio publicada no *Diário Oficial*, e o felicita pelo feito, sinalizando que concorda com os argumentos de Anísio Teixeira. Em seguida passa a narrar sua postura no Tribunal que, segundo sustenta no referido texto, vai ao encontro do que é defendido por Dr Anísio na crônica no que se refere ao funcionamento da justiça. Portanto, cabe indagar: Seria a vivência sertaneja o elo das sustentações expressas e defendidas por estes dois bacharéis? De gerações

⁷⁶Publicado na mesma revista do IGHB em que foi publicada a crônica de Dr Anísio, como um seguimento da mesma.

distintas e nos seus respectivos estilos de textos, ambos bacharéis aparentam concordar com a questão da condução de certas questões legais com relação a população sertaneja da época. Ambos chamam atenção para uma lógica de proteção oligárquica, culturalmente enraizada que, na percepção deles, não podia ser desconsiderada sob pena de ir de encontro com crenças da população local.

Segundo Hermes Lima, nos anos iniciais da década de 20, o cenário brasileiro,

[...]acusava reflexos da tormenta social que lavrava na Europa. Agitações reivindicatórias em São Paulo e no Rio, centros já com alguma indústria, evidenciavam novos parâmetros da luta política. Estava-se concluindo o século XIX em nosso país, o que não acontecia uniformemente em todo ele. Na Bahia reinava a paz tradicional da sua estrutura econômica, o ruído industrial limitava-se a poucas fábricas de tecido e só no meio intelectual especulava-se sobre diretrizes e caminhos que, possivelmente, se levantariam do escuro, confuso horizonte político do tempo. Como agitação o que de mais ruidoso ecoava por lá era a Coluna Prestes, atropelada meio gloriosa, meio folclórica. Julgava-se a Coluna do ponto de vista do governo ou da oposição. Não se pressentiu nela o germe de alguma coisa mais profunda, algo que houvesse rachado a dura crosta rotineira não apenas da primeira República, mas da própria estrutura social do país. Parece que a Coluna representou mais que um arranhão nos costumes. Abriu uma fenda (LIMA, 1975, 44).

Para complementar adicionamos a explicação da professora pesquisadora Josenice Reis, professora da UNEB, Campus VI - Caetité, que na sua dissertação⁷⁷ de mestrado faz referência a publicação sobre o sertão, que circulou em um jornal local da cidade, durante o período da adolescência de Anísio Teixeira e que, de certa forma, pode ter contribuído para fazer aflorar sentimentos que são registrados na crônica *Alto Sertão da Bahia*.

Pelo Sertão: narrativa de costumes rurais do Sertão baiano é um texto que circulou somente no jornal A Penna [1927, p.2] no período de 04 de julho de 1913 a 27 de março de 1914. O romance descreve os costumes da zona alto-sertaneja, as práticas culturais, as festas, crenças religiosas, os estilos das moradias, características fisiográficas, economia e política da região. Descreve o homem sertanejo como “um espécimen digno de estudo em seus princípios e hábitos patriarcais [...]” . (REIS, 2010, s/p)

Em sendo assim, sem esgotar tais questões, fomos esboçando ao longo do texto correlações com questões regionais mais amplas que, ao menos parcialmente, contribuíram para o identificar influências sobre o pensar cientificamente do nosso personagem central.

Por ora vamos continuar explorando a região e conhecendo a família de Anísio Spínola Teixeira que nasceu, em Caetité, antiga *Vila do Príncipe de Santana e Cayteté*, cidade do semiárido baiano e considerada por muitos, como sendo a princesa do sertão.

⁷⁷Instâncias Formativas, Modos e condições de Participação nas Culturas do Escrito: O caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928).

FIGURA 1: Mapa de Vila Nova do Príncipe e Santana de Cayteté – 1810. (Representa o território que abarcava praticamente toda a Serra Geral e ainda o Sudoeste da Bahia).



FONTE: André Koehne

Segundo a historiografia local, o nome, vem do tupi, e é formado a partir da junção de *caa* que significa mata, mais *ita* que significa pedra e *eté* que significa grande. No conjunto o nome significa *mata da pedra grande*, em alusão ao local onde iniciou-se o povoado - próximo da Pedra Redonda, afloração rochosa existente ao leste da cidade.

Localizada na microrregião da Serra Geral, zona de transição entre o planalto e a depressão do São Francisco, Caetité está a 825 metros de altitude e a 757 quilômetros de Salvador.

Atualmente, além da sede, conta com mais quatro distritos: Brejinho das Ametistas⁷⁸, a 24 km; Caldeiras, a 60 km; Maniaçu, a 28 km; Pajeú, a 26 km, e alguns povoados.

FIGURA 2: Mapa Estado de Bahia, destacando a Região de Chapada de Diamantina e Serra Geral



FONTE: Adaptado pela autora de mapa disponível Internet.

A Serra Geral configura-se como um elemento de ligação entre a Chapada Diamantina e a Serra do Espinhaço, o que daria às três serras uma provável origem orográfica⁷⁹ comum, e que indica a formação de uma única cordilheira em sua origem.

⁷⁸ Região de ocorrência de garimpo

⁷⁹ A orografia é a parte da geografia física que se dedica à descrição de montanhas.

Caetité foi um dos primeiros núcleos de povoamento do *Alto Sertão Interior*, no território baiano⁸⁰.

A história do desbravamento da região remonta a postos de catequese e manejo de gado no século XVII.

Discutindo a questão da existência ou não da estrutura de feudo no Brasil, Bandeira (2005), apresenta uma análise histórica do processo de ocupação do território brasileiro, fazendo um contraponto com o período feudal europeu, e destacando as visões de vários estudiosos brasileiros e estrangeiros sobre o tema. Não adentramos nesta discussão, pois extrapolaria as categorias de análise propostas no projeto de estudo. Entretanto, dentro do escopo estabelecido, consta as relações de Dr Anísio e sua família com o sertão baiano. Em sendo assim, coube destacar e apresentar algumas questões referentes ao processo de ocupação da região.

Conquanto os bandeirantes houvessem chegado até o Açu, no Rio Grande do Norte, na guerra contra os tapuias, as forças que conquistaram e ocuparam os sertões do nordeste saíram, na maior parte, da Bahia de Todos os Santos. Por constituir a Cidade do Salvador a capital da colônia e, conseqüentemente, o centro do poder político, os fidalgos e funcionários do reino, estabeleceram-se aí, bem como os mercadores cristãos-novos, que com eles se entrelaçaram, e sua influência econômica, social e política sobre o governo, ao qual tinham acesso direto, possibilitou-lhes obter enormes sesmarias, muito maiores do que as concedidas aos colonos em outras regiões. Tais fatos, “inter alia”, determinaram que a classe dominante se formasse, na Bahia, de maneira dessemelhante de como ocorreu na região Centro-Sul e concorreram para diferenciar a colonização do nordeste (BANDEIRA, 2000, p.22).

Para justificar a afirmação acima Bandeira (2000) retoma a repartição do Brasil em capitanias hereditárias, destaca a incapacidade dos donatários das mesmas para sustentá-las, o que acaba por determinar o seu fim e a nomeação de Tomé de Sousa para o cargo de governador-geral do Brasil. Contudo coloca em relevo que:

[...] as sesmarias, igualmente hereditárias, continuaram a ser distribuídas e configuraram, em realidade, não sub-donatárias e sim verdadeiras enfeudações. Primeiro, os donatários, e depois os governadores, na condição de vassalos do rei, concediam as sesmarias e os sesmeiros, como na Idade Média, podiam sub-enfeudar, ou seja, arrendar a posse da terra, a exemplo do que fez, durante três séculos, a Casa da Torre. No Brasil colonial, a castelania, o baronato, o condado ou principado, os elos intermediários da cadeia, que na Europa separava o simples senhorio do monarca, embora não fossem formalmente definidos e designados, existiram de fato. Tanto isto é certo que, ao conceder a Antônio Joaquim Pires Carvalho, no mesmo dia da coroação, o título de barão da Torre de Garcia d’Ávila, o primeiro título de nobreza do império e o único assinado naquela data, o imperador D. Pedro I declarou elevar “por este modo o título de senhorio de que de tempos antigos têm gozado a sua Casa e família”. Ele ergueu assim ao predicamento de baronato o senhorio que desde o início da colonização Garcia d’Ávila e seus sucessores efetivamente exerceram. (BANDEIRA, 2000, p.20).

⁸⁰ Caio Prado Júnior, ao escrever Formação do Brasil Contemporâneo, utiliza em diversas passagens a expressão *alto sertão* para referir-se às áreas que alcançam maiores distâncias e altitudes em relação ao litoral. Portanto, o autor se refere a uma região gigantesca que compreende vasta porção interiorana. Praticamente todo o Nordeste e parte de Minas Gerais. Quando trata da presença indígena no período de transição entre o séc. XVIII e XIX, afirma haver, nos *altos sertões do Nordeste*, faz referência a mais de um, predominância da população de sangue indígena, pois como é sabido, o sertão foi refúgio para negros e mestiços providos do litoral em rota de fuga. Entretanto quando, no mesmo livro, trata do cultivo do algodão, verifica-se que quando ele usa a expressão *alto sertão*, se refere as regiões mais *arredadas do litoral* e que ainda faz a ressalva de que se trata de áreas em que as chuvas são menos frequentes. Portanto, é a parte nordestina em que a caatinga predomina e, para falar dessas áreas, o autor baseia-se nos escritos de Saint-Hilaire e Martius que percorreram o interior do Brasil no princípio do século XIX. Ao tratar do povoamento, Caio Prado dá razão a Capistrano de Abreu por fazer a distinção entre o “sertão interior” do “sertão externo”, sendo este último mais próximo da região do litoral (PRADO JR., 1942). Portanto, sustentada por esses estudiosos afirmamos que Caetité localiza-se no *alto sertão interior*.

Com tal iniciativa D. Pedro I garantia a proteção das terras e a submissão a Portugal, como pode ser observado a seguir:

Além da estrutura social, caracterizada pelo senhorio da terra, a pirâmide social e política, da qual o monarca estava no topo, era muito similar à que se desenvolveu na Idade Média. As relações sociais de produção estabeleciam-se, sobretudo, em torno da terra, porque se assentavam em uma economia predominantemente agrícola, e a propriedade pertencia a uma hierarquia de senhores, os sesmeiros, os que recebiam e/ou doavam as sesmarias, e acima dos quais estava o rei, a quem deviam prestar vassalagem, inclusive serviço militar, se necessário. No Foral da Capitania da Bahia e Cidade do Salvador, datado de 26 de agosto de 1534, D. João III determinou que “os moradores, povoadores e povo da dita capitania serão obrigados em tempo de guerra de servir n’ella com o capitão se lhe for necessário”[...] (BANDEIRA, 2000,p.22).

Como a Casa da Torre tem uma importância muito grande na história de ocupação da região do *Alto Sertão da Bahia*, é relevante destacar a extensão e o poder que a mesma assume nos primórdios da história da região, para entender a forma como os núcleos habitacionais foram surgindo.

A Casa da Torre constituiu um caso emblemático, no qual a feudalidade essencial da colonização do nordeste mais claramente se manifestou. Sucessivas gerações dos senhores da Torre de Garcia d’Ávila não apenas conquistaram os sertões, à frente de suas tropas, como, por três séculos, detiveram o domínio econômico, político e militar sobre uma extensão territorial mais vasta do que a de muitos reinos na Europa: cerca de 300.000 km² de extensão (...). Esta vasta possessão territorial era mais do que três vezes maior do que Portugal, cuja área é de 91.985 km², (...) E estendia-se por mais de 400 léguas [...], ou seja, por mais de 2.640 km, da Bahia à divisa do Piauí com o Maranhão, [...]. A amplitude do território, sobre a qual a Casa da Torre estendeu e exerceu o senhorio, ao longo de três séculos, assemelhou-se a um feudo, sob vários aspectos, inclusive porque se formou por meio de benefício, a concessão de sesmarias, como recompensa por serviços militares que várias gerações da família de Garcia d’Ávila prestavam, tanto na expansão das fronteiras quanto na defesa da colônia (BANDEIRA, 2000, p.25).

Segundo Bandeira (2000), a maioria dos titulares dos sesmeiros das capitanias do Nordeste, residiam na Bahia ou em Pernambuco. E complementa:

A Casa da Torre, da mesma forma que Antônio Guedes de Brito e seus descendentes, exerceram o domínio sobre tão vastas possessões de terra por meio de procuradores, aos quais o governo colonial outorgava patentes de sargento-mor, capitão-mor ou mestre de campo, investindo-os de autoridade e tornando-os verdadeiros régulos, de modo que igualmente pudessem assegurar a ordem e impor a soberania de Portugal (BANDEIRA, 2005, p. 590).

Segundo Alveal (2012), Antônio Guedes de Brito requereu, em 1663, sua terceira sesmaria, que foi registrada por Bernardo Vieira Ravasco, então Secretário de Estado e que havia feito anteriormente o registro de duas outras sesmarias em seu nome, nos livros da Fazenda em Salvador. Entretanto, diferentemente dos Garcia d’Ávila, “nenhuma das três sesmarias contou com a confirmação régia o que, pelos olhos da lei, fazia delas irregulares e sujeitas à retomada pela Coroa” (ALVEAL, 2012, p.67).

Ainda segundo Alveal (2012), alguns estudiosos da temática fazem referência ao fato de Antônio Guedes de Brito ter vinculado o seu patrimônio em morgadio⁸¹, e complementa esta informação dizendo que não conseguiu evidências documentais sobre isso. Confirma, entretanto, que o patrimônio ficaria conhecido como Casa da Ponte e sobre isso esboça a seguinte explicação.

[...], acredita-se que o nome “Ponte” tenha vindo somente mais tarde, quando a neta de Antonio Guedes de Brito, Joana da Silva Guedes de Brito, se casou com Manoel de Saldanha da Gama, conde da Ponte, daí contribuindo para que o patrimônio dos Guedes de Brito ficasse conhecido como Casa da Ponte (ALVEAL, 2012, p.68).

Cabe destacar que o interesse dos senhores da *Casa da Ponte*, de ampliar os seus domínios territoriais, assim como o dos da *Casa da Torre*, perpassavam por apoderar-se das riquezas do sertão nordestino, principalmente o ouro, como o das jazidas de Jacobina e, logicamente, que neste processo, [...] “vários foram os confrontos com outros sesmeiros, posseiros e lavradores, inclusive com famílias tão poderosas como os Ávila, embora devido ao grande poder que ambas tinham, evitaram a todo custo um embate direto que poderia ter tido proporções gigantescas”. (ALVEAL, 2012, p.77).

Há, também, alguns registros sobre a presença de *Bandeirantes* na região que, segundo Neves (2001), foram contratados, no meado do século XVII, pelo então governador-geral do Brasil, para enfrentar os índios que dificultavam a ocupação do sertão, conforme detalhado a seguir:

Mais de um século depois do início da colonização, a presença portuguesa na Bahia continuava restrita a uma faixa ao longo do litoral, com alguns avanços de no máximo 60 quilômetros para o interior. A secura das caatingas dificultava a ocupação dos sertões e forçava as expedições que por elas se aventurassem a margear os rios. Isso quando a resistência dos povos indígenas, identificados como tapuias, não impedia a marcha. Com o tempo, além de atrapalhar os avanços pelo interior, os índios passaram a atacar povoações e fazendas no Recôncavo e no litoral sul. Na segunda metade do século XVII, os colonizadores lançaram-se em expedições de guerra contra os tapuias. As ofensivas desdobraram-se em várias frentes: do Orobó (1657-1659), de Aporá (1669-1673) e do São Francisco (1674-1679). Diante da forte resistência indígena, Francisco Barreto de Menezes, governador-geral do Brasil (1657-1663), recorreu aos paulistas, que afinal já eram experientes no combate aos índios.[...]. Os bandeirantes contratados para combater os índios palmilharam as margens do Paraguaçu e Jequiriçá, nas quais estabeleceram engenhos e fazendas, em sesmarias que lhes foram doadas como pagamento pelas matanças. [...]. Outros buscavam apenas encontrar minérios. Fixavam-se temporariamente, plantando roças para abastecer a tropa, e seguiam pelos “matos” (caatingas) sem deixar pistas. As descobertas de ouro nos sertões da Bahia, no início do século XVIII, aceleraram o seu povoamento. O último bandeirante baiano, Joaquim Quaresma Delgado, percorreu, entre 1731 e 1734, caminhos que ligavam fazendas e minas nos sertões de Inhambupe, Itapicuru, de Contas, Pardo, Jequitinhonha, do São Francisco — desde as nascentes do Verde Grande à foz do Paramirim — e do Paraguaçu, em quase toda a sua extensão. (NEVES, 2000, p.1).

No começo do século XVIII, a atual Caetité constituía-se apenas como um núcleo de catequese. Com o desmembramento de terras da região em grandes latifúndios, que contavam com farta escravatura, uma importante rota foi aberta. Conhecida como o *Caminho da Bahia*.

⁸¹Referente a morgado, regime em que os domínios senhoriais das famílias nobres eram inalienáveis e indivisíveis, transmitindo-se nas mesmas condições, por morte do seu titular, ao descendente primogênito varão.

Esta ligava a Chapada Diamantina a capital, Salvador, e se interligava à Estrada Real⁸². Data do final do século XVII a fazenda São Timóteo, entreposto do ouro que descia das chapadas para o porto de Parati no Rio de Janeiro.

Em 1724, o *núcleo* passa a pertencer à Vila de Minas do Rio de Contas, emancipada de Jacobina. Mas é a partir do surgimento das grandes fazendas, que a história de Caetité, como polo político e cultural do Alto Sertão, começa a ser delineada. Sua origem remonta ao surgimento de um pequeno arraial, que passa a ser conhecido como Caetité, localizada entre duas dessas fazendas, ou sejam, Alegre e Lagoinha.

Em 1740 os proprietários da primeira fazenda, a família Carvalho, ergue a capela de Santana, e doa terras para a fundação da freguesia que, em 1754, recebe o nome de Santana do Caetité. Portanto, os primeiros habitantes da atual Caetité e entorno, foram fazendeiros de gado das margens do São Francisco atraídos pela temperatura e pelas nascentes de água potável do alto da serra. Tais características determinam uma geografia de contraste na qual regiões secas são interpenetradas por regiões úmidas que vão do norte de Minas à Chapada Diamantina e que pelo lado oeste, descendo a serra, encontra o Vale do São Francisco.

Sendo assim, devido a fatores climáticos amenos e água farta, coisa rara em região de caatinga, o pequeno núcleo populacional atraiu posteriormente a vinda de diversas famílias, e ganham importância. Famílias, em grande parte, fugidas de perseguições da Coroa Portuguesa, no período da Inconfidência Mineira. (LIMA, 1978)

Nessa época as fazendas de criação de gado passaram a dividir espaço com engenhos. O número de escravos na região ampliou-se e a riqueza e aristocracia deram o tom ao pequeno núcleo. O nível cultural estabelecido no local, permeado de civismo e nacionalismo, se distinguia do vivenciado no resto da região e foi sendo, cada vez mais, fortalecido a ponto de, no início do século XIX, a meta primordial dos habitantes do núcleo passa a ser a de transformá-lo em vila.

Em sendo assim, no ano de 1801, os habitantes da freguesia de *Santana do Caetité*, originalmente pertencente a Rio de Contas, mas que, pelo Alvará de 5 de outubro de 1759, em razão da rápida e efêmera exploração aurífera, foi incorporada ao sistema legal de minas da Coroa, enquanto administração colonial, se cotizaram para comprar da Coroa o título de vila. Para tanto, encaminharam à Metrópole europeia um requerimento com a solicitação, que foi deferida no ano de 1803.

Portanto, na data de 05 de abril de 1810, depois de erguido o Pelourinho na praça da matriz, construído o Prédio da Cadeia e a Casa da Câmara, no largo onde se realizavam as feiras livres, a vila foi instalada com o nome de *Vila Nova do Príncipe e Santana do Caytité*, em homenagem ao príncipe regente D. João. Nome que foi simplificado para Caetité ao elevar-se, em 12 de outubro de 1867, pela Lei nº 995, a categoria de cidade.

⁸²Os caminhos reais eram as vias oficiais de comunicação por onde circulavam pessoas e mercadorias, especialmente ouro e diamantes, controlados pela Coroa para que se pudesse extrair o máximo de tributos para o tesouro real. Denominados de Estrada Real, e de propriedade da Coroa, se tornaram livres com o fim da era da mineração (NEVES, 2007).

FIGURA 3: Casa da Câmara e Cadeia



FONTE: <http://raquelprofessorinha.blogspot.com.br/>

A Casa da Câmara e Cadeia, por aproximadamente cem anos, foi o centro administrativo, judiciário e legislativo de Caetité. Sua construção foi uma das exigências para a emancipação, em 1810. Nesta instituição funcionaram, no primeiro pavimento, o Fórum e a Intendência.

Uma placa fixada nas mesmas pedras do pelourinho primitivo de madeira, incendiado em 1842, conforme pode ser verificado na figura que se segue, registra a existência de intensa escravatura na região.

FIGURA 4: Base do Pelourinho



FONTE: <http://raquelprofessorinha.blogspot.com>

Fato que é confirmado em muitos estudos, “Os 26 livros de notas de Caetité, de 1840 a 1879, disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia, registram 1.233 escrituras de escravos e 686 cartas de liberdade’[...]. (NEVES, 2000, p.98)

Importante polo comercial da região, a vila do Príncipe e Sant’Anna de Caetité, durante a primeira metade do século XIX, projetou-se politicamente no cenário da província da Bahia, devido a sua economia agropastoril estar voltada para atender aos mercados regional e internacional, com mão de obra escrava, como pode ser observado a seguir:

Seu potentado local amparava-se, sobretudo, na concentração de terras e na posse de cativos. Logo, as inúmeras fazendas e sítios distribuídos por todo o seu território,

interligados por estradas precariamente abertas, tornaram-se espaços privilegiados do convívio dos moradores e ponto crucial dos negócios. Entre as transações comerciais mais recorrentes estavam as de gêneros alimentícios, algodão, gado e escravos. Os escravos advindos do tráfico internacional, interno ou nascidos nas próprias fazendas foram utilizados como mão-de-obra nas atividades rurais e urbanas, onde dinamizaram uma microeconomia e protagonizaram experiências emancipacionistas e autônomas, entre elas, gastos com cerimoniais religiosos, participação em pequenos negócios e compra de suas próprias alforrias ou de seus filhos. (ORTIZ, 2015, s/p)

Como destacado, a Vila, na época, se destacava no cenário baiano, não só econômico, como também, político. Participava de decisões importantes como por exemplo, da decisão do Imperador D. Pedro I de enviar o Batalhão dos Periquitos, no qual serviu Joana d'Arc Maria Quitéria e chefiado pelo Major José Antônio da Silva Castro, vulgo Piriquitão (tio do poeta Castro Alves), para Caetité. Isso porque, logo depois de emancipada, já passou a participar, indiretamente, das lutas pela Independência da Bahia em apoio ao Governo Provisório instalado na Vila de Cachoeira.

Encerradas as lutas contra as tropas portuguesas no Recôncavo Baiano, em Caetité teve lugar o episódio do Mata-maroto⁸³, lutas entre brasileiros e portugueses, que se seguiram a 1823 e que contribuiu para a culminância,, em 1889, da proclamação da República.

Abaixo anexamos uma foto tirada por outro major, o Francisco Morais, que registrou a comemoração do 2 de Julho no “Largo do Alegre”, em Caetité, na década de 1920, mas que há muito já comemorava a data cívica mais importante da Bahia.

FIGURA 5: Atual Praça Rodrigues Lima, chamada popularmente de Feira Velha – o Largo do Alegre.



FONTE: Koehne

⁸³Depois da Independência a Bahia passa a categoria de província do Império, devido ao estabelecimento de uma nova divisão administrativa no Brasil. Passa então a ser governada por um representante nomeado. Tal situação desagrade a população, que não fica satisfeita o regime monárquico centralizador, instaurado após a Independência. Em decorrência disso, muitas manifestações foram registradas, a exemplo da chamada “Mata Maroto”. Ao saber da renúncia de D. Pedro I, a população passou a exigir também a expulsão dos portugueses. Os movimentos federalistas se expandiram e forçaram a adoção do Ato Adicional de 1834, que permitia maior autonomia às províncias. Apesar de D. Pedro II ser venerado como “sábio e homem bom”, as repetidas crises militares e a falta de perspectivas para as soluções dos problemas criados com o esfacelamento do sistema escravocrata, precipita, então, o movimento republicano e, consequentemente, proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil, com total adesão da Bahia.

É interessante acrescentar uma observação sobre o nome da praça. Nomeada, atualmente, de Praça Rodrigues Lima, o nome de *Largo do Alegre*, em vigor na década de 20, deve ter sido uma homenagem a família Carvalho, proprietários da Fazenda Alegre, e que ergueram a capela de Santana, bem como doaram as terras para a fundação da freguesia, conforme já mencionado anteriormente.

Durante o governo colonial da Bahia a freguesia de *Santana do Caetité* e, posteriormente, a *Vila Nova do Príncipe e Santana do Cayteté*, era parada obrigatória para descanso e abastecimento dos viajantes que vinham de Salvador com destino a *Vila-Boa de Goiás*, onde abundava ouro de aluvião, bem como para aqueles que viviam do que conseguiam contrabandear de ouro e diamantes da região de Ouro Preto, Minas Gerais (LIMA,1978)

No final do século XVIII, o Brasil ainda era colônia de Portugal e sofria com os abusos políticos e com a cobrança de altas taxas e impostos. Segundo Lima (1978), "a perseguição política desencadeada ao tempo da Inconfidência repercutiu em Caetité pela chegada de famílias mineiras que transportaram bens e seu modo social recatado de viver propício à formação de clãs de parentesco e clãs políticos". (LIMA,1978, p.10) Nessa época, faziam parte do núcleo, fazendas de gado, engenhos, ou seja, uma aristocracia que gerava riqueza. Cabe destacar que a cultura e o civismo o distinguia de outros povoados da região.

É nesse contexto que começamos a situar a história da família de Dr Anísio e a relação desta com o sertão e a cidade de Caetité.

FIGURA 6: Vista da cidade de Caetité no início do século XX



FONTE; Internet

1.2 A família e contextos históricos vinculados a região

Dr Deocleciano, pai de Anísio Teixeira, nasceu em Ituaçu, Chapada Diamantina, Bahia, em 1844, na Fazenda Coqueiros, antiga localidade de Nossa Senhora do Brejo Grande.

Descendente de portugueses, seu pai, Antônio José Teixeira, originava-se de família estabelecida em Minas do Rio de Contas⁸⁴, com descendência do Capitão - Mor Manoel Severino da Silva.

Corretor de diamantes, casado com Maria Madalena Pires da Silva Teixeira, Sr Antônio Teixeira, ou seja, o avô paterno de Dr Anísio, vivenciou o auge da extração diamantífera na região das Lavras de Diamantinas, e se tornou comerciante de pedra preciosa em praças brasileiras e estrangeiras, como Londres e Paris (AGUIAR, 2011).

⁸⁴Rio de Contas surgiu como centro de mineração de ouro e era parada obrigatória no Caminho Real. Sua configuração urbana se deu originalmente através da Provisão de 02 de outubro de 1745, que recomendava tanto a localização do sítio como a implantação das edificações, o que faz de Rio de Contas uma das raras "cidades novas" coloniais (AZEVEDO, 1980).

Dos doze filhos que teve, apenas quatro sobreviveram. Entre estes Dr Deocleciano, o mais velho. Portanto Dr Anísio conviveu somente com uma tia, Maria, e dois tios, Antônio e Rogaciano.

Como agenciador de negócios no comércio de diamantes, recebia sua remuneração na forma de comissões, o que o levou, por conta própria, a viver uma temporada na Europa. Entretanto, com o advento da guerra franco - prussiana de 1870, o Sr Antônio Teixeira, acabou abandonando, empobrecido, a atividade em decorrência da súbita queda no preço dos diamantes.

Os filhos do Sr Antônio Teixeira percorreram caminhos diversos. Rogaciano seguiu a carreira de comerciante como o pai e custeado por este, passou temporada em Liverpool, Inglaterra, estudando inglês e contabilidade. Regressou, entretanto, antecipadamente por conta das dificuldades econômicas enfrentadas pela família. Tal fato, acabou por mudar o ramo dos negócios, que passou a centrar-se na comercialização de animais de montaria e, em maior quantidade, gado. Este tio muda-se, posteriormente, para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado conferente da Alfândega, cargo em que se aposenta. (LIMA,1978).

Cabe destacar, que o tio de Anísio Teixeira, Rogaciano, passa não só a ser um ponto de apoio no Rio de Janeiro da família, como, também para outros ilustres moradores de Caetité, como atesta carta adicionada no trabalho monográfico⁸⁵ de Aguiar (2011), cujo recorte adicionamos a seguir:

Escrevemos ao illustre bahiano Dr. Joaquim Ignácio Tosta em Londres, o qual era assignante d'A Penna e obtivemos reforço ao nosso pedido, do nosso prestimoso amigo o Exmo. Sr. Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Infelizmente, devido a que a preocupação d'aquella ephoca era a guerra, embora o interesse do Dr. Tosta, manifesto em cartas que dirigiu nos e ao Exmo. Sr. Dr. Deocleciano, nada podemos conseguir. Voltando as nossas vistas para o Rio de Janeiro, o illustre e distincto Sr. Major Rogaciano Pires Teixeira, a quem nos dirigimos, como seu irmão tomou entretanto interesse por nós, obteve informações não só na Capital Federal como em São Paulo, mas eram taes os preços das machinas e taes as dificuldades, que nos foi preciso desistir por algum tempo do que tínhamos em vista. Afinal, nos fins do anno de 1919, tendo o nosso amigo Sr. Dr. Mario Spínola Teixeira que também se interessou por nós, verificado no Rio a existência de um bom prelo Marinoni que se vendia em condições favoráveis, comprou-o o Illmo. Sr. Major Rogaciano Teixeira, incumbindo-se seu sobrinho Dr. Mario Teixeira de tratar da embalagem e remessa. Entretanto, conhecendo depois o Sr. Major quanto seriam avultadas as despesas de transporte e encaixotamento de volumes que pesavam 4500 e tantos killos, calculou que elas estavam acima dos nossos recursos e telegraphou immediatamente ao seu digno irmão que nos fornecesse toda e qualquer quantia de que tivéssemos necessidade para chegarmos ao fim do nosso empreendimento; que pagássemos quando nos fossemos possível em pequenas prestações. (GUMES, 1921 apud AGUIAR, 2011, p.129)

O autor da carta é o dono da *Typographia Gumes & Filhos* instalada em Caetité, no início do século XX . Segundo Silva apud Reis (2010), foi a primeira a ser instalada no Sertão da Bahia. Como complementação da modernidade de Caetité, na área das comunicações, cabe destacar que o telégrafo foi instalado na cidade em 1896.

⁸⁵Agora um pouco da Política Sertaneja: A trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (1885-1924), elaborado por Lielva Azevedo Aguiar. Dissertação de Mestrado –2011.

Alguns dos personagens citados na carta acima, merecem esclarecimentos, pois se farão presentes em contextos apresentados posteriormente.

Dr Mario, é o engenheiro agrônomo, Mario Spinola Teixeira⁸⁶, formado em São Bento das Lages e irmão de Anísio Teixeira, quando este encontrava-se em processo de transferência para o Rio de Janeiro para complementar o curso de Direito iniciado na Bahia.. Nesse período o jovem Anísio morou na mesma pensão, de nome Scarlaty, em que morava o tio Rogaciano.

Quanto ao Dr. Joaquim Ignácio Tosta, no período da carta, encontrava-se estudando em Londres. Anos depois este, passa a integrar a equipe de Anísio Teixeira, quando o mesmo assumiu a Instrução Pública do Estado da Bahia no governo de Góes Calmon. Dr Tosta, por pouco não assumiu o lugar de bolsista de Anísio Teixeira no curso de mestrado na Universidade Columbia, conforme detalharemos posteriormente.

Tais esclarecimentos corroboram, para demonstrar indícios do funcionamento de uma rede de relacionamento que vai sendo instalada por afinidades fraternais e/ou acadêmicas, a partir de familiares e/ou amigos destes, ao qual Anísio Teixeira vai se conectando.

O outro tio, Antônio, tornou-se administrador de fazendas de criação, em região às margens do São Francisco.

Quanto ao pai, Deocleciano, este estudou medicina em Salvador, diplomando-se em 1870. Cabe realçar que durante o segundo ano do curso, em 1866, parte com vários colegas de turma para servir, como voluntário, por um período de dois anos, nos hospitais de sangue da Guerra do Paraguai. Entre os contemporâneos de curso e que, também, serviu nestes hospitais no período, registramos um outro ilustre caetiteense, Dr Joaquim Manoel Rodrigues Lima, que se tornou, posteriormente, o primeiro governador eleito da Bahia (LIMA,1978).

Cabe destacar que a Faculdade de Medicina da Bahia, originou-se de uma iniciativa de D. João VI que, no pouco tempo que residiu em Salvador, assinou, em 18 de fevereiro de 1808, o documento que autorizava a criação da Escola de Cirurgia da Bahia, assim como a determinação para que a mesma fosse instalada no antigo Hospital Real Militar da Cidade do Salvador, que funcionava no prédio do primeiro colégio dos Jesuítas na Bahia, construído no Terreiro de Jesus, em 1553, antes da expulsão da Ordem do território nacional.

Em 1º de abril de 1813 a escola é renomeada como Academia Médico-Cirúrgica e, finalmente, em 03 de outubro de 1832, passou a ser denominada de Faculdade de Medicina. Sendo este o nome da Instituição, ao tempo do ingresso de Deocleciano Teixeira. No período, conforme pode-se verificar a seguir, a orientação filosófica do curso era o positivismo de Augusto Conte.

No período colonial, a coroa portuguesa sistematicamente se opôs ao estabelecimento de Universidades no Brasil. Apenas em 1808, quando a Guerra Napoleônica forçou a Família Real a deixar Portugal, é que foi fundada a Escola de Cirurgia da Bahia. Durante o século XIX, ela funcionou como centro profissional e cultural, fortemente influenciada pela cultura e ciência francesa. Com a reforma de 1832, para receber o grau de doutor em medicina, os alunos deveriam defender uma tese, cujo tema era definido pela congregação da Casa (ROCHA,TRANQUILLI e LEPIKSON,2004, p.103).

Rocha, Tranquilli e Lepikson (2004) sustentados em informações disponíveis no livro *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia*, de autoria de A. Fonseca, publicado

⁸⁶Se torna político em Guanambi, cidade distante 40 K m de Caetité.

em 1893, tipografia e encadernação do *Diário da Bahia*, destaca o lamento do autor no tocante a falta de disciplinas das ciências do espírito e da sociedade no curso preparatório, ao tempo que registra que a inclusão das mesmas estava sendo providenciada. Informa, também, que o autor enfatiza a necessidade de incluir a Psicologia, mas que isto não se concretiza por causa da influência de Auguste Comte sobre o legislador. Portanto, o positivismo e seus seguidores, permearam a formação médica do pai de Anísio Teixeira, quiça ateu como Voltaire.

Ao retornar da guerra, três anos depois e concluir o curso de medicina, Dr Deocleciano ingressa na Marinha e começa a trabalhar como segundo *Cirurgião do Corpo de Saúde* da Instituição. Este foi o primeiro e único cargo executivo público que assumiu durante toda a vida, mas do qual exonera-se após três anos de prestação de serviço.

Com a exoneração, Dr Deocleciano foi estabelecer-se em um lugarejo chamado, inicialmente, de *Arraial da Serra de Grão Mogol*, em Minas Gerais, mas que passará a categoria de cidade em 1858. Nesse lugarejo não só atendeu pacientes como participou da política local.

Essa região de mineração, atraiu, durante um certo período, um grande número de brasileiros e estrangeiros de origem europeia. Estes, muito provavelmente, se dirigiram à região para atuar na exploração de diamantes. Entretanto, à época em que Dr Deocleciano se estabeleceu no arraial, a mineração na área encontrava-se em declínio, de forma similar à região do Arraial do Tijuco⁸⁷, também em Minas Gerais (LIMA,1978).

Dr Deocleciano permanece pouco tempo na região de Grão Mogol. Local no qual residia seus pais e um dos lugares em que exerceu o magistério o professor afrodescendente Alfredo José da Silva (1887-1985), antes de tornar-se diretor da Escola Normal de Caetité, no período em que Anísio Teixeira esteve como Diretor de Instrução Pública da Bahia. De lá vai para Lençóis, nas Lavras de Diamantinas, também região de extração de diamantes.

De Lençóis ainda reside em Monte Alto⁸⁸, até que, em 1885, fixa-se em Caetité.

O belo clima, os invernos exigentes de agasalhos, a sociedade mais policiada, seu papel de "ponto de passagem" (até hoje distingue-se na cidade o morador do "forasteiro"), a população flutuante das escolas que, no passado e no presente, imprime um toque de juvenildade à fisionomia urbana, certo formalismo e mesmo distinção na convivência, ausência de lutas e rivalidades sangrentas, são fatores caracterizantes da ambiência citadina, que lhe valeu o apelido de "Corte do Sertão" e lhe conferiu os aspectos peculiares de seu comportamento social (LIMA,1978, p.9).

⁸⁷ Minas Gerais ainda não tinha revelado todo o seu potencial de minas de ouro, quando em 1714, foi encontrado no Arraial do Tijuco, diamantes. Pedras preciosas até então só encontradas nas Índias. A descoberta da existência de tais pedras em território brasileiro causou um grane reboliço à época. Sendo assim, o Arraial do Tijuco passou a centro do Distrito Diamantino (1730). Ou seja: passou a ser governado sob um regime especial e isolado do restante das Minas Gerais. A Coroa extinguiu a livre extração de diamantes, em 1740, e regularizou a figura do contratador, a quem a realza concedia o direito de explorar as lavras. Estes poucos homens tinham um enorme poder e influência. Determinavam o ritmo de vida na região, de escravos a posição da torre de uma igreja. Este cenário foi a inspiração para a escrita do lendário romance "Chica da Silva" cuja a autora, Júnia Ferreira Furtado, critica a massificação do mito e a falta de compromisso com a realidade do século XVIII, na versão da novela "Xica da Silva", transmitida pela rede Globo.

⁸⁸ Integrantes da sesmaria da Casa da Ponte, o território foi adquirido no início do século XVIII pelo alferes Francisco Pereira Barros. Em 1742, Pereira Barros construiu a capela de Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens, iniciando a povoação denominada Praia das Palmas de Monte Alto. Em 1840, o povoado elevou-se à freguesia. Elevado à categoria de vila com a denominação de Monte Alto, pela lei provincial nº 124, de 19-05-1840, desmembrado de Macaúbas. Sede na vila de Monte Alto. Instalado em 15-1840. O topônimo foi alterado em 1943 para Palmas de Monte Alto, em virtude da existência da Serra de Monte Alto nas proximidades da Cidade. Disponível <http://www.cidades.ibge.gov.br/> Acesso em 20/06/2016.

FONTE: CHAVES, M. e BRANDÃO, P. (Professores da UFMG).

Quanto a mineração, próximo a Caetité,

[...] em pontos da serra do Espinhaço houve afloração abundante de ametistas, pedra semipreciosa que, no passado, gozou até de certo apreço suntuário e deu lugar à atividade mineradora nomeadamente de um núcleo de alemães localizado em Brejinho das Ametistas, distrito de Caetité. Desses alemães dizem que chegaram a influir no mercado de tais pedras na Europa e escondiam a procedência delas exportando-as como originárias de países vizinhos dos nossos. Todavia, a mineração não amoldou a fisionomia econômica da zona (LIMA,1978, p.115).

O núcleo alemão devia ser poderoso, não só economicamente como politicamente, pois exploraram a jazida por 15 anos e chegaram até a emitir moeda própria que, possivelmente, funcionava como um tipo de vale, de circulação restrita a Brejinho das Ametistas e entorno, conforme pode ser observado a seguir:

FIGURA 8: Cédulas produzidas por empresários alemães com circulação restrita a Brejinho Das Ametistas e vilarejo do entorno, entre 1918 e 1933.



FONTE: Internet⁹¹

As correspondências, uma espécie de bilhetes/cartas⁹², anexadas a seguir, comprovam que a família de Anísio Teixeira teve envolvimento, no que se refere a questões econômicas, com o grupo alemão durante os anos em que este explorou ametistas na região.

Brejinho 9/4.07 [1907]

⁹¹https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-802811529-rc0790-set-das-rarissimas-cedulas-do-brejinho-das-ametistas-_JM

⁹²Fundo: Acervo particular da família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Data limite: 1896-1930. Caixa 04. citadas no artigo de autoria de Carla Graciela Chaves de Castro Cotrim. Fonte:www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/97277 Ver referências.

A mo Sr. Dr Deocleciano Pires Teixeira
 Em primeiro lugar visito-vos, desejando que o S. tenho feito feliz viagem!
 Confirmo o recebimento do dinheiro pelo S. José Costa, de que muito agradeço!
 Peço o S. para fazer-me o favor de dizer-me se não podem fazer as transações de hoje em diante por 1% pois a porcentagem de dois por cento é muito, e os preços das Ametystas na Alemanha são baixo presentemente.
 Sempre ao vosso dispor
 Com A e O.
 Alberto Becker

Brejinho 26.5.07[1907]

III mr Sn r Dr Deocleciano Pires Teixeira

Caetité

Am il Sn r

Participo-vos que mandei um telegrama para a Alemanha, para mandar me uma certa quantia, para u banco da Bahia, para os Snres Moraes e C ia sacar o dinheiro, e ser entregue a vossa Ex cia; peço ao amigo que logo que chegue telegramma para mim; o Snr faça-me o favor de fazer um positivo por minha conta e mande-me.
 O Snr Ozório entregará do Sn 900#000 mil réis para Sn r fazer o favor de trocar para mim de que fico muito agradecido
 Sempre aqui-ao vosso dispor como

Amo o

Cr o l Obr o

Otto Petry

Nos livros contábeis de Deocleciano, os nomes dos alemães se mostraram frequentes, principalmente Otto Petry, além de outro alemão identificado apenas como Eduardo Frz. Estes livros demonstram a circularidade de dinheiro e investimentos em bancos, empresas e companhias envolvendo os alemães de Brejinho e Deocleciano. (CONTRIM, 2015, p. 35)

Otto Petry foi um dos alemães que esteve por longos anos à frente da firma alemã Henrich Albert Becker. (CONTRIM, 2015)

No ano datado nas cartas, Anísio Teixeira tinha sete anos e devia estar se preparando para iniciar os estudos primários. Portanto, antes mesmo de estabelecer contato com os jesuítas estrangeiros que se instalaram em Caetité, o garoto Anísio já ouvia conversas e estabelecia esporádicos contatos diretos ou indiretos, através dos negócios de seu pai com estrangeiros que, neste caso específico, eram alemães. Como este grupo que emitia o dinheiro de Brejinho das Ametistas permaneceu na região por aproximadamente 15 anos, o jovem Anísio vivenciou o período de circulação dessa moeda extra oficial.

Do exposto até agora, destacamos o viés desbravador e até certo ponto nômade e adaptativo, às mudanças conjunturais, dos homens da família de Anísio Teixeira por parte do pai. Algumas histórias de vida sinalizam capacidade para instalar e/ou recomendar, quando algo não ocorria como esperado, bem como flexibilidade e agilidade, para ocupar novos espaços de oportunidades.

Viés também observado em Anísio Teixeira que, na nossa percepção, sempre demonstrava disposição para enfrentar novos desafios, ainda mais se estivessem em consonância com suas crenças mais verdadeiras.

Dr Deocleciano permaneceu em Caetité por quarenta e cinco anos. Viveu, portanto, até os oitenta e seis anos, quando faleceu em 1930. Durante este período tornou-se um importante

comerciante local e consolidou-se como liderança política da região que, à época já enfrentava um declínio da mineração diamantífera e, principalmente, aurífera. Durante todo o período mencionado a economia de Caetité e região baseava-se em uma,

[...] agricultura de subsistência e na pecuária extensiva localizada às margens do São Francisco e no Baixio de Monte Alto. A escravaria concentrava-se nos canaviais do Recôncavo. Porém, se não dominava o relacionamento o antagonismo entre servos e homens livres, dele repontava a distância social entre as famílias urbanas e os habitantes da zona rural, os tabaréus, os "bruaqueiros" que traziam das roças os gêneros de sua produção e os colocavam à venda nas feiras semanais, conglomerados vivos de gente, animais e mercadorias, a coisa típica colorida mais bonita oferecida pelo sertão aos nossos olhos. A feira era negócio e festa de homens. Donas de casa, moças da sociedade não saíam à rua senão a visitas, para reuniões familiares ou freqüentar a igreja (LIMA, 1978, p.147).

Ainda com relação ao comércio local, além da feira comum a toda cidade e vilarejo baiano à época, e ainda comum em algumas regiões do Estado, Lima (1978) faz referência a um tipo de serviço prestado pelas poucas lojas estabelecidas, muito provavelmente pelo fato das moças da sociedade terem um trânsito limitado na cidade, de serviço de compras a domicílio, ou seja:

Havia mesmo o costume de enviarem os comerciantes às residências, para escolha, das novidades e tecidos chegados da capital. Pelas tropas, conjunto de animais de carga que cortavam o interior de ponta a ponta, abastecia-se o sertão. Havia lojas, até bonitas, de grande sortimento, hoje desaparecidas dada a facilidade de comunicações (LIMA, 1978, p.154).

Este fato sinaliza o restrito papel das mulheres de famílias ricas na sociedade local da época, que devia limitar-se a cuidar da casa e de marido e filhos, quando casada, assim como em colaborar com ações sociais e litúrgicas das religiões a que se encontravam vinculadas. Nesse sentido estudar para ser professora, para muitas mulheres do período significava uma oportunidade de ampliação desse papel feminino, já que a função era socialmente aceita e agregava valor a vida social. Nesse período, o acesso à cidade de Caetité era muito difícil.

A estação de trem mais próxima ficava em Machado Portela⁹³ e demandava oito dias de viagem a cavalo para alcançá-la.

Segundo Lima (1978, p. 179) “a duração da travessia entre Caetité e Bahia [como se referiam a capital, Salvador, na época] durava quase tanto quanto a travessia marítima entre Salvador e Lisboa”. E Lima (1978) complementa:

A cidade situada a tal distância absorveu das condições naturais e humanas, localização, qualidade da gente, a seiva de um centro em que a importância urbana e política de seu papel se foi desdobrando na aquisição da instrumentalidade indispensável ao exercício de atividades relevantes. O correio inaugura-se oficialmente em 1832. Instala-se em 1855 a sede da Comarca. O telégrafo começou a

⁹³ Na Bahia existiram diversas linhas de ferrovias, quase todas originadas no século 19, como a E. F. Central da Bahia, a E. F. Bahia ao São Francisco, a E. F. de Santo Amaro e a E. F. Centro-Oeste da Bahia. A estação de Machado Portela, em Maracás, Bahia, foi aberta pela E. F. Central da Bahia como estação terminal no prolongamento de sua linha principal, em 1888. Em 1898, pela Lei estadual nº 271, de 25 de agosto, foi criado o distrito de Machado Portela com sede no arraial do mesmo nome, o qual pela Lei estadual nº 307, de 28 de junho de 1899, foi desmembrado e elevado à categoria de vila e município. Foi o município de Machado Portela extinto pela Lei estadual nº 442, de 28 de agosto de 1901, voltando a condição de distrito de Maracás. O Decreto estadual nº 86, de 18 de setembro de 1901, diz também respeito à extinção do referido município. A 30 de julho de 1910, por força da Lei estadual que tomou o nº 810, a sede municipal recebeu foros de cidade. O município de Maracás, na divisão administrativa do Brasil, concernente ao ano de 1911, é formado pelos distritos de Maracás e Machado Portela e na relativa a 1933 aparece acrescido de mais um distrito, o de Serra da Boa Vista. Informações retiradas dos sites: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba> e <http://www.cidades.ibge.gov.br/> Acesso 20 de junho 2016.

operar em 1896. Expede-se em 1913 a bula da criação do Bispado, que se completa em 1915. Dispõe de água encanada desde 1919. Em 1922 inaugurou, embora precária, iluminação elétrica. (LIMA, 1978, p. 19)

Apesar de no início do século a região ter baixa densidade populacional, tinha muita influência política graças ao prestígio de famílias tradicionais aí instaladas e vinculadas ao poder da Capital. Dentre estas se destacavam, principalmente, os Teixeiras, os Rodrigues Lima e os Tanajuras. Desta tríade saiu o Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, contemporâneo de Dr. Deocleciano na faculdade de medicina e nos hospitais de sangue, que como referido anteriormente, foi governador da Bahia, que também foram colegas do titular da vice-governadoria, Dr. José de Aquino Tanajura, sertanejo de Vila Velha, hoje Livramento do Brumado.

A sugestão do nome de Joaquim Manoel Rodrigues Lima [para governador] partiu de Severino Vieira⁹⁴ que, urgindo as articulações necessárias, dirigiu-se a Deocleciano Pires Teixeira cuja carreira política, deputado provincial ainda na monarquia, já o destacava na liderança do sertão. Coube a Deocleciano vencer a resistência de Rodrigues Lima, médico afamado em toda a região. Ele, Luiz Viana da cidade da Barra no São Francisco e José Gonçalves da cidade de Bonfim puseram no processo da eleição a autoridade de suas chefias. Nesse pleito os três se elegeram senadores (LIMA, 1978, 202).

O Dr. Deocleciano, pai de Anísio Teixeira, casou-se três vezes, em decorrência de sucessivos estados de viuvez. D. Anna, mãe de Dr. Anísio era a terceira esposa e irmã das duas primeiras, Mariana e Maria Rita. Todas elas filhas de Antônio de Souza Spínola, rico fazendeiro da região. Em inserção de nota de meio⁹⁵, apresentamos trecho do artigo publicado pelo Dr. Erivaldo Fagundes Neves, professor da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS,

⁹⁴ Severino dos Santos Vieira (1849-1917). Bacharel. Segundo Quadros (2015), Nomeado promotor público da Vila de Ribeira do Conde – BA, sua terra natal, torna-se, em 1875, juiz municipal. Com a promulgação da reforma eleitoral, em 1881, candidata-se à Assembleia Provincial, pelo Partido Conservador, e é eleito para o período de 1882-1884. É reeleito exercendo o mandato, portanto, até 1887. Com a proclamação da República, é eleito deputado à Assembleia Nacional Constituinte, mas não chegou a participar dos trabalhos constituintes. Após a promulgação da Constituição de 1891, exerceu o mandato de deputado federal de no período de 1891 a 1893. Ao lado de Augusto Guimarães (rico comerciante, casado com a irmã de Castro Alves), Luís Viana e Sátiro Dias, integra o diretório do Partido Republicano Federalista (PRF), fundado em 16 de maio de 1892 e pró-governo. Figura central da política baiana e gozando de grande prestígio na esfera federal, no período, empenhou-se para que, na sucessão Campos Sales, a candidatura de Rodrigues Alves fosse vitoriosa, o que ocorreu. Em maio de 1900, assume o governo da Bahia, sucedendo a Luís Viana. Devido a grave crise financeira, em que se encontrava o Estado, decidiu não realizar obras de grande vulto, dando continuidade apenas à construção do porto de Salvador. Além disso dá atenção especial aos problemas de higiene, temendo a peste bubônica que, de maneira avassaladora, já se manifestava no Rio de Janeiro. No ano da sua posse no governo, compra o Diário da Bahia, no qual acumula a função de diretor com a de redator-chefe. A atuação jornalística facilitou a organização da primeira agremiação política do Estado relativamente coesa, o Partido Republicano da Bahia (PRB), por ele fundado em 1901, em decorrência da cisão do Partido da República - PR, ex- Partido da República Federativa - PRF, entre *vianistas* e *severinistas*, fruto do forte personalismo que dominava a política local. Entre as campanhas por ele conduzidas, destaca-se a de 1909-1910, quando o país foi sacudido pelas candidaturas à presidência da República de Rui Barbosa, que incorporava o civilismo, e de Hermes da Fonseca, representante do militarismo. Na Bahia, a candidatura de Rui foi fervorosamente defendida por uma legião de *ruistas*, entre os quais se incluíam os *marcellinistas*; do outro lado, a de Hermes da Fonseca foi ardentemente propagada por J. J. Seabra e os *severinistas*, pondo fim à velha rivalidade entre Severino Vieira e Seabra.

⁹⁵ O Auto Sertão da Bahia, área angulada pelos rios São Francisco e seu afluente Verde Grande, que atualmente constitui partes das regiões econômicas do Médio São Francisco, Serra Geral e Chapada Diamantina, (...). O processo de povoamento e ocupação econômica dessa região, onde os pioneiros se instalaram em tempos pretéritos, iniciou com fazendas de gado de Antônio Guedes de Brito, (...). Esses domínios adquiridos no século XVII pela simples ocupação, conquistando violentamente territórios indígenas sem legalizá-los pelo estatuto jurídico das sesmarias ou qualquer outro, alongavam-se das nascentes do Rio Salitre, Jacupe e Itapicuru, no centro-norte da Bahia, às cabeceiras do Rio Paraopeba, no sul de Minas Gerais. (...) Pedro Francisco de Castro, administrador e procurador-geral da Casa da Ponte no Brasil, elaborou, em 1819 o tombamento dos seus vastos latifúndios na "Província da Bahia e circunvizinhas", dividindo-os em seis "distritos" administrativos: Jacobina, Rio de Contas, Caetité, Urubu, Rio Pardo e Xique-Xique. (...) O tombamento do "distrito da Villa de Santo Antônio do Urubu" incluiu as terras adjacentes do Rio da Rãs. O administrador descreveu fazendas e sítios – estas frações daquelas – ainda pertencentes à "casa do Conde da Ponte", indicando limites, arrendatários, valores dos arrendamentos e avaliação para venda. Anotações posteriores apresentaram compradores (...). O livro de registros de terras da freguesia do Santo Antônio do Urubu, no acervo do Arquivo Público do Estado da Bahia, está totalmente em branco. Há, entretanto no seu interior, uma folha avulsa, com declaração de Porfírio Pereira de Castro, proprietário da fazenda Batalha, limitando ao norte com a Volta; nascente, curral das vargens; sul, fazenda Rio das Rãs; e poente, Rio São Francisco, redigida em Paga Tempo, quinze de maio de 1863, sem assinatura do vigário, conforme a praxe. Quando Caetité emancipou-se de Rio de Contas, em 1810, a fazenda Rio das Rãs pertencia, talvez por arrendamento a Marcos de Souza. Nessa ocasião, moradores das adjacências, então jurisdição de Urubu, pleitearam que suas terras se incorporassem ao novo município sugerindo como limites entre os dois termos a fazenda Morro do Chapéu (atualmente divisa de Caetité e Tanque Novo), Vargem (em Tanque Novo), quebra focinho (em Macaúbas), nascente do Riacho de Santana, por ele abaixo até a fazenda Jatobá, e daí "rumo direito à fazenda denominada Rio das Rãs, de Marcos de Souza" (...). As terras de Rio das Rãs ou parte delas pertenciam, em 1813, a Antônio Pereira Pinto, que as transferiu ao capitão Anacleto Teixeira de Araújo e este, hereditariamente aos filhos, entre os quais, o major Francisco Teixeira de Araújo e Constança Teixeira de Araújo, casada com Antônio de Souza Spínola. Três filhas deste casal – Mariana de Souza Spínola Teixeira, Maria Rita de Souza Spínola Teixeira e Ana de Souza Spínola Teixeira – casaram-se sucessivamente com o Dr. Deocleciano Pires Teixeira, que ficou na condição de maior proprietário da fazenda, considerando-se que o major Francisco Teixeira de Araújo, sem descendência, legou suas vastas propriedades fundiárias dos baixios do Médio São Francisco às sobrinhas (...). Rio das Rãs foi parcialmente inventariada em 1931, no espólio de dr. Deocleciano Spínola Teixeira, (...) partilhado pela viúva Ana Spínola Teixeira e os 14 herdeiros dos três casamentos. (...) Além de Rio das Rãs o Dr. Deocleciano detinha a propriedade de várias outras fazendas. Possuía, total ou parcialmente, nos baixios do São Francisco títulos de Curralinho, Mocambo, Parateca e Urtigas. Vários herdeiros venderam seus quinhões, concentrando essas e outras terras vizinhas em poder do grupo agropecuarista e industrial Bial-Bonfim, dirigido por Carlos Bonfim, atual proprietário, que disputa, há alguns anos, as posses das terras ocupadas pelas comunidades negras, descendentes de quilombolas, Conforme o "Laudo Pericial Antropológico", elaborado pela Procuradoria Geral da República. (NEVES, E., 1999, p.119;121; 127;128).

titulado *Sucessão Dominial e Escravidão na Pecuária do Rio das Rãs*, 1999, no qual ele identificou, a partir de pesquisa desenvolvida, os principais proprietários e a transmissão de propriedades desde suas origens, no século XVII, ou seja, de Antônio Guedes de Brito à família Spinola Teixeira, que transferiu, posteriormente para o grupo Bial-Bonfim que, segundo explicita o artigo, encontrava-se em conflito com interesses de famílias quilombolas.

Nosso objetivo em fazer tal inserção, foi ilustrar a história dos domínios das terras da família de Anísio Teixeira, no *Alto Sertão da Bahia*, e estabelecer um elo com a história do domínio dessas terras pelos Guedes de Brito, bem como registrar a presença do trabalho escravo na região, inclusive nos domínios dos Teixeira.

Esses Teixeira de Araújo possuíam imensos latifúndios no São Francisco, talvez uns sessenta quilômetros ao longo rio, campos da tradicional, largada criação extensiva. Um deles, major Francisco Teixeira de Araújo, casado sem descendência, legou fazendas aos sobrinhos, sendo esta a origem das propriedades da família Spínola Teixeira, de Caetité. (LIMA, 1978, p.23)

E complementa:

Dizem dos Spínolas, o outro ramo da família de Anísio, serem originários de Gênova onde participaram do governo no decorrer do século XVII. Expulsos da Liguria, eram judeus, refugiaram-se em Portugal, na Madeira e na Holanda e, neste país, variaram o nome para Spinoza. O filósofo e matemático Baruch Spinoza, de pai e mãe portugueses, seria assim um Spínola. Dos primeiros Spínolas chegados ao Brasil sabe-se que percorreram os sertões como dizimeiros da Fazenda Real. Três irmãos Joseph, Francisco e Timóteo estabeleceram-se no centro sul da Bahia, em Vila Velha, hoje Livramento do Brumado, Lagoa Real e Lagoa do Timóteo, do nome de seu colonizador. Manifestado ouro na localidade de Minas do Rio de Contas, situada no cimo da Serra das Almas, outrora vivo centro artesanal de objetos de ouro, prata e apetrechos de montaria, é fama que Timóteo Spínola enriqueceu tanto que chegou a remeter para Londres quatro arrobas do metal. Proprietário do sítio da Pedra Redonda, nas proximidades de Caetité, de Joseph de Souza Spínola, apelido Cazé, nasceram três filhos: Antonio de Souza Spínola, Adelina de Souza Spínola e Rita de Souza Spínola. Ao iniciar-se a década de 1850, transferiram-se para Lençóis, capital da mineração nas Lavras Diamantinas, derradeiro florão da corrida mineradora que, praticamente durante um século, transformou as Lavras Baianas numa das zonas mais procuradas, tumultuosas e propícias à aventura de enriquecer. (LIMA, 1978, p.24)

Os Spínolas não eram mineradores. Produziam café na fazenda na qual residiam, nomeada de Boa-Vista. Em Lençóis, cidade para qual se transferiram, fundaram uma dinastia intelectual e política. (LIMA, 1978)

Essa dinastia inicia-se por Antonio de Souza Spínola, avô de Anísio, representante de seu distrito por três vezes na Assembléia provincial e no Parlamento monárquico. Era cognominado o Pedro II de Lençóis, tamanho o valimento de seu nome e a tradição confirma que o Imperador o distinguia. Em 1864 e 1867, informa Afrânio Peixoto no *Livro de Horas*, figurou na lista tríplice para o Senado, quando os escolhidos foram Zacarias e Saraiva. Desposando Constança Teixeira de Araújo, filha do capitão Anacleto Teixeira de Araújo que, em 1821, oficiou como delegado de polícia em Caetité (e já vimos que a família Teixeira de Araújo possuía um despotismo de terras no São Francisco) desse matrimônio nasceram dez filhos, dentre eles as três irmãs, Mariana, Maria Rita e Ana com quem viria a contrair núpcias o dr. Deocleciano. E ainda dois irmãos de destacada projeção no Estado e

no país, Joaquim Antônio de Souza Spínola e Aristides de Souza Spínola. (LIMA,1978,p.25)

Estes dois tios de Anísio Teixeira, ou sejam, Joaquim Antônio e Aristides, estudaram no Recife onde concluíram curso de Direito.

Joaquim Antônio, nascido em 1848, cumpriu toda a carreira da magistratura de sua terra, Juiz Municipal, Juiz de Direito, Desembargador, Presidente do Tribunal de Apelação. Faleceu em 1906. De sua descendência de sete filhos há que destacar Celso e Clovis Spínola, nomes de relevo na advocacia e na sociedade baiana, Gambeta Spínola, alto funcionário do Estado, Colombo Spínola, médico de renome, Cyro Spínola, engenheiro, Carlos e Caio Spínola e as filhas Otília, Clotildes e Alice. A família reside na Bahia.(LIMA,1978,p.27)

E complementa:

Do outro irmão, Aristides, nascido em 1850, considerado pelos contemporâneos "homem de grande saber", lembra Dunshee de Abranches em *Governos e Congressos da República*, a trajetória política iniciada na monarquia prolongou-se até a república. No antigo regime, além de presidir a província de Goiás, foi deputado provincial e geral em três legislaturas, a primeira em 1881, quando da eleição direta, reelegendo-se nas de 1885, 1886 e 1889 e achava-se diplomado ao cair a monarquia. Num desses pleitos, largando-se a cavalo de Goiás até o interior da Bahia, venceu a Rui Barbosa, seu correligionário liberal, mas estranho ao sertão onde eram profundas as raízes familiares de Aristides. Excursionou pelo vale do São Francisco e reuniu em volume, publicado em 1879, as narrativas dessa jornada sob o título de *Presidência do Barão Homem de Melo na Bahia*. Redigiu em 1889 a memória *Estudos sobre os índios do rio Araguaia*. Na República, elegeu-se deputado federal de 1909 a 1911. Advogado militante, conquistou lugar eminente na profissão. Nos derradeiros anos, abrasado pela fé espírita, voltado ao recolhimento e à caridade, embora continuasse a participar de um escritório, eram os colegas que assinavam seus trabalhos. (LIMA,1978,p.27)

Cabe destacar, que entre fins do século XIX e início do XX, a sociedade de Caetité era conservadora, marcada por fortes relações de parentela, influência da Igreja Católica e, como já destacado anteriormente, “uma ampla camada de desfavorecidos – negros libertos, mulheres, analfabetos e homens de baixa renda – à margem do poder político”. (CARVALHO apud AMÂNCIO, 2017, p.27-28).

Portanto, é sobre a influencia deste contexto familiar, vivido por seus pais, apresentado de forma sucinta, que nasce e vive Anísio Teixeira, no início do século XX, até a fase de sua pré adolescência, pois posteriormente passará a estudar na então capital do Estado da Bahia e em seguida no Rio de Janeiro. Após este período, Caetité passará a ser uma cidade de visitas eventuais na vida do Anísio Teixeira adulto, até retornar, em meados dos anos trinta, para uma longa estadia de autoexílio no período correspondente ao *Estado Novo*.

Do primeiro casamento de Dr Deocleciano, o com Mariana de Souza Spinola Teixeira, nasceu Alice Spinola Teixeira que casou-se com o Dr Nicolau Tolentino dos Santos, advogado. Do segundo casamento, o com Maria Rita de Souza Spinola Teixeira, nasceram Mário Spinola Teixeira que se formou em agronomia e Alzira. Do terceiro casamento, desta vez com Anna, nasceram, por ordem cronológica, Evangelina, Celsina, Hersília, Celso, Oscar, Leontina, Jayme, Anísio, Néelson, Angelina e Carmem.

FIGURA 09: Família de Anísio Teixeira: os pais Deocleciano e Anna Teixeira com Anísio e irmãos.



FONTE: Arquivo Público de Caetité

A família residia em um sobrado grande como pode ser observado na foto a seguir.

FIGURA 10: Casarão dos pais de Anísio Teixeira antes de tornar-se Centro Cultural em Caetité.



FONTE: Internet

Segundo Lima (1978), havia um mito na cidade que o sobrado, uma mansão localizada na Praça de Santana, era assobradada. Entretanto tratava-se de uma

[...] espaçosa edificação de mais de vinte cômodos, além de seis salas, mobiliadas com peças austríacas e vários retratos de antepassados. Ambiente familiar numeroso, irrequieto e aberto à conversação, preferentemente nas refeições se repassavam acontecimentos, leituras e episódios. Por vezes, iluminavam as opiniões rompantes de veemência verbal. Em Anísio patenteava-se a tendência a discernir, a explicar, predominando a nota de judiciosidade e atilamento iluminativo de sua palavra. Dedicava-lhe o dr. Deocleciano verdadeira admiração pelo senso de equilíbrio dos conceitos e julgamentos. Considerava-o um magistrado nato (LIMA, 1978, p.11).

Cabe destacar da citação acima, o ambiente familiar aberto à conversação. A observação de que eram momentos nos quais repassavam acontecimentos, leituras e episódios, nos remete a ideia de incentivo ao desenvolvimento de uma cultura geral, de incentivo a reflexão. Este fato demonstra que tratava-se de uma família que conversava, trocava ideias sobre temas de interesses mútuos e que exercia um papel relevante no processo formativo dos seus membros.

Quanto a qualificação do casarão de assombrado, registrada por Hermes Lima, no livro titulado de *Anísio Teixeira: Estadista da Educação*, em 1978, esta, muito possivelmente, foi adicionada pela população local, em decorrência do fato das duas primeiras esposas de Dr Deocleciano, irmãs da mãe de Anísio Teixeira, terem falecido. Não conseguimos nenhuma pista que confirme esta relação. Sabemos, entretanto, que nesta casa espaçosa, na atualidade, funciona um ativo espaço cultural.

Ao que se refere a observação de que o pai o considerava um magistrado nato, há uma possibilidade de ser verdade. Dr Anísio se forma em Direito. Não conseguimos informações referentes a escolha de prosseguir os estudos superiores na área jurídica. Entretanto, algumas explicações plausíveis podem ser levantadas, porém não confirmadas, como por exemplo: 1) Poucas opções de cursos superiores no Brasil à época; 2) Dr Anísio, após concluir o ensino médio nutria o desejo de ingressar na Companhia de Jesus e enfrentava resistência por parte de alguns membros da família. Decide, então, cursar Direito com a intenção de agradar o pai e atender os planos políticos deste, que perpassava pela possibilidade do jovem Anísio atuar na justiça da região. Esta decisão de certa forma, dava-lhe tempo para neutralizar os impactos provocados pelo anúncio de um provável ingresso na Companhia de Jesus.

Sobre esta questão, apresentamos mais algumas observações no item referente a complementação do curso na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Cabe lembrar que Dr Anísio era o segundo filho a querer adentrar para uma congregação religiosa. A irmã Hercília chegou a ingressar em uma ordem sob intenso protesto de alguns familiares, conforme atesta citação que se segue:

Em verdade, não encontrou Anísio na família apoio algum a seu desígnio de professar a regra de Santo Inácio. Nem ele, nem a irmã Hercília. Ademais, a formação católica da família já por esse tempo apresentava fendas, por ela circulavam espíritas e até uma outra irmã nutria indiferença por crenças sobrenaturais. Da parte do dr. Deocleciano e de Donana sempre partiu firme oposição. Há um episódio interessante da contrariedade materna quando Hercília insistiu e professou no Bom Pastor, onde permaneceu seis anos. A mãe como protesto deixou de freqüentar a missa, só voltando a fazê-lo quando a filha retornou à casa (LIMA, 1978, p.203)..

Para complementar, cabe ressaltar que antes que o desejo manifesto pelo jovem Anísio se concretizasse, a família decidiu agir para evitar o seu ingresso na Ordem.

Dois dos irmãos de Dr Anísio, ambos engenheiros, se distinguiram na política, assim como o pai. Para o pai o jovem Anísio deveria seguir a trilha dos irmãos, o que consolidaria uma tríade de Teixeira políticos na terceira geração.

Mario Spinola Teixeira assumiu o controle político da Vila de Guanambi, quando esta foi criada através da lei Estadual nº 1.364 de 14 de agosto de 1919, e Oscar Spinola Teixeira, deputado estadual no período de 1925 a 1926, sendo reeleito para o período de 1927 a 1928.

Em 1934, torna-se vereador em Guanambi pela ala *Autonomista*, deputado estadual constituinte, pela União Democrática Nacional (UDN), no período de 1947 a 1951 e suplente de deputado estadual pelo Partido Social Democrático (PSD), após 1951.

Cabe destacar ainda, que Oscar antes de adentrar na política, foi laureado pela Escola de Engenharia de São Paulo com viagem de estudo à América do Norte. Por esforço pessoal e orientação técnica contribuiu com a instalação em Caetité, dos serviços de água e de luz elétrica em 1920 e 1925, respectivamente. No ano de 1923, foi o inspetor-geral do telégrafo na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e em 1927, criou a primeira usina de algodão e uma técnica de alimentação para gado com caroços de algodão, no município Guanambi-BA. Construiu, também, a estrada de Contendas-BA a Caetité, além de ter sido o responsável pela instalação do serviço de luz elétrica em Urandi-BA, em 1928, bem como os de Palmas de Monte Alto-BA e Jacaraci-BA, em 1950. (GUIMARÃES, 2012) Entretanto, um acidente de automóvel, entre Salvador e Milagres, tirou-lhe a vida, precocemente, em 1954 (LIMA, 1978).

Ao visitar arquivos familiares percebe-se um volume significativo de correspondências trocadas entre os familiares. Dentre estas, uma carta arquivada no CPDOC com especificação At c 1925.05.16, enviada por Oscar em resposta a uma recebida do irmão Anísio, chama atenção. O assunto central da carta, conforme recorte anexado a seguir, gira em torno de curso de Direito e o desejo manifesto do jovem Anísio querer ingressar na Companhia da Jesus, ponto que trataremos posteriormente. Nesta carta Oscar faz referência a um fato que vivenciou durante sua estadia na Pennsylvania e que o impressionou muito. Este retrata o entusiasmo do jovem pelas modernidades observadas na América, quando das suas viagens. Para tanto escreve:

Em Wilksburg , deparei com uma maravilha da engenharia americana que, eu conhecia através de jornais e livros, mas que não supunha ir a tanto. Imagine V. que encontrei sobre fogueiras de dormentes e vigas de ferro, uma casa de tres andares, construida inteiramente de tijolos, e cuja mudança estava sendo effectuada para cerca de 100 metros distantes, tendo que atravessar terreno em subida e com uma depressão no meio formada por uma rua. Fiquei estupefacto! Suppunha que taes factos se davam com pequenas casas de madeira. Posteriormente cheguei a saber que em Pittsburgh ha mais de uma companhia que trata d'este ramo de negocios. Contam-me que ha pouco tempo fizeram a mudança de uma casa de oito andares. [...] (OSCAR, 1925).

No trecho da carta do irmão de Anísio Teixeira, percebe-se um movimento da família para manter os membros atualizados. Nesta carta Oscar registra que recebeu correspondências e jornais enviados de Caetité por familiares e comenta uma novidade da engenharia americana.

Quanto ao irmão mais velho de Anísio Teixeira, Celso, a política não o seduziu, ao menos, para assumir posições formalizadas. Preferiu se ocupar da administração de fazendas no São Francisco e, posteriormente, atuar como coletor federal em Caetité.

No que se refere a Celsina, o foco recairá no auxílio ao marido na administração de fazendas herdadas da família dele. Mais velha do que Anísio Teixeira treze anos, essa irmã de Dr Anísio casou-se, em 1909, com o farmacêutico e criador de gado, José Antônio Gomes Ladeia (apelido Juca), um dos herdeiros da fortuna deixada por seu avô, o Barão de Caetité, José Antônio Gomes Neto. Desse casamento nasceu um único filho, Edvaldo Teixeira Ladeia, em

1910 (PIMENTEL et CUNHA, 2013). Destaca-se desta parte do núcleo familiar de Anísio Teixeira, o fato de Celsina, mulher de posses, além de atuar em ocupações socialmente permitidas às mulheres a época, dividir com o esposo a administração das fazendas, em uma região de sertão, em que predominava o coronelismo, o patriarcalismo e a aridez da seca, entre tantos outros obstáculos vivenciados por mulheres de localidades do sertão, para atuar em funções que não fossem do lar. Quanto sua irmã caçula, Carmem Spinola Teixeira, esta cursa Escola Normal em Salvador e participou da gestão de um dos mais importantes projetos de Anísio Teixeira, ou seja: *A Escola Parque da Bahia*. . O blog da Fundação Anísio Teixeira, ao divulgar a Semana Carmem Spinola Teixeira, que aconteceu em 2009, no centro cultural em Caetité, destacou:

D. Carmen, segundo Zélia Bastos em seu livro “Centro Educacional Carneiro Ribeiro: Uma experiência de educação integral em tempo integral de atividades”[2000], “era a alma do Centro (Centro Educacional Carneiro Ribeiro) ou concretamente a experimentadora prática das idéias de Anísio Teixeira... Conhecedora da pedagogia infantil, administração, filosofia, psicologia, atividades que exerceu com eficiência, originalidade, talento e inteligência. Lutou também com dificuldades quase invencíveis defendendo o ensino ativo e prático, na sua modéstia e discrição.”(CAETITÉ, 2009, p.1).

Para finalizar o item sobre a família, adicionamos trecho de um texto produzido por Haroldo Lima,⁹⁶ filho de Caetité, sobrinho de Anísio Teixeira, escrito no ano do centenário de nascimento dele, ou seja, 2000, e que faz referência a *escola das primeiras letras* e às primeiras professoras de Dr Anísio, das quais uma delas era sua tia, como pode ser constatado a seguir:

[...] Anísio nasceu ali, na praça da catedral, no sobrado que era de seu pai, o velho chefe político Deocleciano Teixeira. No firmamento do Brasil e das Américas apareceu assim, logo no alvorecer do Século XX, uma estrela de primeira grandeza, oriunda de Caetité. Naqueles tempos, nossa cidade padecia de grande isolamento e atraso. Mas, em 1912, dois colégios aqui se instalaram, um o "Colégio Americano", protestante, que veio para cá sob os auspícios de José Antônio Rodrigues Lima, o Coronel Cazuzinha, e o outro, o "Colégio dos Jesuítas", católico, que se achegou com o apoio do Monsenhor Bastos e do Dr. Deocleciano. Seus professores eram ótimos, diversos estrangeiros. Na época, só em Salvador havia dois colégios de qualidade semelhante. E foi assim que o menino Anísio, depois de fazer as primeiras letras com D. Maria Teodolina das Neves Lobão e com sua tia, a professora Priscila Spínola, matriculou-se no Instituto São Luiz Gonzaga, que era o colégio dos Jesuítas de Caetité. Quando, mais à frente, foi estudar na "Bahia", que é como chamavam Salvador, já chegou ao Colégio Antônio Vieira com fama de estudante excepcional [...] (LIMA, 2000, s/p).

As professoras citadas no depoimento acima podem ter sido alunas da Escola Normal de Caetité, entretanto não conseguimos documentação que comprovasse esta suposição. Contudo, se não cursaram o *Técnico Normal*, como era designado o curso de formação de professor à época, devem ter tido algum contato com os professores da Escola, participado de eventos ou ter tido acesso a publicações que perpassavam pela mesma. Portanto é provável que tenham se beneficiado ou sido influenciadas, direta ou indiretamente, pela implantação da Instituição na cidade.

⁹⁶ Deputado federal pelo PC do B/BA, por cerca de cinco mandatos na Câmara dos Deputados e descendente de José Antônio Gomes Neto, o *Barão de Caetité*.

1.3 A família e a cultura letrada de Caetité

Localizada no sudoeste da Bahia, na região conhecida como Serra Geral, a cidade de Caetité destacou-se no cenário baiano, não só pelo seu protagonismo político e econômico referido anteriormente, como também, por iniciativas educacionais e culturais adotadas no final do século XIX início do século XX.

Cabe ressaltar, entretanto, que Caetité já possuía havia sido contemplada em 1817, ainda no período colonial, com a aquisição de uma Escola Régia de Latim, que foi instalada logo após a visita da expedição dos naturalistas Spix e Martius, comentada anteriormente.

Segundo Reis (2010) entre os anos de 1853 a 1868, funcionou em Caetité, também, uma escola particular de primeiras letras, de propriedade do pai de João Antônio Gumes, dono da tipografia que editava o jornal *A Penna*, citado anteriormente tentando adquirir, com a intermediação do tio Rogaciano e o irmão Mario, de Anísio Teixeira, um maquinário para produção de impressos.

Estes fatos exemplificam a pujança desta cidade do Alto Sertão da Bahia, desde o período do Brasil Colonial e Primeira República, que a diferenciava da maior parte dos municípios baianos quanto ao acesso a instituições educacionais e culturais, além de cunho científico, no início do século XX. Um exemplo disso, foi o Observatório Meteorológico criado em 1860, por D Pedro II e ligado ao Ministério da Agricultura, mas só colocado em funcionamento em 1907, pelo alemão Bernardo Ohlsen. Esta Instituição possuía um telescópio.

FIGURA: Foto do Observatório Meteorológico



Fonte: Internet

Estudos históricos sobre Caetité revelam informações sobre as precoces conquistas educacionais da cidade, que indicam acesso a uma formação mais ampla que as restritas às escolas de primeiras letras, bem como a existência de uma cultura letrada, acessada ou produzida por uma elite intelectual, entre esta, membros da família Teixeira, através de iniciativas locais como a criação de teatro, de bibliotecas, de jornais de circulação local, entre outras.

Cabe destacar que, entre os anos de 1897 e 1930 surgem algumas bibliotecas na cidade, como a da Escola Normal, a do Centro Espírita, a Magalhães, entre outras.

A biblioteca Magalhães facultava acesso à comunidade local e tornou-se um espaço importante de leitura na cidade. Esta biblioteca, foi fundada em 12 de outubro de 1916 e funcionava em espaço próprio no centro da cidade. O acervo contava com um quantitativo significativo de obras e jornais de diferentes estados (REIS, 2013)

Os indícios encontrados num cartão timbrado da biblioteca datado de 1927, destinado ao Dr. Deocleciano Pires Teixeira sócio benemérito da instituição, indicam que a referida biblioteca, assim como outros espaços de leitura existentes na cidade de Caetité, provavelmente foram criados por um grupo de pessoas que possuíam interesses em comum, homens providos de condições econômicas, geralmente vinculados à política local, portanto, detentores de certa distinção na sociedade da época. (REIS, 2013, p. 5)

Segundo Reis (2010), a biblioteca Magalhães foi transferida, em 1926 para Guanambi, município vizinho, por seu proprietário.

Cabe destacar que no ano de transferência da biblioteca, era intendente de Guanambi, com mandato que iniciou-se em 1924 e se encerraria em 1928, o irmão agrônomo de Anísio Teixeira, Mário que enquanto,

[...] estudante de agronomia em São Bento da Lages, onde se diplomou em 1898, [...]há de ter sentido a influência do espírito empresarial que na época determinou o surgimento na Bahia de fábricas têxteis que foram o orgulho de sua indústria e, um pouco mais tarde, em 1916, inspirou a instalação do Centro Industrial do Algodão. Temperamento enérgico e vibrátil, descortina comercial e audácia de empresário, tais foram as qualidades com o Dr. Mario Teixeira, após sua diplomação se lançou no mundo dos negócios. Certo é que em 1912, aproveitando-se da ampliação da lagoa do velho Beija Flor, efetuada pelo Governo do Estado, e percebendo as possibilidades oferecidas pelo comércio do algodão, implanta à beira dessa pequena aguada, a usina pioneira que o liga definitivamente ao surto sertanejo de desenvolvimento da lavoura algodoeira, surto ainda em curso, a encher de prosperidade vasta região. A instalação dessa usina abre uma perspectiva nova à lavoura algodoeira. O exemplo em que se tornou a atuação do seu fundador, cujos passos no presente são repetidos por muitos empresários competentes e esclarecidos, frutificou em dezenas de estabelecimentos fabris e em vastíssimos algodoais. (FREITAS apud TEIXEIRA⁹⁷, 2015, s/p)

Destacando as articulações políticas regionais, acrescentamos:

O surto desenvolvimentista surgido em Salvador na última década dos anos oitocentos, do qual resultou a ampliação do parque fabril baiano, estaria destinado a repercutir no alto sertão, sobretudo na região de Guanambi. Coincidindo com esse florescimento industrial de iniciativa privada, a atuação do governo estadual no período, também contribuiu para que aos longínquos sertões chegassem os reflexos de atuação do Centro Industrial do Algodão. O Governo do Conselheiro Luiz Viana, de 1894 a 1898, conforme se pode constatar pelas suas leis orçamentárias, dispensou especial atenção e abertura de estradas até mesmo de ferrovias, e à construção de aguadas, de variado porte, por toda a região sertaneja. Alguns pequenos açudes

⁹⁷ Texto elaborado por José Bonifácio Teixeira, com a contribuição de Maria Soares Teixeira, cuja fonte de pesquisa foi o Caderno ainda inédito “Aqueles Sertões” do Professor Vilobaldo Neves Freitas, que formou-se em Magistério, na Escola Normal de Caetité, em 1932. Mudou-se para Guanambi com sua família, onde começou sua carreira de Professor Primário. Disponível em: <https://cronicasdeguanambi.wordpress.com/2015>

construídos nessa época e ainda hoje existentes atestam o acerto da política governamental do conselheiro. Em Guanambi, então pequeno povoado denominado Beija Flor, nome mais tarde mudado sucessivamente para Bela Flor e Guanambi, como principal reservatório de água potável existia apenas uma minúscula lagoa, cuja tapagem por ação do governo estadual foi elevada, de modo a ampliar-lhe a capacidade. Guardou tradição oral a informação de que nessa obra de ampliação foi gasto pelo Governo Estadual em conto de réis (1.000\$000). Ampliada a capacidade da pequena aguada, foi possível instalar à sua margem uma usina de beneficiamento de algodão, cujos reflexos sobre a economia sertaneja foi tal que se pode afirmar, o conto de réis do erário público se multiplicou na imensa riqueza dos algodoeiros que cresceram por todo o baixo guanambiense. A instalação dessa usina, realmente um marco na história do algodão sertanejo se deve a um homem de invulgar personalidade: Mário Spinola Teixeira. (FREITAS apud TEIXEIRA, 2015, s/p)

Luiz Viana foi um dos aliados político de Deocleciano Teixeira e, muito possivelmente, conversavam sobre o potencial da região para o plantio de algodão e seus desdobramentos, em período que coincide com o ano da formatura de Mário Teixeira.

Anos depois, observa-se novas articulações com a transferência da biblioteca, durante o cargo público assumido por Mário em Guanambi, cujo o “fato foi marcado por — festiva e brilhante comemoração, que contou com a participação de autoridades da cidade. Interessante destacar a condição social das pessoas que estão envolvidas na realização do evento”.REIS, 2013, p.4)

Segundo Reis, 2013, o *Club Caetiteense* também oportunizou um espaço para a leitura, para tanto Informa que “ indícios encontrados apontam que no *Club* existiu uma biblioteca que era aberta ao público”.(REIS, 2013, p. 5) E acrescenta que uma Ata do poder Legislativo de Caetité, datada de 09 de abril de 1922, faz referência a uma petição sobre a transferência da biblioteca existente no paço Municipal para o *Club*, comprometendo-se os sócios os cuidados, catalogação, ampliação e devolução da mesma ao município caso o clube viesse a se extinguir. (REIS, 2013)

Outro espaço de leitura informado por Reis (2013), é a biblioteca da Associação União Operária Beneficente. Para ilustrar tal informação adiciona uma nota do jornal *A Penna*, que reproduzimos na íntegra, divulgada pelo bibliotecário da Instituição, que trata do movimento da biblioteca no mês de fevereiro de 1912.

Foi visitada a bibliotheca por 210 pessoas, sendo consultadas 128 obras, revistas e jornaes. Foram emprestados 47 volumes, voltaram 38 e restam 9 no emprestimo. Foram recebidos 18 livros offerecidos pelos Ilmos. Srs.: Capitão Francisco de José de S. Anna. 2- Dr. Nelson C. de Senna, de B. Horisonte, 2- Tenente Raymundo Pereira Chaves, 1- A Sociedade Benef. União das Classes de Itabuna, 1 e um extatuto -União Cristã da mocidade de Lisboa, 2- Capitão José Pereira da Costa Zuca, 1-Capitão Adelino Rodrigues dos Santos, 1-Ministerio da Agricultura, Rio de Janeiro, 2 -Gemeninno Coelho dos Santos, 2Colegio Sallesiano S. Rosa, de Nicteroy, 2 e um Almonack illustrdo. Recebeu mais jornaes revistas de diversas procedências. Pedem-nos agradecer aos cavalheiros que tanto vão concorrendo para a vida e desenvolvimento dessa útil bibliotheca. (A PENNA, apud REIS, 2013, p.6)

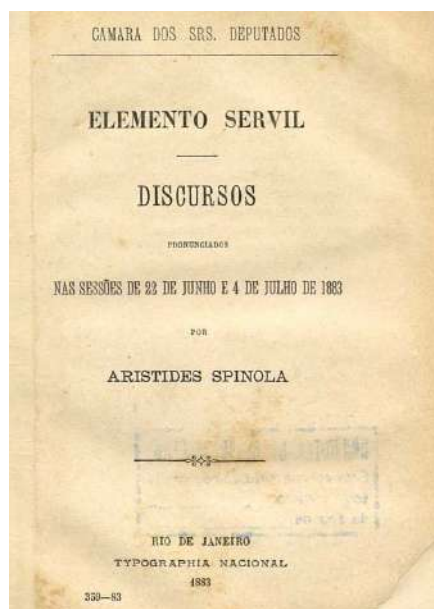
Reis (2013) chama a atenção, o que nós endossamos, que é “interessante atentar para a origem dos livros recebidos, geralmente eram doações que provinham de diferentes lugares do Brasil, bem como de diferentes áreas do conhecimento”.(REIS, 2013, p.6)

Uma outra biblioteca identificada por Reis (2013), provavelmente um pouco mais especializada em temáticas espíritas, foi a biblioteca do Centro Espírita, criado em 1905, por iniciativa de Aristides Spinola (1850-1925), tio de Anísio Teixeira, irmão da mãe. Reis (2013) faz referência a uma publicação do jornal Lux de 25 de janeiro de 1930, que convida a população para frequentar a biblioteca, ao tempo que informa que a mesma ficará aberta todas as noites das 19 às 21 horas. Percebe-se nessa iniciativa, um claro exemplo de estratégias para incentivo a leitura, na cidade.

Aristides Spinola (1850-1925), quando jovem, estudou em Salvador no *Ginásio Bahiano* fundado, em 1858, por Abílio César Borges. Nesta instituição foi colega de Rui Barbosa (1849-1923), Castro Alves (1847-1871) e Plínio de Lima (1845-1873). Em seguida, os quatro ingressaram, e foram colegas de turma, na Faculdade de Direito de Recife. Ao concluir o curso, Aristides Spinola assume sucessivos mandatos de deputado e os três colegas, juntamente com Regueira Costa e Satiro Dias, fundam uma sociedade abolicionista.

Apesar de não fazer parte da sociedade, enquanto deputado, identificado como abolicionista, Dr Aristides faz um discurso, em 1883, chamando a atenção para o dramático problema do negro brasileiro, como pode ser verificado na capa do documento adicionada a seguir:

FIGURA 11: Capa do discurso do deputado Aristides Spinola de 1883.



FONTE: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/185634>

Castro Alves e Plínio Lima morrem precocemente, mas Aristides Spinola, assim como Rui Barbosa vivem muito, sendo este último o responsável pela elaboração e apresentação dos dois pareceres referentes a educação básica, citados anteriormente, não aprovados, mas que já continham discussões sobre ensino de ciências.

É bem provável, que Dr Aristides tenha tido uma biblioteca pessoal composta por livros de temáticas variadas, que subdiavam seus pronunciamentos. A mesma devia ter exemplares de títulos escritos pelos ilustres colegas, entre eles Rui Barbosa, e, evidente, suas próprias produções como o discurso referido acima. Em sendo assim, caso não tenha tido o interesse de manter esta coletânea de livros no Centro Espírita de Caetité, talvez tenha doado seus

livros para a biblioteca do sobrado da família Teixeira ou para uma das outras bibliotecas existentes na cidade.

Estas informações são importantes porque sinalizam um espectro amplo de possibilidades de leitura e de discussões que podem ter sido acessadas por Anísio Teixeira desde muito jovem.

Cabe lembrar que na Crônica *O Alto Sertão da Bahia*, de sua autoria e comentada anteriormente, ao se reportar a natureza pacífica do povo sertanejo pobre e estabelecer uma relação indireta com os *voluntários* da região, maioria negros, que foram lutar na guerra do Paraguai para conseguir a tão desejada liberdade, ele demonstra conhecer, em profundidade, as questões tratadas pelo tio no discurso *Elemento Servil*.

Quanto a biblioteca da Escola Normal, são as seguintes as informações trazidas por Reis(2013):

O seu acervo foi constituído por meio de doações feitas por moradores da cidade, principalmente pessoas de elevado poder aquisitivo, vinculadas à política local, constam também doações de professores, Senhoras da cidade, vigário, bem como de pessoas de outras cidades e instituições, conforme notas divulgadas no jornal *A Penna* nos anos de 1900, 1901 e 1902. Embora fosse uma biblioteca escolar, o seu acervo não se restringiu aos conhecimentos pedagógicos, os indícios apontam que era frequentada pela comunidade e recebeu doações de livros das mais diversas áreas do conhecimento. (REIS, 2013, pp. 7-8)

Reis (2013) ainda faz referência no seu artigo às bibliotecas particulares da cidade. Para tanto faz referencia, entre outras, a de João Gumes, o tipógrafo e dono do jornal *A Penna*; a de Marcelino Neves, a do Coronel Cazuzinha, adversário político de Deocleciano e a da família Teixeira, sobre a qual acrescenta: "Além dessas bibliotecas particulares, podemos destacar, ainda, a biblioteca do dr. Deocleciano Teixeira (pai de Anísio Teixeira), que mantinha uma ampla e atualizada coleção composta de diversos títulos, bem como assinatura de periódicos"(REIS, 2013, p.9). E acrescenta: "Deocleciano Teixeira recebia também livros de familiares que residiam em Salvador e no Rio de Janeiro, como o enviado [Livro *Exaltação*, da escritora carioca Albertina Bertha⁹⁸] pelo sobrinho Clóvis, de Salvador, em 21/07/1916"(REIS, 2013, p.12).

Se referindo aos teóricos que tratam de questões referentes aos motivos que levam uma pessoa a montar uma biblioteca pessoal, acrescenta:

[...] as bibliotecas que existiram em Caetité, em meados do século XIX e início do XX, certamente estavam vinculadas a alguns desses motivos, desde o gosto pelo hábito da leitura, ou talvez fossem uma condição de demonstrar a erudição ou, ainda, uma necessidade de vinculação às atividades profissionais de seu proprietário. No caso, as bibliotecas citadas de Caetité pertenciam a um médico, a professores e a um coronel que tinham filhos estudantes. Esses indícios nos levam a afirmar que existiam, em Caetité, no interior das residências, espaços destinados à leitura, embora fossem privados; os indícios mostram que havia permuta de livros, fato que corrobora a perspectiva da circulação do escrito na cidade. (REIS, 2013, p.10)

Levando em consideração os motivos citados acima, podemos inferir que a biblioteca da família de Anísio Teixeira foi, gradativamente, incorporando publicações de várias áreas do conhecimento. Se no início se restringia aos interesses pessoais e profissionais do Sr

⁹⁸ Ver o artigo de Martins, Anna. *A participação de Albertina Bertha no mundo da Cultura* Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 54, p. 25-39, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/viewFile/203/184>

Deocleciano, ampliou-se ao incorporar títulos que atendessem as demandas dos filhos, em diferentes etapas de escolarização. Em sendo assim, posteriormente, devem ter sido adicionados ao acervo, títulos das respectivas áreas de atuação profissional de cada um deles, ou seja: agronomia, engenharia, direito, pedagogia além, é claro, os de medicina e mineralogia, bem como obras filosóficas e de literatura, como por exemplo a enviada pelo sobrinho Clóvis, cuja ambas apreciadas por muitos membros da família.

A imagem do cidadão[Deputado Deocleciano} expressava-se na totalidade de sua figura e a vocação política lhe avigorava o perfil do líder. Apreciador da leitura, conhecia Zola, Vitor Hugo, Alexandre Dumas, porém nenhum livro lhe proporcionava maior prazer que o *Dom Quixote*. O pensamento moldado em termos civis, republicanos, abrangia área mais ampla que a dos interesses municipais do mando político. (LIMA, 1978, p.24)

Em depoimento sobre Anísio Teixeira, o professor Edivaldo Boaventura, do Departamento de Educação da UFBA, nos informa que Anísio Teixeira disse-lhe que leu René Descartes com 16 anos. Com esta idade, Anísio Teixeira pode ter tido acesso a livros, não só deste autor como de outros que abordavam temas referentes a ciência e seus métodos tanto nas bibliotecas existentes na cidade como através de professores, mas não tivemos como comprovar tal possibilidade. É fato, entretanto, que ler sempre foi uma das atividades mais assídua de Dr Anísio desde muito jovem. E, portanto, o acesso a múltiplos espaços de leitura e de convivência com outros leitores pode ter sido um diferencial para o surgimento e desenvolvimento de um *Espirito Científico*. As leituras de temáticas científica podem ter sido iniciadas portanto por incentivo de membros da família e alguns professores jesuítas.

Apenas para ilustrar que o acervo de livros da cidade não parou de crescer, já que no período não podia influenciar o leitor Anísio Teixeira, pois este já residia em Salvador e exercia o cargo de diretor da Instrução Pública do Estado, cabe acrescentar que a cidade agregou, em 1926, a biblioteca particular do professor Alfredo José da Silva, que contava com um acervo de aproximadamente 3000 títulos, quando este se estabeleceu em Caetité e passou a trabalhar na recriada Escola Normal. (TOLEDO, 2008)

Atestada a representativa quantidade de bibliotecas e, conseqüentemente, de títulos de livros disponíveis na pequena cidade do Alto Sertão da Bahia, na segunda metade do século XIX e início do Século XX e como já referido, atípica à época para uma cidade do interior do Brasil e mais ainda, para uma de um Estado pobre e atrasado como o da Bahia, passaremos a abordar a precocidade atípica de Caetité, agora referente a existência de um teatro, pelos mesmos motivos citados anteriormente de forma a continuar retratando o ambiente cultural da cidade natal de Anísio Teixeira no período.

O jornal A Penna [06/09/1912, p.1] nos informa que, antes da segunda metade do século XIX, a sociedade caetiteense já produzia espetáculos teatrais. Existiu, na cidade, uma companhia, do Sr. Bramom, que, possivelmente, teria sido um dos iniciadores da atividade em Caetité. Após a saída da companhia da cidade em 1859, um grupo de “jovens amadores” fundou o Teatro União [...] Apesar das condições inadequadas para o funcionamento do teatro, conta-se que “alli por muitos annos encontrou o publico d’esta cidade boas noites de diversão. O archivo do teatro era farto [...] No jornal A Penna, há uma relação de produções literárias que seriam apresentadas ao público, a exemplo de trabalhos de autores como Mendes Leal,

Herculano, Macedo e outros. Com o envelhecimento do teatro, a fachada foi tomada por uma erva conhecida como *são caetano*, que inspirou um novo nome para a casa de espetáculos: Teatro São Caetano. (REIS, 2019, p.75)

E complementa dizendo que Plínio de Lima, natural de Caetité, e um dos já referidos colegas de Aristides Spinola, no Ginásio Baiano e na Faculdade de Direito de Recife,

[...] tentou construir, na cidade, um teatro regular e “digno”, ideia que foi acolhida com entusiasmo pela sociedade. Porém, a sua morte prematura interrompeu o projeto. Em 1884, um grupo de “intellectuais” fundou a Sociedade Dramática⁷⁸, adquiriu o prédio do antigo mercado, lá estabelecendo o Teatro Dois de Julho. Como afirma o jornal, o teatro foi resultado “da boa vontade e iniciativa dos seus fundadores” (A Penna, 06/09/1912, p.1). No entanto, nesse texto se esclarece que, nem por isso, esses benfeitores dispunham de amplos recursos financeiros para manter as tradições. Aproveita-se, ainda, a ocasião da publicação do texto em A Penna para denunciar as condições em que se encontra a casa de espetáculos, pois João Gumes não a considera um teatro, já que, em suas instalações, faltava luz e, além disso, o espaço era estreito e sem acústica. Para ele, era mais um “arremedo” do que um teatro. João Gumes declarou ser isso uma vergonha, porque, para ele, “o teatro, quer material, quer intellectualmente considerado, é tão necessario como a escola, mesmo porque elle é uma escola [...]”. (REIS, 2010, p.75)

Em 1922 Reis (2010), nos informa que um novo, mas ainda inacabado teatro foi inaugurado como parte das comemorações da independência. De acordo com Santos apud Reis (2010), foi constituída em Caetité a Sociedade Evolutiva da Lavoura, “grupo de homens em que a maioria tinha suas atividades voltadas para a agricultura,[...] O movimento em prol da construção do teatro congregou os partidos políticos locais, que se uniram em torno de um objetivo comum: prover a cidade de um teatro”. (SANTOS apud REIS, 1910, p.76)

Obra inteiramente particular, segundo Santos apud Reis (2010), iniciou-se em 1917, e foi um projeto de João Gumes, custou quarenta e três contos de réis, angariados a partir de donativos, rendas de espetáculos e quermesses.

Por causa dos “acanhamento e pequenez das casas anteriores, foi projetado um teatro imenso, de altura descomunal, ao jeito dos teatros clássicos; teria duas ordens de camarotes, palco, camarins, tudo amplo”(SANTOS apud REIS, 2010, p.78). E complementa: “embora inacabado, era o local de representações; enfeitava a praça com suas elevadas dimensões”. (SANTOS apud REIS, 2010, p.78)

Segundo os relatos, é possível inferir [o que nós concordamos] que a construção do Teatro Centenário atendia, de certa forma, aos anseios da comunidade caetiteense, que desejava desfrutar de um espaço cultural que pudesse congrega o entretenimento, a diversão e a educação, tomando como modelo os teatros das grandes cidades. (REIS, 2010, p.78)

Conforme referido, a cidade de Caetité possuía uma tipografia, cujo o nome era *Typographia Gumes & Filhos* e pertencia ao Sr João Gumes, um personagem muito interessante⁹⁹ e muito

⁹⁹ Ver REIS, Jeanice. Dissertação de Mestrado , 2010

articulado com toda família Teixeira, dono do jornal *A Penna*, cuja o mais importante a circular na região.

Segundo Reis (2010), a tipografia do Sr Gumes foi ,também, responsável pela edição de outros periódicos que circularam na cidade ou região no período correspondente ao final do século XIX até a década de 1930 do século XX, como pode ser observado no quadro que se segue:

QUADRO 1: Periódicos editados na tipografia do jornal *A Penna*

NOME	ANO	LIGADO AO ÓRGÃO / IDEIAS DIVULGADAS	PERIODICIDADE
Boletim Inter-Paroquial	–	Diocese de Caetité/ religiosas	Ano II – mensal/-
Revista de Educação	1927-1928	Escola Normal de Caetité/educacionais	Ano II – bimensal/-
O Caetiteense	1896	Particular/Homenagem a um ex-governador caetiteense	Única
Lápis	1903	Particular/notícias diversas	-/três anos de existência
Lux	1914	Divulgação dos interesses da doutrina espírita	-/provavelmente até a década de 1933.
Correio de Caetité	1916	Órgão católico	Mensal/nove meses
Pharol	1917-1918	Órgão católico/ interesses religiosos	Mensal /dois anos
O Horizonte	1918	-/noticioso, crítico e literário	-/
Tesoura	1927	Particular/humorístico	-/ publicados só dois números
Democrata	1928	-/periódico crítico e noticioso	

Fonte: SILVA, Pedro Celestino da (1932, p.181-183). Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, In: REIS, Josenice. (2010, p.61)

Diante da diversidade de periódicos presentes na tabela, inferimos que a tipografia exerceu uma função relevante de levar informações à população local de Caetité e entorno. (REIS, 2010)

Concluídos estes apontamentos iniciais que não só demonstram envolvimento da família Teixeira na instalação de equipamentos que possibilitam acesso a conhecimentos sistematizados, bem como a produção e circulação de produtos culturais, passaremos a tratar da Escola Normal.

A instalação de uma unidade institucional dedicada a formar professores em um período de transição histórica, em que cresce a demanda por educação em vários países, inclusive o Brasil, significava conquista política relevante e que, conseqüentemente, motivava discussões e articulações. Cabe lembrar que,

[...] desde o momento de sua institucionalização a escola, enquanto instância reconhecida socialmente como ‘locus’ de produção e reprodução da cultura erudita, tornou o ‘ethos’ propício para o cultivo de uma cultura específica, a cultura pedagógica que resulta de representações, procedimentos e práticas educacionais que consolidam a postura do ser professor e do ser estudante. As representações veiculadas e fortalecidas no ambiente escolar criam identidades fundamentais para o reconhecimento profissional do professor, como também servem para a construção de posturas do ser estudante. Isto porque as representações que construímos do

mundo que nos cerca são simultaneamente subjetivas e objetivas, passivas e ativas, ou seja, refletem uma determinada conjuntura sócio-cultural, mas são também instauradoras de alguns procedimentos de nossas ações no cotidiano. Lembramos também que a escola frutifica no seio de uma determinada formação social tomando sua feição, mas também produz através dos conteúdos pedagógicos e de suas práticas, uma cultura pedagógica responsável pela construção da identidade daqueles que a freqüentam. (MARTINS, 2009,p.174)

A primeira Escola Normal da cidade de Caetité, foi criada por Deocleciano Teixeira que viveu o período de transição no qual o país, com estrutura social baseada no meio rural e estrutura econômica dependente da mão de obra escrava, passa por transformações em decorrência, principalmente, do processo de industrialização. Nesse período, o fluxo imigratório no Brasil passa a ser não-ibéricos e o processo de urbanização se intensifica.

Essas transformações foram percebidas e vivenciada de formas distintas pelos diversos grupos sociais brasileiros que compunham a nova República Federativa do Brasil.

Ao recuarmos ao ano de 1872, no qual o primeiro censo foi realizado, encontramos os seguintes dados sobre a população brasileira: total de habitantes 9.930.478, o que significa um pouco mais que o dobro do total da população estimada em 1819. Tal quantitativo informa que a população dobrou, em pouco mais de meio século. De acordo com este primeiro censo, *"do ponto de vista racial, os mulatos constituíam cerca de 42% da população, os brancos 38% e os negros 20%"*. (FAUSTO, 1995)

Com a incorporação, entre os anos de 1846 e 1875, de aproximadamente, 300 mil imigrantes europeus, a porcentagem de brancos registrou aumento, uma vez que a porcentagem estimada em 1819, representava menos de 30% do total de habitantes. (FAUSTO, 1995)

Dados do mesmo censo registraram, também, o que de certa forma já era sabido, ou seja, que a população brasileira, em sua maioria, se constituía de analfabetos.

Os primeiros dados sobre instrução mostram enormes carências nessa área. Em 1872, entre os escravos, o índice de analfabetos atingia 99,9% e entre a população livre aproximadamente 80%, subindo para mais de 86% quando considerarmos só as mulheres. Mesmo descontando-se o fato de que os percentuais se referem à população total, sem excluir crianças nos primeiros anos de vida, eles são bastante elevados. Apurou-se ainda que somente 16,85% da população entre seis e quinze anos freqüentavam escolas. Havia apenas 12 mil alunos matriculados em colégios secundários. Entretanto, calcula-se que chegava a 8 mil o número de pessoas com educação superior no país. Um abismo separava, pois, a elite letrada da grande massa de analfabetos e gente com educação rudimentar. (FAUSTO, 1995, p.189)

Como um processo, ainda que incipiente, de industrialização começa a se instalar no Brasil, um mínimo de formação é requerido e, portanto, criar mais Escolas Normais para atuar na educação elementar, passa a ser a estratégia adotada a partir de então.

Segundo Villela (1990), a Escola Normal laica surge em 1795. Portanto, cinco anos após a eclosão da Revolução Burguesa na França. O objetivo de sua criação foi formar professores primários. Infelizmente teve uma vida curta, funcionou por apenas cinco meses, ou seja, janeiro a maio.

Essa escola tinha um caráter eminentemente científico. Por isso mesmo, reconhecidos intelectuais da época como Laplace¹⁰⁰, Lagrange¹⁰¹ e outros cientistas renomados tiveram imbricações com a mesma, criando programas densos e complexos, guiados pela orientação da pesquisa científica. Os cursos, estruturados em ciclos, guardavam autonomia, e cada estudante, de acordo com seu interesse, podia organizar seu próprio plano de curso.

Ainda segundo Villela (1990), a mudança de orientação política na França pós-revolucionária, pode ter ocasionado a extinção da recém-criada Escola Normal e, conseqüentemente, a intenção de *iluminar* o país, centrando-se o interesse principal, a partir desse momento, na formação das camadas dirigentes do Estado burguês.

Esta decisão reforça a falta de interesse em colocar a educação elementar em primeiro plano. Isso fica evidente quando a nova Constituição francesa estabelece que a partir de 1795, os segmentos de ensino elementar e secundário passariam a ser pagos. Além disso, o salário dos professores da escola elementar são suprimidos, passando os docentes a viver das reduzidas contribuições oriundas dos estudantes que frequentavam as escolas. (VILLELA,1990)

Tal quadro pode ter sido a causa primeira, da curta duração da Escola Normal na França pós-revolução. A situação provoca uma redução no número de escolas secundárias e para resolver a questão das vagas, as meninas passaram a ser educadas pelos pais ou em estabelecimentos livres particulares. Entretanto, mesmo que a laicidade, a gratuidade, a estatalidade e a universalização da educação, não tenham se concretizando no século XVIII, tal ideário permanecerá e permeará as discussões educacionais do século XIX. (VILLELA,1990)

O contexto socioeconômico-cultural do novo século, caracterizar-se-á por um industrialismo em ascensão, bem como pela formação dos Estados e o triunfo da ciência. Este contexto muda as relações de trabalho e acelera a urbanização. O homem é livre para vender a força de trabalho, mas deve se submeter a regras fabris.

Essa nova configuração demanda instrução e regras racionais de convivência no trabalho e nas cidades, o que exige, também, um processo educativo.

Para tanto, tais aprendizados requererão alguns conhecimentos elementares da ciência. Triunfa portanto, a corrente filosófica de Auguste Comte e John Stuart Mill, ou seja, o positivismo.

Esta corrente de pensamento defende que os resultados oriundos da ciência expressam conhecimentos verdadeiro sobre a natureza e os outros homens e que a ciência facilita a compreensão da evolução e do progresso humano. Em decorrência disso os resultados científicos passam a ser imprescindíveis para a cultura do industrialismo.

Por outro lado, o processo de formação dos *Estados Nacionais* em curso, passa a demandar um sistema que pudesse nacionalizar, sistematizar e controlar a disseminação da instrução. Sendo assim, torna-se necessário encontrar caminhos que pudessem ampliar a educação para uma grande parcela da população. Em decorrência disso, o século XIX registra um intenso esforço para efetivar sistemas nacionais de educação.

¹⁰⁰ Pierre Simon Marquis de Laplace (1799-1825). Matemático, astrônomo e físico francês que organizou a astronomia matemática, resumindo e ampliando o trabalho de seus predecessores nos cinco volumes do seu “*Mécanique Céleste*” (Mecânica celeste).

¹⁰¹ Joseph Louis Lagrange (1736 -1813). Matemático italiano.

Areladas a este processo, acirram-se as disputas pela liderança hegemonia do processo educacional, entre reacionários e liberais, assim como conservadores e progressistas.

Nessa luta localizam-se polos antagônicos de disputa, a Igreja e o Estado. A vitória fica com este último e, como consequência, proliferam, no século XIX, os sistemas nacionais de educação em países europeus e americanos. Ampliam-se, também, o quantitativo de leis promulgadas referentes a instrução pública. (LUZURIAGA, 1969)

Esse contexto impõe foco, inicialmente, no ensino elementar e, conseqüentemente, na formação de professores, impondo uma propagação de Escolas Normais na Europa e Américas.

No Brasil, o contexto socioeconômico-cultural do meado do século XIX, início do século XX, caracterizado anteriormente, vai demandar também, um aprimoramento do processo educacional. É nesse período que surgem, mas só se expandem entre 1830 e 1860, as primeiras Escolas Normais brasileiras, influenciadas pelo modelo da Escola Normal criada na França.

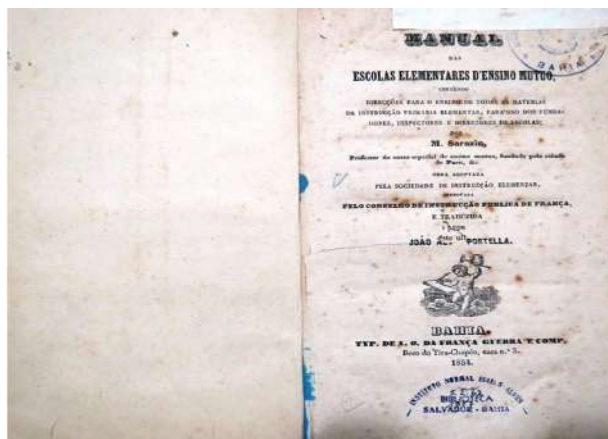
Para ser eficiente o ensino primário, seria indispensável cuidar da formação do professorado. Coube à Província de Rio de Janeiro a iniciativa. Em 1830, funda-se a Escola Normal de Niterói [regulamentada pela Lei de 15 de outubro de 1827], pioneira na América Latina e, como instituição pública, a mais antiga de todo o continente, porque as escolas normais nos Estados Unidos, anteriores a 1839, eram organizações privadas. Se o impulso inicial não foi tardio, entretanto, o desenvolvimento do ensino normal andou de rastros. Ao longo de todo o Império, vão sendo criadas, lentamente, algumas escolas normais, com grandes intervalos: na Bahia em 1836, no Pará em 1839, no Ceará em 1845, em S. Paulo um tímido ensaio entre 1846 e 1867, na Paraíba em 1854, no Rio Grande do Sul em 1870, outra vez em S. Paulo uma nova escola normal entre 1875 e 78, reaberta, em definitivo, três anos depois; na Côrte, uma escola normal livre, em 1874, e a oficial em 1880; na Província de Mato-Grosso em 1876 e na de Goiás em 1881... Somente na República este ritmo se há de acelerar, para atingir a 540 o número de escolas normais existentes em 1949. (BITTENCOURT, 1953, p.44)

Os dados informam que as primeiras Escolas Normais brasileiras datam do início do Império. A primeira Escola Normal da Bahia, segunda do Brasil, foi criada em 1836, mas só veio a funcionar de fato no ano de 1842.

No final da segunda década do século XIX, há uma difusão do ensino mútuo na França e os conhecimentos propostos para o ensino primário no cenário foram: a leitura, a escrita, a aritmética e o desenho linear. Segue-se a esta uma expansão internacional deste ensino, passando esse modelo a inspirar a organização de sistemas de instrução de ensino primário em vários países, dentre estes o Brasil.

Na Bahia, por ocasião da criação da primeira Escola Normal do Estado, em 1842, a cadeira de ensino mútuo e simultâneo passa a fazer parte do currículo. Como consequência, a obra francesa *Manual das Escolas Elementares D'Ensino Mútuo* é adotada como referência para as aulas na Escola Normal (D'ESQUIVEL e SANT'ANA, 2014, p.1), conforme pode ser verificado na capa do manual editado na Bahia em 1858.

FIGURA 12: Capa do Manual Escolas Elementares D'Ensino Mútuo

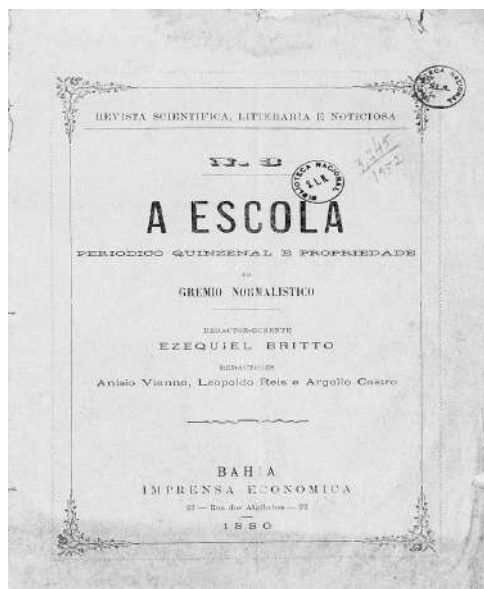


FONTE: Departamento de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

É consenso entre os historiadores que no período de transição do século XIX para o XX, havia na Bahia uma nítida separação da educação das elites e das emergentes camadas médias da população.

Abaixo disponibilizamos a capa da revista Escola, publicada na Bahia, pelo grêmio da Escola Normal, em 1880.

Figura 13: Revista A Escola (1880): Capa.



Fonte: Biblioteca Nacional

É importante destacar a especificação que a revista aporta na sua margem superior: *REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E NOTICIOSA*. Dando portanto, também, ênfase ao caráter científico como fez a primeira Escola Normal criada na França.

A revista aporta, a partir da página 19, uma matéria específica titulada de *SCIENCIA*. A matéria é um resumo de uma tradução do livro de M. Bernardo Perez que trata de assunto análogo ao estudo desenvolvido por Charles Darwin, titulado de *A Biographical Sketch of an Infant*, publicado no periódico *Mind*, em julho de 1877. Neste artigo Darwin aporta as anotações de observações referentes ao desenvolvimento de seus filhos. Descreve e estuda, a partir do enfoque naturalista, o filhote humano, narrando, os primeiros indícios daquilo que hoje é conhecido como *Teoria da Mente*. (CELERI et al, 2010)

A mesma matéria esclarece que o livro em questão trata, também, do estudo de aquisição da linguagem realizado por M. Taine, no mesmo ano. Cabe destacar que para Charles Darwin, a linguagem era um dos aspectos mais característicos da vida mental humana. A referência a tais estudos pela revista do grêmio da Escola Normal de Salvador evidencia um interesse, dos editores da mesma, por temáticas científicas e de acompanhar discussões que lhes eram contemporâneas e impostas pela modernidade.

Além destas observações, cabe destacar a própria existência de um grêmio, e o fato do mesmo manter, entre suas ações, a publicação de um periódico.

Não conseguimos identificar o total de volumes da revista *A Escola* que foram publicados até a sua extinção definitiva. O que sabemos é que 1880 foi o ano de lançamento e que o volume comentado já registra ser o de nº 3, como pode ser observado nos dados disponibilizados na capa da mesma. A revista retrata temáticas afinadas com demandas decorrentes das transformações mundiais em curso, inclusive no Brasil, como pode ser verificado a seguir:

FIGURA 14: Revista A Escola (1888): Artigo sobre Ciências.



FONTE: Biblioteca Nacional

A professora Elisabete Santana da Universidade do Estado da Bahia, faz referência em artigo de sua autoria e acrescenta, que Leopoldo dos Reis, um dos redatores, era, também, redator da publicação titulada de *Revista do Ensino Primário*, de publicação mensal, cujo o primeiro volume foi publicado em outubro de 1892. (SANTANA, 2009) “A Revista estava empenhada na causa do professorado, da criança e do ensino primário. O seu propósito era lutar contra ‘as incongruências de reformas antipedagógicas e anti-científicas’ “. (SANTANA, 2009, p.72) Portanto, mais um destaque para o conhecimento científico.

A Bahia nos anos seguintes da instalação da República passa por dificuldades econômicas, mas recupera-se e mantém-se agro mercantil. Neste período, através da Lei Nº117, de 24 de agosto de 1895, organiza o ensino. Nesta Lei, um capítulo foi dedicado a organização das Escolas Normais já existentes¹⁰² e as que viessem a ser instaladas, como foi o caso da Escola Normal de Barra e de Caetité.

A fundação da Escola Normal, em atendimento aos apelos do Dr. Deocleciano Pires Teixeira, contou a seu favor com o fato da Bahia ser governada, nesse período, pelo caetiteense Joaquim Manoel Rodrigues Lima, primeiro governador republicano da Bahia, como já nos referimos anteriormente ex-colega de Dr Deocleciano na Faculdade de Medicina.

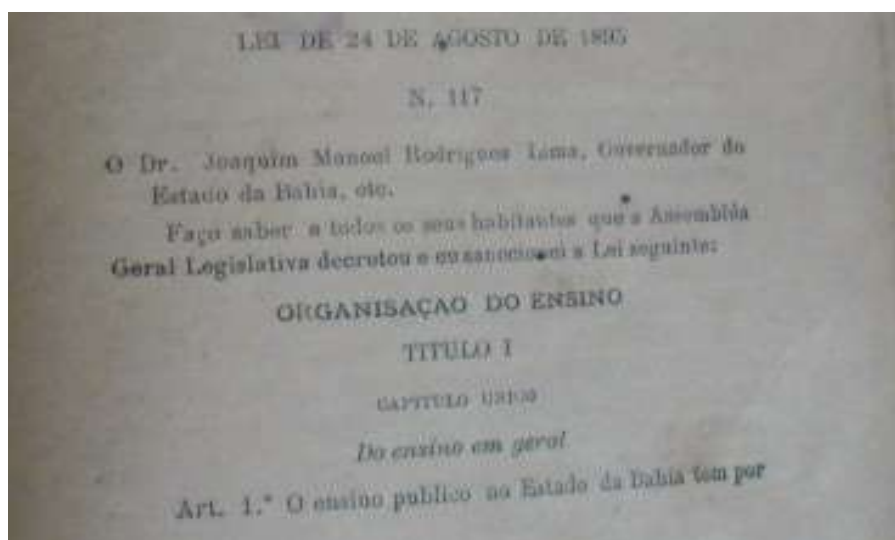
A criação da Escola Normal de Caetité foi um evento de grande envergadura e demonstração de poder, do pai de Anísio Teixeira e líder político local, mas por isso mesmo só durou oito anos, fechando, em 1903, por questões de ordem políticas e de disputas oligárquicas.

Correligionário do partido liberal [Dr Deocleciano], abandonou a clínica, elegeu-se deputado provincial de 1888 a 1889 e candidatara-se à legislatura seguinte quando se proclamou a república. Não participara da propaganda, mas tinha fé abolicionista. Consolidando sua liderança, presidiu o Conselho Municipal e, na legislatura de 1893 a 98, figurou entre os senadores estaduais, mandato que se renova para a seguinte de 1899 a 1904. Às sessões de 1901 a 1902 não compareceu e, recebendo os subsídios, destinou-os ao abastecimento de água da cidade. Renunciou em 1903.[...]. A liderança do dr. Deocleciano fortalecia-se por um conjunto de virtudes pessoais qualificadoras de sua presença na cena pública. Seu nome possuía ressonância mais vasta que a local. O pensamento moldado em termos civis, republicanos, abrangia área mais ampla que a dos interesses municipais do mando político. A preocupação pelos negócios do Estado e do país excedia os limites da visão paroquial.[...]. Não era católico, talvez deísta. Frequentava a missa aos domingos, preito de reverência ao sentimento do povo e respeito à própria imagem de chefe político. A falta de assistência religiosa nos duros dias da guerra e dos hospitais de sangue do Paraguai lhe parecera cruel. Não se agradava da presença de outros credos disputando ao católico a preferência dos brasileiros. (LIMA, 1978, p.27)

A referida Lei Nº117 é ampla e trata da organização do ensino no Estado, conforme pode ser observado no recorte a seguir:

FIGURA 15: Revista do Ensino Primário (1895): Capítulo único da LEI nº117 trata da organização do Ensino do Estado da Bahia.

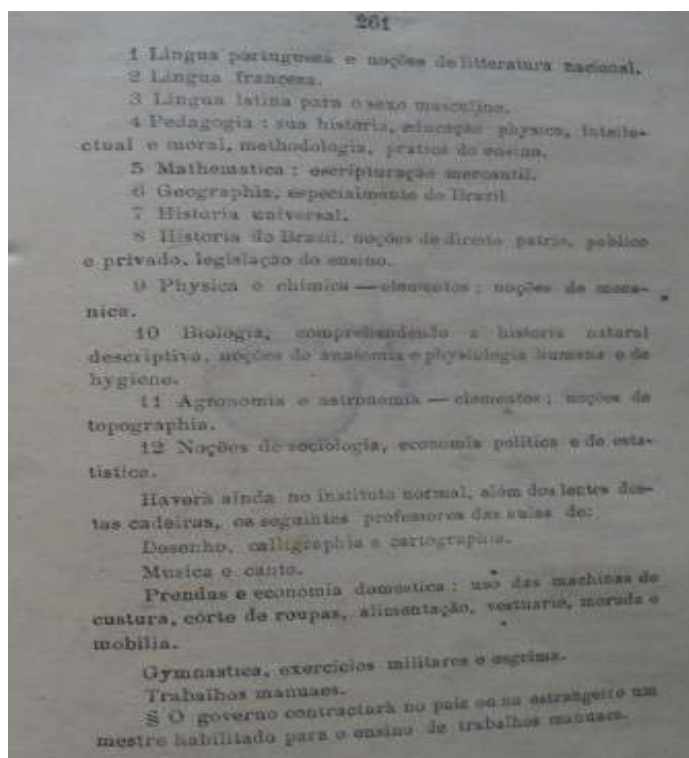
¹⁰² Como decorrência do Ato Adicional, no ano de 1836, a Assembleia Legislativa Provincial da Bahia decretou a Lei n.37, de 14 de abril, sancionada pelo Presidente da Província, Dr. Francisco de Souza Paraíso, Senador do Império, criando a Escola Normal. Foi então que se iniciou a história da formação do magistério da instrução primária na província.



FONTE: Biblioteca Nacional

Na referida Lei, o capítulo III tratar exclusivamente das questões referentes ao Ensino Profissional - Instituto Normal, como pode ser observado no recorte que se segue. Tal fato demonstra vontade política para ampliar a qualificação dos professores da educação elementar

FIGURA 16: Revista do Ensino Primário (1895): Capítulo III da LEI nº117 que trata do Ensino Profissional – Instituto Normal.



FONTE: Biblioteca Nacional

O instituto Normal de Caetité foi instalado obedecendo estas orientações e por questões políticas foi extinto em 1903, mas reinstalado em 1926, ou seja, vinte e três anos depois, por

iniciativa de um dos membros da nova geração dos Teixeira, o então jovem diretor da Instrução Pública do Estado, Anísio Teixeira.

No início do século XX, em 1912, a *Missão Prebisteriana Brasil – Central*, funda a Escola Americana, instituição particular, em Caetité. Esta escola é dirigida pelo pastor Henry Jonh McCall (1868-1960), que procurando um lugar para instalar o colégio na região, recebe apoio político de Cazuzinha (José Rodrigues Lima), de grupo político rival ao de Dr Deocleciano,

Em decorrência disso, o pai de Anísio Teixeira aproveita o retorno dos jesuítas e o interesse latente do então arcebispo de Salvador, que deseja instalar um bispado na região do *Alto Sertão*, para instalar um outro colégio privado, que por questões conjunturais do momento, tem orientação católica. Este processo acaba por criar um colégio masculino, também em 1912, no qual passam a estudar alguns de seus filhos conforme abordado no item a seguir.

Período que Hermes Lima denominou de “primavera escolar” de Caetité.

Conduziam os jesuítas o "São Luis" na acepção clássica de ginásio de preparatórios. O internato chegou a acolher setenta rapazes e superava em número o externato. Havia mais alunos vindos da região circunvizinha que da cidade. O "Colégio Americano" parecia preferido pelos filhos da cidade e, sendo misto, era muito procurado pelas moças e trouxe inovações nos métodos pedagógicos. A formação desse centro de ensino secundário, a primavera escolar que floresceu em 1912, teve lugar em período crítico da economia rural da região, sofrendo a cidade os reflexos do esvaziamento determinado pela emigração e pelo fechamento em 1904, por questões políticas, da Escola Normal e da Escola Complementar. Os dois colégios, o "Instituto São Luis" e o "Colégio Americano" reinstalavam em Caetité um tipo de valorização do trabalho pelo estudo, o que bem quadrava às condições naturais e à vocação civil e política da cidade. (LIMA, 1978, p.117)

E como que para justificar a expressão *primavera escolar* diz:

Caetité recebera com a república duas instituições de ensino de nível médio, a Escola Complementar e a Escola Normal, que ilustravam a moldura da cidade. Mas, ali por 1904, então na governança do Estado, o dr. Severino Vieira rompeu com seu antecessor, o Conselheiro Luiz Viana a quem o dr. Deocleciano se achava ligado por laços de amizade e partidarismo. Dizem que, solicitado a definir-se, respondera ao Governador: "erraste o endereço". Logo perdeu as posições, fecharam a Escola Normal e, em seguida, a Complementar. Caetité murchoou. Parece que Severino, pretendente à sucessão de Rodrigues Lima, não perdoou a Luiz Viana tê-lo derrotado nesse lance partidário. De tudo ficou uma mágoa política que Anísio por vezes recordou. (LIMA, 1978,121)

No que se refere aos *cursos complementares*, ressaltamos que muitas foram as iniciativas observadas a partir da instalação da república, para ampliar o quantitativo de anos destinado ao curso primário, bifurcando o mesmo em dois ciclos a saber: elementar e complementar, segundo modelo europeu. Entretanto, tais iniciativas só se consolidaram a partir do século XX, quando passaram a funcionar os cursos preparatórios para acesso à escola normal. (TANURI, 2000)

Concluídas, sem esgotar, as informações e considerações relativas ao primeiro ciclo de influência passaremos a abordar as questões referentes ao segundo ciclo de influencia

conforme destacado por Anísio Teixeira na entrevista fornecida ao jornalista Odorico Tavares, cujo trecho adicionamos a seguir:

[...]Companhia de Jesus. A Revolução Republicana de 1910, em Portugal, expulsou os jesuítas lançando um pequeno grupo deles, através do Atlântico até a minha cidade natal. No Instituto São Luís, entre os jesuítas portugueses, franceses, alemães, suíços e irlandeses, e depois, no Colégio Antônio Vieiras, da Bahia, vi-me arrancado das primeiras influências – aquele deísmo austero, revolucionário e republicano – para o catolicismo ultramontano reacionário, que a Companhia de Jesus, ainda sob a candência do golpe sofrido, trazia para o Brasil. “Durante os doze ou quatorze anos de discípulo dos jesuítas, entre 1911 e 1923, tive a experiência dos ardentes conflitos religiosos, participando, com paixão, da formação intelectual e religiosa que me proporcionavam os padres. Tanto a formação intelectual e religiosa eram de exceção para os tempos e o meio brasileiro; e isto alimentava e aguçava a inquietação mental. Um jesuíta de valor incomum, o Padre Cabral, conseguiu, afinal, o que chamaria a minha conversão. Rendi-me ao catolicismo e fiz mesmo projeto de entrar para a Companhia de Jesus. Cristão novo, vivi ardentemente meu sonho loioliano, durante todo o curso acadêmico, em que fui destacado congregado mariano na Bahia e depois no Rio. (TEIXEIRA, apud TAVARES, 1952, s/p)

É fundamental destacar na citação acima, as palavras usadas por Anísio Teixeira ao de referir as primeiras influências, ou seja: “deísmo austero”, “revolucionário” e “republicano”. Portanto fica evidente que estes eram os marcos que balizavam as relações estabelecidas no ambiente familiar e social [observações confirmadas por Hermes Lima] vivenciados pelo jovem Anísio, até iniciar a convivência com os jesuítas e outros marcos referenciais. Cabe destacar que o Pe Cabral, um humanista simpatizante do regime monárquico de Portugal, assume um papel importante na vida do jovem Anísio, quando este passa a cursar o ginásio em Salvador. Como o próprio Dr Anísio ressalta, a maior influência loloiana ocorre no período em que foi interno no Colégio Antônio Vieira.

A mudança do regime monárquico para o republicano em Portugal foi resultante de um longo processo de mudanças política, social e mental, no qual o tiveram destaque os defensores da ideologia republicana e que culminou na formação do Partido Republicano Português (PRP).

Entretanto, foi a posição da monarquia portuguesa perante o *Ultimato* inglês, de 11 de janeiro de 1890, que exigia a retirada imediata das forças militares portuguesas mobilizadas nos territórios entre Angola e Moçambique, atuais Zimbábue e Malawi, respectivamente, que precipitou os acontecimentos. Na missiva, a Inglaterra informava que caso a exigência não fosse acatada por Portugal, a Inglaterra avançaria com uma intervenção militar. Nesse momento, o que estava em jogo era conquista de mercado e novas fontes de matéria-prima em uma Europa em ascensão econômica. (HOBSBAWM, 1975)

Com a mudança do regime monárquico para o republicano, em 5 de outubro de 1910, o novo regime português retoma antigas posições contra os jesuítas, defendidas em legislações implantadas pelo Marquês de Pombal e o ministro da Justiça Joaquim Antônio de Águia, relativa às casas religiosas, que culmina na expulsão dos jesuítas do território nacional, através do decreto de 8 de outubro de 1910. Fundamenta-se para tanto, em um antijesuitismo que pregava a necessidade de formar um novo cidadão português, cumpridor das leis da

República. Com este fato, é desmontada uma consolidada estrutura de ensino das ciências exatas e naturais em Portugal como destacado a seguir:

À data da implantação da República [em Portugal], os jesuítas portugueses orgulhavam-se do legado educativo e científico que tinha construído nos últimos cinquenta anos. Este sentimento devia-se, em larga medida, ao sucesso dos seus colégios, onde se dava particular ênfase ao ensino experimental das ciências naturais, e manifestava-se, principalmente, nas sessões solenes das academias científicas, onde os próprios alunos realizavam experiências modernas, e com um certo carácter de espetacularidade, perante uma audiência composta pelos professores e por todo os alunos e suas famílias. (ROMEIRAS, 2015,p.1)

E Romeiras (2015) acrescenta:

Além de serem responsáveis pelas exposições teóricas, os alunos eram também responsáveis pela execução de experiências científicas de grande atualidade, realizando demonstrações com descargas eléctricas, magnetismo, raios catódicos, raios X, telegrafia sem fios, cristais sólidos e cristais líquidos. Sobre as academias científicas dos jesuítas em Portugal nos séculos XIX e XX. (ROMEIRAS, 2015,p.1)

Tais ações, guardadas as intencionalidades específicas dos diferentes contextos, são observadas no Colégio Antônio Vieira (CAV) e no Circulo Católico de Estudos Marianos (CEMA), bem como nos eventos organizados pela Congregação Mariana Acadêmica (CMA), principalmente, no que se refere a participação de familiares e autoridades.

Estas sessões, que chegaram a ser presididas por personalidades tão ilustres da sociedade portuguesa como o Príncipe D. Luís Filipe e o Infante D. Manuel de Bragança (Colégio de Campolide, 1905) e o Diretor Geral da Instrução Pública (Colégio de Campolide, 1906), representavam, de certa forma, o culminar dos esforços públicos dos jesuítas em rebater as acusações pombalinas que os responsabilizavam pelo atraso educativo e científico português. Depois de meio século dedicado a contrariar as acusações de obscurantismo setecentistas, os jesuítas portugueses pareciam reconquistar o seu prestígio como educadores e cientistas, não só pela qualidade do ensino científico nos seus colégios, mas também através da publicação da revista Brotéria que, desde a sua fundação, contribuía para o desenvolvimento da botânica e zoologia em Portugal e para a divulgação nacional e internacional da descoberta e caracterização de novas espécies de animais e plantas. (ROMEIRAS, 2015, p.1)

Sobre as citações, destacamos o fato de certos eventos organizados pelos jesuítas do CAV terem contado com discursos de personalidades baianas, como foi o caso do governador do Estado da Bahia, Góes Calmon e de Anísio Teixeira, enquanto diretor da Instrução Pública deste governo.

Portanto, a mesma forma de articulação observada nos colégios de Campolide, de São Fiel e do Barro, como expressado por Romeiras (2015).

Esta forma de ação contribuiu, sem dúvida, para que, pouco tempo após a sua implantação, o Colégio Antônio Vieira atingisse um ascendente prestígio na Bahia. o que resulta em aumento de demanda por vaga.

Cabe destacar, entretanto, que parte deste prestígio estava diretamente associada a preparação que os ingressos no colégio recebiam em ciências e humanidades, que os preparavam para ter acesso e concluir, com êxito, cursos superiores socialmente prestigiados como Medicina, Engenharia e Direito como foi o caso de Anísio Teixeira e irmãos, assim como o de Talhes de Azevedo.

Nesse sentido as equipes de professores jesuítas que vieram para a Bahia no período, mantinham a mesma orientação estabelecida para os colégios em que atuavam em Portugal que, no que se refere ao ensino e a prática das ciências, “não se cingiu à mera implementação de disciplinas científicas, e as medidas que adotaram transcenderam, em grande medida, os programas educativos oficiais”. (ROMEIRAS, 2015, p.3)

2- Os colégios jesuítas frequentados por Anísio Teixeira

Ao retornarem a Bahia os jesuítas iniciam as providências para a abertura de uma instituição educativa, ou seja, o já referido Colégio Antônio Vieira, em Salvador, e, em seguida, por influência de Dom Jerônimo¹⁰³ em contato com Dr Deocleciano, o Instituto São Luiz Gonzaga, em Caetité.

Segundo Azevedo (1986), o arcebispo não só acolheu os jesuítas que chegaram à Bahia como, também, os apoiou com orientações e recursos financeiros, quando se fez necessário. O principal motivo para o apoio residia, entre outros, no desejo manifesto de ampliar o número de colégios católicos no estado da Bahia. Em Salvador, na época, já funcionavam os colégios dos Maristas e dos Salesianos. No caso de Caetité, um colégio jesuíta reforçaria o as ações de um bispado, em processo de instalação, na região. Em sendo assim, por volta de 1912, nove anos depois de extinta a Escola Normal, com o apoio de Deocleciano Teixeira, o Instituto começou a funcionar nas instalações da mesma.

Cabe destacar mais uma vez, o enorme cabedal de conhecimento e a quantitativo de ações desenvolvidas pela Companhia de Jesus, não só no campo das humanidades, evidentemente em perspectiva religiosa, como, também, no campo das ciências.

Dos professores incorporados ao quadro de profissionais do CAV, oriundos da Província Jesuítica de Portugal, com expressiva e relevante contribuição para as ciências, destacamos o Pe Camillo Torrend e o Pe Carlos Zimmermann.

Os colégios jesuítas frequentados pelo jovem Anísio, assim como outros da ordem religiosa, eram orientados pelo documento *Ratio Studiorum*, ou seja, um regime escolar – plano de estudos, composto por código e regulamento, que passam a presidir o ensino nesses colégios a partir do Séc XVI. Documento que foi sofrendo ajustes até que, em 1906, ficou decidido que as Provinciais poderiam estabelecer critérios de como aplicá-lo (CODIMA, 1999). Em sendo assim, a Província Jesuítica de Portugal incorpora esta nova orientação aos seus planejamentos e ações. E estas são transplantadas, guardadas as peculiaridades locais, aos novos colégios criados na Bahia.

¹⁰³ Dom Jerônimo Tomé de Souza foi um dos arcebispos da Bahia que permaneceu mais tempo no cargo, quase trinta anos. Faleceu em 19 de fevereiro de 1924. Cearense - natural de Sobral, foi escolhido Bispo do Pará em 1890 e mais tarde Arcebispo do Rio de Janeiro, 1892, para no ano seguinte, após a morte de Dom Macedo Costa que não chegou a tomar posse, ser empossado como Arcebispo de Salvador. Durante seu arcebispado Dom Jerônimo criou por sua iniciativa, as dioceses de Ilhéus, Caetité, Barra e Aracaju e em Salvador fundou a Ordem das Vocações Sacerdotais.

2.1- O Instituto São Luiz Gonzaga

Primeiro colégio jesuítico frequentado por Anísio Teixeira, mais conhecido como *Colégio dos Padres*, o Instituto reunia 15 sacerdotes e irmãos, não só portugueses, como, também, de outras nacionalidades, ou sejam, franceses, austríacos, alemães, entre outras, no seu quadro de profissionais.

Como dissemos, inicialmente funcionou no prédio da antiga Escola Normal, e foi instalado graças à mediação do Dr. Deocleciano com o arcebispo Dom Jerônimo que, devido a instalação de um centro espírita e de uma escola protestante, encontrava-se desejoso de ampliar a presença da religião católica na região. Portanto, “a formação educacional a ser oferecida pela escola, deveria seguir os preceitos da *Educação Inaciana* que visava uma *Educação de excelência* e a formação de líderes”(MATOS e MARTA, 2017, s/p), que pudessem futuramente não só intervir nas respectivas áreas de formação, como, também, disseminar o catolicismo no Alto Sertão da Bahia.

Nesta linha de raciocínio, Matos e Marta (2017) faz referência a uma publicação do jornal *A Penna*, datada de 7 de junho de 1912, sobre as diretrizes do Instituto, na qual fica explícito que os alunos aprovados na Instituição poderiam ingressar em série imediatamente superior, no colégio jesuíta criado em Salvador, ou seja, o CAV.

No primeiro ano de funcionamento, ou seja, 1912, o Instituto contou com um quantitativo de apenas 17 alunos, dos quais sete foram internos. Entretanto, sete anos após, em 1919, já havia atingido a marca de 108 alunos, sendo noventa internos.

[...] já no meu tempo se aumentou o Collegio com um novo dormitório, capaz de umas 50 camas, nova sala de estudos (o maior salão de Caetité até agora, e que só era excedido pelo do novo teatro da cidade, que andam a construir), e novo refeitório dos alunos. Aos poucos foram-se comprando novas casas, conseguiu-se lhes parte d'uma praça pública que o município cedeu em troca d'outros terrenos, e temos hoje um quadrado inteiro só com exceção d'almas casas pequenas d'uma das fazes, que se não tem comprado pro que os donos querem especular com o Collegio: não fazem, porém, falta só seria conveniência obte-las. [...]. (SANTOS apud MATOS e MARTA, 2017, s/p)

Sobre a citação Santos e Matos (2017), os estudiosos chamam atenção a ressalva do padre informante para a grandiosidade da obra que, como diz, só era excedida pelo novo teatro da cidade, já comentado anteriormente.

Cabe destacar que a estratégia de tentativa de comprar uma quadra, como estratégia de ampliação das instalações do Instituto, também foi vivenciada na sede do CAV, localizada na rua Coqueiro da Piedade, em Salvador, e que contou, inclusive, com a tramitação de um processo de desapropriação, por iniciativa do governo de Góes Calmon, com o apoio do diretor da Instrução Pública, Anísio Teixeira, mas que foi barrado pelo poder legislativo, devido à resistência exercida pelos proprietários em disponibilizar seus imóveis para venda.

O crescimento exponencial do quantitativo de alunos matriculados e a incorporação de prédios adjacentes à instalação inicial do Instituto São Luiz Gonzaga, chamou tanta atenção

da comunidade local que passou a ser conhecida como sendo o *Vaticano de Caetité*. (AZEVEDO, 1986)

No quadro referente ao Instituto que se segue, é interessante observar o quantitativo de horas dedicado a línguas estrangeiras e ao português, em relação a lição das coisas que, quiza, incorporava algumas noções de ciências. Situação diferente da encontrada no CAV. Tal situação pode ter relação com a formação dos professores jesuítas direcionados para lecionar no Instituto e a inexistência de laboratório. Matos e Marta (2017), registra a existência de uma capela mas não faz nenhuma referência a existência de laboratório. Muito possivelmente, por não ser considerado necessário, devido a faixa etária atendida pelo Instituto.

QUADRO 2: Cursos oferecidos no 1º ano e respectivas carga horaria do Instituto São Luiz Gonzaga.

1º ano	Curso gynasial	Curso complementar
Francez	4 horas	4 horas
Portuguez	4 horas	4 horas
Arithimética	4 horas	4 horas
Geographia Calligraphia	3 horas	2 horas
Lições de Cousas	1 hora	2 horas
Religião	1 hora	1 hora
Inglez	2 horas	História - 2 horas

FONTE:: Jornal A PENNA apud MATOS e MARTA (2017)

Pela tabela acima observa-se que, desde muito jovem, Anísio Teixeira teve contato com vários idiomas no aprendizado formal. Cabe lembrar, entretanto, que de forma informal este contato já havia sido estabelecido, através de familiares e da multiplicidade de pessoas com nacionalidades diferentes que circulavam pela sua cidade natal.

Ressaltamos, entretanto, ao que se refere a multiplicidade de idiomas, que o contato mais duradouro foi o estabelecido com os padres do Instituto Luiz Gonzaga e do Colégio Antônio Vieira. Este contato abarcou um período de aproximadamente quinze anos.

Entretanto, antes do primeiro contato com os jesuítas, o jovem Anísio já havia entrado em contato com alguns alemães que se instalaram em Brejinho das Ametistas e entorno, pois estes mantinham relações comerciais com o seu pai. Além destes a cidade de Caetité contava com a presença dos protestantes americanos que instalaram um colégio na localidade. Todos estes estrangeiros permanecem na região por muitos anos, o que de certa forma naturalizou a escuta de diferentes idiomas na cidade.

Além desse contato com diferentes idiomas e histórias de outros países, Anísio Teixeira entra em contato desde muito jovem, com histórias de outras localidades do Estado ou até de estados vizinhos, através do internato dos colégios.

No mais, segundo Matos e Marta (2017), as praticas do Instituto seguiam o que também é observado no CAV, o Rátio Studiorum. Cabe destacar que também utilizavam a premiação para estimular os alunos na execução das atividades. Estas aconteciam no final de cada ano letivo e era um momento imbuído de solenidade e que contava com a participação de todos os alunos, familiares, padres e representantes da comunidade local, como pode ser observado na notícia veiculada no jornal *A Penna*. de 29 de novembro de 1917.

No ano da publicação, o jovem Anísio já estudava no CAV e as solenidades de encerramento do colégio jesuíta de Salvador eram similares as que ocorriam no Instituto da Ordem, localizado em Caetité.

Às duas horas da tarde de ontem, adentramos o largo portão do Colégio dos Jesuítas. Chegaram ali distintas famílias e cavalheiros da fina flor caitetéense, todo gentilmente convidados para assistirem a solene premiação anual dos alunos do Instituto S. Luiz Gonzaga [...] o salão estava ornado a capricho com palmas, flores, bandeiras, quadros e vasos de plantas. Ao fundo ostentava um pátio muito disposto, sobranceiro ao salão fartamente mobiliado. [...] Depois das 3 horas chegou S. Excia o Sr. D. Manoel Raymundo de Mello Bispo diocesano, o REVMO. Sr. Conego Luiz Bastos e outros padres [...] S. Excia. começou a solenidade pelo discurso Duas palavras, sendo em seguida distribuídos os prêmios de comportamento e religião [...]. Seguiu-se a distribuição dos prêmios de letras [...] ciências [...] foram por fim distribuídos os prêmios de Bellas Artes [...]. O Padre Vlelledent informou aos assistentes dos bons resultados colhidos e o progresso do Instituto, assim como da criação de mais aulas no futuro anno e do tempo e condições em que seriam reabertos os cursos [...] os prêmios e as belas medalhas, assim como os diplomas de accessit eram entregues por S. Excia. Rvmo. o Sr. Bispo aos alunno. (A PENNA. apud MATOS e MARTA, 2017, s/p)

Para o CAV o jovem Anísio se dirigiu ao concluir os estudos no Instituto, abrindo-se para novas vivencias e experiências que iniciaram-se com a separação parcial da família, pois dois dos irmão também foram estudar no mesmo período em Salvador, e o início de uma vida coletiva no internato do colégio.

2..2 - O Colégio Antônio Vieira – CAV

Acolhidos por Dom Jerônimo, arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, os jesuítas da Província Jesuítica de Portugal, quando chegaram a Salvador, contaram com o apoio do mesmo para fixarem-se no Estado e fundarem, em 1911, o Colégio Antônio Vieira - CAV no prédio, inicialmente alugado, na Rua do Sodré nº43, sobrado em que morou o poeta Castro Alves e, por alguns anos, funcionou o Colégio Florêncio. Deste se transferiram para uma sede própria que foi sendo gradativamente adaptada, até aglutinar à estrutura inicial, mais três casas. Esta sede se localizava na rua Coqueiros da Piedade, no bairro da Piedade.

Permaneceu o Colégio neste local de 1911 a 1932, portanto por 21 anos. Posteriormente, mudou-se para a sede do bairro do Garcia, local em que funciona, com pequenas modificações, na atualidade. Esta nova e última sede foi construída, dentro dos padrões arquitetônico de um colégio, e não mais a partir da estrutura de sobrados ou de casas adaptadas.

FIGURA 17: Primeira sede do CAV (alugada) na Rua do Sodré, nº43



FONTE: Arquivo PROMEBA

FIGURA 18: Sede atual do CAV no bairro do Garcia, inaugurada em 1933.



FONTE: Arquivo CAV

1.2.1- A Estrutura Física e Acadêmica do Colégio à época de Anísio Teixeira

No ano de ingresso de Dr Anísio e seus irmãos no CAV o colégio ainda funcionava na sede do bairro da Piedade e dispunha de um gabinete dentário.

Na época a estrutura contava, apenas, com uma única e ampla casa, na qual havia funcionado um outro colégio, o Sete de Setembro. A casa foi adaptada para receber a nova sede do Colégio, inclusive para abrigar um internato, de forma a melhor atender aos alunos não residentes em Salvador que, na sua grande maioria, eram filhos de fazendeiros, comerciantes e profissionais liberais de outras localidades do Estado.

FIGURA 19: Vista frontal da sede do CAV da rua Coqueiro da Piedade



Fonte CAV

FIGURA 20: Vista lateral da sede do CAV da Piedade.



FONTE: Arquivo CAV

FIGURA 21: Horta do CAV



Fonte: Arquivo CAV

FIGURA 22: Quarto do Internato do CAV



Fonte:Arquivo CAV

FIGURA 23: Gabinete dentário do CAV



FONTE: Arquivo CAV

FIGURA 24: Sala de aula do CAV



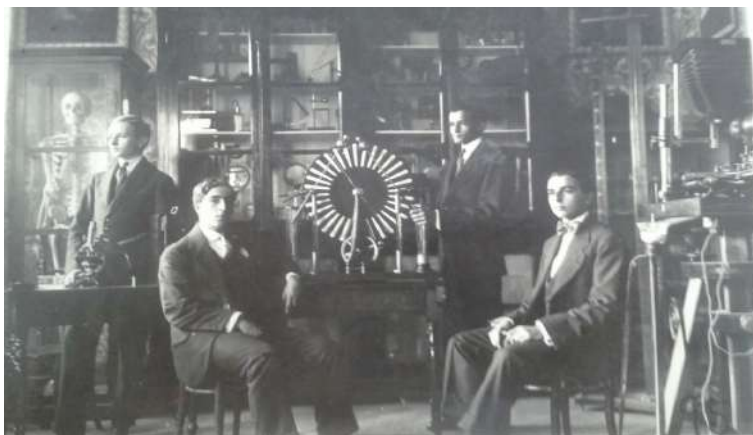
FONTE: Arquivo CAV

FIGURA 25: Laboratório de Química do CAV



FONTE: Arquivo CAV

FIGURA 26: Laboratório de Ciências Naturais do CAV



FONTE: Arquivo CAV

1.2.2 - Professores mais influentes

Cabe esclarecer que utilizamos como critério de seleção para o que estamos destacando como influente, as ações e produções pessoais de cada um deles em áreas de interesse do estudo, bem como os comentários dos alunos referentes aos mesmos e expressa em documentações diversas.

Nosso interesse em nos debruçarmos sobre alguns aspectos da história de vida destes professores foi tentar encontrar pistas que pudessem esclarecer se os professores, alguns pesquisadores, com rica experiência nos colégios jesuítas de Campolide, São Fiel e Barro, implantados em Portugal, no meado do século XIX, influenciaram na semeadura e/ou fortalecimento de um *Espírito Científico* em Anísio Teixeira.

1.2.2.1 - Padre Camile Torrend Sj

Pe Camile Torrend nasceu na França, em 1875, e faleceu em Salvador-Bahia, em 1961, aos 86 anos. Entrou para o noviciado em 1894 e em 1912 professou os últimos votos.

Formado em Teologia foi lecionar no Colégio de Campolide, no qual desenvolveu atividade de investigação científica até 1910, focada na identificação e caracterização de fungos. Nesse período participou do movimento para a fundação da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e se tornou sócio-correspondente da Sociedade de Agricultura de Turim.

Segundo Romeiras (1912), no período em que viveu em Portugal, Pe Torrend realizou diversas expedições científicas para a identificação de novas espécies de fungos, na margem sul do rio Tejo e na Serra de Monchique, mas em 8 de Outubro de 1910, por conta dos decretos que proibia a ação de religiosos no país, deixou Portugal e, após curta temporada em Bruxelas, chega ao Brasil em 1914. Aqui, ingressa como professor no recém-criado CAV, fundado por outros jesuítas oriundos da Província Jesuítica de Portugal.

Temos informação, como poderá ser constatado através do depoimento de um ex-aluno, que com 80 anos ainda lecionava no mesmo colégio.

Ao ingressar no CAV o Padre Torrend já aportava um currículo que se destacava por contribuições ao desenvolvimento das ciências naturais.

Durante o longo período que leciona no CAV, pesquisa, escreve e publica vários artigos, como pode ser observado no quadro a seguir, em três periódicos da Companhia de Jesus.

QUADRO 3: Publicações do Pe Torrend em periódicos Brotéria no período de 1902 a 1958.

TITULO DO ARTIGO	VOL. REVISTA	ANO
BROTÉRIA-SCIENCIAS NATURAES (1902-1906)		
1-Contribuições para o estudo dos Fungos da região setubalense.	I	1902
2-Contribuições para o estudo dos Fungos da região setubalense.	II	1903
3-Contribuições para o estudo dos Fungos da região setubalense.	IV	1905
4- Primeira Contribuição para o estudo da Flora mycologica.	IV	1905
BROTÉRIA-BOTÂNICA		
1- Les Myxomycètes – Étude des Espèces connues jusqu'ici.	VI	1907
2-Les Myxomycètes – Étude des Espèces connues jusqu'ici.	VII	1908
3-Contributions pour l'étude des champignons de l'île de Madère.	VIII	1909
4-Le'Oidium du'chêne em Portugal et à l'île de Madère.	VIII	1909
5-Nouvelle Contribution pour l'étude des Myxomycètes du Portugal.	IX	1910
6-Observations sur l'Amanita solitaria et espèces voisines sur le littoral du Portugal.	IX	1910
7-Première contribution à l'étude des champignons de l'île de Timor (océania).	IX	1910
8-Un nouveau genre de Discomycètes, Helolachnun aurantiacum Torrend.	IX	1910
9- Première contribution à l'étude des champignons de l'île de Madère.	X	1912
10-Les Basidionycètes des environs de Lisbonne et de la région de S. Fiel (Beixa Baixa).	X	1912
11-Première contribution à l'étude des champignons de l'île de Madère.	XI	1913
12-Fungi selecti exsiccati choix de champignons du Portugal, Brésil et des colonies Portugaises.	XI	1913
13-Les Basidionycètes des environs de Lisbonne et de la région de S. Fiel (Beixa Baixa).	XI	1913
14-Fungi selecti exsiccati choix de champignons du Portugal, Brésil et des colonies Portugaises.	XII	1914
15-Contribuições para o estudo dos Fungos da região setubalense.	XIII	1915
16-Les Maladies du cacaoier au Brésil.	XV	1917
17-Les Plyporacées du Brésil.	18	xxx
18-Les Plyporacées du Brésil – Genre lignocus.	20	1922
19-Les Plyporacées du Brésil.	21	1924
BROTÉRIA VULGARIZAÇÃO CIENTIFICA		
1-Fungos. Que são e como se solleccionam.	IX	1910
2- Os adubos em agricultura. Experiencias em Carlsbourg.	XI	1913
3-As principais doenças da laranjeira e o tratamento.	XII	1914
4-Uma praga dos viveiros de laranjeiras	XIII	1915
5-O alcatrão ou piche no tratamento das laranjeiras.	XIII	1915
6-A cultura do algodão.	XIV	1916
7-A origem da célula. Geração espontanea.	XV	1917
8-As molestias dos cacaueiros em Ilheos.	XV	1917
9-A cultura do cacau.	16	1918
10-A origem da célula. Geração espontanea.	16	1918
11-A cultura do cacau.	17	1919
12-O eclipse total de 29 de Maio de 1919, no Brazil.	18	1920
BROTÉRIA CIÊNCIAS NATURAIS		
1-Contribuição para a flora das plantas vasculares da Bahia.	2	1933
2-O Babassú na Bahia.	3	1934
3-Les Polyporacées du Brésil. V – Le Genre hexagonia.	4	1935
4-Les Polyporacées du Brésil. V – Le Genre hexagonia.	27	1958

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Tese de doutorado de Francisco Romeiras¹⁰⁴

¹⁰⁴ Das Ciências Naturais à Genética:: A Divulgação científica na Revista Brotéria (1902-2002) e ao Ensino Científico da Companhia de Jesus nos Séculos XIX e XX em Portugal (TESE).

Pelo quadro fica evidente que o jesuíta procurou manter a disciplina de publicar artigos, nos quais atualizava os estágios das pesquisas em curso no periódico *Brotéria-Botânica* até o ano de 1958. A frequência dessas publicações, inicialmente, eram de, pelo menos, um artigo por ano. Cabe destacar entretanto, que em alguns anos o quantitativo de artigos publicados foi bem maior. Em 2010, por exemplo, publicou 5 artigos só nos periódicos contemplados no quadro. Neste sentido sobressai o interesse do botânico em dar visibilidade às suas produções e, em especial, as científicas. Esta característica observável no professor – pesquisador e comum a muitos membros da Companhia de Jesus, também é observável em seu ex-aluno Anísio Teixeira. Percebe-se neste, um gosto pela escrita desde muito jovem. Gosto que se mantém na idade adulta associado ao desejo de dar visibilidade às suas ideias ou as de outros estudiosos, quando as considera interessantes de serem amplamente divulgadas para serem acessadas por um quantitativo maior de interessados por determinadas temáticas. Pois além de publicar nos periódicos citados, materializa publicações em outros canais de comunicação.

Nos anos de 1932 a 1943, concomitante com suas funções no CAV, Pe Torrend assume a regência das cátedras de Fitopatologia e Botânica, na *Escola Agrícola da Bahia*. Assume, também, a função de *Conselheiro do Diretório Regional de Geografia* e de *Presidente da Sociedade Baiana de História*.

Cabe destacar ainda, que por indicação do governo federal e/ou estadual, esteve a frente de diversas missões científicas em diferentes estados da federação (Romeiras, 1912), como pode ser comprovado pela publicação de uma matéria de divulgação, datada de 1939, sobre uma comissão científica que estava percorrendo região do estado da Bahia, cortada pelo rio São Francisco conforme disponibilizado a seguir:

FIGURA 27: Pe Torrend em estudos Botânicos no São Francisco.



FONTE: Publicação - Bahia Tradicional e Moderna, 1939.

Segundo Romeiras (2012), Pe Torrend, assim como outros religiosos que viviam em Portugal, teve sua biblioteca especializada e sua coleção científica confiscada pelo governo português. Entretanto, segundo informações, ele foi o único jesuíta a recuperar, em 1913, a totalidade dos seus pertences, através da interferência da diplomacia francesa.

Portanto, as coleções aportadas e outros materiais podem terem sido utilizadas como material de suporte nas aulas de botânica, da disciplina de Ciências Naturais que lecionava no CAV. Como por exemplo, na preparação de exsicatas para um herbário escolar. Não temos comprovação da utilização de tais materiais, no entanto, a hipótese é plausível. As fotos que se seguem, apontam nesta direção.

FIGURA 28: Exposição ciências Naturais, período provável 1920-1930.



FONTE: CAV, Foto da coleção negativos in vitro impressas por Stela Borges Almeida.

FIGURA 29: Coleção de plantas do Pe Torrend: Carambola.



FONTE: CAV. Fotos negativos in vitro impressas por Stela Borges

FIGURA30: Coleção de plantas do Pe Torrend: Pitanga.



FONTE: CAV, Fotos negativos in vitro impressas por Stela Borges.

FIGURA 32: Coleção de plantas do Pe Torrend: Ingá.



FONTE: CAV, Fotos negativos in vitro impressas por Stela Borges

A coleção de plantas catalogadas pelo padre e sob a guarda do CAV foi doada, muitos anos depois, para uma instituição universitária, conforme explicaremos posteriormente.

Como demonstrado, ao ingressar no quadro de docentes do Colégio e passar a ensinar o Pe Torrend já aportava uma larga experiência didática, bem como com atividades de investigação científica. Já havia desenvolvido várias pesquisas e publicado os resultados das mesmas. Até o seu ingresso no CAV, em 1914, tinha publicado nos periódicos *Brotéria* 15 artigos de um total dos 35 apresentados em quadro anterior. Portanto, depois que se estabeleceu na Bahia publicou mais 20. Alguns dos quais referentes a aprofundamentos de pesquisas publicadas anteriormente.

No Colégio Antônio Vieira, no qual atuou como professor, sem se distanciar da função de pesquisador até 1953, ministrou as disciplinas de Apologética e Biologia. Posteriormente, de forma acumulativa, lecionou botânica e fitopatologia na Escola Agrícola do Estado da Bahia.

Durante o tempo de docência na Bahia publicou mais treze artigos, entre os anos de 1914 a 1958. As pesquisas que desenvolvia se concentravam, predominantemente nos fungos, mas Pe Torrend interessou-se, também, por pesquisar o babaçu e o cacau; adubos; eclipses; espeleologia e qualidade de água, entre outras.

Segundo Conceição (2014), “Em suas excursões pelas localidades brasileiras, o padre coletou inúmeras espécies de plantas, até mesmo algumas desconhecidas que foram batizadas com seu nome, como é o caso do fungo *Torrendia pulchella*.” Parte desse acervo foi transferido para o Herbário Alexandre Leal Costa - ALCB, do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, por mediação do prof. Alexandre Leal Costa, ex-aluno do cientista católico, em uma das turmas de alunos do CAV, que se sucederam a de Dr Anísio. Por estas e outras iniciativas, foi homenageado com a escolha do seu nome de batismo para nomear o herbário do Instituto

Na biblioteca do Colégio Antônio Vieira há um único exemplar datilografado de um livro guia elaborado por Pe Torrend e titulado de *Flórula Bahiana*. Esta é uma obra póstuma elaborada pela Comissão da História Inaciana da Bahia – COHIBA, Arquivo Pe Torrend. Nesta não só

encontram-se listadas as plantas encontradas pelo padre em suas viagens, como, também, características e localizações das mesmas.

Os estudos de Pe Torrend contribuíram, também, com a exploração espeleológica da Gruta dos Brejões, situada em Morro do Chapéu; com o manejo das pragas que atacavam o cultivo do cacauzeiro no sul do Estado, antes da criação da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC); com a identificação das qualidades medicinais da água mineral de Dias D'Ávila.

No que se refere a gruta, cabe ressaltar que no local foi encontrado o fóssil de um megatério, mamífero extinto da família das preguiças. Cabe ressaltar que, em decorrência das suas valiosas contribuições, inclusive intervindo para facilitar o acesso à mesma, conforme carta¹⁰⁵ que exalta a beleza e a riqueza da gruta, um dos salões da mesma recebeu o nome de *Sala Padre Torrend*.

No que se refere ao cacau, segundo Argôlo (1913), a concepção de um Centro de Pesquisas na Região Cacaueira é citado pela primeira vez quando da visita à região cacaueira da primeira comissão técnica científica, conhecida como *Comissão Torrend*, criada pelo Governo do Estado da Bahia, em julho de 1918, com o objetivo de estudar as pragas que atacavam o cultivo do cacauzeiro, cujo o coordenador foi o Padre Camille Torrend.

¹⁰⁵ Colégio Antonio Vieira, aos 10 de Setembro de 1932.

Prezado amigo Cel. Theotonio Dourado Filho

Com grande prazer soube que o meu amigo está empenhado em sulcar o município de Morro do Chapéu com estradas de rodagem, uma dellas para Chic-Chic e o São Francisco, e a outra para a zona diamantina, Lençóis e Andarahy. Assim, devido especialmente a seus esforços e a sábia coadjuvação do governo atual, pode-se atingir a Barra do São Francisco em dois dias e meio. Tomo porém a liberdade de lembrar a meu bom amigo que nos seus traçados de estradas novas não deve esquecer a Gruta dos Brejões nas margens da Vereda Romão Gramacho, mais conhecida com o nome de rio Jacaré. Com efeito tenho a impressão que seria um grande erro se, ao traçar essas estradas, não se pensasse em tornar acessível aos turistas bahianos, brasileiros e estrangeiros uma das maiores maravilhas em Speleologia do mundo inteiro. Sem dúvida existem grutas inúmeras na velha Europa ou nos Estados Unidos mais extensas que a Gruta dos Brejões, por exemplo a Mammoth Cave com 112 kilometros de comprimento. A própria gruta de Mangueira, em Ituassu, conforme ouvi contar, pois não a conheço de vista, tem uma extensão de cerca de uma légua. Existem outras grutas mais abundantes em águas subterrâneas como as da Terra Ronca e do rio Angélica em Goyaz, visitadas por nós; outras, na Europa com lagos interiores, barcos, electricidade e todo o conforto para passeios e distrações variadas, mas nenhuma que eu saiba, é tão imponente pela entrada, e pelos salões gigantescos de dentro, sem falar nos rendilhados de suas estalactites e estalagmites que tomam os feitos mais bizarros, de balastradas, mesas redondas, tremias ocas em forma de enormes tinas photographicas, etc. Etc. Logo que houver facilidade de acesso estou certo que muitos amantes da Natureza irão admirar aquellas maravilhas, e os desfiladeiros das serras adjacentes, talhados na rocha calcárea, nos tempos idos, fins da era terciária ou princípios da quaternária, pelo rio Jacaré, então possante e caudaloso, quando os seus esforços titânicos de embate contra a serra em "cul de sac" ou becco sem sahida, se por um lado, num movimento de recuo, talhava um leito espaçoso num Valle lateral, por outro lado, conseguindo enfim abrir uma furna na immensa muralha que lhe embargava a rectidão do curso, acabou por atravessar a montanha por legoa e meia, em curso subterrâneo e a 30 metros de altura acima do nível actual. No seu traçado de estradas nas vizinhanças da gruta não convem esquecer tão pouco aquelle leito secundário do rio Jacaré, hoje completamente secco, onde elle corria antes da perfuração da serra, ou mesmo depois, quando a furna não dava vasante às enchentes que se accumulavam à entrada della. Julgo que de Mucambo até Brejões o próprio leito antigo do rio poderia servir de estrada, numa extensão de mais de uma légua, estrada alias que seria extremamente pittoresca, não só por ter sido cavada pela natureza, mas ainda mais pela beleza peregrina das columnas de erosão, restos da rocha calcárea, que lhe servem de parapeito. Alias Mucambo é interessante por muitos motivos. Em primeiro lugar por que ahi termina a gruta, e uma série de grutas derivadas da principal, por onde jorravam as águas depois de seu percurso subterrâneo; em segundo lugar por que ainda hoje ahi brota outra vez à luz o actual rio Jacaré, perdido num sumidoiro na entrada da gruta, embora reduzido a proporções minúsculas em comparação das correntes formidáveis que nas eras longínquas brocaram a serra calcárea por uma extensão de legoa e meia; enfim é também em Mucambo que se offerecem os documentos mais insophismáveis que conhecemos sobre as bandeiras do famoso Robério Dias, pois numa pequena gruta do lado opposto à saída da grande gruta, se encontram numerosas inscripções dos bandeirantes portuguezes, e entre ellas as iniciais bem vizíveis do seu chefe mais famoso, ROB. D. Aliás, a 4 légoas do Morro do Chapéu, como o meu amigo sabe melhor do que eu, se encontra o lugar, ainda hoje chamado Izabel Dias, nome da irmã de Roberio Dias, com numerosas inscripções e monogramas de Belchior e Roberio Dias, que seu saudoso filho, Dr. Ottacilio, e meu discípulo no collégio Antonio Vieira, tinha cuidadosamente copiado. Tudo isso parece indicar que Roberio Dias, a sua irmã Izabel e seu pae Belchior moraram naquellas grutas solitárias ou faziam dellas o centro preferido de suas excursões, sem contudo, terem noticia da entrada da gruta dos Brejões, pois uma extensa matta virgem lhe tapava a entrada. Creia-me sempre seu dedicado amigo – PADRE CAMILLE TORREND, s. j."

Cabe destacar que em torno desse período Dr Anísio tinha concluído seus estudos no CAV e ingressado no curso de Direito da Bahia, mas ainda cogitava a possibilidade de tornar-se jesuíta.

O relatório final desta *Comissão* trata, entre outros assuntos, das pragas do cacaueteiro e seu controle, bem como da influência dos adubos conforme destacamos a seguir: 1) A comissão constata a não utilização de adubos em parte nenhuma, mas faz referência a uma iniciativa de um fazendeiro de enterrar as folhas caídas no chão e com isso, conseguiu colher mais do que nas árvores que não receberam este tratamento.. “Se o terreno for exgotado por plantações precedentes, ou seja, pouco fértil, convirá adubá-lo, quer por adubos químicos ou de curral quer pela adubação verde de falamos acima, isto é com plantação de leguminosas que depois se enterram entre as fileiras de cacaueteiros”. (TORREND apud. ARGÔLO, 2013, p.20); 2) Faz referência a um tipo de sombreamento definitivo do cacaueteiro: “A escolha da Ingazeira e Molungú (*Erythina* sp.) para árvore de sombra permanente, como acabamos de dizer, ajudam para o mesmo efeito, visto pertencerem á mesma família”(TORREND apud. ARGÔLO, 2013, p.21); 3) Faz referência, também, sobre a influência da altitude e das chuvas sobre o cultivo do cacaueteiro, entre outras recomendações. (TORREND apud. ARGÔLO, 2013, p.21)

FIGURA 32: Padre Camillo Torrend, durante uma de suas expedições de estudo.



FONTE: CAV

No relatório é sugerido a criação de uma Escola Agrícola, e esta Instituição acaba sendo criada em Salvador. Pe Torrend leciona na mesma e esta passa a funcionar como um Campo de Experiências, não só para atender os alunos da escola, como, também, os fazendeiros. Tal fato demonstra a preocupação do professor/pesquisador com a questão formativa de quadros de profissionais para a lavoura do cacau que, à época, representava uma fonte de divisas não só para a região, como para o Estado da Bahia como um todo.

A seguir apresentamos foto da Escola e transcrevemos, em nota de meio¹⁰⁶, a íntegra da conclusão do referido relatório, que comprovam a relevante contribuição do padre ao setor agrícola da Bahia.

FIGURA 33: Escola Agrícola da Bahia, Bairro Monte Serrat, Salvador-BA



FONTE:Cartão postal antigo, autor desconhecido sem data.

Outra questão importante que cabe ser mencionada e que tem relação com o Pe Torrend, é o fato de doze anos depois, na década de 40, após a promulgação da Lei nº 2150/28, na qual a antiga *Feira Velha de Capuame* passa a ser denominada de Dias D'Ávila, por iniciativa do historiador Dr. Francisco Borges de Barros, como forma de homenagear seu fundador, um dos Francisco Dias D'Ávila, passa a ser reconhecida como estância de água mineral, em decorrência de uma iniciativa do padre.

¹⁰⁶ (...) Ao terminar, não podemos deixar de apontar a necessidade para os fazendeiros, de mudar de rumo para o futuro. As condições actuaes da cultura do cacau já não são as que existiam, a 20 annos atrás. Hoje já não se encontra mais a matta virgem com o seu solo, feracíssimo, adubado por camadas multiseculares de humos vegetal, e formando um ambiente de humidade em volta das plantações novas. Essas condições extraordinarias que faziam produzir duas vezes mais que em qualquer outro Paiz productor de cacau sem outro trabalho que o de plantar, sem ordem nem principios scientificos, acabaram hoje para a zona de que fallamos. Se o fazendeiro quizer d'ora em diante prosperar, precisa de muito trabalho, muitos conhecimentos scientificos e muita industria. Não basta continuar a entregar as suas plantações a empregados rotineiros e ignorar sobre os principios elementares da Agricultura. Precisam elles proprios dirigir os trabalhos da sua fazenda, ou empregar mestres de cultura sabedores de seu officio. Em vez de fazer cultura extensiva de 50 a 80.000 pés de cacaueros mal tratados, e de rendimento inferior, devem antes de fazer cultura intensiva de pouco milhares de pés, porém bem tratados e de rendimento superior. Costuma-se, geralmente appellar para o Estado, culpando-o do atrazo agricola do Paiz e pedir-lhe subsidios a cada instante para promover o progresso da Agricultura. A nós parece ser puro engano culpar o Estado de todo atrazo e desgraças nacionais. Este, afinal, não faz senão reflectir a mentalidade dos individuos. Haja iniciativa em cada um dos cidadãos e, necessariamente haverá tambem iniciativa da parte da collectividade que governa. Se, pelo contrario, existe falta de trabalho e iniciativa nos individuos, seria puro milagre que o governo sahido destes ultimos, tivesse predicaos que elles não têm. Ha, comtudo, uma medida que eu quizeria ver tomada, pelos poderes publicos e que se afigura de alcance enorme para o desenvolvimento da Agricultura, e, portanto das forças mais vivas do Paiz. Seria a formação de numerosos mestres de cultura pratica na Escola Agricola. A meu ver os que se destinassem á cultura do cacau não haviam de obter o seu diploma de agronomo ou mestre de cultura sem passar alguns mezes n'algum campo de experimentação da cultura do cacau e sem terem executado numerosos trabalhos praticos na zona cacauera. Só depois de informações fidedignas sobre o valor dos seus trabalhos e colhidas pelo Director da Escola se poderia conferir o diploma final. Agronomos assim formados, com aquella direcção pratica, encontrariam depressa collocação nas immensas plantações do Sul do Estado. A fundação de um campo de experiencias impõe-se quanto antes, não só para os alumnos da Escola Agricola fazerem ahí o seu estagio por alguns mezes mas tambem para poder ser visitado e consultado pelos fazendeiros da zona cacauera, podendo elles assim, todas as vezes que lhe seja preciso, colher dados preciosos sobre as condições de prosperidade para uma plantação em determinadas circunstancias de altitude, terreno, humidade, etc. Julgamos tambem, que os poderes locais poderiam muito utilmente gastar em estradas parte das avultadas rendas municipais que lhes advêm da produção cacauera. Geralmente as estradas estão em pessimo estado, e algumas novas melhores que podemos observar são quasi todas devidas á iniciativa de particulares. Entre estes benemeritos seja-nos licito citar, aqui, o Sr. Coronel Terencio Nunes Bahiense, que acaba de construir uma boa estrada de mais de uma legua, em Agua Prêta. Oxalá estas advertencias encontrem echo, tanto entre os homens que exercem cargos publicos como entre os fazendeiros, e redundem em fazer prosperar, cada vez mais, aquella zona encantadora e riquissima do Sul do Estado da Bahia. Foi este o unico fim que tivemos em vista do estudo presente e no desempenho da honrosa missão que o governo do Estado da Bahia nos confiou. Seja-nos licito ao terminar, patentear a nossa gratidão a todos aquellos que nos auxiliaram na ardua tarefa de que tomamos a responsabilidade. Alem da associação Commercial de Ilhéos merecem especial menção o Sr. Bispo da Diocese, D. Manoel de Paiva, que tão generosa e amavel hospitalidade franqueou ao Presidente da Commisão e o Superintendente da Estrada de Ferro de Ilhéos á Conquista. Dr. Frank Reginald Hull, que tão amavelmente poz á disposição da mesma Commisão o seu Gabinete de trabalhos, os seus instrumentos e a sua longa pratica de trabalhos microscopicos. Padre Camillo Torrend S. J.

Por ser conhecido na região pelos estudos botânicos desenvolvidos, Pe Torrend tinha acesso a documentos antigos sobre a origem do povoado e pesquisas desenvolvidas por outros pesquisadores no local. Este fato, muito possivelmente, contribuiu para que o padre tomasse a iniciativa de coletar amostras da água e da lama do rio Imbassai, e as mandasse para análise em laboratórios franceses.

O resultado segundo publicações da época foi surpreendente: aquelas águas eram comparáveis a das melhores estâncias europeias. A análise revelou que a água de D'Avila tinha qualidades terapêuticas poderosas e, mais ainda, a lama possuía propriedades medicinais indicadas, principalmente, para doenças de pele.

Como reconhecimento, a cidade o homenageou dando o seu nome a uma escola municipal de ensino fundamental.

Pe Torrend também se envolvia com eventos culturais como por exemplo, o que organizou, em 1940, na Biblioteca Pública da Bahia, junto com o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a Sociedade Baiana de História Natural, a Escola Agrícola da Bahia e a Faculdade de Medicina, para comemorar os cem anos de publicação da *Flora Brasiliensis*.

FIGURA 34: Capa de exemplar da Flora Brasiliense



FONTE: Internet

Esta publicação é importantíssima por ser um dos primeiros registros da flora brasileira e resultante de pesquisa desenvolvida pelo médico alemão, botânico e antropólogo Karl Friedrich Philipp von Martius, que, na companhia de outros cientistas como Johann Baptist von Spix, esteve no Brasil durante o período de 1817 e 1820, na missão austríaca que, como já referido anteriormente, chegou ao Brasil na esquadra que trouxe a arquiduquesa Maria Leopoldina de Áustria para casar-se com D. Pedro I.

Junto com outros cientistas, von Martius passou cerca de dez meses no norte do território brasileiro, tendo percorrido cerca de dez mil quilômetros para recolher os elementos que serviram de base para os estudos que originou a obra e que retrata a flora brasileira. Esta pesquisa é considerada por alguns estudiosos como a de maior amplitude realizada no período colonial do Brasil, pois remete a questões de etnografia, folclóricas e linguística.

Da comemoração, realizada na Biblioteca, há registro de três conferências públicas, seis reuniões e um círculo de estudos de botânica. Tais eventos contaram com palestras de várias personalidades, entre elas o Pe Camilo Torrend, Ruy Maltez, Narciso Soares da Cunha, Augusto Chaves Baptista, Barros Barretto e Alexandre Leal Costa - ex aluno de Pe Torread, e ex-diretor do Instituto de Biologia da UFBA, que como já referido, dá nome ao herbário da Instituto, que guarda a coleção do padre. Cabe ressaltar que todos os listados, possuíam amplo conhecimento sobre o assunto. Simultaneamente ao evento na Biblioteca, houve uma exposição no Salão Conde dos Arcos, de plantas vivas, livros, documentos e manuscritos do naturalista alemão. A abertura do evento foi presidida pelo diretor do Departamento de Educação, Hermano Sant'Anna.

Nos registros sobre o evento consta, também, que, desde 1839, três anos antes do funcionamento da Escola Normal, a Bahia já tinham adquirido outras obras de von Martius, como a *História natural do Brasil*, editada em Munique, como confirma carta de Cezimbra e filhos, de 20 de junho do mesmo ano, em que oferece o sexto e o sétimo volumes, informando o preço de cada um deles e o valor do câmbio, e na qual explicitam que os volumes anteriores já haviam sido adquiridos pela Instituição.

A publicação *Flora Brasilienses* é considerada o mais importante registro histórico da flora brasileira.

Cabe ressaltar que ao adicionarmos iniciativas do Pe Torrend, que extrapolam o espaço do CAV e o período em que Dr Anísio estudou no Colégio, tivemos a intenção de destacar, documentando, o que depois se confirma através de depoimentos de ex-alunos do colégio, ou seja, o envolvimento e reconhecimento do conhecimento científico de Pe Torread. Um reconhecimento resultante de muita dedicação e curiosidade científica, construído ao longo de uma existência e que, sem dúvida, deve ter estimulado alguns de seus alunos a interessar-se por estudos de ciências naturais.

No período da comemoração do centenário da Flora, Anísio Teixeira encontrava-se no autoexílio de Caetité, por força da conjuntura vivenciada no Brasil e que o afastaram da Instrução Pública do Rio de Janeiro. Não identificamos nenhuma referência sobre a presença de Dr Anísio no evento organizado pela biblioteca. Entretanto, se não fez presente, por certo acompanhou as notícias pela imprensa local e deve ter ficado satisfeito, pois livros e bibliotecas sempre fizeram presentes nas suas listas de prioridades, enquanto gestor público.

Ainda sobre o Pe Torrend, acrescentamos depoimentos de dois ex-alunos do Colégio. O primeiro é o de Roberto Santos que ingressou no CAV em 1936. Este, graduado em medicina, foi professore e Reitor da UFBA, Governador do Estado da Bahia, Ministro da Saúde e Presidente do CNPq, que em publicação comemorativa do centenário da Instituição diz:

Dos jesuítas que foram meus professores, considero o Pe CamiloTorrend o que melhor executou as funções de educador. Naturalista formado segundo o modelo que prevaleceu no século XIX, tinha ele cerca de 80 anos de idade quando foi meu professor. Originário das ex-colônias francesas do mar do Caribe, falava a língua portuguesa com sotaque “sui generis”. Tendo vivido muitas décadas na Bahia, viajara extensamente por todo o Estado, o que lhe permitiu estudar em profundidade as peculiaridades da nossa fauna, da nossa flora, assim como da geologia e da mineralogia do nosso território. As suas aulas tinham um feitiço muito prático. Eram acompanhadas pela apresentação de espécimes coletados durante as suas excursões

de caráter científico pelo nosso interior, e ilustradas pelo conhecimento não apenas livresco e sim colhido, diretamente, da realidade baiana. (SANTOS apud OLIVEIRA e COUTO, 2011, pp. 90-91)

O outro depoimento é o de Edivaldo Boaventura, graduado em Direito e Ciências Sociais, que foi, professor do Departamento de Educação da UFBA, reitor da UNEB e secretário de educação do Estado. Este na mesma publicação, afirma que “o Pe Torrend tinha ideias muito avançadas para época”(BOAVENTURA apud OLIVEIRA E COUTO, 2011, p. 178). Se refere Dr Edivaldo a preocupação do mestre com a ampla formação escolar, religiosa e humanista dos alunos do colégio.

1.2.2.1 – Professor Pe Carlos Zimmermann Sj

Carlos Zimmermann nasceu na Alemanha em 28 de Março de 1871 e faleceu no Brasil em 1950. Ingressou na Companhia de Jesus, na cidade de Lyon, em 7 de Setembro de 1890. Cinco anos depois, em 1895, torna-se professor do Colégio de São Fiel, criado em 1852 e sob a responsabilidade da Companhia de Jesus a partir de 1862, no qual lecionou Física, Química, Música, Latim, História, Geografia e Alemão. No início do século XX, foi cursar Teologia na Inglaterra, só retornando ao Colégio entre os anos de 1907 e 1908. Antes porém, em 1902, participou da fundação da *Revista Brotéria-Sciencias Naturaes*.(ROMEIRAS, 2015)

No Colégio foi o responsável por um observatório meteorológico e pelo Herbário de São Fiel. Foi, também, um dos sete naturalistas jesuítas fundadores da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e chegou a ser membro da Real Sociedade de Microscopia de Londres. (ROMEIRAS, 2015)

FIGURA 35: Carlos Zimmermann S.J. (1871-1950) ao centro



FONTE; https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Zimmermann

Após a expulsão, exila-se no Brasil e passa a lecionar no CAV. Em 1921 abandona a Companhia de Jesus.

Publicou, entre 1902 e 1919, 29 artigos no total das revistas dos periódicos Brotéria, com maior número na Brotéria-Botânica, sendo a maioria dos artigos referentes a estudos sobre diatomáceas¹⁰⁷, como pode ser observado no quadro que se segue.

QUADRO 4: Publicações do Pe Carlos Zimmermann em periódicos Brotéria no período de 1902 a 1919.

TÍTULO DO ARTIGO	VOL. REVISTA	ANO
BROTÉRIA-SCIENCIAS NATURAES (1902-1906)		
1-Microscopia Vegetal.	I	1902
2-Observatorio Meteorologico do Collegio de São Fiel.	I	1902
3-Microscopia vegetal.	II	1903
4-O Epidascopio de Carlos Zeiss.	II	1903
5-Microscopia Vegetal.	IV	1905
6-Microscopia Vegetal.	V	1906
7-Anatomia da Cecidia produzida pelo <i>Itrigonaspie Mendesi</i> Tav. Na <i>Quercus lusitanica</i> Lam.	V	1906
8-Catálogo das Diatomaceas portuguezas.	V	1906
9- Os Jesuitas e a Astronomia nos seculos 17 e 18.	V	1906
BROTÉRIA-BOTÂNICA		
1- Beitrag zur Kenntnis der Diatomaceen Flora der Inseln Madeira und Porto Santo	VIII	1909
2- Catálogo das Diatomaceas portugueza	VIII	1909
3- Beitrag zur Kenntnis der Diatomaceen Flora der Inseln Madeira und Porto Santo	IX	1910
4- Catálogo das Diatomaceas portugueza	IX	1910
5- Contribuição para o estudo das Diatomaceas dos Estados Unidos do Brasil	XI	1913
6- Catálogo das Diatomaceas portugueza	XII	1914
7- Contribuição para o conhecimento das Diatomaceas da Provincia de Moçambique	XII	1914
8- Contribuição para o estudo das Diatomaceas dos Estados Unidos do Brasil	XII	1914
9- Algumas Diatomaceas novas ou curiosas.	XIII	1915
10- Contribuição para o estudo das Diatomaceas dos Estados Unidos do Brasil	XIII	1915
11-Contribuição para o estudo das Diatomaceas dos Estados Unidos do Brasil	XIV	1916
12-Algumas Diatomaceas novas ou curiosa	XV	1917
13- Contribuição para o estudo das Diatomaceas dos Estados Unidos do Brasil	XV	1917
14- Algumas Diatomaceas novas ou curiosas	16	1918
15- VII Contribuição para o estudo das Diatomaceas dos Estados Unidos do Brasil	16	1918
16- VIII Contribuição para o estudo das Diatomaceas dos Estados Unidos do Brasil	16	1918
17- IX Contribuição para o estudo das Diatomaceas dos Estados Unidos do Brasil	17	1919
BROTÉRIA ZOOLOGIA		
1- Contribution à la connaissance des Cécidies du Kent.	VI	1907
BROTÉRIA VULGARIZAÇÃO CIENTIFICA		
1-Diatomaceas. Como se colhem e preparam.	IX	191

FONTE: Elaborado pela autora a partir de bibliografia disponibilizada em monografia de Francisco Romeiras¹⁰⁸

As diatomáceas foram “o seu maior interesse de investigação, identificando e caracterizando 51 novas espécies em Portugal, no Brasil, e nas ilhas da Madeira e de Porto Santo.” (ROMEIRAS,2015, p.294). E Romeiras (2015) complementa:

Numa série de 4 artigos intitulada “Microscopia Vegetal” que vieram a público na Brotéria em 1902, 1903, 1905 e 1906, deixou preciosas indicações sobre o modo como ensinava matérias científicas, que nos permitem hoje analisar a modernidade como estes assuntos eram estudados no Colégio de São Fiel. Descreveu, pormenorizadamente, o protocolo experimental para se obter uma boa preparação microscópica vegetal, exortando os seus colegas no ensino secundário a proporcionar aos alunos a hipótese de realizar experiências, em detrimento de um ensino científico meramente teórico. (ROMEIRAS,2015, p.295)

¹⁰⁷ São os mais importantes microrganismos na composição do fitoplâncton, unicelulares e eucariontes (providos de membrana nuclear), que ocorrem nos mais diversos ambientes úmidos e aquáticos.

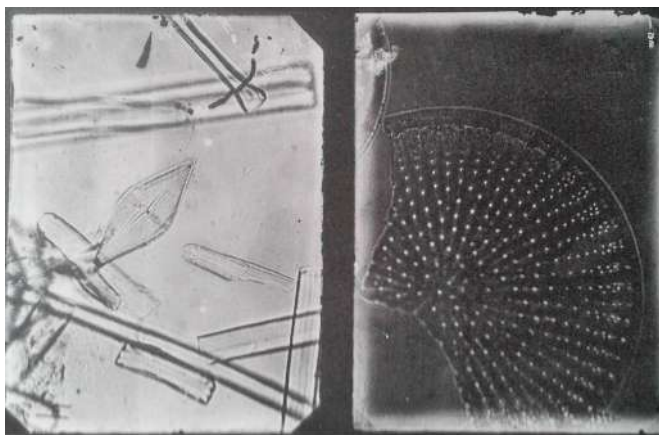
¹⁰⁸ Das Ciências Naturais à Genética: A Divulgação científica na Revista Brotéria (1902-2002) e ao Ensino Científico da Companhia de Jesus nos Séculos XIX e XX em Portugal (TESE).

Para o Pe Zimmermann, a anatomia vegetal tinha que contemplar um ensino prático, por isso, era essencial encorajar estudos microscópicos. Para tanto, o Colégio de São Fiel passou a contar com um Microscópio Zeiss, que era utilizado e foi apresentado por Carlos Zimmermann S.J. em artigo titulado de *Microscopia vegetal*, e publicado em Brotéria I, em 1902).

Além de considerar indispensável o uso do microscópio nos liceus, Zimmermann acrescentava ainda que era essencial que os alunos e os professores realizassem as próprias preparações microscópicas, pois só assim, na sua opinião, é que o interesse científico pela microscopia poderia progredir. Num interessante exercício de retórica, comparou o uso de preparações compradas a um cirurgião que não se sujeitasse aos trabalhos do teatro anatómico ou a um lente de medicina que, para evitar o trabalho das dissecções, apresentasse apenas algumas peças anatómicas conservadas em álcool e preparadas, anteriormente, por um técnico (ROMEIRAS, 2015, p.295)

A seguir apresentamos, para ilustrar a citação acima, uma amostra de lâminas microscópicas da coleção do Pe Zimmermann, que compõem o acervo de negativos in vitro da biblioteca do CAV.

FIGURA 36: Lâminas da coleção do Pe Carlos Zimmermann.



FONTE: CAV, Fotos negativos in vitro impressas por Stela Borges Almeida.

As aulas do Pe Zimmermann no CAV, que possuía laboratório equipado, contava com atividades práticas e foram, assim como as de Pe Torrend, elogiadas por ex-alunos.

1.2.2.1 – Professor Pe Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral Sj

O Pe Cabral, como ficou conhecido na cidade de Salvador, nasceu de família aristocrática, em Foz do Douro, Portugal, em 1º de outubro de 1866. Educado por jesuítas, estudou inicialmente no colégio Campolide, em Lisboa. Posteriormente frequentou o Noviciado de Barro, em Terras Vedras; estudou Letras Humanas no colégio São Francisco, em Setúbal, e Filosofia e Teologia, na Espanha e França, respectivamente. Ordenou-se padre jesuíta em 1897.

Confessor real e professor do Colégio Lisboa de Campolide, torna-se reitor em 1903. Leciona, também, no Colégio de São Fiel.

Reconhecido na Província Jesuítica Portuguesa, pela sua oratória e escrita, teve que deixar Portugal, na recém-instaurada República, que entre outras ações, proíbe que os educadores jesuítas continuem a frente dos colégios de Campolide, Barro e São Fiel.

Pressionado pela nova situação refugia-se na Bélgica, onde continua lecionando. De lá solicita autorização, em 1911, e a obtém do governo brasileiro, para instalar os religiosos no Brasil, „ No exílio redige, em folheto para distribuição, um texto manifesto titulado de *Ao meu país*, no qual demonstra sua indignação. Entretanto o mesmo não chega a ser distribuído, pois é confiscado pelo governo provisório que se instala em Portugal. Sete anos após deixar Portugal, chega a Salvador, em 1917, para dedicar-se as atividades educativas e apostólicas do CAV .

FIGURA 37: Foto do Pe Cabral, professor do CAV, no período, também, diretor do Centro Mariano Acadêmico e do Centro do Circulo de Estudos Mariano Acadêmico.



FONTE: Arquivo Biblioteca do CAV

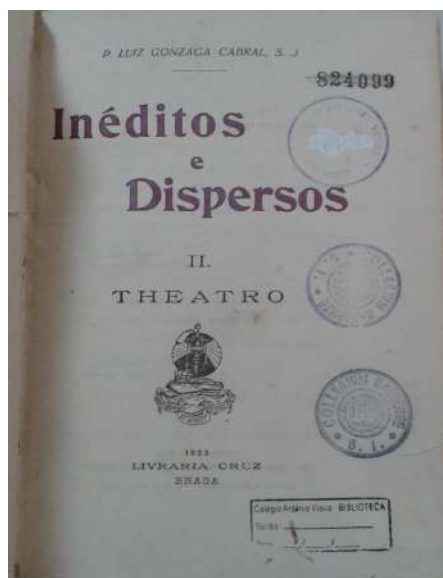
Almeida (2002) faz referência a um diário manuscrito de Pe Cabral dizendo que nas primeiras páginas consta,

[...] um minucioso índice de assuntos relativos às pesquisas que realizava sobre temas considerados sagrados e profanos. Entre os assuntos sagrados inclui-se a Bíblia e, ainda, Tradição, Apologética, Dogmática Moral, Ascética e Música, liturgia, direito Canônico, História eclesiástica, Oratória Sacra, Outros Mistérios e Companhia de Jesus. À maneira de um dicionário remissivo, para cada uma dessas temáticas, como se fossem verbetes, há um conjunto de informações bibliográficas e de anotações registradas de forma extremamente detalhada, o que revela o cuidado do pesquisador. Entre os assuntos profanos, ocupou-se de: Ciências (Filosóficas, Sociológicas, Pedagógicas, História Universal e Geografia, Exatas, Naturais); Artes (Música, Pintura, Arquitetura, Outras Artes); Letras (Teoria, Literatura, Linguística, Prosas Literárias, Poesia, Teatro) e Curiosidades. Suas pesquisas subsidiaram a elaboração de peças teatrais encenadas por alunos do Colégio Antônio Vieira [e em outros colégios jesuítas] (ALMEIDA, 2002, p.212).

Destacando o amplo leque de interesse de Pe Cabral, inclusive pelas Ciências, chamamos a atenção para os doze volumes da publicação *Inéditos e Dispersos*, de autoria do padre, dos quais nove encontram-se disponíveis para consulta no CAV. Os volumes tratam de assuntos

diversos, agrupados em subtítulos como: Discursos Acadêmicos; Sermões (publicação póstuma) ; Cartas de Viagens; Poesia e Teatro. Para efeito deste estudo, estabeleceremos breves comentários sobre o Vol II da coleção Inéditos e Dispersos, publicado no ano de 1926, em Braga, pela Editora Cruz.

FIGURA 38: Contracapa do volume II da coleção Inéditos e Dispersos de autoria do Pe Cabral



FONTE: Arquivo Biblioteca CAV

Tal escolha perpassa, não só pela intencionalidade de comentar a funcionalidade das recitas na proposta pedagógica dos jesuítas, o que remonta aos tempos de Anchieta e de Pe Nobre, como também de abordar um evento organizado e realizado no CAV, alguns meses depois da comemoração do centenário da Independência do Brasil.

Sobre o segundo volume, o Pe Cabral adiciona a seguinte explicação inicial direcionada ao leitor:

No primeiro volume destes meus Inéditos e Dispersos foram exceções os Inéditos – três apenas – ao passo que os Dispersos apareceram dobrados em número e triplicados em extensão. No segundo que sae agora a lume, succede o contrário. Se exceptuarmos o – << Cabloco de Sevilha >> – editado em 1921 pelo Almanaque do Mensageiro da Fé, tudo o mais é rigorosamente Inédito. (CABRAL, 1925, p.7)

Este volume da coleção *Inéditos e Dispersos* é composto por seis recitas: *O anjo da Paz*, *O Caboclo de Sevilha*, *Conde de Alcoutim*, *O auto da Independência*, *Garcia Moreno e Mártires da Independência*.

O evento referido foi uma *Festa dos Antigos Alunos* do Collégio Antonio Vieira realizada, em 30 de novembro de 1924. A programação, desenvolvida nos três turnos contou com uma apresentação de recita, na solenidade organizada para a noite.

O Diário Oficial do Estado da Bahia publicou, em 02 de dezembro de 1924, matéria jornalística detalhando a festa que foi realizada no CAV, em 30 de novembro de 1924.

A matéria detalha a programação e aporta o discurso de Anísio Teixeira, bem como trechos da recita escolhida para a festa, ou seja, *O Caboclo de Sevilha*.

Na publicação de *Inéditos e Dispersos* em que são disponibilizadas as recitas, Pe Cabral inclui, antes de cada uma das peças de teatro, uma breve explicação sobre cada uma delas. Ao que se refere a peça *O Caboclo de Sevilha*, esclarece que a mesma é resultado de um esboço improvisado e encenado em 1903, no colégio Campolide, cujo o título era *O Escravo de Murillo*. E que ao chegar ao Brasil, 14 anos depois, “o Escravo de Murillo tornára-se brasileiro, e o pequeno drama reflectindo aqui e ali a paysagem, o colorido e a nomenclatura tupy, passára a ser o Cablôco”.(CABRAL, 1925, pp. 95-96). A peça foi encenada no Colégio pela primeira vez em 1917. logo após a sua chegada no Brasil.

No prólogo da curta peça *O Caboclo de Sevilha*, o Pe Cabral escreve:

Os estrangeiros que visitam os templos da Bahia, da Cachoeira, de Santo Antônio do Paraguassú, sente-se agradavelmente surprehendido pelas maravilhas do nosso pincel nacional. Evidentemente a maneira artística dos nossos mais insignes pintores accusa a escola europeia dos séculos XVI e XVII; e alguns nomes mais laureados do Brasil de então tinham ido buscar na metrópole mestre da nomeada dos portugueses Avellar Rebello Affonso Coelho. Não ha dúvida, porém, que a pujança de imaginação e o ostro nativo, ateado nas almas ardentes e sensíveis pelo scenário desta opulentíssima natureza do Brasil, deviam necessariamente, desabrochar, cultivados pela arte, numa inspiração poderosamente exótica, capaz de imprimir ás telas um reflexo da viveza tropical. Esta ideia foi a que sugeriu levar á scena do nosso humilde de palco um pequenino quadro de synthese, em que apparece a América e a Europa enlaçada num amplexo artístico, symbolizador da disciplina esthetica alliada á inspiração da natureza brasílica. Uma lenda graciosa, ligada á biographia artistica do immortal pintor da Immaculada, Bartholomeu Murillo, lenda tão popularizada que até a temos, nas suas linhas geraes, no livro de leituras francesas de Berlitz, serviu de pretexto ao auctor dêste dramazinho, para esboçar a figura sympáthica do cablôco, procurando reunir nella o conjunto de dotes que tornam digno de ser immortalizado pelas artes este elemento importantíssimo do Typo étnico tão formosamente complexo do filho do Brasil. (CABRAL, 1925, pp. 96-97)

Sobre as *Festas* organizadas por membros da Companhia de Jesus esclarecemos que estas devem ser entendidas como solenidades de caráter religioso e/ou acadêmico, que vinham acontecendo desde a criação da Ordem. A base de análise desses eventos deve ser os contextos nos quais os jesuítas utilizam estes como ação pedagógica para atingir objetivos previamente estabelecidos. Para tanto, privilegiam as linguagens das artes, música, teatro e dança, como formas comunicativas e de reforço às ações da Companhia. Sobre o potencial pedagógico das encenações, Pe Cabral diz:

Estes assumptos tramáticos exigem duas palavras de explicação. Na minha já longa vida de educador, raro foi o anno que não me fosse confiada a direcção das rêcitazinhas collegias, com que pretendemos completar a educação esthetica dos nossos alumnos, e que deixam nas suas almas – quanta vez lh’o ouvir, e quanta vez o li nas páginas de suas cartas! - impressões da mais perfumosa e reconfortante saudade. Mas não é só o encanto de uma recordação sympáthica à nossa querida população escolar o que buscamos nesta laboriosa preparação de festivaes scénicos. Este exercicio é incomparavelmente efficaç para «vencer a timidez e o acanhamento natural, para dar á mocidade o desembaraço, o aprumo e um tudo nada dessa audacia modesta comque se deve defrontar uma assembleia. [...] cCom effeito, saber medir

a expansão e a reserva, ter o domínio da palavra, do gesto, de todo o porte, são coisas que supõem parcialmente ao menos, oimpério sobre si mesmo,e que por isso teem particular importância para perfazer a verdadeira educação». (CABRAL,1925,p.9)

Sobre a citação acima, Pe Cabral esclarece que outro jesuíta, Pe. G. Longhay, já havia feito estas observações do livro titulado *Théâtre chrétien*, acrescentando que da sua experiência de formação literária adicionava mais uma, ou seja, a de que, “a declamação scénica, preparada devidamente, é a mais perfeita das análises litterária”.(CABRAL,1925,p.10)

E Cabral (1925) complementa:

Ponde ante os olhos do mais prendado alumnos de rhetórica ou humanidades um excerpto de sã e nobre litteratura. Se o ler com precipitação, com a febre própria da idade, que lhe ficará? Uma impressão vaga de conjuncto, a reminiscência apenas de algumas scintillações ou louçaínhas de superfície. Dizei-lhe que o transcreva, para obrigá-lo a maior reflexão. Por falta de energia ou madureza para penetrar até ao vivo, talvez ainda assim lá encontre poucas riquezas. Mandae-lhe porém que o aprenda de cór, e que, sob a direcção de um bom mestre, se esforce por dizê-lo bem, não uma, senão vinte vezes, no recinto abitual da aula, mas com o estímulo de uma acção pública em perspectiva. Vereis como tudo se transforma. As menores tonalidades sobresáen e fixam-se; intenções e subintendidos ganham um rélevo e precisão que o texto mal indicava, mas que o esforço da interpretação consegue pôr em destaque. Entendida assim, a análise vae muito além das questões de pura forma – se é que as ha exclusivamente taes -,vae muito além da mera técnica litterária; converte-se-em estudo práctico dos sentimentos, da alma, da vida. (CABRAL,1925,p.10)

Referindo-se que a observação já havia sido feita em publicação denominada *Rediviva* de sua autoria e do jesuíta A. de Menezes, publicada em 1914, acrescenta a seguinte justificativa para o fato de escrever recitas, e de montá-las e encená-las em espaços escolares. “Ahi tem o leitor a razão por que, longe de haver por futilidade estes lidar com a arte dramática e consagrar-lhe alguns volumes nos meus INÉDITOS e DISPERSOS, não hesito em ver nestes labores um meio nobilíssimo de sã pedagogia e de apostolado cristão”. (CABRAL,1925,p.11).

A *Festa* foi organizada para ocorrer em etapas, ou seja: missa solene e comunhão geral na pequena capela do Colégio; saudação do Pe Luiz Cabral, jesuíta e professor da instituição, alusiva a festa; banquete com brindes e discurso de Anísio Teixeira ao meio-dia, com a presença dos antigos e novos alunos e, finalmente, a noite a festa solene de premiação dos alunos do Colégio, ocasião em que os alunos novos ofereceram uma *Recita de Gala* aos antigos alunos.

A primeira etapa da festa, ou seja, a parte referente a missa solene e a comunhão geral, foi seguida de uma,

(...) allocução do Revmo. Padre Luiz Cabral allusiva á festa, em que o orador, elle mesmo um antigo alumno do collegio de Campolide, recordou, com muito coração e muita saudade a vida dos vários collegios de jesuitas em Portugal e no Brasil, relembrando summariamente os fructos da pedagogia da Companhia de Jesús. O Te-Deum e a benção solemne do S.S.Sacramento encerraram a parte religiosa da festa. (BAHIA, 1924, 224)

A matéria do Diário registra que “além de muitas Exmas. Famílias, um grupo expressivamente numeroso de moços de uma Congregação Mariana Acadêmica criada há alguns anos CAV e de antigos alunos.”, (BAHIA, 1924, p 224) se fizeram presentes.

Em seguida teve início o *banquete*, considerado uma forma fraternal de interação entre os antigos e novos alunos. A matéria relata que o mesmo transcorreu em um clima de grande cordialidade e que ocupavam a mesa de honra os antigos alunos cuja formatura se realizaria naquele ano. Dentre os presentes, registrou os seguintes nomes: Revmo. Padre Francisco Barcellos, representante Revmo. Padre Luiz Baecker, Director do Colégio Antônio Vieira; Ricardo de Mello Gouveia, antigo aluno do Colégio de Campolide; Dr. Gustavo Snoeck, antigo aluno dos Jesuítas na Belgica; Revmo. Padre Camillo Torrend; Dr. Anísio Espinola Teixeira, Inspector Geral do Ensino. Já bacharel em Direito; Dr. Herber Parentes Fortes; Dr. Raphael Valverde; Dr. Hermes Lima; Dr. Felipe Alves de Freitas; Dr. Ernesto Franco de Castro; Eng. Carlos Cohim Ribeiro; Eng. Jayme Cerqueira Lima; Dr. José de Farias Góes e o Sr. Arlindo de Souza Filho.

Depois de uma série de brindes puxada pelo Pe Cabral, inclusive um brinde de honra a S. Santidade o papa Pio XI e ao Exmo. Sr. Presidente da República, Anísio Teixeira brindou os antigos alunos, com um discurso. O discurso de Dr Anísio, foi uma parte importante da festa, inclusive por ser ele um ex-aluno que naquele momento, estava exercendo um cargo similar ao de secretário da educação do Estado, o que abrilhantava a festa, ao tempo em que ratificava o ensino da Instituição, não só pelo lugar que ocupava na vida pública do Estado, mas, também, pelo próprio teor do discurso ao estabelecer um paralelo entre “Razão e Fé”¹⁰⁹, ou ciências e religião, como pode ser constatado no trecho do mesmo a seguir, com grifo nosso, que demonstra a concepção que tinha à época sobre cada um dos conceitos e relações.

[...] Recebemos, nesses collegios de jesuítas, espalhados por toda parte e sempre identicos, onde nos formamos, mais que uma instrucção. Tivemos uma educação do pensamento. Deram-nos vistas de conjuncto lucidas e aprofundadas sobre a philosophia, communicaram-nos, um pouco, os nossos mestres, os segredos desse methodo espiritual que constitui em toda parte a força poderosa do jesuíta e sobretudo, nos deram o grande complemento educacional indispensavel – uma crença alicerçada com segurança na razão e na intelligência. Passado certo furôr de atheismo sectário, que dominou por espaço de meio século a vida intelectual do mundo, a intelligência voltou á tolerância razoável de quem não poude concluir definitivamente. Hoje, pode se dizer que existem dous modos de ser da intelligência perante o incognoscível. **Ou a adhesão plena aos dogmas da fé, ou a adhesão condicional aos dogmas da ciência...** E nessa condicional está o respeito que merecem, hoje, as verdades da fé e a incerteza que há de sempre pairar sobre aquelles dogmas da sciencia [...]. (TEIXEIRA, 1924, p. 222)

Pensamento que, se neste período, pendeu muito mais para as verdades da fé, este se transformará, anos depois, e levará Anísio Teixeira, ainda que consciente das verdades provisórias da ciência, a privilegiar o pensar científico e a metodologia científica experimental de Dewey, desenvolvida a partir e por influência do evolucionismo de Darwin, nas suas ações.

¹⁰⁹ Maior aprofundamento na Artigo , Apontamentos Sobre Reflexões que Emergem do Discurso Proferido por Anísio Teixeira na *Festa dos Antigos Alunos do Colégio Antônio Vieira*, 1924, de mesma autoria, no prelo.

Ao final do discurso de Anísio Teixeira, Thales de Azevedo, então acadêmico de medicina ergue sua taça, segundo o que foi publicado no Diário, e brinda os trinta e três vieirenses que terminariam naquele ano, com a colação de grau, os seus cursos superiores. A mesma publicação registra que o Dr. José Góes Sobrinho, agradecendo, em nome dos antigos alunos, produziu um eloquente improviso ao se referir a *Festa* como uma comemoração da *intelligencia juvenil da Bahia*, acrescentando, com ênfase, que: “Ihe foi grato verificar a nova mentalidade que se vae elaborando nossa geração moça”.(BAHIA,1924,p.225)

Encerradas as citadas etapas da *Festa*, restava somente a *Festa de Premiação Solene dos Alunos do Colégio*, na parte da noite e na qual os alunos novos ofereceriam a *Recita* aos antigos alunos.

Esta etapa da festa contou com a presidência de honra do, então governador, Dr. Góes Calmon. A presença do governador, como noticiou a imprensa na época deixou em todos a uma impressão que acabava por confirmar os méritos daquela importante Instituição de Ensino. Presença que se repete em quase todos os grandes eventos da Ordem, o que demonstra uma aproximação com o Estado, semelhante a estabelecida, em muitos períodos, entre os colégios jesuítas de Portugal e a Corte portuguesa.

Esta *Festa* do CAV aconteceu. após um período conhecido na história como *vigilância comemorativa* do centenário da independência do Brasil. Nesse período foram organizadas pelo estado brasileiro, com vista a neutralizar manifestações e responder a uma crescente reivindicação da elite intelectual que clamava para que fosse estabelecida uma identidade nacional. Em 7 de setembro de 1922, por exemplo, aconteceu a *Exposição Universal*, no Rio de Janeiro, e que se prolongou até o dia 24 de junho do ano seguinte, conforme detalharemos posteriormente. Cabe resaltar que no ano de abertura da exposição, o jovem Anísio ainda complementava, nesta cidade, seu curso de Direito iniciado na Bahia.

Portanto, um Prólogo recitado por, “um pagemzinho, elegantemente vestido nas côres brasileiras e empunhando a bandeira auri-verde”. (CABRAL 1925, p. 95), em uma apresentação pública em um colégio privado que prepara membros desta elite, tocava neste sentimento latente de brasilidade.

É importante lembrar que a chamada República Velha, que vai da proclamação em 1889 ao golpe de 1930, foi o período em que a esfera política esteve dominada pelas oligarquias rurais estaduais, com ocasionais insurreições de alguns grupos ligados às forças armadas. E que, em 1915, na conferência *A Unidade da Pátria*, “Afonso Arinos prega a necessidade de uma campanha cívica destinada a criar a nação. [...] Se o Brasil tem território, não tem ainda o que se pode chamar de nação”.(VELOSO,1993,p.89)

Portanto, a expressão de ordem da época era a criação da nação Brasil.

O Brasil vivenciou, na década de 20, década em que foi realizada a *Festa dos Antigos Alumnos*, uma série de conflitos que refletiam o descontentamento de setores da sociedade com a condução dos problemas nacionais. É um período de transição econômica e social, do modelo primário exportador em direção a um novo padrão de acumulação, que vai ser acentuado com a industrialização e a urbanização, após a *Crise de 1929* e a *Revolução de 1930*. Daí o tom de urgência assumido pelo debate intelectual então instaurado, que objetivava descobrir “um veredicto seguro, capaz de encaminhar o processo da organização nacional” (VELOSO,1993,p.90). Nesse momento, o problema da *identidade nacional* assume

lugar de destaque nas rodas de conversas e debates dessa elite, que passa a buscar um tipo étnico específico capaz de representar a nacionalidade. Matéria veiculada na *Revista do Brasil*, lançada em 1916, reflete esse debate, ao propor efetuar um reexame da identidade nacional.(ibid, p.91). E Veloso (1993) complementa: “o editorial de lançamento [da revista] esclarece que o objetivo da publicação é criar um núcleo de propaganda nacionalista”. (Ibid, p.90). Imbuídos da missão de romper com o longo período de dependência cultural, os intelectuais assumem o papel de descortinar a identidade nacional, encoberta desde o período colonial.

O CAV, na época, era um colégio voltado para a formação de representantes dessa elite, passava por ele sobrinhos, netos e filhos de importantes expoentes da sociedade e da política local¹¹⁰. Em sendo assim, diante da possibilidade de poder flexibilizar as orientações do currículo então unificado, com a introdução de elementos da região e cultura local, os professores jesuítas se permitem introduzir essas discussões no planejamento das atividades didáticas. É nessa percepção que Pe Cabral, adapta, em 1917, o auto *O Escravo de Murillo* e o renomeia com o nome de *Caboclo de Sevilha*. Busca dessa forma, provavelmente, aproximar o discurso do Colégio ao discurso da intelectualidade nacional e, também, fazer uma homenagem ao Brasil - em especial à Bahia pela acolhida, conforme justifica, em nota de esclarecimento sobre as mudanças realizadas no texto original.

Sem deixar de considerar que a adequação da *Recita* demonstra uma sensibilidade da parte do Pe Cabral para lidar com as questões locais, destaca-se que testa atitude vai ao encontro de trecho de uma carta recebida pelo Pe Menezes¹¹¹, em 1911, da Sagrada Congregação Consistorial, chamando atenção dos religiosos estrangeiros para:

Um espirito de critica e talvez até de desprezo de costumes e das coisas do povo que os agasalha, um engrandecimento contínuo da terra que lhes deu origem, o favorecem a língua, o comercio e usos de sua pátria de modo que parece terem ido lá mais para 'quarere quae patriae suae sunt, quam ea quae Jesu Christi': tudo isto começou a suscitar um sentimento de desgosto e reação, por ora, graças a Deus, não grave, mas susceptível de degenerar para o futuro em aberta e pública rivalidade hostilidade.(CARTA ÂNUA, 1911)

Além desta observação da Sagrada Congregação, as comemorações do Centenário da Independência da Bahia, de 2 de julho de 1923, foi festejada em grande estilo e contou com um desfile cuidadosamente planejado e bem divulgado que ocupou lugar de destaque nos jornais da época. O desfile contou com os carros alegóricos do Caboclo e da Cabocla, culminando com a inauguração do então monumento ao Caboclo visualizado, ainda hoje, no centro da praça, conhecida como Campo Grande, mas que oficialmente é nomeada de Praça Dois de Julho, localizada no centro da capital do Estado, Salvador.

Neste ponto cabe destacar que o Pe Cabral escreveu o discurso titulado de *Independencia da Bahia*, que pronunciou em *Sessão Solene do Gabinete Português de Leitura*, como uma

¹¹⁰ É o caso de Anísio Teixeira, cujo o pai, Deocleciano, líder político e comerciante da região do Alto Sertão da Bahia, se articulou para eleger Góes Calmon, o então Governador da Bahia, Góes Calmon; professor, ilustrado, em substituição ao anterior José Joaquim Seabra, que se eternizara no poder desde 1910, beneficiado que fora na ocasião pelo bombardeio da cidade de Salvador para garantir sua eleição.

¹¹¹ Responsável pelos jesuítas portugueses que se exilaram no Brasil (Ferdinand, 1986)

homenagem da Colônia Portuguesa na Bahia, ao Centenário da Independência, mas este só foi publicado em 1935, no volume titulado *Discursos Acadêmicos*, coleção *Inéditos e Dispersos*, produzida pelo Pe Cabral.

Nessa festa cívica que é o *Desfile de Dois de Julho*, como é nomeado ainda na atualidade, o Caboclo é o símbolo central da identidade nacional. O mesmo Caboclo que o Padre Cabral destaca na *Recita O Caboclo de Sevilha*, encenada na *Festa dos Antigos Alunos do Collégio Antonio Vieira*. Um *Caboclo* que, simbolicamente, passa a frequentar as rodas de discussões de intelectuais brasileiros, cuja grande culminância é a *Semana de Arte Moderna de 1922* e que, depois recebe uma nova roupagem de Mario de Andrade e se transforma em Macunaíma, um anti-herói nacional, no romance rapsódia¹¹² de 1928, que nomeia o livro, e é o personagem central do filme, lançado em 1969, de mesmo nome.

Pe Cabral demonstra não só sensibilidade ao desejo de identidade no tocante a formação étnica da população brasileira, como, também, ao que se refere a identidade territorial e estímulo as vocações individuais, despertadas por cada um dos jovens com quem convive, como demonstra o trecho do livro autobiográfico *O Menino Grapiúna*, de autoria de Jorge Amado, destacado a seguir:

O primeiro dever passado pelo novo professor de português foi uma descrição tendo o mar como tema. A classe inspirou-se, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados; o episódio do Adamastor foi reescrito pela meninada. Prisioneiro no internato, eu vivia na saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. O mar de Ilhéus foi o tema de minha descrição. Padre Cabral levava os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou, que o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar onze anos. (AMADO, 1982, p. 119)

Segundo informa Amado (1982), ele passou a ser destaque por este feito no colégio e acrescenta: “Passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio, ao lado dos futebolistas, dos campeões de matemática e de religião, dos que obtinham medalhas.”(AMADO, 1982, p. 119) Nesse ponto percebe-se o valor atribuído às premiações e ao rito e pompa da solenidade de distribuição das mesmas, como a da festa em tela.

Outro destaque correlacionado por Jorge Amado ao fato, por iniciativa do Pe Cabral, foi a sua admissão em uma espécie de *Círculo Literário* onde no qual eram destacados alunos mais velhos.

Dito isto Jorge Amado acrescenta: “Nem assim deixei de me sentir prisioneiro, sensação permanente durante os dois anos em que estudei no colégio dos jesuítas”.(AMADO, 1982, p. 119). Portanto, apesar de todos estes novos acontecimentos, expressa o seu sentimento sobre o que é ser um aluno interno do Colégio.

Sensação quiça comum há muitos alunos e que pode ser percebida em entrelinhas do trecho do discurso de Anísio Teixeira na festa, conforme pode ser observado a seguir:

¹¹² Uma composição livre que obedece características especiais ou clássica. No caso do livro *Macunaíma*, é baseado no folclore local da Amazônia.

E' um retorno ao passado. Não é a elle que o vemos aqui? Para que o definir, se todos o sentimos na affabilidade solicita dos mestres, na camaradagem descuidada dos collegas, no ruido, no despreoccupado humor da conversa interminavel, na soffreguidão dos que mal têm tempo de viver a grande vida que lhes desborda pelos olhos cheios de luz e de desejo, pelos ouvidos cheios de sons, pelas boccas cheias de riso, cheias de symphatia?...E sobretudo não o sentimos no espirito, nesse quid de indefinível do collegio, do nosso collegio, de onde temos saudade de tudo, da banca inexpressiva, naquelle tempo, hoje tão cheia de emoção mesmo na sua vulgaridade, da vigilancia incommoda do prefeito de olhar tão bom em sua severidade de cumpridor de devêr, das tardes monotonas do domingo da vida simples a mesma, nos seus recreios obrigatorios, nos seus estudos obrigatorios na sua obrigatoria piedade... Mas, a fallar assim estou a vêr que deixo nos que ainda estão uma impressão falsa... E será que a nossa saudade é apenas este desejo de rehabilitar o passado, mesmo quando foi máo e infeliz. (TEIXEIRA, 1924, p.841)

Não deveria ser fácil para os pré-adolescentes e adolescentes, dessa época, a separação da família, principalmente para os de espírito livre com Jorge Amado, como revela a autobiografia, para viver num internato. Tendo isto em consideração, destacamos mais um exemplo de sensibilidade e estratégia do Pe Cabral para com este aluno futuro escritor, conforme destacado por ele Jorge Amado no mesmo livro, ou seja:

O Padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro As viagens de Gulliver, depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses. Data dessa época minha paixão por Charles Dickens. Demoraria ainda a conhecer Mark Twain, o norte-americano não figurava entre os prediletos do Padre Cabral. (AMADO, 1982, p. 119)

As Viagens de Guliver passam a ser as suas viagens e com outras leituras dão asas à imaginação de Jorge Amado, que diz:

Recordo com carinho a figura do jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária. Ajudou-me a suportar aqueles dois anos de internato, a fazer mais leve a minha prisão, minha primeira prisão. (AMADO, 1982, p. 120)

Cabe realce a informação de Jorge Amado de que compondo a biblioteca de Pe Cabral, haviam livros de ficção, um tipo de literatura também apreciada por Anísio Teixeira.

3 – ESPAÇOS COMPLEMENTARES

3.1 O Curso de Direito

Ao concluir os estudos no CAV, Dr Anísio em 1918, “completó esta etapa de su formación con un curso de leyes. Pasó dos años en Salvador de Bahía, y a continuación se trasladó a Río de Janeiro, entonces capital de Brasil. Se licenció en Derecho en 1922”. (CURY, 2000, p.561-572)

Em Salvador, Anísio Teixeira estudou na Faculdade Livre de Direito da Bahia, criada em 15 de abril de 1891 e reconhecida pela presidência da recém-criada República, em 18 de outubro do mesmo ano.

Esta Faculdade, foi uma iniciativa do jovem José Machado de Oliveira, recém-diplomado em Direito pela Faculdade do Recife, que ao ser nomeado para ser promotor público, monta um curso preparatório para ingresso nas faculdades de Direito existentes no país. Cabe lembrar que “nesse período o Brasil vivenciava uma ambiência republicana, com organização federativa presidencialista e forte influência positivista”. (BOAVENTURA, 2009, p 114)

No álbum comemorativo do 4º centenário, publicado pela Revista fiscal da Bahia, em 1949, titulado de *Quatro Seculos de História da Bahia*, toma-se notícia de que a faculdade funcionou inicialmente em prédio alugado na ladeira da praça passando, posteriormente, para a sede própria, no bairro da Piedade, local onde na atualidade funciona a OAB, regional Bahia. Na mesma obra fica clara que a Faculdade era mantida por donativo, contribuições de sócios, mas que, também, recebia subvenção estadual.

FIGURA 39: Faculdade Livre de Direito da Bahia



FONTE: Revista fiscal da Bahia

O mais importante a destacar desta Instituição, e que se relaciona diretamente com o nosso objeto de estudo, é a existência de uma biblioteca com um quantitativo de 712 volumes. E, principalmente, a observação de que: “É a fase em que os moços daquele tempo tomam gosto pelo estudo do direito e, especialmente, pelas ciências filosóficas” (REVISTA, 1949. p.157) E como complementação a mesma edição comemorativa informa que os professores catedráticos Almáchio Diniz Gonçalves e Virgílio Lemos, direcionaram os temas filosóficos do curso para uma linha mais materialista, cujos os livros que mais agradavam os estudantes tinham autoria de Jean-Baptiste Lamarck(1744-1829), Charles Darwin (1809-1882), Ernest Haecke (1834-1919), Hans Ernest Buchnere (1850-1902). Os três primeiros naturalistas evolucionistas e o último um materialista pioneiro no campo da imunologia e irmão de Eduard Buchnere (1860-1917), Prêmio Nobel de Química em 1907, por estudos desenvolvidos sobre fermentação.

Segundo texto sobre a Faculdade, publicado no *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940*, arquivado na Biblioteca Nacional com referência Ano 1917\Edição B00073, o currículo do curso Direito da faculdade, em 1917, ou seja, pouco antes do ingresso de Anísio Teixeira, era composto das seguintes disciplinas: 1ºano:

Philosophia de Direito (Lente , Dr Almáchio Diniz Gonçalves) e Direito Romano; 2º ano: Direito Público, Direito Internacional (Lente, Dr Virgílio de Lemos) e Direito civil - 1ªcadeira; 3º Direito civil – 2ªcadeira, Direito criminal – 1ªcadeira e Direito commercial – 1ªcadeira; 4ºano – Direito civil – 3ªcadeira, Direito criminal – 2ªcadeira e Economia politica; 5ºano – Theoria e Pratica; Direito administrativo, Medicina pública e Legislação Comparada.

Sobre esta Faculdade, o professor Livre Docente e Titular de Sociologia da Faculdade de Direito da já então Universidade Federal da Bahia, Antônio Luiz Machado Neto (1930- 1977), que escreveu junto com Thales de Azevedo e Nelson de Souza Sampaio, o livro titulado *Atualidade de Durkeim*, editado em 1959, nos informa, no artigo titulado de *Contribuição Baiana à Filosofia Jurídica e à Sociologia do Direito, de sua autoria* e publicado em 1960, que recebeu recursos da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, criada por Anísio Teixeira, quando este esteve a frente da Secretária de Educação e Saúde no governo de Otávio Mangabeira, para a realização da pesquisa que subsidiou a elaboração o artigo.

Segundo Machado Neto (1960), o Prof. Thales de Azevedo atribuía a Faculdade Livre de Direito o pioneirismo nos estudos e influências da sociologia evidenciados na Bahia. Para reforçar os destaques referentes aos professores da Faculdade, citados, acrescentamos:

Se temos em vista que a filosofia em voga no Brasil, e, pois, na Bahia da época, era o positivismo, nas suas numerosas variantes, especialmente o evolucionismo spenceriano, veremos claro a impossibilidade de distinguir o sociológico do filosófico na produção intelectual daquele momento em tais setores da cultura. Quem compulse os Estudos de Filosofia do Direito de Leovigildo Filgueiras e a Classificação dos Conhecimentos Humanos e das Ciências Jurídicas de Virgílio de Lemos ou, mesmo o mais recente Prolegómenos à Ciência do Direito de Edgar Sanches, verá claro, que, embora aparecessem como obras filosóficas, assinadas por professores de filosofia jurídica, o sociológico e o filosófico não apresentam fronteiras definidas no pensamento de teor naturalista e positivista desses iniciadores da sociologia e da filosofia jurídica entre nós. Diante da impossibilidade fáctica de proceder a essa separação, optamos pela solução óbvia de tratar os assuntos em conjunto, numa tentativa de compendiar o patrimônio cultural que representa para a Bahia a contribuição de alunos e professores de nossa Faculdade de Direito na formação e elaboração da cultura sociológico e filosófico-jurídica na Bahia. (MACHADO NETO,1960, 117)

O jovem Anísio apesar de não ter concluído o curso de Direito em Salvador, teve a oportunidade de interagir com as ideias do professor Almáchio Diniz Gonçalves, pois o mesmo lecionava Filosofia do Direito para os calouros do curso.

Segundo Machado Neto (1960), alguns professores da Faculdade como por exemplo Almáchio Diniz Gonçalves,

[...] chegaram a manter contactos directos com as mais significativas expressões da filosofia naturalista européia da época, num empenho muito vivo por participarem ativamente da elaboração e da divulgação das novas idéias em nosso ambiente conservador, mas pleno de reverente admiração pelo ar iconoclasta do livre pensador capaz da ousadia de empreender o combate franco e directo aos valores consagrados, especialmente os religiosos. (MACHADO NETO,1960, p.118)

Creemos que na citação acima encontramos elementos conflitantes sobre a tomada de decisão de Anísio Teixeira em tornar-se jesuíta. A faculdade de Direito, através do professor Almáchio Diniz Gonçalves, fazia um contraponto consistente dos conteúdos filosóficos e científicos, acessados via Companhia de Jesus.

Portanto, é aportando os conhecimentos veiculados na família, no CAV, no Circulo de leitura da Congregação Mariana, comentada posteriormente, e nos cursos iniciais da Faculdade de Direito da Bahia, que o jovem Anísio chega ao Rio de Janeiro para complementar o curso, na antiga *Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes*, a chamada *Escola do Catete*, fundada em 18 de abril de 1882, mas que somente foi autorizada a funcionar em 1891, mesmo ano da criação e validação da Faculdade de Direito da Bahia.

Em 1920, ano de transferência de Dr Anísio para o Rio de Janeiro, a *Faculdade a Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes*, através do Decreto nº 11.530, de 18 de Março de 1915, se funde com a *Faculdade Livre de Direito*, também criada em 1891 e, igualmente, particular, dando origem a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e que na atualidade é nomeada de Faculdade Nacional de Direito, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

FIGURA 40: Foto Faculdade Nacional de Direito



FONTE: Internet

As duas instituições foram criadas por iniciativa de professores que oscilavam entre correntes progressistas e conservadoras, republicanas e monarquistas, com formação predominante em São Paulo, Recife e Coimbra.

Por razão de cunho político, a unificação das faculdades só ocorreu após quase trinta anos de funcionamento independente.

Não conseguimos informações sobre o currículo, mas a julgar por um trabalho realizado por Anísio Teixeira, haviam semelhanças com o da Faculdade Livre da Bahia.

Observamos a partir da leitura de dois manuscrito especificado como *Pontos do Direito Administrativo*, elaborado por Dr Anísio, enquanto discentes da Faculdade de Direito no Rio de Janeiro, arquivados no CPDOC, sob as classificações AT pi Teixeira, A. 1921.04.13 e AT pi Teixeira, A. 1921.05.18, que Dr Anísio usou estratégias de escrita que demandaram planificações e pesquisas para a sustentação do explanado.

Para tanto, utilizou-se de esclarecimentos oriundos da etimologia, de diferenciações do conceito em áreas distintas, confrontos entre percepção de autores, bem como de uma revisão histórica sobre o surgimento do termo para desenvolver o estudo.

Tais manuscritos, de certa forma, revelam que Dr Anísio utilizou-se de uma conduta científica para elaborar o estudo. Cabe destacar, que Dr Anísio saiu dos bancos escolares do Colégio Antônio Vieira direto para cursar a Faculdade de Direito na Bahia, sem participar de nenhuma atividade preparatória.

Portanto, podemos arriscar inferir que mesmo que tenha se aprimorado ao longo do curso de Ciências Jurídicas na Bahia e no Rio, Dr Anísio no que se refere a forma de desenvolver estudos e discorrer sobre temáticas que demandavam etapas investigativas, já aportava, curiosidade e disciplina intelectual, que acaba por determinar uma forma de pensar que exige um interrogar que não aceita respostas aligeiradas oriundas exclusivamente do sensu comum.

O CPDOC nomeou os manuscritos como *Pontos do Direito Administrativo*, ao catalogá-los na base de dados, sobre Anísio Teixeira, da Instituição. Como ilustração, cabe mencionar que a introdução de aulas de Economia Política, um tipo de curso de técnicas comerciais de nível médio, foram introduzidas no Brasil em 1808, com a chegada da corte portuguesa e em torno de um mês da abertura dos portos e nomeado José da Silva Lisboa¹¹³, posteriormente Visconde de Cayru, o responsável pela mesma. Anos depois a disciplina Economia Política foi introduzida nos currículos dos cursos de Direito criados em 1827, em Olinda e em São Paulo, o que, inclusive, vai ao encontro do desejo manifesto do Visconde, que justifica: “os estudos econômicos seriam essenciais para o aproveitamento dos recursos da natureza, gozo integral do fruto do trabalho, usufruto das delícias da vida, possibilitando a abundância e a felicidade da nação” (LISBOA apud SPAIZMANN e SANSON, 2006, p.267).

Entretanto, apesar de percebermos empenho na realização dos trabalhos arquivados no CPDOC, e de um currículo que busca atender orientações relevantes para a época, o jovem Anísio não se empolgava com o curso superior que seguia e continuava desejoso de ingressar na Companhia de Jesus como demonstra trecho, disponibilizado a seguir, de carta recebida do irmão Oscar que, à época trabalhava nos Estados Unidos.

BOX 67

Wilkinsburg, Pa.

Em 16 de Maio de 1921.

Anísio:

Tenho em mãos sua última carta de 16 de Março. Como a anterior é ella longa, cheia de judiciosos conceitos, muito bem escripta, e, em todos os pontos, pondo a descoberto, a sua excessiva modestia. Não sei se conseguirei responder nas mesmas condições, para tanto falta-me talento. Vou lhe mandar uma pallida resposta, que se não tem o valor litterario das suas cartas, tem como ellas um alto gráo de sinceridade. O seu juizo de que o direito não pode como a engenharia ou a medicina, ser estudado nos cursos, por ser mais extenso e menos concreto, não encontra o meu apoio. Não é isto mas provavelmente, que o facto de trilharmos direcções differentes nos conhecimentos humanos, e, como só podemos julgar criteriosamente o que vemos, supponho cada um ser o nosso ramo o mais extenso e difficil. A engenharia passou do campo da especialização para o da super-especialização, tal a sua extensão. É impossivel encontrar um engenheiro notavel que não seja super-especialista. A engenharia hoje abranje todos os conhecimentos humanos, é ela que traz o progresso, é ela a chave de todos os grandes problemas. O mundo comercial assenta-se sobre a engenharia. O que seria uma economia universal se não houvesse as industrias creadas e aperfeçoada pela engenharia?

Por ser a engenharia a parte dos conhecimentos humanos que mais utilidades presta ao homem, quer pelo seu concurso directo, quer pelo auxilio que ella presta a medicina emesmo ao direito, tem tido n'estes tempos de

¹¹³Economista baiano do século XIX, com destaque na historiografia por sua contribuição (controversa) à abertura dos portos, em 1808.

utilitarismo um enorme avanço. As grandes descobertas modernas pertencem a engenharia, ahí estão: o aeroplano, o telegrapho e o telephone sem fios, o raio X, as espantosas modernas applicações da electricidade, etc., etc.

Evidentemente nenhum curso de escola, poderá dar ao homem, quer no direito, quer na medicina ou engenharia, se não uma muito ligeira idéa sobre generalidade. Só depois com um estudo longo e especializado, poder-se-a chegar a conhecer alguma coisa.

O facto de V. já estar descrente de sua intelligencia é um mal comum a todos nós. Encontramo-nos ainda na juventude, e sem termos ainda travado lucta com os serios problemas da vida, já a desconfiança dos de casa; acabamos por participarmos d'esta desconfiança, e lá vem o desanimo e a descrença. É preciso reagirmos, se julgarm-nos incapazes sirva-nos isto de incentivo para a victoria.

Passo a "vol d'oiseau" sobre a parte religiosa de sua carta por falta absoluta de competencia no assumpto. Estou crente que a religião é um bem. Crer não depende da vontade. Todas as idéas philosophicas que têm por fim prender os homens a illusões mais ou menos bellas, produzem a esperança e portanto a felicidade. Não quer isto dizer que eu julgue a sua religião uma illusão, como já disse falta-me competencia no assumpto. Refiro-me a outras doutrinas philosophicas.

O maior mal do homem é a falta de character. Quando o homem acceitar como um dogma o proceder bem, estarão mais facilmente resolvidas todas as questões politicas e sociaes do que quando cada um acreditar em um Deus que lhe deve dar sempre ganho de causa contra os outros. Ahí está o Deus allemão a aconselhar a guerra, o deus francez a mandar que se destrúa o vencido com a mais cruel vingança. Cada qual cita o seu Deus em defesa de seus principios, como se um mesmo Deus pudesse produzir sentimentos tão contrarios em relação ao mesmo povo [...].

Com affecto abraça-lhe o Oscar

Como nota de observação anexada à carta acima, Oscar informa ao jovem Anísio de que depois de escrita a carta chegaram na sua residência, nos EUA, cartas do pai, da mãe, da irmã Celcina, jornais e uma nota do tio Rogaciano. Diz que entre outros assuntos, abordam a resolução de Anísio Teixeira torna-se jesuíta. E que a mãe, contraria a ideia, pede para que ele (Oscar) lhe dê conselhos a respeito. Oscar dizendo para Anísio que conselho só se dá a quem se pede, solicita que Anísio Teixeira não tome o que vai dizer-lhe como conselho e começa a expor seu pensamento sobre a questão dizendo:

Em principio não sou contra a idéa de ser frade. No entanto penso que nunca seria frade pela simples razão de ter muito amor a minha liberdade. Todas as posições que leva-nos a ficarmos presos por juramento ou por votos de qualquer especie, só devem ser resolvidas depois de madura meditação. Não deve V. contar com sua força de vontade para realização de seus planos. Trazemos do berço, sentimentos diversos, que muito pouco são influenciados pela educação, e com os quais estamos em constante lucta para fazer desaparecer os maus e aperfeiçoar os bons. Não podemos ter a presumpção de derrotarmos os maus sentimentos apenas porque assim queremos. O meu modo de pensar é que V. só deve tomar uma tal definitiva resolução depois de muito demorada reflexão. Quanto ao facto de exercer os deveres christão eu não penso que o frade os exerçam melhor que um advogado e um bom juiz. Para mim V. devia de preferencia seguir a magistratura. No nosso pais a falta quase absoluta de justiça é infelizmente um facto. Qualquer factor por menor que seja que contribua para o melhoramento da justiça, aumenta em muito a parte sã da justiça brasileira, ao passo que como frade V. em muito pouco elevaria o conceito d'este martyres da humanidade. Distribuindo justiça, aquillo pelo que o brasileiro mais aneia não serviria V. a Deus e a sua patria? Eu penso que não é preciso fazer-se um voto de virtuoso para se o ser. Mesmo como magistrado V. serviria mais a sua religião que como frade. O frade é pelos descrentes mal recebido pelo facto de ser

frade, ao passo que o bom juiz todos querem, todos o desejam. Para que mais sublime obra para um christão que converter estes infelizes que a desgraça leva aos bancos dos réos! Como frade V. não pode ter a certeza de trabalhar pelos infelizes, como juiz V. tem certeza de estar em contato com os desgraçados. O meu desejo é que V. pense muito e muito antes de tomar resolução definitiva, e também discuta o caso (OSCAR, 1921)

Anísio Teixeira segue a orientação do irmão, ou seja, pensa muito e resolve concluir o curso de Direito, para só então retornar a Salvador. Não obstante tal decisão, continua inclinado a dedicar-se a vida religiosa. Portanto uma das primeiras ações ao regressar, foi voltar a participar das atividades da Congregação Mariana vinculada ao Colégio Antônio Vieira, suspensas em decorrência da sua transferência para o Rio de Janeiro.

Na carta o irmão Oscar, que demonstra ter recebido outras cartas do jovem Anísio sobre assunto correlato, deixa transparecer que o desejo do jovem Anísio era servir ao próximo. Desejo que, também, pode ser observado quando o jovem Anísio fala do caboclo sertanejo, na crônica titulada de *Alto Sertão da Bahia*, escrita em 1926, e apresentada em evento realizado no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia IGHB.

Quando Anísio Teixeira chega ao Rio de Janeiro para complementar o curso de Direito, no período pós primeira guerra, é grande a efervescência político-social na então capital do Brasil.

Tratava-se de um período delicado que já aportava tensões e rupturas para a vaga de Wenceslau Braz na presidência da República.

Acontecimentos externos que tiveram ressonância aqui no Brasil como, por exemplo, a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914 -1918) e a Revolução Russa (1917), contribuíam para acentuar tal efervescência.

De forma breve, cabe lembrar que de 1889 a 1929 prevaleceu no Brasil a política denominada café com leite, que consistia na alternância entre mineiros e paulistas na presidência do país.

Nesse período a economia brasileira era essencialmente agrário-exportadora, isto significa que se vendia produtos primários, particularmente o café, e importava-se produtos industrializados. Esta situação só começa a mudar na década de XX, em decorrência do florescimento do movimento operário; dos levantes dos tenentes, denominado de *Tenentismo*; e disputas eleitorais entre diferentes segmentos da oligarquia rural. Cabe destacar que para tal efervescência contribuíram, também, os efeitos internos da Primeira Guerra Mundial. A dificuldade para importar produtos industrializados, impôs ao Brasil um impulsionamento para que fosse instaladas estruturas fabris simples.(CUNHA,1980)

Em tal contexto, uma parcela significativa da população, particularmente a ligada ao trabalho nas fábricas, desperta e passa a demonstrar suas insatisfações, o que retroalimenta a efervescência social do período.

Este fenômeno teve repercussão no campo educacional o que, de certa forma, acaba por direcionar o discurso para questões educacionais.

A esse respeito, Cunha (1980) destaca que aos senhores das oligarquias rurais, grupo social hegemônico da época, interessava mais a educação moral dos trabalhadores do que a difusão do ensino primário. Entretanto, impulsionado pelas mudanças que foram sendo estabelecidas, a partir de novos arranjos políticos, emergiram desse contexto, profissionais interessados por

educação, que pretendiam remodelar o sistema de ensino, por acreditarem que os males da nação poderiam ser minimizados com a erradicação do analfabetismo através de uma instrução pública.

Esse movimento segundo Fausto (1995), começa a tomar força política conforme pode ser observado a seguir:

A presença da classe média urbana na cena política tornou-se mais visível. De um modo geral, esse setor da sociedade tendia a apoiar figuras e movimentos que levantassem a bandeira de um liberalismo autêntico. Ou seja, a defesa de um governo de levar à prática as normas da Constituição e das leis do país, transformando a república oligárquica em república liberal. Isso significava, entre outras coisas eleições limpas e respeito aos direitos individuais. Falava-se em reforma social, mas a maior esperança era depositada na educação do povo, no voto secreto, e na criação da justiça eleitoral (FAUSTO, 1995, p.305)

O então ex-presidente Rodrigues Alves, eleito com o apoio dos estados de São Paulo e Minas Gerais, faleceu antes de tomar posse. Para casos como estes, a Constituição em vigor à época, previa que fossem realizadas novas eleições.

O vice-presidente Delfim Moreira assumiu o governo até que um novo presidente fosse escolhido. A convocação de novas eleições gerou uma crise política em torno da sucessão presidencial que ficou polarizada entre as candidaturas de Rui Barbosa e do paraibano Epitácio Pessoa, representante dos cafeicultores.

O resultado eleitoral foi favorável à política café com leite, com a vitória de Epitácio Pessoa que governou o país – 1918 a 1922 – em um contexto de inúmeras agitações sociais, principalmente na área trabalhista; por rebeliões militares e pelo aprofundamento das divisões políticas entre as oligarquias dominantes.

Essas crises de origem política e social prenunciaram a desintegração da República oligárquica, fato que ocorreria no final da década, com a Revolução de 1930.

Cabe ressaltar que a década de XX, em publicações referentes à história do Brasil, é destacada pela ascensão do movimento operário.

Nessa época, o operariado brasileiro era composto majoritariamente de imigrantes europeus, principalmente italianos e espanhóis, e que estes foram responsáveis pela introdução no país, de novas ideologias políticas muito em voga na época, como o anarquismo e o socialismo. São eventos importantes desse período, quase todos datados do ano de 1922: a Lei de Repressão ao Anarquismo - que defendia os interesses das oligarquias agrárias, em 1921; a fundação do Partido Comunista Brasileiro - PCB; a Semana de Arte Moderna; e a Revolta do Forte de Copacabana.

Portanto, é nesse contexto, que amplia-se um despertar para a necessidade de espriar o sistema educacional brasileiro para além da formação das elites, que Anísio Teixeira conclui o seu curso superior e retorna a Bahia.

Após as acaloradas manifestações do período e com Dr Anísio já desempenhando funções na área de educação, na Bahia, é fundada no Rio de Janeiro, em 1924, a Associação Brasileira de Educação – ABE, que veio a somar-se a outras duas: A Associação Brasileira de Ciências, fundada em 1916, e a Associação Brasileira de Letras – ABL, em 1897. Todas ainda em funcionamento na atualidade e frequentadas por Anísio de Teixeira e/ou amigos deste, durante

e/ou depois do período em que frequentou o curso de Direito, quando retorna ao Rio de Janeiro para assumir cargo público como detalharemos posteriormente.

No que se refere a ABL, destacamos que Inglez de Souza, citado por Anísio Teixeira no trabalho monográfico de sua autoria e referido anteriormente, foi membro fundador da Associação e professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, responsável pela disciplina Direito Comercial.

Ele não chegou a ser professor de Anísio Teixeira, pois ele faleceu em 1918 e neste ano o jovem Anísio ainda cursava Direito na Bahia. O professor citado é o autor do livro *O Missionário*, considerado pelos críticos literários como sendo uma obra-prima e por Alfredo Bosi¹¹⁴, como um romance tese.

Inglez de Souza é considerado um dos grandes nomes do romance naturalista brasileiro, ao lado de Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro e Adolfo Caminha, cujo o romance de cunho regionalista *A Normalista*, mesmo não tendo muita repercussão à época em que foi escrito, 1893, é considerado uma referência importante nesse estilo de escrita romanesca.

O missionário narra com minúcia de detalhes a ascensão, a iniciação amorosa e a queda de um sacerdote brasileiro em plena selva amazônica, que o autor conhecia bem e que descreve, portanto, sem qualquer romantismo, mas, sim, através das lentes de um observador crítico.(...).Inspirado nas mesmas questões de corrupção eclesiástica que moveram Eça de Queiroz a escrever O crime do padre Amaro, um dos marcos do Realismo em Portugal, em O missionário, Inglez de Souza destitui seu protagonista da suposta missão evangelizadora que deveria empreender na região Norte do Brasil, mas especificamente, na Amazônia brasileira. Dessa forma, faz que seu personagem se deixe corromper justamente a partir das diretrizes naturalistas segundo as quais a obra é composta. (MATTOS apud SOUZA, 2010, s/p)

Não obstante ao fato de não podermos afirmar que Anísio Teixeira leu o livro de autoria de reconhecido professor da faculdade de Direito, pode-se, inferir que as *diretrizes naturalistas* referidas na citação acima deviam ser do conhecimento de Dr Anísio, pois devia fazer parte de algumas rodas de conversas da Faculdade de Direito frequentadas pelo jovem Anísio.

O Naturalismo foi um movimento cultural que surgiu na França, no século XIX, relacionado às artes plásticas, literatura e teatro. Este movimento foi uma radicalização do Realismo e tinha como principais características tentar explicar o mundo através: 1) das forças da natureza; do condicionamento do homem às características biológicas hereditárias e ao meio social em que vive. Características marcadas pelo evolucionismo de Charles Darwin.

Cabe destacar que a Igreja, como demonstrado posteriormente, não faz objeção, desde que a gênese seja uma criação de Deus, ao evolucionismo proposto por Darwin.

No Naturalismo, a realidade é mostrada de forma científica, influenciada pelas ideias positivistas da época. Este movimento chegou ao Brasil no final do século XIX. Os escritores brasileiros abordaram a realidade social brasileira, destacando a vida nos cortiços, o preconceito, a diferenciação social, entre outros temas. O principal representante do naturalismo na literatura brasileira foi Aluísio de Azevedo, cujas principais obras foram: O

¹¹⁴ Alfredo Bosi professor da USP, crítico e historiador de literatura brasileira, membro da ABL.

Mulato, Casa de Pensão e O Cortiço. Outros escritores brasileiros que merecem destaque neste tipo de literatura são: Adolfo Caminha, Raul Pompéia e Inglês de Souza, professor da Faculdade de Direito.

Fizemos tal observação com o objetivo de adicionar novos elementos que são úteis para ir delineando percursos que podem ter influenciado Dr Anísio nas suas reflexões sobre razão e fé, ou ciências e religião.

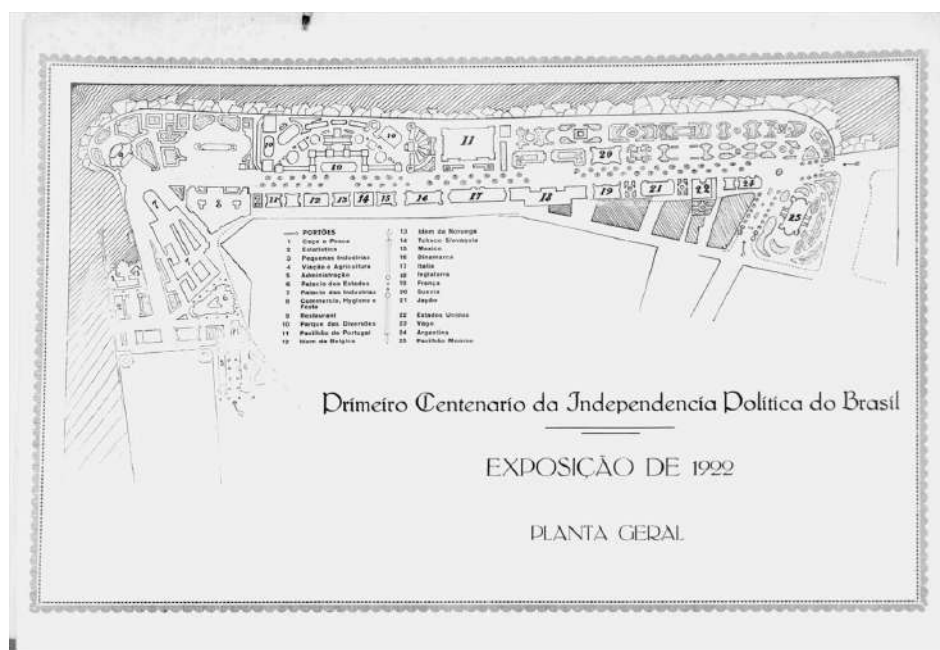
Um fato histórico marcante, que coincidiu com o período em que Dr Anísio residia no Rio de Janeiro para cursar Direito, foi a preparação para a Exposição Universal¹¹⁵ Esta foi organizada visando ser parte integrante da comemoração do Centenário da Independência.

O governo do presidente Epitácio Pessoa tentou, através da exposição, recuperar seu abalado prestígio diante da efervescência social.

Segundo divulgado amplamente em vários periódicos do período, a Exposição Universal foi monumental, conforme demonstra os seguintes dados: 2.500 metros entre pavilhões que eram *deslumbrantes monumentos arquitetônicos*, cuja a entrada principal, tinha 33 metros de altura e ficava na avenida Rio Branco – importante endereço do Rio de Janeiro à época.

Na avenida das Nações se alinhavam os palácios e representações estrangeiras. Mais adiante, segundo mencionado por vários periódicos, avistava-se a praça com os palácios brasileiros, que conforme destacado em vários jornais que circularam no período, eram *majestosos monumentos que representavam nossa riqueza e a nossa capacidade de trabalho*.

FIGURA 41: Exposição Universal de 1922: Documento produzido pelo órgão da comissão organizadora do evento, Rio de Janeiro, 1922 a 1923.



FONTE: <http://memoria.bn.br>

¹¹⁵ Programa da Exposição Nacional pelo Centenário da Independência, 1921. Rio de Janeiro (RJ). (CPDOC/ISL-45f) Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos20/CentenarioIndependencia/ExposicaoUniversalRJ>. Acesso em 10 de junho de 2016.

A Exposição, cujo o número de expositores rondou a casa de dez mil, durou até abril de 1923. O governo federal objetivou com tal exposição e conseguiu, tirar proveito das comemorações. Entretanto, a crise política permaneceu até o início dos anos 1930.

Para a área da educação, a década de 1920 foi um período de importantes mobilizações e realizações. Entre estas destacamos as reformas educacionais, que foram espaços conquistados, para pensar e agir em prol da educação pública, na medida em que não havia, ainda, um sistema educacional estruturado como o existente nos dias atuais.

Foi nessa década que um dos movimentos mais importantes, marco na história da Educação no Brasil, a *Escola Nova*¹¹⁶ materializou-se com o apoio de grandes expoentes da elite intelectual brasileira. Tal marco porta como ponto principal, a defesa de uma escola pública, universal e gratuita.

A universalização e equidade do processo educacional também estava na pauta das reivindicações do movimento da *Escola Nova*, que pretendia, a partir do acesso a escolaridade, atingir igualdade de oportunidades. As diferenças ficariam restritas aos talentos pessoais e as características de cada um e não no acesso a um processo educativo, desejado de qualidade. Outro ponto importante e que motivou reações contrárias, foi o de que o ensino deveria ser leigo, ou seja, sem a influência da orientação religiosa que tinha marcado os processos educacionais no Brasil, desde o período da Colônia.

A função da educação defendida nesse período estava focada em formar o cidadão livre e consciente, que pudesse contribuir com o desenvolvimento de um grande projeto de *Estado Nacional* que começava a ser delineado pela elite intelectual local.

Enfim, ao retornar a Bahia, após a conclusão do curso de Direito, mesmo ainda desejoso de se converter a Companhia de Jesus, Dr Anísio aportava as novas referências agregadas a sua bagagem intelectual.

A oportunidade de ingressar em função pública de direção no Estado será o grande desafio que acabará por dissuadi-lo, definitivamente da ideia de ser jesuíta. A frente da Instrução Pública, realiza a terceira reforma regional do ensino, assim como as até então já realizadas por Sampaio Dória, em 1920, em São Paulo e a de Lourenço Filho, de 1922, no Ceará.

Cabe destacar que, depois da reforma da Bahia, ainda aconteceram, na década de 20, mais quatro reformas educacionais no Brasil. A de José Augusto Bezerra de Menezes (1925-1928), no Rio Grande, a de Lisímaco Costade e a de Francisco Campos (1927-1928), no Paraná e em Minas Gerais respectivamente e, finalmente, a de Fernando de Azevedo (1927-1930) no atual Estado do Rio de Janeiro, à época Distrito Federal.

¹¹⁶ A Escola Nova, também chamada de Escola Ativa ou Escola Progressiva, foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX[1]. Nascido na Europa, tendo como um dos fundadores o suíço Adolphe Ferrière, e América do Norte, chegou ao Brasil em 1882, pelas mãos de Rui Barbosa, e exerceu grande influência nas mudanças promovidas no ensino na década de 1920, quando o país passava por uma série de transformações sociais, políticas e econômicas. O mundo vivia, na época, um momento de crescimento industrial e de expansão urbana e, nesse contexto, um grupo de intelectuais brasileiros sentiu necessidade de preparar o país para acompanhar esse desenvolvimento. A educação era por eles percebida como o elemento-chave para promover a remodelação requerida. Inspirados nas ideias político-filosóficas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, esses intelectuais viam num sistema estatal de ensino público, livre e aberto, o único meio efetivo de combate às desigualdades sociais da nação.

1.4 – Congregação Mariana e o Circulo Católico de Estudos da Mocidade Acadêmica

Com recorte temporal cujo o início, geralmente, é associado a conquista turca de Constantinopla em 1453, e termino na Revolução Francesa em 1789, a Idade Moderna tem entre seus principais acontecimentos os seguintes marcos: Grandes Navegações; Renascimento; Reforma Religiosa; O Absolutismo; O Iluminismo e Início da Revolução Francesa.

Cabe destacar que na Idade Média, antecessora de um novo período, os campos científicos pouco avançaram, sendo a igreja a grande detentora do domínio do conhecimento e que consegue acumular grandes riquezas.

A Idade Moderna, ao contrário, é uma fase de grandes transformações, de grandes revoluções e mudanças na forma como o mundo passa a ser percebido. Na filosofia e nas ciências, nota-se a crise da Escolástica. É um período de descobertas e de mudanças social, econômica e religiosa. Nesta última, muda o modo como as pessoas passam a visualizar a Igreja e como os Estados passam a perceber a autoridade papal, o que provoca mudanças nas relações de poder da Igreja.

A reforma liderada por Martinho Lutero, contra a igreja católica questiona a santidade papal, não apoia o uso das indulgências pregadas pela Igreja, entre outros princípios até então, não questionados. Na perspectiva de Lutero, estas e outras práticas da Igreja Católica só serviam para oprimir o povo. Não trazia crescimento espiritual.

A reforma fez grande sucesso na Europa e foi uma forma de muitos governos demonstrarem descontentamento em relação aos interesses religiosos.

Como resposta à reforma, um movimento da igreja católica denominado de *Contrarreforma*, foi iniciado com o objetivo de conter o avanço da reforma religiosa proposta por Lutero. A *Contrarreforma* iniciou-se com o *Concílio de Trento*, em 1563, convocado pelo Papa Paulo III. Este *Concílio* conseguiu resgatar a hegemonia católica na Europa, mas não conseguiu apagar a influência da reforma de Lutero, que acabou por originar diversas correntes religiosas que apesar de seguirem o cristianismo, se tornam independentes da religião Católica.

Os maiores responsáveis pelo resgate de uma hegemonia católica no período, não restam dúvidas, foram os jesuítas. (MAIA, 1992)

Fundada em 1540, a Companhia de Jesus passa a aglutinar um grande número de combatentes, que utilizam a pedagogia como principal estratégia de ação para fazer frente ao crescente movimento protestante.

Para tanto ultrapassa as fronteiras da Europa e ganha o *Novo Mundo* reunindo principalmente os jovens ligados aos colégios para que aprendessem sobre os princípios nos quais baseou-se o *Concílio de Trento*.

Tais grupos, ao se reunirem, formam associações e são estas os embriões do que, mais tarde se consolidariam como sendo as Congregações Marianas.

O registro dessa primeira associação no mundo, data de 1563, quando em Roma, o jesuíta belga Jean Leunis, a cria para incentivar a devoção à Virgem Maria, como forma de cultivar elementos católicos que conseguissem evangelizar os infiéis.(MAIA,1992)

A imagem, de uma santa, que além de mãe de Deus, é mãe de todos, funcionaria como um elo entre o humano e o sagrado. (MAIA,1992)

A primeira associação criada no Brasil data de 1583, ou seja, vinte anos após a criação da primeira. Foi instalada no Colégio dos Jesuítas da Bahia, sob a responsabilidade do Pe José de Anchieta.

Cabe destacar que no Brasil, após o retorno dos jesuítas, datado de 1870, até o ano de 1900, fundaram-se 26 Congregações, e que entre os anos de 1900 a 1918 fundaram-se 106, entre estas a do CAV. Entretanto a expansão destas continuou acelerada, registrando no período de 1918 a 1929 a criação de mais 128, e de 1928 a 1938, a cifra de 848 congregações. (MAIA, 1992)

Este crescimento exponencial, é um bom exemplo e justifica, em parte, o entusiasmo do jovem Anísio com os feitos da Ordem, pois junto com as Congregações vinha a evangelização, mas, também, os serviços sociais.

Os princípios fundamentais de uma Congregação Mariana, guardadas as peculiaridades de cada contexto, em linhas gerais eram: ações eminentemente missionária; o tempo é regulado de maneira equivalente para todos e é vigiado pelo exame de consciência; as meditações são vedadas, a imaginação é dominada e a hierarquia interna é valorizada; a penitência era bastante comum; procissões, romarias e festas cristãs eram constantes; os congregados não podiam ser revolucionários, mas buscariam transformar o mundo e praticar a caridade; deveriam ser verdadeiros cruzados em defesa do modelo de ser humano, ou seja, Maria a mãe de Deus; sempre buscariam valorizar o matrimônio e a família; as congregações eram marcadas por atitudes coletivas na vida religiosa; contribuiriam para unir a teologia à religiosidade popular; fomentariam o culto às procissões, à Via Sacra, à Santa Casa do Loreto, aos santuários, especialmente os voltados à Virgem (MAIA, 1992)

Alguns atributos foram sendo adicionados ao longo do tempo, mas sempre em torno dos princípios listados. “O anticomunismo, a partir do século XIX, por exemplo, passou a ser uma bandeira das Congregações Marianas chegando, em decorrência disso, a serem consideradas instituições de matriz fascista por alguns analistas”. (MAIA, 1992, p. 66)

A Congregação Mariana Acadêmica - CMA, criada no CAV, em 10 de maio de 1916, pelo Reitor Pe Antônio Maria Alves, cujo o objetivo maior foi agregar acadêmicos de escolas superiores da Bahia às ações da Companhia no Estado, iniciou suas atividades com 5 acadêmicos fundadores, sendo 2 de Medicina, 2 de Engenharia e 1 de Direito, distribuídos nos cargos de presidente, 1º e 2º assistentes, secretário e tesoureiro do primeiro conselho da CMA.

FIGURA 42: Salão da Congregação Mariana, no CAV da rua Coqueiro da Piedade.

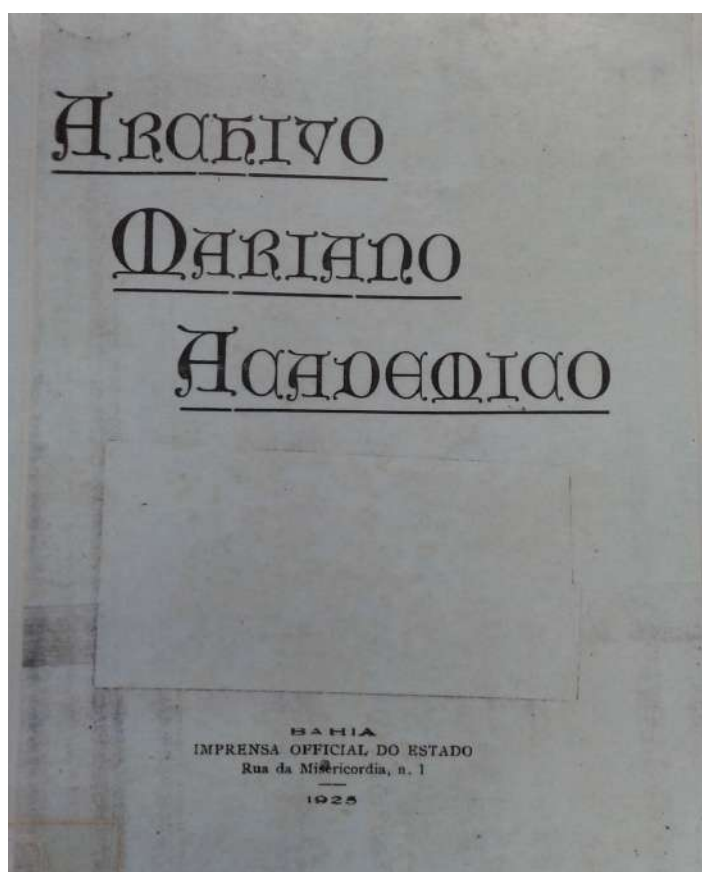


FONTE: Arquivo CAV

No ano seguinte a criação da Congregação no CAV, em 26 de agosto, foi fundado o *Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica* (CCEMA), pelo Pe Luiz Gonzaga Cabral, com o objetivo de reunir acadêmicos congregados ou não ao CMA, em torno de discussões culturais, científicas e literárias.

Informações do CMA, bem como dissertações e outras produções do CCEMA, podem ser acessadas através de dois volumes da publicação *Archivo Mariano Academico*, referentes aos períodos de 1916-1923 e 1924-1928. Ambos disponíveis para consulta na atual biblioteca da sede do CAV, no bairro do Garcia.

FIGURA 43: Capa do volume 1 da publicação *Archivo Mariano Academico* – 1925.



FONTE: CAV

A publicação do primeiro volume foi patrocinada pelo governo do Estado da Bahia a partir de iniciativa do Pe Cabral, que alegou não ter recursos para fazê-la. Em sendo assim, apresentou uma solicitação de apoio à Assembleia Legislativa, com memorial em anexo, que foi publicado no *Diário da Assembleia*, em 12 de julho de 1922. Convertida em projeto, a solicitação da publicação do CMA foi aprovada em discussão regimental e sancionada pelo governador José Joaquim Seabra que a incluiu na lei orçamentaria de 1923.

O primeiro volume, publicado em 1925, é formado por duas partes. Uma de crônicas e outra de dissertações e alocações. Na parte dissertação consta a monografia entregue e defendida

pelo jovem Anísio no CCEMA, em 1919, bem como de outros acadêmicos, escritas e defendidas até o ano de 1924, conforme pode ser observado no índice disponibilizado a seguir.

FIGURA 44: Parte II do índice do vol. 1 da publicação *Arquivo Mariano Academico*, publicado em 1924.

II		III	
Transformismo, Linguística e Lexico: pelo Academico de Medicina Herbert Parentes Fortes	107	Influencia do cinema na sociedade do mesmo auctor	505
Apostilas ao Dicionario de Candido de Figueiredo do mesmo auctor	123	Um alicerce pedagogico pelo Academico de Direito Felipe de Freitas ..	525
Estudos e Reflexões sobre lingua Portuguesa do mesmo auctor	157	A educação começa de casa pelo Academico de Medicina Octacilio Carvalho Lopes	539
As Obras Catholicas da Mocidade pelo Academico de Engenharia João de Vasconcellos Martins	299	O ensino agricola pelo Engenheiro Agronomo Antonio de Azevedo	547
Infeção e Imunidade pelo Academico de Pharmacia Berilo da Fonseca Neves	317	Influencia dos Jesuitas pelo Academico de Direito Anísio S. Teixeira ..	581
Vida e Alma pelo Academico de Medicina Leão Sampaio	341	Caixas rurais e cooperativas pelo Engenheiro Agronomo Antonio de Azevedo	611
Da Influencia do Christianismo sobre a Arte pelo Academico de Medicina Guilherme de Azevedo Ribeiro	365	O Darwinismo pelo Academico de Medicina José Monteiro Sampaio	625
Industrias Agricolas no Brazil pelo Academico de Engenharia Djalma Guajarrino Maia	377		
Verdade do Sentimento Religioso estudado na utilidade do mesmo pelo Academico de Medicina Herbert Parentes Fortes	411		
Dr. Mario de Magalhães Campos pelo Academico de Engenharia Antonio d'Araújo e Aragão Bulcão	449		
Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica	453		
D. Amelia Rodrigues	459		
Dante Alighieri pelo Academico de Medicina Luiz Ribeiro Senna	491		
Verde-Esperança pelo Academico de Medicina Octacilio Carvalho Lopes	497		
Parabens do mesmo auctor			

FONTE: CAV

No ano de 1919, já como acadêmico de curso de Direito na Bahia, Anísio Teixeira assume, junto com Herbert Parent Fortes, a função, de assistente da Congregação. Neste mesmo ano escreve a dissertação titulada de *Influência dos Jesuítas*, que é apresentada, na forma de conferência, em sessão de julho de CCEMA, sendo posteriormente incluída para publicação neste primeiro volume do periódico titulado de *Arquivo Mariano Academico*.

É esta dissertação que Pe Cabral sugere que o jovem Anísio apresente ao pai para tentar sensibilizá-lo e dissuadi-lo da ideia de que este deve se transferir para o Rio de Janeiro, Distrito Federal, onde vivia o tio Rogaciano, para completar o curso de Direito.

Sobre a transferência esclarecemos que para Anísio ingressar ou não na Companhia significou longa dúvida alimentada pelo veto do velho Deocleciano. Distante de qualquer convicção religiosa, sonhava este com uma brilhante carreira politica para o filho. Na realidade, obstáculo que o padre Cabral jamais demoveu, por maiores que fossem seus esforços para conseguir dissuadi-lo de tal ideia e aceitar o ingresso do jovem Anísio na Ordem. Exemplo disso foi a penosa viagem realizada pelo Pe Cabral a Caitité, somente justificada por um

grande objetivo. “A beleza da caça” explicava a caminhada do caçador. Inteligente, perspicaz, Deocleciano percebera o que significaria a permanência de Anísio na Bahia. Resolvera por isso transferi-lo para o Rio, juntamente com o irmão Jaime. O terceiro, Nélson, permaneceria em Salvador”. (VIANA. 1990, p.12)

Apesar das estratégias adotadas ou sugeridas por Pe Cabral, a transferência se concretiza e Anísio Teixeira vai terminar o curso na, então, capital do Brasil. Durante esse período não apresenta mais nenhuma conferência ao Circulo, mas volta a fazê-lo, a partir de 1924, após a conclusão do curso e, inclusive, depois ingressar no mundo do trabalho.

No período que permaneceu no Rio, o contato com a CMA do CAV foi mantido através de cartas trocadas com ex-colegas do colégio e da Congregação, bem como ex-professores, principalmente o Pe Cabral que, assim com o jovem Anísio, continua alimentando a ideia de que o mesmo ingressaria, após formado, na Companhia de Jesus.

No regresso a Bahia, Anísio Teixeira é eleito e assume a coordenação do CCEMA, em 11 de maio de 1924. No ano seguinte, em 25 de abril, é reeleito por mais um período de um ano.

No segundo volume da publicação *Archivo Mariano Academico*, organizado com estrutura similar ao primeiro, três novas dissertações de sua autoria são publicadas, são elas: *À Sombra do catolicismo* de 1924, *Jacques Rivière*, de 1926 e *Acies Ordinata* de 1928. Sobre estas e mais a *Influência dos Jesuítas*, publicada no volume 1, o ex-colega de colégio, de Congregação Mariana e de trabalho na Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia, no ano de 1947, Thales de Azevedo, faz a seguinte observação:

Em todos esses estudos, ademais da expressão de profundas convicções e sentimentos, mostra-se o pensador preocupado com a lógica da argumentação e a força do raciocínio, procurando a verdade, a exatidão, a comprovação do que afirma. À inteireza do caráter alia, invariavelmente, a integridade do pensamento. (AZEVEDO, 1989, p.41)

Na citação acima constam observações feitas por Dr Thales setenta anos após Anísio Teixeira ter escrito a dissertação *Influência dos Jesuítas*. Estas vão ao encontro de uma forma de pensar e escrever cientificamente, o que constatamos através de uma análise atenta sobre as escolhas e formatação com que o jovem Anísio desenvolve a temática do texto dissertativo.

Na monografia, o jovem Anísio, com apenas 19 anos e acadêmico de Direito, introduz o tema informando que conheceu os jesuítas “naquellas longinquas paragens sertanejas”. (TEIXEIRA, 1919, p.583) E complementa dizendo que:

Desde cedo por felicidade minha fui atirado para a athmosfera sadia dos seus collegios. (...) E porque os jesuítas eram meus mestres e meus educadores estimei-os e estimei-os muito. Com esta estima incondicional e forte que se tributa aos pais. E com effeito o educador jesuíta sabe ser pai. Alliam a educação com o amor. E amor com amor se paga. (TEIXEIRA, 1919, p.583).

Se reportando inicialmente ao período de convivência com os jesuítas do Instituto Luiz Gonzaga, em Caitité, Anísio Teixeira passa a narrar sentimentos referentes a transferência para o Colégio da Ordem Jesuítica em Salvador. “Mas tarde transportei-me para cá [Salvador]. Foi dolorosa a separação dos meus affectos esticados de centenas de leguas pareceram-me todos perdidos. Mas, não. Vim aqui encontrar os mesmos jesuítas de lá. E a mesma bondade correspondeu a mesma estima”. (TEIXEIRA, 1919, p.584)

Em seguida justifica a escolha do tema que, conforme esclarece, foge dos assuntos, geralmente técnicos e científicos, tratados nos *Círculos*.

Não obstante tal observação, no segundo volume da mesma publicação, referente ao período, 1924-1927, um texto tecnocientífico, de autoria do Dr. Teodoro Sampaio, no período diretor do Instituto Histórico Geográfico, titulado de *A proposito da Indianologia Toponymia do Brazil* ladeiam textos dos acadêmicos Thales de Azevedo e Otacilio Lopes, que homenageiam o ex-professor de ciências naturais Pe Torrend. Ambos destacam as qualidades do padre, como a sólida cultura geral e científica e que se desdobra em boas orientações de leituras para os alunos e comunidade.

Segundo Azevedo (1927), Pe Torrend, foi o responsável pela criação da *Liga para Restauração dos Ideaes* e a *Liga das Bôas Leituras*, explicando que as mesmas tinham a intenção, respectivamente, de atender: “collegiaes, fundada para arrancar da futilidade as preocupações dos jovens, outra de senhoras, para diffundir a litteratura constructora de ideaes”. (AZEVEDO, 1927, p.470)

Sobre a relação de convivência entre ciências e religião estabelecida pelo Pe Torrend, Talhes de Azevedo, à época presidente da CMA, acrescenta no texto de homenagem:

Scientista e apostolo, prégador e mestre, o Padre Torrend revela um conjuncto de qualidades que o fazem um desses typos inconfundiveis e salientes na esphera de suas actividades. Indubitavel que o P. Torrend ‘ é antes de tudo um forte’. Forte na fé, primeiramente, porque parece que naquella terra onde campeia a estatua gigantesca de Nossa Senhora de França, também, as almas são caldeadas como na Bretanha pela fé do bretão que o caracteriza; contudo não falta lhe auxilio vigoroso da theologiada philosophia e das predilectas sciencias naturaes. Crê na verdade com a espontaneidade e a despreocupação dos simples; mas comprehende e raciocina com a segurança de quem tem a seu favor o depoimento insuspeito da investigação scientifica. Notavel nas arraiaes da historia natural, afamado pelos seus apurados estudos sobre algas (myxomycetas), S. Revma. Cada dia cresce na fé e na religião, não vendo conflictos nem antagonismo entre os batalhadores do exercicio divino e os trabalhadores das officinas da sciencias .(AZEVEDO, 1927, pp. 469-470)

Visão similar a descrita por Thales de Azevedo que trilhou o caminho acadêmico da medicina, sobre a convivência harmoniosa da crença religiosa e científica, devia ser compartilhada por Anísio Teixeira e outros acadêmicos à época.

Azevedo (1927), também faz referência na referida homenagem a biblioteca do Pe Torrend ressaltando:

[...] centenas de livros e só vereis paginas de Hello, Rouzic, Eymieu, Marshal, Guibert e tantos outros. [...] vereis paginas desse scientismo sadio de Moreux, Surbled, que ensinam a encontrar Deus em a natureza, a descobrir motivos de crer

nas leis da physica, nos mysterios da astronomia e da biologia. (AZEVEDO, 1927, pp.470-471)

Cabe lembrar, fato já registrado anteriormente, que apenas os pertences do Pe Torrend, entre todos os de outros jesuítas expulsos de Portugal que vieram para o Brasil, foram recuperados totalmente e por intermediação da embaixada francesa. Entre estes pertences, as exsicatas e os livros.

A partir dos autores citados por Talhes de Azevedo como integrantes da biblioteca do Pe Torrend, na alocação de homenagem ao padre de 1927, localizamos alguns títulos de autoria dos mesmos e publicados em anos anteriores ao da alocação e os incluímos no quadro abaixo.

Quadro 5: Títulos de obras dos autores citados por Talhes de Azevedo que integravam a biblioteca pessoal do Pe Torrend.

AUTOR	TITULO DA OBRA	LOCAL	ANO
HELLO Ernest	L'Homme: La vie – La science –L'art,	Paris	1899
	Prières et méditation inédites d'Ernest Hello		1911
	Les plateaux de la balance	Paris	1923
EYMIEU Antonin	Le Naturalisme devant la science	Paris	1911
GUIBERT, J. et CHINCHOLE, L.	Les Origines: Questions d'apologétique	Paris	1923
MOREUX, Abbé Th.	Que deviendrons-nous après la mort?	Paris	1914
SURBLED, Georges	La vie de jeune homme	Paris	1900
	Le secret des sourcciers	Paris	1903
	Spiritisme devant la science	Paris	1904

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações de Fernando de Azevedo e listas de bibliotecas

Na tabela com os títulos dos livros, encontramos alguns sobre ciências, mas de autores católicos. Portanto influenciados pelas orientações da Igreja.

A pesquisa, iniciada em 2016 com o apoio da FAPESP,¹¹⁷ titulada de *Congregações católicas, educação e Estado nacional no Brasil*, coordenada pela professora Agueda Bernardete Bittencourt, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, chama atenção para o grande número de religiosos, homens e mulheres, que vieram em congregações para o Brasil. Justifica esse movimento de entrada com a expulsão destas congregações, devido a laicização dos Estados Nacionais, ocorrida no continente europeu, mas, também, pela demanda crescente das elites brasileiras, por pessoal qualificado para atuarem em áreas especializadas como educação, saúde e imprensa e, também, de apoio como, por exemplo, asilos.

Esses religiosos que aqui chegaram até a primeira metade do século XX, segundo informa a coordenadora do projeto, seguiam as orientações estabelecidas pelo Concílio Vaticano I, cuja *Constituição Dogmática Dei Fillus*, promulgadas em 1870, trezentos anos após o Concílio de Trento, tratava no Capítulo 4º das questões próprias da razão e da fé, lembrando aos adeptos da religião que qualquer desacordo entre as mesmas podem ser decorrentes de falsas compreensões das proposições de fé ou das conclusões da razão.

¹¹⁷ Maiores informações do projeto ver: <http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/46833/congregacoes-catolicas-educacao-e-estado-nacional-no-brasil-1840-1950/>

O projeto foi bem-sucedido no Brasil e visava a romanização (centralização) da Igreja. Aja vista ação dos jesuítas na Bahia, no governo de Góes Calmom, quando Anísio Teixeira assumiu função pública e que detalharemos posteriormente.

Cabe destacar que a romanização no Brasil, tornou-se necessária, em virtude dos limites impostos a Igreja, pelo imperador Pedro II que, apesar de manter o catolicismo como religião oficial do estado brasileiro, influenciado pelo positivismo e liberalismo, principalmente, por ideias novas como a teoria da evolução de Darwin, não prestigiava a expansão das influências religiosas no país. (BITENCOURT, 2016)

Portanto, Pe Torrend e demais jesuítas, ao chegarem ao Brasil já aportavam as orientações da nova constituição e os livros do quadro elaborado referente a títulos de sua biblioteca pessoal traduzem isso. Como exemplo temos a livro de Ernest Hello, cujo o título da tradução em português, feita por Roberto Mallet, é *O Homem – A Vida, a Ciência e a Arte*. No livro, o autor se referindo aos jovens diz: “Quando um jovem fez, em seus caminhos, muitas asneiras [...] diz-se que viveu muito. [...] Deveríamos dizer que morreu muito. O que ele fez foi nada; ele nada fez. [...] sobreveio o tédio e é tudo”. (HELLO, 1899, p.68) Em outra parte, destacando questões sobre ciências e tecnologia, diz: “Foi por obediência que o raio conquistou a glória de transportar a palavra a qualquer distancia. Foi por obediência que a luz conquistou a glória de reproduzir a figura humana. (ibid, 1899, p.195)

A última dissertação constante no índice do primeiro volume da publicação *Archivo Mariano Academico*, é de autoria do acadêmico de medicina José Monteiro Sampaio. Ao apresentá-la no CCEMA, inicia sua fala fazendo uma comparação entre o metabolismo celular e o funcionamento do Circulo, na qual destaca que ambos necessitam de propulsores que desencadeiem ações. Dito isto foca na questão que dá nome ao documento, ou seja, Darwin, como pode ser observado no recorte disponibilizado a seguir:

[...] Exmos. Srs. Doutores illustres membros da congregação.

Ainda jovem, e já laureado com o soberbo titulo de naturalista, partira Darwin, a bordo do *Beagle*, numa expedição científica e prática comissionada pelo governo inglês, com o fim de explorar a parte sul do continente americano.

Cinco anos na faina de um navegar constante por longinquos mares, e de um estudar profundo da feraz natureza do pais que visitava, esmoreceram a rigeza física do naturalista inglês, mas como que deram maior possança àquela envergadura mácula da sua inteligência que, salvando as alturas, se alcandorara nas resplendentes cumiadas da imortalidade.

Foi aqui no seio ubertoso dessa América pujantissima, quiçá sob algum delicioso sombral das suas magnificas florestas, que lhe nasceu a ideia da transformação das espécies.

Ele mesmo o confessa em carta que escreveu a Heechel, datada de 8 de outubro de 1864, transcrita na *Historia da criação natural*.

Três anos após a sua chegada a Inglaterra, em novembro de 1859, veio à lume a origem das espécies, que tanto revolucionou as classes científicas.

Calha bem aqui esta citação: “Le livre de Darwin est venu à son heure. S’il é tait né à une é poque de paix religieuse, it au rait fait peu de bruit et les naturalistes seuls l’auraient lu”.

Mas, Senhores, apareceu a *Origem das espécies* no momento em que procuravam apagar das formosuras arquitectónicas do universo os vestígios da mão do seu sublime Arquitectu, que as arrancou do seio do nada, para as projectar no espaço ilimitado que nos envolve e assoberba.

Assustaram-se os crentes com o rejúbilo dos incredulos, e daí as apaixonadas campanhas religiosas travadas em torno da nova doutrina que em memoria do seu autor, foi consagrada pelos cientistas com o nome de darwinismo.

Julgou-se, á primeira vista, o darwinismo inconciliavel com as tradições biblicas, e houve mesmo entre católicos, vivas dissensões.

Lêde, porém, a excelente obra *A Biblia e a Natureza* de Herrich Reusch, professor da Universidade de Bonn e abalizado teólogo, no capitulo XXVI, volume 2º, e para logo vos convencereis que o *transformismo*, de que o darwinismo é uma das muitas fases, se harmonisa perfeitamente com o plano da criação exposto no *Genesis*. Serenados os ânimos e acalmadas as paixões que referviam no espirito dos beligerantes, permite-me a expressão eminentemente actual, estudou-se mais detidamente o problema transcendental da origem das espécies, e nos últimos dez anos, sirvo-me aqui de uma asserção de Luciani, veio-se a concluir que o transformismo é meramente uma hipótese sem um valor demonstrativo absoluto.

Que é o darwinismo.

O darwinismo, senhores, é uma tentativa de explicação natural do evolucionar das espécies, para se transformarem uma nas outras, no tempo e no espaço.

E' um transformismo á Darwin.

Jira tódo êle em tórno da selecção natural que é, por assim dizer a base do sistema darwiniano.

Para a concepção da sua doutrina evolutiva, partiu o naturalista inglês da selecção artificial praticada desde as mais afastadas éras.

A selecção artificial consiste na escolha judiciosa e inteligente feita pelo homem dos reprodutores de uma dada espécie, apresentando certos caractéres e variações, por agradáveis ou úteis, se desejam perpetuadas.

Graças a ela o homem tem conseguido criar numerosissimas variedades de um mesmo espécime de flôres que adornam os nossos jardins, ou de um mesmo espécime de aves que encantam os pateos de criação.

Na criação dos carneiros merinos em Saxe, como podeis lêr em Hoeckel, os criadores compreendendo o alto valor da selecção artificial, três vezes ao âno, fazem uma escolha entre os animais dos seus rebentos, e somente os que apresentam pêlos mais finos e outros caracteres de melhoria para a raça, são destinados á reprodução.

E isto explica o alto valor dos merinos nos mercados mundiais.

Mas é um officio defilimo êsse de criador.

Darwin na *Origem das especies*, pág. 26 “Nem um homem entre mil tem a agudeza de vista e segurança de criterio necessárias para torna-se um hábil criador. Um homem dotado destas qualidades, que se consagra longos ânos ao estudo dêste assunto, dêse que a ele dedica a existência inteira, aplicando-lhe toda a sua energia e uma perseverança indomavel, terá bons resultados sem dúvida e poderá realizar imensos progressos; mas a falta de uma só destas qualidades determinará forçosamente o insucesso.

O colorido das pétalas e a elegância do porte das variedades actuais do Amôr-Perfeito, do Cravo, da Rosa foram obtidos pela selecção artificial[...].

{ neste ponto cita outras experiência na mesma linha }

Mas afirmar, senhores, e aqui é que está o erro de Darwin, que em a natureza existe selecção análoga á que pratica o homem nos animais domesticos, capaz de explicar o evolucionar, é afirmar uma inverosimilhança.

Contudo o célebre naturalista diz que no mundo organizado existe esta selecção que êle chama selecção natural [...]. (SAMPAIO, 1925, p.626)

Cabe destacar que no trecho da conferência destacado acima, fica evidente que o jovem acadêmico de medicina Carlos Sampaio, estava colocando limites para a aceitação das ideias de Darwin no tocante à seleção natural.

Na sua opinião a aceitação da comunidade Católica deveria se limitar a ideia de seleção artificial, e os exemplos citados vão na linha dos princípios-chaves da herança hereditária, defendidos pelo monge austríaco Gregor Mendel, geralmente destacado como o *pai da genética*, no resultado das experiências com ervilhas e publicado em 1865.

Neste ponto apresentamos algumas considerações do Pe Ambrosio Schupp, feitas em artigo publicado, no ano de 1909, volume 8, na secção xii, que agrupa produções sobre ciencias

naturais e religião, do periódico *Broteria-Vulgarização Científica*, titulado de *A Evolução e o Homem*. Neste texto o jesuíta justifica que a evolução só pode ser compatível, dentro de uma perspectiva de *evolucionismo teleológico*. Para tanto acrescenta; “Vimos que a adaptação mecanica não basta para explicar a origem das especies”. (SCHUPP, 1909, p.147) E justifica:

O espirito pensador vê nelle mais do que um puro mecanismo cego; vê a immensa multidão dos seres, todos tendentes para um determinado fim, todos unidos entre si por uma relação mutua de causa e effeito; vê como todos movem segundo leis immutaveis e que, apesar de uma certa confusão apparente, tendem constantemente para um todo harmonicomonico e disto conclue que existe intelligencia summa, que tudo governa suave e bondosamente, tudo ordena segundo um plano incomprehensivel para o espirito humano. A esta intelligencia summa chamamos Deus e sem Elle é-nos impossivel compreender o mundo (SCHUPP, 1909, pp. 147-148).

Como forma de comprovar que não está sozinho nesta defesa e de demonstrar que tal defesa não se deve ao fato de pertencer a uma ordem religiosa, cita vários estudiosos que concordam com a ideia. Alguns muito conhecidos e outros nem tanto. Entre estes destacamos: Lord Kelvin(1824-1907), físico/matemático; Dalton(1776-1844), químico/físico; Joule(1818-1899), físico; Ampère(1775-1836), físico/filósofo; Faraday(1791-1867), químico/físico; Linnaeus(1707-1778), botânico/médico; Agassiz(1807-1873), zoólogo/geólogo e Pasteur (1822-1895), físico/químico.

Em síntese, o *evolucionismo teleológico* é uma corrente de pensamento que defende que a evolução de todos os organismos vivos parte de uma primeira criação divina. Esta corrente de pensamento, entretanto, é incompatível com as ideias do russo Aleksandr Oparin (1894-1980), biólogo e bioquímico, cuja a premissa defende que a primeira manifestação de vida no planeta Terra surgiu a partir de evolução química, gradual, de moléculas baseadas no elemento carbono.

Oparin apresentou uma versão preliminar destes estudos em 1924 alcançando reconhecimento internacional em 1953.

Entretanto, pelo defendido por Schupp (1909), não havia contradições no evolucionismo desde que fosse percebido a partir da ideia de um Deus criador da primeira vida terrena. Para ele as contradições só existiriam para aqueles que a considerassem de um ponto incompatível com a fé cristã e justifica:

[...] esta incompatibilidade não existe. Confundem estes o darwinismo, que é só uma theoria particular da evolução, com a evolução em geral. O darwinismo este sim, e especialmente na forma do monismo que Haeckel lhe deu, está em opposição com a fé christã pois faz surgir a ordem mundial não por intervenção de um creador e ordenador, mas tão somente por meio de forças puramente mecanicas. Mas, desde que admittimos um creador e sabio ordenador que a cada cousa determina um fim e lhe prescreve as leis segundo as quaes se deve desenvolver, temos um *evolucionismo teleologico* que se póde harmonizar com as doutrinas da fé. (SCHUPP, 1909, p.148)

Como complemento Schupp (1909) acrescenta a seguinte observação: "Theólogos notáveis, também católicos, declararam categoricamente, que a ideia de evolução não contradiz a fé cristã. E a autoridade da Igreja não julgou necessário proibir tais ensinamentos. (SCHUPP, 1909, p.148)

Fato confirmado pelo professor decano, Pe. Rafael. Martinez, da Universidade de Santa Cruz em Roma e físico de formação.

Em entrevista, cujo trecho reproduzimos e disponibilizamos a seguir, o doutor em filosofia e pesquisador da relação Igreja e Darwin, afirma que a única objeção radical dos eclesiásticos a uma teoria científica foi o caso Galileu.

– **Quantos cientistas tiveram problemas com a Igreja como Galileu?**

– **O caso Galileu foi único. É o único caso na História** da Igreja e da Ciência em que uma teoria científica foi realmente condenada. Também estava errado, porque foi interpretado como se Galileu fizesse a teologia. Não era claro o que era a ciência moderna: **Galileu foi, de fato, o primeiro cientista moderno. Nunca mais aconteceu.**

No século XIX, com Darwin e a evolução, os eclesiásticos se lembraram do caso Galileu e foram mais detalhados.

– **Qual foi o núcleo do problema com o Galileu?**

– Na verdade, houve dois conflitos, separados por 20 anos. O erro-chave foi no primeiro, em 1616. O **copernicanismo – que o sol estava no centro e a terra girava em torno – tinha sido ensinado** como modelo matemático **há 70 anos**. Em 1616, o livro de Copérnico foi incluído no Índice de Livros Proibidos (isto é, de acesso muito restrito) e **Galileu foi ordenado a não ensinar esse modelo como verdade comprovada**. Ele ainda podia ser usado como um modelo matemático.

»A segunda fase do conflito é que **em 1633, Galileu foi condenado por desobediência a essa ordem**. De fato, a Igreja não examinou a proposta copernicana: o que foi examinado é se Galileu desobedeceu a ordem de "não ensinar". **Ele foi punido por indisciplina** pela autoridade eclesial. A sentença foi bastante rigorosa: **prisão domiciliar**. Primeiro, uma semana, no palácio Villa Medici. Então, cerca de seis meses, ficando no palácio de seu amigo, o arcebispo de Siena. E então, **até sua morte, 8 anos após o julgamento, em sua casa, uma confortável vila** nos arredores de Florença.

– **Séculos depois, Darwin chega com suas teorias evolutivas. Como a Igreja Católica tratou isso?**

– Investigamos junto com Mariano Artigas nos arquivos do Santo Ofício (esta parte foi fechada até 1998) se houve condenação ou estudos sobre as obras de Darwin. Ficamos **surpresos: verifica-se que o Santo Ofício nunca lidou com o assunto de Darwin**. Havia documentos sobre outro Darwin, seu avô, Erasmus Darwin, um pensador livre batizado anglicano, porque escreveu um poema anti-religioso. Mas não havia nada sobre o cientista Charles Darwin

(OLIVEIRA, 2018, p.1)¹¹⁸.

Complementando as suas considerações sobre o *evolucionismo teológico* o Pe Ambrosio Schupp, jesuíta alemão (1840-1914) que veio para o Brasil e foi professor e diretor de alguns colégios no Rio Grande de Sul escreve:

Este evolucionismo que chamamos theologico póde-o qualquer sustentar e defender, mesmo o catholico, não como uma verdade inconcussa e inabalavel- pois tanto não

¹¹⁸ Destaque em negrito feito pelo autor da publicação.

se chegou ainda – mas como uma theoria, que no estado actual dos nossos conhecimentos explica talvez mais satisfactoriamente a origem das especies e dos phenomenos no mundo. (SCHUPP, 1909, p.149)

Talvez motivado pelo caráter da verdade observado na citação acima, os jesuítas portugueses objetivaram intensificar estudos em genética e, por iniciativa do jesuíta, biólogo, Luís Archer (1926-2011) foi criado mais um periódico, ou seja, o *Brotéria-genética*, em 1980. Segundo Romeiras (2016), Archer que tinha passado oito anos fora de Portugal, estudando filosofia em Braga (1951-1954) e teologia em Frankfurt (1956-1959), pretendia, em 1963, se estabelecer em Portugal,

[...] porém, por ordem do provincial, começou a procurar laboratórios onde pudesse fazer um doutoramento em genética molecular. Continuava ser uma prioridade para os jesuítas formar cientistas, como revela a abundante correspondência entre Archer e os sucessivos provinciais da Companhia de Jesus de Portugal. (ROMEIRAS, 2016, p.289-290)

Trazendo observações do jesuíta Ambrosio Schupp feitas no texto *A Evolução e o Homem*, comentado anteriormente, para a conversa que manteve com o professor e ex-diretor da *Brotéria- genética*, Pe Archer, em 2011, o pesquisador português Francisco Romeiras escreve uma síntese sobre o que foi colocado pelo jesuíta e que pode ser conhecida a seguir:

O ilustre geneticista molecular expôs, então, que o problema principal que se põe quando se fala em Ciência e Religião é que os cientistas não entendem que não se pode compreender cientificamente Deus, porque “Deus é por natureza incompreensível”. Como um problema de incomensurabilidade Kuhniana, Luís Archer explorou extensamente este conceito central para o diálogo entre Fé e Ciência. Enquanto discutíamos a importância da Física para a compreensão do mundo moderno, Luís Archer refletiu, ainda, sobre a existência de Deus fora do tempo e do espaço e sobre a incompreensibilidade da Ressurreição. A única coisa que afirmava saber, com toda a certeza, era que a Ressurreição não poderia ser, em nada, igual à vida terrena e que, por isso, nunca a poderíamos procurar compreender cientificamente. A Ressurreição foi então apresentada como uma realidade totalmente incompreensível pela Ciência. (ROMEIRAS, 2016, p.289-290)

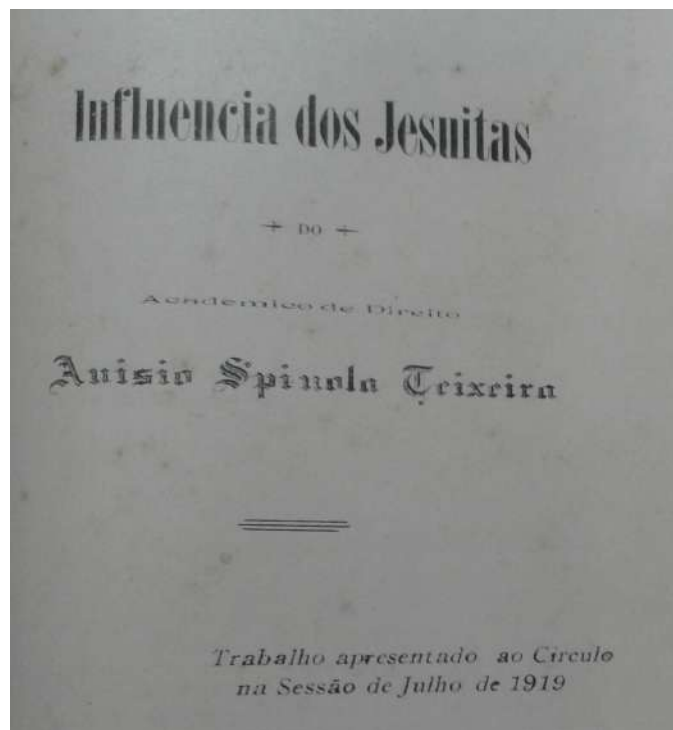
No primeiro capítulo do presente trabalho monográfico, apresentamos apontamentos sobre as transformações do pensamento ocidental, ao longo do processo histórico. Boa parte desta escrita foi orientada por uma publicação de Anísio Teixeira nomeada de *Espirito Científico e o Mundo Atual*, escrito em 1955, conforme já sinalizamos anteriormente. Quando Dr Anísio escreveu o texto, já havia estabelecido uma nova relação com a Igreja Católica e sofrido, inclusive, críticas e pressões de representantes da mesma no tocante a algumas ideias e posições assumidas referentes à educação pública no Brasil. Nesse período, quase trinta anos após assumir a direção do CCEMA e o cargo diretivo na área de educação no governo de Góes Calmon, ambos em 1924, Anísio Teixeira acumulava a direção da CAPES e do INEP, cujos os desdobramentos do seu *Espirito Científico*, são perceptíveis conforme demonstramos em capítulo posterior.

Entretanto, não obstante a nova forma de perceber e se relacionar com a religião católica e as críticas que recebe de setores da Igreja, fica evidente a grande influência dos jesuítas no

tocante a semeadura de um *Espírito Científico* no jovem Anísio, como continuaremos a demonstrar.

A dissertação *Influência dos Jesuítas* de Anísio Teixeira, escrita e apresentada ao CCEMA em 1919, capa anexada a seguir, é resultado de uma extensa pesquisa bibliográfica, o que se comprova através do quantitativo de autores que são referidos no texto.

FIGURA 45: Capa da dissertação do jovem Anísio apresentada ao CCEMA.



FONTE: arquivo CAV

Thales de Azevedo comenta no artigo de sua autoria, *A Ciência na Trajetória Espiritual de Anísio*, referido anteriormente, que “o modo de raciocinar e expressar-se, lógico, metódico, objetivo, é em Anísio Teixeira uma primeira mostra de sua preocupação com ciências” (AZEVEDO, 1989, p.41) e cita como um dos exemplos do que afirma, exatamente o texto em tela, ou seja, *Influência dos Jesuítas*, escrito pelo jovem Anísio, com apenas 19 anos, dizendo:

[...]revela logo aqueles atributos [lógico, metódico, objetivo]: aí, ao anti-jesuitismo fantástico e lendário em suas variadas manifestações, o que denomina de *influência real* que colhe na história. Faz um percurso sistemático da presença e história da Companhia de Jesus, com impressionante riqueza de dados para refutar as acusações aos seguidores de Inácio de Loiola em todos os continentes e através de cerca de quatro séculos, compulsando praticamente toda a mais importante literatura do assunto, a dar já uma demonstração de admirável domínio do tema. (AZEVEDO, 1989, p.41)

Concordando com as considerações de Dr Talhes, acrescentamos que quando o jovem Anísio no texto titulado *Influencia dos Jesuítas* comenta que a influência dos jesuítas na França não

foi menor que as dos jesuitas de Portugal, e diz que “É Ranke, o erudito insuspeito Ranke [protestante], que nos vem dizer que, até os protestantes iam muito longe retirar os filhos dos Gymnasios para confial-os aos jesuitas” (TEIXEIRA, 1919, p.593), é um exemplo do que afirma Dr. Thales. Ao citar Ranke, o jovem Anísio demonstra que não só conhece estudos histórico do autor, como a metodologia que o mesmo utiliza para elaborá-los, pois Leopold von Ranke (1795-1886)¹¹⁹ foi o introdutor de ideais, sobre o uso do método científico na pesquisa histórica como por exemplo: a utilização prioritária de fontes primárias; ênfase na história narrativa e um comprometimento em mostrar o passado mais próximo do que realmente ocorreu. Em decorrência disso é considerado o pai da *História Científica*.

No mesmo texto, demonstrando que havia realizado um estudo profundo sobre a Companhia de Jesus, o jovem Anísio pontua o que considera equívocos de alguns autores ao se referirem aos jesuítas, observando que é ampla a literatura anti- jesuítica, destacando que algumas são caluniosas e outras, a grande maioria, romantizadas. Feitas estas observações Anísio Teixeira (1919) diz:

Não é, pois, de admirar que só este titulo – Influência dos Jesuitas – pudesse despertar em muitas imaginações todo um surdo e cego rumor de riqueza e poderio. O jesuíta da lenda do planphleto^[120] é o homem abio, manhoso, inteligente, hypocrita, falso, traiçoeiro, politico, elástico, trabalhando na sombra, minando as sociedades e os thronos, tercendo em volta de tudo e de todos num afan prodigioso de actividade a estranha e mysteriosa malha e seu phantastico poder occulto. (TEIXEIRA, 1919, p.585)

E o jovem Anísio complementa sua indignação sobre tal percepção dos jesuítas, chamando atenção de que até livros como dicionários e de história vacilam ao conceituar a Ordem. (TEIXEIRA, 1919)

Discordando dessa visão, que considera distorcida, o jovem Anísio convoca os presentes à conferência para aprofundarem seus conhecimentos sobre os jesuítas, dizendo: “Estudemos, pois, o que foi a influencia e a acção desta companhia que venceu lucta e tanta perseguição”(ibid p.587).

Na explanação que originou o texto dissertativo de 29 páginas, verifica-se uma organização de ideias estruturada em uma parte mais geral que introduz o tema, e subdivisões nomeadas de *Influências intellectuais, pedagógicas e missionarias*.

Na parte introdutória o jovem Anísio destaca a humildade de Santo Ignácio de Loyola, não obstante a grande obra construída. Em seguida cita o Pe Antônio Vieira, sinalizando que o mesmo é um bom exemplo do que havia explanado até então, e complementando tal observação dizendo:

Vêdes Vieira, o genio político e oratório maior do seu seculo que tivera nas mãos illustres todos os fios da diplomacia europeia com todas as honrarias, apegado ás cortes pelo prestigio e pelos favores reaes – tudo deixar, abandonar tudo numa febre de heroismo, para servir o seu grande sonho de apostolo, para vir o orador dos reis

¹¹⁹ Mais detalhes LUCCHESI, A. Em <https://historiografianarede.wordpress.com/tag/leopold-von-ranke/> . Acesso: 10/12/2017

¹²⁰ Se referindo a fábula do *Judeu Errante* de Sue.

na Europa, o valido de D. João, ser, aqui na America o simples Gran Pai do indio bronco! Surprehede – voz esta belleza feita de heroismo e sacrificio, e eis que por sobre o stoicismo deste aspecto baixa um véo de humilde suavidade. O misionario transforma-se em educador. (ibid 1919,p.588)

É notório pelas palavras do jovem Anísio que este encontrava-se enebriado não só pelos princípios e valores da Companhia de Jesus como, também, pelo comportamento de seus membros ao longo da existência da mesma.

A imagem do missionário se transformando em educador, vista a partir das lentes de um pesquisador da atualidade, revela que a própria história de Anísio Teixeira se confunde com a de um aspirante a missionário que se transforma em um renomado educador/gestor que, valendo-se de métodos científicos e princípios democráticos, se alista a um pelotão de intelectuais que, assim como os jesuítas, formam uma ampla rede que acaba por contribuir para que a educação e as ciências avancem no Brasil.

Sobre a transformação do missionário jesuíta em educador,o jovem Anísio diz:

A Companhia sabia, a companhia missionária, agora, a companhia mestra, a companhia pedagoga. E sorris diante da face glabra e carinhosa do professor jesuíta, do mestre que ama o discípulo como filho. Este aspecto doura a Companhia de um tom encantador, de intimidade de família. (ibid, 1919, p.589)

Portanto, para abordar as influências da CNA e CCEMA em Anísio Teixeira, comentaremos trechos dos trabalhos dissertativos de sua autoria, publicados por estas agremiações e, em especial, a dissertação *Influência dos Jesuítas*.

O jovem Anísio na referida dissertação chama atenção que “É a educação da sua compreensão mais integral, o que a pedagogia deve realizar – diz Mechler – realizou – o indubitavelmente esta Sociedade”.(ibid, 1919,p.589).

E como desejoso de destacar o sustentáculo da ação educativa jesuítica lança a seguinte questão: “Mas, então não poderemos retratar nunca esta physionomia tão móvel?”. (ibid,1919,p.589). E é o próprio Anísio Teixeira quem responde a questão dizendo que a variedade transmitida por Santo Ignacio à Companhia tinha como fio unificador a religião católica, ou seja, “a influencia intellectual; a influencia pedagogica; a influencia missionaria e civilisadora – e no fundo a unificar, a caracterisar todas as influencias – a influencia religiosa”.(ibid p.589).

Ao expressar tais ideias sobre as influências religiosas nos jesuítas educadores, o jovem aspirante a jesuíta, Anísio, não imaginava que, anos depois o educador Anísio Teixeira não se distanciaria desses três grandes eixos, mas com um diferencial, ou seja, o que passa a unificar e caracterizar todos estas influências na sua forma de refletir e agir são os princípios republicanos democráticos.

Restringiremos nossas observações a partes do texto dissertativo, referentes a primeira influência nomeada de *intellectual*, sobre a qual o jovem Anísio, explica que a mesma se espraia por três ramos diferentes – *o collegio* (ensinam), *o pulpito* (pregam), *a imprensa* (escrevem).

Para o estudo do ensino, devido à inexistência de livros para realizar uma investigação mais apurada sobre o assunto, esclarece o jovem Anísio que se restringiu a pesquisar, quase que exclusivamente, sobre ocorrências da Província Jesuítica de Portugal. (TEIXEIRA, 1919).

Informa o jovem Anísio que a primeira associação de ensino do mundo começou em uma casa de aluguel, ou seja, o colégio de Coimbra. E deste iniciou-se a expansão. Cobrindo um período de quase duzentos anos, com data limite no ano de 1739, o quantitativo das diversas instituições educacionais listadas por ele na dissertação em tela, se reporta a criação de uma universidade, 2 seminários e 13 colégios, o que totaliza 19 instituições. Uma expansão qualificada assombrosa pelo jovem Anísio. Esclarece que as informações de números e estatísticas que ora apresentava, haviam sido extraídas do livro *A Formação intelectual do Jesuíta*, do P. Francisco Rodrigues, e passa a tratar do quantitativo de alunos que frequentavam instituições jesuíticas. Antes porém, destaca o valor histórico da obra consultada citada, se referindo a consistente documentação que a sustenta e acrescentando que a mesma mereceria “ocupar um dos primeiros lugares dentre as últimas obras históricas que Portugal tem editado” (ibid,1919,p.591)

A preocupação com documentação, assim como o quantitativo de dados apresentados é um indicativo de que o jovem Anísio sustentava sua fala em uma pesquisa bibliográfica.

Não satisfeito em apenas citar o quantitativo de colégios e alunos atendidos pela província jesuítica portuguesa, pois tal desempenho poderia ser associado a proteção dos reis de Portugal a Companhia, o jovem Anísio justifica que passará a apresentar dados sobre o desempenho dos jesuítas da França. País em que tal proteção não se verificava.

Cabe ressaltar que mesmo identificando que o trabalho investigativo do jovem Anísio, aborda princípios católicos da Companhia de Jesus, privilegiamos destacar as informações numéricas que o estudo aporta, não só com o objetivo de dar visibilidade a aspectos que caracterizam experiências educacionais da ordem religiosa que mantinha os colégios em que Anísio Teixeira havia realizado a maior parte da sua formação básica, como, principalmente, para destacar as ferramentas e metodologia, no caso científica, que lançou mão para realizá-lo. Além disso, tal escolha destaca o interesse de Dr Anísio, desde muito jovem, por dados numéricos, ou seja, sempre que possível presente nas pesquisas de suas tomadas de decisões, inclusive contando com informações do grande estatístico brasileiro Teixeira de Freitas, quando assumi gestões públicas.

Seguindo-se, portanto, uma vasta exposição de dados sobre a expansão e demandas de alunos por estudos em instituições jesuíticas, o jovem Anísio indaga: “Mas, que segredo possuiriam os jesuítas, para assim monopolizarem a seu favor o ensino em quase todo o mundo?” (ibid,1919,p.593). E demonstrando, mais uma vez ter conhecimento em metodologia científica responde: “Seria uma bella these de investigação historica” (ibid,1919,p.593). Para em seguida, demonstrar a existência de objetivos previamente estabelecidos complementa: “neste trabalho, mais uma exposição de factos, do que uma indagação de causas, não tem cabida esta questão” (ibid,1919, p.593).

Entretanto, sem detalhar, acrescenta que um dos motivos principais para tal desempenho, é que os “jesuitas de hontem, como os de hoje são fructos desse Ratio Studiorum – tão solido e firme – que por 4 seculos, quase sem outra transformação se não a que lhe vinha de sua própria vitalidade – vem formando sabios sem conta”. E para destacar a importância do *Ratio*

para a Companhia de Jesus, o jovem Anísio acrescenta: “Nós não podemos aquilatar o que é tal solidez de systema” (ibid, 1919,p.593). Em seguida, faz a seguinte observação sobre reformas no ensino e descontinuidade administrativa: “A nós o que nos parece natural é a reforma de ensino e de tudo em cada governo, umas derrubadoras das outras”. (ibid,1919,p.593).

Esta questão é interessante, pois a crítica do jovem Anísio às constantes propostas de reformas do ensino, será o contra ponto aos elogios que estabelece sobre a estabilidade do *Ratio*. Este destaque é importante, pois reforma do ensino será uma das primeiras ações encampadas por Anísio Teixeira, na função de Inspetor de Ensino da Bahia, em 1924. Portanto, 5 anos após a elaboração da dissertação e sua defesa na conferência.

No que se refere a *imprensa* diz: “na campanha que se propusera S. Ignacio, de defeza da Igreja catholica, a imprensa não poderia ser esquecida”. (ibid, 1919, p.594). E complementa a informação com a seguinte observação: “a profissão do escriptor foi logo prescripta como um dos mais poderosos meios para a concecução do seu plano” (ibid p.594).

Sobre este ponto destacamos o que pode ter sido um dos aprendizados de Anísio Teixeira de base jesuítica. Dr Anísio registra, escreve, publica e divulga muito e ao longo de toda vida. Cremos que ele internalizou a necessidade de dar visibilidade às suas teses e ações de forma similar a Santo Ignacio e demais jesuítas da ordem religiosa, inclusive seus professores. Já nos reportamos anteriormente às publicações *Brotéria* da Província Jesuitisa de Portugal, bem como aos livros e artigos dos Padres Cabral e Torrend.

Dando continuidade a sua exposição, como demonstra o texto, o jovem Anísio faz alguns comentários sobre o que considera as grandes obras publicadas pelos jesuítas, principalmente as literárias e teológicas, cita autores e faz comentários gerais, para em seguida destacar as obras de valor científico que honram a companhia. No que se refere a estas últimas, cita os seguintes autores; P. João Freire, Cosme Magalhães, Francisco de Mendonça, Bento Fernandes, Antonio Fernandes, Lucas Veloso, Luis Alvares. Após o último nome destacado, adiciona etc como que desejoso de demonstrar que a lista é extensa. (TEIXEIRA, 1919).

Reforça sua colocação sobre o grande legado dos jesuítas afirmando: “Na Philisofia, nas Mathematicas e nas Sciencias naturais os jesuitas continuam a mesma triunphante afirmação de cultura, valor, brilho intellectual e actividade letteraria incansavel”.(TEIXEIRA, 1919,p.600)

Depois de citar nomes destacados em filosofia, e fazer referência ao fato do filósofo Pedro Fonseca ser chamado de Aristóteles português, e acrescentar que todos os nomeados por ele são estudiosos consagrados pela história, o jovem Anísio diz: “na mathemática e sciências naturaes são os jesuítas acussados de retrogrados”. (ibid, 1919, p.600)

Diante desta constatação, esclarece Dr. Anísio que foi investigar a história e os resultados encontrados indicaram exatamente o contrário.

Destaca, também, o processo de mercantilização da educação da juventude, afirma que “não se comprehende o segredo desta efficacia” (TEIXEIRA,1919,p.602) e justifica dizendo que educação ainda não havia se mercantilizado na Companhia de Jesus. E complementa: “A educação na mocidade pela religião não é um simples ganha-pão, um officio ou uma arte

como qualquer outra, mas, alguma cousa de grande, de paternal, de sagrado, para que, quando a isto nos dedicamos transmittirmos nossa alma e nosso amor”. (ibid,1919,p.602)

Para explicar o lugar do “amor” no processo educativo, o jovem Anísio evoca palavras de Pe Cabral retiradas da conferência realizada pelo mesmo e publicada, titulada de “amor na educação” dizendo que na percepção do eminente [qualificação do jovem Anísio] padre, o amor “é a alma da educação christã, a característica da pedagogia de jesus”. (CABRAL apud TEIXEIRA,1919, p.602) Como complemento, o jovem Anísio acrescenta:

Pois efficacia da pedagogia positiva, ede procural-a ahi no amôr, “nervo pedagógico” de toda sua acção educadora. Dar á Religião, á Patria e á Familia catholicos praticos integrais que alliem uma extrema delicadeza de consciência a uma piedade solida e viva este o fim da educação em todos os tempos. Para o conseguir, de mal, para aperfeiçoar na alma da mocidade este edificio catholico, que elesprocuravam erigir com a educação tinham os exercícios espirituaes e as congregações marianas (TEIXEIRA,1919,p.603).

Feita esta observação, o jovem Anísio passa a explicar a função desses dois pilares de aperfeiçoamento da “alma da mocidade”. Informa que os exercícios espirituais seriam parte do rito de iniciação no que nomeia de “batalhas da vida”. Neste sentido chama a atenção para a necessidade de conhecer a si mesmo, para sair-se vitorioso. Quanto ao segundo pilar, ou seja, as congregações marianas, informa que as mesmas teriam a função de manter a constância da virtude. E como reforço acrescenta que as mesmas “são verdadeiros reductos do aperfeiçoamento catholico. (ibid,p.603)

Depois de discorrer sobre os benefícios oriundos de participação nas congregações marianas, cita sinopse de um livro de autoria de Antônio Franco, confirmada por manuscritos oficiais, na qual o autor afirma que ao adentrarem nas universidades, os egressos dos colégios jesuítas não só se encontravam muito bem preparados em letras como também, em bons costumes.

O jovem Anísio ainda se reporta a sinopse para destacar que segundo o autor, os alunos egressos dos colégios jesuítas serviam de modelos para os oriundos de outras instituições educacionais. Fazendo referência, mais uma vez, a obra titulada de *A Formação intellectual do Jesuíta*, de Pe Francisco Rodrigues, destaca que segundo este autor, as congregações orientavam para um caminhar piedoso, sólido e ativo, na direção das virtudes cristãs. Cita os exemplos de Gôa-Portugal, no qual jesuítas visitavam hospitais, presídios e outras instituições em que houvessem pessoas necessitando de atenção especial.

Talvez impressionado por tais leituras e pela sua própria necessidade de justificar posições pessoais que buscava assumir, ressalta que muitos iam além das ações descritas acima e ingressavam na vida religiosa. Cita números para que, como o próprio jovem Anísio se refere, os convidados possam avaliar a robustez da fé daquela iniciada mocidade. Após a exposição destes quantitativos, acrescenta a observação de que trata-se da estratégia das artes secretas sugestivas dos jesuítas e esclarece que a mocidade, com tal orientação, se espalhava por todas as ordens religiosas.

É fato, como o próprio estudo a que se reporta a conferência atesta e que pode ser observado no desenrolar da mesma, que o jovem Anísio, na época com apenas 19 anos, encontrava-se

inebriado pela Companhia de Jesus e que os responsáveis por tal estado de êxtase eram os jesuítas oriundos da província de Portugal, seus professores no instituto Luiz Gonzaga de Caitité, e, principalmente, os do colégio Antônio Vieira em Salvador.

E para destacar a dureza e função do jesuíta civilizador acrescenta:

Sacrificando-se noite e dia por uma raça selvagem e barbara, educando-a, ensinando-a, civilizando-a, criando-lhe as celebres missões – organizações especialísimas, cuja realização pasma sempre o observador insuspeito, únicas racionalmente adequadas à mentalidade obscura e tardia de nosso aborigene! (TEIXEIRA, 1919, p.605)

Ao explicar a visão que tinha sobre os indígenas, o jovem Anísio diz: “Os jesuitas batendo-se desinteressadamente, numa campanha de dois séculos, tenacíssima, para a salvação da raça fraca, ameaçada de destruição pelo escravismo”. (ibid, p.605)

Cabe destacar que as observações do jovem Anísio sobre o índio brasileiro é influenciada, muito possivelmente por publicações que foram acessadas à época e que traduziam a imagem construída pelo visitante estrangeiro sobre o indígena local, portanto, em alguns pontos, vão ao encontro, da observação de França (2011), em ensaio da versão resumida do livro *A construção do Brasil na literatura de viagem*, publicado em 2012, que ao pesquisar sobre as inúmeras expedições que percorreram o Brasil nos XVI, XVII e XVIII alerta:

[...] as narrativas de viagem – escritas por homens de países e grupos sociais variados, em estilo pouco cuidado e, na sua maioria, produzidas a partir de observações apressadas – criaram, praticamente sem qualquer concorrência, um vocabulário sobre o Brasil para os homens do Velho Mundo, vocabulário que apresentou poucas variações ao longo dos três séculos que se seguiram à viagem cabralina e que se nutriu, em larga medida, de repetições, de dar a conhecer o conhecido, de reiterar, com pequenas variações, os mesmos temas e os mesmos personagens. Não obstante esse gosto pelas repetições – a “pouca originalidade”, diríamos hoje –, tratou-se de um discurso com larga aceitação entre o público culto e que desfrutava, entre este mesmo público, do estatuto de um discurso verdadeiro, ainda que passível de dúvidas, críticas e contestações. (FRANÇA, 2011, p.21)

Em seguida a contribuição desses missionários como exploradores elenca as seguintes ações: “descobrimos terras, descrevendo costumes, aprendendo línguas, estudando-as” (TEIXEIRA, 1919, p.605), e ressaltando o quantitativo de obras na área de linguística, história e geografia, devido as contribuições oriundas destas ações resultantes das atividades missionárias.

Destaca o jovem Anísio que “para os primeiros aspectos, os aspectos verdadeiramente gloriosos faltam-nos cores, brilho e valor para copiar-os”. (ibid, 1919, p.605) Esta afirmação é um reforço para dimensionarmos o entusiasmo do jovem Anísio, à época com o que vinha vivenciando ao longo da sua formação, assim como o que lia sobre as ações e produções da Companhia de Jesus. E sem dúvida, quando se refere aos “aspectos verdadeiramente gloriosos”, incluía, também, as contribuições aos conhecimentos científicos, que aborda

tangencialmente na pesquisa pois, como diz, “serei forçado a excogitar na missão jesuítica o lado científico, para continuar no meu trabalho estatístico, nomes e números.”(ibid, p.605)

Portanto, com tal justificativa fica evidente que ele tinha conhecimento da produção científica dos jesuítas, principalmente a produção da Província Portuguesa, de onde vieram seus professores, após a expulsão de Portugal.

Com a intenção de continuar a destacar as realizações da Companhia de Jesus, enfatiza: “e na Asia, na America, na Africa, em todos os confins da terra conhecida e desconhecida veremos como surge sempre a figura inteligente e palpitante do jesuíta. (ibid .p.605)

Dito isto, o jovem Anísio passa a exemplificar ações, bem como a elencar nomes de jesuítas desbravadores que atuaram nessas regiões e de historiadores que confirmam suas informações. Em sequência passa a abordar a atuação da Companhia no *Novo Mundo* e, consequentemente, no Brasil.

Inicia dizendo que nessa região os jesuítas acompanham a ocupação estrangeira, fazendo referência a Ranke que sinalizava que as conquistas se transformavam em missões e estas em civilização. (TEIXEIRA, 1919) Para em seguida, com palavras que expressam indignação, afirmar:

É pena, porém que uma expulsão cega e estúpida fizesse perder quasi tudo do que nos deixara a robusta actividade intelectual desses missionarios. Restan-nos, apenas, a obra do P. João Daniel – apelidado de gigantesca por Varnhgem - “Thezouro Descoberto do Maximo Rio Amazonas” - “Vastissimo repositorio geografico, historico, etnologico da Amazonia”, e outras, e investigação historica ou puramente geografica dos P.P. Fernão Cardim, Antonio Vieira, João Ferreira, Manoel da Motta, Manoel Ferreira, João Tavarez e Bento Fonseca. (TEIXEIRA,1919,p.606)

Neste ponto cabe destacar, o quantitativo de autores jesuíticos citados e possivelmente com publicações disponíveis na biblioteca do CAV como o livro, *A Formação intellectual do Jesuíta* de Pe Francisco Rodrigues, muito citado por Anísio Teixeira e cuja a primeira edição é datada de 1917.

Sobre as produções jesuíticas referentes ao Brasil destaca, também, as contribuições aos estudos linguísticos dizendo:

Temos a Grammatica tupy de Anchieta, o seu vocabulario abundante e preciso (dos quaes em todo Brasil, talvez, ainda existam uns dois exemplares, apenas), um dictionario da Lingua Geral do Brasil, um vocabulario Tupy, duas grammaticas, outro dictionario e um laborioso catecismo em 6 línguas, do Grande Vieira, e é tudo. (TEIXEIRA, 1919, p.607)

E complementa ainda em tom de indignação: “Que de thezouros não se escoaram na enxurrada do odio Pombalino” (ibid,p.607). O jovem Anísio tinha razão ao registrar tal indignação. Na Bahia, durante a primeira expulsão, a biblioteca do colégio foi incendiada, pois em período muito posterior ao referido por ele, os jesuítas da Província Portuguesa, vivenciaram uma época áurea na qual, devido ao bom trânsito estabelecido junto á monarquia, desenvolveram muitas pesquisas e implantaram ciclos de discussões científicas, além de material de divulgação como por exemplo a revista *Broteria*. (ROMEIRO, 2012)

Confirmando as informações do jovem Anísio, sobre a grande contribuição dos jesuítas temos:

[...] duas obras editadas entre 1551 e 1555, contendo informações sobre a terra do Brasil enviadas por missionários. A primeira, Cópias de umas cartas enviadas do Brasil, editada em língua espanhola na cidade de Coimbra, em 1551, continha uma série de cartas dos jesuítas recém-enviados ao Brasil (1549) – Manuel da Nóbrega, Antônio Pires, Afonso Brás, João de Azpicueta Navarro e Leonardo Nunes. Tais cartas, as primeiras remetidas da América pelos membros da Companhia de Jesus, reapareceram em italiano, numa obra publicada em Roma, em 1552, intitulada Particularidades das Índias de Portugal. Em 1555, foi a vez do Cópia de umas cartas de alguns padres e irmãos da Companhia de Jesus, livro publicado também em Coimbra e também em espanhol, que trazia cartas enviadas pelos discípulos de Loyola, baseados em Goa e Malaca, e as cartas de Pedro Correia, José Anchieta e João de Azpicueta Navarro enviadas do Brasil. Ambas as compilações tiveram circulação bastante restrita, nada que possa ser comparado ao sucesso alcançado por coletâneas como Cartas do Japão, Peru e Brasil enviadas ao reverendo padre geral da Companhia de Jesus 14 – editada em Roma, em francês e italiano, no ano de 1578 –, livros com maior tiragem e muito melhor distribuição na Europa. Incomparável, do mesmo modo, com a propagação que tiveram as cartas jesuíticas do Brasil vinculadas em grandes compilações de cartas dos missionários da Companhia, como a famosa História das coisas memoráveis, publicada entre 1604 e 1608, em Bordeaux, pelo padre jesuíta Pierre du Jarric, ou em renomadas coletâneas gerais de viagem, como As peregrinações de Purchas, contendo uma história do mundo em viagens marítimas e terrestres, feitas por ingleses e outros (1625), organizada por Samuel Purchas, que trouxe ao conhecimento do público o detalhado Tratado do Brasil, mais tarde atribuído ao jesuíta Fernão Cardim (FRANÇA, 2011, p.11).

Segundo Woods (2008) “bem mais do que o povo hoje tem consciência, a Igreja Católica moldou o tipo de civilização em que vivemos e o tipo de pessoas que somos. [...], a Igreja Católica foi a indispensável construtora da Civilização Ocidental”.(WOODS,2008,p.10) Apesar de, na nossa perspectiva, a afirmação ser exageradamente enfática, não resta dúvida, como destaca Woods (2008), sobre a grande contribuição da Igreja para o desenvolvimento de nossa atual Civilização.

Nos últimos anos, muitos historiadores e pesquisadores como “A.C. Crombie (1942), David Lindberg (2003), Edward Grant(2004), Stanley Jaki(1991;2000), J. L. Heilbron(1999), Rodney Stark(2003), Alvin Schmidt(2004), Daniel Rops (1948-65), David Knowles(1966), William Lecky(1865), Jean Gimpel(1987)” entre outros, vem demonstrando isso. (ibid, 2008, p.10)

Para demonstrar a contribuição da Igreja para com o desenvolvimento da ciência, pois muitos cientistas renomados foram padres, Woods (2008) destaca os seguintes religiosos como exemplo: Pe. Nicholas Stenode(1638-1686), considerado o *pai da geologia*; o Pe Athanasius Keicher (1601-1680), considerado o *pai da egiptologia*; o Pe. Giambattista Riccioli (1598-1671), como a primeira pessoa a medir a taxa de aceleração de um corpo em queda livre; o Pe Rober Boscovitch(1711-1787), considerado o *pai da moderna teoria atômica*, e destaca os jesuítas pela dedicação aos estudos sobre terremotos de tal modo que, a sismologia veio a ser conhecida como a *Ciência Jesuítica*. Além de afirmar que trinta e cinco crateras da lua foram nomeadas por cientistas e matemáticos jesuítas (WOODS, 2008). Sabe-se, entretanto, que a lista é muito mais extensa. Podemos adicionar mais alguns como por exemplo o monge

Gregor Mendel(1822-1884), considerado o *Pai da Genética*; o Pe. Francisco de Vitória (1483-1546), *Pai do Direito Internacional*; e o Pe Alexandre de Gusmão, *O Padre Voador Brasileiro*, que em 1709, apresentou diante dos reis de Portugal o primeiro modelo deslocado por ar quente.

Sendo assim, muito possivelmente, estudar em escolas jesuíta e quíça, também, em colégios com outras orientações no Brasil do final do século XIX a início do século XX tenha possibilitado contatos significativos com algumas ciências básicas como, possivelmente deve ter ocorrido com os alunos que frequentaram o Colégio Culto à Ciência¹²¹. Localizado em Campinas-São Paulo e de orientação positivista, foi fundado pela maçonaria, em 1873. Neste estudou inicialmente Lourenço Filho, outro importante nome da educação brasileira e contemporâneo de Anísio Teixeira, antes de adentrar no curso normal.

Cabe destacar, também, que Fernando de Azevedo, outro nome de destaque na área da educação e contemporâneo de Dr Anísio, estudou no Colégio Anchieta, de orientação jesuítica, localizado em Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

Anísio Teixeira junto com os outros dois, se constituíram em uma tríade muito respeitável na área de educação e que muito contribuiu para a instalação, ampliação e qualificação do sistema educacional brasileiro.

Alguns documentos produzidos por eles fazem referência a qualidade do ensino das instituições em que estudaram e a questões referentes ao ensino de ciências. No caso desse ensino nos colégios jesuítas citados, a influência maior vem da Província Jesuítica de Portugal, conforme pode ser constatado na explanação que se segue.

A mudança do regime monárquico para o republicano em Portugal foi resultante de um longo processo de mudanças política, social e mental, no qual tiveram destaque os defensores da ideologia republicana e que culminou na formação do Partido Republicano Português (PRP). Entretanto, foi a posição da monarquia portuguesa perante o *Ultimato* inglês, de 11 de janeiro de 1890, que exigia a retirada imediata das forças militares portuguesas mobilizadas nos territórios entre Angola e Moçambique, atuais Zimbábue e Malawi, respectivamente, que precipitou os acontecimentos.

Em missiva, a Inglaterra informava a Portugal que caso a exigência não fosse acatada, a Inglaterra avançaria com uma intervenção militar no país.. Nesse momento o que estava em jogo era conquista de mercado e novas fontes de matéria-prima, em uma Europa em ascensão econômica.(HOBSBAWM, 2015)

Com a mudança do regime monárquico para o republicano, a 5 de outubro de 1910, o novo regime português retoma antigas posições defendidas em legislações implantadas pelo Marquês de Pombal contra os jesuítas, e do ministro da Justiça Joaquim Antônio de Aguiar,

¹²¹Além de Lourenço Filho, saíram dos quadros do Culto à Ciência, Santos Dumont, inúmeros profissionais liberais, importantes representantes do futuro Partido Republicano Paulista ocuparam postos de destaque como deputados, senadores, governadores de província, e embaixadores, além da presidência ocupada por Campos Sales, empresários de destaque, ex-prefeitos de Campinas, ex-reitores da PUCCAMP, um vice-governador, vários secretários de Estado, diplomatas, ndesembargadores, artistas e cientistas, estes ligados em sua maior parte ao Instituto Agrônômico e à USP. AFFONSO, Cleide M. de Lucca e PINTO, Maria Nívea (1986), Culto à Ciência, Cento e Treze Anos a Serviço da Cultura, Campinas, sem editora.

relativa às casas religiosas, ordenando a expulsão dos jesuítas do território nacional, através de um decreto de 8 de outubro de 1910. Fundamenta-se para tanto, em um antijesuitismo que pregava a necessidade de formar um novo cidadão português, cumpridor das leis da República.

À data da implantação da República [em Portugal], os jesuítas portugueses orgulhavam-se do legado educativo e científico que tinha construído nos últimos cinquenta anos. Este sentimento devia-se, em larga medida, ao sucesso dos seus colégios, onde se dava particular ênfase ao ensino experimental das ciências naturais, e manifestava-se, principalmente, nas sessões solenes das academias científicas, onde os próprios alunos realizavam experiências modernas, e com um certo carácter de espetacularidade, perante uma audiência composta pelos professores e por todo os alunos e suas famílias. (ROMEIRAS, 2015,p.1)

E acrescenta:

Além de serem responsáveis pelas exposições teóricas, os alunos eram também responsáveis pela execução de experiências científicas de grande atualidade, realizando demonstrações com descargas eléctricas, magnetismo, raios catódicos, raios X, telegrafia sem fios, cristais sólidos e cristais líquidos. Sobre as academias científicas dos jesuítas em Portugal nos séculos XIX e XX. (ROMEIRAS, 2015,p.1)

Percebe-se uma certa similaridade, resguardadas as intencionalidades específicas dos diferentes contextos, com o funcionamento do CCEMA e outros eventos organizados pela CMA e CAV, no que se refere a relação estabelecida, nos eventos, entre membros do Colégio com os familiares e público seletivo, como pode ser observado a seguir:

Estas sessões, que chegaram a ser presididas por personalidades tão ilustres da sociedade portuguesa como o Príncipe D. Luís Filipe e o Infante D. Manuel de Bragança (Colégio de Campolide, 1905) e o Diretor Geral da Instrução Pública (Colégio de Campolide, 1906), representavam, de certa forma, o culminar dos esforços públicos dos jesuítas em rebater as acusações pombalinas que os responsabilizavam pelo atraso educativo e científico português. Depois de meio século dedicado a contrariar as acusações de obscurantismo setecentistas, os jesuítas portugueses pareciam reconquistar o seu prestígio como educadores e cientistas, não só pela qualidade do ensino científico nos seus colégios, mas também através da publicação da revista *Brotéria* que, desde a sua fundação, contribuiu para o desenvolvimento da botânica e zoologia em Portugal e para a divulgação nacional e internacional da descoberta e caracterização de novas espécies de animais e plantas. (ROMEIRAS, 2015,p..2)

Sobre o que destaca a citação, chamamos atenção para o fato de certos eventos organizados pelos jesuítas do CAV apresentar algumas semelhanças. Alguns eventos organizados pelo Colégio contaram com a presença e até mesmo com discursos de personalidades baianas, como por exemplo o governador do Estado da Bahia, Góes Calmon e Anísio Teixeira, diretor de Instrução Pública deste governo.

Portanto, de forma similar ao expressado por Romeiras (2015), no tocante aos colégios de Campolide, São Fiel e do Barro, foi significativo o ascendente prestígio, que resultou em aumento no quantitativo de aluno, alcançado pelo Colégio Antônio Vieira pouco tempo após a sua implantação. Parte deste prestígio, entretanto, pode estar associado a preparação que os alunos recebiam no colégio em ciências e humanidades. A boa formação adquirida possibilitava acesso e conclusão nos cursos superiores socialmente prestigiados, como por exemplo Direito, Medicina e Engenharia, como foi o caso de Anísio Teixeira, de Talhes de Azevedo e de tantos outros alunos do CAV. Com tudo a frequente participação de certos políticos em eventos organizados pela Ordem, também, não pode deixar de ser considerada neste processo.

Cabe resaltar que a equipe de professores jesuítas do CAV mantinha a mesma orientação estabelecida para com os colégios em que atuavam em Portugal, ou seja, o ensino e a prática das ciências não se restringiu à mera implementação de disciplinas científicas. As medidas que adotaram transcenderam os programas educativos oficiais. (ROMEIRAS,2015) Além deé claro, a manutenção de uma boa relação com representantes do governo do Estado.

E complementa:

Nos Colégios de Campolide (Lisboa, 1858–1910) e de São Fiel (Louriçal do Campo, 1863–1910), os professores de ciências naturais utilizaram métodos pedagógicos de vanguarda (fazendo, por exemplo, uso de «projecções no alvo»), criaram laboratórios de física e química equipados com instrumentos modernos, constituíram excelentes coleções de história natural, fomentaram a instituição de academias, realizaram expedições científicas com os alunos, assinaram revistas nacionais e estrangeiras, e promoveram a investigação original em áreas como a física, a botânica e a zoologia. Mais do que se cingirem ao ensino científico, os jesuítas portugueses procuravam recriar a vida e o ambiente de verdadeiras instituições científicas, fornecendo a professores e alunos «meios abundantes para se aperfeiçoarem mais, acompanharem os progressos das sciencias e contribuirem para ellas, com trabalhos pessoais».Nos colégios dos jesuítas em Portugal (1858–1910), o ensino das ciências naturais «baseava-se em experiências sempre que isso era possível», contrastando, por isso, «com a maior parte do ensino liceal desse tempo»,[...].Para o sucesso do ensino experimental contribuíram diversos factores, não só de natureza científica, como a modernidade dos instrumentos de física, a qualidade das coleções de história natural, a realização de demonstrações públicas e a aptidão dos professores, mas também de natureza econômica, social e política (ROMEIRAS,2015,p.2)

Sobre as questões sociais e políticas relacionadas com o empenho focado no ensino e prática das ciências em Portugal no final do século XIX e início do século XX, temos:

Convém lembrar que foi da vontade de recuperar o seu prestígio científico, posto em causa desde a campanha Pombalina, que acabaria por surgir este investimento na prática e ensino das ciências nos seus colégios. O próprio sucesso do restabelecimento da Companhia de Jesus no nosso país, e o surgimento de nova sobras apostólicas, dependeu, em grande medida, do êxito deste projecto de reconquista da credibilidade educativa e científica. Estando no centro dos projectos da Companhia recém-restaurada, a ciência e o ensino tinham permitido aos jesuítas reconquistar, pelo menos em parte, a influência e o raio de acção que tinham tido

nos séculos anteriores. Por isso, torna-se impossível dissociar a relevância científica do ensino experimental das ciências naturais e das colecções dos jesuítas, da sua relevância social e política. À data da implantação da República, as colecções de história natural dos jesuítas tinham pois uma dupla importância. Estas colecções eram estimadas não só pela sua diversidade e qualidade, mas também, e talvez sobretudo, pelo seu valor simbólico, por serem prova viva do percurso percorrido nos últimos cinquenta anos. Ao valor operativo para o ensino e prática das ciências, juntava-se o seu valor como legado. (ROMERAS, 2015, p.4)

No que se refere à disponibilidade financeira para manter tal projeto, de custo elevado, em funcionamento e que o distinguiu de outras instituições educacionais pública ou privada, Romeira (2015) informa que “apesar da sua importância relativa para as finanças dos Colégios de Campolide e de São Fiel, deve notar-se que não foram apenas as mensalidades e doações que permitiram aos jesuítas realizar as obras”(ROMEIRA, 2015, p.4). E complementa:

A chave para entender estes investimentos está, antes, no modo de funcionamento destas instituições, que por serem da Companhia de Jesus obedeciam a regras particulares. O facto dos jesuítas se submeterem a um voto de pobreza implicava, nesta altura, como nos séculos anteriores, que não pudessem auferir qualquer remuneração. Os custos com pessoal docente, uma das maiores despesas de uma instituição educativa, eram então muito reduzidos. Por esta razão, os colégios além de serem auto-sustentáveis chegavam, inclusivamente, a dar lucro, que era depois investido ou redistribuído por outras casas da Companhia. A obrigatoriedade de reinvestir a totalidade do lucro, associada a uma vontade clara de promoção do ensino das ciências, resultou não só na ampliação e melhoramento dos espaços físicos tipicamente associados ao ensino experimental, como os gabinetes de física e os museus de história natural, mas também na compra de livros e colecções completas, como aconteceu, por exemplo, no ano lectivo de 1891–1892.(ROMEIRAS, 2015, p.4)

Portanto, apesar da resistência inicial ao retorno dos jesuítas e das dificuldades enfrentadas para a criação dos novos colégios, o prestígio da Companhia de Jesus no Brasil só aumentava no retorno. Na Bahia não foi diferente. E a criação do CMA e do CCEMA, só vieram agregar valor às ações pedagógicas empreendidas pelo CAV.

No ano de criação da CMA, Anísio Teixeira era aluno interno do ensino básico do Colégio e foi gradativamente se envolvendo com as atividades da recém-criada Congregação, na qual chegou a ser diretor do CCEMA, por dois mandatos consecutivos. [...] “ao longo das páginas do *Archivo Mariano Acadêmico*, encontramos falando de Barrés, Renan, Maurras, Jacques Rivière, Peguy, Claudel, e de tantos outros cruzados da Igreja Católica.”(VIANA FILHO, 1990, p. 12)

O Circulo de Estudos no período da gestão de Anísio Teixeira, foi um forte elemento de ligação entre a CMA e o estado da Bahia, pois o seu mandato na direção foi exercido em período concomitante ao mandato na direção da instrução pública do Estado, no governo de Gós Calmon.

Um exemplo bem representativo disso, foi a *Festa dos Antigos Alunos*, realizada no CAV, em 30 de novembro de 1924, em que o governador e esposa se fizeram presentes, na parte mais solene das festividades que ocorreram nos três turnos.

Como fechamento da grande influência exercida pelos jesuítas na formação de Anísio Teixeira e, principalmente, no que se refere a relação ciência e fé, acrescentamos, na íntegra, o discurso pronunciado na referida festa.

Esclarecemos que o discurso é parte integrante, também, da matéria jornalística publicada no Diário Oficial da Bahia, de 02 de dezembro de 1924, sobre a festa realizada no CAV, comentada anteriormente. A matéria além de apresentar a narrativa referente as etapas da festa, e que foi organizada para homenagear ex-alunos que concluíam o curso superior, disponibilizou, também, o discurso do Diretor de Instrução Pública no período, ou seja, Anísio Teixeira.

Meus colegas e meus amigos:

A festa, que hoje celebramos aqui, é particularmente querida aos nossos corações e á nossa intelligencia.

Começados na vida, iniciados nas suas asperezas irremediaveis, voltamos ao antigo Collegio querido, onde formamos, talvez, o melhor de nosso espirito, para, na mesma perfeita familiaridade dos outros tempos, convivemos com os mestres e com os alumnos de hoje...

Muitos já não são os mesmos...Mas, é o mesmo o espirito e com esse mesmo espirito é que vimos conviver...

O collegio, hoje, é um refugio amavel.

A vida passa sobre nós como uma grande luta implacavel. Mais de uma vez paramos em meio do caminho e sondamos com uma inquietação sombria os horizontes do deserto...Nesses momentos todos reproduzimos aquelle quadro celebre de Albert Dürer – Melancolia - em que se resume toda a tristeza irreparavel da vida.

E não é verdade que, das reflexões que mais nos avivam esse sentimento de tristeza, nenhuma é tão fecunda quanto á reflexão sobre o que passou...O abandono, o desamparo em que, dia por dia, nos vae deixando a nossa própria vida, esse ontem que nos foge para sempre, não é o fundo eterno e tristíssimo de nossa perenne melancolia?...

Entretanto, e por isso, a chamei de refugio, esta festa me traz a illusão de um milagre. E' um retorno ao passado. Não é a elle que o vemos aqui? Para que o definir, se todos o sentimos na affabilidade solicita dos mestres, na camaradagem descuidada dos collegas, no ruido, no despreocupado humor da conversa interminavel, na soffreguidão dos que mal têm tempo de viver a grande vida que lhes desborda pelos olhos cheios de luz e de desejo, pelos ouvidos cheios de sons, pelas boccas cheias de riso, cheias de symphatia?...

E sobretudo não o sentimos no espirito, nesse qui de indefinível do collegio, do nosso collegio, de onde temos saudade de tudo, da banca inexpressiva, naquelle tempo, hoje tão cheia de emoção mesmo na sua vulgaridade, da vigilancia incommoda do prefeito de olhar tão bom em sua severidade de cumpridor de devêr, das tardes monotonas do domingo da vida simples a mesma, nos seus recreios obrigatorios, nos seus estudos obrigatorios na sua obrigatoria piedade... Mas, a fallar assim estou a vêr que deixo nos que ainda estão uma impressão falsa... E será que a nossa saudade é apenas este desejo de rehabilitar o passado, mesmo quando foi máo e infeliz. Não é exacto. E o elemento verdadeiro e valioso que não sabiamos levar em conta naquelle tempo inquieto dos catorze annos, era que toda essa vida obrigatoria era, afinal uma vida plena, com as suas tarefas bem divididas e classificadas, com os seus deveres espirituaes, os seus deveres moraes, os seus deveres intellectuaes e materiaes, os seus deveres sociaes ordenados, conhecidos, comprehendidos e executados. Havia uma disciplina. E, oh santa submissão essa á uma disciplina de vida.

Por todo o tempo os que não souberam comprehendel-a como os que chegaram a amal-a têm uma justa e grande saudade. E' um trecho, pois, do passado que revivemos aqui. E, para saborear completamente tão rara oportunidade, detenhamos-nos um pouco em nossa desordenada alegria e demos liberdade á reflexão, essa amavel ordenadora das nossas emoções. Vamos esvaziar de seu sentido esta festa tão densa em considerações proveitosas... Antes de tudo é uma festa de repouso e

de recolhimento. Repouso porque temos a sustentar as nossas emoções de hoje um grande fundo de emoções passadas. Porque todos nos compreendemos, desde que fallamos de um grande passado commun e de communs sensações. E de recolhimento, porque esse passado tem sempre qualquer cousa de religiosa que comento, deram-nos vistas de conjuncto vida o espirito á meditação... Repouso e recolhimento são a moldura de nossa festa. Elles nos suggerem e nos preparam as reflexões fecundas com que daqui partiremos e que irão desabrochar, mais tarde em conclusões.

Recebemos, nesses collegios de jesuítas, espalhados por toda parte e sempre identicos, onde nos formamos, mais que uma instrucção.

Tivemos uma educação do pensamento. Deram-nos vistas de conjuncto lucidas e aprofundadas sobre a philosophia, communicaram-nos, um pouco, os nossos mestres, os segredos desse methodo espiritual que constitui em toda parte a força poderosa do jesuíta e sobretudo, nos deram o grande complemento educacional indispensavel – uma crença alicerçada com segurança na razão e na intelligência. Passado certo furôr de atheismo sectário, que dominou por espaço de meio século a vida intellectual do mundo, a intelligência voltou á tolerância razoável de quem não poudo concluir definitivamente. Hoje, pode se dizer que existem dous modos de ser da intelligência perante o incognoscível. Ou a adhesão plena aos dogmas da fê, ou a adhesão condicional aos dogmas da ciência... E nessa condicional está o respeito que merecem, hoje, as verdades da fê e a incerteza que há de sempre pairar sobre aquelles dogmas da sciencia...

De qualquer modo, mais do que nunca se reconhece que o homem é o animal religioso e ainda que as tarefas mediocres da vida, o seu ruido, a sua agitação, roubem a alguns o tempo para tais cogitações e lhes dêem uma ilusão de paz, fôra das inquietações tremendas do problema religioso; todos ouvimos o ruido desse grande problema a se agitar no fundo de nós mesmos, como a única obsessão devoradora...

Nem todos os que aqui estão lograram levar do seu collegio, definitiva e inabalavel, essa forma de vida que é a Fé.

Mas, quantos a levaram! E os que a não levaram ou a não conservaram como conservam, entretanto, uma certa disciplina espiritual e intellectual, que os distingue dos outros, e como guardam os elementos para, um dia, se abrirem em sua alma, pela convicção religiosa, as fontes inesgotaveis da vida interior... Este anno é toda uma pleiade brilhante que deixa as escolas superiores.

Ela se formou aqui, da sua formação essencial, da orientação e do amadurecimento da intelligencia. Os cursos superiores apenas as especializaram.

Sua philosophia, sua orientação para a vida, a clareza e o methodo do seu pensamento, foram forjados aqui.

Aqui elles receberam, como nós outros mais antigos recebemos, essa disciplina psychologica que nos permite desenvolver até o maximo as nossas forças espirituas.

Rectidão de intelligencia, rectidão de coração, disciplina de suas energias, foram os nossos presentes do Collegio.

Recebemos, assim, mais do que o simples ornamento da intelligencia, recebemos alguma cousa que nos allivia sensivelmente o fardo da vida. Para, o que há de supremamente incomprehensivel e implacavel na existencia, deu-nos o collegio uma crença ou uma philosophia, que nos sustene superior de um anjo...

Estados livres dos embrutecimentos vulgáres. A educação dos jesuítas deu-nos para sempre essa marca de espiritualidade, com que sempre teremos elevado o nivel do nosso pensamento.

A elevação de idéa tambem é uma religião.

O bom senso intelligente dos que sabem que a vida não é tão simples como pensam alguns, nos acompanha para sempre.

E a recordação de tudo isto nos mostra que a festa é também uma festa de gratidão. Gratidão pelo thesouro espiritual que nos foi aqui revelado. Não os esquecemos, a esses mestres dedicados e bons. que nos puzeram em contacto com o enigma da vida. Que nos levantaram o veô das maravilhas sem conta do universo e que ao lado desse mundo physico, estupendamente assombroso, nos debruçaram sobre o abysmo do mundo moral e do mundo espiritual.

A mentalidade recebida aqui, neste collegio, é o lençol dagua profundo de onde sobem os veios crystallinos de nossa vida de hoje... E' o passado de nossa intelligência, onde ella encontra muito dos seus motivos de agir.

E a reflexão sobre esse passado nos põe em vista o problema brasileiro de hoje, que é o de condenmar, convergir e congregar todos os elementos dispersos de tradição, da vida moral e espiritual do paiz, para encontrarmos o sentido da nossa nacionalidade. Esse trabalho vai se fazendo com intelligência e brilho.

Todos nos devemos esforçar para coordenar esse passado em nossa própria vida. Para fixar profundamente as nossas raízes em nossa terra. Para isto, o culto religioso das cousas, das pessoas, e do ambiente em que nos formamos.

A família, a escola, o collegio, são pontos centraes do nosso enraizamento na nacionalidade brasileira.

Tem assim a festa dos antigos ainda um sentido social e nacional. Ela nos prende ao passado e nos dá este senso profundo da continuidade na vida de um homem.

Festa de repouso, festa de saudade, festa de gratidão, festa que nos prende por mais um laço ao nosso passado, como todas, essas idéas passam pela nossa inteligência numa agitação deslumbrada...Ouvimos todos dentro de nos o galope moço dessas idéas...Ellas nos revelam parte de nossa sensibilidade...As conclusões serão em cada um de nos diversas, talvez, os sentimentos são os mesmos generosos e bons...Sei, pois, que pela minha bocca falam as boccas de todos, quando, levantando a minha taça para brindar os antigos alumnos dos collegios dos jesuítas na Bahia, em nome delles levo, mais uma vez, aos nossos educadores, a expressão do nosso reconhecimento.(TEIXEIRA, 1924, p.2)

Considerando que na época da *Festa dos Antigos Alumnos* do CAV, Anísio Teixeira já tinha concluído o curso de Direito e exercia, a poucos meses, a função de Inspetor-geral da Educação no Estado da Bahia, fica evidente a forte e íntima influencia que a Companhia de Jesus ainda exercia sobre ele.

Como comprovação de tal afirmação destacamos a quantidade de vezes que Anísio Teixeira se refere ao Colégio e mestres no discurso. Usando palavras afetuosas como por exemplo: querido; amável; afável, ressalta os laços afetivos que continua mantendo com a Instituição e seus membros. Até no comentário sobre a “vigilancia incommoda do prefeito”(ibid, 1924, p.2), identificamos tal afeto quando faz referência ao “olhar tão bom em sua severidade de cumpridor de devêr”(ibid, 1924, p.2) Portanto, as relações interpessoais no colégio revelam-se amistosas, mesmo diante de uma rotina rígida, e muitas vezes monótona como observa-se no trecho que se segue: “tardes monotonas do domingo da vida simples a mesma, nos seus recreios obrigatorios, nos seus estudos obrigatorios na sua obrigatoria piedade”[...].(TEIXEIRA, 1924, p.2) Relações amistosas que perpassavam, também, pelos colegas, quando afirma:

[...] se todos o sentimos [...] na camaradagem descuidada dos collegas, no ruido, no despreoccupado humor da conversa interminavel, na soffreguidão dos que mal têm tempo de viver a grande vida que lhes desborda pelos olhos cheios de luz e de desejo, pelos ouvidos cheios de sons, pelas boccas cheias de riso, cheias de symphatia [...]. (TEIXEIRA, 1924, p.2)

Enfim, Anísio faz uma avaliação positiva da sociabilidade vivida no colégio. Destaca, entretanto, como maior ênfase, os ganhos intelectuais.

Pode-se ter uma ideia da força que estes ganhos têm para Anísio, a partir do fato deste pronunciar no discurso a palavra inteligência por cerca de dez vezes, fora expressões do tipo: “Recebemos, nesses collegios de jesuítas, espalhados por toda parte e sempre idênticos, onde nos formamos, mais que uma instrucção” e “Tivemos uma educação do pensamento”. ibid, 1924, p.2). Anísio faz referência a “pleiade brilhante que deixa as escolas superiores”(ibid, 1924, p.2), de ex-alunos do colégio, que está sendo homenageada e faz uma afirmação incondicional. “Os cursos superiores apenas as especializaram”.(ibid, 1924, p.2) Com esta colocação Anísio não só qualifica o ensino do colégio, como assume que um bom colégio de

ensino básico é fundamental, pois considera os cursos superiores como um caminho para a especialização, do aprendido, nas diversas áreas do ensino básico. Continuando a análise do discurso, percebe-se que Anísio abre espaço, também, para reflexões que envolvem a questão da verdade nas diversas ciências, e sobre tal destacamos:

[...] existem dous modos de ser da inteligência perante o incognoscível. Ou a adesão plena aos dogmas da fé, ou a adesão condicional aos dogmas da ciência”. [...] E nessa condicional está o respeito que merecem, hoje, as verdades da fé e a incerteza que há de sempre pairar sobre aqueles dogmas da sciencia. (ibid, 1924, p.2)

Analisando a citação observa-se portanto, pistas para que se comece a perceber a concepção que Anísio Teixeira tem, na época, sobre ciência. Na mesma fica evidente o questionamento sobre os dogmas da ciência e estes vão ao encontro de novas correntes de pensamento, dentro da própria igreja católica, que passará a perceber Razão e Fé, como campos complementares, como pode ser constatado a seguir:

O conhecimento científico, baseado na racionalidade e na objetividade, emergiu lentamente do mundo da crença. A aquisição do conhecimento científico é um processo vagaroso e permanente, nunca completo. Contudo, no final dos séculos XV e XVI, ocorreu uma ruptura, na Europa, entre a hierarquia da Igreja católica e o conhecimento científico, em um contexto de grandes mudanças. A navegação marítima alargou os horizontes geográficos, e os cristãos confrontaram - se com novas religiões, novas culturas na Ásia e na América. O Cristianismo europeu foi fragmentado pela Reforma, por divisões. A própria visão do mundo, que os europeus tinham, modificou-se radicalmente. O geocentrismo foi substituído pelo heliocentrismo. O surgimento da ciência moderna anulou e relativizou certezas e convicções herdadas do passado, enfraqueceu critérios de vida e de julgamento moral, questionando tradições religiosas. Com isso, o homem ocidental passou a viver com o sentimento de um mundo à deriva, sem rumo, caracterizado pela anarquia do pensamento, apostando no conhecimento científico como solução dos problemas novos. Com o zelo de defender a ortodoxia doutrinária, a Inquisição via na evolução científica uma ameaça para a fé cristã. A hierarquia eclesiástica não avaliou adequadamente a nova problemática em seu tempo. As ciências separaram-se do controle da Teologia e da Filosofia. O próprio René Descartes reduziu o homem à racionalidade instrumental ou científica, propondo o conhecimento “claro e distinto”. A evolução da ciência, baseada na racionalidade e na objetividade, despertou uma expectativa revolucionária. O homem apostou na luz da razão, entronizando a deusa razão na Revolução francesa. O Iluminismo francês e a Aufklärung alemã expressam um movimento de emancipação da tradição, também religiosa, da autoridade, excetuando a da própria razão. Nem sempre teólogos e filósofos perceberam o processo motor dessas mudanças ocorridas no campo social, político e cultural. As ciências decorrem da atividade racional do homem, sem envolver muito o coração, o sentimento e a emoção. A ciência e, mais tarde, a tecnociência, desenvolveu-se paralelamente à Filosofia e à religião ou até contra ela. Claro, houve exceções como, no século XX, Pierre Teilhard de Chardin⁴. Mas, de modo geral, a pluralidade das ciências fragmentou a visão do mundo, pois a ciência trata de problemas limitados. Portanto, seria inútil dela esperar soluções globais para questões como o sentido da vida e da história. Mas a fragmentação da ciência também influenciou a Teologia e a Filosofia, substituindo as sínteses por tratados ou ensaios sobre questões limitadas. Até certo ponto, podemos dizer que, por um lado, criou-se uma ruptura entre o

mundo da ciência e o mundo da vida. Este último é bem mais amplo e mais rico que o mundo da ciência, pois este emerge do primeiro, abrindo pequenas clareiras. Por outro lado, o mundo da ciência desenvolveu-se, muitas vezes, distante da Filosofia e da Teologia acadêmicas, que, por sua vez, se fecharam em si mesmas, dentro das muralhas da Academia. Nesse processo de fragmentação do saber, houve poucas tentativas de síntese. Teilhard de Chardin foi uma exceção no seu esforço de conciliar a visão evolutiva do mundo da ciência com a fé cristã. (ZILLES, 2005 p.470-471)

Anísio Teixeira teve como professores do Colégio, como destacado anteriormente e reforçado por Nunes (2010), jesuítas pesquisadores “o padre Meyer, suíço de nascimento e dedicado à química, antigo professor da Universidade de Beirute; padre Zimmermann, alemão, matemático; padre Camillo Torrend, naturalista francês e especialista em protozoários”, com inúmeras publicações na Revista de Ciências Naturais “Brotéria”, organizada por um grupo de professores jesuítas do Colégio São Fiel, em Portugal. Portanto desde muito jovem, Anísio passa a ter contato com o conhecimento científico, deve ter tido acesso às publicações do Pe jesuíta Teilhard de Chardin e de muitos outros homens de ciências, mas também às discussões sobre os limites da ciência, a tal ponto que faz questão de fazer um registro dobre este campo de saber ao falar para os novos e ex -alunos vieirenses.

Portanto os registros do discurso revem a existência de um *Espírito Científico*, que se não teve, possivelmente, sua origem delimitada a espaços jesuíticos, pois, também, são expressivas as experiências vivenciadas em Caetité e entorno, bem como com familiares e outros, pode-se inferir do exposto sobre a Ordem, que os membros da Companhia de Jesus, forneceram elementos de reflexão que contribuíram para que este *Espírito* se desenvolvesse e se fortalecesse. Um *Espírito Científico* que acompanhará Anísio Teixeira por toda vida profissional. Para tanto procurará fundamentar em basas científicas suas ações, mas sempre consciente dos limites e caráter provisório das verdades da ciência. No artigo titulado *O Espírito Científico e o Mundo Atual*, de sua autoria, chama atenção de que,

A ciência não é céptica, embora falível. A falibilidade é uma forma negativa de indicar a sua capacidade de acertar. A ciência, quando erra, tem, insisto, nos seus próprios métodos a sua própria correção. Logo, nenhuma outra direção pode ser menos céptica e, ao mesmo tempo, mais humilde e mais vigilante. A generalização do espírito científico a todos os aspectos da vida é, nos dias de hoje, o mais seguro penhor do progresso político, social e moral do homem, e, em verdade, seu melhor guia, seu melhor conselheiro e seu melhor viático. (TEIXEIRA, 1955, p.6)

Com esta colocação Anísio Teixeira sela seu compromisso pessoal para com o nutrir e disseminar de um *Espírito Científico* que embasasse o fazer dos profissionais brasileiros, nas suas diversas especialidades e, mais especificamente, os profissionais envolvidos com processos educativos, ou sejam: os que teriam sobre sua responsabilidade a formação, direta e/ou indireta, das novas gerações.

É evidente que ao escrever o texto *O Espírito Científico e o Mundo Atual*, Anísio Teixeira já havia alargado suas experiências formativas e já escrevia fundamentado em novas influências. Entre estas, sem dúvida a mais forte, o pragmatismo de Dewey, cujos os primeiros contatos ocorreram durante as viagens à Europa e aos EUA, no período em que esteve a frente da

Diretoria de Instrução e, com mais aprofundamento, no período em que fez o “Master of Arts”, na “Columbia University”. No entanto, é interessante perceber que, muito provavelmente, a base do desenvolvimento do *Espírito Científico* defendida por Anísio, tenha começado a ser construída 34 anos antes, no ensino básico.

A pesquisadora Clarice Nunes (2010) ao iniciar sua escrita do volume sobre Anísio Teixeira, integrante da coleção Educadores – Ministério da Educação, coloca duas questões para reflexão. Qual é o nosso propósito na vida? Qual seria o propósito da vida de Anísio Teixeira? A partir delas, inicia a apresentação do percurso de Anísio, que de certa forma corroboram com as colocações feitas, até então, no presente estudo. Aproveitando o fio condutor traçado pela autora para apresentarmos alguns recortes do livro que reforçam algumas correlações já apresentadas.

Nasceu o educador no fim do século XIX, no ano de 1900, em Caetité, pequena cidade do interior baiano, a 800 quilômetros de Salvador, no casarão assobradado da Praça de Sant’Ana, na antiga Rua do Hospício, defronte à porta da igreja. [...] Pela sua origem social, radicada nas famílias Spínola e Teixeira, proprietárias de terra e com prestígio político consolidado e pela educação inaciana recebida nos colégios que frequentou, Anísio tinha diante de si um quadro de alternativas plausíveis à sua disposição: o sacerdócio; a magistratura; o exercício liberal da advocacia, Medicina (encaminhamento paterno) ou Engenharia (encaminhamento do seu irmão Nelson); o exercício do jornalismo e das letras; a condução dos negócios e interesses familiares ou a carreira de político profissional. Tratava-se de um amplo repertório se comparado ao de outras crianças de origem social diferente, mas, ao mesmo tempo, um repertório limitado pelas circunstâncias históricas. (NUNES, 2010,p.22)

Clarice Nunes, ao tempo em que apresenta dados sobre Anísio e seus familiares, aponta possibilidades formativas de profissionais que poderiam influenciar as escolhas do jovem Anísio, após concluir a formação básica. Para tanto toma como referência o perfil de alguns de seus familiares.

Cabe salientar, que além das histórias das famílias Teixeira e Spinola, que abriram para Anísio Teixeira um leque de referências, vivências e possibilidades, que os processos vivenciados na educação formal básica, também, exerceram papel relevante no desenvolvimento de seu *Espírito Científico*, como destaca Clarice (2010) e que apresentamos a seguir:

Após seus estudos primários realizados com Dona Maria Teodolina das Neves Lobão e Priscila Spínola, sua tia, Anísio Teixeira ingressou, em 1911, no Colégio São Luiz Gonzaga, ginásio de preparatórios organizado pelos padres jesuítas, e já se destacava pela vivacidade de espírito e rigor nos estudos. Aí nasceu sua admiração pela Companhia de Jesus que cresceu quando, em 1914, transferiu-se para o Colégio Antônio Vieira, em Salvador, iniciativa de jesuítas europeus que vieram do colégio lisboeta de Campolide, no momento em que Portugal se tornava uma República. Nesse colégio, Anísio teve contato com muitos docentes de valor que combinavam a vocação sacerdotal com a vocação acadêmica, sendo pesquisadores em seus campos de conhecimento e autores de artigos em revistas internacionais. No corpo docente do colégio destacavam-se o padre Meyer, suíço de nascimento e dedicado à química, antigo professor da Universidade de Beirute; padre Zimmermann, alemão, matemático; padre Camillo Torrend, naturalista francês e especialista em protozoários; padre Dignam, irlandês, que ensinava vocabulário e gramática da língua inglesa; padre Antônio Ferreira, paulista e orador sacro muito estimado em Salvador e padre Luiz Gonzaga Cabral, considerado o maior pregador da Península

Ibérica, descendente de família de aristocratas da cidade do Porto, provincial dos jesuítas em Campolide e confessor do rei português. (NUNES, 2010,p.12)

É importante destacar que Nunes (2010) ao apresentar o percurso formativo de Anísio Teixeira coloca ênfase, principalmente, no nível de formação de seus professores do Colégio Antônio Vieira e sobre a influência da formação desses profissionais sobre a formação do jovem Anísio, que conforme relata o Farias Goes Sobrinho¹²², contemporâneo de Anísio Teixeira no Colégio, deveria ser grande na área das ciências básicas, pois afirma que o Pe. Meyer enxergava nele uma vocação de químico.; o Pe. Zimmerman de matemático e físico o Pe Torrend de biólogo, pois o enxergava como um observador sagaz da natureza, e acrescentaríamos da sociedade, ressaltando que muito importaria leva-lo a ocupar-se em estudos especializados nesse campo. Mas, ainda segundo o mesmo colega do Colégio, na área de literatura e religiosa, também, pois, o Pe. Ferreira reconhecia a capacidade inquestionável, do jovem Anísio para a criação literária. Quanto ao Pe. Cabral, Farias Goes Sobrinho diz que este o quis um jesuíta. O desenvolvimento das aptidões e as influências são bem retratadas na citação que se segue:

O humanismo cristão dos colégios jesuítas possibilitou-lhe o domínio da escrita, mediante um trabalho constante com os textos, o treinamento caligráfico, diferentes tipos de leitura, a realização de operações mentais analíticas e sintéticas. Abriu seu pensamento para o campo filosófico e estimulou o contato com os livros numa relação íntima que o acompanhou a vida toda. No gabinete de física, no laboratório de Química e no museu de história natural, Anísio pôde ingressar no campo científico e num modo de pensar que embora subordinado à fé era novo nos colégios da época. Foi ainda nesse ambiente que ele se reconheceu, como dizia, “um animal religioso”. Aprendeu também certo modo de vestir-se, alimentar-se, viajar, preferir, organizar, suportar privações e adversidades, superar obstáculos. Construiu um estilo de andar, de expressão do rosto, o costume da concentração, do recolhimento interior, a regularidade na hora das refeições, do sono, do despertar e outros tantos detalhes que mostravam como a formação jesuítica numa instituição na qual esteve internado teve um forte efeito sobre seu comportamento. (NUNES, 2010,p.13)

E Nunes (2010), complementa:

Estudar em colégios jesuítas implicou para ele a interiorização de normas e valores morais, o reconhecimento de que seus “dons” específicos (a inteligência, o desejo, a imaginação e a memória) precisavam ser orientados no sentido de impregnar seus atos com uma tessitura consciente, racional e espiritual. Essa formação forneceu-lhe um *modus vivendi*. Dentro desse universo, Anísio fez escolhas no campo das leituras (Santo Ignácio, padre Antônio Vieira, São Tomás de Aquino etc.), das amizades (padre Cabral, Herbert Fortes, Guilherme Joaquim Faria Góes etc.). Declarava-se admirador da monarquia e filiado à tradição da restauração católica. Era alguém que havia interiorizado uma visão hierarquizada dos homens e considerava a família a instituição modelar da sociedade. Defendia uma concepção elitista e seletiva de ensino. Militante do movimento católico, o educador esteve, durante sua juventude, ideologicamente próximo de Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Plínio Salgado. Para ele, o catolicismo parecia uma verdade tão completa e tão grandiosa que se disporia a dedicar sua vida por inteiro para defendê-la. Aguardava a manifestação da vontade divina e o consentimento dos pais para ingressar no noviciado. Dos 19 aos 22 anos, Anísio oscilou entre seguir a vida religiosa ou a vida secular. Aguardava o consentimento dos pais para realizar o que percebia como sua

¹²² MOTA FILHO, Cândido e outros. In memoriam de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: FGV/IBGE, 1971. 48p.

vocação sacerdotal, mas a graça não veio. O pai de Anísio via nele um magistrado nato, seu sucessor natural, futuro patriarca familiar. Padre Cabral via nele uma vocação para o sacerdócio e, pelos seus talentos, alguém destinado a ocupar postos importantes na hierarquia eclesiástica. Espremido entre as aspirações da autoridade paterna e as da autoridade religiosa acabou retardando seu ingresso ao sacerdócio e abdicando da carreira de político profissional. (NUNES, 2010,p.13)

Das colocações de Nunes (2013), destacamos: No Colégio Antônio Vieira, Anísio Teixeira teve acesso, durante sua formação básica, a gabinete de física, a laboratório de química, cujo responsável era um dos fundadores da revista “Brotéria”, e a museu de história natural. E, como a própria autora salienta, “Anísio Teixeira pôde ingressar no campo científico e em um modo de pensar que embora fosse subordinado à fé era novo nos colégios da época”(NUNES, 2010,p.13), na Bahia. Teve acesso, também, há diferentes tipos de leituras, quiza até de ficção, teve a possibilidade de desenvolver e adquirir um domínio na escrita e nas operações mentais analíticas e sintéticas, o que estreitou uma relação íntima com os livros que o acompanhou por toda vida. Tudo isto com a mediação de bons mestres jesuítas, alguns, inclusive, pesquisadores, como o naturalista francês Pe Camillo Torrend, que direta e/ou indiretamente o coloca em maior contato com o método científico das ciências naturais. Cabe destacar, que na monografia titulada *Influencia dos Jesuítas*, comentada anteriormente, Anísio Teixeira se reporta Ranke, o introdutor de ideais sobre o uso do método científico em pesquisas históricas. Tal fato demonstra e reforça, que discussões sobre ciências e metodologia científica faziam parte do seu processo formativo, desde muito jovem.

Na vida adulta, essa formação foi se alargando e como não era um filósofo de formação acadêmica, Anísio Teixeira busca apoio em alguns teóricos como comprova nota adicionada, em 1967, ao livro de sua autoria, titulado de *Pequena introdução à filosofia da educação – escola progressiva ou a transformação da escola*, no qual explicita os delineamentos filosóficos gerais e específicos pertinentes à educação. Na nota adverte que “o pensamento do autor [ele, Anísio Teixeira] não tem preocupações de originalidade. Filia-se ao dos educadores e, mais diretamente, ao do grupo que reconhece, como sua principal figura, a do filósofo John Dewey”. (TEIXEIRA, apud SILVA, S. M, 2011, p.2) Assim, apresenta o corpus conceitual de Dewey referente aos “fundamentos da educação baseada na experiência” (TEIXEIRA, apud SILVA, 2011, p.2).

E é em Dewey, também, que vai encontrar referências que irão fortalecer o seu *Espírito Científico*, no qual, como afirma na entrevista concedida a Odorico Tavares, comentada anteriormente, encontra argumento cabal, baseado no evolucionismo de Charles Darwin, para se distanciar da ideia de ciências centrada no criacionismo defendido pela Companhia de Jesus.

Nesse ponto as ideias de Anísio Teixeira se aproxima da concepção de *Espírito Científico* de Bachelard, mas orientada a Física. Passa Anísio Teixeira a visualizar ciências naturais, assim como Dewey, baseada no darwinismo, ou seja, todos os desdobramentos do *Espírito Científico* de Dr Anísio passam a ser sustentados pelo aporte teórico do evolucionismo de Charles Darwin. Um *Espírito* que se afasta do pensamento clássico, estruturado e fundamentado por uma racionalidade unívoca e pretensamente perfeita, pois o pensamento

clássico ocasiona uma história da ciência e de filosofia, na qual a diferença passa a ser tratada a partir da totalidade.

No pensamento clássico, o ser é concebido como igual ao logos constituinte, ou seja: a filosofia e a ciência, desde o seu início, assumem uma posição de neutralizar a diferença. A ideia do logos surge portanto, como uma tentativa de reunir toda a multiplicidade de origem numa unidade do ser e pensar.

Já o modelo de racionalidade proposto por Bachelard, e que norteia seus livros sobre *Espírito Científico*, vai ao encontro de uma razão dotada de liberdade, para além do logos da tradição filosófica ocidental.

Para Bachelard a verdade é “fruto da discussão e não do logos cristalizado. Ele defende a ideia da necessidade de restituir à razão humana sua função criativa [...]”.(KUIAVA, e RÉGNIER,2012, p.6)

Percebe-se, portanto, que a ciência é um dos pontos centrais de reflexão da filosofia.

Os parâmetros pelos quais esta reflexão se orienta têm mudado ao longo dos tempos, fruto, em grande parte, da própria evolução da ciência. Ao longo das histórias da filosofia e da ciência as seguintes questões foram sendo formuladas e muitas foram as tentativas para respondê-las. Em um primeiro momento: A ciência é ou não possível? (Antiguidade). Num segundo momento: Como é que a ciência é possível? (século XVIII, a partir da obra de Kant) e finalmente, num terceiro momento, que se prolonga até aos nossos dias: O que é a ciência? Portanto, “filosofia, ciência e tecnologia constituem um trinômio que guarda relação orgânica com a sociedade dos homens desde o início da Antiguidade Clássica greco-romana”.(BITTAR e FERREIRA, 2012, p.14)

A complementando, acrescentamos:

[...] a emergência da ciência moderna no século XVII é acompanhada por um afastamento progressivo da Ciência relativamente à Filosofia, afastamento esse que, no século XIX, ganha os contornos de um adquirido teórico - o positivismo de Auguste Comte e a(en)tão proclamada autonomia da ciência enquanto única forma de conhecimento válido. Passados porém esses momentos de euforia cientista, e logo a partir da segunda metade do século XIX, a ciência revela-se um saber muito mais frágil e conjectural do que se poderia pensar. Acontecimentos decisivos, como o aparecimento das geometrias não euclidianas, a emergência das ciências humanas e as grandes rupturas introduzidas nas ciências da natureza por Darwin, Einstein e Max Planck, estão na origem de uma nova aproximação entre a Ciência e a Filosofia que no século XX se consagra. A Ciência compreende então que nunca se poderá autonomizar totalmente da Filosofia, toma consciência de que, necessariamente, está fundada em pressupostos filosóficos, que as suas construções teóricas na época de ouro do princípio do século XX em que os grandes homens da Ciência (Einstein, Niels Bohr, Oppenheimer, De Broglie, Bertrand Russell, Heisenberg), aqueles mesmos que a estão a fazer progredir de forma insuspeitada, se sentem convocados a questionar os fundamentos e princípios das ciências em que trabalham, a interrogar os seus resultados, limites e finalidades. (POMBO, 2012, p.241)

Como reforço acrescentamos as seguintes considerações de Fonseca e Oliveira (2009) sobre o artigo *O Espírito Científico e o Mundo Atual* escrito por Anísio Teixeira, em 1955:

[...] a cultura científica, ressaltando seu aspecto evolutivo e progressivo [sentido de movimento; de mudança]. O autor retoma a origem grega da ciência, como forma de conhecimento humano. E apresenta a dualidade, ainda marcante no cerne da cultura científica, como um aspecto a ser superado. O autor apresenta a necessidade de ampliação dos domínios da ciência que, segundo ele, poderia aprimorar os valores por seu caráter antidogmático e autocorretivo. Na concepção de Anísio Teixeira a ciência pura especulativa se conjugaria com o desenvolvimento nacional e teria grande relevância social. Assim, o autor propõe tanto a profissionalização das ações de pesquisa e principalmente da educação científica, como uma via de extensão do espírito científico à cultura geral, por meio de políticas para inclusão de ciência em todos os níveis de ensino. (FONSECA e OLIVEIRA, 2009, p. 147)

Talvez, por isso mesmo, Dr Anísio tenha defendido nas suas reflexões e ações, uma educação mais espalhada, que possibilitasse uma formação para a vida.

Ao analisar-se a produção intelectual de Anísio Teixeira, percebe-se a importância atribuída a valores e a preocupação com a relevância social. São questões que perpassam o conjunto de suas obras e ações, e que estão presentes até quando não são intencionalmente anunciadas. Em sendo assim, os desdobramentos do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira, que perpassa por participação em associações, criação de órgãos e universidades, assim como gestões em secretarias de educação, entre outras ações de grande relevância, resultam na intencionalidade de não só usar, como propagar a relevância da utilização de uma metodologia científica na resolução de problemas, mas embasados por valores do campo da ética.

No pensamento e ações de Dr Anísio a postura científica é a possibilidade mais concreta de aperfeiçoar o acompanhamento do progresso [movimento], no domínio dos problemas da vida. Suas ações se pautaram nos eixos da liberdade, da segurança e do progresso social. A postura científica, vivenciada como uma cultura abrangente promoveria o progresso [mudança] e fortaleceria a democracia. (OLIVEIRA e FONSECA, 2009, 147)

Portanto, é a persistência na defesa da democracia e da educação para fortalece-la, o que se constitui o motivo central do seu devotamento a gestão pública, apesar das rupturas que lhe foram impostas pelas conjunturas políticas de 1935 e de 1964, o que torna a trajetória de Anísio Teixeira admirável. (NUNES, 1998) Democracia que ele reafirma, em 1968, pouco antes de entrar em vigor o Ato Institucional nº5, como sendo *O Problema* do Brasil, conforme explicita texto de sua autoria.

[...] Essa defesa não é apenas apaixonada. É polida por uma filosofia da educação e uma compreensão aguda da história da sociedade brasileira. É iluminada pela sua imaginação pedagógica. Anísio Teixeira fez parte de uma geração de intelectuais cuja preocupação maior, na primeira metade do século XX, foi organizar a nação e forjar o povo através de uma cultura que procurava assegurar a sua unidade pela instrução pública, pela reforma do ensino e pela construção de um campo cultural a partir da universidade. Essa preocupação levou-o, como a outros educadores que lhe foram contemporâneos, a uma relação contraditória com o Estado. Na década de vinte, ao afirmar sua opção pela educação, em oposição às carreiras religiosa e política, pelas quais também se sentiu atraído, Anísio Teixeira fez uma escolha em aberto, pois a carreira profissional de educador não estava ainda estruturada em nosso país. Ele iria trabalhar, no decorrer da sua trajetória, para dotá-la de conteúdo

e institucionalizá-la, levando para o novo campo que se constituía um amálgama de saberes e vivências das áreas religiosa, literária, política e jurídica, além da aquisição de uma filosofia de educação e de um programa de ação nos moldes do liberalismo de John Dewey. [...]. (NUNES, 2010,p.54)

E Nunes (2010) complementa:

O liberalismo deweyano forneceu a Anísio Teixeira um guia teórico que combateu a improvisação e o autodidatismo, abriu a possibilidade de operacionalizar uma política e criar a pesquisa educacional no país. [mas] Anísio Teixeira não assimilou Dewey incondicionalmente. [...] Em quarenta anos de vida pública Anísio Teixeira produziu inúmeros artigos, conferências e relatórios. Livros foram poucos e surgiram quase sempre nos intervalos de exercício de seus cargos públicos. Em toda a sua produção, o tema da democracia no âmbito da escola e fora dela foi decisivo e se impôs sobre outros temas. Sob essa ótica elaborou uma interpretação de conjunto da história, da sociedade e da educação brasileira ao buscar construir, sobretudo uma ponte entre a reforma da sociedade pela educação e renovação cultural desejada, no sentido da valorização da ciência, do industrialismo e da democracia, que ganha com sua vida e obra uma entonação própria, distinta mesmo de outros intelectuais que colaboraram com os seus projetos ou se opuseram a eles. Em síntese, o que Anísio Teixeira defende em tudo que escreveu é a educação como um direito de todos. (NUNES, 2010,p.55)

Concordando com Nunes (2010), acrescentamos que, dependendo dos fundamentos, este direito poderá instrumentalizar os educandos para uma convivência que garanta o funcionamento da sociedade, na qual encontra-se inserido, alicerçada em princípios democráticos.

Tomado-se emprestada a metáfora da corda de sisal, imagem utilizada para simbolizar a história da microfísica contemporânea, cuja firmeza advém não da grossura nem do tamanho dos fios, mas da forma como estes se interpõem e se entrelaçam, antecipamos, como poderá ser verificado nos próximos capítulos, que o jovem Anísio em sua história familiar no *Alto Sertão da Bahia*, bem como nos colégios dos jesuítas que frequentou, não só teve acesso aos fios de sisal como, principalmente, a uma aprendizagem que o habilitou para entrelaçá-los, conforme suas convicções e reflexões, na medida que se foi se transformando em adulto. E o fez com esmero, e bem fundamentado. Por isso mesmo, foi e ainda é, respeitado por todos aqueles que conviveram com ele e/ou o estudaram. Somam-se a esta lista de admiradores, até mesmo os que não comungaram das mesmas ideias e iniciativas.

No artigo *O Espírito Científico e o Mundo Atual*, segundo Mendonça (2006), Anísio Teixeira questiona:

[...] a permanência dos dualismos entre teoria e prática, entre o racional e o empírico, entre o manual e o intelectual, entre ação e pensamento, entre o útil e o espiritual, prevendo que, com o advento das tecnologias científicas, todas aquelas partes, antes dicotômicas, seriam reintegradas em um só método: o método científico. Apesar de visualizar tal tendência, ele registrava a existência de fortes resistências frente a hábitos milenares de segregar tais atividades, exemplificando as formas sutis de dualismo entre saber científico (o dos fatos) e saber moral e social (o dos valores e fins da atividade humana). O núcleo argumentativo concentrava-se na questão da ética, ou seja, do uso da ciência segundo princípios morais. (MENDONÇA, 2006, p. 106)

Concordando com o destacado por Mendonça (2006) acrescentamos que Dewey compartilhava de tais ideias. Retornando ao discurso proferido na já comentada festa do CAV acrescentamos que neste, o jovem

[...] Anísio abre um espaço, também, para tratar da Fé de forma cuidadosa: “[...] quantos a levaram! E os que a não levaram ou a não conservaram como conservam, entretanto, uma certa disciplina espiritual e intelectual, que os distingue dos outros, e como guardam os elementos para, um dia, se abrirem em sua alma, pela convicção religiosa, as fontes inesgotáveis da vida interior”(TEIXEIRA, 1924, p.218). Mesmo influenciado para ingressar na Companhia, Anísio demonstra respeito pelas escolhas – valores - dos demais colegas e destaca que mesmo para os céticos religiosos, os conhecimentos adquiridos no colégio possibilita *Estados livres dos embrutecimentos vulgares*. E complementa: “A educação dos jesuítas deu-nos para sempre essa marca de espiritualidade, com que sempre teremos elevado o nível do nosso pensamento.”(TEIXEIRA, 1924, p. 220) E complementa: “A elevação de idéa também é uma religião.” e “O bom senso inteligente dos que sabem que a vida não é tão simples como pensam alguns, nos acompanha para sempre.”(TEIXEIRA, 1924, p. 221)

Acreditando que essa tenha sido a marca de Anísio Teixeira, ou seja, o *bom senso inteligente* de, mesmo sabendo que não seria fácil, se fazer homem de ação em prol de uma educação pública de qualidade, laica e democrática, em um período em que o Brasil vivenciava uma nacionalidade de base múltipla, mas que clamava por um nacionalismo pujante, que se nutria de elementos da tradição e modernidade. Ao aceitar convites para atuar em gestões públicas e, conseqüentemente, enfrentar desafios e seguir, sempre que possível, ocupando espaços, que estudiosos da atualidade consideram que foram estratégicos para o avanço da educação e da ciência e, em especial, para o início da institucionalização da pesquisa e da pós-graduação no Brasil. Em sendo assim Anísio Teixeira construiu uma história que vale a pena ser visitada e estudada com vistas a contribuir em reflexões impostas pela conjuntura atual.

2 – Influências Complementares

Após a conclusão do curso de Direito Anísio Teixeira volta para a Bahia. No retorno, mesmo com a forte oposição familiar, ainda nutre o desejo de seguir a carreira eclesiástica. Entretanto, como poderá ser verificado em mais um trecho da entrevista concedida a Odorico Tavares, aceita o convite do então governador do Estado, Góes Calmon, para ser o Inspetor-Geral da Educação. Cargo que foi renomeado, no ano seguinte, para Diretor-Geral de Educação Pública, e que modifica os planos de Anísio Teixeira de tornar-se jesuíta, como explica o próprio a seguir, na já referida entrevista.

Um incidente, porém, frustrou a minha aventura religiosa e marcou o início do terceiro ciclo. Retardada a minha entrada na Companhia de Jesus, pela oposição dos meus pais e pela prudência dos padres que achavam interessante amadurecesse eu, já formado em direito, a minha vocação com um ano de vida profana, dediquei o ano de 23 à advocacia e assistência política a meu pai, na campanha de sucessão governamental. Eleito Góis Calmon, Governador, vim à Bahia [Salvador], em missão política. O Governador, a quem não conhecia pessoalmente, convidou-me para dirigir a instrução no estado [Bahia]. Este, o incidente. Consultada a Companhia de Jesus, acharam melhor os padres que eu atuasse no campo leigo e não nas fileiras jesuíticas.

Iniciou-se, assim, a minha vida de educador. Tinha então vinte e três anos. Trazia para a nova profissão a cultura geral que me deram os jesuítas, os cinco anos de literatura e direito na Universidade do Rio, e a humildade e ardor religioso de jovem líder católico. Fiz-me, bem ou mal, um educador. Além dos estudos intensivos que me impôs o cargo, fui à Europa e à América em viagem de observação e, depois, voltei à América para um curso regular na Columbia University. Neste terceiro ciclo, revivi um embate da adolescência, entre as duas filosofias que lutavam em meu espírito. Por volta de 1927, senti haver superado essas mortais contradições, reconciliando-me com a filosofia que primeiro me influenciara, a do espírito naturalista e científico de que me tentara afastar o ultramontanismo católico dos jesuítas. Trouxe de meus cursos universitários não somente esta paz espiritual, mas um programa de luta pela educação no Brasil. (TEIXEIRA apud TAVARES, 1952, s/p)

A frente do órgão governamental Dr Anísio, como ele mesmo afirma na citação acima, tem a oportunidade de excursionar e fazer alguns cursos na Europa e Estados Unidos da América (EUA), país que retorna para realizar curso de pós-graduação, que na atualidade, correspondente ao nível de mestrado no Brasil.

Destacamos que consideramos o período do governo Góes Calmon, que inicia-se com o que Dr Anísio denomina de incidente, uma transição para o terceiro ciclo de influência, pois na nossa percepção, o terceiro ciclo inicia-se, realmente, a partir do ingresso na pós-graduação do “Teachers College”.

Esta nova experiência, como ele mesmo afirma, possibilita a reconciliação de Anísio Teixeira com a filosofia que primeiro o influenciara, ou seja, a do espírito naturalista e científico.

Cabe acrescentar que ao adicionar na entrevista, logo em seguida de falar sobre a primeira filosofia que o influenciara, a observação “de que me tentara afastar o ultramontanismo católico dos jesuítas” (TEIXEIRA apud TAVARES, 1952, p.), Dr Anísio demonstra que, apesar do grande envolvimento com a doutrina dos jesuítas, nunca afastou-se do pensar cientificamente e nutrir-se das ideias do movimento naturalista que, como já nos referimos anteriormente, é impregnado do evolucionismo de Charles Darwin e que não se adéqua ao criacionismo defendido pelos jesuítas.

Portanto é sobre essa nova etapa que inclui viagens, cursos e temáticas afins, nomeadas de complementares, mas de suma importância para a consolidação do *Espírito Científico* de Dr Anísio, que tratam os tópicos que se seguem.

2.1 – Da Direção de Instrução Pública da Bahia

Ao retornar para a Bahia, no início de 1923, Anísio Teixeira passará o resto do ano em Caetité, auxiliando o pai na campanha pró Arthur Bernardes a presidência da República.

Em 1924 assume o governo do Estado, após o quadriênio do segundo governo de José Joaquim Seabra, Francisco Marques de Góes Calmon, que ao tomar posse e constituir sua equipe governamental, convida Anísio Teixeira para ocupar o cargo de Inspetor de Instrução Pública.

O incidente, como se refere Anísio Teixeira a circunstância na qual se efetiva seu primeiro emprego na administração pública, deu-se da seguinte forma: ao vir para Salvador, em março de 1924, e se encontrar com o novo governador, Anísio Teixeira é surpreendido com o convite para assumir este cargo. Tal convite fazia parte dos planos de Góes Calmon de, em retribuição

ao apoio político recebido da “clã” Teixeira, na região do alto São Francisco, nomear membros da família para participar do seu governo. Cabe salientar que Dr Deocleciano pleiteava para o filho um cargo Promotor Público, já que o mesmo tinha concluído o curso Direito.

Gilberto Freyre em seu livro titulado de *Tempos Mortos e Outros Tempos, trechos de um diário da adolescência e primeira mocidade (1915-1930)* faz o seguinte comentário:

Góes Calmon nada tem do baiano remanhão. É muito baiano nos modos, na polidez, na suavidade. Mas ao mesmo tempo é muito inquieto. Inquieto e realizador compreende-se que seja um amigo da gente moça. Especialmente dos moços em quem descobre vocações para a vida pública no sentido mais alto. Anísio Teixeira, por exemplo. (FREYRE, 2006 p. 32)

A síntese do perfil de Góes Calmon elaborada por Freyre, ao menos no que se refere a Anísio Teixeira, é procedente, e vai ao encontro da colocação de Faria Góes sobre o então novo governador da Bahia, reproduzida por Luiz Viana no livro titulado *Anísio Teixeira. A Polemica da Educação*, que diz que Góes Calmon,

[...]era um faiscador de vocações e talentos para a vida pública. Governaria com os moços que aliciava, inclusive entre estudantes das faculdades. No meio desses descobriria a Hermes Lima, que convidou para o seu Gabinete Civil. Hermes, íntimo de Anísio, seu colega de internato no Antônio Vieira, depois no Rio contemporâneo seu na faculdade de Direito, logo levou Góes Calmon a conhecer o texto de dois dos artigos do amigo, aparecidos no apagado jornalzinho da distante Caetité. [...] O impacto daquele fluxo de idéias, continua Faria Góes, denunciador de uma poderosa usina de pensamento, sobre o Governador recém-eleito foi decisivo e profético. (VIANA,1990, p.45)

De forma surpreendente para Dr Anísio e sua família, bem como para correligionários políticos e a sociedade como um todo, que esperava que no cargo fosse empossado uma pessoa mais velha e experiente, Góes Calmon convida o jovem Anísio para dirigir a educação pública do Estado. Este, tomado pelo susto inicial, recusa o convite, por considerar-se despreparado para a função, mas acaba aceitando, com nomeação oficializada em 9 de abril do mesmo ano.

[...] no relance do convite então formulado atingira o Governador o clímax de sua arguta intuição de selecionador de valores, pois ao proceder à ousada convocação acabava de afastar do campo jurídico-político, para projetar no da educação, o jovem que viria a ser figura marcante no cenário da educação brasileira, talvez a que, na república, com mais profundos impactos renovadores lhe tenha sacudido as velhas estruturas. (ABREU,1960, p.18)

Segundo Abreu (1960), as reações foram diversas e algumas até irônicas, o que impulsiona Dr Deocleciano a escrever para o filho lembrando a enorme responsabilidade assumida e a obrigação de corresponder à expectativa dos que estavam depositando confiança nele, pois

seria a forma de anular as opiniões contrárias a indicação. Em resposta ao pai Anísio Teixeira ressalta em carta:

Foram lembranças justas e que, por isto, sempre me fazem bem. Entretanto, sem querer levar muito a sério as minhas transformações, calculo o alegre escândalo que vão elas dando à família. Para minha felicidade, porém, espero que elas não sejam senão aparentes e que correspondam tão somente à necessária adaptação ao novo meio onde vim exercer a atividade. Atividade que aceitei e a que, por isto, quero dar-me todo. Mas, não sei porque parece que, na família, é que não nos hão de conhecer nunca. Os meus esforços de adaptação são apenas os naturais desejos de mundanidades que tardiamente me vão aparecendo... É esta a impressão da família. Está afinal, como dizia certo pai português ao filho muito religioso, a contragosto dele, se *arejando*. Papai ainda bem que não me aconselha que me continue a *arejar*, mas que estude e reflita sobre o que as circunstâncias estão a exigir das minhas necessárias pequenas forças. (TEIXEIRA, 1924)

Entretanto, apesar do grande desafio, Dr Anísio vai contar com o apoio do governador que propicia-lhe não só a viabilização de viagens técnicas e de estudo, como, também, orientações profissionais como, por exemplo o estabelecimento de contatos com profissionais que atuavam na área e acesso a publicações com temas afins.

A estreia de Dr Anísio na área da educação ocorreu no momento em que o Estado apresentava o seguinte cenário:

Quadro 6: Quantitativo de escolas elementares em funcionamento no estado da Bahia e de matrículas no ano de 1923.

Rede	Quantitativo de escolas	Quantitativo de matrículas
Estado	630 isoladas e um grupo escolar	23.000
Município	530, custeadas pelos cofres da <i>Communa</i>	Dado não disponível

Fonte: Relatório da Diretoria geral de Instrução Pública -1928.

No relatório do final da sua gestão, que contém os dados disponibilizados na tabela acima, Dr Anísio adiciona o seguinte comentário:

Em quanto, nos referimos a esses numeros entristecedores do ensino primario, devemos registrar que a Bahia, que não possuia em 1923 uma escola primaria publica organizada e em condições de eficiencia, nem sequer em sua Capital, contava com um Gymnasio official montado com luxuosa liberalidade se o comparassemos com as classes elementares, varios collegios secundarios particulares, uma Faculdade de Direito, uma Escola Polytechnica e uma Faculdade de Medicina, considerada como uma das mais notaveis do paiz. Todo esse ensino secundario e superior, profundamente penetrado do mais visceral espirito academico, constituia uma aparelhagem de educação que attingia menos de dois mil bahianos, isto é, apenas 1 por 2000 de toda sua população e com o qual se dispndia muito mais do que com toda a educação primaria. (TEIXEIRA, 1928, s/p)

Segundo disposto no mesmo relatório, foram organizadas comissões logo no início. Em sendo assim, ainda em 1924, e a partir dos estudos realizados, foi elaborado um projeto de lei, que após votação, foi sancionado como Lei 1.846, de 14 de agosto de 1925, referente a reforma da Instrução Pública no Estado.

Essa nova lei de instrução reorganizou o ensino primário em um largo e amplo critério educativo, ampliando-o a sete annos de estudos, dando-lhe um sentido estreitamente condicionado às situações sociaes e geographicas de nossa terra, penetrando-o de um largo espirito democratico e universal e fazendo do seu curso a verdadeira pedra angular do systema de educação estadual. (TEIXEIRA, 1928, s/p.)

Oriundo de família e processos formativos privados, que lhe possibilitaram acesso, não só a professores e profissionais qualificados, nos seus respectivos campos de saberes, como, também, periódicos, bibliotecas, teatros e laboratório de ciências, entre outros espaços e materiais formativos, Dr Anísio passa a contar com referências que lhes serviam de contra ponto nas reflexões sobre correspondentes níveis de ensino nas escolas públicas. Portanto, sabia do grande desafio que seria reorganizar e expandir com qualidade o ensino público em um Estado carente de recursos e com limitado orçamento para a educação.

Ao que se refere a Lei, o Relatório destaca ao tempo que justifica, a ampliação do ensino primário para sete anos. A prioridade seria o ensino elementar, considerado popular, ficando a educação secundaria e superior para serem desenvolvidas progressivamente. O relatório foca organização administrativa centralizada que seria a responsável pela execução do novo *Programma*. As bases deste seria a obrigatoriedade escolar em critérios de eficiência e exequibilidade. Neste a "escola única", é defendida e pautada na seguinte justificativa: "A escola pública, em paiz de organização democratica incipiente, deve ser a, mesma em suas responsabilidades administrativas". (TEIXEIRA, 1928,s/p) Mas, quiça preocupado com os rumos que as discussões do projeto de lei sobre a reforma do ensino estava tomando, Anísio Teixeira escreve e publica, na *Revista do Ensino*, em Salvador, no ano de 1924, um texto sobre o tema, nomeado de: *A Propósito da "Escola Única"*. No último paragrafo do mesmo informa que são "idéas as que ahi ficam que ferem, pelo menos, uma face, do problema da *escola única*". (TEIXEIRA, 1924, s/p) E é Anísio Teixeira citando Anatole France que vai explicar a questão principal aportada na proposta desse tipo de escola, ou seja:

O projecto da "escola unica" retirado da pura theoria, reveste-se entretanto, de uma feição diversa. Anatole France, em *La Vie en Fleur*, resume, muito bem, o que é o problema da escola unica na sua feição actual, ou, si queremos, na sua feição politica. "Não convem mais à nossa sociedade, diz Anatole, que o filho do povo vá à escola primaria e ao filho do rico esteja reservado o Lyceu, onde aliás elle nada aprende. Depois dessa guerra monstruosa que em cinco annos tornou caducas todas as instituições, é preciso reconstruir o edificio da instrução sobre um plano novo e de uma magestosa simplicidade. Igual instrução para creanças ricas e pobres. Todas irão à escola primaria. Dentre ellas as que mostrarem mais aptidão para os estudos serão admittidas ao curso secundario, o qual, dado gratuitamente, reunirá sobre os mesmos bancos a elite da juventude burgueza e a elite da juventude proletaria. Essa elite enviará então, a sua elite às grandes escolas de sciencias e de arte. Assim a democracia será governada pelos melhores". Nada mais bonito. A escola primaria é a casa de ensino do pobre. O rico vae para o Lyceu. Tornemos obrigatoria a primeira para o rico e para pobre, e descerremos a este, com a absoluta gratuidade, a porta do

Lyceu. O ensino primario obrigatorio, limiar do ensino secundario; e este, gratuito, preparatorio das especializações de curso superior: está ahí a "escola unica", como a prevêm os desejos de justiça e equaldade de nossas democraticas sensibilidades. Entretanto, em paizes de perfeita organização intellectual essas tres fôrmas de ensino não se sobrepõem, de modo a poder constituir um só edificio educacional, como à primeira vista fazem supôr as proprias designações: primario, secundario, superior. O primario é completamente independente e isolado. Em sete e oito annos fornece à creança uma instrucção geral e positiva, directamente orientada para a immediata applicação dos conhecimentos. Da escola primaria ascende o alumno à escola primaria superior, que se destina a desenvolver-lhe a instrucção recebida e dar-lhe, embora sem um ensino propriamente technico, a necessaria formação profissional para ganhar a vida. Seguem-se os cursos technicos. O ensino secundario, quando bem comprehendido, se distancia do ensino primario desde as suas classes preparatorias ou elementares. Não se destinando, immediatamente, a formar o homem para a vida economica, o ensino secundario, já naquellas classes, preparatorias, vae recebendo a orientação especifica de um ensino de cultura. (TEIXEIRA, 1924, s/p)

Na citação fica claro que a discussão da democratização da escola volta a tomar força a partir da *Primeira Grande Guerra Mundial*. Cabe, entretanto lembrar que em 1924, o jovem Anísio, enquanto diretor da instrução pública dirigia, também, o Centro Católico de Estudos Acadêmicos Marianos. Encontrava-se, portanto, ainda afinado com as linhas de pensamento de instituições católicas. Além disso, assim como verificado com os colégios jesuítas de Portugal, a direção do CAV, no período, manteve-se muito próxima do governo de Góes Calmon, privilegiando a participação do governador, bem como de Anísio Teixeira e outras autoridades do Estado, em eventos que organizava, como no caso da *Festa do Antigos Alummos*, já mencionada. Em sendo assim, por convicções e por considerações, o governo Góes Calmon não assumiu posições contrárias às ações da Igreja Católica no Estado, ao reformar a legislação na área de educação. Nesse sentido contou, inclusive, com a defesa ativa do jovem Anísio, como pode ser observado ainda em trecho do texto *A Propósito da "Escola Única"*, disponibilizado a seguir:

A "escola unica" encerra ainda uma tyrannia inexplicavel em paizes verdadeiramente democraticos. Effectivamente, tal projecto não póde ser levado a effeito sem a monopolização do ensino pelo Estado. Esta face politica da monopolização é muito grave, porque entregando ao Estado, exclusivamente a educação de um paiz, virtualmente se desconhecem os direitos da Familia. A Familia passa a existir para o Estado, não este para aquella. E todos sabemos de quantos erros é fonte unica, essa inversão perigosa e fatal. De sorte que, em conclusão, devemos manter a liberdade de ensino e a sua variada e natural organização. Para satisfazer as aspirações de justiça e de equaldade é bastante, aos paizes que o poderem, que se torne gratuito em toda sua extensão o serviço do ensino. Todos os grandes problemas democraticos confinam com essa barreira do dinheiro. Aos outros Estados, para quem essa gratuidade é impossivel, resta somente distrair-se das formosas illusões egalitarias e não se deixar tentar pela "escola unica". Que o paiz se desenvolva pelas suas forças vivas e naturaes. A educação do homem dentro do seu meio e da determinação de suas inclinações. Formemos o camponez, um bom camponez. O intellectual, um bom intellectual. A identidade de programmas e de cursos é um desastroso nivelamento. A "escola unica" é uma organização artificial. Impossibilita o ensino particular que, desobrigado da rigidez das leis e programmas officiaes é mais ductil, mais maleavel, satisfaz mais completamente as necessidades sociaes e nos fornece uma variedade maior de ensino, para a organização, intellectual do Estado. (TEIXEIRA, 1924, s/p)

Considerando o que expressa a citação acima concordamos com a análise de Lima (1978) sobre o artigo *A propósito da Escola Única*, no qual chama atenção sobre a posição de Anísio Teixeira foi de encontro ao que preconizava Carneiro Leão, e que o pensar do jovem Anísio sobre a educação, à época, "refletia a marca do aristocratismo haurido da formação intelectual jesuítica para o qual buscava apoio no sistema francês típico do dualismo classista, o ensino primário independente e isolado do secundário". (LIMA, 1978, p.47)

Cabe complementar que foi Góes Calmon quem orientou, logo nas primeiras reuniões que teve com Anísio Teixeira, a leitura do livro titulado *Métodos Americanos de Ensino*, de autoria de Omer Buyse e que este procurasse orientação de Carneiro Leão e Afrânio Peixoto para fortalecer a sua gestão a frente da instrução pública do Estado.

Da indicação da obra de Omer Buyse, nasce contatos que resultam em trocas de correspondências, visitas a instituições educacionais da Bélgica, tradução para o português da mesma e sua publicação no Brasil.

Portanto o tópico a seguir abordará, como foco central as viagens a Europa, com passagem pela Bélgica, França e, em seguida, a dos EUA. Ambas como Diretor da Instrução Pública do estado da Bahia.

2. – Das Visitas Técnicas à Europa e Estados Unidos

Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar a arrogância que nos faz ver o mundo como imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.

Amyr Klink¹²³

Das viagens que Anísio Teixeira realiza no período do governo de Francisco Marques de Góes Calmon, resultam dois diários e a publicação de um livro.

Segundo Cardoso (2013), o diário produzido durante a viagem à Europa contém 56 folhas e o da viagem aos Estados Unidos 52 folhas em papel. Quanto ao livro, titulado de *Aspectos americanos da educação*, além de apresentar informações sobre as observações realizadas nos EUA, aporta, também, as primeiras sistematizações realizadas por Dr Anísio sobre as ideias de John Dewey.

Ainda segundo Cardoso (2013), os diários contam histórias pessoais e, no caso dos em tela de autoria de Anísio Teixeira, ainda aportam aspectos das culturas europeia e americana. Relatam histórias dos lugares visitados, bem como reflexões e atividades realizadas. E Cardoso (2013), acrescenta:

Quanto ao modo de construção do texto e da escrita, aproximam-se de um ensaio. Anísio deixou registrado, de forma mais livre e “sincera”, os seus pensamentos, ideias e sentimentos. O ensaio oferece mais liberdade ao escritor, no sentido de

¹²³ Amyr Klink é um navegador brasileiro, palestrante e escritor. Foi a primeira pessoa, em 1984, a fazer a travessia do Atlântico Sul a remo a bordo do barco IAT Amyr.

orientar sua escrita pelo pensamento, sem obrigação de seguir algum plano preestabelecido, código, regra ou convenção. As temáticas tratadas estão atreladas às suas opiniões e pontos de vista, representando o seu modo de ser e pensar. Anísio transpõe para seus escritos as escolhas pessoais, crenças e propósitos. Por isso, na forma ensaística, memória e vida se confundem em pensamento. (CARDOSO, 2013, p. 13-14)

O primeiro diário escrito se refere à viagem realizada a Europa em 1925. Esta além de focar interesses da pasta na administração pública, contou com o aval do então governador do Estado, para acompanhar Dom Augusto, à época arcebispo primaz da Bahia, e comitiva para participar das comemorações do Ano Santo, a realizar-se em Roma, Itália, conforme pode ser verificado asseguir:

En este período, el joven inspector aprovechó las celebraciones del Año Santo de 1925 para viajar a Europa, de junio a septiembre, con el entonces arzobispo de Bahía, Dom Augusto Alvaro da Silva, lo que le permitiría estudiar las reformas de la educación aplicadas en Francia y Bélgica. Visitó el santuario de Ignacio de Loyola en España, y el Papa Pío XI le concedió una audiencia personal en Roma. En esta ciudad residió en el Pius Latin American College, siendo el primer seglar distinguido con tal honor. A continuación viajó a París, donde pasó cuatro meses asistiendo a clases en la Sorbona y estudiando el sistema educativo francés. Es indudable que el sistema escolar público francés y los debates en torno a la educación gratuita y laica en Francia le causaron honda impresión. La intervención del Estado como contrapeso era fundamental para garantizar que la escuela, al cumplir su función democratizadora, no permitiera que las estructuras existentes impidieran la reconstrucción nacional sobre unos nuevos cimientos. (CURY, 2000, 561)

Cabe destacar que no período desta viagem, Dr Anísio continuava muito ligado ao universo religioso jesuíta, o que o faz participar de toda agenda prevista pelos católicos. Entretanto, atento as demandas do cargo que passou a ocupar no governo da Bahia, a viagem, como informa Cury (2000), tinha como foco conhecer para estudar as reformas educacionais aplicadas na França e Bélgica. Para tanto visita algumas instituições educativas e, também, realiza cursos na Universidade de Sorbone, em Paris. A escolha da França por ainda ser no período um país de referência para a intelectualidade brasileira. E a Bélgica por influência dos contatos estabelecidos através do livro de Omer Buyse.

Para dar uma ideia sobre como se encontrava funcionando a educação nesses países no período, adicionamos parte do texto titulado *As Escolas Novas Francesas e Belgas* publicado na *Revista A Escola Primária*, no ano de 1932, de autoria da professora Ondina Muricy, que segundo esta, trata-se de um resumo de um dos livros de Antônio Ballesteros, titulado de *Características de la enseñanza primaria en Francia, Bélgica y Canton Suizo de Neuchate*, publicado em 1924, em Madri. Ou seja, um ano antes da viagem de Anísio a Europa. Na primeira parte do texto, a professora apresenta a seguinte consideração:

A organização escolar da França é o tipo extremo de centralismo e unificação. Enquanto o regime legal das escolas inglesas e norte-americanas permite e estimula os princípios da escola nova, baseando-se na actividade, o francez cerceia toda a liberdade, impedindo que os professores fujam á systematisação do ensino. (MURICY, 1932, p. 10)

No tocante as escolas belgas a autora escreve:

A organização escolar na Bélgica [...] pode ser um meio termo entre o rigor francês e a absoluta liberdade inglesa. Aqui um nome se impõe – o do Dr Decroly, no paiz, do movimento reformador. Várias escolas adoptam os novos methodos de ensino. O Instituto de Ribansart, rodeado de bosques, sobre uma collina recebe meninos, que têm certo retardo de instrução, alem dos orphãos da guerra. É dirigido por Mile Monchamp, a colaboradora de Decroly no livro titulado de Jogos Educativos. Ali as crianças cultivam, cuidam dos animaes, praticam carpintaria, encadernação, economia domestica e jardinagem. O ensino da leitura se faz pelo methodo ideo-Visual e os jogos educativos são uma necessidade de que os mestres lançam sempre mão. A Escola warterloo, de anormaes, typo Granja, tem uma secção de criação de animaes, vaccas e gallinhas especialmente, desenvolvendo, assim, as industrias derivadas. As escolas maternais belgas adoptam a denominação froebeliana de Jardins de meninos. Entr elles, destaca-se o nº 14, de Bruxellas, Tem 4 classes e 4 mestras. Pelos testes de Binet e Simon, as crianças são classificadas. A finalidade do Jardim de puramente educativa. Tudo é producto de obsevação, no que muito auxiliam as excursões. A educação sensorial é de grande importância. Prefere-se o material de Froebel ao montessoriano por ser considerado muito abstrato e muito artificial. Em lugar de bolas – laranjas e limões; em vez dos odores fabricados chimicamente os dos frutos. Põe-se a criança, o mais possível, em contato com a natureza. (MURICY, 1932, p. 13)

Da citação acima destacamos a expressão *praticam carpintaria* para lembrar que esta foi uma das oficinas instaladas na Escola Parque, à época de sua criação e implantação por iniciativa de Anísio Teixeira. Destacamos, também, *tudo é producto de obsevação*, o que sugere pesquisa. Questão que, também, vai ser defendida por Dr Anísio a partir de suas experiências de viagens e de estudos.

Quanto ao segundo diário, este foi redigido durante uma primeira viagem, de caráter oficial, que Dr Anísio fez aos EUA, em 1927, subsidiada pelo governo do estado da Bahia, para observar os métodos de ensino e as instituições educacionais que pudessem servir de referência para as instituições que planejava implantar e/ou implementar no Estado.

Em síntese,

É possível, nos diários de Anísio, identificar pistas que nos revelam modalidades do seu pensamento. No diário de viagem à Europa, ele se mostra ainda um sujeito conservador, admirador da monarquia, dos monumentos católicos, da educação católica, das coisas simples da vida. Já no diário de viagem aos Estados Unidos observa-se uma oscilação no seu pensamento: ainda que seja a favor de um regime monárquico, volta o seu pensamento à República; ainda que se mostre a favor de uma educação católica e dualista, parece aprovar a educação laica e encaminha-se para a defesa de uma educação para todos; ainda que estejam intactos os seus princípios religiosos, os laços que o prendiam ao catolicismo estão fracos. No diário de viagem aos Estados Unidos, Anísio atenta especialmente para os americanos. Durante seu percurso a bordo ele constrói uma narrativa que pretendia dizer quem é o “outro”, e, certamente, dizendo o “outro”, estaria representando a si. Ao escrever sobre eles, demonstra grande admiração, considerando-os de mentes modernas e vencedores pela ciência, pela educação e pelo trabalho, mas logo então muda seu posicionamento. Sente repugnância por seus modos de se comportar, falar, agir, vestir, gostos e preferências, que fogem totalmente aos seus padrões de uma cultura europeia aprendida em família e nos colégios jesuítas em que estudou durante boa parte de sua vida. (CARDOSO, 2013, p.12-13)

Na citação a autora do artigo se coloca consciente, o que nós concordamos, sobre as dificuldades em analisar e interpretar fontes como diários e reforça tal colocação complementando que “um texto é um universo indefinidamente aberto, no qual o intérprete pode descobrir interligações infinitas. A linguagem é incapaz de apreender um sentido único e preexistente”(ECO apud CARDOSO, 2013, p.13).

Por se tratar de uma escrita de cunho intimista, para a qual, pelo menos a priori, o autor não deseja publicidade, os diários de viagem podem representar armadilhas para quem objetiva interpretá-los a luz, apenas, das narrativas que neles são registradas. Isso porque podem existir múltiplas interligações que demandarão um conhecimento mais apurado sobre quem escreve, dentro de contextos mais amplos.

Os registros de Dr Anísio nos diários se reportam ao cotidiano a bordo, aos sujeitos americanos, às cidades visitadas, mas, também, as suas impressões com relação à vida nas cidades visitadas, à si, à política, à educação, à religião católica e sobre pessoas e vida social no continente europeu e americano do norte. Entretanto, e isso fica evidente no que podemos extrair das entrelinhas dos relatórios, a forma de visualizar os objetivos e propósitos em cada uma das viagens é diferente, o que possibilita o início de transformações estruturantes na sua forma de refletir e agir nesse período.

Cabe ressaltar que Dr Anísio inicia a viagem aos EUA já aportando novas bagagens, principalmente sobre a educação americana, pois

[...] é como um entusiasta leitor de Omer Buyse que Anísio Teixeira viaja aos Estados Unidos. O jovem bacharel egresso do colégio jesuíta de Salvador começa a rever suas convicções pedagógicas, até então balizadas pela ortodoxia católica, a partir da leitura do livro de Buyse. Maria Lúcia Schaffer sustenta que a leitura deste livro teria correspondido a uma primeira "viagem" de Anísio, a um primeiro contato com a cultura norte-americana. Antes de embarcar para os Estados Unidos, regulamenta a reforma do ensino baiano e faz traduzir o livro de Buyse, mandando distribuí-lo pelas bibliotecas e escolas do Estado e propondo-o aos professores como guia de suas práticas na sala de aula. (CARVALLHO, 1999, p. s/p)

Concordando com a ideia de que o livro de Omer Buyse foi um marco importante de acesso à cultura americana por parte de Anísio Teixeira, acrescentamos que, de certa forma, a introdução do livro complementa informações já veiculadas nas cartas enviadas pelo irmão Oscar, sobre símbolos das modernidades americanas, quando o jovem ainda complementava seu curso de direito no Rio de Janeiro.

Entretanto, no que se refere ao campo da educação, os efeitos dessa primeira viagem a América foi nova e impactante.

Cabe lembrar que Omer Buyse é o autor do livro *Méthodes Américaines d'Éducation*, cuja leitura havia sido recomendadas por Góes Calmon a Anísio Teixeira, assim que este assumiu a direção pública do Estado.

A obra descreve com detalhes o funcionamento do ensino primário americano dando ênfase a descrição das atividades desenvolvidas pelo ensino de Desenho e Trabalhos Manuais. Cabe destacar que o item 1, do Capítulo V do livro, titulado de *Systema dos trabalhos manuaes de caracter social*, se reporta ao *Methodo Dewey*, que abordaremos de forma mais detalhada posteriormente.

O entusiasmo de Dr Anísio pelo conteúdo do livro, o impulsiona a entrar em contato com o autor para a viabilização de uma autorização para traduzir e publicar uma versão em português.

A autorização é dada e a primeira parte da obra, traduzida em 1927, por Luiz Ribeiro Senna, passa a ser utilizada nas escolas primárias da Bahia, como explicita citação anterior, com o título de *Métodos Americanos de Educação Geral e Técnica*.

FIGURA 46: Capa da tradução de parte livro de Omer Buyse, traduzida, editada e distribuída para professores de escolas primarias baianas no ano de 1927.



FONTE: Acervo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Cardoso (2013) faz referência ao fato de Dr Anísio considerar no diário da viagem aos EUA, que os estadunidenses possuem mentes modernas e que são vencedores em questões referentes a ciência, a educação e ao trabalho. Tal observação sobre a percepção de Anísio Teixeira sobre os EUA vai se confirmar em muitos registros orais e escritos deixados por ele, o que demonstra o quanto foi relevante o contato com acadêmicos americanos, bem como vivenciar experiências naquele país.

Nesse sentido, abordaremos de forma mais detalhada as reflexões registradas no diário, que Anísio Teixeira faz sobre a leitura de um livro de autoria de Henri Ford (1863-1947), realizada ao longo do trajeto da viagem de navio até os EUA, tentando relacionar o que é veiculado no livro, com o processo de industrialização acelerada e as teorias de administração que foram surgindo no período e que inicialmente chamam à atenção de Anísio Teixeira mas da qual se afasta diametralmente.

Cabe lembrar que o objetivo da viagem era alargar conhecimentos sobre organização escolar americana. Portanto, é bem possível, que foi o irmão engenheiro Oscar, um entusiasta da

mecanização dos EUA, quem tenha indicado a Anísio Teixeira a leitura do livro de autoria de Henry Ford.

O recorte que se segue foi tomado para estabelecermos algumas considerações preliminares sobre referências na área administrativa que, possivelmente, serviram como ponto de partida para as reflexões iniciais de Dr Anísio sobre a organização escolar e sua administração.

A bordo do navio da *Pan America*, nos primeiros dias do mês de maio de 1927, Dr Anísio informa:

Acabo de ler a obra de Ford, *My Life and Work*, que é bem uma preparação para visitar o país americano. Não conheço livro que produza uma mais profunda e positiva impressão de otimismo e de confiança. Como as grandes obras de lucidez e clarividência, não há nesse livro lugar para as fraseologias, o sentimentalismo, as hesitações. Tudo está tão unido, tão cerrado, tão nítido, que lembra a obra do Henry Ford um desses tratados definitivos sobre determinados assuntos, um desses livros de que jorram uma tal quantidade de luz e verdade incontestáveis, que para sempre ficam como a pedra angular do assunto, que poderá ser enriquecida de comentários, acrescida de detalhes - mas, sobre que sempre se há de apoiar a razão humana. (TEIXEIRA, 1927, s/p)

Ainda demonstrando a força das orientações jesuíticas na sua formação acrescenta:

Em campos diversos - na vida espiritual, um; na vida industrial, outro; - dois livros deram-me a sensação de plenitude, de profundo acordo, de inexistência de dúvida - *Os exercícios espirituais* de Ignácio de Loyola; *My Life and Work* de Henry Ford. Ambos têm esse traço característico de unidade, de equilíbrio, de ligação que marca as obras que descobriram o contato com a realidade. Esse realismo essencial, indestrutível que define a verdade e lhe dá essa força de golpe, de arremesso, com que tais livros nos a comunicam. (TEIXEIRA, 1927, s/p)

No trecho do diário que se segue, percebe-se um Anísio Teixeira revirando o baú de suas referências formativas de até então, para encontrar elementos comparativos sobre o que propõe Henry Ford no livro. Nesse sentido sua percepção é de que a indústria é serviço, e por isso mesmo, *serve do bem-estar coletivo*. Nesse sentido destaca:

Não há supressão imbecil dos defeitos humanos na obra de Ford, nem esperança disto - há um espírito de utilidade mais intenso, há sobretudo mais inteligência, mais cérebro, como costuma ele dizer. Os eternos motivos do egoísmo humano são conservados; não há uma fé idiota na perfeição humana - há clarividência para lhe dizer: façamos assim - e o operário terá maior salário, o capitalista mais lucro, o público melhor serviço - e todos seremos mais felizes. Os métodos de Ford não repousam em nenhuma verdade conquistada. Ele trabalha com as verdades antigas. De novo, o que há é o espírito, com que ele vê essas verdades. A sua confiança no futuro, a sua crença que tudo está apenas esboçado, e sua impertubabilidade diante da concorrência, da produção multiplicada, e a sua largueza de inteligência. Existe em Ford muito dessa confiança evangélica de que há lugar para todos no mundo. Cada um cumpra o seu dever e a todos será dado cem por um. Não é isto que diz Ford? Alguém já tratou da prosperidade material da humanidade com maior pureza, maior retidão, menor vestígio de orgulho humano. Não percorre o livro de Henry Ford um só traço de orgulho, de revolta, dessa exagerada satisfação, que revela o desvio, a superposição do homem à obra divina. Sem falar ele de Deus, toda a sua obra respira o Seu espírito, tanto está impregnada de ordem, de desprendimento, de humildade,

de subordinação do homem à qualquer coisa maior do que ele. Longe da divinização do homem, em nenhuma obra está ele mais subordinado, mais ligado, mais no seu lugar. E essas idéias estão comprovadas pelo mais estupendo triunfo material que já se há visto. Sonhador, revolucionário, fantasista - diriam os mediocres de inteligência. Mas, aí está o progresso e a prosperidade de sua obra sem igual. As suas verdades, aliás, são verdades tão elementares quanto formidáveis. É sempre certo que a verdade está na superfície das coisas, que a verdade é fácil, deve ser fácil - e por que será que os homens custam tanto de vê-la. E são necessários os gênios para nos revelarem o que está já na vida de todos e que ninguém vê. Para mim não precisava maior prova da grandeza da obra de Ford: é simples. Não há complicação, como no evangelho também não há. Todos a poderão entender, e nunca se terminará de comentá-la. E como a sua revelação vem a tempo. Porque se são simples as suas idéias, elas exigem para sua realização um estado relativo de desenvolvimento da indústria que só agora vimos atingindo. Eu creio, por causa deste livro, que estamos às vésperas da supressão da miséria, que estamos às vésperas de um sólido bem estar coletivo, se os homens abrirem os olhos aos exemplos da obra de Ford; mas, parece-me que bem pouco do que ensina Ford seria possível antes. A indústria, porque será pela indústria que obteremos a nossa salvação material, a indústria só agora se acha em condições de suportar os processos de Ford. E isto de ele vir a tempo, dá-me como um caráter sagrado, de revelação - que ainda torna maior a sua obra. A parte de correção do seu livro é realmente pequena e possível e só isto será bastante para provar-lhe a oportunidade. (TEIXEIRA, 1927, s/p)

O contexto registrado por Dr Anísio no diário citado acima faz referência ao início do domínio capitalista, mas ele o concebe com um olhar evangelizador. Se compararmos com a narrativa do texto escrito em 1919, sobre as influências jesuíticas, encontraremos muitos pontos em comum. Henry Ford é percebido por Anísio Teixeira, de forma similar aos soldados da Companhia de Jesus, como pode ser observado a seguir:

Mas, dir-se-á o triunfo de Ford é um triunfo pessoal. Acho insignificante a arguição. Cinquenta mil homens em trabalho, quatro ou cinco formidáveis empresas, separadas até pelo oceano, dispersam demais a ação pessoal de um homem, para se poder dizer que o triunfo dessa obra é o triunfo dos pequeninos imponderáveis de uma personalidade. Há mais. Há o triunfo de métodos, de princípios. O triunfo impersonalíssimo da Empresa. Amanhã as idéias, os processos, os métodos de Ford serão correntes. A ignorância e a estupidez dos homens se oporá. Mais uma e outra serão vencidas pelo bom senso, pela lucidez, pela clarividência do homem moderno. E sem revoluções. Sem sobressaltos. Sem reviravoltas. Dentro do atual regime e da atual ordem das coisas. Com continuidade, com progresso, com desenvolvimento da mesma obra que o homem vem lentamente, penosamente, duramente realizando através dos séculos. Parece-me que aí está, repito, o segredo da verdade fordiana. Nós não progredimos por saltos. E não há salto na obra de Ford. Não há mudança de atmosfera. A sua obra respira o nosso ar. Não há destruições: há aproveitamento; há ordem; há clarividência. Todo esse material o temos. Por isto não terminei a leitura do livro admirável - sem que ela me não obrigasse - ao mais vasto, mais confiante e mais generoso ato de fé na vontade e na obra humana que já hei feito. (TEIXEIRA, 1927, s/p)

Destacando a relevância que Anísio Teixeira dar ao método, acrescentamos que a leitura do livro titulado “My Life and Work” de Henry Ford, teve à época, um grande impacto nas ideias de Anísio Teixeira.

As cor relações estabelecidas entre Inácio de Loyola e as ideias de Henry Ford registradas no diário comprovam que ainda havia um jesuíta hibernando no jovem Anísio. A formação

humanista dos colégios jesuítas o haviam marcado e se mantinha viva na forma de refletir sobre a realidade que o circundava.

Cabe destacar que as correlações sinalizam que Dr Anísio enxergava os benefícios da industrialização para além dos resultados da eficácia e eficiência produtiva. Visualizava que a produção em grande escala, resultante do processo industrial traria benefícios sociais. Acreditava, ingenuamente, quíça pela pouca idade e experiência, que o crescente processo de mecanização seria um forte aliado no combate a miséria¹²⁴ e a conquista do bem-estar social. Ele não percebia, e não poderia à época, que, ainda que de forma incipiente, o livro anunciava o início do reinado das empresas multinacionais.

Entretanto, Anísio Teixeira não estava sozinho no tocante as impressões sobre o livro de Henry Ford. Outros intelectuais contemporâneos seus, também, se entusiasmaram com as ideias do autor do livro “My Life and Work”, como pode ser observado na citação que se segue:

Um dos principais ideólogos dessa *geração nascida com a República*, Vicente Licínio Cardoso, foi também, alguns anos antes de Anísio Teixeira, um leitor entusiasta do livro de Ford. Como Anísio, Licínio também faz dos registros de sua leitura um ato de fé e de aposta otimista.. O livro o distancia do pessimismo de sua geração, convencendo-o de que a “*era mecanizante*” começava “*a oferecer perspectivas luminosamente esperançosas*” e que a “*Atlântida*” poderia tornar-se realidade na América. Licínio produziu a respeito do livro um ensaio -*Ford: o operário que venceu o capital*. A “*verdade fordeana*” de Licínio não tem o sentido de uma revelação, mas de uma confirmação. Desde 1916, quando viajara aos Estados Unidos em viagem de estudos, Licínio esperava pelo aparecimento de um “*homem que representasse de verdade a vitória da inteligência tentando revolucionar a humanidade pela indústria*”. Encontrou esse homem-síntese do americanismo em Ford, no seu livro e na sua obra. Ford lhe evidenciou que a “*salvação da humanidade*” não estaria “*nem na palavra, nem no livro, nem na lei*”. Estaria “*na máquina, numa eficiência indefinidamente acrescida de produção e nos recursos infindáveis de fontes novas e inéditas de energia por utilizar que nos oferece a terra*”. Emergia das páginas do livro de Ford uma confiança tão grande no poder de transformação social condensado na máquina que Licínio concluía que a América era “*de fato um mundo novo em face de um mundo europeu envelhecido*”. Ford via na máquina “*a realização concreta de uma teoria que tende a fazer deste mundo um lugar de habitação melhor para o homem*”. Ford teria, mais do que Taylor ou do que qualquer outro homem, levado “*o espírito científico a cada um dos cantos de suas usinas e oficinas*”, organizando o trabalho de modo que o operário fosse “*dirigido pela máquina*”, evitando, com isso, que ele fizesse “*qualquer coisa senão completar o serviço realizado pela máquina que lhe é solidariamente conjugada*”. (CARVALHO, 1999, p.3)

Visão compartilhada também por Omer Buyse quando na introdução do livro *Methodos Americanos de Educação: Geral e tecnica*, escreve:

O operario americano é o prototypo do operario europeu do futuro. Em todas as profissões qualificadas é elle um homem instruido. O regimen do antigo operario, cujo o saber se limitava a receitas, processos, estratagemas, segredos, terminou ha muito tempo nas usinas modernas do Novo Mundo. Todos realisam o “labor saving”[economia de trabalho], a economia da mão de obra, pelo emprego das machinas aperfeiçoadas. O manejo intelligente dassas machinas necessita mais de

¹²⁴Uma preocupação crescente no período, a partir da teoria demográfica criada por Malthus por volta de 1789. Progressão geométrica da população x Progressão aritmétrica dos alimentos. Resultado: Fome.

cerebro e dos nervos do que dos musculos, mais de atenção, de decisão rapida e de habilidades manipuladoras de que, propriamente, força Physica. (BUYSE,1927, p.2)

E como que desejoso em ilustrar o que afirma, Buyse acrescenta os seguintes dados referentes a produção em cada um desses continentes; “[...] num dado tempo, o operario americano produz 9.440 francos em mercadoria, o operario inglez 3.950, a francez e o allemão 2.050”. (BUYSE,1927,p.2) E complementa: “Assim, pois o americano parece ser o primeiro operario do mundo. Se bem que melhor pago, seu salario não desconta senão 18% do total de rendimento por causa do maximo esforço”.(ibidi, 1927, p.2)

Cabe destacar que, como economista e interessado pela temática educação e trabalho, Omer Buyse durante e após a primeira viagem de Anísio Teixeira aos EUA solicita, e é atendido, que o mesmo envie documentação sobre educação nos EUA, conforme demonstra quadro que se segue referente a três cartas enviadas por este a Anísio Teixeira, arquivadas no CPDOC, entre o primeiro semestre de 1927 e o de 1928.

QUADRO 7: Resumo de cartas enviadas por Omer Buyse a Anísio Teixeira.

DATA	ASSUNTO CENTRAL	ARQUIVO
23/07/1927	Carta de Omer Buyse a Anísio Teixeira pedindo-lhe que lhe remeta brochuras e relatórios sobre o ensino primário e secundário (profissional e técnico) dos EUA	AT c 1927.07.02
10/11/1927	Carta de Omer Buyse a Anísio Teixeira agradecendo os esforços feitos nos EUA para enviar-lhe a documentação pedida, brochuras e relatórios sobre o ensino primário e secundário. Bruxelas	AT c 1927.11.10
02/07/1928	Omer Buyse agradece a remessa de duas publicações. Uma sobre o ensino no Estado da Bahia e outra sobre a estadia de Anísio na América, ou seja, a publicação Aspectos americanos de educação, publicado em 1928.	AT c 1928.07.02

FONTE: Elaborado pelo autor

Além do livro de Henry Ford citado no diário, o famoso industrial americano do início do século XX, escreveu, também, o livro titulado de *Minha Filosofia de Indústria*. Nas suas obras deixa registrado estudos, bem como reflexões sobre sua experiência administrativa. Pioneiro em sua área de atuação, a empresa criada por ele, ainda em funcionamento na atualidade, tornou-se uma multinacional de grande porte na estrutura capitalista vigente.

Cabe destacar que data, também, do início do século XX duas outras importantes publicações vinculadas a Teoria da Administração, são elas: *Os Princípios da Administração Científica*, de Frederick Taylor (1856-1915), e *Administração Industrial e Geral*, de Henry Fayol (1841-1925), nos anos de 1911 e 1916 respectivamente.

Fayol buscou no seu livro fornecer uma visão global da empresa e para tanto, criou uma teoria sobre o conjunto da ação administrativa, ao contrário de Taylor que dedicou -se mais aos estudos relativos à linha de produção.

Estudiosos em administração consideram que as teorias de Taylor e Fayol são complementares, apesar de possuírem focos e abordagens diferentes.

O industrial e estudioso Henry Ford, ao contrário de Fayol, se ocupou do sistema de produção empresarial como um todo, visando a sua maior eficiência. Deste lugar, introduz conceitos

modernos de produção em série e de linhas de montagem, concebendo uma produção em cadeia, que poupava tempo e otimizava recursos. Para tanto estabeleceu três princípios como orientadores da linha de produção: 1) de intensificação: redução de tempo de produção, eliminação da capacidade ociosa de trabalhadores e equipamentos, o que permitia um rápido retorno do capital investido; 2) de economicidade: emprego reduzido dos fatores de produção; 3) de produtividade: aumento da capacidade produtiva do trabalho (LACOMBE e HEIBORN, 2008). O “taylorismo implicou a destruição dos restos de ofícios que o trabalho conservava, Separou concepção de execução, introduziu tempos e movimentos rígidos e, seguido do Fordismo, organizou rapidamente o espaço”. (MOTA apud MARINHO, 2014, p.73)

Entre 1927 e 1932, uma das fábricas da Western Electric Company, empresa de fabricação de equipamentos e componentes telefônicos, que havia adotado um processo de valorização e bem-estar dos operários, contrata cientistas sociais, liderados pelo médico australiano, especializado em psicopatologia, George Elton Mayo¹²⁵(1880-1949) e seu assistente, o engenheiro Fritz Roethlisberger (1898-1974), para desenvolver uma pesquisa junto ao operariado, tendo como referência os estudos iniciados, em 1924, pela Academia Nacional de Ciências dos Estados, com o objetivo de verificar a correlação entre iluminação e produtividade, baseado nos princípios da Administração Científica. (LACOMBE e HEIBORN, 2008)

Em decorrência deste estudo, houve uma quebra de paradigma com relação aos princípios da Teoria de Administração Científica, de influência positivista, e defendida por Taylor. Esta quebra incluiu variáveis comportamentais dos indivíduos com relação a execução de atividades e, principalmente, questões referentes a desumanização do trabalho a partir da aplicação de métodos científicos focados na precisão e em resultados previamente determinados.

A pesquisa marca o início, nos Estados Unidos, da Teoria das Relações Humanas – TRH, em meados do século XX. O fundador desta teoria foi Elton Mayo (1880–1949) que, preocupado com o desenfreio desenvolvimento da civilização industrializada, escreveu livros centrados nos problemas humanos, sociais e políticos decorrentes deste processo. Os questionamentos levantados, deflagra um movimento em torno de tais questões.

Mayo salienta, lembrando observações de estudiosos em comunidades mais simples, que a capacidade humana para o trabalho coletivo não acompanhou o ritmo da eficiência material, cujo crescimento da produção havia registrado nos países industrializados uma curva exponencial em pouco mais de duas décadas.

Não obstante tal fato, afirma que a solução do problema da cooperação não pode ser resolvido com o retorno as formas tradicionais de organização, e sim através de uma nova concepção de relações humanas no trabalho. Para tanto desenvolve estudos em empresas e chega ao resultado de que a colaboração, nas sociedades industrializadas não pode ser entregue ao acaso, enquanto se cuida apenas dos aspectos materiais e tecnológicos do progresso humano.

¹²⁵Licenciou-se na Universidade de Adelaide e estudou Medicina em Londres e Edimburgo, ensinou Filosofia Mental e Moral em Queensland, durante a primeira década do século, e emigrou para os Estados Unidos em 1923. Começou por trabalhar em pesquisas numa empresa têxtil da Pensilvânia e juntou-se mais tarde à Harvard University como professor convidado em Pesquisa Industrial. Acesso em 11/06/2016. Disponível em: <http://www.historiadaadministracao.com.br/jl/gurus/74-elton-w-mayo> .

Nestas sociedades, os métodos de trabalho focaram apenas a eficiência, nenhuma atenção foi dada a cooperação. As pesquisas realizadas por Elton Mayo revelaram, o que hoje já é uma verdade estabelecida, que a cooperação humana não pode ser determinada apenas a partir de bases legais ou da lógica organizacional, pois tem causas mais profundas que devem ser consideradas e melhor trabalhadas.

Com base nas experiências oriundas da investigação que leva a cabo, Mayo chega as seguintes conclusões: 1) O trabalho é uma atividade tipicamente grupal, Portanto, a produção é mais influenciada pelo funcionamento do grupo do que pelos incentivos salariais e materiais de produção; 2) A atitude do empregado em face de seu trabalho e a natureza do grupo do qual ele participa são fatores decisivos na produtividade; 3) O operário não reage como indivíduo isolado, mas como membro de um grupo social: e as mudanças no seu meio o afetam. (LACOMBE e HEILBORN, 2008)

Portanto, para Mayo, a tarefa básica da Administração é formar uma elite capaz de compreender e de comunicar, dotada de chefes democráticos, que favoreça as relações interpessoais e desenvolva um acompanhamento sistêmico inteligente, que seja capaz de entender a lógica dos trabalhadores na estrutura da hierarquia administrativa da empresa.

Cabe pontuar que Dr Anísio inicia esta primeira viagem aos EUA, em 27 de abril de 1927 e retorna seis meses depois. No deslocamento de navio, além da leitura do livro de Henry Ford, faz registros de suas reflexões sobre suas expectativas sobre a viagem que se inicia, bem como sobre observações e interações que ocorrem a bordo.

Sobre as expectativas e, conseqüentes, dúvidas existenciais quanto a função assumida no estado da Bahia e sua pretensa vocação religiosa, destacamos:

A minha viagem se é uma viagem de estudos, especializada, em que vou buscar elementos positivos de informação, - não deixará, não poderá deixar também de ser formadora de personalidade, educadora, no sentido em que nos educam os conhecimentos novos e os nossos contatos. Nem estou eu tão formado, que não me preste às influências de uma excursão como esta. Sendo assim, será possível fixar o quadro de verdades em que me fixo atualmente, o meu ponto de vista ou de referência diante da vida, para depois observar as modificações? Qual a minha situação diante dos problemas essenciais da vida? Atirado muito cedo para a ação, misturado com o agitar cotidiano do meu país, perdi um pouco a perspectiva para julgamentos gerais. Sou hoje francamente otimista. Tenho fé no trabalho humano, na vontade humana e sinto que, de tal forma, somos governados por uma força invisível e voluntária, que o erro é uma coisa insignificante, quando não constitui um detalhe indispensável à harmonia da obra de conjunto. Por isso o meu otimismo vem tocado de fatalismo. Mas, dentro desse otimismo geral, seria imbecil que não se acreditasse que há melhor e pior, desvios e retas, caminhos longos e breves. (TEIXEIRA, 1925, s/p)

Ainda refletindo sobre tais questões, se propõe dividi-las por pontos, classificando-os em: 1- Política; 2-Religião e 3-Educação, para melhor analisá-las e registrá-las de forma mais organizada no diário.

No que se refere ao primeiro ponto da classificação, ou seja, política Anísio Teixeira diz:

A minha crença política definitivamente se inclinou para os regimes descentralizados, facilitadores do florescimento das energias individuais, e das iniciativas pessoais e que garantam uma exata classificação social. Regime livre e justo. Livre, no sentido de não se coibir, de nenhuma sorte, o desenvolvimento do indivíduo e da família; justo, no sentido de criar uma atmosfera onde os quadros sociais se instalem com sentido do merecimento e do valor. Justo, no sentido de permitir as aristocracias. Não pareça que isto dito como está, coisa simples e realizada. Estamos longe disto. Temos, de alguma sorte, liberdade. Mas, essa liberdade sofre algumas restrições sérias. No campo do pensamento ou da religião podemos fazer o que queremos, mas o que nos é dado, pela escola, pelo governo, é feito sob medida positivista ou agnóstica. Não temos a liberdade de escolher. Positivando - o pobre não pode, no Brasil, dar educação católica ao seu filho. É isto uma restrição séria e incontestável. Se a liberdade tê-mo-la com restrições, o que direi de justiça, compreendida como indiquei. A nossa democracia tem sido o regime das inversões de valores. Estamos longe de uma fixação honesta dos valores brasileiros. Pelo contrário o triunfo se está dando pelo melhor dotado das qualidades inferiores que permitem os triunfos culpados de que somos testemunhas. (TEIXEIRA, 1925, s/p)

Para em seguida explicitar sobre o que espera aprender, sobre um sistema democrático de governar, com a visita aos EUA.

A América vai mostrar-me uma democracia descentralizada, com o estado reduzido ao mínimo e em que um ambiente de cultura intelectual, moral e cívica permitiu a formação de uma aristocracia. Como disse um escritor célebre - a democracia americana encerra uma possibilidade de igualdade; as outras democracias têm procurado obter uma realidade de igualdade. Tanto é justa a primeira, quanto iníqua e revolucionária a segunda. É essa realidade de igualdade niveladora que cria nas democracias latinas a abstenção dos melhores, para que se permita o triunfo dos medíocres. Afastada a possibilidade do regime forte e harmonioso que seria a monarquia - só nos resta aperfeiçoar a nossa república. (TEIXEIRA, 1925, s/p)

No trecho acima observa-se uma mistura da influência jesuítica no tocante as reflexões sobre monarquia e a influência liberal dos republicanos. Tudo ainda muito misturado, indicando desejo de amadurecer um pouco mais as ideias sobre estas questões. No que se refere ao segundo ponto da classificação temos:

Em religião - Se conservo intactos os princípios, andam fracos os laços ativos que me prendiam ao catolicismo. A vida ainda tem sobre mim fascinações inéditas e a vida forte e de sacrifício do catolicismo é muitas vezes custosa. Vou mesmo perdendo aquela elasticidade antiga que me permitia as longas resistências. Entretanto, o meu sentido católico ainda está vivo para contar as alegrias e os deslumbramentos de uma vida sem fraquezas e sem degradações. Oh! Essa nobreza do corpo, que só o catolicismo dá, ainda a percebo e a estimo. O que preciso é de uma cura de vontade, de energia - e onde a poderia ter mais intensa, mais eficaz, mais penetradora do que na América, o país voluntário, por excelência? Se efetivamente, a vida com enriquecer o meu sentido de tolerância e ceticismo, tem, do mesmo passo, enfraquecido o sentido da luta e da renúncia - que outro país melhor do que a América poderia renovar-me as fontes de ação, de energia e de apostolado e afastar - para sempre - esse terrível - não vale a pena - que é a tentação infectível de uma mente medianamente culta? Sob nenhum ponto de vista levo mais contentes e mais seguras esperanças. A América vai ser para mim, uma cura de vontade. (TEIXEIRA, 1925, s/p)

Destacando que a forma de pensar dentro da linha defendida pela igreja católica ainda estava muito viva no jovem Anísio, o que já registramos anteriormente, quando chamamos atenção sobre as reflexões realizadas por ele sobre o livro de Henry Ford, destacamos o fato deste já expressar desânimo com os sacrifícios impostos pela vida eclesiástica e esperar encontrar na América elementos para novos entusiasmos e frentes de luta para as questões sociais que tanto o incomodava.

Como o foco da viagem é a educação, o terceiro ponto da classificação se refere a esta, e que de forma sucinta, defende que naquele momento tem muito mais o que aprender do que a dizer. Para tanto acrescenta: “Em educação - Os moldes do meu pensamento neste assunto se moldaram na Europa, se aproximam hoje, vivamente, dos americanos. Acredito que vou ter sobretudo confirmações. (Com as notas antigas fazer um quadro definitivo)”. (TEIXEIRA, 1925, s/p.)

Nos trechos do diário citados imediatamente acima, percebe-se que os registros de Anísio Teixeira revelam embates e inseguranças de um jovem quanto ao porvir, ao tempo que deixa retratado o que foi sendo constituído a partir das experiências vividas.

No momento da escrita o jovem Anísio já sinaliza sua adesão a princípios liberais, mas ainda encobertos pelas influências de um humanismo católico ultramontano permeado pelas vivências que ainda compartilhava com os jesuítas portugueses residentes na Bahia.

Nesse sentido cabe destacar, para complementar, que Dr Anísio ao dar início a viagem aos Estados Unidos, já encontrava-se em processo de mudança de conduta quanto a ideais primeiros, mas é a partir da viagem aos Estados Unidos e seu desdobramento, no que se refere a concretização da realização do curso de pós-graduação no "Teacher college-Columbia University", que inicia-se o seu amadurecimento intelectual. É a partir da experiência no "Teacher College" que inicia-se o processo de expansão e de consolidação do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira.

Cabe entretanto esclarecer, que ao fundamentar suas reflexões e ações em conhecimentos científicos, Dr Anísio sempre se manteve em uma linha de pensamento diametralmente oposta à da Administração Científica proposta por Taylor e complementada por Fayol.

O entusiasmo inicial do jovem Anísio pelas ideias de Henry Ford, como conclui o trabalho dissertativo de Iasmin da Costa Marinho, titulado *Administração Escolar no Brasil (1935-1968): Um Campo em Construção*, e que nós endossamos, não se pautará por orientações deste escritor e nem de Taylor e Fayol. Sua fundamentação científica se aproximará das ideias de Mayo, como poderá ser visualizado nas observações que aportamos sobre os desdobramentos do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira no mundo do trabalho. Esta posição será um diferencial da linha defendida por ele, nos cargos públicos que assume, inclusive a defendendo quando a subárea da Administração Escolar começa a ser estruturada no Brasil.

O livro titulado de, *Aspectos americanos da educação* é resultante do que passa a chamar a atenção de Anísio Teixeira, quanto ao movimento da educação progressiva nos Estados Unidos. Esta afirmação se confirma ao verificarmos que ao dividir o livro em duas partes, este coloca como primeiro tópico os fundamentos da educação, e sob este acrescenta;

John Dewey é, na América, o philosopho que mais agudamente traçou as theorias fundamentaes da educação americana. A nenhum outro pensador é dado alli um logar tão saliente na systematização da theoria moderna de educação. Apresentar, pois, na Bahia, em um breve resumo, tão fiel quanto me foi possível, as idéas com que Dewey fixa o actual sentido de educação, pareceu-me meio talvez favorável, para despertar um interesse concreto pela revisão de nossas proprias concepções. (TEIXEIRA, 1928, p. 2)

Dito isto, passa o jovem Anísio a discorrer sobre o que havia apreendido sobre as ideias deste filósofo e seu método científico experimental, reservando a segunda parte do livro para se reportar às visitas que havia empreendido a instituições educacionais americanas relacionadas ao sistema educacional em processo de consolidação.

O foco de suas observações centralizaram-se, principalmente, em organização, métodos, funcionamento e finanças. As instituições visitadas foram: O sistema escolar de Maryland (pequena cidade americana), inclusive a Escola Normal de Towson; a Associação Nacional de Educação; o Instituto de Hampton; o Departamento Estadual de Educação do Sul, em Richmon e o Colégio Normal de Farmiville, em Farmiville, ambos no Estado da Virgínia; o sistema escolar de Cleveland, especificamente a Divisão Vocacional e de Artes Práticas e o colégio “Wilson Junior High School”; o Colégio de Agricultura no Estado de New York e o sistema “Platoon”, em Detroit, cujas as considerações de Dr Anísio a respeito da visita detalhamos no capítulo IV do presente trabalho monográfico, mas da qual adiantamos as seguintes considerações:

Tendo sido Detroit uma cidade que se desenvolveu com incrível rapidez nos ultimos 25 annos , encontrou-se, no curso desse desenvolvimento, com problemas de toda ordem que foram resolvidos á luz das mais adiantadas conquistas modernas. O seu systema de educação é reputado um dos mais progressistas e de mais requintada organização scientifica. O systema "platoon" foi ahi installado oficialmente há 10 annos e só nos ultimos annos começa a ser usado por outras cidades. Esse systema pretende ser a mais completa e mais efficiente tentativa de organização da escola elementar, em vista de satisfazer as modernas exigencias do programma que a actual ordem de cousas e o actual desenvolvimento pedagogico, exigem. A’ primeira vista, parece que o systema não tenta sinão uma organização mais economica, no sentido commercial da palavra, isto é, uma *aplicação mais efficiente* do edificio e do trabalho do professor. Estudado, porem, de perto, verifica-se que alem dessa vantagem, offerece tambem um gráu superior de efficiencia educativa. Na minha estadia em Detroit visitei a Escola Brady, uma escola *platoon standard*. (TEIXEIRA, 1928, p. 62)

A Escola Brady (“Brady School”) foi a primeira do que veio a ser conhecido como edificios escolares de “Brady Plan” de Detroit. Seu plano consistia em unidades que poderiam ser construídas ao longo de vários anos, conforme a necessidade. Uma ala podia ser construída primeiro, ou seja, a que compunham a unidade central e a ala oposta por último. O plano de unidade tornou-se central para o programa de construção do Conselho de Educação de Detroit no período. Foi dessa forma que a escola Brady deu acesso, em novembro de 1921, com treze professores, a 350 crianças, que antes da sua abertura, frequentavam aulas em três quartos alugados. Estava previsto, inicialmente, que a escola Brady abrigasse o jardim de infância e a primeira série até a oitava, mas em março de 1922 a “Hutchins Intermediate” abriu e as séries

sete e oito foram transferidas para lá. Uma segunda unidade do plano “Brady” foi concluída em 1924. A nova adição acrescentou dezessete salas de aula, um ginásio, duas salas de jogos e um refeitório. O edifício expandido tinha capacidade para 1320 crianças do jardim de infância e de primeiro grau até a série seis.

Foi já nesta estrutura mais completa, que se concretizou a visita de Anísio Teixeira à escola para conhecer o sistema “Platoon”.

FIGURA 47: Vista frontal da Escola “Brady”, sistema “Platoon” visitada por Anísio Teixeira, em Detroit - EUA.



FONTE: Internet

Do exposto sobre as visitas, cabe registrar, o que é fato, que transformações vão se processando nas ideias do ainda muito jovem Anísio, com destaque para a tríade - ciências, humanidades e democracia. Tríade que se fará cada vez mais presente nas suas reflexões e ações.

Portanto, para melhor compreender o processo de consolidação das influências norte-americanas que funcionaram como gatilho para as transformações de Anísio no “homem de ciências” explicitado por Albert Einstein, analisaremos a seguir o “Teachers College”, objeto central de nova viagem empreendida por este aos EUA. O foco da abordagem será as primeiras décadas do século XX neste país com destaque no que se refere a história desta Instituição da “Columbia University”, principalmente, alguns professores e suas correntes teóricas, buscando relacioná-las com as transformações que se processam na forma de pensar e agir de Anísio Teixeira a partir de curso similar ao nível de mestrado realizado na mesma.

3 – INFLUENCIAS DETERMINANTES

3.1 O Teachers College da Columbia University– EUA

Toda experiência é um arco por onde entreluz esse mundo, não viajado, cuja margem se perde sempre e sempre enquanto ando e caminho.

Alfred Lord¹²⁶

Segundo Warde¹²⁷ (2016), entre os anos de 1926 e 1930 chegaram os primeiros brasileiros ao “Teachers College” da “Columbia University”, doravante TC, para realizar estudos regulares. Warde na referida publicação afirma que não há um quantitativo preciso desses estudantes, mas estima, baseando-se em um relatório oficial do *College*, que teriam sido aproximadamente quinze. A mesma autora, entretanto, afirma como certo que desse quantitativo, cinco concluíram o curso mais básico e três receberam a titulação do *Master of Arts* (WARDE, 2016). Entre os brasileiros que concluíram constam Gilberto Freire (graduação) e Anísio Teixeira (mestrado).

O TC foi criado em 1887, vinculado à “Columbia University”, na cidade de Nova York. Nesse período a metrópole americana vivenciava um processo de industrialização intenso e de desenvolvimento tecnológico que geravam riquezas, mas, também, profundas divisões socioeconômicas e incertezas. Isso porque, o fluxo migratório de pessoas para as cidades mais desenvolvidas dos EUA, a partir de áreas rurais, bem como de outros países, acarretava novos e complexos problemas de saúde, relações raciais e violência, que impactavam e demandavam novas reflexões sobre educação. Concebido para fazer frente a alguns destes desafios, o Colégio foi instalado e passou a funcionar em prédio amplo, conforme pode ser observado na foto apresentada a seguir, tirada após sete anos de sua criação

FIGURA 48: Teachers College Main Building (1894).



FONTE: Gottesman Libraries at Teachers College, Columbia University.

¹²⁶ Alfred Lord Tennyson Quotes (1809-1892) poeta citado nem livro de Jhon Dewey, traduzido por Anísio Teixeira.

¹²⁷ Segundo informações da autora, Mirian Jorge Warde, o texto foi escrito durante o estágio de pós-doutoramento no Teachers College da Universidade de Columbia, com o apoio de uma bolsa concedida pela CAPES.

Segundo trecho¹²⁸ publicado no atual "Portal" da Instituição,

[...] o "Teachers College" refletiu a consciência coletiva dos principais estudiosos, praticantes, filantropos, reformadores sociais e cidadãos de opinião pública da época. O resultado foi uma Instituição que, através da ligação dinâmica da teoria, pesquisa e prática, não só atendeu, como também antecipou, as necessidades das eras subsequentes, servindo como uma fonte de soluções contínua e confiável para a qual a nação se voltou repetidamente. Ou como "The New York Tribune" escreveu em um obituário de 1915 da filantropa Grace Hoadley Dodge, que talvez tenha sido a força motriz mais importante para a criação do Colégio. O dizer no obituário afirmava que: "ela tinha o olhar de 100 anos - isto é: ela olhou para a frente em um século e fez seus planos em conformidade com este olhar". (TEACHERS COLLEGE, 2017, s/p)

Segundo o mesmo *Portal* institucional a iniciativa que culminou na instalação do TC, inicia-se de forma simples em 1880, ou seja, a partir de uma *escola de horta* em "Greenwich Village", criada pela Sr^a Dodge, para ensinar a cozinhar e costurar, bem como fornecer noções de higiene e outras artes práticas para mulheres pobres e imigrantes. Ainda, segundo a história disponibilizada na "homepage" da Instituição,

[...] à medida que o esforço tomou forma, ela [Sr^a Dodge] percebeu que um novo tipo de pedagogia estava sendo colocada em prática, ou seja, um ensino que refletia a compreensão dos antecedentes dos alunos, bem como sobre a forma de apresentar o material de maneira relevante e significativa. Em 1887, com a ajuda do filósofo Nicholas Murray Butler, da Universidade de Columbia, e com a disponibilidade de um espaço adequado, na West 120th Street, doado pelo industrial George Vanderbilt, a escola de cozinha da Dodge evoluiu para algo muito maior. Um tipo inteiramente novo de escola dedicada a formação de professores para atuar na área da educação. Em 1892, com Butler como presidente e um conselho de curadores que incluía representantes das principais famílias filantrópicas da cidade, entre elas, Vanderbilt, Rockefeller, Trask, Macy, Dodge, Choate, Olney, Milbank e Hyde, a nova instituição foi formalmente instituída sob o nome de Teachers College. No início do novo século, sob a direção de James Earl Russell, a percepção sobre o funcionamento do Teachers College expandiu-se, indo ao encontro de preocupações humanitárias, de abordagem científica de base ampla, que envolviam questões referentes ao desenvolvimento humano, com base nas inter-relações entre três grandes áreas: educação, psicologia e saúde. (TEACHERS COLLEGE, 2017,s/p)

Nesse período de reformulação e expansão, o TC contou com dois profissionais emblemáticos ou sejam: John Dewey, um psicólogo e filósofo da educação que, também, atuou como presidente da "American Psychological Association" e Edward Lee Thorndike, também psicólogo e que foi responsável por introduzir o método científico para estudos da aprendizagem.

No que se refere a valorização do método citado, cabe observar na foto que se segue, de um laboratório de química, o seguinte: 1) A distribuição das bancadas; 2) o quantitativo de vidrarias; 3) a distribuição das pias; 4) os itens de segurança como, por exemplo, os

¹²⁸-Tradução livre feito pela autora da monografia

chuveirinhos de teto para serem acionados em caso de acidentes com substâncias tóxicas e/ou corrosivas, assim como em casos de incêndio.

Tudo muito organizado e que comprova veiculação de conhecimentos e procedimentos científicos.

Cabe ressaltar, apenas como uma observação complementar, o uso de fardamento e a utilização de aventais de proteção sendo utilizados por alunas em atividades práticas desenvolvidas no laboratório.

Nenhuma instituição faz um investimento em um espaço com tamanha especificidade e padrões de utilização, se não o consideras-se de extrema utilidade para atingir propósitos previamente estabelecidos.

FIGURA 49: Laboratório de Química, denominado de Grace Dodge Hall, ano de 1910.



FONTE: Gottesman Libraries at Teachers College, Columbia University.

Nos seus primeiros vinte e cinco anos, trabalhando a partir de quatro imperativos centrais, ou sejam, cultura geral, bolsa especial, conhecimento profissional e habilidade técnica, o TC lançou os seus quatro primeiros programas de estudo. Foram eles: psicologia educacional, educação em enfermagem, educação nutricional, educação especial e educação comparativa e internacional. Sendo este último o que possibilitou o acesso de Anísio Teixeira, com bolsa, alguns anos depois, ao curso de pós-graduação oferecido pela Instituição.

Segundo Warde (2016), "Os re-ordenamentos estruturais começaram na segunda metade dos anos dez (1920), alterando os formatos dos cursos, as diplomações e os títulos, os departamentos, além da criação de dois institutos".(WARDE, 2016, p.192), E complementa:

Essas mudanças foram indutoras da constituição de uma nova clientela, muito diferenciada no perfil em relação àquela das primeiras décadas de funcionamento da Instituição. Por outro lado, não se registram planos institucionais destinados à mudança no perfil dos professores e instrutores; porém, quer pela aposentadoria de alguns quadros quer pelas novas contratações que se fizeram necessárias, algumas modificações ocorreram nesse âmbito, e não foram de menor importância. Aquelas alterações teriam operado no sentido de, em curto prazo, reduzir a demanda

constituída de estudantes egressos do ensino médio, mediante a elevação dos requerimentos de ingresso em todas as modalidades de cursos; com isso, a faixa etária da clientela foi elevada, aumentando o número de alunos com experiências profissionais prévias no campo da educação, não apenas na docência, mas especialmente em outras funções ligadas à inspeção, à direção e correlatos. Ao provocar essas mudanças, o TC induziu o aumento considerável de estudantes interessados em pesquisa e nos títulos de Master e PhD. Quanto às alterações nos percentuais relativos à presença masculina e feminina, entre os estudantes, os relatórios oficiais destacam, bem como a historiografia oficializada pela Instituição, que, como decorrência das mudanças induzidas, teria crescido a presença masculina, enquanto que os ingressos femininos se reduziam, não porque um determinasse o outro, mas porque, uma vez alterado o perfil da clientela nos demais aspectos, a tendência teria sido a redução até o desaparecimento daquela primeira e dominante clientela composta de moças recém-egressas do ensino médio. (WARDE, 2016, p.193)

A ida de Anísio Teixeira para a realização do curso de mestrado foi facilitada pelas novas alterações introduzidas na Instituição. As mesmas que resultaram na criação do Instituto de Pesquisa Educacional e do Instituto Internacional em 1921 e em 1923 respectivamente.

Cabe destacar que o Instituto Internacional, após quinze anos de funcionamento, já registrava um quantitativo de 4.000 estudantes matriculados em um de seus cursos, bem como o envio de vários membros dos seus quadros de profissionais e/ou da “Columbia University”, para estudar sistemas educacionais ao redor do mundo.

Portanto, concordando com Warde (2016,), " com o Instituto Internacional, a clientela do TC ganhou mais um estímulo para ter seu perfil redesenhado, posto que a partir daí começaram a chegar a cada ano letivo, centenas de estudantes oriundos de outros países". (WARDE, 2016, p.196) e, entre estes, Dr Anísio e outros compatriotas.

O professor William Heard Kilpatrick, discípulo de Dewey, foi o orientador de Anísio Teixeira nos estudos desenvolvidos no “Teachers College”. Consta no Portal da Instituição que, durante a década de 1920, o referido docente apresentou um documento nomeado de "The Project Method", que contia uma abordagem prática, cujo objetivo era implementar uma proposta defendida por John Dewey, de criar as condições para que os alunos pudessem resolver problemas com a orientação mínima de um professor, ou seja, proposta que antecede e vai servir de base para o desenvolvimento da internacionalmente reverenciada *Pedagogia de Projetos*.

Segundo Warde (2016), em meio às centenas de outros estrangeiros, incluindo-se nesse quantitativo estudiosos chineses, os brasileiros compuseram um momento peculiar da Instituição. “Mesmo abstraindo-se as memórias e as histórias que são cultivadas, desde a sua criação em 1887, não há como se desaperceber de que o TC havia adquirido, ao longo dos anos 1920, feições bastante distintas das que tivera em décadas anteriores”. (WARDE, 2016, p.201) E complementa:

As memórias e histórias nascidas internamente ao TC dão como certo que os tempos eram em tudo muito difíceis, em todos os sentidos: pelas seqüelas do pós-guerra, pelas levas de imigrantes, pelas lutas operárias, pelas ganâncias dos tubarões, pela Depressão Econômica que estourou na segunda metade dos anos vinte e por muitos outros fatores. No entanto, os tempos para o TC teriam sido especialmente vantajosos; tudo parecia somar a favor da sua consagração como epicentro nacional

da constituição da educação como campo acadêmico e, por decorrência, da qualificação do magistério. Naquele momento, as condições teriam sido muito propícias para que o TC centralizasse o processo de internacionalização do campo, que já havia sido desenhado nos Estados Unidos com vocação para a internacionalidade. Muitas outras histórias e memórias construídas sobre o TC dão por certo de que ali estava, se não a melhor, uma das melhores expressões do que pelo mundo se estava procurando produzir sobre educação e pedagogia. Os livros, os artigos, os materiais pedagógicos, os relatórios de pesquisa, os próprios periódicos mantidos pela Instituição davam incessantes provas de que dali estava saindo o novo, o científico, o moderno desejado para a educação e a pedagogia. Há centenas de memórias e as histórias datadas até o final dos anos 30, escritas por ex-alunos, por visitantes e observadores e por estudiosos da matéria; dentre eles, muitos norte-americanos e uma parcela significativa de autores de muitos outros países. (WARDE, 2016, p.205)

No curso de mestrado da Instituição, Anísio Teixeira aprofunda estudos sobre Pragmatismo. Uma corrente de pensamento que passará a permear os planejamentos e ações das gestões públicas que assume. Entretanto, apesar de ter tido contato com esta corrente de pensamento antes de sua estadia no TC como, por exemplo, através da leitura da obra de Omer Buyse e visitas in loco, como as das viagens registradas anteriormente, nenhum contato com a referida corrente de pensamento foi tão significativo, quanto o estabelecido enquanto aluno da Instituição, durante o curso. Este possibilitou-lhe acesso a aulas, conferências, leituras e vivências que envolviam estudos de autores como Edward Thorndike, John Dewey e Kilpatrick, professores da Instituição, bem como William James e, também, Bertrand Russell, filósofo inglês que fundou, em 1927, a escola experimental de Beacon Hill.

Russell era afilhado de John Stuart Mill, algumas vezes citados em produções de Anísio Teixeira, um filósofo utilitarista, com trabalhos no campo da filosofia política, ética, economia política, e lógica. Era defensor do liberalismo político e seus livros, segundo autores biográficos, fontes de discussão e inspiração sobre liberdades individuais.

Para apresentar alguns dos listados de forma mais detalhada, pois os mesmos aportam elementos importantes para a história do pragmatismo americano, no que se refere ao surgimento e evolução, passaremos a abordar a origem dos estudos de três importantes professores do Instituto Internacional vinculado ao TC, ou seja, Dewey, Thorndike e Kilpatrick, este último, discípulo de Dewey e orientador de Dr Anísio.

O substantivo pragmatismo, no âmbito filosófico, é uma corrente de ideias que prega que a validade de uma doutrina é determinada pelo seu bom êxito prático.

Essa corrente passa a fazer parte do movimento filosófico norte-americano baseada em ideias de Charles Peirce (1839-1914) e William James (1842-1910).

A origem etimológica do termo vem do grego *prámatiké*, significando “conjunto de regras ou fórmulas que regulam as cerimônias oficiais ou religiosas” (Weiszflog, 1998, p. 1679). Sendo assim, o pragmatismo filosófico, originalmente, deveria ser entendido como a consideração das questões filosóficas a partir de determinadas regras ou fórmulas reguladoras. Entretanto, há um outro significado, ou seja: “consideração das coisas a partir de um ponto de vista prático” (WEISZFLOG, 1998, p.1679). Portanto, o pragmatismo pode ser entendido como um “meio de sair de um embaraço, de vencer uma dificuldade, de lograr bom êxito em alguma coisa” (WEISZFLOG, 1998, p.922). Em sendo assim, podemos deduzir que o termo não só engloba uma utilidade prática, como, também, uma intencionalidade de lidar com

questões que demandam uma solução, o que remete a ideia de um método para resolver problemas.

Nesse ponto cabe lembrar, o já citado projeto de Kilpatrick, nomeado de "The Project Method" e apresentado no TC, cujo objetivo era implementar uma proposta defendida por John Dewey de criar as condições para que os alunos pudessem resolver problemas com pouca interferência do professor.

Embora seja associada a Charles Peirce, a criação do pragmatismo no pensamento filosófico americano encontrasse associado a William James, pois foi este quem deu visibilidade internacional ao termo, ao usar o *pragmatismo* em forma impressa, em conferência proferida em 1898. Portanto, vinte anos após Peirce inaugurar, apenas verbalmente, o uso daquela palavra (WAAL, 2007).

As biografias de William James explicitam que ele nasceu em Nova York e que, entre 1865 e 1866, com apenas 23 anos, acompanhou o naturalista Agassiz¹²⁹, na condição de voluntário, na Expedição "Thayer", entre 1865 e 1866 ao Brasil, o que pode ser comprovado através do prefácio do livro *Viagem ao Brasil* de autoria de Louis e Elizabeth Agassiz, cujo a publicação da versão em Português, traduzida e acrescida de notas por Edgar Süsskind de Mendonça, foi publicada pela Biblioteca Pedagógica Brasileira, em 1938.

Em nota acrescida ao prefácio do livro o tradutor chama atenção para o fato

[...] dos auxiliares da expedição Agassiz, dois, principalmente se destacaram: Charles Fred, *HARTT*, que voltando ao Brasil, deu à publicidade, além de muitas obras, a “ *Geology and Physical Geography of Brazil*” e dirigiu a Expedição Morgan (1870-71), trazendo-nos de sua patria Orville Derby, mestre de uma geração de geólogos brasileiros, cuja atividade básica se corporificaria no “*Serviço Geológico e Mineralógico*”, fundado em 1907. E *WILLIAM JAMES* que soube levar a outros rumos – filosofia e psicologia experimental – o método de seus primeiros trabalhos de cultor das ciências naturais, atingindo culminancias do pensamento contemporâneo como chefe do movimento pragmatista de tão larga repercussão. (Nota do trad.) (SÜSKIND apud AGASSIZ, 1938, p.11-12)

James permanece no nosso país por oito meses, dos quais a maior parte do tempo foi na região do Rio de Janeiro e da Amazônia. Durante esse período, James rascunhou um diário, e produziu desenhos de cenas da expedição que expressam uma consciência crítica e um distanciamento moral da ideia colonialista vigente.

Após a viagem, James segue para a Alemanha e estuda filosofia na Universidade de Berlim, entre 1867 e 1868. Dos estudos realizados na Alemanha aporta os fundamentos dos tipos de pesquisa desenvolvidas nos laboratórios que conhecera ao estudar com Wilhelm Wundt, e que se fundamentavam na ideia evolucionista de que o homem é a espécie animal mais evoluída.

¹²⁹Louis e Elizabeth Agassiz viajaram pelo Brasil entre 1865 e 1866. O relato publicado pelo casal e a repercussão da viagem indicam que o material produzido sobre o Brasil buscou atingir um público mais amplo do que o de leitores especialistas em história natural. A expedição pela Amazônia deu destaque à atividade científica de Agassiz e reforçou as estratégias de legitimação de suas teorias raciais e biogeográficas. Os problemas suscitados por sua viagem não são tratados como meramente locais. Os peixes do Amazonas e seus afluentes são utilizados para solidificar os argumentos dos criacionistas contra os evolucionistas, além de possibilitarem a defesa de uma biogeografia estática, onde cada ser teria sido designado para habitar uma região específica do planeta. Suas observações sobre a mestiçagem brasileira apoiam sua opinião de que as raças não devem se misturar, e fortalecem o campo político de parte da elite norte-americana que pregava a segregação dos negros (KURY, 2001, p.1)

Para melhor compreensão sobre as influências, nessa área, do pensamento alemão, sobre o pensamento norte-americanos adicionamos a citação que se segue:

Não por qualquer qualidade intrínseca que se pudesse asseverar, mas pelo que representavam à época, os trabalhos laudatórios de alemães, ingleses e franceses merecem destaque, posto que nascidos em ambientes culturais tradicionalmente autocentrados, sobre os quais os demais países já haviam cantado a solidez acadêmica, as qualidades educacionais ou os avanços das proposituras pedagógicas. Desde começos do século XIX, os educadores norte-americanos os haviam tomado como termos para comparação de suas próprias iniciativas educacionais; como referente, nenhum se aproximou ao que a Alemanha representou para os Estados Unidos no campo intelectual e na organização das instituições educacionais, pelos menos de meados do século XIX a começos do século XX. (WARDE, 2002, p.206)

Esta foi justamente a concepção que os pragmatistas norte-americanos se empenharam em estudar e, posteriormente, reformular, como reforça a colocação de Warde (2016) de que “lá para os anos 20 [1920], os sinais de mudança dos vetores, eram já bastante notáveis”. (WARDE, (2016, p.115) Exatamente em torno do período em que são criados o Instituto de Pesquisa Educacional e o Instituto Internacional do TC, ou seja, em 1921 e em 1923 respectivamente.

Complementando as informações citadas referentes a biografia de William James, explicitamos que no ano seguinte ao retorno do Brasil, o mesmo, gradua-se em medicina em Harvard e torna-se professor de fisiologia e anatomia a partir de 1873, e posteriormente, de psicologia e filosofia.

Segundo Waal (2007), como filósofo, James redefiniu e humanizou a ideia original do pragmatismo e explica que, a obra de William James pode ser dividida em dois momentos distintos: um mais psicológico (1870 -1890) e outro mais filosófico (a partir de 1890).

Os marcos iniciais do primeiro período foram a criação em 1875, na Universidade de Harvard de um pequeno laboratório de psicologia e o primeiro curso de psicologia que organizou o sobre as relações entre a fisiologia e a psicologia. Nesse período o ponto culminante de sua produção teórica é a publicação do livro titulado de *O Principio de Psicologia*, em 1890. No livro James defende como objeto da psicologia o estudo das pessoas vivas em sua adaptação ao ambiente. Neste sentido, rompe com a tradição estruturalista e fórmula o que seria mais adiante o preceito básico da nova psicologia (SANCOVSCHI, 2009). “Ele [James] acreditava que a consciência tem de ter alguma utilidade biológica, pois do contrário não teria sobrevivido. O propósito ou função da consciência é capacitar-nos a nos adaptarmos ao ambiente”. (SCHULTZ e SCHULTZ apud SANCOVSCHI, 2009 p 6)

O clima intelectual para o desenvolvimento da psicologia nos Estados Unidos era muito diferente do da Europa. E como exemplo disso destacamos: 1) as diferentes configurações sociais em virtude do forte desenvolvimento urbano que começava a ocorrer em meados do século XIX; 2) o avanço industrial e as novas relações de trabalho; 3) a expansão do sistema escolar. (SANCOVSCHI, 2009) “O povo dos EUA estava voltado para o prático, o útil e o funcional, e a psicologia americana, em seus estágios pioneiros, refletia essas qualidades”. (SCHULTZ e SCHULTZ apud SANCOVSCHI, 2009, p.8) “A ênfase pragmática da psicologia norte-americana faz com que ela se oponha às psicologias europeias dos

pesquisadores alemães Wundt e [Edward] Titchener [aluno de Wundt], no que diz respeito a seus objetos de estudo. No entanto, conserva a filiação às ciências naturais e mantém seu caráter experimental”[...]. (SCHULTZ e SCHULTZ apud SANCOVSCHI, 2009, p.8)

Os pesquisadores alemães desenvolveram estudos de psicologia dentro de uma linha estruturalista, abandonada posteriormente pela psicologia, que tinha como objeto de estudo, a consciência, a partir da separação de seus componentes. E é com o objetivo de continuar tais estudos que Wundt, em 1879, instala um laboratório de psicologia, em Leipzig, Alemanha. Este é considerado o primeiro a ser reconhecido como tal, pela literatura,

Nos EUA, “a psicologia deixa de ser uma atividade exclusiva dos laboratórios e passa a ter uma ação junto à comunidade na medida em que passa a intervir junto aos sujeitos individuais e em suas práticas”. Esclarecemos que é “nesse contexto que a psicologia passou a ter papel ativo, classificando, selecionando e ajustando os indivíduos a esses novos espaços – as escolas e as fábricas – e auxiliando no bom uso da sua liberdade nesse admirável mundo novo”. (FERREIRA e GUTMAN apud e SANCOVSCHI, 2009, p.20)

Nesse período a psicologia norte-americana passa a ser reconhecida como funcional ou funcionalista¹³⁰. No momento, o interesse era estudar a mente como um processo cujo objetivo encontrava-se centrado na adaptação do organismo ao seu ambiente.

Ainda baseando-se na publicação de Schultz e Schultz, Sancovschi (2009) afirma que:

Suas indagações restringiam-se ao plano da utilidade e funcionalidade. A teoria da evolução de Charles Darwin, dos estudos de Francis Galton [com destaque aos de hereditariedade e inteligência humana] e os trabalhos de psicologia animal contribuíram para o estabelecimento de uma postura e de um olhar funcionalista.” (SANCOVSCHI, 2009, p. 9)

Entre o estruturalismo de Titchener e o movimento funcionalista, encontramos os trabalhos de William James. Embora não seja enquadrado entre os autores funcionalistas, James contribui para esse movimento desenvolvendo ideias que seriam centrais para a nova psicologia. (SANCOVSCHI, 2009)

O encontro entre a psicologia e a teoria da evolução alterou significativamente o desenvolvimento ulterior da psicologia teórica, bem como criou condições para a psicologia prática. Dentre os muitos conceitos e idéias da teoria da evolução que foram incorporados à psicologia, encontra-se o de adaptação. Para essa nova psicologia os processos cognitivos desempenham uma função adaptativa. A percepção, a inteligência, a aprendizagem têm como objetivo ou finalidade contribuir para a adaptação dos indivíduos. Uma vez que os processos cognitivos conservam-se ao longo da história, eles devem desempenhar um papel na evolução humana, permitindo a sobrevivência do homem em seu ambiente. (SANCOVSCHI, 2009, p.19)

Complementando a centralidade da Teoria da Evolução nas ideias de William James temos:

¹³⁰Primeiro sistema de psicologia exclusivamente americano. Enfatiza os atos ou processos mentais como objeto de estudo da psicologia. Sustenta que a mente deve ser estudada em função de sua utilidade para o organismo, tendo em conta a adaptação ao seu meio.

O darwinismo desempenha um papel central na psicologia jamesiana. Com efeito, os conceitos de variação e seleção fornecem uma maneira de escapar tanto do determinismo fisiológico quanto do determinismo sociológico. Ademais, o darwinismo permite a James mostrar a função e a eficácia causal da consciência na evolução dos seres humanos. (KINOUCI, 2006, p.45)

No que se refere, principalmente, às críticas de James aos estudos socioculturais em uma perspectiva determinista de evolução, como a de Herbert Spencer, filósofo evolucionista britânico que, assim como Darwin, Wallace e Lamarck, entre outros do período, se dedicou a desenvolver estudos que desvendassem os mecanismos evolutivos acrescenta-se:

James [...] opunha-se ao determinismo sociocultural, por acreditar que era preciso distinguir entre as *causas que originam um fenômeno* e as *causas que o preservam*. Para ele, um dos méritos do darwinismo residia exatamente no fato de que o conceito de variação accidental responde pelas primeiras (causas da origem) e a seleção natural pelas segundas (causas da preservação). No contexto da evolução sociocultural, James acreditava que o darwinismo poderia ser aplicado do seguinte modo: o gênio deveria ser tomado como uma fonte de *variação* dentro do tecido social. Quando as idéias do gênio encontram aceitação no ambiente social, passam a gerar um novo modo de existência; mas se o ambiente social mostra-se hostil, então as idéias e seu proponente são rejeitados, não promovendo mudança alguma, ou, no máximo, muito aquém do possível. Rejeitado ou não pelo ambiente social, o gênio tem um papel ativo nas transformações. Ele é a fonte das variações das idéias, não sendo, portanto, um mero receptáculo das experiências passadas de sua raça. Note o leitor que, embora as críticas agora discutidas refiram-se ao evolucionismo sociocultural determinista, retorna o argumento de que o cérebro (por sua organização extremamente complexa) é a fonte das variações, e de que a consciência seria a agência que selecionaria um dos possíveis processos neurais em detrimento dos demais processos concorrentes. Nesse ponto articulam-se as discussões de natureza fisiológica [defendidos, também, por James]. (PEIRANO, 2004, p.112)

Estudos desenvolvidos por Edmund Ronald Leach (1910-1989), renomado antropólogo inglês, que estudou Antropologia Social com Bronislaw Malinowski (1884-1942)¹³¹ e Raymond Firth (PEIRANO, 2014), indicam que Malinowski apoiou-se em Charles Peirce e, mais ainda, em William James (PEIRANO, 2004). E explica:

Como William James, ele suspeitava de qualquer abstração que não fosse derivada ou referida a fatos diretamente observáveis (A opção alternativa de Peirce o levaria a considerar que idéias e conhecimentos, e sobretudo a vida inerente aos símbolos, são tão reais quanto os indivíduos que os utilizam.) A racionalidade dos selvagens e a proposta de que o homem primitivo distingue de maneira fundamental o fato da ficção são argumentos implícitos nos seus escritos, especialmente desenvolvidos em *Coral Gardens e their Magic* (1935). Isto é, de um lado está o conhecimento de condições objetivas, de outro, o domínio de influências inesperadas, adversas ou auspiciosas. Ele próprio não conseguia operar essa divisão básica, já que nem sempre podia julgar onde o procedimento racional terminava e começavam os mágicos e estéticos (.apud Leach, 1957:128). Leach intervém aqui para sugerir que, em vez de afirmar que os primitivos eram tão capazes quanto os europeus de

¹³¹ Antropólogo polaco, funcionalista, considerado fundador da Antropologia Social.

distinguir entre trabalho e magia, o argumento teria tido mais impacto se Malinowski insistisse que os europeus são igualmente incapazes de uma separação precisa entre as duas categorias. (Esta se tornou uma tarefa que o próprio Leach incorporou nos seus ensaios dos anos 1960). (PEIRANO, 2004, p.113)

Para completar, cabe ressaltar que Peirano (2004), ressalta que o diálogo que Leach mantém com Malinowski, perpassa, também, pela linguagem. E acrescenta: "Leach considera Malinowski brilhante por ter enfatizado que o significado das palavras depende do contexto em que são enunciadas". (PEIRANO, 2004, p.113) Esta colocação vai ao encontro do que defende o neopragmatismo abordado no Capítulo V.

Portanto, quicá por influência dos estudos de Malinowski apoiado nos pragmatas, principalmente William James, a antropologia se desenvolve no "Teachers College", e busca estabelecer relação com área da educação e que remonta a afiliação do Colégio à Columbia University em 1898, mesmo ano em que a Universidade estabeleceu o departamento de antropologia.

O TC ofereceu formalmente cursos de antropologia a partir da década de 1930. A antropóloga Margaret Mead [1901-1978] ensinou no TC de 1947 a 1970. Em 1963, o TC ofereceu seu primeiro Ph.D. em Antropologia Educacional e em 1968, o TC e a Columbia University criaram um programa conjunto em Antropologia Aplicada.

Sobre este ponto cabe um parêntese para lembrar que tal fortalecimento contribuiu para o desenvolvimento de estudos de comunidade, em outros países, como as pesquisas desenvolvidas na Bahia em parceria com a "Columbia University", levado a cabo por iniciativa de Anísio Teixeira, quando esteve a frente da Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia, no Governo Otávio Mangabeira (1947-1951) e que detalharemos, posteriormente, em item específico.

Cabe destacar que Dr Anísio nunca foi ao encontro das ideias de Spencer, no que refere-se aos estudos sobre raça. Suas produções, assim como ações, da mesma forma como verificado em Dewey, sempre apontaram na direção de se somarem às ressalvas que foram feitas por James aos estudos de Spencer.. Além do que, Dr Anísio teria exemplos concretos para considerar que as conclusões de Spencer, sobre a relação que tentava estabelecer entre evolução e raça, apresentavam muitos equívocos. Um dos que poderemos citar, é o da trajetória de vida do Dr Teodoro Sampaio. Dr Anísio conviveu com ele, quando jovem, de forma muito próxima, no período em que ambos participaram da Congregação Mariana, organização vinculada ao CAV.

Dr Teodoro, um conceituado engenheiro civil baiano, cuja a grande concentração de melanina lhe auferia o pertencimento, naquele período histórico, a raça negra, é um reforço às reflexões de Dr Anísio sobre os equívocos de Spencer.

O que William James condenava em Spencer, sobre uma potencial relação de determinismo entre evolução e raça cai por terra, com o depoimento dado pelo engenheiro Teodoro Sampaio, na cidade de Salvador-BA, ao doutorando da Universidade de Chicago, Donald Pierson. Este, ao desenvolver, entre 1935 e 1937, estudos sobre relações raciais, sob a orientação do professor Robert ParK, convida, o que é aceito, Dr Teodoro para ser seu informante. O depoimento anexado a tese que é, posteriormente publicada com o título de Pretos e Brancos, pode ter se configurado em mais uma prova cabal para Anísio Teixeira de

que Spencer estava equivocado. Dr Anísio não só tinha conhecimento da pesquisa como, inclusive, facilitou o estabelecimento de contatos que contribuíram para que a pesquisa de Donald Pierson fosse desenvolvida em bons termos.

Apenas como ilustração, acrescentamos que Teodoro Sampaio, no final do século, visitou Caetité, e que é atribuída a ele, a seguinte máxima: “Caetité assemelha-se ao viajante qual uma Corte do sertão”.

Quíça, em decorrência do que foi aportado nessa visita a região e da relação que Teodoro Sampaio estabeleceu, a partir da Congregação Mariana do CAV, com Anísio Teixeira, este tenha incentivado o jovem Anísio a publicar, na revista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ainda nos tempos em que este frequentava a Congregação, o artigo referido anteriormente sobre o sertão baiano.

Dr Teodoro visita a região para realiza pesquisas, no final do século XIX. Este percorre um trajeto semelhante ao da expedição realizada, e já comentada anteriormente, por Spix e Martius, em 1817, da qual, segundo registros do relatório produzido à época, os naturalistas guardaram uma boa impressão da cidade de Caetité e isso facilitou a instalação de uma escola régia de latim. Esta última informação exemplifica, ao tempo que reforça, a precoce movimentação, na área educacional, em relação a outros municípios, na cidade natal de Anísio Teixeira,

Retornando as discussões referentes ao campo da psicologia acrescentamos que Edward Thorndike, um entusiasta da obra de William James, ao ir estudar em Harvard, em 1895, teve a oportunidade de ser aluno de James e iniciar sua própria trajetória científica. Foi James quem despertou nele o entusiasmo pela Psicologia Experimental, como pode ser compreendido através da citação que se segue:

Credita-se ao psicólogo alemão Wilhelm Wundt (1832-1920) [Estruturalista] o mérito de haver sido o fundador da Psicologia como disciplina científica e autônoma. A nova abordagem, muito mais empírica do que a praticada até então, tinha como ponto inovador o uso do método experimental de pesquisa. Um dos cientistas que naquela época também se aventurava na aplicação do método experimental era o norte-americano William James (1842-1910), médico e professor na Universidade de Harvard. Fato interessante, embora pouco divulgado, é que James, em 1875, quando era instrutor de Fisiologia, já havia estabelecido informalmente um pequeno laboratório de Fisiologia aplicada à Psicologia, onde realizava demonstrações pedagógicas para seus alunos. Ou seja, no último quarto do século XIX, a Psicologia Experimental já se encontrava incipiente na América, com pouca defasagem em relação à Europa. Diga-se de passagem que James não tinha especial vocação para trabalho laboratorial – preferia dedicar-se ao trabalho teórico – mas indubitavelmente se mostrava atualizado com o rumo tomado do outro lado do Atlântico (KINOUCI, 2006, p.355)

Durante sua estadia em Harvard, Thorndike inicia experimentos comportamentais com pintos, frangos, patos, peixes, ratos, macacos e outros animais, concluindo a sua tese de doutorado na “Columbia University”, em 1898, com o título de “Animal Intelligence”. Na tese, discute as possibilidades de aprendizagem dos bichos. Os resultados dos experimentos funcionaram como ponto de partida para formulação de uma psicologia voltada para o setor educacional. O objetivo do estudo passa a ser a atividade mental do homem.

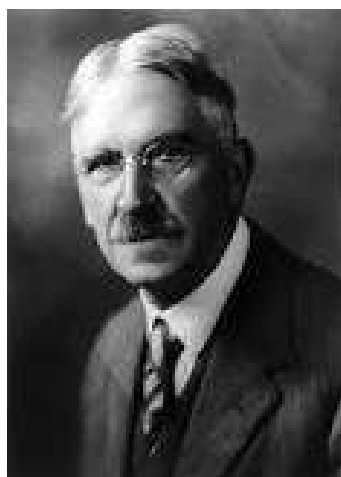
Em 1899 Thorndike assume a função de professor do Teachers College da Columbia University, e pesquisa as diferenças individuais, elaborando testes de medidas sobre tais diferenças, a partir da influência dos trabalhos de Galton. Thorndike acreditava ser fundamental, tratar cientificamente as diferenças individuais. Para tanto elaborou trabalhos quantitativos, utilizando-se do uso de testes para medir as diferenças individuais, ao tempo em que aperfeiçoou por um lado os testes e por outro, os experimentos psicológicos, que foram sendo direcionados por critérios mais científicos (COSTA, 2012, p14)

Quanto a John Dewey, este nasceu em 1859 e graduou-se vinte anos após, assumindo em seguida as funções de professor secundário por dois anos. Em setembro de 1882 iniciou estudos de Filosofia na Universidade Johns Hopkins, onde obteve o doutoramento, com uma tese sobre a ‘psicologia’ de Kant. Posteriormente, em 1884, assume a função de professor de Filosofia na Universidade de Michigan e publica, três anos depois, seu primeiro livro com o título de “Psychology”, no qual propõe um sistema filosófico que conjugasse o estudo científico da psicologia com a filosofia clássica alemã.

Após fazer parte do quadro da Universidade de Michigan, em dois períodos, 1884-1888 e 1889-1894, intercalados por uma breve temporada na Universidade de Minnesota, entre os anos de 1888 e 1889, Dewey ingressa na recém-criada Universidade de Chicago, em 1894, de onde se afasta por problemas internos, passando então a fazer parte do quadro de docentes pesquisadores da Universidade de Columbia, na qual permanece até 1930, como integrante do quadro de profissionais da Instituição e, posteriormente, como Professor Emérito, até 1939. Aposentado, continua a escrever e a intervir socialmente até a sua morte em 1952.

Dewey, assim como Charles Sanders Peirce, William James e George Mead, é reconhecido como um dos fundadores do pragmatismo norte-americano. É, também, considerado o representante principal de um movimento norte-americano que ocorreu na primeira metade do século XX, denominado. de educação progressista (ou progressiva). Entre suas obras, os estudiosos de Dewey destacam: *Reconstrução em Filosofia, Experiência e Natureza, A Busca da Certeza, Arte como Experiência, O Público e seus Problemas* e, finalmente, *Democracia e Educação*.

FIGURA 48: Foto do professor John Dewey



FONTE: Internet

Para completar as informações iniciadas acima e ressaltar o impacto que as ideias de John Dewey causaram em Anísio Teixeira acrescentamos, na íntegra, o texto produzido, por Dr Anísio, em 1928, logo após o término do mestrado, cujo o original encontra-se arquivado no CPDOC/FGV, sob a classificação de AT t 1928.04.027.

John Dewey é considerado, nos Estados Unidos, o mais alto pensador e filósofo do seu tempo.

William H. Kilpatrick, professor da Universidade de Columbia, não receiou dizer, recentemente, por ocasião os setuagesimo aniversário de John Dewey que “este havia feito a maior contribuição que um americano ainda fizera ao pensamento humano, devendo ser incluído entre os grandes pensadores de todos os tempos”.

Mais que a nossa pequena familiaridade com o inglês tem concorrido para que, no Brasil, salvo raras exceções, não conheçamos o pensamento desse grande filósofo moderno, o nosso preconceito contra a vida intelectual americana. Pensamento, para muito de nós é um producto cultivado exclusivamente na Europa e que só recebemos, como althentico, quando nos chega com a etiqueta de Paris, ou, às vezes de Berlin. No entanto, a influência de John Dewey, já como filósofo, já como educacionista, não se circunscreve, hoje, aos Estados Unidos, mas a todo o mundo

A qualidade eminentemente moderna do seu pensamento, estreitamente filiado á corrente científica e á corrente democrática dos nossos tempos, faz com que essa influencia seja, particularmente visível nos países onde estão sendo mais violentamente sacudidas as velhas tradições do passado.

Rússia, México, Turquia, China, Japão e Índia – em todas essas nações, o pensamento que inspira e alimenta as reformas, sobretudo de educação, é o pensamento de John Dewey.

Na Rússia, embora se negue actualmete que alguma influência externa tenha collaborado em seu pensamento educacional profundamente dominado hoje pela orientação política do comunismo, - foi através de Zelenko e de Shatsky, ambos inspirados em John Dewey que se processou o primeiro movimento de reforma educacional, movimento que precedeu a revolução em cerca de dez anos.

No México, toda a grande reforma dos últimos dez anos é confessadamente, fundada na philosophia da educação do pensador americano.

Na Turquia, John Dewey atuou como conselheiro official dos planos de reorganização educacional.

Na China, no Japão e na India onde John Dewey tem feito várias séries de conferências, o seu pensamento tem dado impulso e direcção a todas as instalações de escolas experimentaes e ao movimento, em geral, de renovação que vae por todo o Oriente.

Na China, não ha educação que se diga moderna, que não tenha adaptado o motte geral, retirado da theoria da educação de Dewey:: “A educação é vida e a escola, uma sociedade”.

Na própria Europa, também, não tem sido pequena a influência de John Dewey.

As suas obras, com especialidade os seus trabalhos sobre educação, estão traduzidos em francês, alemão, russo, húngaro, búlgaro, grego, italiano, espanhol, sueco e turco.

São, portanto, quasi todas as línguas europeias. No oriente, estão traduzidos em japonês, chinês e árabe.

Na Inglaterra, o professor [nome não compreensível] reconhece em Dewey um dos *leaders* educacionaes do seu tempo.

Na Allemanha, Kercheustainer diz, textualmente, na sua Alto-biographia: “As sugestões praticas de organização que faz John Dewey, coincidem, em grande partes com as minhas e a clareza e lucidez do seu pensamento em matéria de educação deram-me, em muitas ocasiões, coragem para experimentar as minhas própria idéias. Muitas delas, quando ainda obscuras, foram esclarecidas do estudo intensivo dos seus trabalhos.

Não é, pois, sem razão que a “Biblioteca de Educação” julgou que não devia adiar a publicação de alguns dos trabalhos de John Dewey, em português.

A escolha recaiu em duas monografias, das que mais profunda influencia tiveram na reorganização escolar que se operou, nos Estados Unidos, nos últimos vinte anos.

A primeira-The Child and the Curriculum, [...]. A segunda- Interest and Effort in Education [...]. (TEIXEIRA, 1928,p.53)

No texto transcrito do portal do CPDOC, Dr Anísio destaca o reconhecimento dos estudos de Dewey, à época com 28 anos, nos EUA e em outras partes do mundo, listando inclusive, algumas das línguas em que suas obras já haviam sido traduzidas. Justifica como sendo a falta de domínio, por parte da maioria dos brasileiros, do idioma inglês como um dos fatos que contribuía para que o pensamento de Dewey não fosse conhecido no Brasil, ao tempo que destaca o preconceito ainda existente no país, que insistia em supervalorizar as produções europeias em detrimento das produções americanas. E, finalmente, justifica o interesse da *Biblioteca da Educação* em não adiar a publicação dos trabalhos elaborados por Dewey, pois conforme afirma William H. Kilpatrick, seu orientador no TC, “este havia feito a maior contribuição que um americano ainda fizera ao pensamento humano, devendo ser incluído entre os grandes pensadores de todos os tempos”.(TEIXEIRA, 1928, p.54)

A inclusão da afirmação de Kilpatrick no seu texto nos leva a considerar que Dr Anísio concordava com a afirmação do seu ex-orientador no “Teacher College”.

Kilpatrick (1871-1965) foi um pedagogo americano, aluno, colega e sucessor de Dewey, que tornou-se uma referência importante para estudos do movimento da *Educação Progressiva*, do início do século XX, nos Estados Unidos

Em 1908 Kilpatrick, com 38 anos e uma carreira iniciada como professor de matemática no “High School” e na “Mercer University”, escreve no seu diário que John Dewey havia feito uma grande diferença ao pensamento dele e John Dewey ao escrever a um professor de Kilpatrick afirma que ele foi o melhor estudante que tinha tido.

Kilpatrick ingressa no TC e nesta Instituição passa o resto de sua carreira profissional e longa vida. Foi estudante entre os anos de 1907-1909; recebeu título de doutor em 1912; foi professor-assistente entre 1911e 1915; professor-associado de 1915 a 1918; professor de filosofia da educação a partir de 1918 até 1937 e, posteriormente, professor emérito.

Portanto, além de orientador, Kilpatrick foi, também, professor da disciplina filosofia da educação de Anísio Teixeira.

Dewey e Thorndike já faziam parte do quadro da Universidade de Columbia quando a partir, principalmente dos anos 1920, o TC alcança uma posição de destaque, nacional e internacional, no tocante a questões referentes a educação e pedagogia.

Nesse período a produção da Instituição se intensifica, o que pode ser constatado através do quantitativo de livros, artigos, materiais pedagógicos, relatórios de pesquisa e periódicos que são mantidos pela Instituição, o que pode ser confirmado pela quantidade de referências citadas, sobre tais temáticas, que englobam pesquisadores da Instituição. (WARDE, 2000)

Uma produção reconhecida como sendo de qualidade por muitos estudiosos e que comprova, como faz referência (Warde, 2000), a partir de pesquisa desenvolvida em estudos pós doutorais, que lhe deram acesso a muitos documentos do TC e que destacam que ali, naquele período, estava “o novo, o científico, o moderno desejado”.(WARDE, 2000, p.222)

Como complemento a pesquisadora registra: “há centenas de memórias e as histórias datadas até o final dos anos 30, escritas por ex-alunos, por visitantes e observadores e por estudiosos da matéria; dentre eles, muitos norte-americanos e uma parcela significativa de autores de muitos outros países”. (WARDE, 2016, p.223)

Entre as qualidades que distinguem o TC, no período, no conjunto das fontes investigadas, Warde (2016) destaca duas que, segundo ela, se encontram interligadas, ou sejam:

O TC estaria realizando exatamente o que se esperava dos estudos produzidas no âmbito acadêmico: que dessem fundamento às práticas pedagógicas para as quais há muito não se aceitava as regras da rotina, mas, também, não se queria os riscos da improvisação; [...] o TC reunia um número considerável de professores cujos, livros, artigos, relatórios de pesquisa etc. representavam o melhor cartão de visita da Instituição e o seu maior atrativo. Alguns deles, pessoalmente, ou através dos seus escritos – em inglês ou nas primeiras traduções para outras línguas – já haviam entrado em circulação em diversos países, constituindo-se, assim, dois importantes veículos de afirmação da internacionalidade do campo. (WARDE, 2016, p.224)

3.2 – De Teóricos da Educação Americanos

3.2.1 John Dewey: Com sua *Plataforma de Lançamento*

Em carta enviada de São Paulo, por Monteiro Lobato, datada de 3 de junho de 1944, para Anísio Teixeira, arquivada no CPDOC, sob a classificação AT c 1928.06.22, o autor escreve:

[...] Todos nós, Anísio, temos o vago sonho de encontrar um LIVRO que nos seja como uma casa definitiva – a casa de sonho que procuramos. Um livro no qual moremos, ou passemos a morar como um rato dentro dum queijo. Um livro que seja casa e comida. [...] Pois creio que encontrei o meu LIVRO - o queijo par a casa e comida do rato velho que sou. E chama-se A GRANDE SÍNTESE, de Pietro Ubaldi. Foi traduzido por Guilon Ribeiro e publicado pela Federação Espirita. (LOBATO, 1944)

Nessa carta Monteiro Lobato estimula Dr. Anísio a ler o livro titulado de *A Grande Síntese*, insinuando que o mesmo também poderia torna-se casa e comida do amigo. Ao que Anísio Teixeira, responde, da Bahia, em 26 de agosto do mesmo ano. Depois de informar que andava *assaltando* a literatura infantil de Lobato, junto com os quatro filhos, dizendo:

[...] Pode V. imaginar quanto isto era delicioso, mas deve também imaginar como isto me despreparava para o assalto aquele “HUMP” filosófico que V. descobriu e o que o Pinto Ubaldi psicografou. Porque trata-se mesmo de um Himalaia metafísico, que não se pode sobrevoar senão com os imensos Liberators estratosféricos dos nossos dias. Ainda não o li. Mas tenho procurado espia-lo. [...] O meu receio de não acompanhá-lo na descoberta está em já ser eu também um descobridor. Também eu sou, ou fui, o homem de um só livro. Você nunca desejou enfrentar o Dewey, os seis ou oito volumes de John Dewey. Se enfrentasse, escreveria uma grande síntese sem o espírito-santismo de orelha do Ubaldi e com toda riqueza e maravilha e perspectivas que acaso nos possa dar esse livro. Estou, como deve ter visto pelo meu silêncio, mais morto do que vivo. Cansado no físico e “gloomy” no moral. A Grande Síntese não me curará, já o sentir. Mas a sua carta trouxe-me o desejo de voltar ao meu Dewey. E se puder voltar, isto é se tiver forças de refazer a viagem, hei-de lhe escrever sobre essa “residência da casa do meu pai”. Porque o Dewey, como o Ubaldi, construiu uma “esplendida morada” dessas de que a gente não quer mais sair. Aliás, com Dewey não é bem uma morada, mas uma “plataforma de lançamento”, de onde gente parte para tôdas as direções do quadrante do futuro ... De todos os filósofos é, com efeito, o único que não quis fazer uma filosofia, mas dar-lheo método para V. fazer a sua filosofia...A sua obra é grande, mas já que V. está na maré dessas cousas, porque não lê pelo menos, o Ratner que procurou reunir

em um só volume as obras de Dewey? Ratner deu a esse compêndio da filosofia de Dewey o título – publicado naquela coleção Giants – Intelligence in Modern Life – ou qualquer coisa semelhante. Tenho que se o livro lhe apetecer, teremos o Ubaldo de lado e, possivelmente, em outro livro, o seu livro sobre a Grande Síntese, suprema aspiração de cada um dos nossos espíritos. (TEIXEIRA, 1944)

E como complemento acrescenta:

É o diabo, estar eu a responder à sua carta evangelizante com outra também evangelizante, mas somos todos espíritos que buscamos e cada um julga que achou, apesar de que só a busca é interessante e o achado sempre pobre e incompleto e infeliz. Mas a verdade é que em Dewey encontro alguém que põe na busca mais alguma coisa que o puro buscar. Não é busca pela busca. Mas um buscar consciente da felicidade que produz esse esforço por encontrar, com encontros que constituem tão somente novas plataformas para novas buscas, numa confirmação daquela sábia palavra de Laocoonte, se me não engano, pela qual a verdade toda só a Deus pertenceria e a nós homens, o busca-lá eternamente, a imensa delícia de um eterno jogo com a verdade...Vou ler o Ubaldo e vou reler Dewey. A sua carta fez-me um bem imenso. (CARTA TEIXEIRA, 1944)

Cabe destacar que no ano da troca das correspondências referidas acima, ou seja 1944, já haviam se passado dezesseis anos da conclusão do mestrado nos EUA e, portanto, do primeiro contato mais profundo de Anísio Teixeira com as ideias de Dewey. Ao concluir o curso e retornar ao Brasil, tem a oportunidade de exercitar estes e outros aprendizados, ao assumir atividade de gestão no Rio de Janeiro. Entretanto, no ano em que recebe a carta de Monteiro Lobato, encontrando-se afastado da vida pública, há aproximadamente dez anos, por questões políticas. Entretanto, apesar do desânimo que o abatia, demonstra interesse em discutir temáticas vinculadas a educação e, reafirma ser Dewey o autor dos seus livros casa e “plataforma de lançamento de onde gente parte para todas as direções do quadrante do futuro”. (TEIXEIRA, 1944) Em 1944, o mundo ainda se encontra em plena Segunda Guerra Mundial. E sobre esta, Dr Anísio faz o seguinte comentário ainda na mesma carta:

A carta vai se encerrando sem uma palavra sobre a semana magnífica que acabamos de viver. O pesadelo hitleriano começa a desvanecer-se. E toda a humanidade entra, começa a entrar na fase da recuperação, como todo o seu imenso ímpeto de perpétua juventude...Você me disse certa vez, a título de consolo: só uma coisa não é possível à humanidade: suicidar-se. Como é verdade! Como ela se recupera depressa, como esquece depressa e como não aprende! A sua tragédia e a sua felicidade estão nisto: não há sofrimento que a faça sucumbir, mas não há também sofrimento que a faça aprender... Sofremos e aprendemos, individualmente. Ainda não conseguimos sofrer e aprender coletivamente. A memória é um bem- ou um mal – individual. E não se aprende sem memória. (TEIXEIRA, 1944)

A configuração do pós-guerra tornará, dois anos depois, Anísio Teixeira consultor da UNESCO. Junto com ele segue a bagagem adquirida na “plataforma de lançamento”, sintetizada a seguir e analisada na perspectiva de dar visibilidade a maior influência de Dewey no pensar e agir de Anísio Teixeira.

Para tanto, nos baseamos na tradução de dois textos monográficos, disponibilizado pelo professor, John S. Brubacher,¹³² no tocante a dois pontos: 1º) O Método deweyano, que Anísio faz questão de destacar na carta que envia a Monteiro Lobato; 2º) A influência do evolucionismo de Charles Darwin em Dewey.

Professor, à época, pertencente ao quadro de profissionais de Educação da Universidade de Michigan, em Ann Arbor, EUA, Dr Brubacher veio ao Brasil, em agosto de 1960, com apoio da Fulbright, por intermédio do Centro Brasileiro de Educação (CBPE), para ministrar uma série de palestras, nas quais os textos mencionados foram utilizados como suporte teórico.

No que se refere ao Método, no texto titulado de *Um Exame Teórico do Método de Ensino*, o professor Brubacher chama a atenção para o fato do método deweyano não poder ser ensinado inteligentemente sem um completo domínio teórico, e passa a informar que, assim como o método didático de Joham Friederich Herbart, filósofo alemão do século XIX, organizador da pedagogia como ciência, apresentado em “cinco passos”, o método de Dewey, também, pode ser sistematizado em cinco passos a saber: 1º) Atividade; 2º) Problema; 3º) Dados 4º) Hipótese 5º) Experimentação. E explica:

[...] O professor começa com algo que a criança já está empenhada em fazer, alguma “on-going activity”, como o expressor Kilpatrick. Alguma circunstância imprevista interrompe a continuidade dessa atividade. O livre fluxo de ação conduzindo a um fim se detém. Talvez o fim tenha se tornado obscuro, ou talvez os meios de realizá-lo se tenham revelado ineficazes. De qualquer modo, surgiu um problema - a segunda fase no método de Dewey. Tendo se tornado conscientes da existência de um problema, e tendo-o definido, professor e aluno lançam-se ao passo seguinte, de procurar dados ou informações que possam habilitá-los a vencer o que quer que esteja frustrando a atividade original. Utilizando esses dados ou informações, eles formulam, na quarta fase, uma hipótese para solução específica do problema. A hipótese, como todos sabem, é uma elaboração em imaginação do que aconteceria se determinado curso de ação fosse empreendido. A fase final naturalmente, consiste em pôr a hipótese a funcionar afim de comprová-la, isto é, afim de verificar se as suas conseqüências corroboram os resultados previstos. (BRUBACHER, 1960 pp 4-5)

Em seguida, Brubacher (1960) acrescenta: “o método descrito é obviamente o método usado no laboratório científico” (BRUBACHER, 1960 p.5).

Brubacher (1960) esclarece que foi, muito possivelmente, da rotina dos laboratórios científicos que Dewey copiou o método para ser usado em sala de aula para além da disciplina ciência. Chamando a atenção de que o “método de problemas serve também para ser usado em outros setores, tanto da vida como do currículo escolar, como política, economia e até moral”. (BRUBACHER, 1960 p.5) E para ilustrar acrescenta:

[...] Tome-se, pois, o caso de um aluno que tem ido bem e se comportado bem fora dela. Subseqüentemente, seu trabalho escolar de baixa qualidade e seu comportamento fora de sala de aula o torna algo incomodativo. Temos aqui a

¹³² Anteriormente, e durante muitos anos, Professor de História e Filosofia da Universidade de Yale, bacharel em Artes nesta Universidade, em 1920 e bacharel em Leis, pela Universidade de Harvard, em 1923. Doutorado em Filosofia pelo Teachers College da Universidade de Columbia, em 1927.

realização dos dois primeiros passos do método de Dewey. Não somente nos apresentamos um problema mas talvez, também, uma criança-problema. O passo seguinte é investigar com ela o que aconteceu para produzir tal mudança. Procuramos dados ou informações que possam projetar luz sobre o problema. Estudamos seu lar, sua vizinhança, seu grupo de amigos e assim por diante, em busca de pistas. Podemos até levar o aluno a submeter-se a exames físicos e psicológicos, a fim de descobrir indícios. Após uma pesquisa tão diligente quanto possível de suas causas, tentamos elaborar uma solução (hipótese) para o comportamento inadequado. Experimentamos, tanto literal como figuradamente, No segundo passo o professor “uma solução imaginária. Talvez experimentemos várias soluções em imaginação, antes de dar com aquilo que nos pareça mais verossímil. Talvez concluamos que a subnutrição tenha causado o transtorno. Tomamos, conseqüentemente, medidas para obter uma dieta mais equilibrada para a criança, e esperamos para ver se ela recupera sua antiga posição dentro e fora da escola. Tal não acontecendo, somos obrigados a voltar atrás e experimentar alguma outra hipótese anteriormente rejeitada. (BRUBACHER, 1960 p.5)

Ressalta Brubacher (1960) que o método deweyano é centrado no aluno e que esta é a grande diferença com relação ao método herbartiano, que é centrado no professor.

Afirmando que muitos autores não percebem esta diferença e que, portanto, insiste em afirmar que o método de Dewey não tem originalidade, o referido professor cita alguns estudiosos que pensam dessa maneira, como por exemplo o educador G. Stanley Hall. Para demarcar a diferenciação entre o método deweyano, apresentado acima e os “cinco passos” do método de Herbart, cujas etapas são: Preparação; Apresentação; Assimilação ou Comparação; Generalização e Aplicação, explica:

[...] No passo da “preparação” o professor recorda alguma coisa que os alunos já sabem ou que estão familiarizados. No segundo passo o professor “apresenta” a nova matéria que deve ser aprendida no curso da lição. No passo seguinte, “compara” a matéria nova com a matéria antiga, de tal maneira que o aluno seja capaz de assimilar o novo em termos do velho. Alguns autores, com efeito, chamam a este terceiro passo “assimilação”, de preferência a comparação. O passo seguinte consiste na apresentação de um certo número de casos semelhantes ao que se acaba de examinar. Tal similaridade, em si mesma, possibilita ao professor “generalizar” e enunciar uma regra ou princípio, que se aplica a todos os casos iguais. Quando isso se torna claro aos alunos, o professor está pronto para o último passo, que consiste em aduzir outros casos, e dizer ao aluno que faça por se mesmo a “aplicação” da regra ou princípio. O passo de aplicação geralmente coincide com o de atribuir ao aluno tarefas para realizar em casa. (BRUBACHER, 1960 pp 2-3)

Observa Brubacher (1960) entretanto, que tal diferença não exclui a colaboração do professor no método deweyano, nem a participação do aluno no método herbartiano. E acrescenta que a diferença mais crítica entre os dois métodos está no quinto passo, pois apesar de semelhantes, ambos práticos a significação atribuída a prática no método de Dewey é completamente diferente da do método de Herbart, como destacado a seguir:

[...] Talvez uma única pergunta revele diferença. Quando a lição deweyana alcança o ponto da “experimentação, sabem o aluno ou o professor que desfêcho terá a prova ou o experimento? A resposta, naturalmente, se o problema é em verdade problemático, deve ser a de que nenhum dos dois sabe como as coisas terminarão. Uma hipótese é uma conjectura, mas não uma garantia a respeito de como se

desenrolarão os acontecimentos. Mesmo que a hipótese seja uma conjectura bastante elaborada, à base de intensa acumulação de dados, ainda assim ela se encontra impregnada de incerteza. Para eliminar a incerteza, é preciso agir e observar o que acontece. Esse é o significado real do “aprender fazendo”. A aprendizagem deve ser ativa, não apenas por razões psicológicas, mas por razões epistemológicas ! Proponha-se agora a mesma pergunta numa situação herbartiana. Quando o aluno herbartiano atinge o último passo, da “aplicação”, sabe ele qual será o seu desfêcho? Isto é, há alguma possibilidade de que ele obtenha um resultado que contradiga a “generalização” que está fazendo funcionar? Absolutamente nenhuma ! A única espécie de problemas que cabe ao professor fornecer para “aplicação”, por parte dos alunos, é a espécie que ilustra a “generalização” a que se chegou, através dos exemplos utilizados. [...] Isso não quer dizer que um ou outro aluno não possa ter dificuldade em aplicar a regra, mas quer dizer que a regra deve ser invariável. O resultado da lição deve ser uma conclusão prevista. (BRUBACHER, 1960 pp 7-8)

E como que para encerrar qualquer dúvida que paire sobre a possibilidade do método de Dewey ser plágio do método de Herbart, reforça dizendo que a conclusão prevista é “uma diferença decisiva entre os cinco passos de Herbart e de Dewey. O resultado da lição herbartiana é prefigurado desde o comêço. O resultado da lição deweyana permanece em dúvida até o fim” (BRUBACHER, 1960 p. 8).

No que se refere ao segundo ponto, o texto suporte apresentado pelo conferencista é o titulado de *Evolução Darwiniana e educação Deweyana*.

Brubacher (1960) inicia o texto chamando atenção para o fato de Dewey ter nascido no ano da primeira publicação do livro titulado de *Origem das Espécies* de Charles Darwin, e diz:

[...] Quão apropriado – pensa-se geralmente – que Dewey, que estava destinado a promover tal revolução no pensamento humano sobre a educação, tivesse nascido no mesmo ano em que Darwin publicou um livro que iria abalar os próprios alicerces das ciências da vida e do comportamento, para não falar também na religião. (BRUBACHER, 1960 p.19)

Para em seguida acrescentar:

[...] Na verdade a coincidência se estende muito além de datas. Ela se estende até uma coincidência de pensamento, também. Quando se procura a fonte da inspiração intelectual de Dewey, pensa-se geralmente em Willian James, ou, talvez, em uma inspiração mais antiga, Charles Peirce. Não há dúvida de que Dewey muito deve a ambos, mas, em certo sentido, não deve menos a Charles Darwin. (BRUBACHER, 1960 p.19)

Portanto, cabe destacar, a Teoria Educacional de Dewey seria bem diferente se o curso do pensamento educacional de Dewey não tivesse tomado uma direção evolucionista ao se basear nas hipóteses de Darwin (BRUBACHER, 1960).

Para melhor compreendermos o impacto das ideias evolucionistas de Darwin na educação deweyana, Brubacher (1960) sugere uma análise do movimento popular, ocorrido nos EUA, conhecido como *Educação Progressiva*, já referido no Capítulo I.

Chamando atenção para o fato de que muitas pessoas ao tomar contato com o movimento o terem concebido como um novo modismo educacional, Brubacher (1960) convida curiosos e educadores para uma reflexão sobre a expressão. Para tanto afirma ser necessário um exame mais profundo sobre o substantivo *progresso*.

Para Brubacher (1960), evolução e progresso, no que se refere ao sentido, caminham, em parte, na mesma direção, pois aportam o sentido de movimento. Entretanto, chama atenção para o fato de não serem sinônimo. E explica:

Talvez progresso vá além de evolução, sugerindo movimento mais favorável ao homem. Não são nem evolução, nem progresso, provavelmente inevitáveis. Se o fossem, o progresso poderia ser garantido de antemão, e a “educação progressiva” poderia levar a criança para frente e para o alto tão seguramente como se colocasse no primeiro degrau de uma escada rolante. (BRUBACHER, 1960, p. 22)

Como continuidade às suas observações e partindo da admissão de um mundo internamente em movimento, no qual a maioria das pessoas pode pensar que tal movimento tanto pode ser progressivo com regressivo, acrescenta a seguinte questão: “Mas, se tal é o caso, como poderemos dizer se qualquer alteração proposta na educação vai nos fazer avançar ou retroceder?” (BRUBACHER, 1960, p.22)

Sobre esse ponto Brubacher (1960) chama atenção para o fato de existir duas possibilidades de conceber a ideia de progresso, ou sejam: 1º) Progresso como um pacote fechado e objetivos finais previamente fixados e imutáveis. Por tanto se não alcançados, neste caso, não houve progresso. 2º) Progresso como um pacote aberto e com objetivos finais flexíveis. Para tanto são continuamente avaliados ao longo do processo e concebidos dentro do esperado, seja para mais ou para menos.

Brubacher (1960, p.2) diz que “é determinado a retalho, e não por atacado”, como no primeiro caso. E acrescenta: “Não existe possibilidade de cálculo do progresso líquido geral. Em nenhum momento pode o educador calcular, confortavelmente, a distância a que está de algum objetivo final. A luta pela educação progressiva é sempre repleta de contigência e acompanhada de ansiedade”. (BRUBACHER, 1960, p.24)

Dito isto, Brubacher (1960) questiona: “Qual desses caminhos será o preferível, ao se pensar em educação progressiva?” E claro o que pudesse sustentar o caminho proposto por Dewey. Para tanto acrescenta em seguida: “Será, de fato, uma questão apenas de “preferência”, essa do modo pelo qual devemos encarar o progresso?”. (BRUBACHER, 1960, p.3)

Ainda questionando se existiria alguma evidência que pudesse sustentar o caminho percorrido por Dewey para aceitar a influência de Darwin na filosofia e deslocá-la para a filosofia da educação, diz: “Tal evidência ele [Dewey] a encontrou na *Teoria da Evolução* (BRUBACHER, 1960, p. 3). E complementa expondo a relação estabelecida por Dewey, ou seja: “Se a teoria da evolução é válida, então o progresso deve ser aberto, e não fechado, com referência ao fim” (BRUBACHER, 1960, p.3).

Para fundamentar suas constatações cita o ensaio titulado de *A Influência de Darwin na Filosofia*, de autoria de Dewey e publicado em 1910, como sendo o melhor texto do estudioso

para verificar a relação que Dewey estabeleceu entre suas ideias sobre *Educação Progressiva* e a *Teoria da Evolução* de Darwin.

O texto é uma síntese das reflexões de Dewey a partir de uma análise mais aprofundada da história da filosofia tentando verificar a natureza do progresso na mesma, base da *educação progressiva*.

O texto, no que se refere a filosofia clássica, deixa evidente que em Platão tal ideia é inexistente, pois o mesmo encontrava-se inclinado para considerar a mudança como irreal. Explicita que com Aristóteles percebe avanços, apesar da relação conflituosa entre mutável e imutável, esclarecendo que por ser um botânico, o discípulo de Platão foi mais realista. Não tinha dúvida quanto as mudanças que percebia nas coisas vivas.

Brubacher (1960) chama atenção para o fato das ideias defendidas na publicação titulada de *Origem das Espécies* ter substituído a síntese aristotélica de uma origem única para todas as espécies, ou seja, imutável, centrada em um decreto primordial, assinado por um único *Criador*. Cabe lembrar que tal ideia vai de encontro com a ideia de evolução defendida pela Igreja, comentada anteriormente, ao abordarmos as dissertações produzidas por acadêmicos da Congregação Mariana vinculada, ao CAV. No texto titulado Darwin produzido por um dos acadêmicos, não é admitida a ideia, sustentada por Darwin, de que a origem de cada espécie está associada a uma evolução natural.

No referido ensaio, Dewey chama atenção para o fato de “Darwin não ser, naturalmente, o primeiro a questionar a filosofia clássica da natureza e do conhecimento”.(DEWEY, 1910,p.2) Para tanto ressalta que o começo da revolução nesta forma de pensar inicia-se na física e perpassa pelo pensamento de Galileu, Descartes. Afirma que “o mundo moderno tornou-se autoconsciente da lógica que a partir de então a controlaria, a lógica da qual a ‘Origem das Espécies’ de Darwin é a mais recente conquista científica”. (DEWEY,1910,p.2) E complementa: “Sem os métodos de Copernicos, Kleper, Galileu, e seus sucessores em astronomia, física, e química, Darwin teria sido impotente nas ciências orgânicas”. (DEWEY,1910,p.3) Dito isto acrescenta:

Mas antes de Darwin, o impacto dos novos métodos científicos sobre a vida, a mente e a política havia sido detido, porque entre esses interesses ideais ou morais e o inorgânico havia interposto o Reino das plantas e dos animais. Os jardins da vida foram barrados para as novas ideias, e só através destes jardins havia acesso à mente e política. A influência de Darwin sobre a filosofia reside em ele ter conquistado os fenômenos da vida para o princípio da transição e, assim, libertar a nova lógica de aplicação à mente, à moral e à vida. Quando ele [Darwin] se referiu ao que Galileu tinha dito sobre o movimento da Terra, diz que ele [Galileu] emancipou, de uma vez por todas, as ideias genéticas e experimentais para que perguntas fossem feitas na busca de novas explicações. (DEWEY,1910, p.3)

Portanto, em consonância com as reflexões de Dewey pode-se afirmar que com Darwin inaugura-se um novo período no qual há espaço para que novas perguntas e explicações sobre o homem sejam formuladas e, conseqüentemente, estendidas a sua forma de viver e conviver em sociedade.

Cabe destacar o que chama atenção Dewey, quanto a contribuição dos estudos de Darwin, ou seja, que as mesmas vieram complementar um conjunto de descobertas em curso, mas ainda restrito a um conhecimento do inorgânico. (DEWEY,1910)

As investigações de Darwin ultrapassam barreiras interpostas até então para pesquisar o orgânico, ou seja, a vida, suas relações e interrelações. Entre estas últimas, as estabelecidas pelos humanos.

A afirmação de Darwin de que havia mudança na origem e no processo de diferenciação das espécies, passa a ser uma realidade básica e primária. Portanto, sendo tudo isso admitido,

[...] para que objetivo caminha a evolução? Nada haveria de certo a respeito. Viria sendo progressiva a evolução? Nada se poderia dizer com segurança, quanto a isso. As espécies, aparentemente, vêm e Vão. Talvez se possa estimar a ascensão e o declínio de uma espécie isolada, mas se a ascensão e o declínio de muitas espécies acrescentam algo, no fim das contas, ao progresso geral, isso parece se encontrar além de qualquer estimativa.(BRUBACHER, 1960 p.5)

Dentro dessa linha de pensamento, Brubacher (1960) acrescenta que “se tomando, como noção, Darwin, o progresso deve ser considerado, portanto aberto, criador”.((BRUBACHER, 1960 p.5) Foi com esta perspectiva que Dewey centrou seu olhar na vida concreta do homem, ou seja, tomou como referência um mundo em evolução.

Para Dewey, o mundo deve ser concebido como um sistema indeterminado, aberto, sempre em processo de mudança. Isso porque encontrava-se ciente de que toda ação no mundo demanda uma reflexão sobre esta ação. Em sendo assim lança um olhar diferenciado sobre a filosofia e, principalmente, sobre a filosofia da educação. Centra-se, portanto, no princípio de que pensar sobre ou refletir sobre, é comum a todos seres humanos, inclusive ao homem comum desde os primeiros tempos, quicã não de forma tão sistematizada quanto ao de um filósofo ou cientista, mas presente.

Segundo Brubacher (1960), os casos específicos em que Dewey incorporou a teoria darwiniana à *educação progressiva*, no sentido de sistema aberto são:

1) O objetivo da educação é o desenvolvimento. E o objetivo do desenvolvimento é mais desenvolvimento das nossas aptidões, como forma de nos adaptarmos ao que surge; 2) A definição de que educação mo sendo uma constante reconstrução da experiência; 3) A utilização do método de problema, numa perspectiva de resultados indefinidos; 4) A função é desenvolver ao máximo a potencialidade de cada educando, ou seja, a natureza sábia da espécie” Homo sapiens”; 5) Uma concepção não dualista do currículo, no que se refere a relação entre ciências e filosofia, na orientação da aprendizagem em um mundo em constante mudança; 6) A democracia como forma de vida. Como forma de convivência nos novos contextos inaugurados cotidianamente, mas sempre plurais e diversificados.

Para Dewey, todo conhecimento se faz de maneira reflexiva a partir de um problema, termo técnico que significa: desafio que demanda resolução. Em sendo assim, defende que qualquer conhecimento na escola, deveria ser apresentado na forma de desafio, ou seja: apresentação do problema, diante do qual o educando pesquisa para levantar informações que articulem hipóteses, que serão testadas, para chegar a resolução, como esclarece a citação que se segue:

Dewey explica o seguinte, o conhecimento científico é o melhor conhecimento que nós temos, ou seja, é o que de melhor a mente humana e a prática humana consegue produzir. O que seria a educação? Levar o aluno ao conhecimento científico. Até aí, todas as correntes pedagógicas concordariam. A questão é como fazer isto. Nos modelos mais tradicionais este conhecimento é depositado no aluno, para o Dewey esse conhecimento deve surgir a partir da experiência do aluno. Então não há em Dewey nenhum desprezo pelo conhecimento científico, o que há é uma nova metodologia, um conjunto de sugestões sobre como fazer o aluno chegar ao conhecimento científico. Através de sua experiência, daquilo que ele já traz de conhecimento, é que o professor deve assumir o desafio de chegar com ele ao conhecimento científico. (BRUBACHER, 1960 p.6)

Esta metodologia aporta a ideia de um mundo inorgânico e orgânico em movimento e, portanto, novos desafios serão sempre impostos. Nesse sentido o conhecimento não é algo pronto e acabado que deva ser despejado sobre o educando (educação bancária), mas um conjunto de informações que estarão em contínua sistematização a partir de novas produções e revisões.

Cabe portanto a escola, a função de preparar o educando para fazer frente aos desafios cotidianos que sempre surgem ao longo da vida.

Nesse sentido a *Pedagogia de Projeto*, proposta por Kilpatrick e sustentada pelas ideias de seu orientador, John Dewey, passa a se constituir segundo ambos na metodologia mais apropriada para realizar esse enfrentamento e aproximar o educando do conhecimento científico, como por exemplo, a ação reflexiva discutida no livro titulado *Como Pensamos*, de autoria de Dewey, com primeira edição datada de 1910 que revista e acrescida, é reeditada em 1933.

Dewey manteve uma longa discussão sobre o tradicional e o moderno, com relação ao movimento *guarda-chuva* referente a educação progressiva, assumida pelos americanos. Entretanto nunca defendeu radicalismos, optando por uma posição mediana na qual, centrados nos educandos, os processos educativos não devia dispensar a interlocução e mediação do professor. Esta, também será a posição assumida por Anísio Teixeira ao se envolver com a área de educação no seu retorno ao Brasil.

3.1.2 Ellwood Patterson Cubberley e sua doutrina guia

Influenciado por Dewey, principalmente no tocante ao método, e por outros estudiosos do TC, inicia, ao retornar ao Brasil, uma verdadeira cruzada, na medida que as oportunidades vão surgindo, para tentar alavancar na organização de um sistema educacional no país, como poderá ser verificado a partir do próximo capítulo, no qual trataremos dos desdobramentos do *Espirito Científico* de Dr Anísio, nos espaços em que assumiu funções de labor profissional.

Nesse processo o professor e estudioso americano Cubberley passa a ser uma referência importante como pode ser verificado na carta¹³³ resposta enviada a um membro do “staff” da UNESCO, que disponibilizada, na íntegra com grifo nosso, a seguir:

¹³³ Original em inglês, depositado no CPDOC/FGV, traduzido por Luiz Rogério Goes de Britto, bacharel em Línguas Estrangeiras Modernas.

Bahia, 15 de Fevereiro de 1948

Ao Senhor Leonard S. Kenworthy
Departamento de Educação
Unesco House
Avenue Kléber 19
Paris 16^e

Prezado Kenworthy,

Quando recebi sua carta do dia 29 de janeiro, estava de saída da Bahia, à caminho de merecidas férias. Para ser mais exato, estava atravessando em direção a uma ilhota do outro lado da baía, onde viria a passar apenas 2 dias. Por isso, li sua carta sentado no convés de um veleiro que lentamente navegava, quase que à deriva, rumo ao meu refúgio.

Talvez o senhor consiga imaginar o que me passava pela cabeça durante a travessia, o barquinho demorou quatro horas a distância entre Bahia e Madre de Deus. Recordo-me saudosamente da Unesco e do ambicioso trabalho de excelência que fazíamos lá... Lembro-me de ti, dos colegas de trabalho... E me surpreendo sempre que me pego tecendo comparações entre a Unesco e os expedientes desesperados a que me submeto na Bahia. Meu trabalho é extenuante: labuto diariamente com um sistema educacional primitivo, repleto de preconceitos, e com um sistema de saúde em situação não muito melhor.

Nem precisaria mencionar que seu gentil convite despertou afáveis lembranças do nosso trabalho na Unesco, principalmente dos estágios preparatórios; ademais, o convite despertou em mim o desejo de retornar para presenciar um trabalho ainda melhor em um segundo ano.

Tenho dado a sua proposta toda a minha atenção, e serei bastante franco contigo. Destarte, será esta, mais que uma carta pessoal: será uma confissão.

Quando deixei a Unesco, não considerava a vida pública na Bahia inescapável. De fato tentei me refugiar numa existência privada. Talvez lembre-se de meu pessimismo com "nossos" anos vindouros neste mundinho aqui. Mas, como sabe, não consegui escapar. Ao sair da Unesco me deparei com uma convocação ainda mais compulsória que a imposta pelo cenário internacional. O Ministro da Educação, cuja oferta de trabalho havia eu outrora declinado, foi o primeiro a asseverar que desta vez não poderia recusar o encargo de servir ao nosso (meu e dele) Estado. Eu seria nomeado Secretário de Educação e Saúde. E assim retornei ao Brasil para assumir essa pesada responsabilidade.

Teria que tentar... E tentar de novo! ... Tentar fazer a mesma coisa que havia tentado 12 anos atrás. Tentaria mais uma vez implementar uma educação pública democrática na Bahia. Meu primeiro passo seria uma mudança na Constituição do Estado. Lutei por um capítulo exclusivo para a Educação. E esse capítulo segue as **linhas doutrinárias traçadas por Cubberly**, criando uma Secretaria de Educação técnica e financeiramente autônoma para o Estado da Bahia, algo revolucionário quando comparado com a tradição constitucional do Brasil. Dado esse primeiro passo, luto agora por uma lei geral de educação que faça valer os ditames incluídos na Constituição Estadual. Essa luta, contudo, é difícil demais. E parece que eu passei dos limites, causando desgaste político, ao executar a primeira parte da empreitada. Eu tive que fazer tudo que podia... Não é todo dia que se tem a oportunidade de esboçar uma Constituição Estadual.

Até a presente data, não consegui implementar a legislação infraconstitucional que agora se faz necessária. Consegui, apenas, o capítulo da Constituição, que carece de leis regulatórias.

A "política" insiste em "esperar até que haja uma lei nacional", para só então endossar minha proposta legislativa.

Por ora, tenho discutido a proposta dessa lei nacional com o Ministro da Educação; os objetivos dele, até aqui, vão ao encontro do que tenho defendido.

Mas tirar a Educação das garras da política e da burocracia é uma tarefa árdua, e talvez eu venha a falhar de novo. Mas tenho que lutar incessantemente apesar de meu crescente pessimismo.

Conto-lhe todo esse sermão para mostrar-lhe que não posso deixar meu trabalho aqui para assumir algo de natureza temporária... Nem mesmo na Unesco. Carrego sozinho o fardo dessa luta. É minha luta e não posso abandonar meu posto por dois meses (suponho que seria esse o mínimo de tempo exigido para o serviço proposto pela Unesco).

Esse é um lado da história, mas, evidentemente, há outro.

O Brasil atravessa um período de transição. Muitas idéias têm-se maturado de forma gradual. Os artigos da Constituição federal, assim como o novo capítulo, foram incluídos na Constituição Estadual. São conceitos baseados na melhor tradição democrática e originam-se na doutrina educacional americana. Essas idéias precisam ser desenvolvidas, mas por ora, pressões políticas visando novos avanços seriam prematuras. Portanto, se for do interesse da Unesco oferecer-me um cargo, não por dois meses, mas por um ou dois anos, eu provavelmente o aceitaria. Para tanto, postergaria meu trabalho no Brasil, à espera de um período político mais oportuno para dar seguimento a meus planos. Já dei o primeiro passo. Não tenho dúvida que as idéias que apoiamos são "corretas", mas o momento ainda é prematuro.

Odeio admitir isso, mas devo reconhecer o fato de que a coalizão política prevalente no Brasil não é receptiva do que é considerado "radical". E tirar o Brasil de seu passado aristocrático e feudal é algo radical, mesmo que nos disponhamos a aceitar apenas o que já havia sido conquistado pela Constituição Americana desde o século XVIII. Na área da Educação, seria um sonho realizar o que Horace Mann já havia conquistado nos estados da Nova Inglaterra 100 anos atrás.

É por isso, meu caro Kenworthy, que apresento-lhe esta contraproposta. Não posso deixar meu Brasil para trabalhar na Unesco por apenas 2 meses; sinto-me sobremaneira atrelado a meu trabalho. Precisam de mim todas as horas de todos os dias. Não obstante, estaria disposto a sair por um ano ou dois, para futuramente retornar com maior prestígio e prosseguir de onde parei. Pode parecer paradoxal, mas é exatamente este o ponto: eu me sentiria mais tentado a aceitar essa proposta da Unesco se o prazo do trabalho fosse mais longo. Não nego, de qualquer forma, que me sinto lisonjeado com o convite para liderar as discussões do Seminário de Compreensão Internacional.

Deixo contigo o próximo passo. Caso surja alguma proposta com prazo de um ou dois anos, considerá-la-ei. Desta vez, caso eu volte à Unesco, será com o entendimento de que, assim como assevera nosso querido amigo Paulo Carneiro, talvez tenha sido cedo demais para iniciar um trabalho sério no Brasil.

Se eu continuar aqui, contudo, como Secretário de Educação e Saúde, persistirei com meu objetivo incansavelmente, seja o momento prematuro ou não, por todos os dias de minha vida.

Conjuntamente, eu e minha esposa lhe estendemos nossos sinceros cumprimentos e, desejando-lhe o melhor, despeço-me.

Cordialmente,

Anísio Teixeira.

Quando Dr Anísio se refere na carta, que seu objetivo é “tentar fazer a mesma coisa que havia tentado 12 anos atrás” (TEIXEIRA,1948,s/p) refere-se ao período do Rio de Janeiro e afirma que aquele seria o caminho adotado nessa nova gestão na Bahia.

Em sendo assim, nesse primeiro momento, focaremos a análise nas *linhas doutrinárias traçadas por Cubberly*. Para tanto tornou-se necessário conhecê-lo, bem como as linhas destacadas por Anísio Teixeira, de forma a estabelecer um paralelo com as ações que foram empreendidas pela Diretoria do Departamento de Educação do Distrito Federal e que, portanto, na avaliação de Dr Anísio havia dado certo, pois desejava continuar a utilizá-la em novo período a frente da educação da Bahia.

O professor Ellwood Patterson Cubberley (1868 – 1941), foto abaixo, foi um físico americano, professor de ciências por vários anos, considerado pioneiro no campo da administração educacional.

Nas posições de direção que foi assumindo em universidades americanas, procurou tornar a administração escolar mais eficiente.

FIGURA 50: Foto do professor Ellwood Patterson Cubberley no seu gabinete na Universidade de Stanford.



FONTE: Internet

Centralizando a tomada de decisões em seu gabinete, enfatizava a importância para que os cargos criados na área da educação fossem preenchidos com base na capacidade do profissional e não por indicações políticas.

Em 1898 ingressa, como professor-assistente e chefe do incipiente Departamento de Educação e, posteriormente, Escola de Educação, na Universidade de Stanford, na qual assume posições de liderança e se aposenta em 1933.

Para se qualificar, afasta-se temporariamente da Instituição para frequentar o M.A, em 1902, e o Ph.D., em 1905. Ambos realizados no “Teachers College” da “Columbia University”. No seu retorno, mas especificamente no ano de 1917, Cubberley supervisiona a transformação do departamento de educação de Stanford em uma Escola de Educação completa e é o primeiro reitor da Instituição até se aposentar em 1933. (STEFFES¹³⁴, 2017).

Nesse processo expande, gradativamente, o escopo de suas atividades que passam a abarcar formulações de políticas nacionais que vão desde certificação de professores até livros didáticos.

Cabe ressaltar que na época, muitas universidades americanas não estavam convencidas de que a educação fosse um assunto digno de estudo em níveis mais avançados.

[...] lhe foi concedido três anos para tornar o departamento academicamente respeitável; caso contrário, seria desmontado. Nos anos seguintes, Cubberley conseguiu ganhar o apoio dos colegas do departamento e começou a desenvolver programas de pesquisa para estabelecer a educação como um campo de estudo legítimo. [...] Ele ajudou a produzir a primeira geração de administradores escolares treinados em universidades. Aconselhou e orientou centenas de pessoas e de educadores. Em nível nacional, Cubberley foi um dos primeiros especialistas em administração escolar, e sua prolífica bolsa de estudos o ajudou a moldar o campo. Ele escreveu sobre temas como finanças escolares, governança do estado, educação rural e administração do condado, entre outras coisas, e desenvolveu alguns dos primeiros e mais influentes livros-texto em administração escolar. Além disso, Cubberley criou uma das primeiras séries de livros sobre educação do país, a Riverside Textbooks in Education, e usou-a para promover novas bolsas de estudos no campo. (STEFFES, 2017,s/p)

E complementa:

Cubberley também teve um impacto importante na história da educação. Ele via a história como uma maneira de infundir aos educadores um senso de missão e escreveu relatos históricos que celebravam e legitimavam os movimentos de reforma educacional de sua época, ligando-os a uma história de progresso e democracia. Seu popular livro de 1919, Educação Pública nos Estados Unidos, reflete melhor essa narrativa inspiradora e influenciou a formação da erudição histórica até os anos 1960. Posteriormente, no entanto, essa interpretação foi atacada por historiadores que argumentaram que o arcabouço abrangente de Cubberley era insuficientemente crítico e ignorava fracassos, conflitos e aspectos não-igualitários da escolaridade em um esforço de proselitismo para educadores e o público. (STEFFES, 2017,s/p)

Cubberley publicou um total de 30 obras, ao longo da vida, das quais destacamos: Programa de Conferências sobre a História da Educação, 1902; Mudando concepções de educação (Houghton Mifflin Company, 1909); Educação Pública nos Estados Unidos, 1919, republicada em 1934 e 1947; A história da educação: Prática educativa e progresso considerado como uma fase do desenvolvimento e disseminação da civilização ocidental (Houghton Mifflin, 1920); Leituras na História da Educação, 1920; Uma Breve

¹³⁴Editor da Enciclopédia Britânica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ellwood-Cubberley>. Acesso em 10/06/2017.

História da Educação , 1922; Administração Escolar Pública , 1929; Educação Pública nos Estados Unidos.

Acreditamos que no “Teacher College”, enquanto aluno, Anísio Teixeira teve acesso a todas as publicações citadas acima, o que o faz destacar as *linhas doutrinárias traçadas por Cubberly*, na carta enviada a Kenworthy e disponibilizada anteriormente, dando portanto a entender que estas orientaram suas ações à frente da Instrução Pública no Rio de Janeiro, mas que foi interrompida pelo seu afastamento, em razão da instabilidade política que culminou com a instalação do *Estado Novo*,

Desejando conhecer um pouco mais sobre o que havia chamado a atenção de Dr Anísio nas publicações de Cubberly, como forma de melhor entender que linhas doutrinárias eram estas, resolvemos nos debruçar na leitura de alguns capítulos do livro *Educação Pública nos Estados Unidos*, datado de 1919. Tal escolha fundamentou-se em dois pontos a saber: O primeiro, um pouco mais intuitivo, pelo livro ter sido republicado em 1947, poucos meses depois de Dr Anísio integrar o “staff” da UNESCO e, quiça, tenha sido ele o mentor da indicação desta nova edição. Quanto ao segundo, mais concreto, refere-se a uma publicação de Dr Anísio na qual as influências das obras de Cubberly ficam evidentes, conforme demonstraremos no próximo capítulo.

Cabe lembrar que cartas de pessoas ligadas aos mais variados ramos do conhecimento, constituem-se em documentos importantes para a História da Civilização (ou como Freud preferia nomear, da cultura), uma vez que o missivista relata fatos de uma determinada época e faz referência a fatos ou contextos narrados de forma muitas vezes mais informal, mas nem por isso menos importante que as informações contidas em documentos oficiais (institucionais), que, igualmente, se prestam para o estudo dos fatos do passado que influíram em mudanças na vida social humana.

Em sendo assim, a carta entre Aniso Teixeira e *Kenworthy* é tão importante para a história da educação, quanto as cartas¹³⁵ trocadas entre o físico Albert Einstein e Sigmund Freud, o criador da Psicanálise, para a História da Ciência. Destas ultimas destacamos as datadas de 30 de julho de 1932, assinada pelo famoso físico alemão Albert Einstein, às vésperas da invasão nazista à Áustria, e na qual o professor Freud questiona sobre se existiria alguma forma de *livrar a Humanidade* da ameaça de uma segunda guerra mundial, formulada com o objetivo de encontrar resposta para as inquietações da *Sociedade das Nações*, também conhecida como *Liga das Nações*, precursora da ONU, e de seu Instituto Internacional para a Cooperação Intelectual, localizado em Paris. Além desta questão, outras duas, identificadas pelo autor como sendo de curiosidade mais pessoal são relevantes, ou sejam: “Como os mecanismos de poder conseguem despertar nos homens um entusiasmo extremado, a ponto de sacrificarem suas vidas?” e “É possível controlar a evolução da mente do homem de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?”

Ambas perguntas, somadas à primeira, ocasionaram a histórica missiva enviada por Freud, como resposta, em setembro do mesmo ano.

¹³⁵ Ver https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1033690/mod_resource/content/1/Aula%2B026%2B-%2BFreud%2B%2BEinstein.pdf

Cabe lembrar que entre os anos de 1914 e 1918, o mundo vivenciou o maior conflito armado travado entre as principais potências, em decorrência da ampla rivalidade de caráter político e econômico que havia entre as nações europeias, sintetizada no conceito de imperialismo.

Ao longo da denominada *Primeira Guerra*, o uso de novas armas, aperfeiçoadas pela indústria, aliado a novas invenções como o avião e os carros tanques, deu aos combates uma característica de impotência para os soldados. Milhares de homens morreram instantaneamente em bombardeios ou como vítimas das nuvens de gases tóxico, como a iverita.

Em 1917, com a economia abalada pelos gastos militares, a Rússia sai da guerra. Neste período a situação política interna do país enfrentava dificuldades em decorrência da ação dos bolcheviques (comunistas liderados por Vladimir Lênin), que terminou com a tomada do poder e o desencadeamento da *Guerra Civil Russa*, bem como, posteriormente com a formação da União Soviética, em 1921. (HOBSBAWM, 1995)

Coincidindo com o mesmo ano da saída da Rússia da guerra, os Estados Unidos entram para apoiar à Inglaterra e à França e posicionar-se, conseqüentemente, contra a Alemanha. Esta, que já se encontrava enfraquecida pelas perdas acumuladas, entre outras causas, de soldados, é derrotada. A guerra termina em 1918 e os Estados Unidos tornam-se uma das maiores potências internacionais.

A rendição alemã e a assinatura do *Tratado dos Catorze Pontos para a Paz* não resolveram questões abertas no conflito dessa Guerra. Preocupados com a situação e a possibilidade de novos conflitos, os EUA pleiteiam a criação da *Sociedade das Nações*, de caráter internacional, que fica responsável por julgar as tensões militares. Entretanto, algumas potências, que exigiam um tratamento mais duro para com as nações derrotadas e, em especial, para com a Alemanha, não aceitam a orientação da recém-criada *Liga das Nações* que resolve não submeter o país à obrigação de indenizar as nações vencedoras por danos da guerra. (HOBSBAWM, 1995) Em decorrência disso, em 28 de junho de 1919, as principais destas nações reúnem-se no Palácio de Versalhes, em Paris, para novas negociações de paz. Seguindo as cláusulas desse tratado, a Alemanha fica obrigada a ceder territórios e a reorganizar sua economia tendo em conta o futuro ressarcimento aos países que venceram a *Primeira Guerra*, sobretudo a França.

Portanto, é a partir desta conjuntura do período, descrita de forma sucinta acima, que surge o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como *Partido Nazista*. Partido político de extrema direita que existiu na Alemanha entre os anos de 1920 e 1945.

Este partido contou com uma liderança até então desconhecida, mas que, com boa oratória e discurso convincente, cativa quem fazia parte do mesmo, ou seja, Adolf Hitler. Este acaba por assumir a liderança do Partido em 1921 e nomeado, em 1933, Chanceler. Com tal posto estabelece um regime ditatorial e totalitário, conhecido como Terceiro Reich, que defendia o *Darwinismo Social*, ou seja, uma teoria da evolução da sociedade, desenvolvida entre os séculos XIX e XX pelo filósofo inglês *Herbert Spencer* (1820-1903), que já pensava sobre

evolução, antes mesmo de Darwin, e que, a partir de interpretações equivocadas sobre processos evolutivos, defende a premissa da existência de sociedades humanas superiores a outra e que, nessa condição, as que se sobressaem, física e intelectualmente, deviam tornar-se governantes, enquanto as outras - menos aptas – deveriam deixar de existir, porque não eram capazes de acompanhar a linha evolutiva da sociedade. (HOBBSAWM, 1995) Portanto o nazismo além de ser nacionalista, tinha conotações racistas.

Nos anos seguintes, além de ter eliminado seus adversários, seja na direita não radical, seja na esquerda, Hitler consegue recuperar a economia da Alemanha, militariza o país, desafia os termos do *Tratado de Versalhes* e aglutina um quantitativo de seguidores fanáticos para iniciar um processo de expansão territorial do país. Tais ações de Hitler, bem como a crise de 1929, que inicia-se nos EUA, mas que atinge toda a Europa, acabam por desembocar na Segunda Grande Guerra Mundial e que inicia-se em 1939 e só termina em agosto de 1945, quando os Estados Unidos, com a vitória já consolidada, encerra a Guerra ao lançar sobre Hiroshima e Nagasaki bombas nucleares, que além de arrasarem as duas cidades japonesas, matam ou mutilam milhares de pessoas. Tal arbitrariedade tem como objetivo demonstrar para o resto do mundo o seu poder bélico e deixar evidente que iniciava-se uma nova etapa na história da humanidade, a chamada fase nuclear.

A Criação da ONU, em 24 de outubro de 1945 e da UNESCO, em 16 de novembro do mesmo ano, representaram novas tentativas de evitar a repetição dos grandes conflitos vivenciados no século XX.

As preocupações das interlocuções estabelecidas entre Freud e Einstein nas referidas cartas de 1932, bem como de outros intelectuais, entre eles Anísio Teixeira na gestão da educação, no Rio de Janeiro, são exemplos de iniciativas que buscavam evitar o que acabou se concretizando, ou seja, uma 2ª Guerra Mundial.

Nesse sentido Anísio Teixeira, junto a outros professores, considerou importante introduzir no currículo do curso de formação de professores, do recém-criado Instituto de Educação, do Rio de Janeiro, discussões críticas sobre a conjuntura da época, como foi o caso da disciplina História da Educação, ministrada pelo professor Afrânio Peixoto. Esta além de desenvolver temáticas específicas da disciplina utilizando-se de pesquisas associadas a debates ou seminários, nos quais não só abordavam textos da obra Emilio, de Rousseau, como de gregos, jesuítas, Locke, Comte, Stuart Mill, Spencer e Kant, bem como *Escola Nova* com Maria Montessori, Ovidio Decroly e John Dewey, que deveriam embasar dissertações de fim de curso, também abordava questões relacionadas a realidade vivenciada à época, que já sinalizava um crescimento do fascismo em força e penetração.

Nesse sentido utilizou-se, muitas vezes, do tema kantinismo para introduzir a crítica ao “ messianismo alemão” e a preparação, por parte de Hitler, para um desfecho sangrento de racismo, para o qual, segundo o professor, a educação seria a grande espada de Siegfried (na mitologia nórdica, a espada usada pelo personagem Siegfried, para matar o dragão Fafnir). (ACCÁCIO, 2012, s/p)

O Sistema Educacional do Rio de Janeiro, conforme detalhado no próximo capítulo, será concebido dentro dessa crença de empoderamento da educação para fazer frente a novos conflitos, ou seja, buscando veicular a cultura da paz

CAPÍTULO IV O ESPIRITO CIENTIFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA: DESDOBRAMENTOS

Ao iniciarmos a apresentação dos desdobramentos do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira, torna-se necessário chamar a atenção que, mesmo passando pela experiência docente, a ampla e significativa contribuição de Dr Anísio à educação e a alguns campos da ciência brasileira deu-se em funções diretivas ou consultivas em instituições públicas. Funções nas quais o seu *Espírito Científico* se fez presente e teve relevância na forma de conduzir suas ações.

Para tanto, como já destacado anteriormente, não só fomenta que os conhecimentos e metodologias científicas fossem incorporados aos processos de ensino-aprendizagem, como, também, aos processos administrativos que, direta ou indiretamente, ficavam sob sua responsabilidade. Em sendo assim, tornou-se relevante pesquisar as escolhas e possíveis transformações, que poderiam ter ocorrido no pensar cientificamente de Dr Anísio como membro de equipe ou diretor de algumas destas Instituições.

1 – NA DIREÇÃO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA NO DISTRITO FEDERAL

Anísio Teixeira chega ao Rio de Janeiro no segundo semestre de 1931, para atuar no recém-criado Ministério da Educação e Saúde como membro da comissão encarregada dos estudos relativos à reorganização do ensino secundário no país.

Nesse período foi nomeado para interventor do Distrito Federal, o médico Pedro Ernesto do Rego Batista, que tinha participado dos levantes de 1922 e 1924 e apoiado Vargas na Revolução de 1930. Este, pretendendo fazer uma administração dirigida, principalmente, para melhoria dos serviços de saúde e educação, convida, por indicação do jurista Temístocles Cavalcante, Anísio Teixeira, que representava a corrente mais democrática da Escola Nova, para assumir a Diretoria-Geral da Instrução do Rio de Janeiro, em substituição ao educador Fernando de Azevedo.

Dr Anísio dá continuidade a linha geral da gestão até então em curso, mas ajusta, amplia e acrescenta muitas novidades, até que em dezembro de 1935 pede demissão, devido às pressões políticas, por parte da Igreja e do Governo de Getúlio Vargas, que o acusava de participação na revolta dos comunistas contra o governo.

Sobre as novidades da gestão de Dr Anísio, Lima (1978) nos informa que Anísio Teixeira utiliza brechas da reforma do ensino secundário e universitário no país, promovida pelo então ministro da educação, o jurista Luiz Francisco da Silva Campos (conhecida como Reforma Francisco Campos), estabelecida pelo Decreto nº 21.241 de 4 de abril de 1932, para expandir e modernizar o sistema escolar do Distrito Federal, no nível médio em complementação a expansão no nível primário e, posteriormente, criar a Universidade do Distrito Federal (UDF).

No que se refere ao curso secundário, o Decreto permitia a inclusão de disciplinas diferentes das previstas no currículo secundário, em termos facultativos. Mediante esta brecha, Dr Anísio conseguiu diminuir as discrepâncias curriculares existentes que separavam as escolas pós-primárias, destinadas a formação de operários, das escolas secundárias, que encaminhavam seus educandos para cursos superiores ou seja: elevou o ensino técnico profissional ao nível de secundário. Neste sentido Dr Anísio passa a defender a escola única, em posição diametralmente oposta a que assumiu em 1924, quando escreve e publica o artigo titulado *A Proposito da Escola Única*, no qual fica contra algumas posições assumidas por

Carneiro Leão, em livro de autoria sobre a educação nacional. Neste período, como comentado anteriormente, sobre a questão da *escola única*, a posição defendida por Anísio Teixeira vai ao encontro da defendida pela Igreja Católica.

No cargo inicialmente denominado Diretor Geral de Instrução Pública, e, posteriormente, renomeado para Diretor-Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal (Rio de Janeiro), por aproximadamente cinco anos, Dr Anísio coloca em ação um conjunto de medidas que acabam por lhe projetar nacionalmente, pois

[...] um estudo analítico da Reforma Anísio Teixeira deveria incluir, pelo menos, sete amplos capítulos, comportando, cada qual, várias subdivisões. 1. Organização e funcionamento do Departamento de Educação; 2. Administração, organização e direção do ensino primário; 3. Reorganização das escolas de ensino médio; 4. Expansão e enriquecimento da educação de adultos; 5. Formação do professor primário; 6. Organização da Secretaria-Geral de Educação e Cultura: estrutura, finalidade e funcionamento; 7. Criação e funcionamento da Universidade do Distrito Federal. (SILVEIRA apud XAVIER, 2007, p.145)

Muitas dessas medidas referentes a expansão e modernização assumidas por Dr Anísio nesse período, conforme carta comentada anteriormente, seguem a orientação de Cubberley que, conjuntamente com Dewey, passam a dar sustentação as reflexões e ações de Dr Anísio, após seu retorno do “Teachers College”.

Ao demitir-se, por motivação política, em 1º de dezembro de 1935, ações implantadas e experiências embrionárias em curso no Distrito Federal, proposta por Dr Anísio, são desmontadas. Cabe ressaltar que no período Anísio Teixeira já internalizava que estava no rumo certo. Isto se confirma quando ao assumir a Direção da Educação no Estado da Bahia, no governo de Otávio Mangabeira, tenta retomar a mesma linha de ação, como fica explícito em carta enviada em 1948, a Leonard Kenworthy, membro do “staff” da UNESCO, disponibilizada no capítulo anterior da presente monografia, na qual Dr Anísio faz referência às linhas doutrinárias de Cubberley.

No Capítulo XV do livro “Public Education in the United States”, de autoria de Ellwood Cubberley, encontramos elementos que servem para exemplificar, a presença desse autor, no pensar cientificamente da gestão de Anísio Teixeira, na Diretoria de Instrução Pública do Rio de Janeiro.

O referido capítulo, trata das novas concepções do processo educacional, mas para tanto, o autor inicia a redação, fazendo uma exposição sobre a velha concepção, conforme poderá ser contatado a seguir:

Nosso trabalho escolar até então foi realizado com base na suposição não expressa de que as crianças eram semelhantes em necessidades e capacidades, e que o treinamento necessário para a cidadania e a vida consistia em adquirir, em livros, certo conhecimento que a escola procurava transmitir. Algumas crianças puderam permanecer mais tempo na escola do que outras e, conseqüentemente, subiram mais na escala educacional, mas o tipo de treinamento enquanto subia a escala era praticamente o mesmo para todos. Apenas no ensino médio foram permitidas algumas opções. O objetivo de adquirir conhecimentos, em todos os lugares, dominou a instrução. O conhecimento e a virtude cívica passaram a ser considerados como sinônimos, o exercício disciplinar era o principal objetivo do processo de ensino. Portanto, era natural que com a ascensão do governo democrático e do sistema de ensino apoiado pelo Estado, que primeiro tivéssemos concebido o

conhecimento como poder, acreditando ser, quase certo, que este levasse à virtude. A nova escola estatal foi construída principalmente para promover a alfabetização e a cidadania, e isso deveria ser feito assegurando aos povos os elementos de aprendizagem, preparando-os assim para a participação nas funções do governo. Havia também, uma suposição inicial de que o treinamento necessário para a cidadania e a vida consistia em que os alunos adquirissem certos conhecimentos em livros, o que era da competência da escola transmitir. Cedo, esta percepção de concepção de conhecimento, com raízes profundas com o nosso povo, por um longo tempo e em toda parte, dominou nossa instrução escolar, e seu fim ainda não chegou. (CUBBERLEY, 1947, p. 513)

A esta exposição inicial Cubberley acrescenta considerações referentes às novas concepções na área da educação, estabelecendo, entretanto, contrapontos com velhas concepções no que se refere: a disciplina escolar; ao desenvolvimento infantil; ao trabalho educativo; a centralidade da criança no processo educativo; a formação do professor; ao espírito da escola moderna; aos ajustamentos necessários entre os níveis de ensino; as crianças que não se ajustavam ao curso médio; a flexibilidade de classificação e plano de promoção; a cursos paralelos de estudos, para os alunos que avançam mais rapidamente no processo de ensino aprendizagem; a cursos de estudos diferenciados; a classes e escolas diferenciadas; a um melhor desempenho e eficiência na aplicação dos recursos da escola.

Nos deteremos no tópico *Cursos e Estudos Diferenciados* (“Differentiated courses of study”), para exemplificar o quanto Aniso Teixeira considerou relevante e baseou-se em publicações de Cubberley e que, não só adotou na gestão da direção da instrução pública do Rio de Janeiro, como , pelo explicitado na carta a Kenworthy, encontrava-se desejoso de dar continuidade na Bahia, na nova gestão da educação pública, que havia assumido no governo de Otávio Mangabeira. As linhas doutrinárias referidas tratavam-se, na verdade, de um conjunto de experiências exitosas, na concepção do autor do livro e de defensores da chamada educação moderna e dentro da linha da *Educação Progressiva* americana, orientada pelo pragmatismo, corrente filosófica a qual Dewey encontrava-se ligado. Ao referido tópico, Cubberley acrescenta:

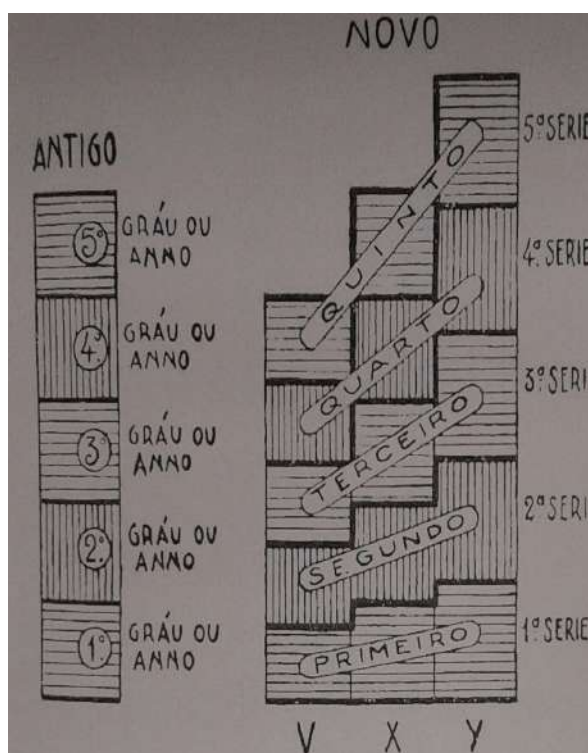
Aproximadamente 1898, um experimento foi iniciado em Baltimore, b Superintendente James H. Van Sickle (1852-1926), e mais ou menos na mesma época, um pouco similar foi tentado por um curto período em Santa Bárbara, Califórnia, ambos muito importante visto do ponto de vista dos melhores interesses da nossa vida democrática. Cada um foi uma tentativa de fornecer, através de um sistema escolar de classe única, algo dessa eficácia na formação de líderes para os quais os sistemas escolares europeus de duas classes têm sido notados há muito tempo. Experimentos similares foram experimentados e ainda estão em uso em vários lugares. (CUBBERLEY, 1947, p. 524-525)

A narrativa do experimento, entre outras questões discutidas por Cubberley, chama atenção de Dr Aniso que resolve adota-lo em ações experimentais no Rio de Janeiro, como atesta o artigo de sua autoria denominado de *A Educação Elementar no Districto Federal*, publicado na *Revista Brasileira*, em 1935. No artigo Aniso Teixeira, através de uma dissertação argumentativa apresenta os resultados preliminares do experimento em curso e similar ao realizado em Baltimore.

A ideia essencial subjacente ao experimento de Baltimore, foi a de que as crianças seriam diferentes não apenas na capacidade mental, mas também em possibilidades futuras e que, portanto, não poderiam ser enquadrada em apenas três grupos - o lento, o médio e o dotado. Em sendo assim, passaram a elaborar cursos específicos de estudo para cada grupo de alunos (cursos diferenciados), o qual deveria estar à altura, mas não além das capacidades, do que os alunos de cada grupo teriam condições de realizar. Criaram, entretanto situações flexíveis para que os alunos pudessem migrar de um grupo para outro em qualquer direção, de forma fácil, caso fosse necessário. Adotaram, também, que durante os primeiros seis anos de vida escolar os cursos deveriam variar na quantidade de trabalho realizado, mas não no tempo consumido e que, após esse período preliminar de triagem, maiores oportunidades deveriam ser dadas ao grupo dos superdotados para que seus membros pudessem avançar mais rapidamente, através de estudos extras e, conseqüentemente, se beneficiassem dessas vantagens educacionais extras. Isso tudo sem negligenciar os outros grupos, que continuariam recebendo o apoio necessário para se desenvolverem, mas de acordo com os seus próprios ritmos. (CUBBERLEY, 1947)

A semelhança entre os diagramas apresentado por Dr Aniso, na página 31 do referido artigo (com apresentação dos resultados nas páginas 51 e 52), e o disponibilizado como *Fig 132*, na página 525 do livro em tela de Cubberley, ambos disponibilizados a seguir, confirma o que estamos afirmando.

FIGURA 51: Diagrama elaborado por Anísio Teixeira de experiência com cursos diferenciados em escola no Rio de Janeiro, em 1935.



FONTE: Revista Brasileira, ABL, 1935

FIGURA 52: Diagrama de experiência cursos diferenciados - realizada no âmbito do Plano Baltimore.

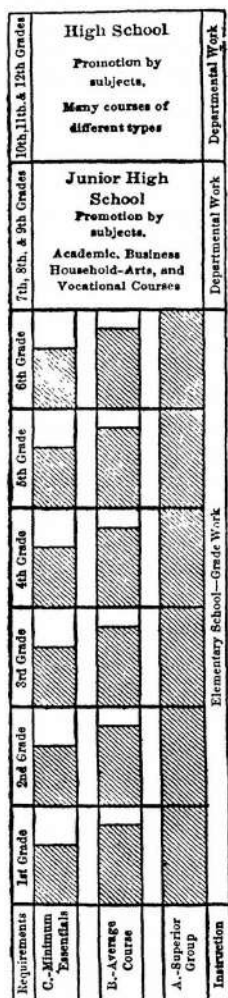


FIG. 132. THE DIFFERENTIATED-COURSE PLAN

The accompanying figure shows the plan as followed in Santa Barbara, California. The Baltimore plan was essentially the same. From Cubberley's *Public School Administration*, p. 454.

FONTE: Livro de Cubberly Edição 1947

Cabe ressaltar que Anísio Teixeira não faz nenhuma referência no artigo ao experimento realizado em Baltimore ou ao livro de Cubberley, mas deixa transparecer que existia uma pesquisa experimental em curso, ao se referir a *inquéritos* já realizados. Entretanto, a similaridade entre os diagramas e os comentários que Anísio Teixeira acrescenta ao diagrama apresentado no seu artigo, confirmam o fato de que não só estava ciente do experimento em Baltimore, como o considerava estrategicamente interessante para ser adaptado a realidade educacional do Rio de Janeiro à época, pois faz referência a um inquérito realizado em 1931, no qual afirma que fica demonstrado o baixo nível de aprendizagem real das crianças. No mesmo artigo compara com os resultados alcançados em 1933, procurando demonstrar que a nova organização especificada no diagrama do artigo de sua autoria, implantada nas escolas experimentais vinha indicando melhora nos resultados esperados das mesmas crianças avaliadas em 1931. (TEIXEIRA, 1935)

No mesmo tópico da capítulo XV do livro, ou seja, *Cursos e Estudos Diferenciados* ("Differentiated courses of study"), Cubberley ainda acrescenta, para finalizá-lo, a seguinte observação:

A principal ideia subjacente a estes cursos diferenciados tem sido a de proporcionar melhores vantagens para crianças superdotadas e, como tal, estão entre as experiências mais interessantes para a melhoria da democracia que foram feitas. Nenhuma forma de governo é tão dependente da inteligência quanto uma democracia. Em vez de ter líderes treinados para nós em escolas separadas, como na Europa continental (ver Fig. 99, página 352), eles devem vir da massa dos nossos cidadãos. Uma democracia, também, precisa especialmente de líderes para orientar a massa, e é entre seus filhos talentosos que os líderes devem ser atraídos. O futuro bem-estar desta Nação depende, em pequeno grau, da educação correta de nossos filhos superdotados. O grau em que nossa civilização avança depende em grande parte do trabalho de pensadores criativos e líderes em ciência, ofícios, indústria, governo, educação, arte, moralidade e religião. Capacidade moderada pode seguir, ou para imitar, a habilidade superior deve apontar o caminho. (CUBBERLEY, 1947, p.527)

Dos outros pontos abordados por Cubberley, merece destaque, também, a formação do professor para essa nova escola. Preocupação que é compartilhada por Anísio Teixeira, e sobre a qual o estudioso americano adiciona no livro a seguinte observação:

O professor do tipo anterior de escola era essencialmente um mestre de treinamento e um disciplinador. Era da sua conta ver que seus alunos aprendiam o que estava diante deles e manter a ordem. [...] as concepções mais recentes sobre o trabalho escolar foram além de qualquer um desses objetivos anteriores. Espera-se que tanto os diretores quanto os professores reflitam sobre seu trabalho de instrução à luz dos problemas locais, com vistas a adaptar e ajustar o trabalho escolar às necessidades e capacidades específicas dos alunos a serem instruídos. Tanto a ciência como a arte da educação eram agora exigidas, e o ensino tornou-se agora uma arte mais refinada e um processo físico ainda mais difícil do que antes. Os resultados individuais, assim como os resultados do grupo, agora eram visados. O professor propõe problemas aos alunos e depois os orienta para examiná-los e estudá-los. Problemas envolvendo a vida - situação se tornaram de maior valor. (CUBBERLEY, 1947, p. 529)

Atento a formação dos professores para a nova escola e dentro da linha apresentada por Cubberley, nas suas publicações, Anísio Teixeira vai criar em 1932, o Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Para tanto baseia-se em leituras como, também, em referências aportadas dos Estados Unidos a partir das escolas de formação de professores que visitou. Para a criação do mesmo, justifica, como poderá ser constatado a seguir, que só através de um desenho como o proposto para o Instituto, a Instituição poderia tornar-se um laboratório de experimentação e ensaios.

A exposição de motivos que justifica a criação do Instituto, portanto, é mais uma constatação da presença de um pensar científico experimental em Anísio Teixeira e que se torna marca registrada nas suas gestões públicas.

Nela não se encontra a divisão clássica de cadeiras, isoladas umas das outras, mas um largo agrupamento de matérias sob títulos de conjunto. Só assim haverá, por parte da administração do Instituto a possibilidade de prover a todos os cursos necessários para os diferentes tipos de professores a formar e só assim poderá o Instituto ser o laboratório de experimentação e ensaio, que deve ser, para o aperfeiçoamento progressivo de preparação dos nossos futuros mestres. (BRASIL, 1932)

Cópias do Decreto nº 3.810/1932, de 19 de março de 1932, “que regula a formação técnica para o Distrito Federal, com a previa exigência do curso secundário, e transforma em Instituto de Educação a antiga Escola Normal”, com a exposição de motivos do *Director de Instrução*, ou seja, Anísio Teixeira e os atos correlatos do Governo da República, avisos do Ministério da Educação, estão depositados, com a classificação: LF-30f, no arquivo pessoal de Lourenço Filho, diretor do Instituto à época, no CPDOC/FGV.

Historicamente, a preparação do professor dos anos iniciais do ensino fundamental passa a ser realizada em nível superior com a criação da Escola de Professores do Instituto de Educação e sua incorporação à Universidade do Distrito Federal, na década de trinta do século XX, na cidade do Rio de Janeiro. A estrutura organizacional dessa instituição diferencia-se da habitual nas escolas brasileiras da época e assemelha-se a dos “Teachers Colleges” americanos. As disciplinas agrupam-se em seções, como num centro de educação, investindo na homogeneidade e equilíbrio de uma formação profissional. Essas seções são dirigidas por professores chefes, contando com professores e assistentes como Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho e outros docentes que deixaram sua marca na história da educação brasileira. O currículo objetiva nítida orientação profissional, englobando os fundamentos, o conteúdo específico e de integração profissional. Os programas das matérias de ensino, como Filosofia da Educação, Psicologia da Educação, História da Educação e Sociologia Educacional não se restringem ao informativo, apresentando conteúdo crítico, de cunho teórico e prático, em relação com o meio social em que a futura professora dos anos iniciais do ensino fundamental irá atuar. Os processos de ensino utilizam a pesquisa, o debate ou seminário a partir de textos ou de material coletado por alunos, discussões entre professor e alunos a partir de problemas levantados, inquéritos e observação direta em turmas de Jardim de Infância e da Escola Primária. Indicadas como instrumentos de uso acessório, racional, crítico, que objetivam a melhoria do ensino e não como fórmulas absolutas ou roteiros de esquemas completos de trabalho aparecem as metodologias e técnicas de ensino. Durante todo o curso, busca-se a atitude científica inerente à experimentação e ensaio de ideias e teorias, sem descuidar, entretanto, da criação de um clima de liberdade e responsabilidade pela instituição do autogoverno, presente nas lembranças de antigas alunas.(ACCÁCIO, 2012, p.1)

Cabe destacar na citação acima a busca da atitude científica pela experimentação e ensaio de ideias, conforme explicita o Decreto de criação do Instituto.

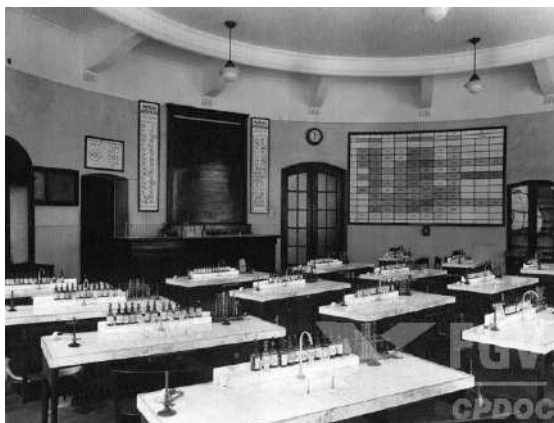
As fotos que se seguem, referem-se a estrutura e funcionamento do Instituto e foram anexadas para retratar as influências teóricas e práticas aportadas por Dr Anísio dos Estados Unidos, no que se refere a organização e funcionamento de sistemas escolares. As duas primeiras fotos, retratam a estrutura física do Instituto e as demais o seu funcionamento.

FIGURA 53: Vista frontal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro em 1932



FONTE: Arquivo Lourenço Filho
CPDOC/FGV

FIGURA 54: Laboratório de Ciências do Instituto de Educação do Rio de Janeiro



FONTE: Arquivo Lourenço Filho – CPDOC/FGV

Nas fotos fica explícito, cabe destacar, o empenho e cuidado de Dr Anísio para com a concretização do projeto. Chama atenção as instalações dos espaços e em especial o do laboratório de ciências, com bancadas com pias anexadas, vidrarias, *Tabela Periódica* na parede, entre outros detalhes, que possibilita experimentação científica. Se compararmos fotos deste laboratório, com a foto do laboratório de química do TC, anexada anteriormente, tem-se a certeza de que o laboratório do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, foi instalado de forma criteriosa, conforme o melhor padrão da época, assim como os espaços para o desenvolvimento de outras atividades.

Através das fotos que se seguem, exemplificamos algumas das atividades desenvolvidas pelos alunos, no período inicial, do recém-criado Instituto, por nível, e que vão ao encontro de ações desenvolvidas em escolas americanas, descritas em publicações de Cubberly, bem como no livro do próprio Anísio Teixeira, titulado de Aspectos americanos da educação, publicado em 1928.

I - Pré-escolar no Instituto de Educação

FIGURA 55: Alunos do *Jardim de Infância* comemorando o Dia da Pátria

FONTE: CPDOC/FGV(Classificação:LF foto 131

FIGURA 56: Alunos do *Jardim de Infância* cuidando da plantação.



FONTE: CPDOC/FGV(Classificação: LF foto 131

FIGURA 57: Alunos do *Jardim de Infância* em atividade de marcenaria.



FONTE: CPDOC/FGV(Classificação:LF foto 131

FIGURA 58: Alunos do *Jardim de Infância* em atividade de higiene pessoal



FONTE:CPDOCFGV(Classificação:LF foto 131

FIGURA 59: Alunos do *Jardim de Infância* em atividade de recreação



FONTE: CPDOC/FGV(Classificação:LF foto 131)

II- Aspectos do ensino primário no Instituto de Educação

FIGURA 60: Alunos do em atividade em classe



FONTE : CPDOC/FGV (Classificação:LF foto 132)

FIGURA 61: Alunos do ensino primário em atividade de leitura



FONTE : CPDOC/FGV (Classificação:LF foto 132)

FIGURA 62: Alunos ensino primário em atividade de recreação



FONTE : CPDOC/FGV (Classificação: LF foto 132)

III - Aspectos de alunos em aulas do curso secundário

FIGURA 63: Aula no laboratório



FONTE : CPDOC/FGV (Classificação:LF foto 132)

FIGURA 64: Aula de arte



FONTE : CPDOC/FGV (Classificação: LF foto 132)

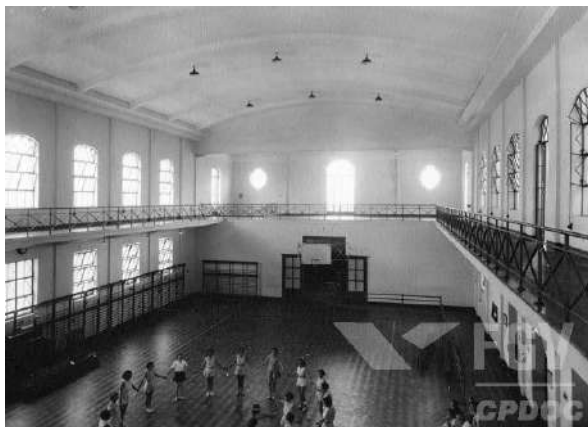
FIGURA 65: Atividade de avaliação



FONTE : CPDOC/FGV (Classificação: LF foto 133)

Para complementar, acrescentamos fotos de algumas das atividades de educação física e do grupo de dança das secundaristas desenvolvidas na Instituição, nas quais pode-se visualizar, também, a grandiosidade das edificações do Instituto.

FIGURA 66: Ginásio de Esportes



FONTE : CPDOC/FGV (Classificação: LF foto 133)

FIGURA 67:Área externa com quadra de vôlei.



FIGURA 68: Auditório



FONTE : CPDOC/FGV (Classificação: LF foto 133)

FONTE : CPDOC/FGV (Classificação: LF foto 133)

Em junho de 1934, o Instituto de Educação publica o volume nº 1, com patrocínio do Departamento de Educação, do periódico titulado Arquivos do Instituto de Educação, conforme atesta capa anexada a seguir:

FIGURA 69: Capa/sumário da publicação Arquivos do Instituto de Educação.

ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO	
SUMÁRIO	
—	O «Instituto de Educação» 1
LOURENÇO FILHO — A Escola de Professores	15
MÁRIO DE BRITO — A admissão à Escola Secundária	27
NEREO DE SAMPAIO — O ensino de Desenho	35
J. B. PECEQUEIRO DO AMARAL — O ensino de Química	49
ORMINDA L. MARQUES — O ensino da escrita	57
ONDINA MARQUES — Como melhorar a frequência escolar	91
CELINA NINA — A situação dos alunos do Jardim de Infância	99
DELGADO DE CARVALHO — A dissertação em aula	103
—	A discussão nos trabalhos de seminário
GUSTAVO LESSA — Educação comparada	121
ALUNOS DA E. de P. — Como é cantado o Hino Nacional	129
M. J. PEGADO CAHET — A alimentação dos escolares	139
—	Biblioteca da Escola de Professores
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, RIO DE JANEIRO	
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — D. E. — BRASIL	
VOL. I	JUNHO, 1934 N. 1

FONTE: Repositório UFSC

O primeiro artigo visualizado no sumário, de autoria do então diretor Lourenço Filho, apresenta um histórico da Instituição, bem como de sua reformulação. Da parte histórica destacamos a seguinte observação de Lourenço Filho:

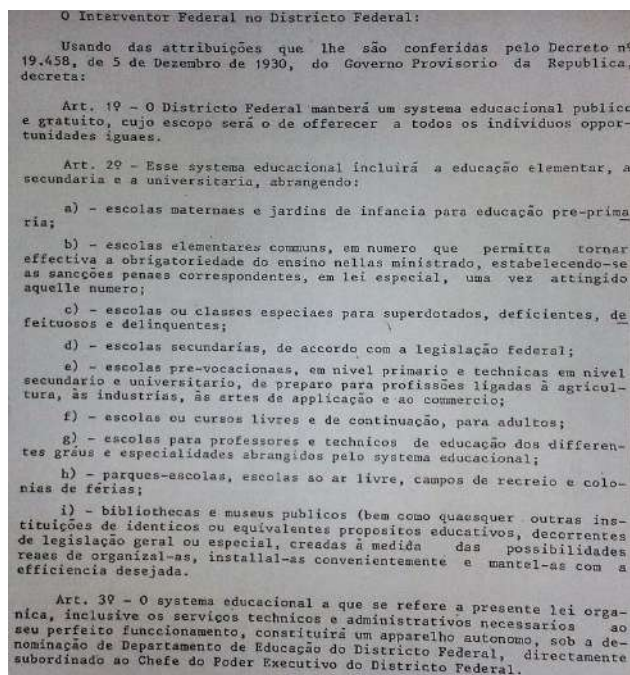
A escola de Professores, criada no Distrito Federal, pelo Decreto nº 3.810, 19 de março de 1932 e instalada no mesmo mês e ano representa a primeira iniciativa, no país, para prover à formação do magistério, em nível de estudo superiores, ou universitário. Mais do que isso, talvez, assinala uma experiência de preparação de mestres primários, em novas bases, e mediante processos ainda não sistematicamente utilizados nas escolas brasileiras. (LOURENÇO FILHO, 1934, p.15)

Sem entrarmos em detalhes, destacamos o fato do autor explicitar que os alunos estudavam as matérias específicas do ensino que ministrariam nas escolas que fossem lecionar, ou sejam, Cálculo; Literatura e Linguagem; Literatura Infantil; Ciências Naturais e Estudos Sociais) com professores especializados. Questão não observada na maioria dos cursos de pedagogia da atualidade, ao menos na Bahia, restando aos pedagogos se reportarem a aprendizados específicos apreendidos no ensino médio, de forma, muitas vezes, inconsistente para organizar suas atividades enquanto docentes da educação infantil e séries iniciais. Na nossa opinião uma falha, que compromete não só a formação do futuro professor, como dos seus futuros alunos.

Após o Decreto que transformou a Escola Normal no Instituto de Educação, Dr Anísio inicia as providências para a implantação de um sistema público de educação no Rio de Janeiro, e

este passa a ser disciplinado pelo Decreto 4.387 de 8 de setembro de 1933, cujo recorte da parte geral introdutória, apresentamos a seguir:

FIGURA 70: Parte inicial do Decreto 19.458



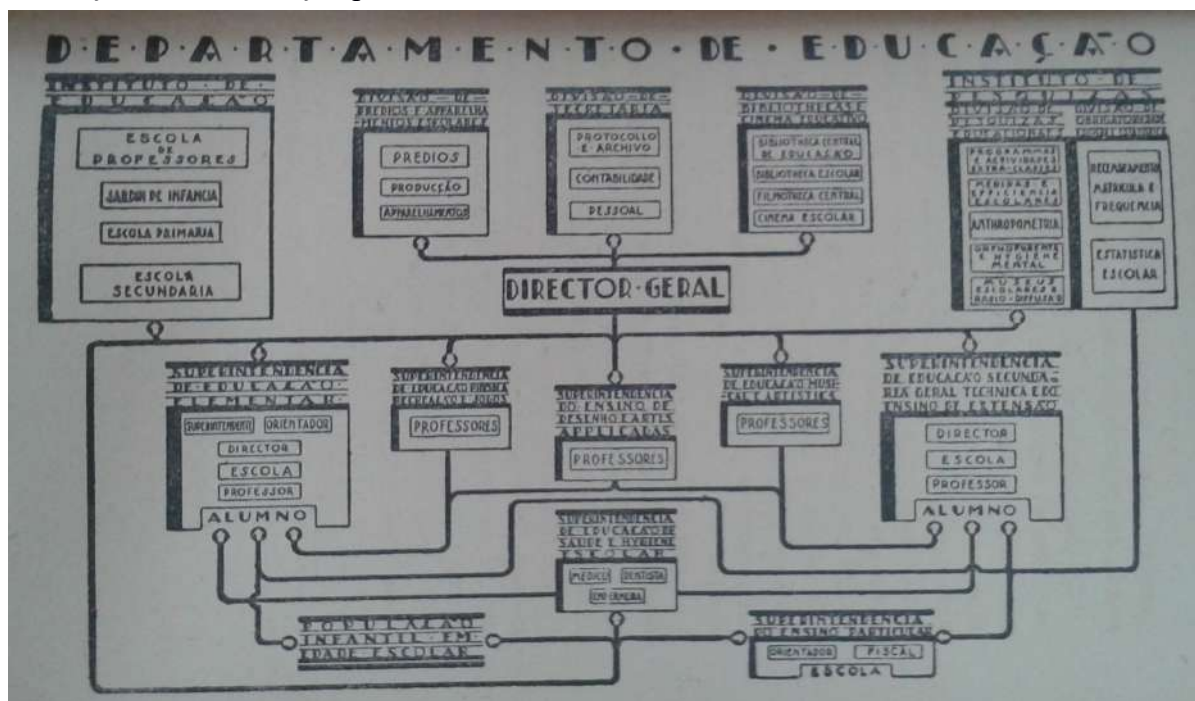
FONTE:CPDOC/FGV(Arquivode Lourenço Filho)

Segundo explicita Anísio Teixeira, no Capítulo VII, ou seja, *A Administração Central do Systema Escolar*, do livro de sua autoria *Educação para a Democracia: introdução à administração educacional*, publicado em 1935, a primeira providencia na sua gestão foi:[...] “examinar as condições de eficiência da organização traçada e o de verificar o modo por que os objectivos e finalidades previstas estavam sendo cumpridos ou satisfeitos”. (TEIXEIRA, 1935 p.136) Coloca então em curso um balanço da reforma iniciada em 1928, promovida por Fernando de Azevedo, que já havia incorporado assistência medica em algumas escolas e acrescentado noções de higiene, trabalhos manuais, ginástica, ciências e moral e cívica aos currículos, mas mantinha uma linguagem arquitetônica neocolonial nas novas edificações escolares, como a Escola Estados Unidos inaugurada em 1929. O levantamento dos dados da gestão anterior, deixa evidente para a nova equipe e o seu novo diretor, que a Diretoria-Geral de Instrução Pública do Distrito Federal carecia de um órgão mais estruturado, com subdivisões e seções específicas como os que se faziam presentes em departamentos de diretorias de ensino de organizações educacionais de grandes cidades no estrangeiro.

Cabe lembrar que em muitos sistemas educacionais de cidades americanas, citados em livros de Cubberly como, também, nos visitados por Dr Anísio durante suas estadias nos Estados Unidos para realização de cursos, tal órgão existia e se constituía de setores com diferentes atribuições de modo a responder de forma mais ágil e eficiente aos desafios impostos pela nova educação pública americana. Esta em processo de expansão para buscar atender uma curva crescente de demanda.

Em sendo assim, Dr Anísio mobiliza-se para criar, ao tempo que implanta o Instituto de Educação, o Departamento de Educação, ao qual o mesmo passa a vincular-se e que foi estruturado conforme cópia de organograma disponibilizada a seguir.

FIGURA 71: Organograma constante na 1ª edição do livro Educação para Democracia: introdução à administração pública, de autoria de Anísio Teixeira.



FONTE: CPDOC/FGV

Cabe chamar a atenção para o fato do organograma do novo desenho da estrutura do Departamento destacar o Instituto de Educação, analisado anteriormente, bem como o Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), os colocando articulando-se entre si e com as cinco superintendências criadas. Portanto, fica evidente neste novo desenho a relevância dada por Anísio Teixeira a formação do professor e a pesquisa na sua gestão no Rio de Janeiro.

Com a criação do IPE, e o colocando em articulação com as superintendências, fica evidente que este Instituto seria o responsável pelo fomento, desenvolvimento e acompanhamento de pesquisas que subsidiariam muitos dos programas e projetos elaborados e implementados por cada uma destas superintendências.

A presença do IPE, no organograma do novo departamento, é mais uma comprovação do interesse manifesto de Dr Anísio, de que suas decisões durante a gestão fossem embasadas em conhecimento científico, assim como o interesse de fomentar a prática de desenvolver pesquisas para a tomada de decisão, por parte dos autores e atores do desenho de um sistema educacional em fase de implementação.

Se reportando a um processo histórico que inicia-se com defesas de estadistas do Império, Lourenço Filho publica na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBPE), em 1945 (vol

16) e em 1964 (vol 95), artigos referentes aos antecedentes do Instituto de Pesquisas Educacionais (INEP).

Em ambas publicações, após citar quase um século de iniciativas que apontavam a necessidade do Brasil possuir um centro destinado a documentação e pesquisa na área de educação, apresenta o INEP apoiando-se no discurso do então Ministro da Saúde e Educação Gustavo Capanema, como a primeira Instituição nacional com tais características.

Sem dúvida que a nível nacional, o INEP, foi o primeiro órgão responsável por produzir "fonte primária de documentação e investigação, com atividades de intercâmbio e assistência técnica" (LOURENÇO FILHO, 1964, p.28) na área de educação, mas não podemos desconsiderar nesse processo, a relevância político-administrativa e histórica do IPE, para o desenvolvimento de pesquisas educacionais no âmbito do Rio de Janeiro. O próprio Lourenço Filho, enquanto diretor do Instituto de Educação do mesmo Departamento, ao qual o IPE estava subordinado vivenciou esta realidade.

Através da documentação, datada de 13 de outubro de 1935, depositada no Arquivo Pessoal de Lourenço Filho no CPDOC/FGV (f008 a f0017) (f0071 a f0074), localizada por Roberta de Barros do Rego Macedo e parte constituinte da Tese de sua autoria, titulada de *O Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal nos anos de 1930*, defendida em 2013 e anexada a seguir, pode-se ter uma ideia da estrutura e funcionamento deste recém-criado Instituto, que veio preencher uma lacuna, ao menos na capital, até então existente no Brasil e que, segundo Anísio Teixeira, ficaria responsável por “estudo e elaboração de planos, programmas, methods e processos de educação e ensino de medidas de rendimento e eficiencia, tendo por base as investigações sociaes e pysichologicas, bem como a organização e coordenação das instituições complementares da escola”.(TEIXEIRA, 1935 p.165)

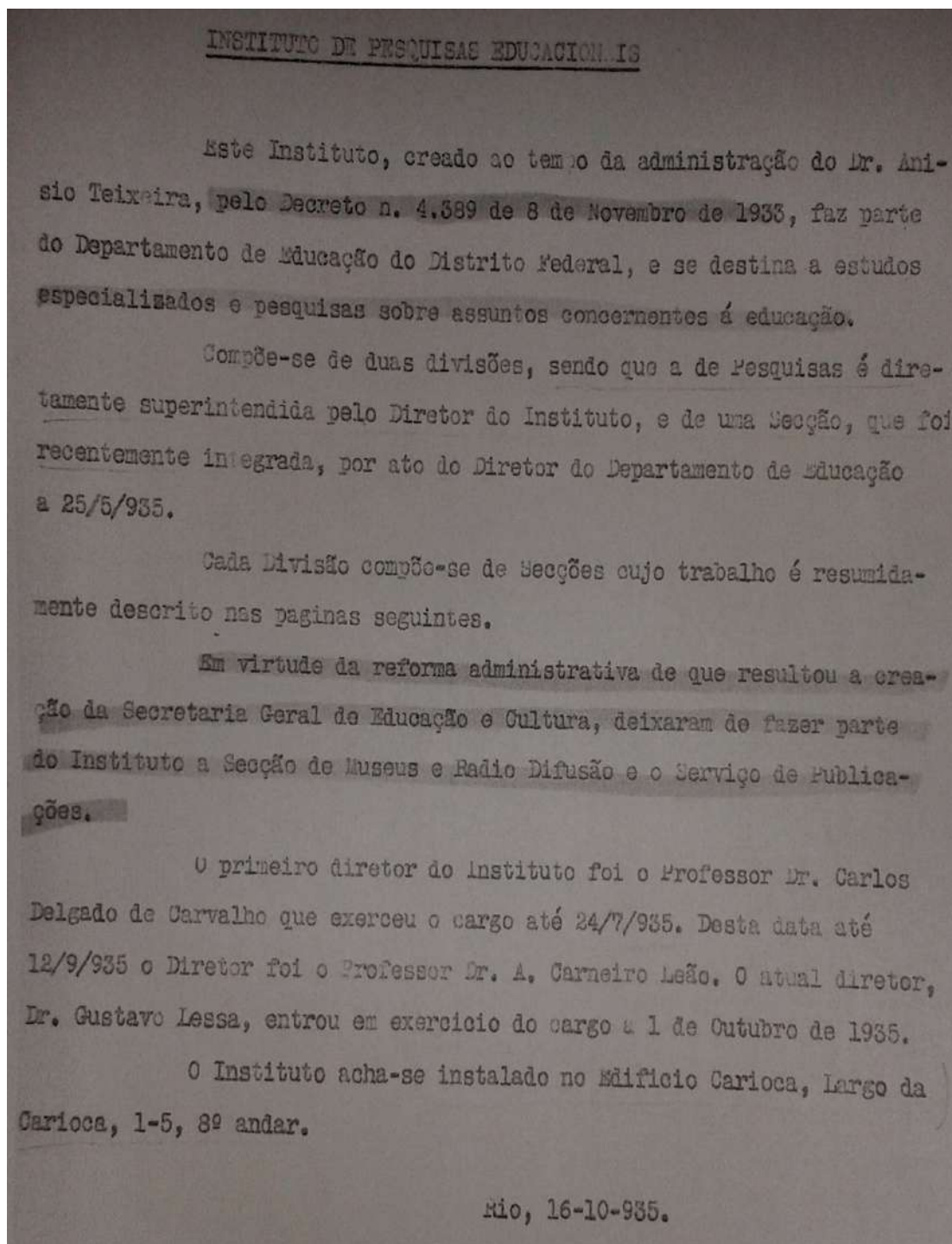
Este Instituto foi instalado em prédio do Largo do Carioca, centro do Rio de Janeiro, conforme foto e explicitado em documento que se seguem :e que teve como primeiro diretor o geógrafo Carlos Delgado e Carvalho, que permaneceu no cargo até 14 de julho de 1935 e, posteriormente, por Carneiro Leão.

FIGURA 72: Ed Carioca, no qual foi instalado o IPE, em 1933.



FONTE: Internet

FIGURA 73: Documento com informações sobre o IPE, datado de 1935.



FONTE: CPDOC/FGV

O IPE possuía a seguinte estrutura organizacional: I – Divisão de Pesquisas Educacionais; II – Divisão de Obrigatoriedade, Estoque e Estatística.

A Divisão de Pesquisas Educacionais era constituída pelas seguintes seções:

FIGURA 74: *Seção de Programas Educacionais e Atividades Extraclasse.*

A Seção de Programas Escolares e Atividades Extra-Classe incumbem-se dos trabalhos relacionados á elaboração e revisão dos programas e guias de ensino para as escolas municipais do Distrito Federal; do estudo de livros, publicações e material sobre assuntos educacionais, e da organização de planos de atividades educacionais.

Elaborou, já, os seguintes trabalhos: os programas de história, geografia e educação cívica, em conjunto, apresentando-os sob nova orientação e denominação - Programa de Ciências Sociais, em dois volumes, num total de 375 páginas; o Programa de Ciências, em dois volumes, com 399 páginas; presentemente está elaborando o Programa de Educação da Saúde.

A Seção procura auxiliar os professores nos trabalhos de execução dos novos programas. Com esse fim instituiu-se, em 1935, um curso de interpretação do Programa de Ciências Sociais no qual estiveram inscritas, por ordem do Departamento de Educação, grupos seleccionados de professores incumbidos do ensino das materias dos novos programas nas escolas municipais.

FIGURA 75 : Seção de Medidas e Eficiências Escolares

A Seção de Medidas e Eficiência Escolares tem a seu cargo a execução de provas e inqueritos, para aferir todos os aspectos do trabalho que se realiza nas escolas elementares. É um serviço, sobretudo, de psicologia aplicada e de análise estatística.

Desde sua organização, já realizou sete exames.

Primeiramente, em Dezembro de 1933, foram submetidos a um teste de aproveitamento escolar cerca de 80.000 alunos das escolas, sendo 30.000 do 1º ano, 23.000 do 2º, 15.000 do 3º, 9.000 do 4º e 5.000 do 5º ano. Em Março de 1934, foram submetidos 23.000 alunos novos analfabetos, aos testes organizados pelo professor Lourenço Filho, para determinação do grau de maturidade das crianças, para aprendizagem da leitura e da escrita. Isso serviu para organizar seletivamente as classes de iniciação, poupando tempo e esforço da parte dos professores e alunos. No início do 2º semestre de 1934, foi realizada uma prova de aproveitamento para reclassificação dos alunos. Ao mesmo tempo que se estudava a organização das provas para exame em Dezembro, foi feita a análise estatística dos resultados de, aproximadamente, 114.000 provas realizadas em Julho, e devolvidas á SMER pelos Srs. Superintendentes. Em Março de 1935, os alunos de 4º e 5º anos foram sujeitos a uma prova para classificação nos grupos V,X,Y, sendo os novos matriculados no 1º ano submetidos ao teste ABC, do professor Lourenço Filho. Em Julho procedeu-se á reclassificação dos alunos sendo objeto de estudos, no momento, os resultados obtidos na referida prova. Em Dezembro proximo futuro, serão os alunos novamente submetidos á prova, para efeito de promoção. Para isso está em andamento a organização das fórmulas.

FONTE: CPDOC/FGV

FIGURA 76: Atribuições da *Seção de Antropometria*

A Seção de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais tem por objetivo o estudo do desenvolvimento físico do escolar, no Distrito Federal, que organiza a ficha antropométrica do escolar, em torno da qual serão feitas todas as pesquisas que interessem a seu desenvolvimento físico e, prepara tecnicamente os auxiliares do Serviço para que os dados coligidos o sejam sempre dentro de uma única e mesma diretriz.

A ficha antropométrica adotada no Serviço não se limita, entretanto, tão somente ao estudo das medidas que, diretamente, se prendam ao desenvolvimento físico do escolar. Outros dados são nela coligidos que interessam com maior propriedade aos característicos raciais, que não são de desprezar em uma metrópole como a nossa, em que o elemento estrangeiro concorre com apreciável coeficiente para a sua formação. Nem será preciso esclarecer aqui que as diferenças de desenvolvimento de indivíduo para indivíduo correm por conta de fatores múltiplos, entre os quais se colocam naturalmente os etnológicos.

A ficha permitirá ainda a comparação do desenvolvimento físico da criança, atentando às suas condições ambientais especialíssimas.

No ano corrente, o Serviço de Antropometria, de acordo com a Seção de Ortofrenia, vem realizando uma série de pesquisas em torno dos tipos de Kretschmer.

FIGURA 77: Atribuições da *Seção de Ortofrenia e Higiene Pessoal*

O Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental visa auxiliar a tarefa pedagógica, prevenindo e corrigindo os desajustamentos psíquicos da criança no lar e na escola. A educação não é mais compreendida como um simples fenómeno de aprendizagem intelectual. É um processo global visando a boa formação da personalidade. A higiene mental, no seu trabalho de prevenção e a ortofrenia no trabalho de correção, são inseparáveis do processo educativo.

O Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais comporta o seguinte programa organizado pelo Sr. Chefe do Serviço, encarregado da Seção e que vem sendo desenvolvido progressivamente à medida das possibilidades.

1º - Higiene Mental preventiva do pre-escolar. É o processo educativo transportado ao lar. Correta formação do comportamento parental. Circulos de pais. Educadores visitantes. Clínicas de hábitos e de direção. Serviços conexos.

2º - Exame compulsório, médico-psicológico, do escolar, com o fim de localizar os casos-problemas, os difíceis em seus varios graus.

3º - Orientar os psicologicamente sãos. Reajustar os desajustados. Clínicas ortofrenicas. Serviços conexos: médico, antropológico.

4º - Correta formação mental do educador. Cursos de férias. Cursos na Escola de Professores. Frequência no Serviço Central de Ortofrenia. Formação intensiva de educadores especializados.

5º - Educar o publico. Conferencias publicas. Conselhos de higiene mental. Divulgação pelo cinema, radio, boletins e monografias.

6º - Problemas conexos. Plano de estudos ainda não realizados entre nós: caracterologia escolar, controle qualitativo da psico-técnica, trabalhos varios de experimentação.

FONTE: CPDOC/FGV

Ao que se refere as atribuições da Seção de Museus Escolares e Radio Difusão, não conseguimos informações. Não sabemos se chegou a ser instalado, pois relatório com dados de 1935 do IPE, incluso no conjunto de documentos arquivado no CPDOC/FGV,

classificação LF(f008-f0017) e LF(f0071-f74), não faz referência às atribuições e atividades desenvolvidas por esta Seção.

FIGURA 78: Atribuições da *Seção de Paz pela Escola*

O ato de 25 de Maio diz ser a Seção: "destinada, de modo geral, a fomentar, entre os escolares, o espírito de conciliação e paz pan-americanistas, proporcionando às novas gerações o sentido da civilização americana e dos seus interesses econômicos, políticos e morais. Com este fim, promoverá o desenvolvimento de instituições infantis e juvenis, visando o entendimento entre os povos e, particularmente, a consciência da solidariedade americana, organizando os aparelhos necessários à sua expansão e coordenação."

A Seção age por meio de várias associações escolares, abrangendo, por enquanto, o ensino primário e o secundário, associações infantis e juvenis cada qual com o seu tipo próprio e finalidades distintas, ainda que convergentes, a saber:

- a) Clubs Pan Americanos, - Instituições visando especialmente a formação da consciência e da solidariedade continentais, no sentido dos altos interesses da civilização americana (Adaptação do Pan-American Student Forum). Funcionam cerca de 100 dessas associações;
- b) Clubs de Relações Internacionais (Adaptação dos International Relations Clubs);
- c) Cultura de Afeto às Nações, instituição que, como a associação - Cruz Vermelha Juvenil - se dedica ao desenvolvimento do altruismo e do amor universal.

Entre os empreendimentos e atividades mencionam-se: o intercâmbio escolar com as escolas do Brasil, da América e de alguns países do Velho Continente, muito intensificado pelos Clubs Pan Americanos (cartas, albums e mensagens); divulgação e propaganda da bandeira Pan-Americana ou Símbolo das Américas, aprovada pela última Conferência Pan-Americana, 1933 (Montevideo) e adotada nas escolas municipais; organização, nas escolas, de pequenos panteões, onde são venerados os grandes vultos da América e de outros continentes; intensificação da educa-

FONTE CPDOC/FGV

Como estamos tentando apenas demonstrar os desdobramentos do *Espírito Científico*, não fizemos análise de cada seção. Registramos apenas que os recortes disponibilizados acima citam algumas pesquisas desenvolvidas por alguns das seções, o que reforça que algumas das decisões da gestão de Anísio Teixeira no Distrito Federal baseavam-se em dados oriundos de pesquisa. Entretanto, cabe destacar a inclusão da *Seção Paz na Escola*, vinculada ao IPE, mas posterior a sua criação e que vai ao encontro do que já abordamos no capítulo anterior,

quando nos reportamos as cartas trocadas entre Einstein e Freud, após a Primeira Guerra Mundial.

Cabe lembrar que a 1ª Guerra termina em 1918 e Anísio Teixeira realiza visitas e cursos, na Europa e EUA, entre os anos de 1925 a 1928, ou seja, período no qual a questão da segurança internacional estava na ordem do dia, em decorrência de indícios que apontavam para o começo de um novo conflito, que acaba por ser deflagrado e nomeado de Segunda Guerra Mundial.

Como exemplo de pesquisas desenvolvidas pelo Instituto, faremos algumas considerações complementares sobre a *Seção de Ortofrenia e Higiene Mental* (SOHM), *chefiado* por Artur Ramos que, posteriormente, assume um posto na UNESCO em período posterior ao da estadia de Anísio Teixeira na Instituição.

Artur Ramos e Anísio Teixeira já se conheciam da Bahia. Possuíam amigos em comum, como por exemplo Afrânio Peixoto, e trocavam correspondências como exemplifica carta, arquivada no CPDOC/FGV, enviada por Anísio Teixeira, no final de 1931, já utilizando papel timbrado do Diretoria de Instrução Pública do Rio de Janeiro, na qual agradece o exemplar do livro de sua autoria encaminhado e informa que já havia entregue o exemplar de Isaías Alves, conforme pode ser verificado a seguir:

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1931

Meu caro Artur Ramos

Não é esta a minha resposta definitiva. Apenas o agradecimento pela grande gentileza de me enviar o volume que acaba de publicar com os seus estudos.

Desejo lê-lo, para o meu proveito e prazer, a fim de poder felicitá-lo pela obra científica que vai realizando, com tanta capacidade e sacrifício na nossa Bahia.

Fiz entrega, ao Isaías Alves, do volume que lhe endereçou..

Renovando os meus agradecimentos, peço para não me esquecer com as suas ordens e lembranças.

O amigo grato e admirador

Anísio Teixeira

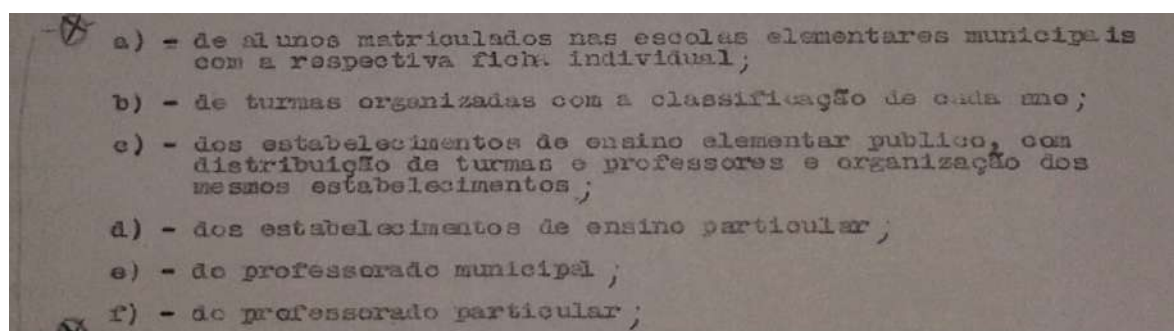
Ao que tudo indica, Dr Anísio gostou do que leu no livro objeto do agradecimento, (possivelmente titulado de *Estudos de Psicanalise*, pois sua publicação data de 1931, mesmo ano da carta) e, quiça, do conteúdo de outras três publicações que se seguem, tituladas de *Freud, Adler e Jung e Psiquiatria e Psicanalise*, ambos publicados em 1933, e *Educação e Psicanalise*, publicado em 1934, pois Artur Ramos assume a *Seção de Ortofrenia e Higiene Mental* no mesmo ano da última publicação citada. Esta seção tinha como objetivo central, conhecer minuciosamente o aluno da cidade (a família, o lugar de moradia, etc), através de uma intervenção em bases científicas que pudesse subsidiar tomada de decisões do fazer escolar.

As primeiras orientações feitas pelo Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, na pessoa do seu chefe, têm como suporte um livreto [intitulado Família e escola, da coleção de divulgação científica da Prefeitura do Distrito Federal] com cinco partes formando as bases do Serviço e serão retomadas, cinco anos depois, ao ser lançada a 1ª edição do livro “A Criança Problema” [1939]. No livro são apresentados os resultados obtidos pelo Serviço, o que estava sendo esperado se seu chefe [Anísio Teixeira] não tivesse sido exonerado da Prefeitura do Distrito Federal.(ALMEIDA, 2011, s/p)

II – Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística

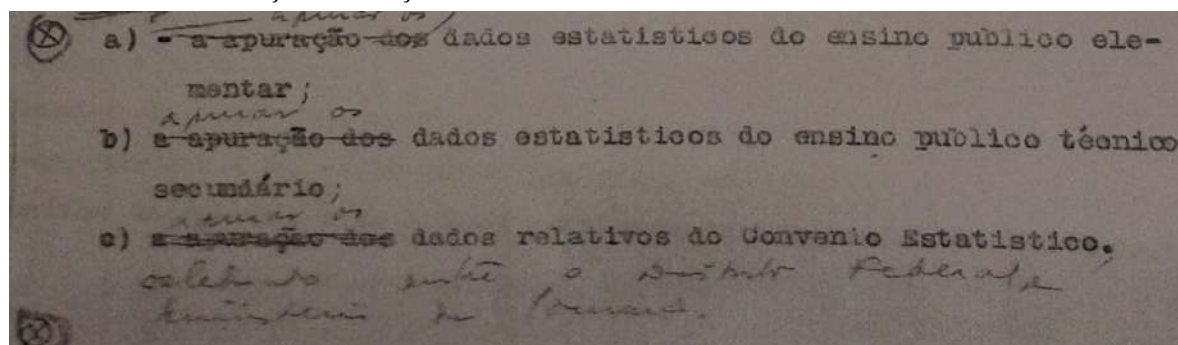
Esta Divisão tinha as seguintes atribuições: registro das escolas elementares municipais e particulares; a realização do censo escolar; a organização de turmas; a previsão e controle de matrículas, bem como de frequência; a distribuição de professores, bem como o registro de professores de instituições públicas e privadas; a organização das escolas; a apuração de dados estatísticos do ensino público primário e técnico secundário, bem como do ensino particular e, finalmente, a apuração e organização dos dados que se referem a convênio estatístico com a União. E se subdividia em duas seções:

FIGURA 79: Atribuições da *Seção de Recenseamento Matrícula e Frequência*



FONTE: CPDOC/FGV

FIGURA 80: Atribuições da *Seção de Estatística Escolar*.



FONTE: CPDOC/FGV

Apresentada a estrutura global do novo Departamento de Educação e, de forma mais detalhada, o Instituto de Educação e o Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), retornamos, mais uma vez, às questões apresentadas no capítulo V do livro de Cubberley, agora para demonstrar as influências de instituições e autores americanos na tomada de decisão de Aniso Teixeira quanto a ampliação e funcionamento da rede escolar do Rio de Janeiro.

O autor de “Public Education in the United States”, destaca no livro, três planos considerados fundamentais e em curso nos EUA referentes a estes pontos, na perspectiva da *Educação Progressiva*. Cubberley(1947) aborda primeiramente os Planos “Dalton” e “Winnetka”.

Sobre o primeiro, ou seja o Plano Dalton. Cubberly destaca como um diferencial, o trabalho com um currículo regular, mas facultando ao aluno a liberdade de trabalhar as tarefas regulares da escola à sua maneira. Tratava-se, primordialmente, de um plano para uma instrução individualizada, que permitia ao aluno determinar, por si mesmo, como e quando faria o trabalho proposto pelo professor, dentro de um determinado tempo estipulado a priori. Cabe acrescentar que este Plano foi desenvolvido por Helen Parkhurst (1886-1973) no início do século XX e inspirado nas ideias de Montessori e Dewey, com o objetivo de reformar a pedagogia vigente e a maneira, até então em curso, de administrar a sala de aula.

Sobre o segundo, o sistema individual “Winnetka”, Cubberley explica que o currículo havia sido dividido em duas partes. Uma parte que lidava com velhos conhecimentos ou habilidades comuns - leitura, ortografia, escrita, contagem, uso da linguagem, suposto como necessários para todos, e uma outra parte com atividades novas em grupo e sujeitas a auto-expressão. Supondo que todas as crianças precisavam de uma parte essencial em comum, e sabendo que há variação na capacidade de aprender das crianças, o que passou a variar foi o tempo necessário para o domínio de determinados conhecimentos, em vez do material de estudo do curso. (CUBBERLEY, 1945) E sobre Plano Winnetka, ainda acrescenta:

Para administrar tal currículo, o dia é dividido em quatro partes e a escola em duas escolas, como no plano de Gary. [...] O trabalho no essencial é posto em “unidades”, como no plano de Dalton. Cada aluno verifica seu progresso em uma folha de trabalho à medida que avança e, quando está 100% perfeito, passa para outro trabalho. Nenhuma criança “falha” e nenhuma criança “pula” parte da atividade do programa de grupo. Por outro lado, não há metas definidas, nem as crianças são testadas sobre o que fazem. A ausência de padrões definidos para as atividades do grupo é uma característica tão importante do plano, quanto a presença de padrões definidos para os fundamentos comuns. A ausência de um tempo definido para o domínio do último permite que as autoridades ajustem melhor a instrução às necessidades do aluno. CUBBERLEY, 1947, p.532)

O plano “Gary” ou sistema escolar implantado em Gary, referido acima, por Cubberley, foi uma outra reorganização educacional verificada nos EUA, mais precisamente em Indiana, entre 1908 e 1915.

O repórter do governo do condado de Porte, Doug Ross, baseando-se em depoimento e publicações do professor aposentado de história da Indiana University Northwest, Ron Cohen, autor de dezenas de livros, incluindo “Children of the Mill” (*Filhos do Moinho*) sobre o sistema escolar “Gary” nas primeiras seis décadas do século XX, publica em 19 de janeiro de 2018, no portal nwtimes, como registo do centenário do sistema “Gary”, algumas informações que consideramos relevantes para visualizarmos a origem das escolas “Platoon”, que Aniso implantara, no período da sua gestão, no Rio de Janeiro e que, de certa forma, subsidia o projeto da Escola Parque, instalada na Bahia na década de 1950, como poderá ser constatado a seguir:

[...] há um século atrás, o sistema escolar Gary atraiu a atenção mundial por seus métodos inovadores de ensino. Os alunos se concentravam em cursos acadêmicos tradicionais, como leitura, escrita e matemática, é claro, mas também tinham aulas de arte, artes industriais, música, falar em público e outras áreas para torná-las mais completas. Isso pode soar como o ensino médio, mas essa também era a rotina dos alunos do ensino fundamental nas maiores escolas de Gary na primeira metade do

século XX. O conceito se espalhou pelo país e atraiu visitantes de todo o mundo para as escolas de Gary.[...]O plano de Gary atraiu visitantes do "Japão, Alemanha, Rússia, em todos os lugares", disse Cohen. Durante a Primeira Guerra Mundial, Wirt marcou dias especiais de visita para visitar educadores, turistas e jornalistas. E eles ainda estão vindo para Gary, mais de 100 anos depois. (ROSS, 2018, s/p)

Ross (2018) chama atenção para o fato do conceito e métodos do primeiro superintendente do sistema escolar de “Gary”, William Wirt, à época um jovem recém - formado, ser muito radical para época, explicita que:

(...) "Não vai soar como qualquer escola primária que você já ouviu falar", disse Cohen. Wirt não queria que as crianças sentassem em uma mesa o dia todo. Você trabalha com as mãos e isso desenvolve sua mente", disse Cohen. Wirt - nascido em uma fazenda próxima à pequena Markle, Indiana, em 1874 também acreditava que as cidades eram corruptas, más e atormentadas pelo abuso de álcool e crimes violentos, disse Cohen. As escolas deveriam manter as crianças fora das ruas e substituir o que estava faltando em suas casas, especialmente as crianças pobres e imigrantes em Gary na época. Isso incluía fornecer nutrição e limpeza adequadas. A fuligem da siderúrgica era muito pior antes que os controles de poluição fossem instalados. As escolas estavam abertas aos sábados, para permitir que os estudantes fossem pegos ou saíssem à frente, e cerca de metade das crianças também frequentavam a escola de verão. Na década de 1920, havia mais adultos frequentando a escola noturna do que crianças na escola, disse Cohen.(ROSS, 2018, s/p)

E completa suas observações dizendo:

O trabalho de Wirt [estudo] sistema de jogo ficou conhecido como o Plano Gary. Na década de 1920, depois que Gary Plan tornou-se pejorativo por causa das críticas de que a U.S. Steel o estava usando para preparar os estudantes para se tornarem trabalhadores siderúrgicos em Gary Works, passa a ser referido como o sistema Pelotão [Platoon], disse Cohen. Na época, as cidades normalmente construíam escolas elementares mais baratas e escolas secundárias grandiosas, disse Cohen. O plano de Wirt exigia "escolas unitárias" que servissem às classes K-12 e permitissem que todos os alunos da escola usassem todas as suas instalações. A Emerson School, agora abandonada, foi a primeira dessas escolas. Foi seguido por Froebel, depois Horace Mann, depois outros. Os alunos do ensino fundamental passavam quatro horas concentrando-se nos três R's e quatro horas trabalhando com as mãos. Os meninos tinham o que poderia ser chamado de classe de oficina, aprendendo como usar ferramentas para carpintaria, conserto de calçados, conserto de móveis, impressão e mais pois trabalhavam matemática, leitura e outras habilidades em uso prático. Os estudantes que estudavam a história romana, por exemplo, podiam fazer modelos de vilas romanas. Garotos mais velhos mantêm as crianças mais novas seguras ao redor da forja [oficina de ferreiro] e a usar ferramentas, disse Cohen. As meninas estudavam culinária, limpeza e outras habilidades domésticas. Cada escola tinha dois “pelotões”: um grupo começava com o trabalho acadêmico pela manhã e o outro pelas atividades físicas. Eles trocavam a tarde.(ROSS, 2018, s/p)

Ross (2018) nos informa, também, que o superintendente Wirt, também enfatizou o recreio, no lugar de esportes competitivos. E acrescenta, sempre fazendo referência às observações do professor Ron Cohen, da “Indiana University Northwest”, que:

Ele achava que os estudantes deveriam se exercitar muito. Tinham que manter seus corpos ativos”, disse Cohen. Das séries três para cima, os alunos mudavam para

diferentes salas de aula, assim como os alunos do ensino fundamental e médio de hoje. Aulas de auditório foram destinadas a treinar os alunos para falar em público e como se comportar adequadamente na audiência para um evento público. Cada uma das escolas maiores tinha um pequeno zoológico. “As crianças aprendiam a cuidar dos animais. Isso é o que todo mundo fez”, disse Cohen. “E nós estamos falando de crianças de 7 anos, de 8 anos de idade.” O distrito escolar também possuía propriedades ao longo do rio Deep em Hobart para estudo da natureza. Na Emerson School, Wirt organizou exposições de pinturas de artistas importantes como Frank Dudley ao longo dos corredores para que os alunos desenvolvessem uma apreciação pelas artes plásticas. (ROSS, 2018, s/p)

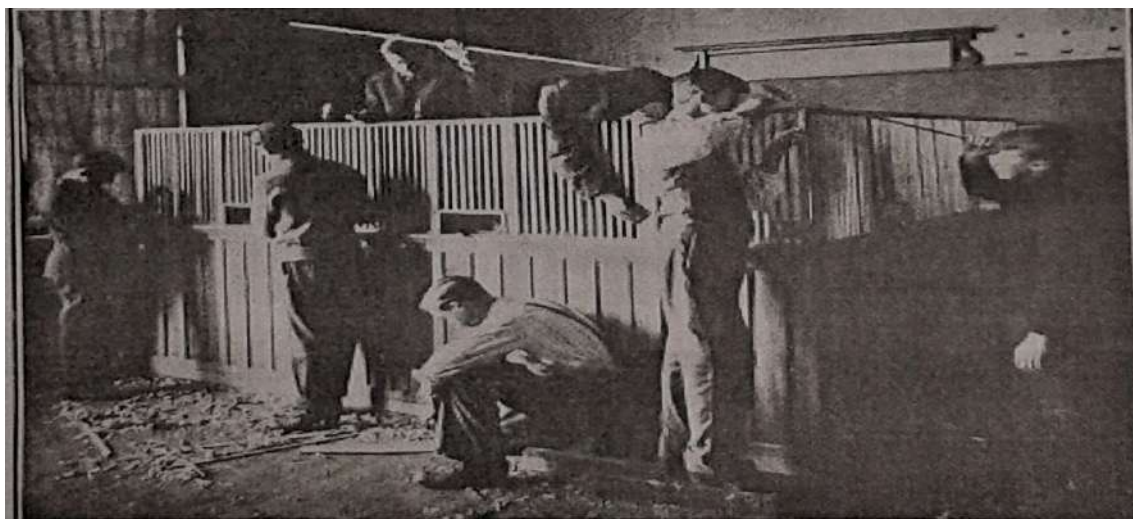
Da citação acima, ainda no sentido de irmos estabelecendo correlações com ações empreendidas por Dr Anísio, no que se refere aos seus projetos das unidades escolares, chamamos atenção para a exposição de pinturas ao longo do corredor da escola “Emerson”, uma das integrantes do sistema educacional “Gary”, ao tempo que acrescentamos a página 40, do artigo titulado de “The Public School System of Gary, Ind”) de autoria do professor de *História e Princípios da Educação*, em Chicago, William Paxton Burris (1863-1946), publicado pelo “Bureau of Education”, dos EUA, em 1914.

FIGURA 81: Alunos trabalhando na marcenaria da “Emerson School”



FONTE : “ Bulletin”, 1914, nº 18, “Bureau of Education” - EUA

FIGURA 82: Alunos montando a estrutura do banco da “Emerson School”



FONTE : “ Bulletin”, 1914, nº 18, “Bureau of Education” - EUA

Ao que se refere a exposição de pinturas na citação, cabe lembrar que Anísio Teixeira convidou artistas baianos para complementar com obras de arte, a bela arquitetura moderna das edificações da *Escola Parque*.

E no que se refere as fotos, é fato que a “Émerson School” tinha oficinas e, também, um banco, como a *Escola Experimental Guatemala*, no Rio de Janeiro, e a *Escola Parque*, na Bahia. Ambas de concepção anisiana.

O tópico do livro que precede as fotos indica, que os alunos estavam fazendo adaptações no prédio escolar para o novo programa. Entretanto não conseguimos identificar se tais estruturas físicas funcionaram com a mesma intencionalidade pedagógica, com que foram utilizadas nas referidas escolas brasileiras.

De qualquer maneira, conhecer tais referências, mesmo que através dos livros, pode ter despertado algumas ideias em Anísio Teixeira quanto a utilização destes espaços, na dinâmica de funcionamento da proposta pedagógica que subsidiou o funcionamento do *Centro Educacional Carneiro Ribeiro*, composto por *Escolas Classes* e a *Escola Parque*, criadas no Estado da Bahia, assim como da *Escola Experimental Guatemala*. Isto porque, apesar de não termos localizado nenhum registro de visita do Dr Anísio ao sistema Gary, localizamos no CPDOC, arquivado com a classificação AT pi Blankenship, A. H. 1958/1959.00.00, um guia de informações, de autoria de Alden H. Blankenship, superintendente da escola, e Harold M. Kaiser, assistente do superintendente, composto de 38 páginas datilografadas em inglês, do período de 1958 -1959.

Cabe lembrar, que apenas três *Escolas Classes* foram inauguradas em 1950. O projeto completo do Centro Educacional Carneiro Ribeiro levou pouco mais de nove anos para ficar pronto, coincidindo, portanto, com o período da data do documento sobre o sistema Gary, norte-americano, referido acima.

Cabe também lembrar, que Dr Anísio ainda muito jovem, já havia estabelecido contato com cédulas especiais, de utilização restrita, que circulava em *Brejinho das Ametistas* e regiões do

entorno, produzidas por um grupo de alemães que exploravam pedras preciosas e semipreciosas no *Alto Sertão da Bahia*. Tais cédulas tinham como objetivo, viabilizar pagamentos de pequenos montantes referentes a serviços e compra de insumos efetuados na região, em decorrência da morosidade cambial da época, conforme já mencionado anteriormente. E que este pode ter sido um incentivo a mais para acreditar que o banco poderia funcionar muito bem e o seu funcionamento facultar um aprendizado relevante no conjunto da proposta pedagógica das escolas citadas.

Retornando aos conteúdos do Capítulo XV, do livro “Public Education in the United States”, de autoria de Cubberley, mais especificamente ao tópico *Reorganizações mais Importantes*, acrescentamos a explanação do autor sobre a *Escola Progressiva*.

Nos últimos anos, muito se falou sobre educação progressista, e as chamadas escolas progressistas foram estabelecidas em muitos lugares. Embora essas “novas escolas” tenham variado muito em natureza e escopo, e embora algumas tenham chegado a extremos, elas não passam de uma aplicação das idéias progressistas sobre a natureza das crianças e o processo de aprendizado que encontrou expressão primeiro no trabalho de Pestalozzi e Froebel, e mais tarde neste país em trabalho de Parker e Dewey, e que gradualmente se enraizaram nas mentes e práticas de professores e escolas progressistas. Os progressistas tentaram transformar a escola de um local de confinamento para um lugar de atividade interessada, o trabalho intelectual de memorizar para o pensamento criativo e a escola de uma instituição formal para o lar de uma criança. [...] O novo movimento escolar é ao mesmo tempo um protesto e uma visão. Ela efetivamente contestou a autoridade, a repressão e a esterilidade de um procedimento educacional que estava em desacordo com a natureza e que, na prática, derrotou muitos de seus propósitos. Criou escolas em que professores e alunos trabalham juntos, felizes, em condições mentalmente saudáveis, num ambiente ricamente estimulante, vivendo no sentido mais pleno, a vida de hoje para estarem prontos para o amanhã. (CUBBERLEY, 1945, p.536)

Como havíamos mencionado no capítulo anterior, Anísio Teixeira, no livro *Aspectos americanos* da educação, discorre sobre a visita que fez a Detroit, EUA, com o objetivo de conhecer o sistema “Platoon”, e sobre o qual acrescenta os seguintes esclarecimentos:

O systema escolar *platoon* se destina a satisfazer esses actuaes requerimentos da escola moderna:- adoptando uma forma moderna e mais flexivel de organização da escola elementar e construindo edificios que sejam especialmente adaptados aos fins dessa nova organização. Os fundadores do systema, em Detroit, dizem que, apesar de reconhecida essa completa evolução da escola elementar, que apontamos brevemente, as administrações pensam poder satisfazer as actuaes necessidades da escola atraves de uma organização e de construções que servirão e se destinaram às escolas de há 70 annos passados. Com o a complexidade do actual programma e com a necessidade de socialização da escola, a antiga organização, como os antigos edificios construidos nas bases diversas da educação de tempo atraz, não permitem nem uma distribuição equilibrada e harmonica das materias, nem a emphase adequada que se impõe nos aspectos sociaes da educação. O systema *platoon*, com o seu typo especial de organização e de construcção escolar, procura satisfazer as necessidades de um curriculum moderno, e de sua realização equilibrada e effectiva. (TEIXEIRA, 1928, p.63)

E complementa:

Em essencia, a escola *platoon* é uma escola elementar que funciona simultaneamente em dous grupos, sendo ministrado, em determinado tempo, ensino

das materias fundamentaes do curso elementar e um delles, emquanto o outro se occupa com as materias especiaes. Para comprehendermos, porém, esse typo de escola que engenhosidade americana criou, é necessario determo-nos um instante no que se pode chamar a moderna evolução da escola primaria. (TEIXEIRA, 1928, p.63)

No mesmo livro, Teixeira (1928) explica, assim como Cubberley no livro, “Public Education in the United States”, que a mudança em curso na educação dos Estados Unidos, faz parte de um movimento recente, no qual a ideia de educação popular pela escola veio evoluindo, até passar a ser defendida e desenvolvida em consonância com a moderna civilização americana e tudo que a faz dinâmica e mutável. E acrescenta que nesse período a instituição evolui de um processo centrado em “leitura e escripta, de funcionamento intermittente, sem finalidade educacional e sem organização regular, - até vir a ser a mais importante agencia da civilização moderna, com um programma ultra-ambicioso de educação, para o sustento de uma nação como a América”.(TEIXEIRA, 1928, p.64) E complementa: “Os methodos de ensino envolveram da simples memorização de livros escolares, a uma completa sciencia baseada no estudo da psychologia e no estudo da criança propriamente.” (TEIXEIRA, 1928, p.64)

Refere-se Teixeira (1928), também, a ampliação do quantitativo de disciplinas existentes no programa de educação popular, circunscrito a três disciplinas no ano de 1860 e que em 1928, período da publicação do seu livro, já totalizava 18, com a inclusão em 1890 de Musica; Arte; Drama; Saúde e jogos; Artes Manuais; Artes Domesticas e, também, Jardinagem

No seu relato sobre a visita a Escola Brady, no livro titulado *Aspectos americanos da educação*, Anísio Teixeira informa que os objetivos da educação também mudaram. e, em tentativa de esclarecer e subsidiar sua afirmação, faz referência primeiro, ao fato destes deixarem de ser centrados nas matérias a serem ensinadas, para se centrarem nos aprendentes e, para tanto se reporta a Cubberley, traduzindo para o português, e anexando exatamente, o que o autor da obra “*Public Education in the United States*”, diz no tópico *Centro de Gravidade*, do capítulo XV, e que pode ser conshecido a seguir:

O fim da escola não é somente saber, mas saber enquanto util; não somente disciplina mental, mas disciplina da vida toda; não uma cabeça cheia de factos, mas uma cabeça cheia de idéas; não regras de precedimento apprendidas, mas a habilidade de se conduzir correctamente; não conhecimento das materias que constituem educação civica, mas a capacidade de *pensar* sobre as questões civicas; não tanto um erudito quanto um producto bem-educado. (CUBBERLEY, apud TEIXEIRA, 1928, p.52)

E como que desejoso de remarcar a ideia que considerava central no processo de mudança que vinha ocorrendo na educação americana nos últimos cem anos, complementando a citação de Cubberley, acrescenta: “A escola, em resumo, deixou de ser a casa onde se estudavam alguns assumptos especiaes, que se dizia que preparavam para a vida” (TEIXEIRA, 1928, p. 56) para ser o “logar onde crianças *vivem* e diariamente são postas em contacto com as reaes experiencias industriaes e sociaes , da comunidade e da vida, experiencias que as educam e

armam para os mais arduos problemas da existencia adulta que as espera". (CUBBERLEY apud TEIXEIRA, 1928, p. 57)

O nosso objetivo em adicionar os recortes foi dar visibilidade ao que já chamava a atenção de Anísio Teixeira na educação americana à época, ou seja, 1928, bem como demonstrar que as referidas *linhas doutrinarias de Cubberley*, conforme expresso na carta enviada ao membro da UNESCO, Leonard Kenworthy, em 1948, tratavam-se de registros das mudanças educacionais que ocorreram nos EUA, a luz de discussões sobre *Educação Progressiva*, principalmente as *que se* sustentavam na corrente filosófica pragmática à qual Dewey se vinculava. Em síntese, demonstrar que a gestão do sistema que materializou-se no Rio de Janeiro, dentro de linhas deweyniana, seguiu durante a sua implantação uma sistematização que foi construída por Cubberly, nas suas publicações.

Ellwood Patterson Cubberley, realizou mestrado, em 1902, e doutorado, em 1905, na "Columbia University". Este fato, bem como as referências de Dr Anísio no livro titulado *Aspectos americanos da educação e a* referida carta, são fortes indícios de que Anísio Teixeira, fundamentou-se em reflexões estabelecidas nas obras desse autor, reconhecido como um dos primeiros especialistas em *Administração Escolar* dos Estados Unidos, para sustentar o projeto que orientou a execução das ações desenvolvidas no Rio de Janeiro para ampliar e dar eficiência a um sistema educacional preexistente. E que, por acreditar que os resultados tinham sido satisfatórios, apesar do curto espaço de tempo de funcionamento (menos de 5 anos), desejava colocá-lo novamente em ação, com as adaptações necessárias, na Bahia, quando assumiu a educação pública do Estado, no governo de Otávio Mangabeira.

Ao que se refere ao sistema escolar "Platoon", Anísio Teixeira acrescenta, no livro titulado *Aspectos americanos da educação*, de sua autoria, as seguintes explicações:.

O systema escolar *platoon* se destina a satisfazer esses actuaes requerimentos da escola moderna:-adoptando uma forma moderna e mais flexivel de organização da escola elementar e construindo edificios que sejam especialmente adaptados aos fins dessa nova organização. Os fundadores do systema, em Detroit, dizem que, apesar de reconhecida essa completa evolução da escola elementar, que apontamos brevemente, as administrações pensam poder satisfazer as actuaes necessidades da escola atrave de uma organização e de construções que serviram e se destinaram ás escolas de há 70 annos passados. Com o a complexidade do actual programma e com a necessidade de socialização da escola, a antiga organização, como os antigos edificios construidos nas bases diversas da educação de tempod atraz, não permittem nem uma distribuição equilibrada e harmonica das materias, nem a emphase adequada que se impõe nos aspectos sociaes da educação. O systema *platoon*, com o seu typo especial de organização e de construcção escolar, procura satisfazer as necessidades de um curriculum moderno, e de sua realização equilibrada e effectiva. (TEIXEIRA, 1928,p.58)

Em seguida complementa, esclarecendo como funciona o plano de organização das escolas concebidas dentro deste novo sistema, como pode ser verificado a seguir:

O dia escolar é de seis horas, em duas sessões de tres horas; das 8hs., 30 às 11hs., 30 da manhã, e das 12hs., 30 às 3hs., 30 da tarde. Os alumnos são divididos em dous grupos ou "*platoons*". O curriculum é dividido em: 1) Materias fundamentaes (ou home-room-subjects), isto é, leitura, escripta, orthographia, arithmetica e lingua, - os

tradicionaes tres RR; 2) Materias especiaes, isto é, as demais materias que modernamente enriquecem o curriculum: arte, musica, desenho, trabalho manual, sciencia, etc. Enquanto um dos grupos está estudando as materias fundamentaes (home-room-subjects), ao outro está sendo ministrado o ensino das materias especiaes (special subjects). De sorte que metade dos alumnos se acha que nas salas communs de aula (home-rooms), ao mesmo tempo em que a outra metade se acha nas salas especiaes. O dia escolar é dividido em quatro periodos de 90 minutos para o ensino das materias fundamentaes e 12 periodos de 30 minutos para o das materias especiaes. Um alumno de cada grupo tem, diariamente, dous periodos de 90 minutos com o professor das materias especiaes. Deste modo, o alumno tem hora e meia pela manhã e hora e meia pela tarde, de estudo com um só professor, a quem compete ensinar aquellas materias basicas e alem disso exercer a influencia pessoal e maternal basicas que se oppõe a escola deve fornecer nesse periodo da vida da criança; e tem ainda 6 outros periodos com os professores especiaes de desenho, musica, arte, etc. O numero de salas de aulas depende do numero de classes ou de alumnos. Si, por exemplo, a escola tem 24 classes, isto é, 960 alumnos, ella deve ter dous *platoons*, de 480 alumnos; e a distribuição dos restantes 480, em salas especiaes, pelas seguintes actividades: auditorio, gymnasio, musica, arte literatura, bibliotheca, sciencia, geographia, recreio e artes manuaes. (TEIXEIRA, 1928, p.59)

Portanto em consonância com o que tinha visto e aprendido nos Estados Unidos, Anísio Teixeira, concebe um Plano mínimo de edificações escolares, com o objetivo de enfrentar duas questões referentes as escolas em funcionamento, ou seja, quantidade e qualidade. A meta era construir 74 prédios novos, no total 1431 salas de aula novas; 25 prédios adaptados, no total 219 salas de aula novas e 16 ampliações, no total 306 salas de aula novas, até 1938, mas que, com sua saída, fica incompleto e materializa-se conforme o quadro que se segue.

QUADRO 8: Escolas do Rio de Janeiro – gestão Anísio Teixeira

NOME	TIPO	Nº DE SALAS	ANO DE INAUGURAÇÃO
ESCOLAS COM NOMES DOS ESTADOS DO BRASIL(Nacionalismo)			
Escola Municipal Santa Catarina	Nuclear	12	1935
Escola Municipal Ceará	Nuclear	12	1935
Escola Municipal Pernambuco	Nuclear	12	1934
Escola Municipal Rio Grande do Sul	Platoon	25	1936
Escola Municipal Bahia	Platoon	12	1936
Escola Municipal São Paulo	Platoon	16	1935
Escola Municipal Mato Grosso	Platoon	12	1936
Escola Municipal Pará	Nuclear	12	1936
Escola Municipal Paraná	Nuclear	12	1936
Escola Municipal Paraíba	Platoon	12	1932
ESCOLAS COM NOME DE PAÍSES LATINO-AMERICANOS			
Pan-americanismo			
Escola Municipal México	Platoon	12	1935

Escola Municipal República Argentina	Platoon	25	1935
Escola Municipal Chile	Nuclear	12	1935
Escola Municipal Paraguai	Nuclear	12	1935
Escola Municipal Hondurás	Nuclear	12	1935
Escola Municipal Nicarágua	Nuclear	12	1935
Escola Municipal Venezuela	Nuclear	12	1935
ESCOLAS COM NOME DE PERSONALIDADES BRASILEIRAS			
Escola Municipal Humberto de Campos	Mínimo	03	1936
Escola Municipal Machado de Assis	Especial	06	1934
Escola Municipal Dom Aquino Corrêa	Parque*	-	1935
Escola Municipal Doutor Cécio Barcellos	Nuclear	12	1934
Escola Municipal Estácio de Sá	Mínimo	03	1936
Escola Municipal Pedro Ernesto	Platoon	12	1935
Escola Municipal Conde de Agrolongo	Reformada	+12	1932
Escola Municipal Getúlio Vargas	Platoon	25	1935
Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá	Platoon	16	1935
Escola Marechal Trompowsky	Nuclear	12	1934
ESCOLA COM NOME DE OUTRO PAÍS			
Escola Municipal Portugal	Nuclear	8	1937

FONTE: Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro

A partir de levantamentos realizados Dr Anísio é informado de que em 1932, a população escolar do Distrito Federal estava estimada em 196.744, e que em 1942 atingiria 320.000 estudantes. Em sendo assim, solicita ao arquiteto-chefe Enéas Trigueiro Silva, da *Divisão de Prédios e Aparelhamentos Escolares*, que elabore cinco tipos de prédios escolares modernos e funcionais, mas o mais econômico quanto possível, para tentar atender um quantitativo maior de alunos. A pretensão era construir 1956 salas de aula novas, funcionando em dois turnos, de forma a atender, em cinco anos, 80% da demanda por educação escolar no Distrito Federal. Sobre tal decisão cabe, mais uma vez, destacar a atitude de Dr Anísio de procurar embasar suas decisões administrativas por conhecimentos científicos, tanto quantitativos como qualitativos.

Como resultado do levantamento e projetos do arquiteto, a decisão tomada foi a de construir três tipos de escolas conforme especificado no quadro acima, ou sejam: 1) Tipo Mínimo, com 3 salas de aula, um ateliê e oficina (construídas em regiões de reduzida população escolar); 2) Tipo Nuclear, com 12 salas de aula, salas para administração, secretaria e professores; 3) Tipo Platoon, com 12, 16 e 25 salas de aula. Estas escolas se constituíam de salas de aula

comuns e salas especiais para auditório, biblioteca, recreação, jogos, Música, Ciências, Desenho e Artes Industriais.

Cabe destacar que como referido anteriormente Dr Anísio aportava conhecimentos da educação pública americana, oriundos de cursos, livros e visitas a instituições, mas procura adaptar, sempre, tais referências à realidade brasileira.

A edificação tipo “Platoon”(Pelotão) segue o modelo americano. As outras são adaptações deste modelo à realidade da época, da então capital do Brasil. Neste caso específico, tais adaptações ocorreram em decorrência de conjunturas locais com relação à demanda por escola em cada bairro, área disponível para a construção sem demandar desapropriação, o que encareceria o projeto, custo da edificação relacionado com demanda, entre outras.

FIGURA 83: Anísio Teixeira, Pedro Ernesto e outros diante da maquete de uma escola-modelo “Platoon” no Rio de Janeiro, à época Distrito Federal.



FONTE: CPDOC/FGV

Tal estimativa de expansão e renovação das estruturas dos prédios escolares, bem como seu funcionamento dentro dos parâmetros da nova escola exigia, também, uma renovação, como já dissemos, do professor. Em sendo assim, cria, então, um centro de formação do novo professor, para esse modelo de escola novo e em processo de implementação na sua gestão, ou seja, o Instituto de Educação, e o conecta ao IPE e às *Escolas Experimentais*. Estas, segundo ele, modestas escolas – laboratórios que funcionavam como escola regular, mas nas quais eram ensaiados, integralmente, algumas das técnicas da escola renovada por um novo método, mas que procurava beneficiar as crianças e os professores, ao propor articulações, tão favoráveis quanto possíveis, para a realização dos ensaios. (TEIXEIRA, 1935)

Para implantar as escolas experimentais, Anísio Teixeira baseia-se na experiência da “Laboratory School” da Universidade de Chicago, criada por John Dewey em 1896, como explicitado a seguir:

A proposta pedagógica da Lab School de Chicago configurou um modelo de educação escolar conveniente ao projeto de reconstrução educacional / nacional do Brasil dos anos 1930, visando a afirmação de uma sociedade democrática entre nós. Conforme explica Marcus Vinícius da Cunha (2001, p. 89), no livro *Democracia e educação*, Dewey atribui aos educadores a responsabilidade de utilizar a ciência para modificar atitudes e hábitos de pensamento pouco adequados ao projeto de

construção da sociedade democrática. Nesse sentido, a ideia de movimento, em oposição a uma pedagogia estática, tradicional ou conservadora, está presente, tanto no pensamento de Dewey, quanto no ideário dos educadores brasileiros filiados ao movimento da Escola Nova. Não por acaso, Anísio Teixeira defendeu uma educação científica associada à adoção de métodos pedagógicos ativos, alertando que a formação de atitudes racionais e de relações mais igualitárias na escola, e por meio desta, eram cruciais para o avanço da democracia, ainda que não fossem suficientes para mudar a face do país. Para eles tratava-se de superar o pensamento místico do povo brasileiro e as atitudes românticas e alienadas da realidade social, assim como a cultura de improviso associada aos laços patrimoniais que marcavam as relações políticas em geral. Isto se apresentou como uma grande tarefa para homens de letras e de ações como Anísio Teixeira e Artur Ramos. Intervindo por meio da educação escolar eles esperavam equipar as novas gerações de brasileiros com os instrumentos da razão e da ciência. (XAVIER e PINHEIRO, 2016, p.180)

As Escolas Experimentais selecionadas à época foram: Escola Bárbara Otoni, Escola Manuel Bonfim, Escola México, Escola Argentina e Escola Estados Unidos.

O percurso dessas escolas não foi longo, na medida em que a continuidade do projeto necessitava da permanência de uma política que o apoiasse ou, na pior das hipóteses, que não considerasse tais escolas negativamente, como focos de divergência do padrão oficial de organização escolar. Portanto, o experimentalismo não sobreviveu ao Estado Novo e, após a demissão de Anísio Teixeira da Secretaria Geral de Educação e Cultura, em 1936, foram extintas as escolas experimentais. Cada uma das escolas experimentais implantadas seguia um modelo pedagógico, de acordo com a escolha das equipes gestoras, o que pode ser interpretado como demonstração de liberdade e de gestão descentralizada. (XAVIER e PINHEIRO, 2016, p.183-184)

Segundo Xavier (2016), a *Escola Experimental*, Manuel Bonfim é um bom exemplo para compreensão da influência de Dewey, nas ideias de Anísio Teixeira para desenvolver a educação pública no Rio de Janeiro, na década de 1930, pois fazia parte da concepção teórico-metodológica adotada por esta escola. A autora nos informa, também, que sobre a concepção pedagógica da Escola Manuel Bonfim, Anísio Teixeira afirmou que se tratava do método Dalton, criado por Helen Parkhurst, na década de 1920, que havia sido testado na cidade de Dalton - Georgia, EUA, e que funcionava como uma espécie de modelo didático de aplicação escolanovista. Cabe destacar que:

No depoimento que apresentou sobre a criação Escola Laboratório como um centro de observação, demonstração e experimentação da Universidade de Chicago, John Dewey ressaltou as oportunidades abertas à época pelo fato dos departamentos de Filosofia, Psicologia e Educação se encontrarem sob uma mesma direção. A respeito do plano de organização ele se empenhou na definição filosófica da questão educacional, remetendo-a a necessidade de harmonizar a formação do indivíduo com os fins e os valores sociais. A perspectiva presente no projeto da escola laboratório se contrapunha à preocupação exacerbada com o desenvolvimento individual, bem como às expectativas dominantes que imputavam à escola a meta de promover o sucesso econômico como se este fosse o único fim da vida social. Na teoria da escola laboratório a escola era concebida como uma forma orgânica de vida comunitária. Para Dewey só se poderia preparar a criança para a vida social se ela mesma se formasse em um ambiente de intercâmbio e de cooperação, aprendendo e

compartilhando seus conhecimentos. Para tanto, se procurou superar a separação entre conhecimento teórico e atividade prática, levando a que o conhecimento escolar e a vida social estivessem articulados na elaboração dos problemas a partir dos quais a escola deveria planejar a seleção de conteúdos a serem ensinados, bem como definir as atividades didáticas a serem desenvolvidas em cooperação, pelos adultos e pelas crianças. Em resumo, ele propugnava o uso criativo da cultura dos indivíduos com o empenho por encontrar respostas racionais - poderíamos dizer de caráter científico -, alcançando, progressivamente, o aprendizado a respeito de seus próprios poderes e propósitos em relação e interação com a vida social. (XAVIER e PINHEIRO, 2016, p.180-181)

Em síntese: “na teoria da escola laboratório a escola era concebida como uma forma orgânica de vida comunitária”. (XAVIER e PINHEIRO, 2016, p.181) e as investigações levadas a cabo pelo IPE, gravitavam em torno desta concepção de escola, bem como das pessoas que demandavam por escolaridade e se tornariam egressas destas instituições, pois,

[...] não por acaso, Anísio Teixeira defendeu uma educação científica associada à adoção de métodos pedagógicos ativos, alertando que a formação de atitudes racionais e de relações mais igualitárias na escola, e por meio desta, eram cruciais para o avanço da democracia, ainda que não fossem suficientes para mudar a face do país. (XAVIER e PINHEIRO, 2016, p.181)

Para completar, cabe lembrar que “a ideia de movimento, em oposição a uma pedagogia estática, tradicional ou conservadora, está presente, tanto no pensamento de Dewey, quanto no ideário dos educadores brasileiros filiados ao movimento da Escola Nova”.(XAVIER e PINHEIRO, 2016, p.181)

Quando Anísio Teixeira se demitiu da Secretaria de Educação, em 1935, o número de prédios novos, concluídos na sua gestão, totalizava vinte e cinco, mas se forem contabilizados os que foram inaugurados posteriormente, pode-se afirmar que a sua administração deixou, como legado à cidade do Rio de Janeiro, vinte e oito escolas, algumas hoje tombadas e conhecidas, no seu conjunto, como *Escolas de Anísio Teixeira*.

Entretanto antes de encerrarmos os desdobramentos do *Espirito Científico* de Anísio Teixeira, no tópico que se refere a gestão da educação pública do Rio de Janeiro, à época capital do país, nos reportaremos a criação, ainda em 1935, da Universidade do Distrito Federal (UDF), quase concomitante com a Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934, em São Paulo.

Ambas são exemplos de instituições que se materializaram com o objetivo de, até certo ponto, atender aos anseios de modernização expressos pelos intelectuais e educadores que já a partir da segunda metade da década de 1920, passaram a estabelecer debates, a nível nacional, sobre a educação, nos quais se destacam os defensores da *Escola Nova* ou como ficou este movimento conhecido nos EUA, *Educação Progressiva*.

Nestes debates destaca-se a atuação da Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924.

Anteriormente, os responsáveis pela educação no Brasil, sob a influência do positivismo comteano, tinham se pronunciado contra a idéia de universidade, por considerá-la uma instituição elitizante e promotora de um saber ornamental. Apesar disso, no entanto, a Reforma Maximiliano, de 1915, autorizou a sua criação, mas nenhuma providência foi tomada para implantá-la. Subitamente, em 1920, um decreto do governo central declarou instituída a Universidade do Rio de Janeiro, com a mera justaposição da Escola Politécnica à Faculdade de Medicina, e a incorporação concomitante das duas faculdades livres de Direito recém-fundidas, todas assim formalmente unidas sob a direção de uma reitoria. Não houve menção nem vestígio de pesquisa ou qualquer investigação científica ou filosófica. Parece ter sido apenas para agraciar academicamente ao rei da Bélgica, então em visita programada ao país, concedendo-lhe o título de doutor *honoris causa*, que o decreto foi outorgado. (VICENZI, 1986, s/p)

Segundo Paim(1981), “a idéia de constituir a Universidade - como forma de fazer com que o ensino superior, além da formação profissional, facultasse a institucionalização da pesquisa científica - mobilizou a elite acadêmica ao longo de toda a segunda metade da década de vinte”. (PAIM, 1981, p.70)

Entretanto, apesar do governo *Pós-Revolução de 30* ter assumido formalmente a implantação da Universidade, o ambiente permaneceria inalterado. E Paim(1981) explica:

A Reforma levada a cabo logo após a Revolução de 1930, dispondo que o ensino superior deveria obedecer, de preferência, ao sistema universitário passou à história com o nome do ministro que a encaminhou, a exemplo da tradição. Desta vez, porém, o autor identifica-se plenamente com a obra, o que nem sempre aconteceu no passado. Francisco Campos, aos 40 anos de idade, fora nomeado titular do recém-criado Ministério da Educação[e Saúde]. Ascendia ao poder, ao que se supunha, como representante de Minas Gerais no novo governo [Getúlio Vargas], isto é, daquela facção que aparentemente justificava o nome de Liberal dado à Aliança que promoveu a Revolução.[...] Na verdade, contudo, a cultura do jovem político mineiro foi colocada abertamente ao serviço do autoritarismo, incumbência que soube realizar com inegável talento, graças ao que iria transformar-se em figura exponencial dessa vertente, ao longo das décadas seguintes. No caso específico da reforma do ensino que promoveu e patrocinou, admite-se que tenha buscado refletir o consenso dos educadores. A estes se achava ligado pelo exercício das funções de Secretário do Interior, de Minas, o que o levaria a presidir a II Conferência Nacional de Educação, no mês de novembro de 1928, bem como a efetivar, em seu estado natal, a reforma do ensino primário. Contudo, concebeu de tal maneira o novo instituto ao qual se atribuía o papel de fomentar a ciência que sua reforma acabou não tendo qualquer consequência prática no sentido de alterar o quadro tradicional. Tinha suportes eminentemente culturais a idéia de Universidade que se configurou, na segunda metade da década de vinte, na mente de parcela significativa da elite brasileira, segundo a qual esse novo instituto não se requeria para o ensino superior de caráter profissional mas em vista do desenvolvimento do saber desinteressado. Supunha-se, é certo, que da criatividade científica poderia advir o progresso material. Contudo, a tanto não se reduzia a questão. O aprendizado da ciência e a pesquisa científica chegaram a granjear o respeito de segmento representativo da intelectualidade, que as considerava justificativa suficiente para a reforma pretendida. (PAIM, 1981,p.51-52)

A Reforma de Francisco Campos misturava ideias novas com velhos privilégios. Esta situação acaba por suscitar uma acirrada disputa entre os dois maiores grupos vinculados à educação: a igreja Católica e os defensores da Escola Nova.

Enquanto religião oficial durante o império, a Igreja Católica tinha se acomodado a uma situação de submissão frente ao Estado. E embora continuasse a principal investidora no sistema educacional, seu culto havia se tornado mais uma *convenção social* do que uma força atuante na sociedade. A *intelligentsia* brasileira, oriunda das camadas médias urbanas, se mostrara muito influenciada por doutrinas distantes do catolicismo; aderira ao positivismo, ao evolucionismo, ao pragmatismo etc. Proclamada a República sob inspiração positivista, o Estado declarou-se leigo e neutro. Para ativar o zelo religioso e reconquistar o rebanho perdido, a igreja Católica no Brasil, tradicionalmente vinculada às oligarquias rurais, buscou apoio e inspiração na doutrina da *Action Française*, que era fortemente conservadora: defendia a desigualdade entre os homens como um fenômeno natural, a sacralização da ordem, da hierarquia e da autoridade, e cultuava o passado e a tradição, opondo-se a qualquer tipo de mudança. (VICENZI, 1986, s/p)

A Revolução de 1930, em busca de legitimação e apoio, procurou reaproximar a Igreja do Estado. E o fez através do Ministro Francisco Campos, que, embora ligado ao movimento educativo renovador, provinha de Minas Gerais, estado onde a Igreja possuía vigorosa influência. Portanto, para contemplar à Igreja Católica, sancionou o ensino religioso facultativo nas escolas públicas, quebrando, desta forma, a tradição leiga republicana, bem como o fornecimento de subvenções às escolas religiosas, entre outras reivindicações da Igreja, tais como o reconhecimento civil do casamento religioso, a assistência religiosa católica às Forças Armadas, às prisões, aos hospitais etc.. Fazia isto em troca de apoio, senão explícito, ao menos tácito. As discordâncias da Igreja Católica com o grupo dos defensores da *Escola Nova* eclodiu em torno de questões como a da gratuidade, a obrigatoriedade do ensino, a laicidade e a coeducação na nova política educacional. (VICENZI, 1986)

Chamada a desempenhar um papel conciliatório, a ABE tomou partido dos escolanovistas, e, sob a direção de Fernando de Azevedo, elaborou um programa de política educacional, publicada em 1932, que passou a ser conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, que não apresentava um discurso homogêneo. (VICENZI, 1986)

Mas se a Reforma Francisco Campos procurou atender à Igreja, por outro lado também favoreceu os escolanovistas em alguns de seus anseios, tais como: intervenção estatal na educação, modernização do sistema escolar, garantia legal de escolarização primária obrigatória e gratuita e, sobretudo, ampla distribuição de cargos elevados na burocracia governamental. (VICENZI, 1986, s/p)

A disputa pelo controle do sistema educativo entre a Igreja e os escolanovistas tornou-se, entretanto, ainda mais radical, com as lutas políticas travadas entre os partidos nacionais de direita e de esquerda que se formaram, inspirados nos modelos europeus. (Azevedo, 1976)

Em 1934, em virtude do término das atividades da Assembleia Constituinte, teve lugar a renovação dos governos estaduais, mediante a realização de eleições. Assim, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro ascendem ao poder governantes aos quais se achavam

vinculados os partidários da renovação educacional. Fernando de Azevedo teria oportunidade de escrever que "com Armando Sales, no poder, e Júlio de Mesquita Filho, na direção de O Estado de São Paulo, pareceu-nos ter chegado, afinal, a oportunidade de criar a Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que seria integrada no sistema". (PAIM, 1981, p.70) No Rio de Janeiro, a eleição de Pedro Ernesto leva para a Secretaria de Educação Anísio Teixeira que, como vimos, conquistara uma liderança incontestada no movimento educacional brasileiro. Dessa circunstância resultaria a criação da Universidade do Distrito Federal. As duas iniciativas tiveram o mérito de reaglutinar os partidários de uma Universidade que assegurasse o desenvolvimento da pesquisa. (PAIM, 1981)

A proposta da Universidade do Distrito Federal (UDF), apresentada por Anísio Teixeira, dentro da perspectiva de assegurar o desenvolvimento da pesquisa, sofreu fortes ataques por parte da Igreja Católica e, também, do ministro de educação à época, Gustavo Capanema, que alegava que a mesma desobedecia os padrões estabelecidos pela Reforma Francisco Campos, seu antecessor na direção do ministério.

Entretanto, durante essa fase extremamente conturbada da vida política brasileira, como Getúlio Vargas procurou se apoiar no Prefeito Pedro Ernesto, o que lhe favoreceu expressiva vitória eleitoral, autorizou o decreto de criação da Universidade do Distrito Federal, passando, portanto, por cima das restrições do ministro da educação. (FÁVERO, 1980) Em sendo assim, o Decreto nº 5.513 de 4 de abril de 1935, assinado pelo Prefeito Pedro Ernesto instituiu a Universidade do Distrito Federal, cujas finalidades seriam: 1) promover e estimular a cultura de modo a concorrer para o aperfeiçoamento da comunidade brasileira; 2) encorajar a pesquisa científica, literária e artística; 3) propagar as aquisições da ciência e das artes, pelo ensino regular de suas escolas e pelos cursos de extensão popular; 4) formar profissionais e técnicos, nos vários ramos de atividade que as suas escolas e institutos comportassem; 5) prover a formação do magistério, em todos os seus graus. (Decreto nº 5.513)

Segundo Vicenzi (1986), a UDF cobrava taxa de inscrição de 20 mil réis e anuidade de 200 mil réis, recebida antecipadamente, além de outras contribuições menores. Tais valores não foram majorados entre os anos de 1935 e 1938. Esta decisão ia ao encontro do que já acontecia nas faculdades privadas, portanto a intenção da cobrança consolida uma ideia de instituição universitária, pública, mas paga, como ainda ocorre na atualidade, em alguns países.

Uma possibilidade de explicação para a decisão da cobrança, que de certa forma contribuía para um processo de exclusão dos que não podiam arcar com tais valores, pode estar associada a urgência para implantação da Universidade e escassez de recursos.

Cabe lembrar que Anísio Teixeira já vinha direcionando vultuosas quantias para a reforma da educação básica em curso, e enfrentava pressões políticas por parte do Ministério de Educação e Saúde e da Igreja. Pelo plano ambicioso elaborado para a criação e implantação da Universidade, é evidente que Dr Anísio sabia que teria que contratar não só bons profissionais brasileiros como estrangeiros, o que se concretiza, mas para tanto precisaria de recursos que a conjuntura política do final da primeira metade da década de 1930, já sinalizava que não conseguiria. Dai, quiça, a cobrança antecipada da anuidade. Em sendo isso verdade, poderia estar presente no pensamento de Anísio Teixeira, bem como de membros da cúpula dirigente da UDF, a possibilidade de adotar políticas públicas posteriores, que

garantissem acesso para os que não pudessem pagar, ou seja, algum tipo de subvenção para estes ou, até, a gratuidade total a todos que ingressassem na Universidade. Cabe portanto uma investigação mas minuciosa sobre a questão, o que não foi possível se concretizar no escopo do presente estudo.

A estrutura da UDF era formada pelos seguintes órgãos principais: a) Instituto de Educação; b) Escola de Ciências; c) Escola de Economia e Direito; d) Escola de Filosofia e Letras; e) Instituto de Artes; f) Instituições complementares para experimentação pedagógica, prática de ensino, pesquisa e difusão cultural (Prefeitura do Distrito Federal, 1935).

Cabe destacar que:

Dentre esses institutos e escolas, o único preexistente era o Instituto de Educação, em cujo prédio se situou a reitoria da UDF. Localizavam-se na Rua Mariz e Barros nº 227. Os outros institutos e escolas tiveram que ser organizados a partir daquela data e foram precariamente instalados em salas emprestadas, de instituições variadas: na Escola Superior de Agricultura, no Museu Nacional, no Departamento Nacional de Tecnologia, na Escola Politécnica do Rio e em algumas escolas municipais etc., utilizando os laboratórios da Universidade do Rio de Janeiro (depois, Universidade do Brasil). Dois endereços ficaram particularmente marcados: a) o do Largo do Machado, onde tiveram início vários cursos da UDF, na Escola José de Alencar (e que depois foi encampada pela Faculdade Nacional de Filosofia); b) o da rua do Catete, nº 147, onde funcionava, pela manhã, a escola secundária Rodrigues Alves. As aulas da UDF começavam à tarde, a partir das 15 horas, em salas mobiliadas para crianças, e, portanto, pouco confortável para adultos; iam, às vezes, até as 20 horas. O ensino de algumas matérias, no entanto, era oferecido em outras localidades, assim, o de antropologia, por exemplo, no Museu Nacional, o de integração profissional, no Instituto de Educação etc. Provavelmente também por esta razão – a de já estar bem estruturada, em prédio próprio e em pleno funcionamento – o Instituto de Educação tenha permanecido a viga mestra da nova universidade, não obstante ser a Escola de Ciências a mais festejada pelos historiadores da UDF, como Antônio Paim e Simon Schwartzman. É necessário, igualmente, levar em consideração a importância decisiva que Anísio Teixeira – seu mentor – concedia ao professor primário e secundário na reconstrução da sociedade. Além disso, os primeiros cursos realmente implantados na UDF visavam à formação de professores e de artistas, embora, como se vê nos seus documentos, o projeto da nova universidade fosse bem mais amplo e original. (VICENZI, 1986, s/p)

A situação descrita na citação acima demonstra pressa em garantir o funcionamento da UDF. Cabe lembrar que na história brasileira existem registros de universidades criadas que nunca se materializaram. Transcrevemos a seguir, alguns *Artigos* do Decreto nº 5.513/35, que criou a Universidade do Distrito Federal.

FIGURA 84: Recorte do Decreto de criação da UDF

Art. 4º O Instituto de Educação, que tem por fim prover a formação do magistério e concorrer, como centro de documentação e pesquisa, para a formação de uma cultura pedagógica nacional, fica diretamente incorporado à universidade pela sua atual Escola de Professores, que passa a denominar-se Escola de Educação mantidos os objetivos estabelecidos pelo Decreto nº 3.810. de 19 de março de 1932.

Art. 5º A Escola de Ciências, que será organizada de modo a facilitar a formação de especialistas e pesquisadores nos vários ramos de estudos gerais e aplicados que comportar, tem por fim imediato habilitar profissionais e técnicos e aperfeiçoar-lhes a cultura especializada.

Art. 6º A Escola de Economia e Direito, que tem por fim desenvolver estudos sobre a organização econômica e social, constituir-se-á como centro de documentação e pesquisa dos problemas da vida nacional que interessarem à formação do estado, assim como à produção e circulação da riqueza e sua normal distribuição.

Art. 7º A Escola de Filosofia e Letras tem por fim concorrer para os estudos superiores do pensamento e sua história, nos seus aspectos filosóficos, leterário e moral.

Art. 8º O Instituto de Artes, que tem por fim concorrer para o estudo do desenvolvimento das artes em seus vários ramos, será organizado de modo a constituir-se como centro de documentação, pesquisa e irradiação das tendências de expressão artística da vida brasileira.

Art. 9º As instituições complementares da universidade serão: a) a Biblioteca Central de Educação; b) a Escola-Rádio; c) a Escola Secundária do Instituto de Educação; d) a Escola Elementar do Instituto de Educação; e) o Jardim de Infância do Instituto de Educação; f) uma escola secundária técnica; g) uma escola elementar experimental; h) uma escola maternal experimental; i) laboratórios e clínicas dos hospitais do Distrito Federal.

Parágrafo Único. Além das instituições indicadas, poderão servir, quando necessário, como estabelecimentos complementares para execução dos cursos e estudos de investigações e pesquisa, quaisquer instituições de caráter técnico, científico ou cultural, mediante acordo com esses estabelecimentos e aquiescência do conselho universitário.

Art. 10º A universidade manterá, inicialmente, os seguintes cursos, distribuídos pelos seus diversos institutos ou escolas, isoladamente ou em cooperação: 1. cursos para habilitação ao magistério primário geral e especializado; 2. cursos para habilitação ao magistério secundário; 3. cursos para habilitação ao magistério normal; 4. cursos para administração e orientação escolar; 5. cursos de extensão e continuação para professores; 6. cursos de especialização em ciências médicas; 7. cursos de auxiliares de medicina e técnicos de laboratório; 8. cursos de enfermagem e de visitadoras; 9. cursos de ciências matemáticas, físico-químicas e biológicas; 10. cursos de ciências sociais; 11. cursos de administração e funcionalismo; 12. curso de diplomática; 13. curso de direito; 14. curso de economia; 15. curso de estatística; 16. curso de serviços sociais; 17. curso de filosofia e história do pensamento; 18. cursos de filologia, literatura e sua história; 19. cursos de jornalismo e publicidade; 20. cursos de biblioteconomia, arquivo; 21. cursos de filosofia e história da arte; 22. cursos de música, geral e aplicada; 23. cursos de desenho e pintura; 24. curso de escultura; 25. cursos de artes aplicadas; 26. cursos de artes cinematográfica, coreográfica e dramática; 27. curso de arquitetura paisagista. (Distrito Federal, 4 de abril de 1935, assinado por Dr. Pedro Ernesto)

FONTE; Governo do Rio de Janeiro

Segundo Paim (1981), a nova Instituição propunha-se a alcançar os seguintes objetivos:

a) promover e estimular a cultura de modo a concorrer para o aperfeiçoamento da comunidade brasileira; b) encorajar a pesquisa científica, literária e artística; c) propagar aquisições da ciência e das artes, pelo ensino regular de suas escolas e pelos cursos de extensão popular; d) formar profissionais e técnicos nos vários ramos de atividade que as suas escolas e institutos comportarem; e) prover à formação do magistério em todos os seus graus. (PAIM, 1981, p.71)

Vicenzi (1986), chamando atenção para o fato do projeto ser ambicioso na intenção, o que nós concordamos, acrescenta:

Depreende-se que tanto Pedro Ernesto quanto Anísio Teixeira esperavam que a UDF crescesse e se expandisse em muitas direções (na pesquisa pura, desinteressada, e também na pesquisa técnica e aplicada, assim como nos cursos de extensão, universitária etc.) de forma gradual, integrada e orgânica. (VICENZI, 1986, s/p)

Posteriormente, mas ainda no mesmo ano, foram elaboradas cinco instruções normativas, que especificavam, de forma mais detalhada, as funções dos vários institutos e escolas da nova universidade. Todas assinadas por Anísio Teixeira, já como reitor da Instituição. No artigo datado de 1986, titulado de *A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil* e cujos alguns trechos foram citados anteriormente, a autora Lectícia Josephina Braga Vicenzi, incluiu trechos das Instruções de números 1, 2 e 3 que lhes pareceram elucidativos dos ideais e intenções dos fundadores da UDF. Concordando com Vicenzi, reproduzimos os mesmos, grifando pontos que consideramos relevantes para a categoria ora em estudo.

No que se refere a *Instrução* de nº1, cabe destaque os trechos referentes a *Escola de Educação e a Escola de Ciências*. Nestes, destacamos, principalmente, a preocupação com a cooperação, entre as Escolas e o Instituto, de forma a manter a unidade orgânica da Universidade. Destacamos, ainda, o fato da *Escola de Ciências*, priorizar, inicialmente, a formação dos professores do curso secundário. Uma questão urgente imposta pelas reformas em curso no ensino básico, conforme explicitado a seguir:

FIGURA 85: Recorte da Instrução nº1, relativa a UDF

Art. 8º Os institutos componentes da universidade desenvolvem as suas atividades dentro de um plano comum, em estreita e real cooperação, de modo que se mantenha a unidade orgânica da instituição. § 1º Todos os cursos são organizados pela reitoria, compreendendo matérias de um ou mais institutos segundo as suas funções e especialidades. [...]

Art. 10º [...] Parágrafo único. Quando os cursos forem ministrados por professores de uma só escola ou do instituto, poderá o reitor confiar a função coordenadora ao respectivo diretor; em caso contrário, serão coordenadas pelo reitor. [...]

Art. 13º O programa para a formação do professor secundário compreende cursos de fundamentos, de conteúdo e de integração profissional, ministrados nas diversas escolas ou no instituto da universidade, simultâneas ou sucessivamente.

Art. 14º Os cursos de fundamentos compreendem matérias de cultura geral indispensáveis ao professor, biologia e sociologia educacionais e belas-artes.

Art. 15º Os cursos de conteúdo compreendem as matérias específicas a cujo ensino se destina o professor, ministradas do ponto de vista de cultura especializada e de seleção de material para o ensino no nível secundário.

Art. 16º Os cursos de integração profissional compreendem os estudos de educação, psicologia educacional, medidas educativas, organização e programa da escola secundária, filosofia da educação e prática do ensino secundário. [...]

Da Escola de Educação (grifo nosso)

Art. 20º O ensino na Escola de Educação fica distribuído pelas seguintes seções, mantidos os objetivos estabelecidos pelo Decreto nº 5.513 de 4 de abril de 1935 e as destas instruções: I. Biologia educacional e higiene; II. História e filosofia da educação, educação comparada e administração escolar; III. Psicologia educacional e sociologia educacional; IV. Matérias de ensino elementar (primário e intermediário); V. Desenho, artes industriais e domésticas; VI. Música; VII. Educação física, recreação e jogos; VIII. Prática de ensino elementar; IX. Organização e prática do ensino secundário e normal.

Da Escola de Ciências (grifo nosso)

Art. 21º **A Escola de Ciências compreende as seguintes seções: I. Ciências matemáticas; II. Ciências físicas; III. Ciências naturais.**

Art. 22º De início, haverá na Escola de Ciências as seguintes cadeiras, destinadas, principalmente, à formação do professorado secundário para o ensino das disciplinas previstas na legislação federal em vigor: a. Matemática (geometria analítica, análise matemática, mecânica); b. Física; química-física; c. Química geral, inorgânica e orgânica; d. Biologia geral e zoologia; e. Botânica; f. Mineralogia e geologia [...]

Art. 24º Cada cadeira é regida por um professor, auxiliado por um ou mais assistentes, todos contratados.

Art. 25º O candidato ao professorado secundário de ciências, de acordo com a especialidade escolhida, dentro das previstas na atual legislação federal, habilita-se, pela Escola de Ciências, em um dos seguintes cursos de conteúdo: 1. Curso de professor de matemática: matemática, física, química-física (predominância de matemática). 2. Curso de professor de física:

matemática, física, química-física (predominância de física). 3. Curso de professor de química: matemática (programa menor que o dos candidatos ao professorado de física e matemática); física (capítulos); química geral, inorgânica e orgânica; química-física. 4. Curso de professor de história natural: para todos os candidatos: matemática (programa igual ao dos candidatos ao professorado de química); cursos gerais de mineralogia e geologia, biologia geral e zoologia, botânica. Em seguimento: para o candidato com preferência para o estudo de mineralogia e geologia, e física (capítulos); para o candidato com preferência para o estudo de zoologia ou botânica, curso especial de zoologia ou botânica, e química (capítulos). Parágrafo único. Além desses cursos, o candidato ao magistério de ciências fará, nas demais escolas ou institutos, os cursos de fundamentos e integração profissional, necessários à sua formação, nos termos do art. 13. [...]

Da Escola de Economia e Direito

Art. 30º A Escola de Economia e Direito compreende as seguintes seções: I. Ciências econômicas; II. Ciências sociais; III. Ciências geográficas e históricas; IV. Ciências jurídicas; V. Ciência política e da administração. [...]

Art. 33º O candidato ao magistério secundário, dentro das especialidades previstas pela legislação federal, habilita-se, pela Escola de Economia e Direito, em um dos seguintes cursos de conteúdo: 1. Curso de professor de geografia; 2. Curso de professor de história; 3. Curso de professor de sociologia e ciências sociais.

Art. 34º Além dos cursos para a formação de professores secundários nas disciplinas acima enumeradas, a Escola de Economia e Direito providenciará para a realização oportuna de cursos: a. de formação de bacharéis em ciências sociais e jurídicas; b. de administração e funcionalismo; c. de diplomática (carreira diplomática e consular); d. de economia e finanças, atividades bancárias e comerciais; e. de estatística; f. De continuação e de extensão universitária, visando o aperfeiçoamento técnico e cultural de profissionais a professores de qualquer grau; g. livros sobre assuntos relacionados com as matérias da escola para elevação no nível cultural. [...]

Da Escola de Filosofia e Letras

Art. 39º A Escola de Filosofia e Letras compreende as seguintes seções: I. Filosofia; II. Filologia; III. Grego e latim; IV. Filologia e literatura luso-brasileira; V. Línguas estrangeiras. [...]

Art. 44º O candidato ao magistério secundário, dentro das especialidades previstas pela legislação federal, habilita-se, pela Escola de Filosofia e Letras, em um dos seguintes cursos de conteúdo: 1. Curso de professor de língua latina; 2. Curso de professor de línguas estrangeiras; 3. Curso de professor de português e literatura. [...]

Do Instituto de Artes [...]

Art. 49º O Instituto de Artes, estendendo progressivamente sua atuação sobre todas as artes puras e aplicadas, promove os estudos tendentes ao aperfeiçoamento das técnicas e à formação dos profissionais reclamados pelas necessidades sociais e econômicas, cabendo-lhe, pois: a. estudar e classificar as manifestações nacionais de arte, investigando as preferências do espírito brasileiro; b. promover pesquisas de ordem técnica e em função das necessidades econômicas, no sentido de promover, intensificar e aperfeiçoar os processos e meios de aplicação dos conhecimentos científicos e artísticos; c. promover a formação de técnicos de indústria; de professores de arte das escolas secundárias; de instrutores técnicos de escolas secundárias técnicas e de artistas em geral; d. oferecer oportunidades de aperfeiçoamento aos nossos artistas e técnicos; e. promover, estimular e auxiliar iniciativas que visem ao beneficiamento das artes, o aperfeiçoamento técnico e a integração do sentimento brasileiro nas criações nacionais. § 1º As pesquisas, quer no domínio das obras de arte, quer nas produções industriais, visam apontar aos interessados as preferências de cada grupo e de cada época, as causas determinantes e as influências decorrentes dessas produções, e os demais estudos de ordem estética e social que a natureza das obras permitir. § 2º A formação e o aperfeiçoamento de profissionais em geral visa oferecer melhores oportunidades ao desenvolvimento das indústrias, com a aplicação das artes e das ciências às atividades essenciais à economia brasileira. § 3º A formação e aperfeiçoamento de artistas, desinteressados ou aplicados a fins profissionais, compreende cursos de oficina e trabalho, sob regime de completa liberdade de iniciativa, cursos de cultura geral, estudo individual e seminário. § 4º O auxílio e o estímulo à iniciativa privada se promove por todos os meios ao seu alcance e em conformidade com os recursos de que dispuser, com a realização de concursos, premiações, exposições, concertos, espetáculos, subvenções, assistência a sociedades técnicas e artísticas e outros empreendimentos complementares. § 5º A obra da difusão de cultura se completará ainda com a organização de cursos de extensão, de publicações e iniciativas complementares, em escolas, fábricas, associações profissionais e logradouros públicos adequados, servindo-se das artes, sempre que possível, para facultar oportunidades de recreio sadio, educativo e construtor.

Art. 50º O Instituto de Artes compreende as seguintes seções em funções de pesquisa e ensino: I. Arquitetura e artes decorativas; II. Artes industriais; III. Música e dança; IV. Drama e cinema. [...]

Distrito Federal, 12 de junho de 1935. Anísio Spínola Teixeira, Reitor Interino

Quanto ao trecho da *Instrução* de nº2, o destaque que fazemos refere-se aos cursos de magistério programados para 1935, o que demonstra urgência e justifica a prioridade para a questão, como pode ser conferido a seguir:

FIGURA 86: Recorte da Instrução nº2, relativa a UDF

Dos cursos
Art. 10º Além dos cursos já referidos nas instruções de 12 de junho de 1935, haverá, ainda este ano, os seguintes cursos: a. Cursos de preparação de magistério: I. Cursos para formação do professor de artes do desenho (desenho, modelagem e artes industriais) das escolas secundárias comuns e secundárias técnicas; II. Curso para formação do professor de música e canto orfeônico das escolas secundárias e secundárias técnicas; III. Curso para formação do professor de educação física e recreação (esportes, jogos, danças e representações) das escolas secundárias e secundárias técnicas; IV. Curso para formação dos instrutores técnicos das escolas secundárias técnicas (seções de indumentária, marcenaria e artes de desenho aplicadas à impressão). b. Cursos superiores de arte: I. Curso de urbanismo; II. Curso de aperfeiçoamento em arquitetura; III. Curso de arquitetura paisagista; IV. Curso de pintura mural e de cavalete; V. Curso de escultura monumental e de salão. c. Cursos de teatro: I. Curso de drama; II. Curso de arquitetura cenográfica; III. Curso de bailados. d. <i>Cursos em artes industriais</i> ; I. Artes do desenho aplicadas à impressão; II. Artes de indumentária; III. Artes de mobiliário [...].
Distrito Federal, 22 de junho de 1935 – Anísio Spínola Teixeira – Reitor Interino

FONTE: Governo do Rio de Janeiro, Disponível em VICENZI,1986.

E, finalmente, o destacado no trecho da *Instrução* de nº3 sobre a regulamentação dos cursos de formação do professor secundário, que busca atender a grande reforma feita por Dr Anísio, neste período já defensor da implantação e funcionamento da *Escola Única*. Portanto, posição diferente da que assumiu no período em que esteve na direção da gestão da educação pública na Bahia, no governo de Góes Calmon, no qual ainda encontrava-se muito permeável à influência do pensamento Católico, veiculado pela Companhia de Jesus.

FIGURA 87: Recorte da Instrução nº3, relativa a UDF

Regulam os cursos de formação do professorado secundário nas Escolas de Ciências, Economia e Direito e Filosofia e Letras.
O reitor da Universidade do Distrito Federal, tendo em vista as Instruções nº 1, de 12 de junho de 1935,
Resolve:
Artigo único. Os cursos de formação do professor secundário, compreendendo: 1. Curso para professor de matemática; 2. Curso para professor de física; 3. Curso para professor de química; 4. Curso para professor de história natural; 5. Curso para professor de geografia; 6. Curso para professor de história; 7. Curso para professor de sociologia e ciências sociais; 8. Curso para professor de língua latina; 9. Curso para professor de línguas estrangeiras; 10. Curso para professor de português e literatura; [...]
Distrito Federal, 22 de junho de 1935 – Anísio Spínola Teixeira – Reitor Interino.

FONTE: Governo do Rio de Janeiro, Disponível em VICENZI,1986.

Ao analisarmos os documentos acima, concordamos com Vicenzi (1986) que, considerando o contexto brasileiro à época, afirma que a UDF,

[...] tratava-se de uma universidade bastante original, tanto na nomenclatura atribuída às escolas, quanto na divisão interna, como, ainda, nos cursos e serviços oferecidos, tais como a Escola-Rádio, os cursos de diplomática, de artes cinematográfica e coreográfica, etc. Nota-se a forte influência norte-americana na importância conferida às artes industriais e aplicadas. Entretanto, de início fixaram-se nos cursos de preparação do professor primário e, principalmente, secundário. Verifica-se, contudo, que este profissional merecia um cuidado especialíssimo: almejavam formá-lo com sólida cultura geral, firmeza e profundidade na disciplina de conteúdo específico e, sobretudo, concedendo grande destaque à formação pedagógica. Além disso, aulas de línguas estrangeiras vivas – inglês e francês – eram obrigatórias a todo universitário que tivesse apresentado, no vestibular, insuficiência em seu domínio, qualquer que fosse o curso seguido na UDF. Atribuía-se, por conseguinte, ao professor primário e secundário um papel muito superior ao que normalmente lhe era conferido, pois pretendia-se reformar a sociedade elevando significativamente a educação de todos. O professor precisava, portanto, ser polímorfo e abrangente, com farto conhecimento e prática de pesquisa científica. (VICENZI, 1986, s/p)

Cabe destacar, também, que desde a sua fundação, a Universidade passa a contar em cargos diretivos com personalidades de reconhecido valor intelectual, nas suas respectivas áreas, como pode ser constatado no quadro que se segue:

QUADRO 9: Dirigentes da Universidade do Distrito Federal no ano de 1935.

Dirigentes da UDF	
Cargo	Nome do Profissional
Reitor Pró-tempore	Anísio Teixeira
Reitor	Júlio Afrânio Peixoto
Diretor da Escola de Educação	Lourenço Filho
Diretor da Escola de Ciências	Roberto Marinho de Azevedo
Diretor da Escola de Economia e Direito	Edmundo da Luz Pinto
Diretor da Escola de Filosofia e Letras	Prudente de Moraes Neto
Diretor do Instituto de Artes	Cornélio de Oliveira Penna

FONTE: PAIM (1981); VICENZI (1986)

Os professores que compuseram o quadro docente da Escola de Educação (muitos integrantes da ABE) e suas respectivas disciplinas encontram-se listados no quadro que se segue:

QUADRO 10: Professores da Escola de Educação da UDF, no ano de 1935.

Escola de Educação	
Cadeira (disciplina)	Nome do professor (a)

Biologia Educacional e Higiene	José Paranhos Fontenelle, José Faria Góes Sobrinho, Carlos Accioly de Sá e Alair Accioly Antunes
Filosofia da Educação	Anísio Teixeira
Psicologia Educacional	Lourenço Filho e Heloysa Marinho
Sociologia Educacional	Celso Kelly e Delgado Carvalho
Educação Comparada	Gustavo de Sá Lessa
História da Educação	Afrânio Peixoto
Administração Escolar	Carneiro Leão
Seção de Materiais de Ensino	Maria dos Reis Campos e Elvira Nyzinska da Silva
Seção de Desenho, Artes Industriais e Domésticas	Fernando Nerêo de Sampaio, Leonilda d'Anniballe, Stella Muniz Aboim e Maria Izabel Lacombe
Seção de Música	Ceição de Barros Barreto
Seção de Ed. Física, Recreação e Jogos	Lois Marietta Williams, Ruth Couvêa, Diva de Moura Diniz
Seção de Prática de Ensino Elementar	Alfredina Paiva de Souza, Mathilde Cirne Bruno, Ormindia Izabel Marques, Ondina Marques
Ensino de Cultura Ibero-americana	Henrique Rodrigues Fabregar

FONTE: PAIM(1981);VICENZI(1986)

Citamos os professores acima, bem como os que se seguem de outras *Escolas* da UDF, com o objetivo principal de demonstrar como, após deixar a Bahia e reiniciar suas atividades no Rio de Janeiro, a rede de relações de Dr Anísio se amplia exponencialmente.

Dos professores citados no quadro, poucos Dr Anísio Teixeira conhecia de eventos anteriores. Entre estes podemos citar Carneiro Leão, por indicação de Góes Calmon, em 1924.

Cabe lembrar que Anísio Teixeira só conheceu Fernando de Azevedo, após a conclusão do mestrado, a partir de uma apresentação escrita aportada por Anísio Teixeira, em viagem ao Rio de Janeiro, e confeccionada pelo amigo de ambos, Monteiro Lobato.

Inscrito como membro da ABE, Anísio Teixeira torna-se presidente desta Instituição, em período concomitante ao da diretoria da educação pública do Rio de Janeiro. E são as conjunturas vivenciadas nestas Instituições que impulsionam a ampliação da sua rede de relações, inicialmente restrita a membros da família, religiosos católicos vinculados aos colégios nos quais estudou, assim como intelectuais e políticos com atuação ou influência no Estado da Bahia. Rede que, posteriormente, aumenta e ramifica-se, ao agregar professores e colegas do “Columbia University”.

No entanto, ainda não é uma ramificação tão expressiva como a que começa a se delinear, no final da década de 1930, associada ao desejos de mudanças da intelectualidade brasileira, após

sua fixação no Rio de Janeiro. Exemplo disso é o *Manifesto dos Pioneiros*. Nesse movimento por mudanças, Anísio Teixeira vai assumindo posição de centralidade na área de educação, na qual sua visão ampliada contribui com o desenvolvimento de outras áreas do conhecimento. Nesse movimento, sua rede de relações, neste período, cresce e diversifica. E como consequência, ampliam-se e ficam mais perene os contatos com profissionais de várias áreas do conhecimento, como por exemplo, as que compõem os quadros que se seguem:

QUADRO 11: Professores da Escola de Economia e Direito da UDF, no ano de 1935.

Escola de Economia e Direito	
Cadeira (disciplina)	Nome do professor (a)
Sociologia e Antropologia	Gilberto Freyre
Economia Social	Hermes Lima
Geografia Humana	Delgado de Carvalho
História da Antigüidade	Jayme Coelho
História da Idade Média e Moderna	Isnard Dantas Barreto
Fisiografia	Fernando Antônio Raja Gabaglia

FONTE: PAIM (1981); VICENZI (1986)

Hermes Lima, Gilberto Freire e Delgado de Carvalho são exemplo de relações anteriores e/ou duradoura e que permanecem, como colaboradores, em iniciativas posteriores a UDF, de Anísio Teixeira ao longo do seu percurso de vida.

QUADRO 12: Professores da *Escola de Filosofia e Letras* da UDF, no ano de 1935.

Escola de Filosofia e Letras	
Cadeira (disciplina)	Nome do professor (a)
História Geral da Civilização	Castro Rebello
Lingüística	José Leite e Oiticica
Língua e Literatura Grega	J. A. Padberg Drenkpol
Língua e Literatura Latinas	Antonio Jacintho Guedes
Filologia Portuguesa	Álvaro Ferdinando Souza Silveira
Língua e Literatura Francesas	Madeleine Manuel
Língua e Literatura Inglesas	Melissa Stodart Hul

FONTES: PAIM (1981); VICENZI (1986)

Não conseguimos informações sobre a maioria dos professores da Escola acima. Quiça alguns fizessem parte da Associação Brasileira de Letras (ABL). Cabe , entretanto destacar que Anísio Teixeira frequentava eventos na ABL e até publicou artigo em revista da Instituição, titula de *Revista Brasileira*, no ano de 1935. “As professoras Madeleine Manuel e Melissa Hull, da Escola de Filosofia e Letras, eram, respectivamente, de origem francesa e inglesa”. (VICENZI, 1998, s/p) e, possivelmente, foram contratadas durante a viagem que Afrânio Peixoto fez, em 1935, a Europa para contratar professores estrangeiros para lecionar na UDF. Portanto,

[...] seguindo os exemplos da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e da Faculdade de Filosofia da USP, que tinham feito o mesmo. Da França enviou ele carta a Anísio Teixeira, explicando as condições de contratação dos professores franceses: ficariam no Brasil de março a novembro e passariam dezembro, janeiro e fevereiro em seu país natal. Receberiam um ordenado relativamente elevado, em termos brasileiro, "por causa da desvalorização de nossa moeda" (Peixoto, 1935). As passagens seriam pagas de forma seguinte: um terço do preço total caberia à UDF; outro terço seria oferecido pelo Governo francês; e o terço restantes seria coberto pelo próprio professor interessado em lecionar no Brasil. Assim vieram para a UDF muitos professores franceses, tais como: Henri Hauser (História moderna e econômica); Gaston Leduc (Economia política); Etienne Souriau (Psicologia do trabalho e da arte); René Poirier (Filosofia); Henri Tronchon (História); Émile Brehier (Filosofia); Eugene Albertini (História); Pierre Deffontaines (Geografia, que também lecionara na USP); Rober Garric (Literatura francesa, igualmente da USP). (VICENZI, 1986, s/p)

E Vicenzi (1986) informa, também, que posteriormente chegaram Henri Frenchou, da Universidade de Letras de Strasbourg, Jacques Peret, da Universidade de Letras de Montpellier, e Jean Boucier.

QUADRO13: Professores do Instituto de Artes da UDF, no ano de 1935.

Instituto de Artes	
Cadeira (disciplina)	Nome do professor (a)
Arquitetura	Lúcio Costa e Carlos de Azevedo Leão
Urbanismo	Nestor de Figueiredo
Pintura Mural e cavalete	Cândido Portinari
Escultura Monumental e de Salão	Celso Antônio de Menezes
Artes Decorativas	Georgina de Albuquerque
Artes Plásticas e Industriais	F. V. do Nascimento, Gilberto Trompowsky e Sylvia Meyer
Música e Canto Orfeônico	Heitor Villa-Lobos e Lorenzo Fernande
História e Música, Harmonia Prática Instrumental, Teoria Musical e Prática Orfeônica	J. C. Andrade Muricy, Albuquerque Costa e Arnaldo Estrella

FONTE: VICENZI (1986) e PAIM (1981)

Cabe destacar a presença no quadro de docentes do Instituto de Artes de Lúcio Costa, arquiteto que projeta Brasília, bem como de Cândido Portinari e Heitor Villa-Lobos, que dispensam apresentações.

Mais tarde vieram outros profissionais, alguns já renomados, integrar os quadros de professores da UDF, foram eles: Edmundo da Luz Pinto, Prudente de Moraes neto, Cornélio Penna, Josué de Castro, Heloísa Alberto Torres, Afonso Pena Jr. Roberto Accioly, Tavares Barros, José Maria Bello, Arthur Ramos, Nelson Romero, João Capistrano Raja Gabaglia, João Baptista Mello e Souza, Sérgio Buarque de Holanda, Cecília Meirelles, Luís de Barros Freire, Mario Casassanta, Mário de Andrade, Joaquim Costa Ribeiro e Othon Leonardos. (PAIM, 1981; VICENZI, 1986)

Nesta nova lista de professores, mais nomes de reconhecimento nacional e internacional, pela qualidade das produções nas suas respectivas áreas de atuação. Cabe destacar que Heloísa Alberto Torres foi diretora, por muitos anos, do Museu de História Natural. Vicenzi (1986) acrescenta que: “A UDF contratou, igualmente, alguns professores da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, como Donald Pierson (Sociologia) e Robert Park (Sociologia urbana), ambos norte-americanos, oriundos da Escola de Chicago”. (VICENZI, 1986, s/p)

No que se refere a estes dois últimos professores, acrescentamos que Robert Park, professor da Universidade e interessado por pesquisas sociológicas sobre relações raciais, incentiva, ao tornar-se orientador de Donald Pierson que o mesmo desenvolva sua pesquisa de doutorado no Brasil, o que se concretiza e resulta, inclusive, na publicação de um livro, titulado de *Branco e Pretos na Bahia: Estudo de Contato Racial*, publicado em português em 1945, pela Companhia Editora Nacional, com introduções de Artur Ramos e Robert Park.

Antes de vir para o Brasil, Donald Pierson fez um treinamento prévio de como desenvolver pesquisas sociais, sobre relações raciais, enquanto assistente de seu orientador, Robert Park, na Universidade de Fisk (Instituição criada, por iniciativa de grupos protestantes, para atender a população negra do sul dos EUA, após a guerra civil americana), localizada em Nashville-Tennessee, nos Estados Unidos, e que à época, atraiu renomados estudiosos de questões sócias, como: Frans Boas; Otto Klineberg; Melville Herskovites e Frazier (estes dois últimos com pesquisas que, também, resultaram em publicações referentes a Bahia), entre outros. Na oportunidade, Donald Pierson ministra aulas sobre Brasil fundamentando-se em leituras de obras de autores como, Oliveira Vianna, Gilberto Freire e Rüdiger Bilden. (MAIO, 2017)

Após a experiência na Universidade de Fisk, Donald Pierson vem para o Brasil e chega ao Rio de Janeiro, em julho de 1935, mês em que o Distrito Federal inaugurava sua Universidade. Ao chegar, estabelece contatos, entre outros, com Anísio Teixeira, então reitor pró-tempore da UDF, Artur Ramos, então chefe da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do IPE e, posteriormente, docente da UDF, assim como com Gilberto Freire, então professor de Sociologia e Antropologia da UDF, e Oliveira Vianna, ambos autores dos livros que fizeram parte das leituras prévias de Donald Pierson, sobre relações raciais no Brasil.

Além de Park, o antropólogo Robert Redfield e o sociólogo Louis Wirth também se envolveram na orientação das atividades de Pierson no Brasil, que, além do trabalho de campo, foi encarregado da dupla missão de sondar as possibilidades de pesquisas em Ciências Sociais no país e de estabelecer contato com setores da intelectualidade local que eventualmente

pudessem contribuir para o estudo de contatos de raça e cultura em escala transnacional. (MAIO, 1917, p.121)

A partir de tradução livre de carta, enviada por Donald Pierson a Robert Park, Robert Redfield e Luiz Wirth, em 8 de novembro de 1935, composta de duas folhas e arquivada na pasta 62, do Fundo Donald Pierson, Arquivo Leuenroth, UNICAMP, Mayo (2017), informa que:

Pierson relata [aos orientadores] o interesse de Anísio Teixeira, então a frente da Secretaria de Educação do Distrito Federal, em promover o intercâmbio entre professores da Universidade do Distrito Federal, criada em 1935 como parte de seu programa de reestruturação do ensino público no Rio de Janeiro, e da Universidade de Chicago. (MAIO, 1917, p.135)

A informação referente à carta, inclusive com localização, fornecida pelo Professor Marcos Chor Maio, da Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ), é mais um exemplo da presença de um *Espírito Científico* em Anísio Teixeira, e que vai ao encontro dos que clamavam por uma institucionalização da pesquisa e da pós-graduação no Brasil e, neste caso específico, as referentes a área das ciências humanas.

Como voltaremos a esta questão em tópico posterior, continuaremos a apresentar as outras unidades constituintes da UDF. Antes porém, informamos que o engenheiro Teodoro Sampaio, preto, considerado da raça negra à época, consagrado profissional e contemporâneo de Anísio Teixeira no Centro de Estudos da Congregação Mariana, vinculada ao Colégio Antônio Vieira, foi informante na pesquisa de doutorado de Donald Pierson. Portanto, há possibilidade de Dr Anísio ter sido o intermediário da maioria dos contatos que abriram as portas para que a pesquisa de Donald Pierson se concretizasse na Bahia. Assim como ocorreu com Fernando de Azevedo, Pierson vai manter uma convivência duradoura com Anísio Teixeira e que se mantém através de cartas.

De forma similar ao estabelecido para o preenchimento das cadeiras das outras Escolas da UDF, os professores que passaram a integrar o quadro docente da *Escola de Ciências*, aportavam currículos que os credenciavam para um exercício profissional diferenciado na Instituição, como pode ser constatado a seguir:

QUADRO 14: Professores do Instituto de Ciências da UDF, no ano de 1935.

Escola de Ciências	
Cadeira (disciplina)	Professor (a)
Matemática	Lélio Gama e Francisco M. de Oliveira Castro
Química	Alfredo Schaeffer e Durval Potyguara E. Curty,
Física	Bernhard Gross e Plínio Sussekind da Rocha
Mineralogia e Geologia	Djalma Guimarães e Victor Leinz
Botânica	Alberto José de Sampaio e Carlos Vianna Freyre
Zoologia	Lauro Travassos e Herman L

FONTES: PAIM (1981); VICENZI (1986)

Sobre alguns destes professores, Vicenzi (1989) acrescenta:

Cumprir lembrar que vários dos professores contratados para a Escola de Ciências da UDF eram alemães que se encontravam no Brasil trabalhando em outras instituições. Por exemplo, Bernhard Gross, formado pela Universidade de Stuttgart, trabalhava no Instituto Nacional de Tecnologia; Alfredo Schaeffer, formado pela Universidade de Munique, ensinava na Escola Técnica do Exército; e Victor Leinz, doutor em ciências pela Universidade de Heidelberg, também trabalhava no Instituto Nacional de Tecnologia, junto a Otto Rothe, doutor em química. (VICENZI, 1986, s/p)

E acrescenta a lista Karl Arens, de botânica, um outro professor estrangeiro, de origem alemã, que lecionou na UDF, mas que também pertencera ao corpo docente da USP. (VICENZI, 1986)

O vestibular para ingresso na Universidade ficou com inscrições abertas até 22 de junho de 1935 e o início dos cursos agendados para julho do mesmo ano. Entretanto foram adiados o início dos cursos projetados para formar, especificamente, o profissional inteiramente dedicado à pesquisa. Para os gestores da Universidade, a Instituição necessitava de amadurecimento e fermentação para o pleno florescimento da ciência. (VICENZI, 1986)

Segundo depoimentos de ex-alunos da UDF, o vestibular foi extremamente difícil e longo. Para ser aprovado, o candidato deveria obter nota cinco em cada disciplina e média geral acima de seis. As provas de francês e inglês – ambas obrigatórias – não reprovavam, mas apenas classificavam. Os alunos que demonstrassem domínio dessas línguas ficavam dispensados de cursá-las na universidade. Mas constituíam disciplinas obrigatórias para os estudantes que apresentassem alguma dificuldade na tradução ou na compreensão geral desses idiomas. (VICENZI, 1986, s/p)

Em discurso proferido na aula inaugural da Instituição é possível perceber qual seria, na concepção de Anísio Teixeira a função da Universidade e, portanto da que ora iniciava suas atividades, conforme pode ser conferido no trecho que se segue:

[...]A função da Universidade é uma função única e exclusiva. Não se trata somente de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente, de preparar práticos ou profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas do que universidades. Trata-se de manter uma atmosfera de saber, para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. [...] Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva. [...] Trata-se de difundir a cultura humana, mas de fazê-lo com inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, a atração e o ímpeto do presente. O saber não é um objeto que se recebe das gerações que se foram, para a nessa geração, o saber é uma atitude de espírito que se forma lentamente ao contato dos que sabem. A Universidade é, em essência, a reunião entre os que sabem e os que desejam aprender. Há toda uma iniciação a se fazer. E essa iniciação, como todas as iniciações, se faz em uma atmosfera que cultive, sobretudo, a imaginação. . . Cultivar a imaginação é cultivar a capacidade de dar sentido e significado às coisas. A vida humana não é o transcorrer monótono de sua rotina quotidiana, a vida humana é, sobretudo, a sublime inquietação de conhecer e

de fazer. É essa inquietação de compreender e de aplicar, que encontrou afinal a sua casa. A casa onde se acolhe tôda a nossa sêde de saber e tôda a nossa sêde de melhorar, é a Universidade. Tanto mais ficamos capazes de compreender - pelos processos científicos modernos - tanto mais ficamos capazes de aplicar, sob forma nova, o que compreendemos [...]. (TEIXEIRA, 1962, p.183)

No trecho percebermos que a mensagem que Anísio Teixeira perpassa nas entrelinhas, é a de que o saber a ser cultivado na universidade, deve ser um saber vivo, ou seja, um saber que se proponha a acompanhar, através da pesquisa, as mudanças que estão sempre por vir.

Para tanto defende, explicitamente, um conhecer e um fazer atrelado a processos científicos. Deixa, portanto, claro a importância de fomentar a pesquisa nas Universidades, como a que estava a inaugurar, para que o hábito de cultivá-la floresça e, através dos egressos dos cursos, possa dar bons frutos em outros espaços, sejam públicos ou privados.

Apesar do pouco tempo de existência da UDF, é possível afirmar que a mesma fez história e gerou frutos, como almejava Dr Anísio, como pode ser conferido na história profissional de Oswaldo Frota-Pessoa (1917-2010).

Natural do Rio de Janeiro, Frota Pessoa, como ficou conhecido no meio acadêmico, ingressa aos 17 anos, na Faculdade de Medicina. Como ele mesmo justifica, não havia ainda na época, cursos que formassem profissionais nas áreas das ciências básicas, até que a Universidade do Distrito Federal (UDF) abriu um curso de história natural. Em sendo assim, sem desistir do curso de medicina, se inscreve no curso da UDF, e o conclui em 1938. Três anos depois, forma-se na Faculdade de Medicina.

Sendo testemunha do momento histórico do início de funcionamento da Universidade em tela, pois foi aluno da primeira turma do curso de história natural da UDF, que carregava o lema *Escola Imitando a Vida*, reproduzimos, na íntegra, a entrevista concedida por Frota-Pessoa, com 87 anos, aos pesquisadores Bernardes Esteves, Ildeu Moreira, Luiza Massarani e Carla Almeida em 2004, para os arquivos da Fiocruz.

Nesta entrevista, Frota-Pessoa fala dos quase setenta anos que se dedicou a pesquisa, ao ensino, a divulgação de ciência e esclarece sobre como este percurso estava fortemente associado aos estudos realizados na UDF e ao início de sua carreira, como poderá ser constatado a seguir:

Em 1935, o senhor cursava medicina na Universidade do Brasil quando decidiu entrar para o curso de história natural na Universidade do Distrito Federal (UDF). Por que tomou essa decisão?

Foi meio por acaso. Eu estava andando um dia pela Cinelândia, quando encontrei meu colega Newton Dias dos Santos. Tínhamos estudado juntos em uma escola no subúrbio do Rio, o Ginásio Arte e Instrução. Ele me contou que havia sido criado um curso de história natural na recém-inaugurada UDF e que estavam aceitando candidatos só até o dia seguinte. Como tínhamos entrado em medicina por gostarmos de biologia, por influência de nosso excelente professor Hernani de Brito, fomos correndo nos inscrever, já que surgia a oportunidade de estudarmos história natural. Entraram 18 alunos nessa primeira turma.

A UDF foi criada por Anísio Teixeira para seguir um novo modelo de ensino. Quais eram as novas metodologias propostas pela instituição?

Na década de 1930, desenvolveu-se um grande interesse pela melhoria dos métodos de ensino. No Distrito Federal, Rio de Janeiro na época, houve uma influência muito forte da escola norte-americana de pedagogia. O grande líder do movimento norte-americano era o filósofo John Dewey. Anísio Teixeira foi para os Estados Unidos fazer doutorado com Dewey. Quando voltou, divulgou no Brasil suas idéias e traduziu seus livros. O lema de Dewey era "escola imitando a vida", com um olho no social muito importante. Essa era uma proposta completamente diferente naquele tempo. Quando assumiu a Secretaria de Educação da Bahia, Anísio Teixeira fez uma boa adaptação dessa filosofia. Depois foi chamado para trabalhar no Rio e fundou a UDF, seguindo os ditames da Escola Nova. Procurou os melhores pesquisadores do Brasil em cada área para nomeá-los como professores da UDF, mesmo que nunca tivessem dado uma aula. Isso foi formidável.

O que caracterizava essa nova experiência educacional?

Os professores tinham exatamente o perfil proposto por Anísio Teixeira. Lauro Travassos, naturalista do Instituto Oswaldo Cruz, tinha um laboratório enorme com coleções de helmintos. Em nosso primeiro encontro, ele propôs que começássemos o estudo da zoologia pelos insetos. Ele nos deu um mês para colhermos uma coleção de insetos e estudá-la devidamente. Baseado em nosso estudo, ele fez uma síntese da evolução dos insetos. O professor Alberto Sampaio, chefe do departamento de botânica do Museu Nacional, em sua primeira aula, mostrou uma lista de famílias de plantas que não eram bem conhecidas no Rio de Janeiro e sugeriu que nos juntássemos em grupos para estudá-las. Newton Santos e eu escolhemos a família das saxifragáceas [“família de plantas floríferas, da ordem das rosales, constituída de ervas e arbustos cujas flores se congregam em inflorescências amplas e compactas” – definição do Aurélio]. Fomos para o herbário descobrir como a planta era seca. Depois fomos à caça da planta viva. Durante uma excursão a Teresópolis, subimos a cavalo o Campo das Antas e chegamos a um lugar que parecia ser onde encontraríamos nossa planta. Desmontei do cavalo e saí correndo para ser o primeiro a fazer a descoberta. Newton, fumando seu cigarrinho montado no cavalo, me gritou: “Frota, essa saxifragácea tem flores cor de rosa?” “Tem”, respondi. “Pois você amarrou seu cavalo nela!”. Esses exemplos mostram bem o conceito de ensino completamente novo que Anísio queria implementar, em que ensinar é fazer o indivíduo trabalhar e não apenas repetir o que outros descobriram.

Foi no curso de história natural da UDF que surgiu seu interesse pelo ensino?

Os 18 estudantes da turma se formaram e foram nomeados, pela prefeitura do Distrito Federal, professores. Fui dar aula de ciências no colégio Rivadavia Corrêa, no centro do Rio. Começamos a colocar em prática as novas técnicas de ensino. Eu me encontrava toda semana com alguns colegas em uma espécie de reunião científica, para contarmos as novidades que descobríamos.

Que efeito o novo método teve entre os professores?

O negócio pegou fogo nas escolas primárias do governo. Os professores começaram a atuar em suas classes com a técnica de Dewey, fazendo as crianças trabalharem por si mesmas. Anísio Teixeira e outros líderes formaram, na Associação Brasileira de Educação (ABE), um grupo de professores empenhados no aperfeiçoamento dos métodos de ensino. As novas técnicas foram divulgadas também em outros estados. Os professores saíam do Rio em um navio e faziam conferências sobre métodos de ensino em diversos portos. O resultado foi um surto de melhoria de ensino formidável.

Esse movimento teve, a seu ver, algum impacto direto na divulgação científica?

Imagino que sim. Não me recordo de uma época tão rica quanto aquela, em termos de divulgação da ciência. Formaram-se excelentes divulgadores, como José Reis. Os jornais mantinham colunas especializadas em divulgação científica, como o suplemento “Ciência para Todos” do jornal A Manhã, e minha coluna do Jornal do Brasil, “Ciência em Marcha”...

Qual foi sua primeira contribuição para a divulgação científica?

Foi em 1938. Eu tinha acabado de me formar. Escrevi um artigo e o enviei à revista Vamos Ler, a Vejadaquela época. Fiquei esperando para ver se era publicado. E foi. Era um texto sobre genética, “Por que se parecem os filhos com os pais?” [...]

Em que outras revistas colaborou?

Em 1937, uns colegas e eu fomos trabalhar na estação de piscicultura fundada por Rodolfo von Ihering, no interior de São Paulo. Começamos a escrever para o suplemento chamado “Folhas de Piscicultura”, da revista O Campo, que circulava na comunidade rural. Em cada número da revista saía artigos nossos. Escrevi também para a Revista da Semana, o Diário Carioca e para o suplemento “Ciência para Todos”, do jornal A Manhã. Antes disso, tinha uma coluna de xadrez no Jornal do Brasil, que depois me deu espaço para escrever uma coluna semanal sobre biologia chamada “Ciência em Marcha”. Na época, meu pai [José Getúlio da Frota Pessoa] escrevia a coluna “Educação e Ensino” no mesmo jornal.

O “Ciência para Todos” foi uma iniciativa sem precedentes. Pela primeira vez, um jornal diário dedicava tanto espaço a assuntos científicos e durante tanto tempo. O senhor lembra como surgiu o suplemento?

Ernani Reis dirigia o jornal A Manhã. Muito interessado em ciência e divulgação – talvez por influência do irmão [José Reis] –, convenceu o dono do jornal a fazer um suplemento de ciência. O primeiro editor do “Ciência para Todos” foi Fernando Reis, sobrinho de Ernani. Ele fez um trabalho fantástico.

Qual era a periodicidade do suplemento?

Era mensal. Saía no último domingo de cada mês e tinha uma média de 12 páginas. Em cada número, saía o perfil de um grande cientista. Havia as seções “A piada científica”, “Ciência e Literatura”, “Ciência e propaganda”...

Qual era sua relação com Fernando Sousa Reis? Foi ele quem te convidou para colaborar no “Ciência para Todos”?

Foi. Eu conhecia o tio dele, José Reis. Através dele, Fernando entrou em contato comigo e convidou-me para escrever no suplemento. Falei com alguns colegas e eles chamaram outros interessados em colaborar – a maioria da UDF. Todos nós que escrevíamos para o suplemento estávamos envolvidos com pesquisa científica e entusiasticamente mobilizados na melhoria do ensino. Era uma forma de difundir as novas técnicas educacionais que foram testadas na gente. O “Ciência para Todos” foi um dos reflexos desse movimento do ensino.

Quem mais colaborava para o suplemento?

Era um grande grupo. Tinha Newton Dias dos Santos, Haroldo Travassos, Ayrton Gonçalves da Silva, Fritz de Lauro, Boavista Nery... A maioria meus colegas da UDF. Eu escrevia artigos sobre biologia.

O senhor mesmo escolhia o tema de seus artigos?

Os meus artigos de biologia faziam parte de uma série com temas escolhidos por mim. Eu procurava levar em conta o que era interessante para o público dentro de uma contextualização histórica.

O suplemento contava com respaldo da comunidade científica?

A recepção era muito boa. Ele tinha grande circulação entre os pesquisadores e entre os alunos universitários.

No suplemento, havia uma seção de cinema educativo... O cinema também era uma ferramenta que estava sendo experimentada no novo modelo de ensino?

O cinema educativo é, sem dúvida, uma ferramenta excelente de ensino. Um dos nossos colegas, Fritz de Lauro, era louco por isso. Uma vez por semana, convocava alunos de escolas da cidade, passava filmes e fazia comentários. Ele desenvolveu uma técnica de usar o cinema na educação que era muito interessante. Passava um filme e em vários trechos interrompia para perguntar: “O que vocês acham que vai acontecer agora?” Ele fazia uma mistura de cinema com conversa. Na década de 1930, Edgard Roquette-Pinto fundou o Instituto de Cinema Educativo (INCE) do governo. O INCE tinha um cadastro de filmes que eram franqueados aos professores. Pegávamos emprestados filmes para passar em sala de aula ou levávamos os alunos ao instituto para assistir aos vídeos.

Naquela época, qual era a grande preocupação na hora de escrever e de falar para o público não-especializado?

Era uma aventura a vida da gente naquele tempo. Estávamos vivendo experiências novas no ensino e na pesquisa científica. Em nossos artigos, usávamos um estilo inspirado nas técnicas que utilizávamos profissionalmente. Para entender bem isso, é preciso lembrar que aquela época foi de grande evolução dos métodos de ensino. A fundação da Universidade do Distrito Federal marcou uma época por causa disso. Não era apenas uma universidade. A UDF foi a grande disseminadora de novas técnicas de ensino. Quando escrevíamos em jornais e revistas, pensávamos no interesse e na importância do assunto. Mas não pensávamos na forma. Escrevíamos com base na formação que tínhamos. Fazíamos no jornal como fazíamos nas salas de aula.

Como eram tratados os alunos nessa nova maneira de ensinar?

Víamos os estudantes como células vivas em desenvolvimento. O que podíamos fazer era dar-lhes problemas e técnicas de trabalho para que aprendessem por si mesmos. Essa é a essência do Dewey. Formar um cidadão. Na verdade, a gente nem sabia que estava fazendo isso. Hoje, imagina-se que tínhamos toda uma técnica já pensada por trás, mas não tínhamos. O fato é que também nós éramos formados dentro dessa onda.

O senhor dedicou quase setenta anos da sua vida ao ensino. Que iniciativas destacaria?

A última coleção que escrevi, *Os Caminhos da Vida* [editora Scipione, 2001], mostra bem o que tentei fazer durante minha vida. Em *Biologia na Escola Secundária* – primeiro livro que escrevi, a pedido de Anísio Teixeira – já tinha a preocupação com a formação de professores. Ministrei cursos de reciclagem pelo Brasil afora. Na década de 1950, trabalhei dois anos na Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington, como especialista em ensino de ciências, ajudando a implantar na América Latina métodos de ensino mais eficientes. Fiz parte do comitê assessor da Organização Mundial de Saúde (OMS), como consultor em genética humana. Essas atividades forneciam material para novos livros e artigos, que publicava com discípulos e colaboradores.

Além dos livros, o senhor escreveu pelo menos 700 artigos de divulgação científica. Como o senhor avalia sua contribuição na área?

Meu trabalho de divulgação foi também inspirado na renovação dos métodos de ensino, pois a divulgação científica tem posição importante na educação continuada do adulto.

O que representou para o senhor ser o segundo brasileiro, depois de José Reis, a receber o Prêmio Kalinga, em 1982?

Surpresa. Eu tinha ganho um ano antes o Prêmio José Reis de Divulgação Científica, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os documentos já estavam reunidos e foi fácil mandar tudo para Paris. Como havia muitos candidatos com pouca experiência, aconteceu de eles me escolherem.

Alguns dos estudos realizados sobre esses surtos de educação e divulgação científica mostram que eles são, até certo ponto, internacionais. Depois da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, cresceu significativamente o interesse pela divulgação e educação em ciência, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Esse surto teve reflexos no Brasil?

Houve realmente uma grande explosão, o que contribuiu enormemente para a melhoria dos livros didáticos. Essa explosão teve repercussão no Brasil também. No início dos anos 1960, Miriam Krasilchik, que foi vice-reitora da Universidade de São Paulo (USP), e eu fomos para os Estados Unidos colaborar com o grupo de trabalho que estava produzindo os novos livros didáticos de biologia, de acordo com as melhores técnicas pedagógicas. Passamos um mês na Universidade de Colorado com uns 80 especialistas norte-americanos. A idéia era elaborar material que colocasse o aluno em contato real com a ciência.

Como o senhor avalia a divulgação científica feita nos jornais e revistas nas décadas de 1940 e 1950 e a cobertura científica de hoje?

Mudou bastante. Naquele tempo, os divulgadores eram professores secundários ou universitários que gostavam de escrever.

Ninguém era jornalista. Aprendíamos na prática. Não havia a sistematização que há, hoje, em uma sala de jornal. Tudo acontecia de maneira bastante informal. Os cursos de jornalismo abarcaram a tarefa de formar o divulgador científico. As equipes estão mais especializadas e experientes.

O senhor vê a profissionalização do divulgador como um aspecto positivo ou negativo?

Isso é muito positivo. É importante ter cursos de especialização em divulgação científica dentro das escolas de jornalismo.

Na sua opinião, por que os novos métodos de ensino, disseminados por Anísio Teixeira e por aqueles estudantes formados segundo a filosofia “escola imitando a vida”, não vingaram?

A minha opinião é de uma simplicidade trágica. Nos últimos 50 anos, a população escolar aumentou sem que se tomasse cuidado de melhorar a formação e, principalmente, o salário dos professores. Isso fez com que os que têm melhor nível procurassem trabalhos mais compensadores. A recuperação de níveis aceitáveis de ensino só pode proliferar mediante um esforço hercúleo para que se melhore sensivelmente a formação e a remuneração dos professores que continuam na profissão.

(FROTA-PESSOA, 2010, s/p)

É interessante perceber a quantidade de vezes com que Frota Pessoa se refere às ações executados por ele, em conjunto com outros colegas da UDF, ainda nos anos 1930, em prol da educação e da ciência no Rio de Janeiro. E o destaque que dá às ideias e ações de Dr Anísio nas suas respostas.

Cabe destacar que muitos dos egressos de cursos da UDF, se tornaram professores da própria Universidade ou, como Frota Pessoa, da rede de ensino básico do Distrito Federal. No último caso, segundo Vicenzi (1986), “porque assim como ocorrera, em 1934, na FFCL da USP, a UDF também encontrou, no início, grandes dificuldades em conseguir alunos para suas novas escolas”. (VICENZI,1986, s/p) E complementa dizendo que, no caso da rede básica, o motivo foi o seguinte:

Mas, no antigo Distrito Federal, os problemas eram ainda maiores[que o da USP] em razão da hostilidade do Ministro Capanema. Para evitar seus temidos efeitos, Anísio Teixeira teve pressa em colocar os cursos em pleno funcionamento, sem, contudo, fazer muito alarde. a solução, como na USP, foi saírem os professores da UDF à cata de alunos matriculados em outras instituições superiores, onde tivessem facilidades de acesso. Faziam propaganda dos novos cursos programados e acenavam com algumas vantagens tangíveis. Desse modo, foi prometido aos diplomados pela UDF que, uma vez formados, ingressariam diretamente como professores nas escolas municipais, sem necessidade de prestar concurso público. A perspectiva apresentava-se bastante razoável, em se considerando que o cargo era estável e permitia a acumulação com outras atividades. Além disso, conquanto não gozassem eles da mesma importância social e salarial dos advogados, médicos e engenheiros, a situação econômica e social dos professores secundários era, na década de 30, bem superior à atual. Eis porque os discentes da primeira turma da UDF, em sua grande maioria, partilhavam de uma característica importante: já possuíam ou estavam em via de granjear diploma de curso superior, conferido por outra instituição. Os homens, em sua maior parte, provinham das faculdades de direito, e as mulheres, da Escola de Educação, que desde 1932 oferecia formação profissional em nível semelhante à do vestibular. Mas apareceram também candidatos oriundos das escolas de medicina, farmácia, engenharia e odontologia. (VICENZI,1986, s/p)

Além de destacar a estratégia para preenchimento das vagas, o que de certo modo beneficiou a rede básica, chamamos atenção para o interesse manifesto de alunos de cursos tradicionais migrarem para outros até, então, não oferecidos na capital do país e quiça em todo território nacional.

Para completar informamos que as bibliografias de Frota-Pessoa registram a publicação de aproximadamente 150 artigos de pesquisa, 50 sobre ensino e mais de 700 de divulgação científica. A autoria de 36 livros didáticos e 17 guias para professores. E que o mesmo recebeu, em 1981, o *Prêmio José Reis de Divulgação Científica*, iniciativa do CNPq e, um ano depois, o *Prêmio Kalina*, ortogado pela UNESCO.

Na atualidade o Instituto de Biociências da USP, instituiu o Prêmio Osvaldo Frota -Pessoa de Incentivo a Pesquisa.

O curso na Escola de Ciências consistia de aulas práticas de laboratório e também excursões para coleta de material, no caso de mineralogia e história natural. Eram utilizados os laboratórios da Politécnica (mineralogia e geologia), da Escola Nacional de Veterinária (zoologia), do Museu Nacional (botânica), tendo sido montado, em dependências do Instituto de Educação, laboratório para Embriologia e Anatomia Comparada, sob a direção de Carlos Werneck. Muitos de seus alunos já haviam freqüentado ou continuavam cursando medicina e engenharia. (PAIM, 1981, p.75)

Outros alunos da UDF “excepcionalmente brilhantes, pelo fato de já possuírem diploma superior, foram logo admitidos como professores-assistentes dos seus mestres, na UDF, onde passaram a lecionar no ano seguinte”.(VICENZI,1986, s/p). Como complemento Paim (1981) nos informa que no caso da Escola de Ciências, tendo sido escolhido para assumir a direção Roberto Marinho de Azevedo,

[...] participante ativo do movimento que deslocou o positivismo da Escola Politécnica, fundador e diretor da Academia de Ciências, pôde atrair um grupo de professores plenamente identificados com a idéia de promover o estudo desinteressado das ciências, na esperança de formar pesquisadores e também bons professores para essas disciplinas. Assim, mobilizou Lelio Gama, da Escola Politécnica e do Observatório Nacional para dirigir os cursos de matemática; Lauro Travassos, do Instituto Oswaldo Cruz, para o curso de Zoologia; Alberto José Sampaio, do Museu Nacional, para o curso de Botânica; e Djalma Guimarães, do Serviço Geológico e Mineralógico, para o curso de Mineralogia, todos membros da Academia de Ciências. Além destes, contou a Escola com os seguintes professores estrangeiros: Bernard Gross, diplomado em Física pela Universidade de Stuttgart e técnico do Instituto Nacional de Tecnologia; Alfred Schaefftr, diplomado em Química pela Universidade de Munich, professor da Escola Técnica do Exército; Viktor Leinz, doutor em ciências pela Universidade de Heidelberg, e Otto Rothe, doutor em química, ambos trabalhando no Instituto Nacional de Tecnologia. Além dos professores que já então haviam adquirido notoriedade, a direção da Escola de Ciências atrairia ao seu magistério alguns jovens recém-formados e que a posterioridade revelaria como autênticas vocações científicas, tendo complementado a sua formação na UDF, como Plínio Sussekind (Física), Francisco Mendes de Oliveira Castro (Matemática), Hugo Souza Lopes, Herman Lent e Gustavo de Oliveira Castro, mais tarde conhecidos entomologistas, todos professores de escolas técnicas secundárias do Distrito Federal, e Joaquim Costa Ribeiro que, logo ao concluir o curso de engenharia fora contratado como Assistente pela Escola Politécnica. (PAIM, 1981,74)

Tomando como ponto de referência a citação acima adicionamos um recorte da entrevista de Frota-Pessoa sobre um dos professores enumerados, ou seja:

Lauro Travassos, naturalista do Instituto Oswaldo Cruz, tinha um laboratório enorme com coleções de helmintos[vermes]. Em nosso primeiro encontro, ele propôs que começássemos o estudo da zoologia pelos insetos. Ele nos deu um mês para colhemos uma coleção de insetos e estudá-la devidamente. Baseado em nosso estudo, ele fez uma síntese da evolução dos insetos. (FROTA-PESSOA, 2010, s/p)

É, sem dúvida, o *Método Experimental Científico* de Dewey em ação e que, é a antítese do *Positivismo* de Auguste Comte.

Como fomos destacando ao longo do tópico, fica evidente que a *Escola de Educação* tinha a finalidade de promover a formação do magistério e atuar como centro de documentação e pesquisa para a formação de uma cultura pedagógica nacional.

Quanto a *Escola de Ciências*, seria a formação de especialistas e pesquisadores. E Paim (1981) nos informa que:

Pelo menos no que respeita à formação de professores de ciência, de nível superior, bem como de pesquisadores, parece plenamente justificada. Com a formatura dos

primeiros diplomados, os que tomaram a seu cargo consolidá-la do ponto de vista didático, dão por encerrada sua missão, a começar de Afonso Penna Junior, que passa a reitoria a José Baeta Vianna, bioquímico de renome da Faculdade de Medicina de Minas Gerais, então responsável pelo curso de química da Escola de Ciências da UDF. Roberto Marinho de Azevedo transmite a direção da Escola de Ciências ao conhecido professor pernambucano Luís Freire. No ano letivo de 1938 já a Universidade conta com uma equipe cuja formação seria complementada em seu próprio seio, apta a substituir Bernard Gross, Lelio Gama, Lauro Travassos, Alberto José Sampaio, Otto Rothe e Alfred Schaeffer. (PAIM, 1981,75)

E Paim (1981) complementa que:

Essa equipe seria integrada, na maioria dos casos, por jovens professores que mais tarde viriam a adquirir reputação científica, como Joaquim Costa Ribeiro, que assume a Cadeira de Física e a direção desse curso, tendo como assistente a Luiz da Costa Dodsworth Martins; no Curso de Matemática, Henrique de Almeida Fialho (adjunto) e Silvio Pinto Lopes (assistente); João Moojen de Oliveira, como titular da Cadeira de Biologia, assistido por Ennio Vellozo de Faria e José Antunes; Antenor da Silveira Peixoto, titular da Cadeira de Química Inorgânica, tendo a Danilo Alves Nobre como assistente; João Geraldo Szyska, a de Química Orgânica, com Walter Forster como assistente. Na direção dos cursos de Geologia e Botânica permanecem professores estrangeiros (Viktor Leinz e Karl Arens), reunindo como assistentes a a Elysatio Tavora Filho, Emanuel Azevedo Martins e Ulysses José Lopes. Para dirigir o Curso de Matemática foi convidado o Prof. Luiz Freire, da Escola de Engenharia de Pernambuco, que, entretanto, exerceria as funções apenas por alguns meses, o mesmo ocorrendo em relação à sua permanência à frente da Escola de Ciências. (PAIM, 1981,75)

Alguns destes egressos da UDF, nas suas respectivas áreas de atuação, contribuíram para a consolidação da ciência desenvolvida no Brasil. No caso específico dos da Escola de Ciências, cujo o marco inicial das ciências básicas no Brasil é atribuído, na perspectiva da maioria dos estudiosos, a Carlos Chagas, a UDF formou pesquisadores, além de Oswaldo Frota Pessoa, que atou na Faculdade Nacional de Filosofia e, depois, na Faculdade de Filosofia de São Paulo; Alcides Lourenço Gomes, Ministério de Agricultura (atuando no serviço de pesquisa em psicultura, localizado em Pirassununga – SP e dirigido por Rodolfo Von Ihering); Domingos Arthur Machado Filho, Instituto Oswaldo Cruz; José Antunes, José Lacerda de Araújo Feio, Luiz Emídio Melo filho, Newton Dias dos Santos e Emanuel de Azevedo Martins, Museu Nacional, entre outros.(PAIM, 1981)

Entre os matemáticos pode-se assinalar a presença de Weimar Penna que, mais tarde, ingressaria no Mosteiro São Bento, onde adotou o nome de D. Ireneu, vindo a destacar-se no movimento filosófico de inspiração católica bem como no ensino de matemática. Cabe ressaltar que a UDF abrigou ainda, entre os seus professores, segundo se mencionou, Joaquim Costa Ribeiro, naquela época jovem de 30 anos e que posteriormente iria notabilizar-se como físico de renome internacional. (PAIM, 1981, p.78)

Fica evidente nessa breve apresentação da *Escola de Ciências* da Universidade do Distrito Federal, iniciativa pioneira de Anísio Teixeira, o funcionamento de um ensino de nível superior de caráter desinteressado, na linha do movimento defendido na década de 1920. As possibilidades de despertar vocações eram enormes e factível de iniciar uma tradição científica no país. Entretanto, o interventor do Distrito Federal, em 1938, Olímpio de Melo,

que não tinha esta visão, cogita o seu fechamento, o que precipita que o reitor da URJ, Leitão da Cunha, vislumbre a oportunidade de absorver essa exitosa experiência para dotar a Universidade que dirigia, dos cursos que a tornariam uma universidade autêntica. Desse movimento, concretiza-se a transferência do acervo da UDF, em meados de 1939, para a Universidade do Rio de Janeiro. (PAIM, 1981; VICENZI, 1986)

Na ATA, em anexo, de reunião realizada na ABE, na qual é historiada a luta pela implantação da Universidade do Distrito Federal fica evidente o movimento que a ABE, vinha fazendo em prol da criação de uma Universidade no Rio de Janeiro, desde a criação da Academia, em 16 de outubro de 1924.

Cabe ressaltar que em 23 de julho de 1934, Gustavo Capanema assume o Ministério de Educação em substituição ao ministro Washington Pereira, que, como já referido, estabelece resistência para a criação e funcionamento da UDF. Em sendo assim e pelo já explicitado, fica evidente porque sete dias após a posse do novo ministro, a universidade foi instalada, em caráter de urgência, sem prédio próprio para o funcionamento da reitoria, bem como para as aulas teóricas e praticas. Para o seu funcionamento a universidade utilizou instalações de diversas instituições. A própria “documentação parece ter sido elaborada às pressas, pois alguns itens se mostram fora do lugar e há, também, algumas repetições, provavelmente para esclarecer ou tornar assimiláveis as novidades apresentadas”.(VINCENZI, 1986, s/n)

Pela Ata anexada fica evidente, também, o interesse de que a universidade a ser criada desenvolvesse pesquisa, bem como o porque de muitos membros da ABE terem composto, pelo menos no período inicial da UDF, os quadros de professores da Instituição.

Antes da criação da ABE, duas outras instituições importantes para o processo de consolidação da educação superior no Brasil foram criadas, ou sejam: a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1896, e a Academia Brasileira de Ciências (ABC), inicialmente Sociedade Brasileira de Ciências, em 1916, que contou, entre outros visitantes ilustres, com a presença de Albert Einstein, que proferiu palestra em maio de 1925. Estas organizações tiveram papel relevante, no início do século XX, por se constituírem em espaços de encontro da elite intelectual brasileira da época, para pensar e criar estratégias de ação, que acabaram contribuindo com mudanças no cenário da educação e das ciências vivenciados, até então, no Brasil.

FIGURA 88: Foto tirada entre 1933 e 1935, de um grupo de intelectuais na ABE. Da esquerda para direita o 2º Anísio Teixeira e o 7º Lourenço Filho.



FONTE: CPDOC/FGV

Portanto, membros ou não, e em alguns casos assumindo posições diretivas, como foi o caso de Anísio Teixeira, representantes da elite intelectual do Rio de Janeiro, do início do século XX, se fizeram presentes nestas academias e associações e/ou em suas publicações, discutindo ideias e fortalecendo posições que contribuíram com os debates de questões que lhes eram contemporâneas, especialmente as relacionadas com educação e ciências.

FIGURA 89: Foto tirada em 24 de agosto de 1959, durante evento de diplomação de alguns intelectuais, entre estes Anísio Teixeira, como conselheiros vitalício da ABE. [Esq./dir.: (sentados) Raul Bittencourt, Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Dijalma Bittencourt, Armando Álvaro, Bezerra de Medeiros e Lourenço Filho; Presentes a solenidade (em pé): Léia Scheinwar, Pascoal Leme, Almir Madeira, Iracema França, Joaquina Daltro, Helena Moreira, Risoleta Ferreira, Arlete Pinto, Adalberto Menezes, Darci Ribeiro, Eny Caldeira, Marly Mascarenhas, Dumerval Trigueiro, Lúcia Marques e Ismael França].



FONTE: CPDOC/FGV

Consultando outras atas da ABE, encontramos nomes como, por exemplo, do Capitão-tenente Álvaro Alberto da Mota e Silva, retratado na foto acima, engenheiro e catedrático do Departamento de Físico-Química da Escola Naval, presidente da Sociedade de Química, no período de 1920-1928, membro da Academia Brasileira de Ciências e, posteriormente, por tornar-se estudioso de questões relacionadas com utilização de energia nuclear e de suas implicações sobre as relações internacionais, assume outros cargos de destaque no cenário nacional, relacionados com a temática, como por exemplo a vice-presidência do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), criado em 1949. E o de Venâncio Filho, engenheiro civil, que na Ata da reunião datada de 6 de agosto de 1934, aparece solicitando uma sala da ABE, para atividade comemorativa referente a Euclides da Cunha e, posteriormente, para uma homenagem a Madame Curie (1867-1934). Esta uma das pesquisadoras pioneiras no ramo da radioatividade e primeira mulher a ganhar um prêmio Nobel, que por ter falecido, estava sendo homenageada por muitas instituições, inclusive pela ABC como registrou o ex-aluno de Venâncio, presente na reunião, Menezes de Oliveira. Da Ata datada de 24 de setembro de 1934, destacamos Paulo Barredo Carneiro, bioquímico, com pesquisas sobre o curare¹³⁶ na região da Amazônia e, posteriormente, membro destacado da UNESCO, que fez conferência, considerada mais uma proposta para despertar na Associação interesse pelas questões indígenas. Na oportunidade disse que depois de Rondon (positivista e seu padrinho), nada tinha sido realizado com esses povos. Nesse sentido aproveitou para elogiar a iniciativa de Rodom de criar escolas em algumas aldeias da região.

¹³⁶ Curare é o nome vulgar dado a um conjunto de compostos venenosos, extraídos de plantas da América do Sul, conhecidos como veneno de flecha.

No que se refere a participação de Anísio Teixeira na ABE destacamos que o “primeiro registro que temos da presença de Anísio Teixeira na vida abeana é na III Conferência Nacional de Educação, promovida pela ABE, sob o patrocínio do Governo do Estado de São Paulo, aí realizada em 1929, com ele integrando a delegação da Bahia”. (SILVA, 2000, p.12) E complementa informando que no “dia 19 de outubro de 1931, em Assembleia Geral convocada pelo Departamento do Rio de Janeiro da ABE, é eleito, com Antônio Carneiro Leão, Presidente da Associação Brasileira de Educação”. (SILVA, 2000, p.12)

Durante todo o período que esteve a frente da Educação no Distrito Federal, Anísio Teixeira teve uma participação ativa na ABE, como pode ser constatado a seguir:

Ainda em 1931, [...] é designado oficialmente para presidir a delegação que representa o Distrito Federal na IV Conferência Nacional de Educação. O documento oficial ainda o autoriza a assinar o Convênio sobre a padronização das estatísticas escolares, conhecido como o Convênio Estatístico de 1931, que viria a transformar-se em traço de união da ABE. com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em outros documentos, vemos Anísio Teixeira ser convidado para integrar a Comissão Executiva, sendo relator do tema geral "As grandes diretrizes da educação popular", além de ser incumbido de proferir conferência sobre assuntos de grande interesse para a atualidade educacional, em série da qual participaram também os professores Miguel Couto, Jonathas Serrano, Lourenço Filho, Bello Lisboa, Leon Renault e Gustavo Lessa. [Na] V Conferência, [...] Anísio Teixeira é um dos relatores do tema "Quais devem ser os requisitos da admissão às Escolas Normais" incumbindo-se também da conferência versando o tema "Educação e Sociedade" [...] A VI Conferência Nacional de Educação reuniu-se em 1934, em Fortaleza, Ceará, e não conta com a presença de Anísio Teixeira. Para a realização da VII Conferência o então presidente em exercício da ABE., Afrânio Peixoto, solicita que, por intermédio de Anísio Teixeira, seja feita consulta ao Prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, sobre a possibilidade de patrocínio e de outras providências necessárias à realização de uma Conferência a nível estadual. A resposta é a mais cordial aceitação do convite, seguida de imediatas providências governamentais para que as demonstrações do congresso tenham o maior brilho. Anísio Teixeira integra a Comissão Executiva e a VII Conferência Nacional de Educação realiza-se em 1935, com sessão inaugural no Teatro Municipal, sob a presidência do Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, que passa a palavra ao Ministro da Educação, Gustavo Capanema. (SILVA, 2000, pp.13-14)

Cabe destacar a importância da V Conferência, pois a partir dela foi designada,

[...]uma comissão especial composta de dez educadores indicados pela ABE (Comissão dos Dez) e dos representantes oficiais de todos os Estados do Brasil, do Distrito Federal e do Território do Acre (Comissão dos Trinta e Dois). Essa Comissão elaborou um anteprojeto para a Constituição Brasileira de 1934, na parte referente à Educação. Pela Comissão dos Dez, e na qualidade de Presidente, Anísio Teixeira assinou a Justificação do Anteprojeto. Na publicação intitulada "O Problema Educacional e a nova Constituição", organizada pela ABE. e publicada em 1934, estão reunidos preciosos documentos visando a facilitar aos estudiosos de educação a verdadeira interpretação dos textos que dizem respeito ao assunto. (SILVA, 2000, p.13)

Com as conturbações políticas e o início do Estado Novo, as inseguranças que apontavam para uma possível deflagração de uma 2ª Guerra Mundial, entre outros eventos perturbadores, a ABE reduz suas atividades, em especial as conferências nacionais.

Em 1942, depois de adiamentos, realiza-se, em Goiânia, a VIII, mas Anísio não se faz presente. Ao afastar-se das atividades de educador e de administrador público no Distrito Federal, exila-se em Caetité e passa a trabalhar na iniciativa privada. Convidado para participar dessa Conferência, escreve a Mário de Brito¹³⁷:

Diante disto, percebi que meu silêncio poderia levá-lo a crer na possibilidade de minha participação no Congresso. Apresso-me, assim, em vir agradecer-lhe a delicadeza da lembrança comunicando-lhe, meu caro Mário de Brito, ser-me de todo impossível atender o seu convite. Não o faço, porém, sem confessar-lhe que desejaria dirigir essa recusa forçada a todo o mundo, menos a você, cuja objetiva serenidade e intransigente tenacidade em servir ao Brasil poderão levá-lo a não aceitar, ou melhor, a não compreender os motivos e razões do meu afastamento da vida pública brasileira. Se, por um lado, essa recusa se torna assim mais penosa por ter de apresentá-la a você, por outro lado é na continuação de sua presença e dos poucos, como você, no terrível mundo público brasileiro, que encontro o meu conforto e a minha certeza de que, a despeito de tudo, continuaremos a nos valer das oportunidades e a achar recursos para encaminhar os nossos problemas, aproximando-nos das suas soluções. (TEIXEIRA apud SILVA, 2000, p.15)

Silva (2000) nos informa que Anísio Teixeira não participou, também, nem da IX Congresso, mas envia um telegrama e tem seu nome ovacionado pelos presentes.

Também não participa da X Conferência Nacional de Educação, em 1950, mas em 1954 a ABE proporciona a Curitiba a oportunidade de assistir à atuação brilhante do educador baiano, numa troca de experiências, num confronto de idéias, num duelo de opiniões, de sugestões versando um tema palpitante: "Sobre o problema de como financiar a educação do povo brasileiro. Bases para a discussão dos sistemas públicos de educação". Na programação distribuída consta que Anísio Teixeira foi membro da Comissão Organizadora, incumbindo-se de fazer conferência sobre o tema: "A crise brasileira da educação". Em 1956, o grande educador participa da XII Conferência Nacional de Educação, realizada em Salvador, sob os auspícios da Universidade da Bahia, ao comemorar o 1º decenário de sua instalação. Relata o tema: Os processos da educação democrática nos diversos graus de ensino e na vida extra-escolar. É a última participação de Anísio Teixeira nas Conferências Nacionais de Educação. Independente disso, no entanto, continua presente na vida da ABE, patrocinando cursos destinados a professores dos estados, criando missões culturais, promovendo conferências a cargo de professores estrangeiros etc. (SILVA, 2000, p.16)

No que se refere a ABL, quiça por ter sido a primeira a ser criada, percebe-se pelas publicações uma mistura de interesses desde o início e que se mantêm por muitos anos. A criação da Academia Brasileira de Letras vincula-se a história da Revista Brasileira, cuja a primeira publicação conhecida data de 14 de julho de 1855, com o título de *Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria*, fundada e dirigida pelo Dr. Francisco de Paula Meneses, mas que só contou com uma publicação. Em 1857, sob a direção Cândido Batista de Oliveira, formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, a revista passa a ser titulada de *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes*, e publica quatro volumes com artigos predominantemente científicos, até o ano de 1861. Sessenta e seis anos depois, volta a ser publicada, sob a direção de José Veríssimo, com uma nova titulação, mas ainda com publicação irregular. Posteriormente, é rebatizada e agora com o título de *Revista*

¹³⁷ Engenheiro e um dos fundadores da ABE.

Brasileira, volta a ser publicada por iniciativa de Batista Pereira, genro de Rui Barbosa, em junho de 1934. Período, como pode constatar-se na Ata anexada da ABE, de grande efervescência intelectual no Rio de Janeiro. No entanto, é publicada, por pouco tempo e poucos volumes. Apenas 10 em dezoito meses, e acaba por extinguir-se, pela quarta vez, em novembro de 1935. (ABL, 2017) Nesta nova etapa a revista foi dividida pelos tópicos a saber: Política Estrangeira; Brasil; Economia; Finanças; Historia, Sciencias; Variedades; Theatro; Cinema; Artes; Letras e Sociologia.

Destacamos que não incluíram um tópico para educação na Revista. Isto deu-se, muito provavelmente, pelo fato da ABE, possuir publicação própria. Entretanto, quando resolviam publicar algum artigo sobre a área, que fosse de interesse da Revista, este era incluído em um dos tópicos de acordo com o tema. Como exemplo citamos o artigo titulado *A Educação Elementar no Districto Federal*, comentado anteriormente, de autoria de Anísio Teixeira, publicado no tópico Brasil, do volume de nº8, referente ao bimestre maio – junho, de 1935.

Não temos como mensurar o envolvimento de Dr Anísio com a ABL, entretanto alguns membros da mesma fizeram parte do ciclo político e de amizade de seu pai, como foi o caso de Rui Barbosa. Outros integrantes mais novos da ABL, faziam parte do seu convívio e/ou de amigos. O próprio Anísio Teixeira acaba sendo indicado para fazer parte da Instituição, mas falece antes do processo. Entre estes citamos Hermes Lima, Gilberto Freire, Paulo Carneiro, entre outros que, em momentos distintos, integraram a Instituição.

Tal cenário deixa transparecer conexões que vão sendo construídas lentamente, a partir de datas remotas e que foram ampliando a rede de relacionamento de Anísio Teixeira e, consequentemente, possibilitando vivências sociais, intelectuais e profissionais que, de certa forma, traduzem, dão visibilidade e respondem a questões levantadas pelo presente estudo.

Uma rede que segundo Mata (1994) foi agregando desde a primeira gestão pública na Bahia nomes, como: Jayme Junqueira Ayres, que anos depois viria a ser Presidente da Assembleia e Governador Substituto de Otávio Mangabeira, e que foi diretor da seção de ensino primário. Alfredo Magalhães, no ensino normal e que, segundo Mata (1994), era uma vocação científica consagrada. Outra revelação apontada e que assume posição de destaque na rede, é Arquimedes Guimarães. Um colega engenheiro do irmão Oscar, especializado nos Estados Unidos. Este foi o substituto de Dr Anísio, na diretoria, quando o mesmo teve que se afastar, por duas vezes, para estágio e mestrado na Columbia University, de Nova York, e, também, seu sucessor na Instrução Pública do Estado, em 1929, ficando, inclusive, até o início da interventoria de Juracy Magalhães. “A Arquimedes Guimarães coube, em verdade, a tarefa de baixar e operacionalizar os regulamentos da reforma de 1925, viabilizando, em práticas administrativas, as idéias de Anísio, revelando-se, assim, uma grande vocação de administrador educacional.” (MATA, 1994, s/p)

E acrescenta:

Outra figura que se projetaria, no ensino profissional, seria a do chefe da Seção de Contabilidade e Estatística e responsável pela ajuda aos Municípios, Joaquim Farias Gois. Anos depois Farias Gois, com seu irmão José, integrariam, já na condição de técnico nacional, a equipe de Anísio Teixeira, no Rio de Janeiro e do D.F. Seria seu companheiro "baiano", ao lado de Edgar Santos e Antônio Balbino, no primeiro Conselho Federal de Educação, reorganizado pela Lei de Diretrizes de 1961 e nomeado pelo Presidente João Goulart. (MATA, 1994, s/p)

Segundo Heymann (2003), encontram-se no arquivo de Anísio Teixeira 34 mil documentos doados ao CPDOC/FGV em 1977 que, após organizado, passaram a ser disponibilizados para pesquisa desde 1984. Com a intenção de continuar destacando a rede de relação de Dr Anísio acrescentamos:

A correspondência do arquivo é preciosa em seu conteúdo informativo, além de reveladora da rede de relações do titular. Os largos períodos cobertos por determinadas trocas epistolares dão bem medida da duração de várias destas relações, do mesmo modo que um número elevado de cartas trocadas em períodos mais curtos indicam a intensidade de determinados debates. Exemplar em relação a longevidade da troca epistolar são as 32 cartas trocadas entre 1926 e 1969 com Hermes Lima, comentando vários acontecimentos da história do país, da revolução de 30 à situação eleitoral de 1960. Com Monteiro Lobato estabeleceu correspondência farta, a partir do encontro nos Estados Unidos, país que marcou decisivamente o pensamento dos missivistas. Tratam-se de 42 cartas que, em meio a manifestações recíprocas de admiração, discutem os mais variadas temas, detendo-se na análise do desenvolvimento norte-americano comparativamente ao brasileiro e nos acontecimentos políticos nacionais e internacionais. (HEYMANN,2003,p.103)

E que afunilando o foco de interesse das correspondências para a educação, acrescenta:

As 25 cartas trocadas com Lourenço Filho, entre 1929 e 1961, tratam exatamente de pesquisas nessa área e do andamento dos trabalhos no Instituto de Educação, dirigido por esse último no período em que Anísio esteve à frente da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal. Mas ainda merecem menção as cartas trocadas com Fernando de Azeved, Jaime de Abreu e Péricles Madureira de Pinho. [acrescentaríamos as trocadas com Arquimedes Guimarães, referido anteriormente] (HEYMANN, p.103)

No que se refere as cartas trocadas com estrangeiros, destacamos as realizadas com professores e pesquisadores americanos, muitas ao longo da vida. São eles: Anthony Leeds; D (1925-1989), antropólogo que estudou favelas do Rio de Janeiro e relações urbano-rural, Donald Pierson, já referido anteriormente; George Counts(1889-1974), pragmata, influenciador da pedagogia critica; Kenneth Holland, diretor do Instituto Educação Internacional (IIE), com sede em Nova York, e envolvido com programas de intercambio estudantil (inclusive Fulbright), entre outros.(HEYMANN,2003) Nestes outros, destacaríamos Charles Wagley(1913-1991), antropólogo americano que muito contribuiu para o desenvolvimento da antropologia brasileira. Este, junto a Thales de Azevedo, coordenou uma pesquisa desenvolvida na Bahia, na gestão de Anísio Teixeira como secretário de educação e saúde, no governo de Otávio Mangabeira.

Além de se referir ao grande número de cartas existentes no arquivo, trocadas com familiares, inclusive esposa e filhos, e das com os jesuítas do colégio Antônio Vieira, em Salvador, Heymann (2003) destaca ainda, as trocadas com grandes nomes ligados ao cenário político e cultural brasileiro,

[...] entre os correspondentes de Anísio, apontando para uma rede de contatos pessoais significativos do ponto de vista da sua extensão no tecido social. Para citar alguns, Juarez Távola; Vital Soares, Belisário Penna; Pedro Ernesto Batista; Juscelino Kubitschek; Antônio Cândido de Mello e Souza ; Heitor Vila-Lobos; Assis Chateaubriand; Gilberto Freyre; José Olimpio e Darcy Ribeiro. (HEYMANN, 2003, p.103)

Acrescentaríamos a lista citada acima, Paulo Barredo Carneiro, contemporâneo da ABE e ABC, no período em que ambos residiram e trabalharam no Rio de Janeiro, mas cujas as correspondências se intensificam durante e após o período de Anísio Teixeira na UNESCO, abordado no tópico que se segue.

2 – COMO CONSELHEIRO DA UNESCO

Após pouco mais de dez anos sem exercer função pública e dedicado ao labor em iniciativas privadas, Anísio Teixeira é convidado, em 1946, para participar do “staff” da recém-criada “United Nations Educational, Scientific and Cultural”(UNESCO).

Este convite o reaproxima de discussões sobre cultura e, mais especificamente, educação e ciências, possibilitando, mais uma vez, o envolvimento de Dr Anísio com atividades de planejamento e ações, que continuam a evidenciar conhecimentos consolidados nos EUA, enquanto aluno da “Columbia University”.

Ao iniciarmos a discussão sobre os desdobramentos do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira, na função de Conselheiro da UNESCO, torna-se necessário chamar a atenção para o fato de que, mesmo passando pela experiência docente, a ampla e significativa contribuição de Dr Anísio à educação brasileira deu-se em funções de gestão em instituições públicas. Funções nas quais o seu *Espírito Científico* se fez presente e foi sempre um diferencial na forma de refletir sobre planejamentos e conduzir ações.

Cabe lembrar, como abordado no tópico anterior, sobre a gestão de Anísio Teixeira no Distrito Federal, na primeira metade da década de 1930, que Dr Anísio defendia que a *Metodologia Científicas Experimental* de Dewey, fosse apreendida e trabalhada por educandos e profissionais atuantes no sistema de ensino e instituições afins. Isso por acreditar, que as contínuas mudanças em curso a nível nacional e internacional, demandariam sempre novas perguntas e, conseqüentemente, novas respostas. Além disso continuava acreditando na escola como espaço para exercitar a democracia. Portanto, é com estas crenças e a certeza de que o que havia construído e experimentado no Rio de Janeiro havia dado bons frutos, que assume o cargo na UNESCO, em meado do ano de 1946.

2.1 – A Instituição UNESCO

A Unesco é, ao mesmo tempo, uma obra tardia e uma obra prematura.
É esta a sua contradição essencial.
Anísio Teixeira

Como referido no capítulo anterior, a origem da UNESCO remonta a antiga Sociedade das Nações, criada pós *Primeira Guerra Mundial*, e a tentativas de estabelecer cooperação internacional. Primeiramente através do Comitê Intelectual Internacional Madame Curie e, posteriormente, no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, fundado em Paris em 1924. (VARGAS, 2007)

O Brasil, tendo criado desde logo sua Comissão Nacional junto ao Comitê e ao Instituto, destacou-se pela participação ativa de alguns de seus mais notáveis intelectuais, como Elizeu Monterroyos, Aluysio de Castro, Roquette Pinto e Miguel Osório de Almeida. Este empenho refletiu-se de imediato na atitude do Governo brasileiro que julgou que nossa atuação não se devia limitar apenas às iniciativas de uma comissão de natureza particular, tendo os Ministros José Carlos Macedo Soares, Mario Pimentel Brandão e Osório Aranha, em sucessivas etapas, estabelecido o Serviço de Cooperação Intelectual, substituído pela Divisão de Cooperação Intelectual (DCINT), hoje [2007] pertencente ao Departamento Cultural, na estrutura da Secretaria de Estado do Ministério de Relações Exteriores. (VARGAS, 2007, p.325)

E complementa:

Infelizmente as sucessivas crises da Sociedade das Nações – herdeira dos múltiplos descompassos e desconfianças gerados pela guerra de 1914 – tornaram impossível a realização de nobres objetivos que haviam sido formulados com o advento da paz. Descompassos que levaram a emergência de ideologias exclusivistas e agressiva ascensão do racismo, à exacerbação dos conflitos de classes, senão de guerras localizadas em prelúdio de nova e imensa conflagração – que todos erigiram-se em obstáculos intransponíveis à cooperação intelectual. Sobrevinda a Segunda Grande Guerra e seu fim, em 1945, os círculos intelectuais e os governos ocidentais deram-se conta agudamente da importância das idéas, da educação e mais geralmente da cultura, tão fundamental afetadas pelo conflito, como elementos indispensáveis ao estabelecimento de um novo ambiente internacional. (VARGAS, 2007, p.326)

Vargas (2007) chama atenção para o fato de ciência não ter sido contemplada inicialmente, mas acabou sendo incluída em decorrência do empenho de:

Julian Huxley, famoso biólogo que viria a ser o primeiro diretor geral do novo organismo, notou enfaticamente que, embora reconhecesse a importância fundamental da educação e da salvaguarda dos bens artísticos e culturais ameaçados, reivindicava a presença da ciência no desenvolvimento da paz. Visão premonitória logo dramaticamente ilustrada pela utilização de artefatos nucleares em Hiroshima e Nagasaki, que viriam alterar, para o bem e para o mal a tessitura de nossas vidas. Também não estariam ausentes das preocupações de Huxley as violações da ética tradicional da ciência, sistematicamente afetada pelas horripilantes experiências realizadas em seres humanos, nos campos de concentração nazifascistas. Vitoriosa a proposição de Huxley, prepararam-se sugestões para a criação da instituição. (VARGAS, 2007, p.326)

Em 24 de outubro de 1945 é fundada a Organização das Nações Unidas (ONU), ao tempo em que estava sendo estruturada a nova Organização.

As delegações presentes na conferência decidiram pela criação da organização como forma de evitar uma nova guerra mundial. Para tanto, vislumbravam a promoção de uma cultura da paz, estabelecida em princípios de *solidariedade intelectual e moral da humanidade*. Organização menor, mas com esse espírito, foi criada após a primeira grande guerra e, como comentamos, havia estimulado Dr Anísio a instalar no IPE, no Rio de Janeiro, a *Seção de Paz na Escola*, chefiada por Alba Canisares Nascimento.

Nações marcadas por dois grandes conflitos mundiais, em menos de uma geração, defendiam a criação da UNESCO por estarem convictas de que apenas acordos econômicos e políticos não eram suficientes para construir uma paz duradoura.

Na convenção de criação, foi elaborado um instrumento que estabelecia uma *Comissão Preparatória*, a qual Dr Anísio foi agregar-se posteriormente e que baseava-se em princípios estabelecidos na Constituição da recém-criada Instituição, que defendia que a UNESCO deveria:

[...]dedicar atenção especial ao nivelamento de recursos educacionais, científicos e culturais em todos os setores onde eles estiverem em nível abaixo da média, sejam esses setores regiões geográficas ou camadas pobres da população. Para empregar outra metáfora, a UNESCO deve procurar lançar luz nas zonas escuras do mundo. O motivo é claro. Será impossível a humanidade adquirir uma visão comum se grandes partes dela são compostas por habitantes analfabetos de um mundo mental inteiramente diferente daquele em que um homem educado vive, um mundo de superstições e tribalismo, e não de progresso científico e possível unidade. (Huxley, 1976, p. 33).

No último dia da convenção, ou seja, 16 de novembro, a então ministra da educação britânica e, simultaneamente, presidente da Convenção geral, Ellen Wilkinson, leu a recém-adotada Constituição, cujo o Ato Constitutivo, assinado por trinta e sete países e ratificado por vinte países signatários, entrou em vigor em 4 de novembro de 1946.

A Constituição da UNESCO, no preâmbulo, proclama: *"já que as guerras nascem na mente dos homens, é na mente dos homens que devemos erguer os baluartes da paz"*. E para que uma paz duradoura e aceita por todos pudesse ser estabelecida, o preâmbulo declara que os Estados signatários da Constituição decidiram: *"assegurar a todos o pleno e igual acesso à Educação, à livre busca pela verdade objetiva e à livre troca de ideias e conhecimentos"*. (LONDRES, 1945, s/p)

Os objetivos centrais da organização naquela época eram: Contribuir para a manutenção da paz e da segurança através da Educação, da Ciência e da Cultura e estabelecer mecanismos de colaboração entre as nações, de forma que fosse garantido o respeito universal à justiça, à lei, aos direitos humanos e às liberdades fundamentais que a Carta das Nações Unidas reconhece como direito de todos os povos.

As principais instituições antecedentes e que possuíam alguma linha de conduta similar à de atuação da UNESCO foram: a Comissão Internacional de Cooperação Intelectual (CICI), sediada em Genebra, no período de 1922 a 1946; sua agência executiva, o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI), com sede em Paris, no período de 1925 a 1946 e a Oficina Internacional de Educação (OIE), também localizada em Genebra, de 1925 a 1968.

Em seus primeiros anos de existência, a UNESCO ajudou a reconstruir escolas, bibliotecas, museus e fundações educativas que haviam sido destruídas na 2ª Guerra, além de constituir-se como um fórum de intercâmbios de ideias e conhecimentos científicos.

Cerca de dois anos após a assinatura do *Ato Constitutivo*, a UNESCO recomenda, em 1948, que os Estados-membros tornem obrigatório e universal o ensino primário.

O Brasil foi o primeiro país a criar a Comissão Nacional para atuar junto a *Conferencia Geral* que funcionou como um elo entre a UNESCO e a comunidade local, conforme estabelecido por dispositivo da Convenção de Londres, e que acabou por resultar na criação do Instituto Brasileiro para a Educação, Ciência e Cultura (IBECC).

Vargas (2007), listando vários nomes de brasileiro que desempenharam funções na UNESCO ou relacionada a esta, o que, na perspectiva deste estudioso, demonstra a importância que o Brasil atribui à cooperação intelectual, se detém em Paulo Barredo Carneiro, para destacar sua participação no *Conselho Executivo* e, também, como delegado permanente do Brasil na UNESCO. Enfatiza os trabalhos que o mesmo desenvolveu na UNESCO, ao tempo que informa que ele foi membro da Academia Brasileira de Educação (ABE), da Academia Brasileira de Ciências (ABC), do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Cabe lembrar, ainda, que Paulo Carneiro fez parte da Academia Brasileira de Letras (ABL), possivelmente apenas, quando tornou-se um acadêmico do quadro da mesma.

2.2 – O Envolvimento de Anísio Teixeira com a Instituição

As breves informações introdutórias, sobre marcos, que envolvem o Brasil e a UNESCO, sejam institucionais e/ou históricos, são importantes para a compreensão das discussões que estabeleceremos sobre o envolvimento de Dr Anísio com a referida Instituição e as influências desta Instituição no espraiamento do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira.

Envolvimento que inicia-se com um contrato temporário de conselheiro da área de educação da *Comissão Preparatória* da 1ª Conferência Geral da UNESCO, firmado em julho de 1946 e finalizado em fevereiro de 1947, mas cuja a relação estabelecida com a Instituição neste período, se mantém viva e presente direta (através de acordos firmados entre o Brasil e a UNESCO) ou indiretamente (através de contatos pessoais com diretores, consultores, pesquisadores, entre outros), em todas as gestões de instituições públicas assumidas por Dr Anísio a posteriori. Gestões, cabe ressaltar, permeadas por um *Espírito Científico* que se fez presente, inclusive, na maioria das iniciativas privadas que assumiu antes da UNESCO e após o período do Rio de Janeiro, como a que utilizaremos como exemplo a seguir: “Anísio Teixeira, que é reconhecidamente associado ao campo da educação, foi responsável pela criação da indústria Cimento Aratu, fábrica que está na memória e tem prédio, até hoje, no subúrbio da cidade [de Salvador-BA]” (Daniel Rebouças, 2017, s/p)¹³⁸

FIGURA 90: Antiga Fábrica de Cimento Aratu vista do mar - Porto de Tubarão.



FONTE: Fernando Pires, Internet

¹³⁸ Entrevista concedida por Daniel Rebouças, autor do livro “Indústria na Bahia – Um Olhar Sobre Sua História” a repórter Renata Menezes, programa Mosaico, Tv Bahia, em 04 de julho de 2017-

Para elucidar o processo do envolvimento de Dr Anísio com a produção de cimento, que resultou na instalação de uma fábrica em Salvador, em 1953, recortamos um trecho do depoimento, realizado para Biblioteca Virtual Anísio Teixeira, por Diógenes Rebouças, um reconhecido profissional do movimento modernista baiano, da área de arquitetura e que foi um dos arquitetos responsáveis pelas plantas das escolas previstas no Plano de Edificação elaborado por Anísio Teixeira, quando assumiu a secretaria de Saúde do Estado da Bahia, no governo de Otávio Mangabeira.

Neste depoimento, Diógenes Rebouça informa que conheceu Dr. Anísio na época em que ele exercia atividades de empresário em Salvador.

Cabe destacar que a fábrica de cimento instalada, em 1953, foi muito comemorada pelo então governador Régis Pacheco¹³⁹, conforme atesta telegrama enviado ao então presidente Getúlio Vargas, cujo original encontra-se arquivado no CPDOC/FGV c 1953.06.26/2. No referido telegrama o governador comunica a inauguração da primeira indústria de base, movimentada por gás produzido a partir de produção local de petróleo, com uma capacidade de produção de duzentos mil sacos de cimento por mês.

Dr Diógenes nos informa no documento que antes de ter participado com Anísio Teixeira do projeto de edificações das escolas e, posteriormente, do da Escola Parque, já avia se encontrado com ele,

[...] na ocasião em que ele era empresário ligado às áreas de exploração de minérios a ao comércio. Isto foi lá pelo fim da década de 30, passando por parte da década de 40. Ele foi um empresário notável e ganhou muito dinheiro. Para que se avalie isto, basta dizer que foi ele quem criou a Cimento Aratu, contribuindo para o barateamento do Cimento em Salvador, o que passo a contar. Ele era proprietário, junto com um irmão, de alguns prédios, hoje demolidos, ali na praça Castro Alves, na entrada da rua Carlos Gomes. (...) Precisara de alguns esclarecimentos, certa vez, a respeito (...) esses imóveis dentro do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador. Na ocasião passamos o dia todo, praticamente, conversando, e nos tornamos grandes amigos daí por diante. Havia no EPUCS uma grande quantidade de plantas da região do Recôncavo e ele teve a oportunidade de ver uma planta do município feita pelo almirante Mouchez, que fizera o levantamento oceanográfico, no século XIX, de toda a costa brasileira. Entusiasmado com a planta, porque continha as cotas de profundidade da Baía de Todos os Santos, pediu-me emprestada dizendo-se interessado naquela parte próxima à ponta da Ilha de Maré. Uma semana depois devolve a planta dizendo somente: "ótimo, ótimo". Cerca de um ano depois me procura e diz: "Consegui outra planta, bem recente, e isto me deu tranquilidade porque a coincidência das cotas é total. Naquele trecho não há qualquer modificação desde o tempo de Mouchez"¹⁴⁰. Eu então lhe perguntei qual era a finalidade desse tão grande interesse por plantas batimétricas. E então respondeu enigmático: "Estamos com umas idéias muito... depois eu lhe falo o que é". Muito tempo depois li no jornal que ele havia requerido a licença para retirar o calcário dali, o calcário de conchas marinhas. Logo encontrei-me com ele, que me disse: "Ali é um depósito milenar de calcário, a quantidade de conchas, e conseqüentemente de calcário, é tão grande que vai nos permitir fazer uma coisa que muito nos falta nesta cidade. Temos boa argila, temos boa areia, o que faltava era só o calcário. O calcário está ali em

¹³⁹Telegrama de regis pacheco para getulio Varga informando a inaluração da fábrica em 1953. <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV4&pasta=GV%20c%201953.06.26/2>

¹⁴⁰ No séc.XIX, iniciou-se o levantamento hidrográfico do litoral brasileiro e sua representação em cartas náuticas, Mouchez (Amédée Ernest Bartélemy), no comando do "Lamotte-Piquet", levanta o restante da costa do Brasil, aproveitando em maior ou menor grau as cartas existentes, principalmente as efetuadas por hidrográfico franceses e as de Vital de Oliveira.

frente e então faremos o cimento. Eu já requeri, etc, etc." E conseguiu. Ele virou-se, pegando um livro que ali estava, e me perguntou: "Que tal isso aqui?", e me mostrou a figura de um caranguejo comum, um grauçá ou coisa parecida. "- Não, isso é um aratu, é o símbolo do cimento que queremos fazer, que nossa empresa vai fazer". Aí eu disse: "- Puxa professor, o senhor foi longe". Mais tarde ele venderia a patente para os americanos. Foi uma jogada genial! Ele tinha também manganês em Nazaré-Ba. Chegou a ser grande exportador de manganês, tendo descoberto jazidas de grande teor entre Nazaré e São Miguel. (REBOUÇAS, s/data, ca1997)¹⁴¹

Na narrativa de Dr Diógenes, fica claro que este se refere ao período entre o final das atividades de gestão pública no Rio de Janeiro e o início das atividades de conselheiro da UNESCO. Período da vida de Anísio Teixeira que é comumente referido como o de exílio forçado, em Caetité, por conta da conjuntura política estabelecida pelo período histórico brasileiro nomeado de *Estado Novo*. Fica, também, evidente a postura de pesquisador assumida por Dr Anísio, imbuída de uma metodologia embasada em conhecimento científico que é utilizado com objetivos econômicos, mas que contribuem com o desenvolvimento do Estado da Bahia. Postura muito similar a assumida por um ex-professor de Dr Anísio do CAV, Pe Torrend, quando atento a observações e informações locais, revela o potencial mineral da água de D Ávila, como destacado anteriormente. Tal descoberta, contribuiu, na época, para com o desenvolvimento da região que passa a contar com uma Estância Hidromineral.

Retornando ao convite feito a Dr Anísio, para que este assuma a função de Conselheiro em Educação da UNESCO, destacamos que o mesmo foi formalizado diretamente por Julian Huxley¹⁴², nomeado inicialmente presidente *pro-tempore* da Instituição e, posteriormente, primeiro presidente eleito, conforme pode ser observado a seguir:

[...] No dia 12 de junho, para ser exato, de volta a Nova Iorque ao meu pequeno hotel na rua 46, encontro uma carta de 4 páginas do Julian Huxley, escrita a mão, convidando-me para ser Conselheiro da Educação na UNESCO. Soubera do meu endereço, no dia do seu regresso por avião a Londres e ainda estivera no hotel duas horas, contando com o meu regresso para o almoço - como não chegasse, escreveu-me uma carta relatando como havia andado um mês à minha caça para me descobrir no dia do seu regresso a Londres. E assim me deparei com uma carta do Julian Huxley e um convite inacreditável do destino para dar uma volta de 180 graus em minha vida. (TEIXEIRA, 1946)

Pelas correspondências trocadas entre Dr Aniso e Dr Huxley, arquivadas no CPDOC e biblioteca Virtual Aniso Teixeira, percebe-se que ambos não se conheciam pessoalmente até o início dos trabalhos em Londres e que Dr Aniso fica surpreso, mas muito satisfeito com o convite, pois iria percorrer um trajeto, cujo o vetor apontava para uma posição diametralmente oposta a que se encontrava na atualidade. Deixaria de ser um prospero comerciante para se

¹⁴¹ Disponível em http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/livro6/depoimentos_147.html . Acesso 20 de junho 2016.

¹⁴² Por quase vinte anos (1950-1969) foi Vice-Presidente da Comissão Internacional para a História do Desenvolvimento Científico e Cultural da Humanidade e foi particularmente ativo no estabelecimento de uma série de grandes organizações não-governamentais.

tornar consultor na *instituição cerebro do mundo* como destaca carta para felicitá-lo, enviada por seu amigo Monteiro Lobato, ao se referir a UNESCO.

No entanto a ida para UNESCO significava um retorno a uma área de trabalho que havia sido interrompida por questões políticas, mas pela qual tinha muito apreço.

Além disso, apesar de Dr Huxley ser biólogo e Dr Aniso advogado, existiam afinidades temáticas, referentes a humanismo e ciências, bem como leituras e autores de interesse comuns que os aproximavam como, por exemplo, a *Teoria da Evolução de Darwin*, citada por ambos em textos de autoria. Portanto, é compreensível a alegria discreta, mas latente, que toma conta de Dr Aniso ao receber o convite, como pode ser percebida na fotografia disponibilizada a seguir:

FIGURA 91: Foto de Anísio Teixeira no dia que recebeu o convite para integrar o Conselho de Educação da UNESCO, com Afrânio Coutinho, Washington Luís, Werther de Azevedo (esq./dir.) .



FONTE: CPDOC/FGV (AT foto 018)

Nas cartas trocadas entre Dr Huxley e Dr Aniso, no período do convite e admissão, não encontramos nenhuma referência sobre o porque da escolha ou sobre quem indicou Dr Aniso para o cargo. No período do convite Dr Aniso encontrava-se em Nova York resolvendo questões relacionadas com suas atividade privadas, bem como a de familiares e amigos. Atividades que, no momento, não se vinculavam a questões relacionadas com educação, com exceção apenas de algumas esporádicas traduções de livros a serem editados e impressos pela Companhia Editora Nacional.

Viana (1990) informa que a indicação do nome de Aniso Teixeira, foi uma iniciativa de Paulo Carneiro, o reconhecido bioquímico brasileiro, citado anteriormente, responsável pelo projeto do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica – IIHA/UNESCO e com o qual Dr Aniso já mantinha relacionamento, desde o início da sua filiação a ABE.

Tal informação se confirma quando cruzamos informações da carta enviada, a partir de Nova York, por Aniso Teixeira a Paulo, datada de 15 de fevereiro de 1947, arquivada no CPDOC/FGV sob a classificação de AT t 1946.05.26, na qual Dr Aniso faz referencia a um telegrama enviado anteriormente, informando sua decisão de não retornar a UNESCO.

Desejo que já havia manifestado a Monteiro Lobato, mas que agora apresentava em caráter definitivo e irrevogável e que, portanto, desejava que Paulo fosse o primeiro membro do “staff” da UNESCO a saber.

Nesta carta, ao tempo que Aniso Teixeira justifica para Paulo os motivos, quase todos de ordem pessoal, deixa transparecer que partiu de Paulo Carneiro a indicação ou, quiçá, um reforço para a concretização do convite que Huyley formalizou para que Dr Aniso fosse conselheiro, na área de Educação, da UNESCO, na fase preparatória da 1ª Conferência que aconteceria em Paris.

O Paulo destinatário da carta é o mesmo citado por Viana (1990), ou seja, Paulo Barredos Carneiro, cujo o envolvimento com a UNESCO apresentamos a seguir a partir de parte do discurso proferido por por Dr Ivan Lins na ABL, para recebê-lo como acadêmico, quando do seu ingresso na Academia para ocupar a cadeira de nº 36¹⁴³. Cadeira que deveria ter sido ocupada por Aniso Teixeira, o que não chegou a se concretizar, em decorrência do sinistro que ocasionou a sua morte. Sinistro que na atualidade ficou caracterizado como assassinato, resultado dos desmandos de um novo Estado de exceção em curso no Brasil.

Terminada a guerra, participastes, como delegado adjunto do Brasil, da Conferência das Nações Unidas, realizada em Londres em janeiro de 1946. Ao ser aprovada, por essa Conferência, a criação da UNESCO (*United Nations Educational Scientific and Cultural Organization*), fostes designado pelo nosso Governo para nela representar o nosso País, a princípio como ministro (1946-1958), e, depois, como embaixador (1958-1965). Ingressando, assim, na diplomacia, tivestes de afastar-vos das pesquisas puramente científicas, voltando-vos para o campo da Educação, da História e dos problemas diretamente ligados ao homem. O que tem sido a vossa atuação na UNESCO e o tom que lhe tendes impresso como uma de suas mais atuantes e poderosas inteligências, merece um dia estudo especial, aprofundado. Vossas intervenções em nome do Governo brasileiro sempre deixaram clara a nossa posição e a nossa soberania, ali tendo mantido o Brasil, graças à vossa desassombrada vigilância, situação de destaque inigualável. Vale recordar o testemunho de um grande educador, Fernando Tude de Souza: O nome de Paulo Carneiro deve ser colocado ao lado de Julian Huxley, Torres Bodet, Luther Evans^[144], Léon Blum, Pierre Auger^[145] e tantos outros que foram decisivos para o progresso da UNESCO. (...). Presidente do Conselho Executivo e de várias das principais Comissões das Conferências Gerais, atuou sempre como grande diplomata na solução das crises surgidas na vida da entidade. Não há exagero em dizer-se que dos cientistas brasileiros foi a pessoa que melhor compreendeu e sentiu as altas finalidades da UNESCO. Paulo Carneiro e a UNESCO são, hoje, dois nomes inseparáveis, e não há exemplo de um brasileiro que tenha prestado maiores e melhores serviços ao País no estrangeiro. (LINS, 1971, p.8)

¹⁴³ Minhas senhoras e meus senhores, outro que não eu deveria ocupar a Cadeira de que hoje tomo posse! Um largo consenso assegurava-lhe já brilhante eleição, quando em trágico acidente caiu brutalmente morto. A Anísio Teixeira cabia, melhor do que a ninguém, a honra de suceder a Clementino Fraga. O grande educador que ele foi - o maior de quantos o Brasil já teve - traria a esta Casa uma das inteligências mais ágeis e mais vivas do nosso tempo, uma cultura aberta a todos os horizontes e o exemplo de uma vida que se inscreverá um dia entre as glórias mais altas e mais puras do nosso país. Seu nome há de ficar para sempre incorporado ao patrimônio da Cadeira 36 e espero que os meus sucessores aqui recordem de geração em geração a grandeza da obra que ele realizou, os livros que escreveu e as lições que nos legou de energia, desprendimento e devoção à causa pública! (Parte do discurso de posse de paulo Carneiro na Academia).

¹⁴⁴ Diretores Gerais da UNESCO. Julian Huxley (1946-48) Jaime Bodet (1948-52) Luther Evans.

¹⁴⁵ Departamento de Ciências da UNESCO

A explicação sobre Paulo Estevão Berredo Carneiro se fez necessária, pois o mesmo se torna o principal interlocutor dos acordos que o Brasil estabelece com a UNESCO, entre os primeiros anos de sua criação até meados dos anos 60, em especial os intermediados a partir de iniciativas de Anísio Teixeira.

Cabe destacar entretanto, conforme cartas trocadas entre Oscar Teixeira, irmão de Dr Anísio, e Arquimedes Guimarães, que o governo brasileiro, à época, tentou neutralizar a indicação, dificultando o contato de Dr Huxley com Dr Anísio.

Segundo as cartas, reproduzidas na íntegra e telegrama encaminhado a Dr Anísio, o governo brasileiro chegou, inclusive, a sugerir outro nome para o cargo. Nestas correspondências fica explícito, também, o principal motivo de Anísio Teixeira se encontrar, naquele período, em Nova York, ou seja, intermediar a compra de uma locomotiva, bem como a de minerais preciosos.

Bahia, 28 de agosto de 1946

Meu caro Archimedes [Prof. Archimedes Pereira Guimarães].

Anísio, a convite do professor Julian Huxley, está em Londres como conselheiro de Educação da Organização das Nações Unidas. O convite veio primeiramente de Londres, via Ministério do Exterior do Brasil e foi remetido para aqui, de onde o retransmitimos para New York, onde se achava Anísio no momento, através de umas locomotivas para a Estrada de Ferro de Nazaré. Anísio respondeu ao Ministério dizendo ignorar o assunto do convite e se devia pedir informações ao Rio ou a Londres.

Imediatamente o Ministério telegrafava a Anísio que o convite havia sido um equívoco lamentável e telegrafava para Londres que o educador Anísio Teixeira não fora encontrado e que sugeria o nome de Lourenço Filho e um outro cujo nome não me lembro agora. De Londres veio a resposta para vergonha do Ministério: "Não pedimos sugestão e sim que transmitisse nosso convite ao educador Anísio Teixeira".

O Ministério calou-se e de Londres começaram a caçar Anísio até encontrá-lo em New York, para onde dirigiram então o convite.

Em princípios de setembro, deve Anísio transferir-se para Paris, onde vai ser a sede do Departamento de Educação da ONU. Ele espera até o fim do ano decidir, finalmente, pelo honroso convite que não pode recusar e a volta para o Brasil.

Um abraço do colega Oscar.

A seguir reproduzimos a carta, na íntegra, enviada ao amigo Arquimedes, engenheiro que por indicação do irmão Oscar, trabalhou com Anísio Teixeira na direção da instrução pública da Bahia, no período do governo Goes Calmon.

Na mesma é interessante, não só constatar a informação de que Dr Anísio estava regressando ao Brasil e as dúvidas de Oscar quanto ao mesmo assumir o cargo na UNESCO, muito possivelmente pelo fato dos negócios na atividade privada estarem dando certo, como, também, o assunto da jazida de gipsita de Dr Arquimedes. Tal fato é mais um registro do grande interesse manifesto no Brasil, pela exploração de reservas minerais. O próprio Anísio Teixeira e familiares estavam envolvidos com tais questões.

Bahia, 10.3.1947.

Meu caro Archimedes [Prof. Archimedes Pereira Guimarães].

Devido a ter estado no sertão, muito tardiamente recebi sua carta de 1 de janeiro.

Anísio deve chegar aqui no dia 18 deste e possivelmente regressará à Europa para ocupar o cargo na UNESCO; pode ser, também, que não volte, pois este é o seu desejo, contrariado pela insistência dos homens de lá que o querem.

Não conheço nem consegui informações sobre o seu pedido a respeito da jazida de gipsita.

Embora ainda não terminada a apuração, creio que terei que fazer parte da nova Câmara Estadual. Não sei o que irei fazer, nesta fase de renovação dos costumes políticos.

Verbena se recomenda a todos daí.

Um grande abraço do colega e amigo Oscar.

As atividades que, direta ou indiretamente, podem ser destacadas a partir da fala de Dr Diógenes ou nas cartas de seu irmão Oscar, demonstram o interesse e, sem dúvida, o envolvimento de Dr Anísio com questões que podem ser vinculadas a palavras chaves como: desenvolvimento regional, recursos naturais; tecnologia; ciências, pesquisa de campo; entre outras. Não entraremos no mérito de aprofundarmos tais questões do ponto de vista dos interesses econômicos e políticos envolvidos. Nos limitaremos a associar tais palavras a curiosidade intelectual e iniciativas de gestão, que também podem ser percebidas nas viagens que Dr Anísio fez ao exterior, no primeiro período a frente da gestão da educação pública da Bahia.

Naquela oportunidade visitou várias instituições, pesquisou produtos escolares, comprou exemplares para servir de modelos, ou seja: demonstrou interesse em conhecer (curiosidade intelectual) para posteriormente decidir (planejamento). Fez isso “in loco”. Aproveitou as oportunidades e visitou as instituições, o que reforça a sua capacidade e crença de que a ação demanda um estudo prévio sobre o assunto. Ele pesquisa para a tomada de decisão, como pode ser observado nos trechos de cartas trocadas entre Anísio Teixeira e Arquimedes Guimarães, disponíveis na *Biblioteca Virtual Anísio Teixeira*, quando ambos exerciam atividade pública na Instrução pública da Bahia, nos primeiros anos da década de 20. Nas cartas fica evidente a pesquisa que Dr Anísio fez para escolher equipamentos, produtos e utensílios escolares que estivessem de acordo com o projeto educacional que desejava instalar na Bahia, fosse comprando nos EUA ou reproduzindo por encomenda no Brasil.

As questões levantadas são pistas que reforçam falas de Dr Anísio, bem como de outros autores sobre ele, e de como o mesmo vai incorporando uma metodologia de cunho científico ao tentar resolver questões impostas pelos desafios do labor, seja ele público ou privado.

Anísio Teixeira era, reconhecidamente, um leitor compulsivo e suas ações foram quase sempre embasadas por conhecimentos oriundos, principalmente, deste hábito, cuja a gênese, sem dúvida remonta aos períodos iniciais de vida em Caetité e aos colégios jesuítas que frequentou, na referida cidade e em Salvador, capital do Estado da Bahia.

A final, o levantamento de fontes e as leituras não se constituem nas primeiras etapas de uma pesquisa? E no caso da pesquisa científica, não faz parte do processo da pesquisa as fontes primárias e secundárias? Não são elas que compõem a pesquisa bibliográfica e a exploratória necessárias a estudos de qualquer temática?

Nos poucos meses em que participou do “staff” de profissionais temporários da recém-criada UNESCO, como membro da *Comissão Preparatória* da primeira Conferência Geral da Instituição, Dr Anísio teve uma agenda repleta de muitas atividades burocráticas e de alguma produção intelectual. Para ilustrar elaboramos dois quadros, em anexo, tradução livre, de documentos elaborados pelo Departamento de Educação da UNESCO ou pela direção-geral, referente ao período de atuação de Dr Anísio.

Cruzando as informações dos quadros com cartas pessoais trocadas com amigos e parentes, percebe-se que Dr Anísio não renovou o contrato com a UNESCO, apenas por questões salariais que impossibilitava a manutenção da família, casal e mais quatro filhos, vivendo na Europa, como justifica-se em carta confidencial enviada a Dr Huxley. As razões perpassavam, por outras questões, também pessoais, mas relacionadas com a lentidão da Instituição para fazer enfrentamento aos problemas decorrentes da Segunda Grande Guerra. Soma-se a este

fato, mudanças ocorridas no período no Brasil, que passam a sinalizar uma possível vitória de Otávio Mangabeira para o governador da Bahia e que geraram articulações favoráveis para o seu retorno a vida pública no Estado, o que acaba se concretizando, podem ter contribuído para que o processo de desligamento da UNESCO fosse antecipado.

Constam nos arquivos da UNESCO, vários documentos referentes a preparação e organização do evento, bem como documentos mais específicos que foram elaborados para subsidiar as propostas de discussões que deveriam ser estabelecidas nas subáreas da programação da *1ª Conferencia* a realizar-se em Paris.

Cabe destacar que nos documentos localizados, não fica explicitada a autoria. Entretanto, através de correspondências trocadas entre membros do Departamento de Educação da UNESCO, após a saída de Dr Anísio da Instituição, pode-se identificar contribuições de Anísio Teixeira para a elaboração dos mesmos e até arriscar afirmar que, muito provavelmente, Dr Anísio foi o responsável pela maior parte da redação dos textos que se reportam à educação fundamental e ao projeto de um centro educacional da UNESCO.

Entre esses documentos, mesmo, como já registramos, não identificada a autoria, pode-se inferir, pelas datas de elaboração e mais os motivos explicitados anteriormente, que, dois foram capitaneados por Anísio Teixeira. São eles:

I - "Project for a Unesco educational center. London", 1946

Este documento é citado em uma lista disponibilizada em um documento datilografado com o título de "Liste d' additions 1947. Liste N°2" (versão francês/inglês) produzida pela biblioteca da UNESCO, Paris, e datado de 17 de fevereiro de 1947. Tal lista encontra-se arquivada em AT t 1946.05.26 / CPDOC. Trata-se de um projeto de um centro educacional UNESCO.

Como informação de interesse complementar, para subsidiar outras discussões que serão levadas a cabo no presente estudo, é interessante destacar que a primeira publicação da referida lista da biblioteca é "Survey of literature on Brazil of sociological significance published up to 1940. Edited for the Joint committee on Latin American studies of the National research council, the American council of learned societies, and the Social science research couciil", seguida das seguintes informações: "Cambridge (Mass.) Harvard university press, 1945. (Joint commitee on Latin American studies, Miscellaneous publications. N°4)".

II – "United Nations Educatiional, Scientific and Cultural Organisation. Fundamental education. Common Ground For All Peaples; report^[146] of a special committee to the Preparatory Comission of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation", Paris, 1946.

Trata-se de uma publicação de 290 páginas, disponível em inglês e francês, com prefácio de Julian Huxley, diretor-geral da Unesco à época, sobre ensino fundamental.

O Donald Pierson, autor do survey listado e citado anteriormente, foi um sociólogo americano pioneiro em estudos teórico/metodológico das relações raciais no Brasil, sob a orientação do professor Robert Park da Universidade de Chicago, em 1935. Este veio desenvolver pesquisa do curso que realizava, em nível de doutorado, cuja investigação centrava-se na mobilidade

¹⁴⁶ Em anexo , datado de 21 de março, parte da publicação referente ao capítulo V, precedido de uma visão geral do documento, arquivo UNESCO/Educ./9/1947.

social do negro no Brasil. Entendia que a mobilidade social de mestiços, ou a própria mestiçagem, como defendida por Gilberto Freire e, tão bem retratada na obra *Casa Grande e Senzala*, poderia não está gerando preconceito de raça e sim, de classe. Seu orientador acreditava que as ciências sociais, em um mundo pós-guerra, poderia contribuir para estabelecer uma nova dinâmica de convivência entre populações de culturas diversas. A pesquisa de doutorado origina a tese, que é posteriormente publicada pela sua Universidade de origem, no ano de 1942, titulado de “Negroes in Brazil: A study of race contact at Bahia”. E que como dissemos, é publicado pela Companhia Editora Nacional, na série Brasileira, volume 241, com o título de *Branços e Pretos na Bahia*, em 1943.

Antes de vir para a Bahia, segundo Côrrea (1987), Robert Park, o orientador, viabilizou para que Donald Pierson pudesse conhecer a “situação racial e cultural” norte-americana no Sul do país, e que se relacionava a descendentes europeus e africanos. Ou seja: na principal região onde a escravidão tinha sido abolida por meio de uma guerra civil sangrenta. Situação que contribuiu para a ascensão social do negro nos Estados Unidos.

O “survey” foi apenas uma das publicações de Donald Pierson sobre o Brasil, entre muitas, inclusive, sobre pesquisas desenvolvidas na Bahia, como demonstra as referências publicadas na página 343 do Boletim Bibliográfico de Antropologia Americana, Vol. 9, de 1946.¹⁴⁷

FIGURA 92: Lista de Publicações de Donald Pierson, publicada no Boletim Bibliográfico de Antropologia Americana, versando predominantemente sobre pesquisas realizadas no Brasil.

DONALD PIERSON

- 1939.—“The Negro in Bahia, Brazil”.—*American Sociological Review*, IV, (4):524-533.
 1940.—“A Sociologia, os costumes e o Direito”.—*Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), LXVI (abril-maio): 107-116.
 “Disciplinas com as quais se confunde a Sociologia”, *Sociologia* (São Paulo), II(2):151-158.
 “Teoria e pesquisa em Sociologia”, *Revista do Arquivo Municipal*, LXIX (agosto): 117-128.
 1941.—“Racial and Cultural Contacts in Brazil: Present State of Our Research in This Field”, *Handbook of Latin American Studies*, “edited” por Miron W. Burgin (Harvard University Press), VI:463-470.
 “A distribuição espacial das classes e das raças na Bahia”.—*Revista do Arquivo Municipal*, LXXIII (janeiro): 39-50; reproduzido, *Revista da Faculdade de Direito da Bahia*, (Salvador), XVI:181-191.
 “Um ‘sistema de referência’ para o estudo dos contatos raciais e culturais”, *Sociologia*, III(1):1-17.
 “A composição étnica das classes na sociedade baiana”, *Revista do Arquivo Municipal*, LXXVI, (maio): 143-164; reproduzido, *Revista de Estatística e Divulgação* (Salvador), I (1) (Janeiro, 1942: 77-86 e I (2) (março, 1942): 47-60.
 “O processo de interação: conceito básico nas ciências sociais”, *Sociologia*, III(2):106-120.
 Os ‘Africanos’ da Bahia”, *Revista do Arquivo Municipal*, LXXVIII (agosto-setembro): 39-64.

343

FONTE: Boletim Bibliográfico de Antropologia Americana

Não podemos afirmar que a inclusão do “survey”, na atualização das publicações de 1947, da biblioteca da Unesco, tenha tido a participação de Anísio Teixeira. Sabemos entretanto que foi encaminhado uma solicitação de sugestões, modelo formulário, em 1946, para que Dr Anísio sugerisse títulos de livros para aquisição. Cópia deste documento encontra-se arquivado no

¹⁴⁷ <https://museuafrodigital.ufba.br/donald-pierson-1935-1971>

CPDOC/FGV, sob a classificação AT t 1946.05.26. O que sabemos, entretanto, é que Dr Anísio não só conhecia, desde 1935, Donald Pierson, como se interessava pela temática das suas pesquisas e de questões sociais afins, objeto de estudo no Brasil. E que anos depois, com a cooperação de Thales de Azevedo, na busca de conhecer e subsidiar políticas públicas a serem adotadas pela Secretaria de Educação e Saúde da Bahia, da qual se torna dirigente no governo de Otávio Mangabeira, novas pesquisas antropológicas são levadas a cabo no Estado, como detalharemos posteriormente.

Outra publicação da lista, que chama atenção, além de uma produzida pelo “Teacher College”, publicada em 1938, de autoria de J. K. Norton, que pode ter sido indicação de Anísio Teixeira, é o livro¹⁴⁸ de H. G. Wells, nomeada de Tomo – Bungay, editada em Londres, em 1933.

É notório o interesse de Dr Anísio pela ficção de Wells. São muitas as vezes que faz referência ao autor. Em trecho de carta enviada a Monteiro Lobato, datada de 1937, e arquivada no CPDOC/FGV, sob a classificação AT c 1928.06.22, diz:

Caetité, 7 de julho de 1937

Meu caro Lobato: com presteza que comoveu o meu senso paleolítico das distâncias, você mandou em resposta às minhas saudações a sua melhor e mais esplêndida carta [...] aqui também faz frio (850 mts. de altitude) mas não faz barulho como em Nova York, nem faz pensamento e trabalho como lá. E aquela lânsinha é moderna e inquieta e tôda se encrespa com a prolongada monotonia do país da ociosidade. Leio-lhe Rangel, Vida Ociosa. Ela acha bonito, mas dá de ombros ... que se há-de fazer? É um caso a Joyce ... consola-a os meus livros. Vivo entre Dewey, Russell, Wells [G. H. Wells] e Lobato. E fazem-lhe bem êsses homens de amanhã. Vivo com êles mergulhado no futuro. É uma sensação exquisita e muito mais eufórica. O the Chaper of Things to Come de Wells é um dos meus manuais, a continuação do outline, com o mesmo método, a mesma exatidão penetrante, até o ano 2106. O último acontecimento registrado é o do ano novo de 2106. Não sei se V. já o leu. Não é mais Utopia, é o real Outline of the Future. Tive ganas de traduzi-lo. E ainda o farei, de tal modo o livro resultou ... Nada conheço de mais consciente, de mais persuasivo, de mais fulminante contra as estupidezes atuais e de mais inspirador de grandes esperanças para o futuro. É o mais original das exposições do verdadeiro Estado Moderno, o Estado Educativo ... Pergunte por mim ao Otale se posso traduzir. É edição Macmillan. Tem 430 páginas, largamente entrelinhadas. É uma penetrante análise das nossas mais agudas necessidades atuais. A história de 1914 a 2106. Nunca se sonhou com tão espantoso realismo. Depois hoje já não se tem outra cousa a fazer senão escrever para crianças ou escrever sobre o futuro, o que é apenas um outro modo de escrever para as crianças ... E é por isso que V., comigo, está definitivamente classificado entre meus amigos do futuro.[...] (Teixeira, 1937,s/p)

Através do trecho da carta, não só podemos afirmar que Anísio Teixeira lia e comentava romances de ficção científica como, também, atestar a perplexidade e impotência que Dr Anísio manifesta diante da certeza da eminente eclosão de uma *Segunda Grande Guerra*. Quando destaca que o capítulo do livro de Wells, colocado em tela na carta, titulado de “Things to Come”, tornou-se um dos seus manuais, expressa a ideia de nada a fazer senão esperar o holocausto, indo portanto ao encontro do que Freud escreve na carta resposta encaminhada a Einstein, e comentada anteriormente.

A carta de Anísio Teixeira é enviada para Monteiro Lobato na data de 7 de julho de 1937 e a Segunda Guerra Mundial inicia-se em 1939 e dura até 1945. Portanto, o convite da UNESCO, ao menos pelo que estava escrito na *Constituição* e programa da Instituição, significou para

¹⁴⁸Ficção científica romanceada, cujo o pano de fundo é um remédio utópico capaz de cura todos as mazelas. Aborda, também, os costumes do início do século XX. O livro defende um governo de maioria proletária em vez de um governo elitista intelectual (adaptado de resumos da internet).

Dr Anísio abonaça depois da tempestade, tanto a nível pessoal (voltará a trabalhar em temáticas que lhes são caras), como a nível coletivo, pois participará da construção da almejada paz mundial. Entretanto a dinâmica da UNESCO, à época, não funcionou conforme Dr Anísio, possivelmente, esperava. Durante sua estadia como conselheiro, teve que conviver com a lentidão burocrata da Instituição, bem como com os indícios de que a paz, conforme idealizada pela organização, duraria muito pouco. No mesmo ano que Anísio Teixeira desliga-se da UNESCO, inicia-se a chamada *Guerra Fria*, ou seja, 1947.

Nesse contexto, passa a ser crescente, o interesse por temáticas relacionadas a paz e formas de mantê-la, em intelectuais que vivenciaram as grandes guerras. A utilização da *Bomba Atômica* passa para a ordem do dia, o que intensifica discussões ligadas a energia nuclear.

No que se refere ao autor ficcionista constante na lista da biblioteca da UNESCO, escolhemos alguns livros de ficção do século XIX e XX, que assim como os de G. H. Well apresentam previsões futuristas, que podem ter despertado o gosto e interesse de Anísio Teixeira por este tipo de leitura, em diferentes períodos da vida, montando para tanto a tabela¹⁴⁹ que se segue. Adicionamos, inclusive, livros voltados para a fase da adolescência, que podem ter sido lidos pelo jovem Anísio a partir de indicações de familiares ou de professores jesuítas, nos colégios em que estudou, pois, como dissemos, Pe Cabral emprestou o livro titulado *As viagens de Gulliver, de Jonathan Swift*, uma obra de ficção, publicada pela primeira vez em 1726, e considerada precursora dos romances modernos, para Jorge Amado.

Quadro 15: Título, autores e previsões contidas nos conteúdos de alguns livros de ficção do período 1870-1968.

LIVROS DE FICÇÃO CIENTÍFICAS			
AUTOR	ANO	TÍTULO DA	PREVISÕES FUTURISTAS
Júlio Verne	1870	Vinte Mil Léguas Submarinas	O submarino
Edward Bellamy	1888	Looking Backward	Cartões de débito
Hugo Gernsback	1911	Ralph 124C 41+	Elettricidade a partir de energia solar
H. G. Wells	1914	The World Set Free	A bomba atômica
Aldous Huxley	1932	O Admirável Mundo Novo	Comprimidos antidepressivos
George Orwell	1949	1984	Big Brother e a vigilância em massa
Ray Bradbury	1953	Fahrenheit 451	Headphones
Arthur C. Clarke	1968	2001: Odisseia no Espaço	iPad

FONTE: Elaborado pela autora a partir de informações colhidas na Internet

Procurando entender se poderia haver alguma relação entre o gosto por ficção científica e um interesse manifesto por ciências, como observado em Anísio Teixeira, destacamos:

¹⁴⁹<https://pt-br.insider.pro/lifestyle/2016-02-25/15-livros-de-ficcao-cientifica-que-previram-o-futuro/>

A ficção científica é uma forma de literatura fantástica que tenta retratar, em termos racionais e realistas, tempos futuros e ambientes que diferem dos nossos. No entanto, mostra estar consciente das preocupações dos tempos em que é escrita e provê um comentário implícito sobre a sociedade contemporânea, explorando os efeitos, materiais e psicológicos, que qualquer tecnologia nova pode ter sobre ela. Quaisquer mudanças que tiverem lugar na sociedade enfocada, e também quaisquer acontecimentos futuros que forem extrapolados, deverão basear-se em uma teoria, científica ou não, encarada em forma comedida e considerada. Os autores de ficção científica usam seus ambientes estranhos e imaginativos como um campo de prova para novas idéias, examinando em forma plena as implicações de qualquer noção que propuserem. (Mann, 2001, p. 6)

Não podemos afirmar que Anísio Teixeira leu todos os livros disponibilizados no quadro, mas sem dúvida a explicação acima vai ao encontro do que gradativamente vamos dando visibilidade sobre ciências e as imbricações com a educação, que vamos percebendo na trajetória de Dr Anísio. Com relação a carta entretanto, nos restringimos a comprovar o interesse manifesto por ver publicado, em português, livros de Wells e este fato indica, ser Anísio Teixeira conhecedor das obras e do autor.

Cabe entretanto destacar que os livros do quadro são precursores de ideias futuristas, o que de certa forma vai ao encontro do que, Anísio Teixeira sempre assinala nos seus textos, ou seja, que em decorrência de descobertas científicas e avanços tecnológicos, mudanças sociais vão sendo processadas, sinalizando necessidade de mudança nos processos formativos.

Fazendo referência a vários estudos, Reis e Galvão (2006), afirmam que:

A aprendizagem acerca da natureza da ciência e da sua relação com a sociedade e a cultura constitui um aspecto importante da maioria dos currículos de ciências actuais (Jenkins, 1996; McComas, 2000). Geralmente, a designação natureza da ciência refere-se à epistemologia da ciência, à ciência como uma forma de conhecimento ou aos valores e crenças inerentes ao desenvolvimento do conhecimento científico (Abd-El-Khalick, Bell e Lederman, 1998). A compreensão do empreendimento científico constitui um eixo fundamental da literacia científica, indispensável ao envolvimento activo dos cidadãos em processos decisórios relacionados com questões sociocientíficas. Existe a convicção de que o conhecimento da natureza da ciência (especialmente dos enquadramentos sociais, institucionais e políticos no interior dos quais a ciência opera) encoraja os alunos a apreciarem a ciência como um empreendimento humano com história, aventuras, personalidades, dramas, disputas, controvérsias, criatividade, normas e princípios éticos. (Driver, Leach, Millar, e Scott, 1996) (REIS e GALVÃO, 2006, p.1)

Acreditamos que o envolvimento, desde muito jovem, com questões que direta e o indiretamente se relacionam com ciências, influenciaram, seja através do ambiente familiar, como, por exemplo, questões ligadas a pesquisas médicas, por influência do pai e de amigos de Anísio Teixeira; seja por questões sanitárias ligadas a plantas e animais das fazendas da família; seja através das histórias de excursões científicas, que cortaram a região do *Alto Sertão da Bahia* perpassando por Caetité, como as de Von Spix e Von Martius e Teodoro Sampaio, comentadas anteriormente; seja através das práticas e histórias de ciências relacionadas ao universo científico dos jesuítas e entre estes destacamos o Pe Torrend, seu professor no CAV ou, ainda do Pe Bartolomeu Lourenço de Gusmão, conhecido com o *padre voador*, do seminário jesuíta de Belém de Cachoeira, cuja a história possui pontos coincidentes com a história veiculada pela literacia científica de Júlio Verne, no livro a volta

ao mundo em 80 dias, de 1874 (considerada a primeira obra de ficção científica registrada na história universal) ou, quiça, por um pouco de tudo isso, nossa premissa se confirma, o que nos leva a afirmar que Dr Anísio desenvolve e mantém vivo por toda sua existência, um *Espirito* (pensar) *Científico*.

Em carta anterior, enviada a Monteiro Lobato e datada de 21 de janeiro de 1936, após deixar a gestão da educação no Rio de Janeiro, entre outras observações, Anísio Teixeira vai dizer a Lobato que as pessoas necessitam tanto de nutrição intelectual, quanto material e diz que se sente disposto para iniciar o velho sonho de produzir uma coleção de livros fundamentais e que conta com Lobato para fazer a coordenação da produção. E explica:

A coleção seria pois de alimentos dessa espécie. Coleção de civilização contemporânea. Para dizer os corolários da ciência e da democracia. Começar por Wells e pelos geniais escorcistas contemporâneos e, de vez em quando, para mostrar a continuidade com a floresta de pensamento humano, um jequitibá secular – Montaigne, Platão, etc. Que você acha? Uma coleção para um regime de super-nutrição do Brasil. Não será de nutrição que realmente o país precisa? E não está isso 200% de acordo com a política da companhia[Companhia Editora Nacional]? Nutrição dirigida, em vez de economia dirigida. Porque para essa parece que ainda não chegou a hora... A coleção de F. A. [Fernando de Azevedo?] é muito interessante, mas muito doméstica, sem horizonte internacional. Seria necessário uma coleção em que pedagogia fosse um capítulo e não um título. Pedagogia é bobagem se não for toda a cultura humana. Há mais pedagogia em Wells do que em todos os professores do mundo. Falei com Afrânio e ele concordou [...]. (TEIXEIRA, 1936, s/p)

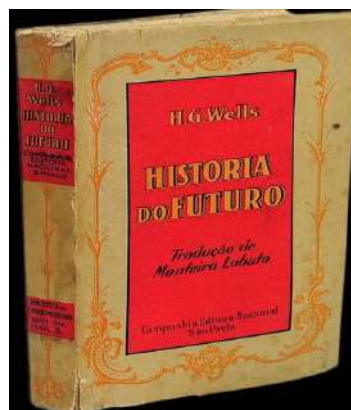
Quinze dias depois, em carta enviada para o irmão Nelson, de Santos, datada de 16 de janeiro de 1936, arquivada no CPDOC, com a referência ATc1920.01.00, Dr Anísio informa: “Terminei, ontem, a tradução de Dewey, Vou agora escrever o artigo para Lessa e atacar a tradução de Wells – Historia da Civilização – É trabalho para meses. Mas, vou vê se venço; Afinal, conforta dar um bocado de bons pensamentos, em português, para este nosso país”. (TEIXEIRA, 1936, s/p)

A tradução dura aproximadamente dois anos, pois em nova carta, arquivada na mesma pasta CPDOC, encaminhada a Nelson, de Caetité, datada de 24 de novembro de 1937, ele informa que concluiu a tradução e que havia iniciado a tradução de um outro livro de Dewey, filosofia, e completa: o “Dewey arranhou raios intelectuais para vêr atravez da neblina e nevoeiro de nossa época. Que espanto poder de clareza!...Voltei assim a minhas ideias gerais, ao que v. chama vicio de inteligencia...[...]”(TEIXEIRA, 1937,s/p) E Dr Anísio, no autoexílio do sertão, complementa:

As idéias servem para se trabalhar com elas e para se jogar com elas. Como não me é possível trabalhar, vou me entregar ao prazer de me divertir. São uns admiráveis brinquedos as idéias dos homens...Mas, nem por isso desisto de meus projetos mais diretamente economicos. Este ano, pretendo plantar 400 tarefas de algodão. (TEIXEIRA, 1937,s/p)

Na carta Dr Anísio ainda comenta, que as traduções trazem pouco retorno financeiro. Embora, como fica evidente, significasse diversão intelectual. Portanto, ter sido convidado para trabalhar na UNESCO, foi uma oportunidade de regresso ao labor com ideias e colocar em práticas as que o aproximava de estudos como os de Dewey.

FIGURA 93: Livro de ficção titulado de a *História do Futuro* de autoria de H.G. Wells, tradução Monteiro Lobato.



FONTE: Internet

Este livro, em conjunto com seis volumes da *História Universal* (“The Outline of History”) e mais a tríade *A Construção do Mundo* (“The Work and Happiness of Mankind”), do mesmo autor, o que totaliza 10 volumes, fizeram parte de uma coleção em português, lançada em 1956 pela Editora Companhia Nacional. Cabe complementar que,

Se a Literatura de Ficção Científica, ao fim do século XIX, tinha o francês Júlio Verne como seu expoente máximo, a ele se sobrepôs o inglês Herbert George Wells [G. H. Wells], com a conivência do escritor argentino anglófilo, Borges. Já se prenunciava, desde então, a investida inglesa na busca pela hegemonia cultural. Foi o horror da primeira grande guerra (1914-18) que fez H.G.Wells abandonar a produção da literatura romaneada e embarcar na difusão da idéia do Estado Globalizado Moderno [...] *História do Futuro* cujo título original é *The Shape of Things to Come* e que gerou o filme *DAQUI A CEM ANOS*, cujo título original é *Things to Come*, uma produção britânica de 1936 [...]. (SCHETTINO, 2011, p.1)¹⁵⁰

Quanto a possibilidade do documento sobre Educação Fundamental, produzido e arquivado na UNESCO ter sido minutado por Anísio Teixeira, conforme citado anteriormente, a colocação é decorrente, entre outras informações que estão sendo cruzadas, pelo interesse manifestado por Dr Anísio, em algumas cartas enviadas a integrantes do grupo da área de educação da UNESCO, conforme pode ser constatado no quadro a seguir. Cabe complementar que o referido quadro ilustra, também, as reações que alguns membros da Comissão esboçaram ao desligamento de Dr Anísio do grupo e que, de certa forma, contribui para dar visibilidade ao que começa a ser construído referente a relação Anísio Teixeira – UNESCO, a partir do retorno de Dr Anísio ao Brasil. Relação que atravessa as gestões públicas assumidas por Dr Anísio a partir do desligamento formal dele, do quadro de profissionais da UNESCO. E que o quadro apresenta as datas, remetentes ou destinatários e respectivos resumos dos assuntos, em tradução livre, de algumas correspondências em inglês, trocadas entre Dr Anísio e membros do “staff” da UNESCO, com as respectivas referências de acesso às mesmas nos arquivos digitais do Centro de Pesquisa e Documentação – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, como poderá ser constatado no quadro que se segue.

¹⁵⁰ <https://palavraimagem.wordpress.com/2011/12/01/daqui-a- cem- anos/>

QUADRO 16: Resumo de assuntos tratados em correspondências¹⁵¹ trocadas entre Anísio Teixeira e membros da UNESCO, logo após sua saída da Instituição em 1947.

DATA	REM./ DEST.	RESUMO DA CORRESPONDÊNCIA	Acesso CPDOC
s/data Visível	Kou-Yu-Shou (remetente)	Kuo revela surpresa pelo recebimento de carta de Dr Anísio anunciando seu desligamento da Unesco. Kuo lembra do acordo entre eles pelo qual Anísio se ausentaria por um tempo e depois retornaria. Kuo insiste que isso seja mantido. Kuo afirma que ele, também, fez sacrifícios e ficou porque considerava que era obrigação dele dar continuidade ao trabalho que haviam começado. Ele diz, também, que em dado momento alguém comentou com ele que Dr Anísio não voltaria e ele respondeu: "Sei que vai voltar. Confio na volta dele". Em seguida pede para Anísio não desapontá-lo.	13
19/03/47	Kou-Yu-Shou (remetente)	Kuo diz que todos da Seção Educacional lamentavam a saída de Dr. Anísio e que ele faria falta. Que todos compreendiam as razões que levaram à saída dele. E que ele faria falta tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Elogia as qualidades de Dr Anísio e afirma que a perda por parte da Unesco significava ganhos compensados para a família, amigos e o Brasil.(obs.: esta carta foi enviada logo após Kuo ter a confirmação de que Dr Anísio tinha realmente saído da UNESCO)	153
03/04/47	Julian Huxley (remetente)	Huxley lamenta a saída de Dr Anísio e questiona se este teria interesse em prestar consultorias ocasionais dando, desta forma, alguma continuidade à colaboração que havia sido estabelecida nos últimos meses.	156
23/04/47	Leonard Kenworthy (remetente)	A carta atualiza os ausentes dos últimos acontecimentos na Seção Educacional e envia documentos em anexos. Sobre os documentos, o 3º parágrafo informa : "Estou enviando cópias de três documentos que lhes parecerão familiares pois cada um de vocês participou de sua elaboração". Seguindo este parágrafo, mais novidades sobre acontecimentos na Unesco, notícias sobre a família do Kuo (filhos estudando em países diferentes em internatos) e termina pedindo lhes enviem notícias suas e sugestões com relação ao programa. Títulos dos documentos anexados, à carta: 1*) (doc 159) - "Programa provisório do Seminário – Workshop - da Unesco 1947 sobre Educação para o desenvolvimento da compreensão internacional"; 2*) (doc 164) - Sugestões para clubes de Relações Internacionais ou grupos similares de meninos e meninas com interesse em relações internacionais"; 3*) (doc 170) - Sugestão de guia para um estudo por parte dos países-membros da Unesco sobre educação relacionada às Nações Unidas e suas agências especializadas em educação primária e secundária e instituições de ensino superior". (Esta carta foi encaminhada para todos os ex-membros da Comissão Preparatória da primeira conferência.	156
23/04/47	Howard Wilson (remetente)	Carta agradecendo presente e torcendo para que o trabalho de Anísio no Brasil esteja sendo proveitoso. O autor da carta menciona o livro que está escrevendo, diz que precisa de informações sobre comissões nacionais ou órgãos semelhantes e solicita informações de Dr Anísio sobre a organização que teria sido criada no Brasil e cumpriria função de Comissão Nacional relacionada às matérias da Unesco. (O autor está se referindo ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura – IBECC).	174
26/04/47	Joseph Lauwerys (remetente)	O objetivo central da carta é perguntar a Dr Anísio se ele conhece o chileno Bunster Montero que teria trabalhado no ministério de educação do Chile e se o mesmo teria experiência com educação em tribos indígenas. Pergunta se Anísio Teixeira conhece e se poderia enviar referências sobre Montero e respectivas qualificações, aptidões e caráter. Pede que a matéria (consulta) seja mantida	175

¹⁵¹ Tradução realizada por Luiz Rogério Góes de Britto, bacharel em Línguas Estrangeiras Modernas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA.

		sigilosa.	
27/04/47	Kou-Yu-Shou e Kenworthy (Destinatário)	Dr. Anísio (já trabalhando como secretário, no governo da Bahia, diz que a decisão de sair da Unesco não foi fácil. Diz, também, que ficou feliz que tenham compreendido. Afirma que tentará continuar seguindo os ideais da Unesco. Que gostaria muito de poder continuar ajudando a Seção Educacional. Diz que Teixeira de Freitas (estatístico), a quem eles haviam enviado uma carta por recomendação de Anísio, lhe comunicou que lhes havia enviado uma longa resposta sobre a solicitação de estatísticas educacionais, mas que infelizmente estava em português. Ainda assim, a carta era muito boa e eles deveriam dedicar atenção a ela. Anísio pede para ser mantido informado sobre os acontecimentos relacionados ao projeto de Educação fundamental. Ele diz ter interesse por todos os projetos da Seção educacional mas a Educação fundamental em particular constitui parte importante do seu trabalho visto o atraso da Bahia.	179
29/04/47	Leonard S. Kenworthy (Remetente)	Na carta o autor envia notícias dos últimos acontecimentos na Seção Educacional. Agradece as críticas e sugestões recebidas em relação aos documentos enviados anteriormente. Pede novas sugestões/opiniões sobre outros docs anexados, ou sejam: Definição do termo “Cidadania Global” (doc 184), lista de perguntas referentes ao guia de treinamento de professores para o desenvolvimento da compreensão global (doc 185). Arcabouço do estudo sobre educação para a compreensão global nas escolas dos países membros(doc186).	181
14/05/47	Kou-Yu-Shou (Remetente)	O autor da carta, Kou, no 1* Paragrafo, faz referência a decepção do pessoal da Unesco com a quebra do acordo de cavalheiros (mencionado na carta enviada por ele s/data visível) e subsequente saída de Anísio Teixeira do Órgão. Kou pondera, no entanto, que o fato de Dr Anísio ter alcançado cargo importante[no governo da Bahia] e eventualmente poder se tornar Ministro da Educação compensaria sua saída da Unesco visto que teria condições de realizar trabalho de natureza mais prática e concreta do que o que normalmente se consegue na organização.internacional. No 2* Paragrafo da carta, trata de um pedido de informações por parte de Kuo referente à Conferência da Cidade do México. Kuo diz que a Conferencia precisa ser um sucesso e nesse sentido solicita conselho de Anísio sobre como engajar os educadores latino-americanos. Pergunta como a UNESCO pode conquistar a boa vontade e cooperação dos professores da América Latina e fazer com que se interessem pelo programa educacional da Instituição. Alem disso questiona que tipo de modificações/adições devem ser feitas ao programa de 1948 com esse objetivo? E quais seriam as pessoas chaves na America Latina. Por último pergunta se Dr Anísio poderia providenciar uma lista com o nome dessas pessoas . Finalmente, no 3* Paragrafo, Kuo pergunta se Dr Anísio recebeu uma carta do Dr. Huxley convidando ele para se tornar consultor da Seção de Educação. E complementa dizendo: que tendo Dr Anísio recebido o convite ou não, já estava fazendo uso de seu novo consultor na carta.	189
23/05/47	Julian Huxley (Destinatário)	Dr Anísio pede desculpas pela demora [envio da resposta da carta recebida em 03/04/47] e agradece o convite para prestar consultoria. Diz que se sente honrado com o convite e que teria o maior prazer de ajudar no que puder embora ache que não poderia ser capaz de ajudar com muita coisa.	192
22/05/47	J.A. Lauwerys (Remetente)	O objetivo principal da carta é perguntar se Dr Anísio teria interesse em escrever um artigo sobre os impactos da guerra no Brasil para inclusão em uma publicação da UNESCO. (Acho que se refere ao anuário da educação). Caso contrário o Brasil não estaria representado naquele ano.	193
25/05/47	Joseph A. Lauwerys (Destinatário)	[A carta é a resposta de Dr Anísio a carta enviada pelo destinatário na data de 26/04/47] na qual ele diz que não conhece o chileno Bunster Montero pessoalmente e que nem nunca ouviu falar dele. Que caso ainda estivesse no Rio de Janeiro poderia tentar descobrir alguma coisa mas que na Bahia não teria	195

		condições fazê-lo. Termina dizendo que os países sul-americanos são pouco integrados e distantes geograficamente e que, portanto, não é fácil saber dos acontecimentos desses outros países.	
23/05/47	Kou-Yu-Shou (Destinatário)	Dr Anísio agradece a carta [datada de 14/05/47] e diz que foi nesta carta que finalmente acreditou que o Kou lhe havia perdoado por sua "desertação involuntária". Dr Anísio diz que acredita que a Conferência da Cidade do México será um sucesso, que não há o que temer. E que a América do Sul não é difícil, e que se anima facilmente com ideias de boavontade internacional. Aniso Teixeira afirma que a Educação Fundamental será o elemento principal do Programa da Unesco para a América Latina. Diz que a América Latina é uma área escura (atrasada) no mapa mundial, mas que ao mesmo tempo possui uma gama, ainda que pequena, de pessoas avançadas [progressistas?]. Diz que junto com a agenda de Educação Fundamental, a Unesco precisa levar para o México questões contemporâneas, ou sejam, as últimas tendências na área de Educação. Os Latino Americanos são atentos com o futuro, então a sugestão de Dr Anísio é que os organizadores foquem de um lado na questão da batalha contra o analfabetismo e de outro na discussão dos últimos conceitos e desenvolvimentos da educação internacional. Ele chama atenção para a questão de percepção de respeito internacional por parte dos latinos americanos. Mas que essa percepção diz respeito ao fato dos Europeus acreditam mais facilmente no desenvolvimento da América Latina do que os próprios latino-americanos. Finalizando Dr Anísio diz que vai preparar uma lista de educadores sul-americanos e que vai discutir tais questões com amigos dele, aqui no Brasil, e avisa se algum outro assunto de interesse surgir.	198
09/06/47	Howard Wilson (Destinatário)	(A carta é a resposta de Dr Anísio à carta enviada pelo destinatário em 23/04/47) nesta Dr Anísio diz que repassou o pedido de informações sobre a Comissão Nacional para o Presidente do IBECC, [que funcionava vinculado ao Itamarati, Rio de Janeiro] que teria melhores condições de ajudar, pois Dr Anísio estava na Bahia, atuando como Secretário Estadual de Educação e Saúde.	204
14/08/47	Kou-Yu-Shou (Destinatário)	Dr Anísio diz que várias perguntas do Kuo [da carta datada de 14/05/47] haviam ficado sem resposta na última carta [datada de 23/05/47] que ele [Anísio Teixeira] havia enviado em resposta. Dr Anísio diz que acaba de receber do amigo Prof. Carneiro Leão, do Rio, uma lista de educadores latino-americanos que seriam de interesse do Kuo. Repete a questão da falta de unidade América do Sul e em, especial, sobre a separação do Brasil por conta da barreira idiomática. Diz que Carneiro Leão conhece muito mais a América Espanhola do que ele [Anísio]. Diz que imagina que o Seminário foi um sucesso e que do Brasil apenas Fernando Tude de Souza foi capaz de comparecer.	207

FONTE: Construído pela autora a partir de traduções de correspondências em inglês arquivadas no CPDOC/FGV.

Analisando os resumos das cartas apresentados no quadro, percebe-se que a falta de interesse de Dr Anísio em renovar seu contrato com a UNESCO provocou surpresa em membros do "staff" da Instituição e que em alguns a surpresa deu origem a protestos declarados, como no caso de Kou-Yu-Shou (chinês), integrante da seção de educação. Entretanto após a maturação da ideia de que a questão do desligamento era fato consumado, muitos foram os elogios e desejos de sucesso no âmbito da função que Dr Anísio assumia na Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia. O Kou-Yu-Shou, da seção de educação, passa a visualizar e exterioriza as vantagens, para a Unesco, da locação de Anísio Teixeira em postos estratégicos do governo brasileiro, principalmente, a possibilidade de estabelecer contatos a nível federal. Contatos que realmente se intensificam, pois Dr Anísio ao tempo que contribui com informações sobre o Brasil para a UNESCO, firma muitas parcerias com esta Instituição, muitas das quais contando com a intermediação de Paulo Carneiro.

Do quadro podemos inferir ainda, que mesmo distante do poder decisório da UNESCO, Dr Anísio continuava participando, indiretamente, através de trocas de correspondências, das discussões propostas pelo "staff", inicialmente, as referentes a organização da *Segunda Conferencia Geral da Unesco*, que estava prevista para realizar-se na cidade do México, no período de 6 de dezembro a 10 de dezembro de 1947. Esse elo fortemente construído, entre membros da UNESCO e Dr Anísio, nos anos de 1946 e 1947, acaba por originar um novo convite para que Dr Anísio volte a trabalhar na UNESCO, no quadro permanente do Departamento de Educação, ainda no período da presidência de Julian Huxley.

O convite chega, mais uma vez, através de Paulo Carneiro que visualiza, na vaga deixada por Kou-Yu-Shou, transferido para uma outra função, a possibilidade concreta de Dr Anísio retornar ao quadro de profissionais da UNESCO.

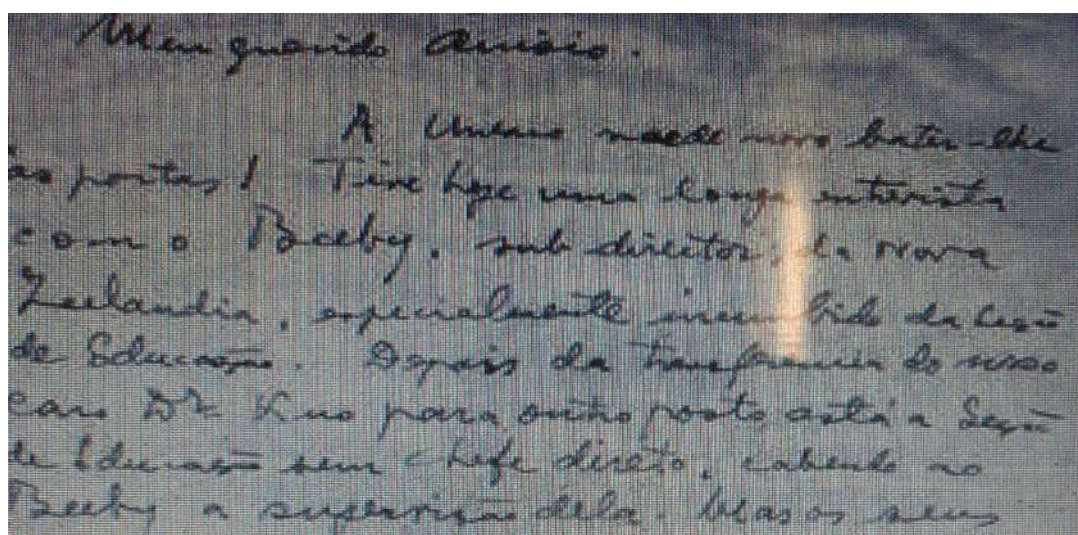
A proposta para o retorno de Dr Anísio a Instituição, demonstra que Paulo Carneiro estava ciente dos descontamentos que Anísio Teixeira vinha acumulando como Secretário de Educação e Saúde no governo de Otávio Mangabeira, principalmente em decorrência da falta de recursos para colocar em prática o plano de ação elaborado e que incluía, um arrojado *Plano de Edificações*, para o setor educacional baiano.

Em sendo assim, Paulo Carneiro envia uma carta confidencial para Dr Anísio, informando que com a transferência de Kou-Yu-Shou, o subdiretor da Nova Zelândia estava acumulando provisoriamente a direção da seção de Educação com a subdireção, e que o nome de Dr Anísio estava sendo cogitado, caso aceitasse, para o cargo de Diretor da Seção.

Na carta Paulo Carneiro informa a Dr Anísio que só estava aguardando o retorno de Julian Huxley de uma viagem para formalizar o convite oficialmente, caso Anísio Teixeira aceitasse, como pode ser observado na cópia da carta anexada a seguir, cujo original encontra-se arquivado no CPDOC/FGV, classificação AT t 1947. 05.26.

FIGURA 94: Carta confidencial de Paulo Carneiro enviada a Anísio Teixeira, sondando se o mesmo não teria interesse de voltar a trabalhar no Departamento de Educação da UNESCO.

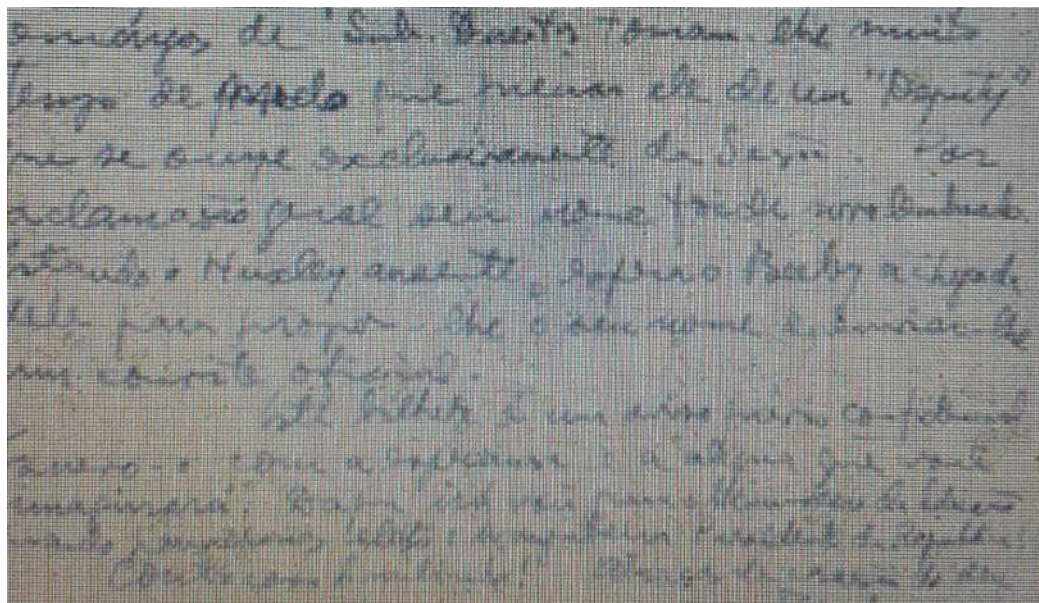
Folha 1



Querido Anísio.

A Unesco não se pode bater-lhe as portas! Tive hoje uma longa entrevista com o Beeby, sub-diretor, da Nova Zelândia, especialmente incumbido da seção de Educação. Depois da transferência do nosso caro Dr. Kuo para outro posto, está a Seção de Educação sem chefe direto, cabendo ao Beeby a supervisão dela. Mas os meus

Folha 2



FONTE: CPDOC/FGV

O tom confidencial, mas informal e afetivo, com que Paulo Carneiro trata na carta uma questão que poderia ser favorável ao amigo, o que pode ser verificável já no início da correspondência, com o nome do destinatário, ou seja, Anísio, precedido de meu querido, revela uma intimidade que, em verdade, vinha sendo construída há muitos anos. Muito provavelmente, desde a década de 1930, nas reuniões das Associações e Academias que ambos participavam. Uma intimidade e confiança baseada em valores e capacidade profissional de ambas as partes, que não só fortalecia ações conjuntas como, também, metas individuais, quando oportunidades de indicações, sugestões, publicações, entre outras assim demandavam apoio ou indicações. Com a UNESCO não foi diferente.

Paulo Carneiro participa, como delegado adjunto do Brasil, da Conferência das Nações Unidas, realizada em Londres em janeiro de 1946.

Ao ser aprovada, por essa Conferência, a criação da UNESCO, Paulo Carneiro é designado, pelo governo brasileiro, para representar o país, a princípio como ministro (1946-1958) e, depois, como embaixador (1958-1965).

O ingresso na diplomacia, o afasta, conseqüentemente, das pesquisas puramente científicas, cujo currículo retrata histórias de êxito, como por exemplo as pesquisas realizadas na Amazônia sobre o curare e em Paris, no Instituto Pasteur.

Na UNESCO são abertas oportunidades para atuar no campo da Educação, da História e dos problemas diretamente ligados ao homem, enquanto Presidente do Conselho Executivo e de várias das principais Comissões das Conferências Gerais.

Em sendo assim, a posição estratégica de Paulo Carneiro na UNESCO passa a ser não só positiva para o Brasil como, principalmente, para Dr Anísio. Mesmo declinando do convite oficial de Dr Huxley, para retornar aos trabalhos na sede da UNESCO, em decorrência de amplo apelo público e novos entendimentos com o governador da Bahia, que leva Anísio Teixeira a decidir por completar sua gestão como Secretário de Educação do Estado, Dr

Anísio, através de Paulo Carneiro, mantêm-se conectado com a UNESCO por uma via de mão dupla que perdura por muitos anos e que contribui para a viabilização de muitas ações planejadas, em parcerias ou individualmente, por ambos.

3 – NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE DA BAHIA

Afirmando, em 1992, que qualquer “depoimento é apenas um fino facho de luz iluminando uma fração restrita da história”, a professora Iva Waisberg Bonow, então catedrática de Psicologia do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (IERJ), com vários livros publicados na área, observa que:

Evidentemente no testemunho misturam-se as mais vívidas experiências de quem recorda, seletivamente, episódios percebidos como os mais significativos em relação ao personagem ou aos acontecimentos enfocados. Há, portanto, neste tipo de contribuição, um toque muito singular, ou seja: o da personalidade de cada narrador que percebeu e vivenciou de modo único os fatos que ele próprio passa a narrar. Trata-se assim, sempre, de uma verdade relativa que, entretanto, pode ser cotejada e examinada em comparação com outros testemunhos e dados objetivamente registrados e arquivados. (BONOW, 1992, s/p)

Portanto, levando a observação da professora em consideração, adicionamos partes do depoimento que a mesma fez, de fala de Anísio Teixeira, em encontro com ela, depois de 9 de fevereiro de 1938, logo após a formatura em um lotado Teatro Municipal, da única turma que colocou grau na UDF e da qual fazia parte.

Segundo Bonow, (1992) Dr Anísio, já residindo no interior da Bahia, soube através de amigos, que ela foi a responsável pela oratória da turma de formatura e foi a sua casa ouvi-la. Ainda segundo a professora, ao término da leitura do discurso com ambos emocionados, a mesma solicitou para que Dr Anísio contasse por que somente em 1935 criara a Universidade se, já estava a frente da gestão da Instrução Pública do Rio de Janeiro desde 1931 e, pelo menos aparentemente, tinha vivenciado períodos mais amenos no governo do Distrito Federal do que o vivenciado no período em que criara a UDF. Sobre tal indagação a professora acrescentou no depoimento a seguinte colocação: "Deu-me então, mais uma vez, uma lição magistral que ficou inesquecível. Lição admirável na arquitetura de razões irretorquíveis". (BONOW, 1992, s/p) Dito isto, passa a narrar a resposta de Anísio Teixeira, conforme pode ser observado a seguir:

Quando assumi os primeiros cargos diretivos na educação pública, quer pela primeira vez na Bahia e pela segunda vez no início de 1931, na chefia do Departamento de Inspeção do MEC, ambos me serviram de laboratório pedagógico para o estudo e compreensão das várias realidades educacionais brasileiras, tanto de ensino quanto de aprendizagem em âmbito de Estado e de Federação. A reforma de Francisco de Campos, Ministro da Educação e Cultura, oficializada em 1931, contou apenas, mui tangencialmente, com a minha colaboração. No entanto, quando aceitei cooperar com o Dr. Pedro Ernesto na chefia da Diretoria Geral de Instrução do Distrito Federal, já se esboçava em mim, em linhas gerais, o esquema de uma reforma na estrutura educacional brasileira. Minhas idéias e observações foram, evidentemente, muito discutidas com alguns colegas bastante experimentados na área, com os quais eu trocava aberta, livre e descompromissadamente idéias, apresentando-lhes para exame e crítica as conclusões a que ia chegando, num

processo contínuo de revisão e enriquecimento, antes de pô-las em prática. (TEIXEIRA apud BONOW, 1992, s/p)

A professora informou, também, que Anísio Teixeira disse-lhe que passaria a usar uma imagem simples na aparência, por acreditar que isto facilitaria a compreensão da situação. E começa a narrar a linguagem figurada proposta por Dr Anísio para esclarecer a questão e que pode ser conferida a seguir:

Para mim, vejo a problemática educacional brasileira, agora em 1938, como se me deparasse com um gigante cujas necessidades teriam de ser atendidas gradativamente. Saber por onde começar e como prosseguir seriam o fim e a chave do êxito ou da derrota, não minha, pessoal, mas das presentes e futuras gerações de brasileiros. Os pés de um gigante são enormes e essenciais para mantê-lo ereto. Pois bem, teríamos de começar pela educação fundamental, com a ampliação e melhoria qualitativa da escola primária e, se possível, da pré-primária. Para atingir este objetivo o mais ampla e eficazmente possível, haveríamos de ir incorporando, em períodos breves, à rede escolar, parcelas cada vez maiores de crianças ainda não escolarizadas. Esta tarefa teria que, necessariamente, ser complementada pela formação de professores primários com a habilitação muito bem alicerçada em bons conteúdos e em excelente treinamento didático. Concomitantemente teríamos que recuperar e aumentar a rede de edifícios escolares. Logo a seguir teríamos de cuidar das mãos do gigante, prepará-lo para o trabalho qualificado, criando escolas e cursos profissionais, equivalente aos ginásios acadêmicos, divorciando-nos deliberadamente daquele preconceito aristocrático, ainda tão enraizado na nossa gente, de que a atividade manual, técnica ou artesanal é opção para os menos dotados de inteligência ou de recursos. Por fim, deveríamos ocupar-nos da cabeça do gigante, proporcionando-lhe uma grande variedade de opções, todas voltadas para a educação do adolescente, da camada jovem da população, não importando que variante profissional ele viesse ou pudesse escolher. Para isso teríamos que formar professores de ensino secundário e técnico do melhor nível, provendo-os dos mais consistentes conteúdos gerais e especializados e proporcionando-lhes, ao lado do embasamento científico e filosófico, o treinamento didático mais objetivo e bem equipado em classe de aula. (TEIXEIRA apud BONOW, 1992, s/p)

Aproximando da finalização do seu depoimento a professora acrescenta ainda, a seguinte observação de Dr Anísio: "Você vê tudo tão simples, tão descontaminado de quaisquer intenções sectárias ou de "ismos". Por isso, concretizar, em abril de 1935, a UDF, já foi um temerário esforço". (TEIXEIRA apud BONOW, 1992, s/p) E complementa dizendo que ele conclui seus esclarecimentos acrescentando: "Foi preciso muita reflexão e trabalho para tentar fazer o gigante andar ereto, com mãos hábeis e mente voltada para objetivos conscientemente elaborados e cotejados com as reais necessidades do educando e da comunidade". (TEIXEIRA apud BONOW, 1992, s/p)

A linguagem figurada utilizada por Dr Anísio na conversa com sua ex-aluna serve, também, para de forma figurativa afirmarmos que o percurso do *Espírito Científico* de Dr Anísio, pelas histórias da educação e das ciências no Brasil foi sempre de fazer com que outras criaturas gigantescas como a descrita se movimentassem imbuídas de concepções modernas.

Portanto, ao afasta-se estrategicamente, por longo período, de gestões e embates públicos, em consequência da configuração política imposta pelo Estado Novo, Anísio Teixeira continua

mantendo atualizada leituras de referências nacionais e internacionais, até que ao ser convidado para assumir função na UNESCO retorna a ter visibilidade pública.

Inicialmente, com a ajuda de um pelotão de bandeira estrangeira e por estradas internacionais. Mas, como demonstrado, em quadros anteriores, a burocracia da UNESCO passa a ser um impedimento. Reforçado pelo que naquele momento e na sua percepção, a Instituição significava para ele, ou seja, que a “Unesco é, ao mesmo tempo, uma obra tardia e uma obra prematura. É esta a sua contradição essencial”. (TEIXEIRA, 1947, s/p)), e já acostumado a agir driblando as incongruências da máquina pública, como ocorrido na gestão do Rio de Janeiro, Dr Anísio não se adéqua a lentidão imposta pelas cordas burocráticas da organização internacional e, portanto, não renova o contrato com a UNESCO. De volta ao Brasil, passa um curto período em Nova York, até retornar para a Bahia.

Cabe lembrar que em 1945, ano em que a UNESCO foi criada, o regime autoritário do Estado Novo chega ao fim no Brasil e inicia-se um processo de redemocratização no país.

Pressões de forças políticas elitistas e populares de oposição levam Getúlio Vargas, prevendo dificuldades na manutenção do governo ditatorial que já durava quinze anos, a tentar manter-se no poder e para tanto, passa a fazer algumas concessões políticas.

Em sendo assim, decreta, nos primeiros meses de 1945, anistia e possibilita o início do processo de reorganização dos partidos políticos, bem como a indicação de candidatos a presidência da República, marcando, inclusive, a realização de eleições para dezembro do mesmo ano.

Estrategicamente, o então e ainda presidente, Getúlio Vargas patrocina a formação de dois partidos políticos. São eles: o Partido Social Democrático (PSD), representado pelas oligarquias que se vinculavam aos interventores getulistas; e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que se vinculava ao movimento sindical trabalhista, subordinado ao Estado varguista. (FAUSTO, 1995) Imbuído ainda da estratégia montada para mudar a imagem construída no período do Estado Novo, permite a legalização do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que havia sido desarticulado e perseguido durante seu governo ditatorial.

Em decorrência, o PSB, o PTB e o PCB patrocinaram um amplo movimento que pregava a *Constituinte com Getúlio*.

O movimento que aglutinou forças políticas de apoio ao governo e que ficou conhecido como *Queremista*, acaba por chamar a atenção dos chefes militares para a possibilidade de ser apenas uma estratégia de continuísmo de Dr Getúlio que poderia vir a boicotar as eleições, com o objetivo de manter-se no cargo. Em sendo assim, um golpe liderado por dois generais, Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, depôs Getúlio Vargas da presidência da República, em 29 de outubro de 1945. (FAUSTO, 1995) Não obstante tal fato, no mês agendado por Getúlio, ou seja, dezembro deste mesmo ano, foram realizadas eleições para a *Assembleia Constituinte* e para presidência da República.

Na disputa eleitoral para presidência da República, mandato de 1946 a 1951, o general Eurico Gaspar Dutra vence as eleições, com 55% dos votos. O resultado da representação partidária para *Assembleia Constituinte* foi o seguinte: o PSD obteve 54% dos votos; a União Democrática Nacional (UDN) obteve 28% dos votos; enquanto que o PTB obteve 7,5 % e o conjunto dos demais partidos, 7,3% dos votos. (FAUSTO, 1995)

Finalizado esse processo é instalada a *Assembleia Constituinte* que redige a nova Constituição brasileira, promulgada em setembro de 1946 e é a quinta a congregar princípios liberais e conservadores, que ao tempo que assegura a manutenção da república federativa presidencialista; assegura o voto secreto e universal para maiores de 18 anos, excetuando-se militares, analfabetos e religiosos; assegura a divisão do Estado em três poderes independentes; restaura as garantias individuais aos cidadãos e acaba com a censura e a pena de morte, continua a preservar a estrutura fundiária, o que garante a manutenção de grandes latifúndios; a preserva uma estrutura sindical comprometida com o Estado e descarta propostas de nacionalização de determinadas indústrias e bancos.(FAUSTO, 1995)

Ao retornar ao Brasil, no início de 1947, Anísio Teixeira vai encontrar uma Bahia em clima pré eleitoral. Ao eleger-se governador da Bahia, para o período de 10 de abril de 1947 a 31 de janeiro de 1951, o ex-deputado federal e deputado constituinte pela Bahia, em 1946, Otávio Mangabeira, convida Anísio Teixeira para assumir a Secretaria de Educação e Saúde do Estado.

É na condição de secretário da Educação do governo Octávio Mangabeira (1947-1951) que Anísio Teixeira influenciou ponderavelmente para a autonomia dos serviços estaduais de educação. Como secretário teve oportunidade de expor e discutir as suas idéias sobre democratização e Educação, em 1947, quando a Assembléia Legislativa baiana discutia o projeto da terceira Constituição do estado da Bahia. O documento para análise chama-se "Fundamentação do capítulo de educação e cultura na Constituição do Estado".Depois, ele apresentou o "Projeto de lei de organização autônoma dos serviços educacionais".Esses dois documentos são essenciais para a história da Educação da Bahia, não somente na década dos anos quarenta como também para a compreensão da Lei Orgânica do Ensino de 1963. (BOAVENTURA, 2000, p.71)

É atribuído a Anísio Teixeira a forma final da redação do Artigo 117, do Capítulo referente a Educação e Cultura, da Constituição do Estado da Bahia promulgada em 1947, que explicita que:

[...] A função de educação e ensino compete ao Estado, na forma da Constituição Federal, incumbindo sua superintendência e direção ao Conselho Estadual de Educação e Cultura, órgão autônomo, administrativa e financeiramente, nos termos desta Constituição e da Lei Orgânica do Ensino. § 1º - O Conselho Estadual de Educação e Cultura se comporá, além de seu presidente, de seis membros, nomeados pelo Governador, com a aprovação do Poder Legislativo, dentre pessoas de reputação ilibada, renovando-se, de dois em dois anos, pelo terço. O Conselheiro perderá o mandato nos casos previstos na Lei Orgânica do Ensino. § 2º - O Conselho, cujas atribuições serão especificadas na Lei Orgânica do Ensino, funcionará sob a Presidência do Secretário de Estado encarregado dos negócios da educação, seu membro nato, ao qual, além das funções definidas na mesma lei, competirá: I - fiscalizar o fiel e exato cumprimento da Lei Orgânica do Ensino; [...]. (BAHIA, 1947, s/p)

Como dissemos, Dr Anísio havia acabado de retornar à Bahia, depois de curto período como conselheiro da UNESCO, por não encontrar-se disposto em tornar-se membro permanente do “staff” da Instituição e convidado aceita ser o novo secretário de educação do Estado. Acreditava Dr Anísio que desta vez poderia realizar uma ampla renovação na educação da

Bahia, apoiando-se em referências e experiências do que deixou em curso na sua gestão no Rio de Janeiro, quando teve que se afastar por questões políticas que acabaram por instalar um *Estado de Exceção no Brasil*.

Após as conquistas referentes a nova Constituição do Estado, tudo indicava que:

Dessa vez, o ambiente provinciano, ainda que mais aberto às idéias inovadoras e às peculiaridades geniais de Anísio, nem por isso deixaria de surpreender-se com a metodologia do mestre, que se cristalizaria, muito menos pela seleção de sua equipe, do que pela introdução de práticas mais formais, como a exigência de curriculum vitae, de entrevista e outras informações cadastrais prévias. Isso contrariava, as práticas do "fisiologismo político-partidário", reinstituído por força da própria redemocratização do País, no governo constitucional de Otávio Mangabeira, que pôs fim ao longo período do Estado Novo. É que Anísio condicionou e obteve, carta branca do eminente Governador da Bahia, para assumir aquele posto. Dois elementos, já vocacionados, eram inatos em sua equipe: sua irmã, a Prof^a Carmem Teixeira, na assessoria principal de seu Gabinete e a Prof^a Anfrisia Santiago, na Diretoria do Departamento de Educação, depois substituída pelo jovem bacharel Milton Tavares. Mas, como a Reforma, autorizada no Capítulo de Educação da nova Constituição baiana, dependeria da Lei Orgânica, que criava o Departamento autônomo de Educação e Cultura, com um Conselho gestor e supervisor do sistema, (e esta Lei ficara travada na Assembléia Legislativa), as atividades e funções da Secretaria tiveram de ser operacionalizadas, através de Superintendências. Para ocupá-las, ele escolheria, sem indicações partidárias, sem preocupação ideológica, contrariando os "patrulhamentos", tanto de direita quanto de esquerda, pessoas que, o seu tino seletivo havia identificado, adequadas àquele momento de transição. Assim, Anísio reuniu uma equipe em que se contavam nomes como Tobias Neto, Milton Tavares, Jayme de Abreu, Adroaldo Ribeiro Costa, Vilgildásio Sena, Tales de Azevedo, Denise Tavares, José Valadares, Diogenes Rebouças, Hildérico Pinheiro, Fernando Santana, Wilde Lima, ou nomes aproveitados dos quadros da Secretaria ou do ginásio da Bahia e da Escola Normal, como Amália Lacerda, Alvaro Moreira, Demostenes Pinto de Carvalho, Armando Costa, para ficar com alguns, apenas, que são recordados, sem desmerecimento dos que tenham sido omitidos. (MATA, 1994, sp)

Referindo-se aos dois períodos cronológicos, ou seja, 1924 a 1929 e 1947 a 1951, de gestões da educação de Anísio Teixeira na Bahia, Abreu (1961) chama atenção para o fato de que “em função do tempo [intervalo de 18 anos] variaram, em alguma medida, as condições socioculturais com que se deparou Anísio Teixeira e certamente muito mais do que elas, evoluiu a sua filosofia de educador e de homem público.” (ABREU, 1961, p.1) Referindo-se que “parece-lhe ser de Rui Barbosa a advertência sobre a tristeza do homem que não muda, salvo quando muda para pior”, Abreu(1961, p.4) destaca:

Foi assim, à base dessa formação intelectual lítero-jurídica e religiosa de aplicado aluno dos jesuítas, de fervoroso congregado mariano na Bahia e no Rio, de quase jesuíta, de bacharel em direito e daquela emanada do ambiente doméstico de austero modelo patriarcalista, que Anísio Teixeira viveu o ciclo a que denominamos latino, de sua formação.[...]Essa exposição do pensamento político-educacional de Anísio Teixeira, pelos já longínquos idos de 1924, visa a caracterizar não somente a posição com que *ingressava* na seara da educação, como corolário necessário à formação àquele tempo processada, mas principalmente demonstrar o que foi a extraordinária mudança que nêle se processou, ao contato mais prolongado com a cultura norte-americana, com as idéias renovadoras de um período ainda dinâmico e progressista no "Teachers College" da "Columbia University. (ABREU, 1961, p.1)

O Anísio Teixeira dessas influências primeiras, era o de convicções filosófico- políticas que admirava e citava Charles Maurras, da "Action Française", e que Abreu (1961) batizou como sendo período, “sem maior impropriedade, de um ponto de vista culturalista, como o ciclo latino (francês, especialmente) humanista-clássico, dedutivista, escolástico, de sua formação”. (ABREU, 1961, p.3). Foi o período em que, enquanto diretor de Instrução Pública, foi contra a *Escola Única*, mas que, apesar disso,

Na área do administrador educacional, a Lei nº 1846, de 14 de agosto de 1925, e o Decreto nº 4312, de 30 de dezembro de 1925, a primeira reformando a Instrução Pública do Estado da Bahia e o segundo aprovando o Regulamento do Ensino Primário e Normal, como documentos inteiros e acabados, dentro do estilo latino de legislação, marcam positivamente a passagem de Anísio Teixeira de tal modo que, salvo legislação sobre aspectos parciais e fragmentários, constituíram a lei educacional básica da Bahia por *trinta e dois anos*, até que o mesmo Anísio a viesse reestruturar fundamentalmente, no governo de Otávio Mangabeira, em 1947. (ABREU, 1961, p.4)

Entretanto, ao retornar dos EUA em 1929, após a conclusão do “Master of Arts”, agora sobre a influência de nova corrente filosófica, escreve um documento titulado de *Sugestões para reorganização progressiva do Sistema Educacional Baiano*. Este documento, trata-se de um Plano de ação que, não sendo bem-aceito pelo governo de Vital Henrique Batista Soares, que substituiu Góes Calmon, mas que a revolução vitoriosa de 1930 interromperia, leva Dr Anísio a se exonerar do cargo, em novembro do mesmo ano da conclusão do curso nos EUA. (ABREU, 1961)

Portanto, ao iniciar um novo período no comando da gestão da educação da Bahia no governo de Otávio Mangabeira, o Estado passa a contar com um Anísio Teixeira mais fortalecido intelectualmente e cujas as coordenadas básicas do seu pensamento passam a ser democracia e ciências a partir de influências anglo-saxônica, amadurecidas no período de 1928 a 1929, (ABREU, 1961) consolidadas por experiências da gestão do Departamento de Educação do Rio de Janeiro, conforme endossa Anísio Teixeira, em carta enviada a Leonard S. Kenworthy, comentada no capítulo anterior, membro do “staff” da UNESCO, em 1948, e que reflete, conforme reforça Abreu (1961),

[...] a extraordinária mudança que nêle [Anísio Teixeira] se processou, ao contato mais prolongado com a cultura norte-americana, com as idéias renovadoras de um período ainda dinâmico e progressista no "Teachers College" da "Columbia University" e, sobretudo, com o fato que positivamente deu rumos novos à sua filosofia de vida: a descoberta de Dewey que o converteu no "Anísio lapidado pela América", na expressão feliz de Monteiro Lobato, a que se refere Fernando de Azevedo. Dewey seria, em relação a Anísio, a suprema expressão daquela plêiade de professores, Kilpatrick, Monroe, Thorndicke, Kandel, Counts, Cubberley, Alexander, Rugg, cujas aulas freqüentara em período áureo do "Teachers College" da Columbia University". (ABREU, 1961, p.6)

Este novo período 1947 a 1951, vai contar com uma suplementação orçamentaria do Ministério de Educação e Saúde, que entre os anos de 1946 a 1950, foi dirigido pelo baiano Clemente Mariani. O ministério contava com órgãos diretamente subordinados a ele no Estado, ou seja, o Serviço Nacional de Tuberculose; o Serviço Especial de Saúde Pública; o Serviço Especial de Malária, bem como o Departamento Nacional de Educação e o Departamento Nacional da Criança. (BAHIA, 1949) O Departamento Nacional de Educação, através da Delegacia Estadual de Educação, promoveu, com o apoio da Secretaria de Educação e Saúde, ainda em 1947, uma Campanha de Educação de Adulto. A justificativa para tal ação na Bahia, centrava-se em dados demográficos de 1940, no qual ficou registrado que 71% da população baiana com 15 ou mais anos era analfabeta e que, quando estes dados eram comparados com dados coletados em 1920, haviam diminuído em apenas 2%. (BAHIA, 1949) nesse período uma grande quantidade de material oriunda da capital chegou a Bahia nesse período. A Campanha foi realizada, mas Anísio Teixeira sabia que o processo não poderia ser supletivo e portanto, trata de elaborar e colocar em prática um plano mais audacioso que era o de construir escolas em todo território baiano. Acreditava, ao iniciar os trabalhos, que um plano de educação para o Estado e uma nova Lei Orgânica para o sistema escolar, contribuiria para uma mudança no quadro educacional do Estado que, em 1945 registrava um quantitativo de 400.000 crianças, em idade escolar, fora de unidades de ensino, por falta de capacidade instalada para atendê-las. Situação, também comum em muitos outros estados brasileiros.

Diante de tal realidade, Anísio Teixeira, procura reestruturar os serviços educacionais baianos, para então instalar toda a dinâmica necessária a um satisfatório desenvolvimento educacional que o Estado estava a exigir.

Suas primeiras ações enquanto diretor, foi a elaboração e encaminhamento à Assembleia Legislativa do Estado do projeto da Lei Orgânica referente ao funcionamento do sistema educacional, bem como a elaboração de um Plano para construção de prédios escolares.

Os serviços de educação do Estado resumem-se em um corpo de professores primários aglomerados nas cidades ou dispersos pelas vilas e povoados, quase todos sem prédios, instalações e assistência técnica, moral ou mesmo administrativa, um corpo de professores secundários distribuídos por três ou quatro pavilhões de um único instituto secundário, e três institutos de formação do magistério primário, somente um com instalações materiais adequadas, mas lamentavelmente transformado numa confusa e congestionada escola secundária. (TEIXEIRA apud ABREU, 1961,p.34)

3.1- O Plano de Edificação dos Prédios Escolares

Cabe destacar que em 1946, o Ministério de Educação e Saúde já contava no seu organograma, com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que vinha sendo dirigido, desde 1938, por Lourenço Filho, à época vice-reitor da UDF e até 1937, diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, apresentado anteriormente, e que continuava desenvolvendo papel relevante a nível nacional, na formação e aperfeiçoamento de professores para atuarem nas séries iniciais do ensino básico.

Acreditamos que elaborado por ou com sugestões de Lourenço Filho e equipe, o INEP apresentou ao novo ministro, um plano cujo objetivo maior centrava-se na ampliação da rede escolar do ensino primário, fundamental e normal do Brasil. E como objetivo complementar, o aperfeiçoamento de professores em cursos promovidos em diversas localidades e no Distrito Federal. Cursos que, possivelmente, seriam coordenados e/ou ministrados pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro, pois, como afirmamos, continuava funcionando e sendo referencia mesmo depois da saída de Anísio Teixeira do Departamento de Educação do Distrito Federal.

Clementi Mariani aprovou o plano e o colocou em prática sem restrições. Sendo assim, a Bahia, com seus reduzidos recursos orçamentários, à época do governo Otávio Mangabeira, passa a contar com recursos suplementares, oriundos do INEP/MEC, para construção de 688 escolas primárias; para construção de 31 grupos escolares; e para a construção de 6 escolas normais, previstas para serem construídas em Feira de Santana, Jacobina, Jequié, Juazeiro, Barra e Cachoeira, além de recursos para aquisição de equipamentos e material para ginásios, orfanatos e outras instituições pedagógicas.(BAHIA,1949)

Dr Anísio informa, em depoimento fornecido em 1949 a Revista Fiscal da Bahia, que com os recursos do INEP/MEC, previa construir 750 unidades de *Escolas Rurais*, das quais 250 já estavam prontas, 250 em estado adiantado de conclusão e 250 em fase de construção inicial. Explica ainda, que tratava de uma estrutura simples composta apenas de uma classe, um recreio coberto e a residência do professor. E informa que o custo estimado para cada Escola Rural, era de Cr\$ 60.000.00, no modelo da foto que se segue:

FIGURA 95: Foto do modelo de *Escola Rural* do Plano de Edificações da Bahia.



Fonte: Revista fiscal 1949.

E esclarece que:

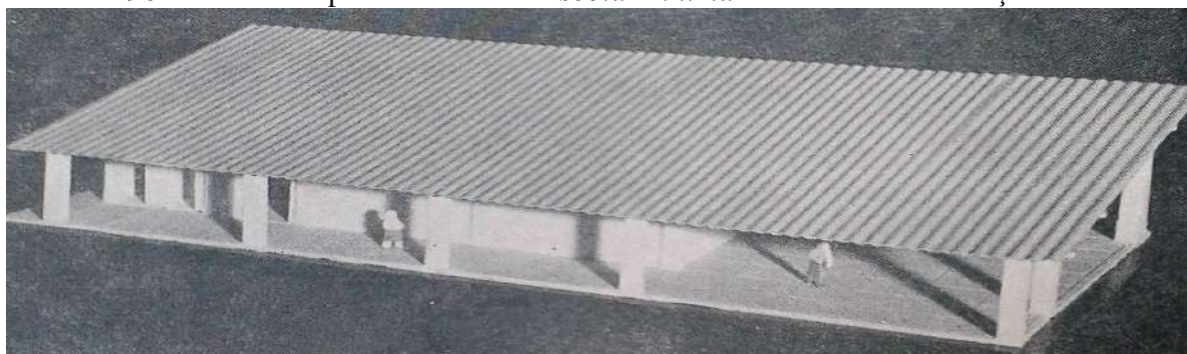
O problema do prédio escolar na Bahia tem dois aspectos. O primeiro é, digamos, a de demonstrar a sua necessidade pois não falta quem suponha bastar à escola o professor. Daí o sem número de escolas funcionarem em salas acanhadas de residências particulares alugadas. O segundo é o de encontrar uma solução tão modesta quanto possível, mas que, a despeito da modéstia, atenda ao mínimo de condições indispensáveis a um prédio escolar. Com efeito, a necessidade de construir, o mais rapidamente possível, não alguns prédios, mas todo um sistema escolar, exige planos de economia e construção em massa que não são fáceis de

traçar. O governo da Bahia está a procurar encaminhar a solução do problema. (TEIXEIRA, 1949, p.125)

O plano nomeado de *Plano de Edificações* composto por projetos arquitetônicos de Diógenes Rebouças(baiano) e Hélio Duarte(paulista), procura atender demandas de zonas rurais dispersas, que não tinha nem casa para professor, bem como atender áreas urbanizadas.

Anísio Teixeira, ainda no depoimento publicado na Revista Fiscal de 1949, diz que para o ensino primário no interior do Estado havia planejado dois tipos de prédios, a saber: 1) Prédios para a população rural dispersa, que não tinha nem casa para o professor, denominado de *Escola Rural*, com uma classe, um recreio coberto e a residência do professor.2) Prédios para núcleos urbanos de 400 a 10.000 habitantes, denominado de *Escola Mínima*, que com o objetivo de baratear os custos poderia ser concebido na perspectiva de um simples teto, sem janelas e classes separadas por $\frac{1}{2}$ paredes e uma porta, junto a uma pequena área coberta e um sanitário. Ao custo de Cr\$25.000,00 por unidade, o plano era construir uma em cada uma das três mil localidades mapeadas que se enquadravam na demanda. Estas escolas poderiam ter suas estruturas ampliadas, de forma a disponibilizar um quantitativo maior de salas, utilizando qualquer material de construção, como, por exemplo, adobe. Isso porque, a planta previa colunas de sustentação que possibilitavam iniciativas de ampliação, conforme desejo da população local e recursos da comunidade.

FIGURA 96: Foto da maquete do modelo *Escola Mínima* do Plano de Edificações.



Fonte: Revista fiscal 1949.

Portanto, estas escolas poderiam, posteriormente, tornarem-se escolas do modelo denominado de *Escola Nuclear*, composta de três salas, para atender os três primeiros graus de ensino, diretoria, pequena biblioteca, residência do zelador e ampla área de recreio. E, ainda, as nomeadas de *Grupo Escolar Médio*, que além de mais de 6 salas de aula, teriam sala de administração, ampla biblioteca, espaço para clubes escolares, auditório, salas especiais de desenho e 14 salas de aulas, de artes industriais e ciências, assim como amplas áreas cobertas de recreio. O mesmo projeto previa ainda, uma ampliação maior, denominada de Grupo Escolar Completo, com 14 salas de aulas sendo 6 primárias, 2 de Jardim de Infância, ginásio, de espotes, cantina, teatro, centro de informação, etc.

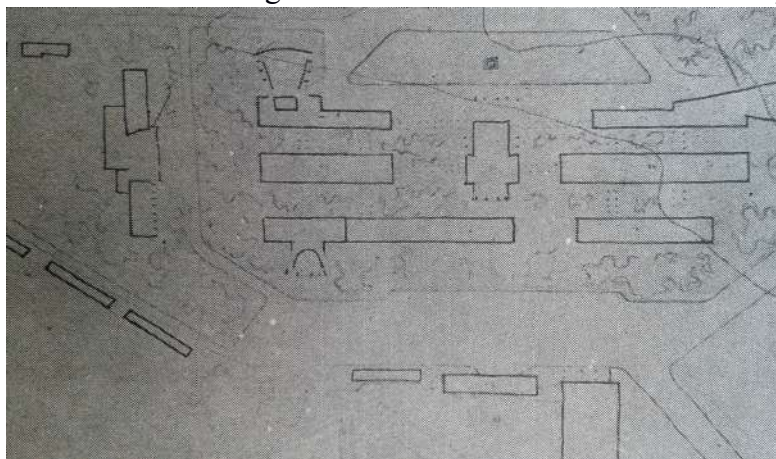
FIGURA 97: Foto da maquete do *Grupo Escolar Completo* do Plano de Edificações.



Fonte: Revista fiscal 1949

Quanto a educação secundária no interior, o Plano previa a construção de Centros Regionais de Educação. Para tanto, o Estado foi dividido em dez regiões educacionais. E em cada uma delas seria instalado um Centro, no qual seriam atendidas demandas de educação, em nível médio, geral e profissional, bem como o magistério. Estes Centros se constituiriam em núcleos de difusão cultural para todas as localidades incluídas em cada uma das regiões. Cada Centro regional seria composto de: 1) escola de professores, com escola primária anexa; 2) escola secundária; 3) biblioteca; 4) centro cultural com teatro; 5) prédio da administração; 6) prédio de serviços gerais com restaurante; 7) internatos; 8) praça de esporte; 9) residência de diretor, professores e funcionários, conforme planta disponibilizada a seguir:

FIGURA 98: Planta de Centro Regional Educacional do Plano de Edificações

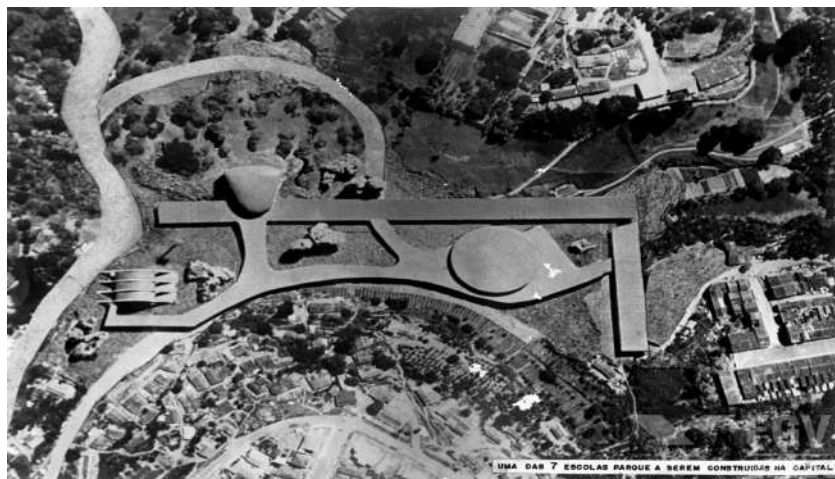


FONTE: Revista fiscal 1949

O plano previa, também, edificações escolares na capital, cujo modelo dos centros de educação elementar estavam muito próximos do que se concretizou como sendo o Centro Educacional Carneiro Ribeiro.

Cabe destacar que em 1949, foi previsto a construção de sete centros similares ao Carneiro Ribeiro, na cidade de Salvador.

FIGURA 99: Maquete dos centros(sete) educacionais previstos para serem construídos na capital



FONTE: CPDOC/FGV

Entretanto, dificuldades financeira, política e de pessoal impediram a execução do projeto de edificações na amplitude do planejado.

Diante desse contexto, Dr Anísio quase entrega o cargo e aceita, por sugestão de Paulo Carneiro, retornar para a UNESCO. Entretanto, na tentativa de evitar a saída de seu secretário de educação e saúde, Otávio Mangabeira viabiliza a liberação de recurso para que, ao menos, fossem construídas etapas preliminares de uma das escolas de demonstração prevista no plano, ou seja, as escolas classes do projeto do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, do bairro da Liberdade. O primeiro Centro educacional de nível primário da Bahia. Em sendo assim, do projeto previsto para este Centro, foram concluídas três Escolas Classe, com 36 salas de aula cada, e iniciado o *pavilhão de trabalho* da Escola Parque.

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro foi idealizado antes de 1950, quando Anísio Teixeira era secretário de educação do Estado da Bahia, mas, somente em 1962 é que, graças ao auxílio federal concedido pelo Inep, tornou-se possível concluir o projeto da escola de demonstração. A partir de 1956, o Centro passou a funcionar como escola experimental, tendo como sede um prédio de seis salas construídas em 1955, localizada em terreno do CRPE, em Salvador. Lá, a instrução era ministrada em três grandes edifícios, com capacidade para 960 alunos cada um e situados em três pontos de população mais densa do Bairro da Liberdade. As demais atividades educativas realizavam-se na Escola Parque, formada por um conjunto de pavilhões situados em ampla área no mesmo bairro, e construídos pelo Inep. O pavilhão de Artes Industriais começou a funcionar em 1955, sob a direção e financiamento do CRPE. Prevvia-se ainda a utilização dos conjuntos escolares como centros de treinamento do magistério. Dessa forma, justificava-se o seu custo elevado, assim como o caráter experimental do projeto, "destinado a servir de modelo para a reconstrução da educação primária e à formação do novo magistério requerido pela escola assim ampliada". (XAVIER, 1999, p. 83)

Para ilustrar o que é abordado na citação, adicionamos:

FIGURA 100: Lateral da sede do CRPE – Bahia



FONTE: Arquivo Histórico INEP

FIGURA 101: Entrada do CRPE-Bahia e da escola experimental



FONTE: Arquivo Histórico INEP

FIGURA 102 : Escola Classe no CRPE-BA. (1950-1951)



FONTE: CPDOC/FGV

FIGURA 103: Atividade ao ar livre na Escola Classe / CRPE-BA.(1950-1951)



FONTE: CPDOC/FGV

FIGURA 104: Atividade em sala de aula na Escola Classe / CRPE-BA.(1950-1951)



FONTE: CPDOC/FGV

FIGURA 105: Atividade manual na Escola Experimental / CRPE-BA.(1950-1951)



FONTE: CPDOC/FGV

FIGURA 106: Atividade em sala de aula na Escola Classe Experimental / CRPE-BA.(1950-1951)



FONTE:CPDOC/FGV

Em 1950, encerrava-se o quadriênio do Governo de Otávio Mangabeira e não tinha sido possível completar o projeto do Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Do previsto apenas, três Escolas Classe haviam sido construídas, entretanto, não obstante tal fato, Anísio Teixeira continuava nutrindo a ideia de completar o projeto e de torná-lo um modelo do que deveria ser uma escola experimental – laboratório que, ao tempo que desenvolvesse educação de qualidade, também fosse um espaço de treinamento e pesquisa para a educação primária brasileira.

Em sendo assim, Anísio Teixeira assume a direção do INEP, em 1951 e que como já dissemos, este era o órgão que se encarregava à época da distribuição de recursos de assistência financeira e técnica aos sistemas estaduais de ensino, facilitando portanto que Dr Anísio retome a construção da Escola Parque da Bahia e apoie a construção de centros similares em outros estados do Brasil, como por exemplo, no Ceará.

Portanto, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro é um estabelecimento estadual que, em virtude de um convênio de colaboração e assistência técnica assinado em 1956, pelos titulares da Secretaria de Educação e Cultura do Estado e do INEP, pôde contar com recursos do Ministério de Educação e Cultura e do Governo do Estado para a sua finalização, manutenção e conservação, o que lhe permitiu, por longo período, dispor de autonomia para o funcionamento e realização de experimentações, sob a orientação do INEP. Mas, para tanto, foi necessário adequar esta experiência, de forma a não criar situações conflitantes com a Lei 5.692, então em vigor no país.

Entre as experiências oportunizadas aos alunos destacamos as práticas comerciais exercitadas na loja e no banco, que eram realizadas por turmas móveis de alunos em rodízio, por períodos regulares, de acordo com a opção relativa ao tipo de trabalho a que desejavam dedicar-se. O estoque da loja era constituído por trabalhos dos alunos, que eram vendidos aos visitantes durante as grandes exposições realizadas no final do ano letivo. O banco era movimentado pelos depósitos e retiradas dos alunos das suas contas-correntes, a partir de depósitos dos recursos obtidos com a venda dos trabalhos produzidos e retiradas para pagamento de despesas na Escola Parque.

Estas e outras experiências realizadas na Escola já vinham sendo desenvolvidas em escolas *Progressivas* americanas, como a “School Gary” apresentada e discutidas nos livros de

Cubberly e publicações do “Bulletin” nº 18, do “Bureau of Education” (EUA), de 1914, conforme comentado anteriormente.

A concepção do Centro, à época, era funcionar como uma experiência do tipo relação *Escola – comunidade socialmente integrada*, na qual o aluno praticava boa parte do potencial que poderia vivenciar na comunidade, na fase adulta, ou seja: estudo, trabalho, arte, esporte, entre outras. Com isso, os idealizadores e executores do projeto da Escola acreditavam que poderiam prepara cidadãos mais uteis, inteligentes, responsáveis e felizes.

Como não havia recurso para construção dos sete centros a decisão de Anísio foi: “Eu prefiro começar pelo bairro da Liberdade, é lá que temos os problemas maiores, não só em número de pessoas como em nível econômico baixo. Eu quero agir lá dentro. (TEIXEIRA apud REBOUÇAS, 1992, p. 147)

FIGURA 107: Vista da *Escola-Parque* e entorno.



FONTE: Biblioteca do Centro Integrado Carneiro Ribeiro.

O projeto do Centro Carneiro Ribeiro que compreendia quatro Escolas Classes destinadas a atender a 4000 alunos e uma Escola Parque que atenderia, os mesmos 4000 alunos das Escolas Classes, às quais se articulava, em sete pavilhões com capacidades iguais, para que nestes realizassem atividades educativas complementares às desenvolvidas nas Escolas Classes e que não ficaram prontos até o final da gestão do governo de Otávio Mangabeira, foram finalizados, na gestão de Anísio Teixeira no INEP e passaram a atender os alunos, em dois turnos de quatro horas diárias cada um, o que acabou por oportunizar uma educação de tempo integral.

FIGURA 108: Foto do Galpão de Trabalhos Manuais, Destaque aluno no tear.



FONTE:CPDOC/FGV

FIGURA 109: Foto do Galpão de Trabalhos Manuais. Destaque meninos trabalhando



FONTE:CPDOC/FGV

FIGURA 110: Foto do Galpão de Trabalhos Manuais. Destaque meninas trabalhando



FONTE: CPDOC/FGV

Quanto ao ensino médio,

Em toda a cidade de Salvador o governo mantinha, apenas, dois estabelecimentos de ensino médio, o Instituto Normal e o Colégio Estadual da Bahia. Sem lei para decidir pela criação de novos ginásios, Anísio Teixeira instalou nos bairros da Liberdade, Nazaré e Itapagipe três extensões do Colégio da Bahia, levando assim o ensino médio a zonas com alta demanda; instalou o curso Colegial no Instituto Normal; reaparelhou os gabinetes de Biologia, Química e Física do Colégio da Bahia onde fez construir um grande pavilhão, com moderníssimas instalações, anfiteatro etc., só para o ensino da Química. No interior, Anísio Teixeira fez funcionar cursos ginasiais nas escolas normais de Feira e Caitité; mediante vultosa subvenção levou a prefeitura de Ilhéus a instalar curso colegial no ginásio municipal; permitiu que a Cooperativa Ginásio de Cachoeira utilizasse a Escola Industrial de Cachoeira para ali fazer funcionar o curso ginasial. Visando a melhoria do ensino médio, ainda que duramente criticado, abriu concurso para todos os professores contratados para aquele grau de ensino, o que influiu de modo sensível na transformação do Colégio da Bahia no melhor estabelecimento de ensino de Salvador. No ensino elementar a ação de Anísio Teixeira elevou a matrícula de 197.926 alunos para 258.393 em quatro anos; o número de unidades de ensino passou de 3.484 em 1947 para 4.569 em 1950; o corpo docente que era de 4.401 professores, nos fins de 1949 era de 5.532 docentes. O aparelhamento escolar foi planejado para atender às totais carências do ensino estadual em cada município. Já em 1949, 571 escolas haviam sido atendidas. (OLIVEIRA, 2002, p.81)

Da citação acima destacamos a criatividade e flexibilidade jurídica nas implementações de *extensões do Colégio da Bahia* mas, principalmente, a observação com relação aos gabinetes de Biologia, Química e Física deste Colégio que ficou conhecido com Central, no qual Oliveira (2002), registra a construção de um amplo pavilhão, com anfiteatro e outras dependências, adjetivando de moderníssimas, para o ensino da Química. Possivelmente um laboratório. Laboratório que observamos, também existente no Instituto de Educação do Rio de Janeiro e que se fazem presentes em plano de edificação de instituições escolares de Brasília, cuja Comissão responsável pela elaboração do mesmo, contou com a participação de Anísio Teixeira.

Cabe destacar para finalizar, que não obstante a dificuldade financeira,

No setor da construção escolar o programa de Anísio Teixeira foi o mais extenso até aquela data, mesmo não se considerando as obras em convênio com o Ministério da Educação. Mostrando alto espírito de honestidade administrativa, sua prioridade primeira foi concluir os prédios de 2 e 4 salas iniciados em governos passados, em 1933, 1936, 1937 e 1942, que em número de 39 foram todos concluídos; em convênio com o Ministério da Educação foram programadas 68 unidades escolares; com recursos orçamentários do Estado, além daquelas conclusões referidas foram programadas 43 escolas. Em convênio especial com o INEP do então MEC, foram assinados vários convênios para a construção de 862 escolas rurais. Em 1951, desta programação, haviam 546 escolas concluídas. (OLIVEIRA, 2002, p.80)

3.2 - O projeto da Lei Orgânica de Educação e Cultura do Estado da Bahia

Concomitante com a elaboração ainda, no início da gestão, de programas, planos e projetos que Dr Anísio tentará implantar via Secretaria, um projeto de *Lei Orgânica de Educação e Cultura* para o Estado é elaborado, mas que ao término da mesma, ainda não havia sido aprovado pelo legislativo baiano.

Sobre este projeto de uma nova lei em 1947, e destacando as diferenças deste com relação a Lei nº 1846, de 14 de agosto de 1925, aprovada na primeira gestão de Dr Anísio e que Abreu (1961) afirma tratar-se de uma “lei com técnica legislativa ao jeito latino, de crença absoluta na lei e no poder do Estado, espaiada, em seu espírito casuístico e regulamentador, por 268 artigos” e que Abreu (1961) ainda complementa dizendo que a mesma estava “de acordo com a tradição legalista das leis orgânicas, filhas da concepção de um poder demiúrgico das leis como modeladoras da realidade”(ABREU,1961,p.9), acrescentamos tratar-se de uma proposta de lei, na qual encontram-se presentes as influências anglo-saxônicas de Anísio Teixeira e que conforme explicita Abreu (1961),

Para fazer o contraste com o que ocorre no mundo anglo-saxônico nessa matéria, onde se vê a educação como processo social que implica na mais universal das tarefas, veja-se que quando Anísio Teixeira foi o autor da Lei Orgânica de Educação e Cultura do Estado da Bahia, em 1947, filiado já a esse espírito de aceitar a *sociedade e a opinião pública* como os fatores de imediata influência sobre a educação, sem mais sujeição ao estilo latino de tentar modelar na previsão da lei a multiforme realidade, toda esta sua lei não ultrapassou de 94 artigos, pouco mais de um terço dos artigos contidos na lei 1846, de 1925. (ABREU, 1961, p. 10)

Esta nova proposta de lei orgânica, bem como o Centro Educacional Carneiro Ribeiro foram obras que projetaram a Bahia no cenário nacional, mas Anísio Teixeira, também criou, em Salvador, a Biblioteca Central de Educação e fez distribuição de livros para alunos, além de cadernos especializados em música, desenho e caligrafia, no mesmo período.(GOUVEIA NETO, 1973)

Considerando que em 1947, a Secretária responsável pela Educação, também respondia por questões de saúde, seguindo o mesmo modelo do ministério, acrescentamos algumas realizações deste novo período de gestão na Bahia, em uma Instituição que desenvolvia pesquisa na área de Saúde no Estado.

3.3 - O Instituto Gonçalo Moniz

O desenvolvimento científico, em especial das ciências médicas, exige não apenas circunstâncias adequadas à sua ocorrência, mas, principalmente, a existência de pessoas movidas por fortes ideais e capacidade de realização. Na Bahia, nos anos de 1947 a 1951, tendo Otávio Mangabeira no Governo do Estado e Anísio Teixeira na Secretaria de Educação, as circunstâncias eram das mais propícias ao desenvolvimento de saberes. Nessa época, a Bahia experimentou extraordinário salto nas áreas de educação e cultura, as quais, sem dúvidas, influenciaram as ciências médicas, se não diretamente, mas no fortalecimento da esperança que naturalmente ocorre ao presenciar-se a construção de 258 novos prédios escolares no período de um ano. O ensino fundamental e médio na Bahia, ainda reflete, nos dias atuais, a obra realizada por Anísio Teixeira e sua concepção de Escola Parque. Houvesse, nas décadas que se seguiram ao trabalho de Anísio Teixeira, continuidade de investimentos no ensino em geral, teríamos, certamente, o registro de histórias mais ricas em ciência, educação e cultura. A interligação de saberes entre ciência, cultura e ensino, em seus diversos níveis, tanto favorece o crescimento geral da sociedade como pode prejudicar-lhe se uma das áreas torna-se notoriamente negligenciada. Se tivéssemos tido, ao longo dos anos, ensino de qualidade em todos os níveis, teríamos também, na área médica, melhor produção científica. Por imposição de desigual desenvolvimento, a Bahia, hoje, tem, por um lado, o mérito de produzir ciências médicas de países de vanguarda, também tem, por outro lado, o constrangimento de ainda conviver com doenças típicas de países sem desenvolvimento. (AZEVEDO, 2007, p. 63)

Iniciamos o tópico citando artigo da ex-reitora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora geneticista Eliane Elisa de Souza e Azevêdo¹⁵² por considerarmos que sua exposição sintetiza o que foi este novo período de gestão de Anísio Teixeira na Bahia e dito por alguém que conviveu com profissionais, enquanto aluna de medicina, que vivenciaram um período de grandes avanços em pesquisas no Estado.

A origem do Instituto Gonçalo Moniz (IGM), está relacionada à união de esforços das esferas de governo federal e estadual, com o objetivo de sedimentar bases sólidas para a pesquisa científica, o desenvolvimento tecnológico e a formação de recursos humanos qualificados para o enfrentamento de problemas de saúde pública no estado da Bahia, sobretudo aqueles relacionados às doenças infecto-contagiosas de caráter epidêmico.

¹⁵² Professora Emérita da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) e do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Titular aposentada da Universidade Estadual de Feira de Santana. Pesquisadora 1A do CNPq. Coordenadora do Núcleo de Bioética da FAMEB-UFBA.

FIGURA 111: Frente do casarão em que funcionava o Instituto Gonçalo Muniz



FONTE: Revista Fiscal 1949

O Dr. Gonçalo Moniz que dá nome ao Instituto de pesquisa, hoje integrado à Fundação Oswaldo Cruz,

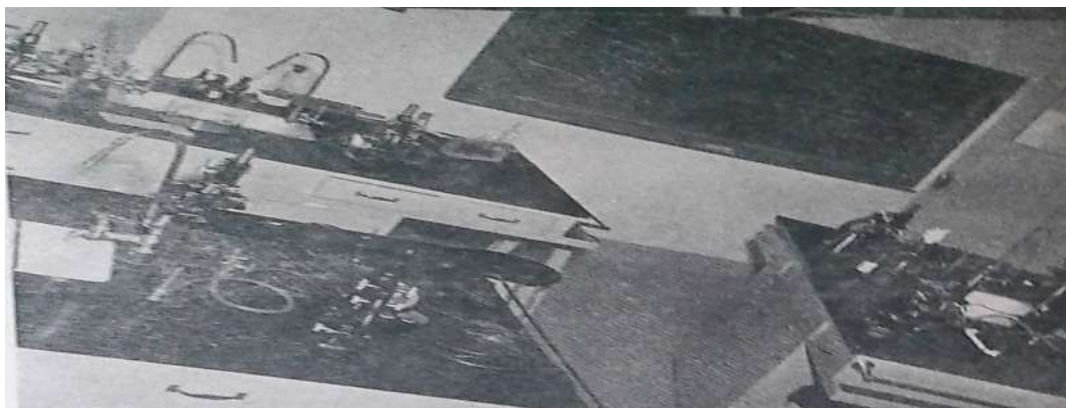
[...] assumiu posições importantes no campo da Saúde Pública. Em 1899, foi então nomeado pelo Governo Estadual para montar e dirigir o Gabinete de Análise e Pesquisas Bacteriológicas da Bahia, voltado para a verificação de obtidos e controle das doenças infecto-contagiosas de caráter epidêmico. Na direção desse gabinete, pôde fazer diversas publicações de estudos e análises sobre a peste bubônica, tais como: o “Relatório sobre as pesquisas bacteriológicas em um caso suspeito de peste”, e o artigo Considerações sobre a peste bubônica (1899), [...] Esse Gabinete foi chamado depois de Instituto Oswaldo Cruz e, mais tarde, em homenagem póstuma, de Fundação Gonçalo Moniz. (JESUS e JACOBINA, 1986,p.1)

Ao iniciar suas atividades na Secretaria de Educação e Saúde, Dr Anísio vai se deparar com um Instituto que além de instalações modestas, limitava-se a realizar algumas análises de materiais oriundos dos Centros de Saúde da capital e feitas com dificuldades, pois faltavam equipamentos e materiais.

Objetivando torná-lo um centro de pesquisa e de produção de vacinas, toda a estrutura, que localizava-se ainda no bairro do Canela, foi reformada, inclusive com os porões adaptados para o funcionamento de novos setores criados.

A nova estrutura passou a contar, inicialmente, com três laboratórios:1) Entomologia; 2)Helmintologia e Protozoologia; 3)Patologia, além de duas Secções: Desenho e Fotografias. Todos estes espaços devidamente equipados e para tanto foram adquiridos 40 microscópios modernos que substituíram o único obsoleto em funcionamento; 2 micrótomos, pois não havia nenhum; além de aparelhagem completa para exames microfotográficos, o que se constituía em um grande avanço para época, para o setor de saúde Estado.(BAHIA,1949)

FIGURA 112: Laboratório (reformado e equipado) da Fundação Gonçalo Muniz (IGM)



Fonte:Revista Fiscal1949

FIGURA 113: Secção de desenho IGM



FONTE: Revista Fiscal 1949

FIGURA 114: Tipografia IGM



FONTE: Revista Fiscal 1949

Além disso adquiriu 5 caminhonetes, sendo que para o ano de 1949 eram esperadas mais 4, e um caminhão para transporte de materiais de forma a criar melhores condições para o desenvolvimento das atividades desenvolvidas no subúrbio e no interior do Estado. (BAHIA,1949)

Após a adequação realizada com a reforma, em torno do ano de 1949, as equipes de profissionais que atuavam na Instituição já haviam concluído um inquérito sobre doença de Chagas, no qual foram visitadas 66.672 residências, das quais 2127 continham o transmissor intermediário da doença, ou seja, o barbeiro; Estava em andamento um inquérito sobre doenças transmitidos por helmintos e protozoários intestinais, para o qual já haviam realizado 24.108 análises de amostras de fezes, de um total previsto de 40.000 que seriam colhidas e analisadas, o que representava uma cobertura de 10% da população de Salvador à época. Enquanto isso, em período similar, o Laboratório de Patologia desenvolvia pesquisas histopatológicas, biópsias, etc, para atender demandas de hospitais da cidade, contabilizando, em 1949, 12.000 lâminas prontas. Neste período estavam em curso, também, pesquisas sobre câncer.

No tocante às atividades didáticas, a partir deste material coletado e fixado em lâminas, estava sendo confeccionado, também em 1949, um Atlas Microfotográfico para ser utilizado por

alunos e profissionais iniciantes. A produção do referido Atlas estava sendo executada pelos profissionais das Secções de Fotografia e Desenho e impresso pela tipografia do Instituto e que davam suporte às pesquisas científicas desenvolvidas na Instituição, confeccionando mapas e outros materiais impressos.

O Instituto organizou, também um curso de formação para técnicos, diário e intensivo, por dois meses, a partir do qual foram contratados treze alunos aprovados. Dez para trabalhar na Instituição e três no *Serviço Especial de Saúde Pública*, do Ministério de Educação e Saúde. Situação similar vivenciada no Rio de Janeiro quando, por carência de profissionais, alunos da UDF foram contratados para trabalhar em escolas do município.

Para ilustrar o retorno social desta intervenção na Instituição, apresentamos a seguir, também, dados referentes a produção de vacina.

QUADRO 17: Incremento na produção de vacinas durante gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação e Saúde da Bahia no período de 1947-1951.

TIPO DE VACINA	QUANTIDADE DE VACINA POR MÉTODO PRODUZIDOS POR ANO				
	ANO/PERÍODO		MÉTODO	ANO/PERÍODO	MÉTODO
	1940-1946	1948		1949	
Antirrábica	-----	5 litros	Pasteur	37 litros	Semple
Antitífóide	469.239 doses	-----	-----	585.229 doses	-----
Antivariólica	Sem dados		-----	1947-1949	-----
				288.658 tubos vacina para 1154 pessoas	

FONTE: Elaborado pela autora a partir de dados disponíveis na revista fiscal de 1949.

Cabe complementar que a mudança de método de produção *Pasteur* para *Semple* na vacina antirrábica, contribuiu para que a mesma fosse distribuída para o interior do Estado. (BAHIA, 1949)

O Instituto, ainda na gestão de Anísio Teixeira, governo Otávio Mangabeira, foi transformado pela Lei nº 262 de 3 de abril de 1950, em Fundação Gonçalo Moniz, com a finalidade de manter e desenvolver os serviços de um Instituto de Saúde Pública, com foco na realização de exames laboratoriais e produção de vacinas e soros demandados para atender a população local, bem como na formação de pessoal técnico-especializado, em colaboração com universidades e demais estabelecimentos de pesquisa. Esta, através de convênio estabelecido com o Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), criou em 1957, o Núcleo de Pesquisas da Bahia (NEP) com a finalidade de estudar endemias parasitárias da região e com a colaboração do governo federal, passa a desenvolver uma ambiência que facilitará o desenvolvimento de atividades ligadas à ciência, tecnologia e inovação na área da saúde no estado da Bahia. (BRASIL, 2018)

Cabe destacar que em 1957, o CNPq já havia sido criado, e Anísio Teixeira estava como diretor da CAPES. Neste período a Instituição desenvolvia alguns estudos, bem como ações para contribuir com o desenvolvimento de alguns campos do saber no Brasil e, entre estes, o da saúde.

A visão ao passado também repousa na década de quarenta como um momento na história desse Estado, pleno de realizações, no que se refere à criação de instituições na área da saúde. Data dessa década, não apenas a criação da Universidade Federal da Bahia, do Hospital Universitário Professor Edgard Santos, mas também a criação da Fundação Gonçalo Moniz; do Instituto de Saúde Pública da Bahia; do Núcleo de Pesquisa da Bahia, posteriormente denominado Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas da Bahia e o Instituto de Saúde Pública da Fundação Gonçalo Moniz, a nova sede do Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose, entre outros. A institucionalização da pesquisa, a formação de grupos de pesquisadores, o estímulo advindo das instituições de fomento e a percepção do poder da ciência na condução da economia e, conseqüentemente, das sociedades, criaram a profissão de pesquisador. Diferentemente do que ocorria no passado, além da paixão por estudar, pesquisar, descobrir e compreender tornou-se necessário a aquisição de conhecimentos específicos sobre métodos e técnicas da pesquisa científica. Aliados aos rigores do planejamento da pesquisa tornaram-se indispensáveis os conhecimentos de estatística para fins de análise e interpretação dos resultados. No início da década de sessenta, pela primeira vez, na Bahia, ensinou-se a disciplina de Bioestatística Médica aos alunos de graduação em Medicina. O retorno do Dr. Guilherme Rodrigues da Silva, ao Hospital das Clínicas, pleno de conhecimentos em estatística básica e aplicada, e a mente aguçada do Prof. Roberto Santos em apoio à difusão do ensino dessa disciplina, imprimiram cientificidade de vanguarda à pesquisa local. [...] Viviam-se, na Bahia, no início dos anos sessenta a ciência dos grandes centros. Sem qualquer possibilidade de não adesão a essa novidade, pesquisadores maduros debruçaram-se sobre os novos livros e incorporaram saberes em estatística. Quando a reforma do ensino superior ocorreu em 1968 e criaram-se os cursos de pós-graduação “sensu stricto”, muitos deles, já nasceram com condições de oferecer disciplinas de fronteira. (AZEVEDO, 2007, pp.61-62)

O Dr Guilherme Rodrigues da Silva foi um dos médicos que enquanto discente e recém-formado trabalhou na Fundação Gonçalo Muniz com doença de Chagas, após a reestruturação realizada por Anísio Teixeira. Atuando nesta Instituição, foi contemplado com uma bolsa para desenvolver estudos de pós-graduação em Boston, Estados Unidos. Ao regressar, após curta temporada na UFBA, que foi criada em 1939, faz concurso e torna-se professor catedrático e pesquisador em Saúde Pública, da Universidade de São Paulo (USP). Anos depois, torna-se consultor para a criação da Instituto de Saúde Coletiva (ISC), da sua Universidade de origem, ou seja, a UFBA.

O clima nacional em pesquisa, em especial nos Estados de Sudeste e Sul, apontava a necessidade de institucionalização administrativa da ciência brasileira. Em 1951, o Presidente da República criou o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), e pouco tempo depois a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, (CAPES). Com o surgimento do CNPq, o pesquisador brasileiro passou a ter sua instituição de referência e apoio. O sucesso do CNPq em promover a ciência nacional é comprovado no país e fora dele. Os estímulos e o fomento à pesquisa, advindos do CNPq também repercutiram no Estado da Bahia. Os pesquisadores Roberto Santos, Zilton Andrade, Aluizio Prata, Heonir Rocha, entre outros, foram, nessa época inicial do CNPq, pontes de ligação entre essa instituição e a pesquisa na área médica na Bahia. (AZEVEDO, 2007, pp.61)

Portanto fica evidente, mais uma vez, os desdobramentos do *Espírito Científico* de Anísio Teixeira. E como reforço, indo ao encontro do que afirmava Einstein, adicionamos a seguir algumas considerações complementares da ex-reitora da UFBA, ou seja:

No estágio de desenvolvimento acadêmico que se encontrava a sociedade baiana em 1945, a promoção do progresso científico e médico exigia a confluência de circunstâncias apropriadas e, sobretudo, de pessoas com visão, competência e determinação para transformar sonhos em realidades sociais. Sendo a Bahia um Estado da Federação, estava, necessariamente, compondo e ao mesmo tempo refletindo o cenário nacional de desenvolvimento científico que traduzia o Brasil à época e que, por sua vez, resultara do excepcional trabalho de notáveis pessoas de ciência que como bandeirantes abriram os caminhos do futuro. Sem as características e a formação dos pesquisadores atuais, os construtores da ciência no passado contribuíram mais para o social que para o currículo pessoal. A própria atividade de pesquisa era espontânea, nascida da percepção social de doenças e endemias e do desejo de compreendê-las. A dedicação à pesquisa nascia na alma de pessoas que, livre das exigências institucionais e da pressão por números de publicações, apaixonavam-se pelo prazer de descobrir ou de criar espaços para proporcionar descobertas. **Assim, no passado, eram pessoas de ciências não apenas as que pesquisavam, mas também as que se empenhavam para criação de instituições que dariam abrigo ao estudo e à pesquisa.**[Grifo nosso] (AZEVEDO, 2007, pp.54-55)

3.4 - A Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia (FDCB)

Ainda relativo a questão do desenvolvimento da pesquisa na Bahia, acrescentamos que um ano antes da finalização de sua gestão na Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia, Anísio Teixeira se mobiliza para criar, o que se concretiza pela Lei 347 de 13 de dezembro de 1950, a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia (FDCB) com o objetivo de coordenar, estimular e assistir a pesquisa e o trabalho científico, em todos os seus ramos, concorrendo para o desenvolvimento no Estado.

Em Decretos datados de 10 e 17 de janeiro de 1951, portanto aproximadamente 1 ano da finalização da sua gestão como secretário de educação do Estado, foi constituído o primeiro Conselho Diretor da Instituição, que previa uma renovação de 50% dos seus membros a cada três anos. Para mandato dos seis anos, foram indicados: José Pedreira de Freitas, José Silveira, Luiz Pinto de Carvalho, Thales Olympio Góes de Azevedo. E para o mandato de três anos, Anísio Spinola Teixeira, Arquimedes Pereira Guimarães e Carlos Furtado de Simas. (BAHIA,1967)

No mesmo ano, em reunião de 9 de maio, Jayme Junqueira Ayres foi eleito para completar o mandato de Luiz Pinto de Carvalho que se afastou. Nesta mesma oportunidade foram escolhidos Anísio Teixeira como presidente da Fundação e Thales de Azevedo como vice, bem como aprovado o estatuto.(BAHIA,1967)

A Fundação instalou-se inicialmente em solar alugado na rua da Graça nº11, mudando-se para o Edifício Theme na Praça da Sé, sede própria, em 1960.

Para o apoio administrativo foram postos à disposição da Fundação alguns funcionários da Secretaria de Educação e Saúde, entre eles citamos: Jayme de Abreu, Carmem Spinola Teixeira e Josildeth da Silva Gomes.(BAHIA,1967) Coube ao Dr Anísio organizar e orientar diversos setores da Fundação previsto no seu plano e incorporados aos estatutos.

O primeiro encargo atribuído à Fundação, por ato do governador datado de 23 de janeiro de 1951, foi o cumprimento do convênio firmado entre o governo do Estado da Bahia e a “Columbia University”, em 15 de junho de 1949, para realização de pesquisas sociais que servissem de base ao planejamento da educação, da saúde pública e da administração do Estado da Bahia. (BAHIA, 1967)

O referido projeto em verdade já estava em curso e sob a direção conjunta dos professores. Charles Wagley, pela “Columbia University”, e Thales de Azevedo pelo governo do Estado. Isso porque este foi concebido para desenvolver-se em três fases a saber:

1ª) Planejamento na “Columbia University”, com colaboração do antropólogo Eduardo Galvão, do Museu Nacional, e no qual foram previstas e desenvolvidas as seguintes ações: 1) Elaboração de materiais para coleta de dados; Preparação dos alunos que participariam do projeto. Os da Universidade Americana, pelo professor Wagley, para atuarem na pesquisa. E os do professor Thales de Azevedo, alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, para levantamentos de informações cartográficas, históricas, sociais e culturais, que sustentariam a escolha da divisão das áreas do Estado a serem investigadas.(BAHIA, 1967)

2º) A segunda fase foi exatamente a definição das áreas de estudo e a definição da versão definitiva do plano de investigação que seria realizado a partir de maio de 1950, com a chegada a Bahia do professor Charles Wagley, acompanhado dos seguintes estudantes/pesquisadores da “Columbia University”: Marvin Harris, Harry W. Hutchinson e Benjamin Zimmermann.(BAHIA,1967) Colaboraram com a pesquisa os professores Jayme J. Ayres, Nestor Duarte, José Valadares, J. Wanderley de Pinho, da Universidade da Bahia, bem como Bichat Rodrigues, do Departamento de Saúde do Estado, Eduardo Galvão, do Museu Nacional e L. A. Costa Pinto da Universidade do Brasil. Esta contou com numerosos encontros de discussões e encaminhamentos, com a participação de Anísio Teixeira. A partir desses estudos foi elaborado uma monografia de autoria conjunta, de Wagley, Thales de Azevedo e Costa Pinto, titulada de *Um Estudo da vida social no Estado da Bahia*, publicada em versão bilíngue inglês – português, pelo museu do Estado da Bahia, sob o nº 11, em 1950. Em outubro do mesmo ano, este estudo foi apresentado no I Coloquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em Washington - EUA.

3ª) A terceira fase do projeto centrou-se na realização do trabalho de campo que contou, também, além da presença dos pesquisadores anteriormente indicados, com a participação de mais dois estudantes de universidades americanas, Rollie E. Poppino e Anthony Leds, das Universidades da California e Columbia, respectivamente, e dos estudantes brasileiros Josildeth da Silva Gomes, Maria Raimunda Guerra de Macedo e Nilda Guerra de Macedo da Universidade da Bahia, Nilda Garcia e Lincoln Alisson Pope da Universidade do Distrito Federal, e a Bel. Maria Carmelita Junqueira Ayres. (BAHIA, 1967).

Sobre a pesquisa, no que se refere aos resultados e o período da gestão de Anísio Teixeira na secretária, a participante, ainda estudante no período, e na atualidade, Josildeth G. Consorte, professora da PUC/SP, em entrevista concedida a Lilian de Lucca Torres, faz algumas considerações que consideramos procedentes e que adicionamos, com grifo nosso, a seguir:

Uma das questões levantadas na pesquisa em que agora estou envolvida, revisitando o Projeto de Pesquisas Sociais Estado da Bahia/Universidade de Colúmbia, é por quê um programa de estudos de comunidade com a intenção de fornecer subsídios à atuação do Secretário de Educação e Saúde se estes estudos levariam tanto tempo que ele não teria condições de se beneficiar dos resultados enquanto estivesse no cargo. Há outra coisa. **Anísio, no mesmo momento em que dava início ao projeto de pesquisas com a Universidade de Colúmbia, punha em prática seu projeto de educação com o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, que incluía a famosa**

Escola Parque. Isto nos faz pensar que seu objetivo com o projeto dos estudos de comunidade não era propriamente fornecer subsídios para sua atuação, mas buscar este conhecimento com qualidade mais ampla. É o que me parece. Anísio era um homem muito preocupado com nosso atraso. Recordo-me que era uma expressão muito recorrente na fala dele. Nosso atraso vinha de onde? Anísio nasceu em zona rural, era filho de coronel, rico, conhecia muito bem a realidade social brasileira. Quase foi seminarista e possuía uma formação filosófica ampla, que só aperfeiçoou ao longo do tempo. Tinha muita intimidade com o meio rural e a estrutura patriarcal. Conhecia, portanto, profundamente este Brasil rural onde viva a maioria dos brasileiros. A população urbana do Brasil só foi ultrapassar a população rural no censo de 1960. Antes disso éramos um país eminentemente rural. Nosso futuro estava no campo. Ao mesmo tempo, o atraso vinha de lá. Se a gente pensar em Monteiro Lobato, que via o Brasil sob outra perspectiva, a do Jeca Tatu, nesse Brasil doente, atrasado, tão pouco desenvolvido tecnologicamente, de relações tão tradicionais, nesse mandonismo local. Estou pensando no autor de “Coronelismo, enxada e voto”...[...] Este Brasil era muito conhecido de Anísio e estudá-lo a partir de uma abordagem empírica, que aprofundaria o conhecimento, que fosse capaz de revelar novos dados era sua grande preocupação. O projeto de Anísio foi colocado em execução em 1949. Eu tinha acabado de ingressar na faculdade para fazer o curso de Geografia e História. O doutor Thales era meu professor de antropologia. Um dia chamou-me e contou que o doutor Anísio, Secretário de Educação e Saúde, estava pensando em desenvolver um grande projeto de estudos. Não sei se falou que eram “estudos de comunidade”, mas, de qualquer maneira, referiu-se a um grande projeto. Gostaria de saber se me interessaria em ajudá-lo na preparação desse evento. Fiquei muito feliz e, claro, não podia esperar oportunidade melhor. Pouco tempo depois me disse que o projeto ia sair e que precisávamos preparar a vinda da equipe de pesquisadores. Só aí me dei conta de que era uma coisa muito grande, porque viriam três pós-graduandos em antropologia da Universidade de Colúmbia junto com o Professor Charles Wagley, que era o orientador deles. Viriam para passar um ano estudando comunidades no estado da Bahia.(CONSORTE, 2010, pp.9-10)

Ao plano inicial foram adicionados mais dois projetos, ambos sobre relações raciais, através de acordo firmado, em 5 de março de 1951, na Bahia, com o Dr Alfred Métraux, diretor do Programa de Tensões da UNESCO. (BAHIA,1967)

Em trecho de carta datada de maio de 1951 e enviada a Paulo Carneiro informando sobre a criação da FDCB, citado por Luiz Viana Filho no livro de sua autoria titulado de *Anísio Teixeira: a polêmica da Educação*, Anísio Teixeira diz:

Como sabe, estamos com a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência engatinhando... Antes mesmo de se pôr de pé – já tinha, sob seus auspícios, o convênio com a Unesco (Metraux) e o convênio com a Columbia University (Estudo Social de Comunidades). Mas somos ambiciosos. E no programa para 1951/52, queríamos ver o que podíamos trazer para a Bahia em certos campos fundamentais de ciência, nos quais vamos lentamente voltando à Idade Média. Assim é que gostaríamos de examinar a possibilidade da vinda para a Bahia, digamos, de um naturalista, um físico e um geólogo. A minha ideia seria contribuir, mediante um contrato longo, para fixar na Bahia figuras promissoras em cientistas que desejassem viver e estudar a Bahia. Algo como aqueles primeiros estrangeiros que para aqui vieram e se fizeram cientistas nacionais. (TEIXEIRA apud VIANA FILHO, 2008,p.139)

No trecho da carta percebe-se o interesse de Dr Anísio para que a Bahia desenvolva mais pesquisas e, quiça, estas contribuam para encontrar uma saída do estado de atraso, conforme a percepção de muitos intelectuais na época, quando comparada a outros estados brasileiros.

Muito, possivelmente, pelas áreas citadas na carta, para que houvessem estudos científicos que desvelassem potenciais do Estado. Nessa perspectiva demonstra Anísio Teixeira, na carta enviada a Paulo Carneiro, o seu desejo de que através de contratos de longa duração alguns pesquisadores pudessem ser fixados na região. É interessante que ao explicitar esta questão, estabelece correlação com os estudos desenvolvidos por pesquisadores de famosas expedições científicas que percorreram o Estado em períodos anteriores. Pelo recorte da correspondência fica evidenciado ainda, e que o Relatório de 1967 registra, que o Projeto em parceria com a “Columbia University” já estava em curso antes mesmo da criação da Fundação, a assinatura do convênio para a realização do Projeto UNESCO Brasil já havia sido firmado.

Sobre este projeto cabe esclarecer que:

Nos anos de 1951 e 1952, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) patrocinou uma série de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil. As investigações foram desenvolvidas em regiões economicamente tradicionais, como o Nordeste, e em áreas modernas localizadas no Sudeste, tendo em vista apresentar ao mundo os detalhes de uma experiência no campo das interações raciais julgada, na época, singular e bem-sucedida, tanto interna quanto externamente. O programa de estudos, que se convencionou denominar Projeto Unesco, não apenas gerou um amplo e diversificado quadro das relações raciais no Brasil, mas também contribuiu para o surgimento de novas leituras acerca da sociedade brasileira em contexto de acelerado processo de modernização capitalista. De uma outra perspectiva, o Projeto Unesco veio a possibilitar a análise das trajetórias sociais e intelectuais dos pesquisadores envolvidos, das redes internacionais de cientistas, dos conteúdos teórico-metodológicos que informaram as pesquisas e do estado da arte de determinadas disciplinas, especialmente a Antropologia e a Sociologia. Ou seja, o ciclo de investigações chancelado pela instituição intergovernamental ofereceu uma oportunidade singular para o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil dos anos 50. (MAIO,1999,141)

Cabe ressaltar que o esboço do *Projeto Unesco no Brasil* foi elaborado por Artur Ramos que, enquanto diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO a partir de 1949, apresenta a ideia do projeto e esta é acolhida. Cabe lembrar que a Unesco mostrava-se preocupada com a questão do racismo em virtude das ocorrências vivenciadas na Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, vislumbrava que as pesquisas desenvolvidas no Brasil sobre esta temática, poderiam contribuir com discussões em curso em decorrência de imagem construída sobre a democracia racial da sociedade brasileira, a partir das obras de Gilberto Freyre.

Na quinta sessão da Conferência Geral da Unesco, realizada em junho de 1950 em Florença, foi aprovada a realização da pesquisa sobre as relações raciais no Brasil. Porém, Artur Ramos tinha falecido alguns meses antes, sem que tivesse sido delineado o escopo do projeto. Métraux, com larga experiência de trabalho etnográfico nas Américas, assumira pouco antes a direção do recém-criado Setor de Relações Raciais do Departamento de Ciências Sociais da Unesco. Junto com seu assistente, o antropólogo Ruy Coelho, ex-aluno de Roger Bastide da Universidade de São Paulo, e de Melville Herskovits, da Northwestern University(EUA), tornou-se responsável pela coordenação do projeto de pesquisa da Unesco a ser realizado no Brasil (Maio, 1999, p. 142). Logo em seguida ocorreu a inserção do antropólogo Charles Wagley e outros pesquisadores americanos no projeto ainda em construção, a partir de um convênio entre a Columbia University e o estado da Bahia, sob a

coordenação de Anísio Teixeira, secretário de Educação do governo Otávio Mangabeira, com a participação do pesquisador Thales de Azevedo. Assim foi construído o formato mais amplo do projeto, que, além da Bahia, previa incluir também São Paulo e cidades menores do interior da Bahia para poder comparar as várias observações. No final de 1950, Roger Bastide é incluído no projeto, que ganha assim os seus contornos definitivos (Maio, 1999, pp. 144-5). No mesmo final de ano, Métraux vem ao Brasil para acompanhar o projeto e, nessa ocasião, tanto visita seu amigo Verger, quanto tem contato com os colegas em São Paulo. Métraux e Verger encontram-se em 1950 em Salvador. (LÜHNING, 2012, p. 133)

Os primeiros anos da Fundação foram bem ativos e contaram com conferências como as do professor bioquímico Paulo Carneiro, representante do Brasil junto ao Conselho da UNESCO, em outubro de 1952. Cursos do professor Leônidas Carona da Universidade do Chile, na Fundação Gonçalo Muniz e no Hospital das Clínicas. Curso do professor Laurent Schwartz da Universidade de Sorbone Paris, na Escola Politécnica da Universidade da Bahia. Curso do prof. Jacques Danom, do Centre National pour la Recherche Cientific em 1953 e 1954. Em 1955 realizaram-se, também, na Escola Politécnica os cursos dos profs. Carlos Sá e Pedro Tavares respectivamente.(BAHIA,1967) A Fundação manteve um Boletim Informativo impresso na própria Instituição a partir dos novos equipamentos adquiridos na gestão da Secretária de Educação e Saúde de Anísio Teixeira. Este boletim foi produzido e circulou durante o período de 1952-1955, dando notícias de suas atividades. Como em 1955 conseguiu o direito de publicação da Revista Técnica, extingue o boletim e passa a publicar a mesma. Esta passa a ser a responsável pelas edições de números 34 (1955) até 40 (1959), na qual além de notícias da Fundação são publicados artigos científicos, notas, comentários e resenhas de livros. (BAHIA,1967)

Ao que se refere às bolsas de estudo concedida no período correspondente a 1953 e 1965, o quantitativo totalizado foi de 78, das quais 34 foram para custear estágios realizados no Brasil e 44 para realização de cursos e estágios no exterior. Destas, 13 nos Estados Unidos, 10 na França, 8 na Espanha, 6 na Alemanha, 4 na Itália, 1 em Portugal 1 no Chile e 1 no Senegal. (BAHIA,1967)

Os recursos desta Fundação foram garantidos a partir do artigo 28 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias de 1947 segundo o qual o Estado da Bahia por um prazo não inferior a 10 anos, a partir do exercício de 1948, acrescentaria a todos os impostos um adicional de 0.5% destinados, somados a outros recursos que a lei determinasse, para integrar um fundo para a pesquisa científica.

Cabe destacar que outros 0.5 foram destinados a Fundação Gonçalo Muniz.

Para finalizar acrescentamos,

Devemos ressaltar também que na gestão de Anísio Teixeira, ao lado das atividades educacionais propriamente ditas, tiveram o apoio necessário as relacionadas com o desenvolvimento cultural, científico e artístico. O aparecimento de três importantes instituições baianas com o incentivo e o apoio da Secretaria de Educação: a Fundação Baiana para o Desenvolvimento das Ciências, a Fundação "Hora da Criança" e a Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato", não podem deixar de merecer

registro, pelos serviços que essas entidades prestariam à Bahia.(GOUVEIA NETO, 1973, p.56)

Portanto fica evidente a contribuição de Anísio Teixeira ao desenvolvimento, além de em outros setores, às das ciências na Bahia, durante o período correspondente a 1949 e 1951. A Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia funcionou até meados da década de 1970,

[...]sendo posteriormente transformada no Centro de Planejamento e Estudos (CPE), onde, por via de reformas administrativas na estrutura do Estado, dela lhes retiraram função substantiva, ou seja, trabalhar com o incentivo à pesquisa. Na Constituição Estadual de 1989, a ideia foi revivida no dispositivo que previu a criação da Fundação de Amparo à Pesquisa que, sem sequer ter sido instalada, foi retirada – dez anos depois – do texto constitucional, em 1999 (o art. 267 foi revogado pela Emenda Constitucional n.º 7 de 18/01/1999). Durante esse período, o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Bahia (CADCT) – sem se constituir órgão de representação das universidades estaduais – ocupou o espaço destinado à Fundação perante agências federais e áreas da ciência e da tecnologia, com apoio do governo do Estado. A fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) só foi implantada em 2001. (FIALHO,2012, p.90)

4 - NA CAPES, INEP e UNB

A Constituição brasileira promulgada em setembro de 1946 como dissemos, concedia e assegurava direitos civis e políticos aos cidadãos brasileiros. Entretanto, quando haviam questões relacionadas com movimentos populares, movimentos trabalhistas e atividades relacionadas ou promovidas por adeptos da ideologia comunista, o presidente Gaspar Dutra não manteve-se dentro da legalidade constitucional. Neste sentido adotou medidas repressivas contra a tentativa de reorganização sindical dos trabalhadores e colocou na ilegalidade o Partido Comunista Brasileiro (PCB) em maio de 1947. E aproximadamente, oito meses após cassou o mandato de seus representantes no Congresso, inclusive o de Luiz Carlos Prestes que tinha conseguido o maior número de votos para eleger-se senador.

Essa política governamental repressiva se complementava com uma política externa de estreitamento de vínculos com os Estados Unidos. Tanto foi assim, que após a Conferência para Manutenção da Paz e da Segurança do Continente, realizada em 1946, sob patrocínio dos Estados Unidos, o Brasil rompe relações diplomáticas com a União Soviética. Em sendo assim, nesse período a política externa brasileira colocou-se ao lado dos Estados Unidos no contexto internacional da chamada Guerra Fria.

Cabe destacar que os quinze anos de governo getulista consolidou uma política desenvolvimentista que baseava-se em princípios de um planejamento econômico de forte interferência estatal nos setores produtivos industriais e financeiros, que Eurico Gaspar Dutra dá continuidade quando assumi a presidência da República. E para manter esse padrão de desenvolvimento no país, elabora e aplica um plano titulado de *SALTE*, nome formado pelas iniciais saúde (S), alimentação (AL), transporte (T) e energia (E). (FAUSTO,1995)

O *Plano SALTE* não alcançou o êxito esperado, em razão da fragmentação das atividades em cada área concebida como prioritária, o que acabou por comprometer suas potencialidades.

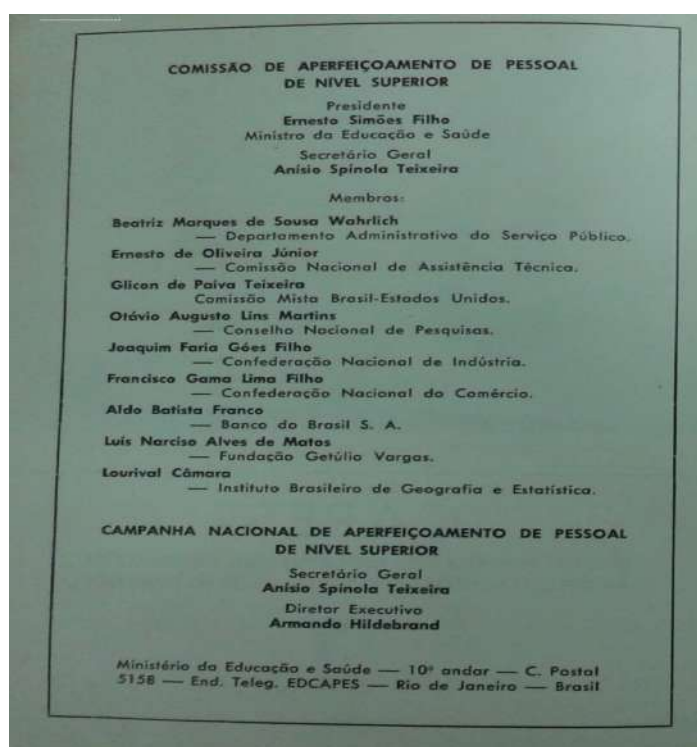
Ainda assim, ele foi um importante fator de crescimento e desenvolvimento da economia brasileira no período em questão. (FAUSTO,1995)

Para o mandato da presidência no período de 1951-1955 volta a assumir, a partir de 31 de janeiro, o candidato pelo PTB, Getúlio Vargas, que vence o candidato da UDN, Eduardo Gomes, no pleito de 1950 com a campanha o *Petróleo é Nosso*, que acaba por garantir o monopólio nacional para a exploração, refino e transporte do produto. Getúlio Vargas não completa o mandato pois, oficialmente, se suicida no ano de 1954.

Com o término do mandato de Otávio Mangabeira, em 31 de janeiro de 1951 e, portanto, concluída a gestão de Anísio Teixeira na Secretária de Educação e Saúde da Bahia, este é convidado a assumir o cargo de secretário-geral da *Comissão* que foi instituída para promover a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo Decreto nº 29.741, 11 de julho de 1951.

A Comissão sob a Presidência do Ministro da Educação e Saúde, à época o baiano Ernesto Simões Filho (1886-1957), era composta por representantes do Ministério de Educação e Saúde, do Departamento Administrativo do Serviço Público, da Fundação Getúlio Vargas, do Banco do Brasil, da Comissão Nacional de Assistência Técnica, da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, do Conselho Nacional de Pesquisas, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, da Confederação Nacional da Indústria, da Confederação Nacional do Comércio e que tinha sido formada com o objetivo de promover uma Campanha Nacional de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior.

FIGURA 115: Contracapa do 1º boletim da Campanha (CAPES) com os nomes dos representantes da Comissão.



FONTE: Arquivo Central da CAPES

Com a volta de Getúlio Vargas, a criação da Campanha justificava-se pela necessidade de atender demandas do seu projeto de governo para esse novo período, que centrava-se na construção de uma nação desenvolvida e independente, e cuja a ênfase seria a industrialização pesada. Nos primeiros meses de 1951 foram criadas, também, várias Instituições e agências públicas, em entre estas, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) e o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

Na etapa inicial de execução do Projeto governamental de Getúlio fica evidente a carência de especialistas e pesquisadores nas mais diversas áreas que os novos quadros profissionais, impostos pelo mesmo, passam a exigir.

Portanto, diante dessa realidade revelada e da urgência para reverter tal situação, o Decreto que instituiu a Comissão estabeleceu, também, no seu *Artigo 2º*, que a Campanha teria por finalidade: a) assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visassem o desenvolvimento econômico e social do país; b) oferecer oportunidades de aperfeiçoamentos aos indivíduos mais capazes, que não tivessem recursos para acessar processos formativos. E no *Artigo 3º*, o que a Comissão deveria fazer para cumprir com estas finalidades, ou seja: a) promover o estudo das necessidades do país em matéria de pessoal especializado, particularmente nos setores em que fosse identificada escassez de pessoal, em número e qualidade; b) mobilizar, em cooperação com as instituições públicas e privadas, competentes, os recursos existentes no país para oferecer oportunidades de treinamento, de modo a suprir as deficiências identificadas mas diferentes profissões e grupos profissionais; c) promover em coordenação com os órgãos existentes o aproveitamento das oportunidades de aperfeiçoamento oferecidas pelos programas de assistência técnica da Organização das Nações Unidas, de seus organismos especializados e resultantes de acordos bilaterais firmados pelo governo brasileiro; d) promover, direta ou indiretamente, a realização dos programas que se mostrassem indispensáveis para satisfazer às necessidades de treinamento que não pudessem ser atendidas na forma das alíneas precedentes; e) Coordenar e auxiliar os programas correlatos levados a efeito por órgãos da administração federal, governos locais e entidades privadas e, finalmente, no item f) promover a instalação e expansão de centros de aperfeiçoamentos e estudos pós-graduados.

O mesmo decreto se refere, ainda, no *Artigo 4º*, a constituição de um fundo especial para custeio das atividades da Campanha, alimentado por: a) contribuições de entidades públicas e privadas; b) donativos, contribuições e legados de particulares; c) contribuições que forem previstas nos orçamentos da União, dos Estados, dos Municípios e de entidades paraestatais e sociedades de economia mista; d) renda eventual do patrimônio da Campanha; e) renda eventual dos serviços da Campanha.

Ficou instituído no Decreto, através do *Artigo 7º*, que a Comissão proporia ao Presidente da República, até 31 de dezembro de 1951, o formato definitivo que devia ser dado à entidade incumbida da execução da Campanha, bem como os mecanismos reguladores de seus objetivos. E como reforço o *Parágrafo* único, estabeleceu que: A Comissão proporia, também, todas as medidas julgadas indispensáveis ao desempenho de suas funções, inclusive a requisição de servidores públicos civis, na forma da legislação em vigor.

Observa-se ao analisar o Decreto nº 29.741, o poder dado a Comissão e as facilidades postas para que esta começasse a apresentar resultados em um curto espaço de tempo, ou seja, seis meses. Em sendo assim, cabe conferir o que ainda ficou estabelecido nos seguintes artigos: *Artigos* 8º, indica o presidente da Comissão como o responsável em elaborar as instruções necessárias para a organização e execução da Campanha; no *Artigo* 9º, estabelece que os dirigentes dos órgãos da administração pública, das autarquias e sociedade de economia mista deveriam facilitar o afastamento dos seus servidores que fossem selecionados para participar do programa de aperfeiçoamento instituído no Decreto; o *Artigo* 10, estabelece o Banco do Brasil como o facilitador das trocas cambiais para as bolsas que fossem concedidas, e que, na medida das possibilidades, das transferências dos salários e vencimentos dos beneficiários do Programa de aperfeiçoamento; e, finalmente no *Artigo* 11, que os membros da Comissão receberiam remuneração especial pelos seus trabalhos e seriam considerados como tendo prestado relevantes serviços do país.

Seis meses após a criação da Comissão, através do seu secretário-geral, apresenta ao Presidente da República, a proposta da formatação definitiva que deveria ser dada a entidade oriunda da Campanha. Cabe destacar que em pleno processo de desenvolvimento da Campanha, Anísio Teixeira assume, em 3 de junho de 1952, também, o cargo de diretor-geral do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP), e que permanece no comando destas instituições por mais de dez anos.

Portanto, em 1964, quando foi demitido do MEC, em decorrência da instalação de um novo período ditatorial no Brasil, Anísio Teixeira ainda estava na direção da CAPES e INEP, e que as acumulava agora com a função de reitor da Universidade de Brasília (UNB), cargo assumido em 1963.

Sendo a Capes o órgão executivo da Comissão, a proposta apresentada por esta e aprovada pelo presidente da República, em 1952, é a de que a Campanha ficaria inicialmente sendo executada pelo INEP e teria os seguintes objetivos: 1) Estimular a melhoria das condições de ensino e pesquisa dos centros universitários do país, visando melhor formação dos profissionais de nível superior; 2) Aperfeiçoar pessoal de nível superior já existente, em função das prioridades das necessidades do desenvolvimento econômico e social do país; 3) Realizar estudos, levantamentos e pesquisas sobre a situação do ensino superior no país,; sobre a formação e expansão dos quadros de nível superior e as necessidades nacionais de mão de obra qualificada de nível superior. (BRASIL, 1956)

O Plano de trabalho estabelecido para a primeira etapa da Campanha previa levantamento e estudo crítico sobre a situação do ensino superior no país, bem como dos seus quadros de técnicos, de cientistas, de artistas e de humanistas; previa, também, uma assistência técnica às escolas superiores e para tanto contrataria estrangeiros, organizaria missões universitárias e de técnicos de alto nível, para atuarem no ensino superior; previa, ainda, concessão de bolsas para graduados e técnicos, assim como estágios de observação em centros de excelência no território nacional e no exterior e, finalmente, bolsas especiais para jovens superdotados, que não possuíssem recursos para desenvolver cursos superiores. (BRASIL, 1952)

Cabe ressaltar que as informações do Plano foram disponibilizadas e divulgadas no boletim nº1 da Campanha, no mês de dezembro, portanto cinco meses depois de Dr Anísio ter assumido a direção do INEP.

Analisando o que está posto no Plano e comparando com as providências tomadas no período da UDF, percebe-se a manutenção da decisão de reforçar os quadros de pessoal de determinadas Instituições com profissionais oriundos do estrangeiro.

Outra questão a destacar é a sinalização da possibilidade de estabelecimento de parceria com a UNESCO, para concessão de bolsas, de forma que o Brasil pudesse se tornar beneficiário de um Programa, composto de projetos e atividades, que a UNESCO havia estabelecido, com este fim, para iniciar-se em 1953. Acreditamos que os contatos estabelecidos por Anísio Teixeira, durante o período que foi conselheiro da Instituição, bem como a permanência de Paulo Carneiro no “staff” da Instituição contribuíram para o ingresso do Brasil no Programa e o grande quantitativo de bolsas concedidas a brasileiros pela UNESCO, por intermédio da CAPES, no período em que Dr Anísio esteve a frente da Instituição.

O mesmo boletim lista os projetos em andamento no primeiro ano de funcionamento da Campanha, foram eles: 1)Estudo do ensino de medicina; 2)Levantamento do ensino superior no país; 3)Colaboração com o Museu Nacional da Universidade do Brasil, para a contratação do taxidermista Carl Mielke; 4)Estudo da situação econômica do Brasil; 5)Bolsa de estudo na Universidade de Columbia para a Profª Maria Carmelita Junqueira Ayres e 6)Estudo da situação do ensino da engenharia no Brasil, conforme atesta foto da CAPA do primeiro boletim, disponibilizada a seguir:

FIGURA 116: Capa do boletim nº1 da CAPES



FONTE: Arquivo CAPES

Quanto as atividades desenvolvidas, o boletim informa que em cooperação com o Serviço especial de Saúde Pública (SESP) e o Institute of Inter - American Affairs (IIAA) a CAPES realizou um estudo minucioso sobre o ensino de Hidráulica e Saneamento em 12 escolas de engenharia do país; Informa, também, que está desenvolvendo um Inquérito junto a

instituições públicas e privadas, no campo das Ciências, da indústria, da agricultura, dos transportes, entre outros, com o objetivo de apurar carências ou deficiências nos quadros de profissionais especializados em cada um destes campos.

Segundo divulgado pelo boletim, o Inquérito iniciado em maio de 1952, tinha sua primeira etapa prevista para encerrar-se em abril do ano seguinte.

O mesmo boletim aporta informações, sobre outras ações em curso, como por exemplo o estabelecimento de contatos com 143 universidades estrangeiras, para obtenção de informações e publicações; o registro do levantamento cadastral realizado com professores, em parceria com o IBGE, no qual ficou constado que em 1952 o Brasil tinha 263 escolas superiores em funcionamento e informa a distribuição destas instituições por cada um dos estados da federação; informa, também, o desenvolvimento de estudo sobre a conjuntura econômica do país e a viabilização de providências para o estabelecimento de um programa de cooperação com a UNESCO, visando concessão de bolsas e recrutamento de professores e técnicos estrangeiros para atuar no Brasil.

Nosso objetivo em detalhar este primeiro momento da Instituição é demonstrar o dinamismo com que a Campanha foi se instalando e ocupando espaços, tanto a nível nacional como internacional.

O Boletim nº 4 de março de 1953, trás na capa foto da quinta reunião da comissão, realizada no Ministério de Educação e presidida pelo então ministro Simões Filho. Nesta reunião compareceram não só os membros da comissão como, também, Péricles Madureira de Pinho, chefe de gabinete do ministro, Armando Hildebrand e Rubens Maciel, respectivamente Diretor Executivo e Chefe do Programa Universitário da CAPES, Rudolph Atcon e Teixeira de Freitas, este último Assistente Técnico da Campanha e chefe do Serviço de Estatística e Documentação.

FIGURA 117: Capa da Boletim nº4 da CAPES, de março de 1953.



FONTE: Arquivo CAPES

Cabe destacar, analisando a foto da capa e cruzando com outras informações sobre a Campanha, que Dr Anísio encontrava-se satisfeito com os resultados alcançados, tinha prestígio e com isso conseguia captar recursos para ampliar os programas estabelecidos. Além do mais, com apenas um ano e meio de funcionamento, a Campanha já contava com uma equipe eficiente e que produzia resultados. Contava, também, com a presença do experiente estatístico Teixeira de Freitas, criador do IBGE, entre os técnicos do quadro de profissionais, um amigo de mais de vinte anos de convivência, comprometido com assuntos de educação e que produzia dados quantitativos confiáveis, que auxiliavam Anísio Teixeira na tomada de decisão.

Carta enviada por Anísio Teixeira a Teixeira de Freitas, em 29 de novembro de 1946, solicitando publicações para a biblioteca da UNESCO, e falando de suas atividades, comprova isso. Na carta Dr Anísio expressa como estava sendo difícil exercer suas funções na Instituição Internacional, complementando: “espero, com efeito, aprender aqui um pouco da maravilhosa paciência e tenacidade que sempre admirei em Você, nos seus projetos de longo alcance[...]”.(TEIXEIRA, 1929), Esta observação atesta o comentado anteriormente sobre a dificuldade de Anísio Teixeira em se adequar a lentidão da pesada burocracia com que a recém-criada UNESCO estava sendo implementada. Esta e outras cartas trocadas entre ambos, encontram-se arquivada no IBGE, e demonstra que Teixeira de Freitas é mais um dos integrantes da rede relacional de Anísio Teixeira, que continuava em acelerada expansão, bem como o interesse de Dr Anísio por dados oriundos de pesquisas quantitativas.

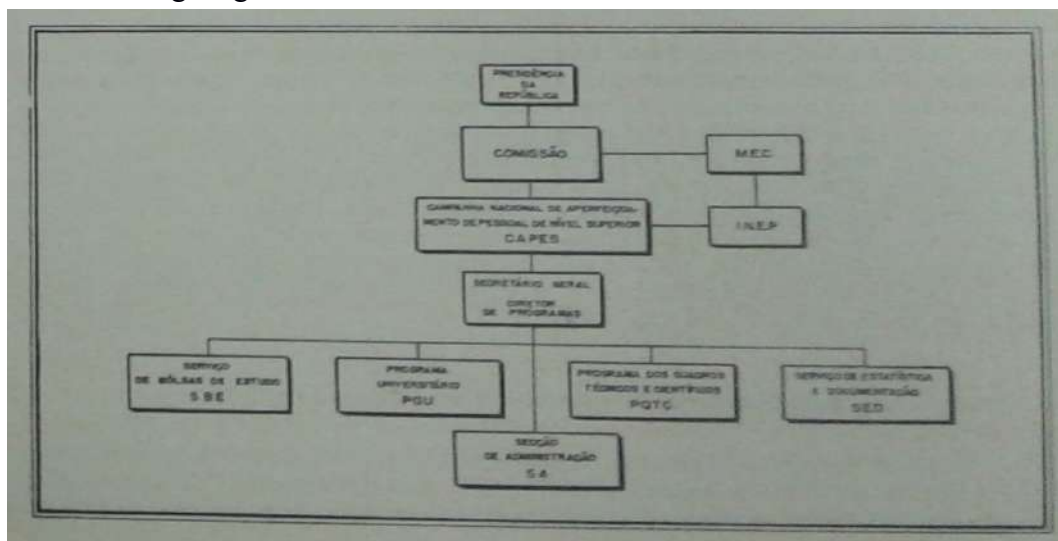
Retornando a CAPES, reafirmamos que a Comissão, composta por 10 membros, incluído o Ministro de Educação, de acordo com o que lhe atribuía o Decreto 29.741/51, apresentou o desenho para uma formatação definitiva. No entanto, enquanto não aprovada formalmente pelas autoridades competentes, mantém um organograma provisório no início dos trabalhos, de forma atender suas necessidades administrativas.

A formatação da proposta de um desenho definitivo, levou em consideração experiências adquirida e resultados obtidos, ou seja, a transformação da Campanha em um órgão que se adequasse a extensão dos programas e objetivos estabelecidos.

O organograma provisório da CAPES operava em articulação com o INEP, como poderá se verificado a seguir, facilitava pela forma acumulativa de gestar, executada por Dr Anísio, maior autoridade em ambas organizações.

Na CAPES, como Secretário-Geral, era assistido por um diretor de programa que se distribuía em cinco setores que trabalhavam em conjunto, ou seja: Programa Universitário (PGU); Programa dos Quadros Técnicos e Científicos (PQTC); Serviços de Bolsas de Estudo (SBE); Seção de Estatística e Documentação e a Seção e Administração.

FIGURA 118: Organograma da CAPES em 1952



FONTE: Boletim CAPES de 1956

Segundo Almir de Castro, diretor executivo da CAPES a partir de 1954 e que permanece neste cargo até 1964, quando ele e Dr Anísio foram demitidos por questões políticas,

Anísio era dos poucos homens do Brasil dotados de imaginação. Ele foi o catalisador, um incentivador e fez renascer um estímulo para a universidade, fazendo com que ela iniciasse trabalhos, rumos e caminhos que não tinham sido trilhados. A inventividade de Anísio se fez sentir desde a origem da CAPES, pois ele a concebeu como um órgão ligado ao Ministério da Educação, mas também à Presidência da República. Assim tínhamos um status bem flexível: O Ministério não se metia conosco, e o fato de trazer escrito nos formulários “órgão da Presidência da República” nos dava algum prestígio, embora as verbas não fossem muito extensas. (CASTRO, 1999,p.33)

O organograma comprova o que fica explícito na citação. Quiza a experiência com o ministro Capanema no período da gestão do sistema educacional do Rio de Janeiro tenha acendido o alerta para que Dr Anísio procurasse blindar estas novas gestões no Distrito Federal da interferência do ministério que, cabe ressaltar, mudou muitos ministros nos treze anos em que Anísio Teixeira manteve-se na presidência da CAPES.

O quadro de pessoal no período contou com aproximadamente 30 pessoas, sendo 12 membros do “staff” técnico, 15 pessoas da contabilidade e escritório e 3 do apoio, todos em regime integral com exceção de alguns técnicos.

Em 1951 quando foi instituída, a CAPES trabalhou com verbas próprias. E entre os anos de 1952 a 1955 o orçamento foi de 70 milhões de cruzeiros, gastos a partir de 1952 com o planejamento da Campanha, estudos iniciais sobre futuras linhas de ação, organização do “staff” e contatos com as Instituições brasileiras e estrangeiras que se interessavam por problemas de pessoal especializados de nível superior. Como desdobramento desta movimentação inicial, o quantitativo de 6 projetos iniciados a partir da criação da Campanha, elevou-se para 72 em 1953, para 183 em 1954 e para 159 em 1955.

Esses projetos focaram majoritariamente contratos de professores e técnicos nacionais e estrangeiros; desenvolvimento de centros e promoção de cursos de aperfeiçoamento em nível

de pós-graduação; aperfeiçoamento de professores e assistentes técnicos de profissionais do país; concessão de bolsas de pós-graduação no país e no exterior; levantamento sobre a situação e problemas do ensino superior no país, assim como publicações.

De forma similar, assim como projetos listados acima, as bolsas e auxílio concedidos, também cresceram rapidamente, como pode ser observado a seguir:

FIGURA 119: Bolsas e auxílios fornecidos pela CAPES no período de 1953-1955.

CAMPOS DE ESTUDO	FORMA- ÇÃO	APERFEIÇOAMENTO PÓS-GRADUADO NO PAÍS	APERFEIÇOAMENTO PÓS-GRADUADO NO EXTERIOR		TOTAL DE BOLSAS E AUXÍLIOS
	(Bolsas)	(Bolsas)	(Bolsas)	(Auxílios)	
Agronomia	2	4	1	4	11
Ciências Sociais (1)	3	20	20	11	54
Engenharia	36	33	29	20	118
Humanidades	3	2	12	8	25
Ciências Físicas e Matemáticas	4	18	7	9	38
Biologia-Medicina	16	80	27	28	151
Educação	—	1	—	6	7
Artes	1	—	12	15	28
TODOS OS CAMPOS	65	158	108	101	432

(1) Inclusive Economia e Administração.

FONTE: Boletim CAPES 1956

Dez anos após instituída a Comissão é assinado o Decreto nº 50.737 de 7 de junho de 1961, que organiza a Campanha, conforme previa o Decreto nº 29.741, de 11 de julho de 1951.

Neste novo documento fica evidente que a estratégia prioritária da CAPES passaria a ser a melhoria das condições de ensino e pesquisa dos centros universitários, objetivando, portanto, a formação dos quadros profissionais de nível superior do país. Para tanto passa a promover uma reforma interna nas universidades, visando a institucionalização da pesquisa e da pós-graduação. Três anos depois Anísio Teixeira deixa a Instituição.

Ao longo de pouco mais de treze anos no comando da CAPES, Dr Anísio muito realizou pela pesquisa e a pós-graduação no Brasil, mas, também enfrentou muitas situações adversas como mudanças no governo e frequentes substituições de ministros de educação, como comentado anteriormente.

O ponto alto em termo de capacitação de professores universitários no Brasil, na gestão de Anísio Teixeira na CAPES, segundo Castro (1999) foram os centros regionais “nomeados de excelência” inicialmente localizados no Rio de Janeiro e São Paulo, mas, posteriormente em Recife, Belo Horizonte e Rio Grande do Sul. E em termos de pesquisa, a implantação do primeiro cadastro de instituições de pesquisa do Brasil.

Um ponto muito importante a registrar sobre esse período foi a manutenção da periodicidade na publicação do Boletim. Este não só dava visibilidade ao que estava sendo produzido e encaminhado pela CAPES, como, também, às produções e notícias individuais ou institucionais de organizações nacionais e estrangeiras, relacionados com educação e ciências.

Quanto ao Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas - INEP, este origina-se do Instituto Nacional de Pedagogia, criado pela Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, que pelo Decreto-Lei nº 580, de 30 de Julho de 1938, lhe confere nova organização e passa a denominar-se

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, ou seja, o INEP se concretiza nos primeiros anos do Estado Novo (Ditadura Vargas).

É um órgão técnico do novo Ministério de Educação e Cultura (antes Educação e Saúde), tendo como finalidades principais, apoio a formação e aperfeiçoamento dos quadros docentes para os cursos primários e normal do país, bem como administradores escolares. Esta organização inicial contava com uma seção de documentação pedagógica, com função de recolher, selecionar e classificar leis federais e estaduais sobre a educação brasileira.

Ao assumir a gestão do INEP, em 1952, pouco tempo depois de ter sido nomeado secretário-geral da CAPES, Anísio Teixeira, respeitando a independência institucional, garantida em legislação, as tornam instituições complementares para o desenvolvimento de ações que somassem esforços para que os objetivos estabelecidos em seus programas, planos e atividades se concretizassem sem se sobreporem.

No período da gestão de Anísio Teixeira, a seção de documentação é ampliada e passa a ser denominada de *Centro de Documentação Pedagógica*.

Após quatro anos de gestão de Dr Anísio no INEP, ou seja. 1955, através do Decreto nº 38.460, de 28 de dezembro de 1955, foram instituídos o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e os centros regionais, subordinados diretamente a esta Instituição, conforme publicação do Diário Oficial Federal de 24 de janeiro de 1956, com a exposição de motivos, encaminhada na forma de ofício para a criação dos centros disponibilizada, na íntegra, a seguir:

FIGURA 120: Exposição de Motivo para criação do CBPE e dos Centros Regionais.

OFÍCIO Nº 1. 086 – EM 27 DE DEZEMBRO DE 1955.

Senhor Ministro,

No discurso que pronunciei, por ocasião de minha posse no cargo de Diretor dêste Instituto[INEP], depois de analisar a situação educacional brasileira, assim indiquei o programa de estudos que se deveria encetar:

O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos tem de tentar uma tomada de consciência em relação à expansão educacional brasileira, examinar o que foi feito e como foi feito, proceder a inquéritos esclarecedores e experimentar medir a eficiência ou ineficiência de nosso ensino.

Não podemos continuar a crescer do modo por que vamos crescendo, porque isto não é crescer, mas dissolver-nos. Precisamos voltar à idéia de que há passos e etapas, cronologicamente inevitáveis, para qualquer progresso. Assim é que não podemos fazer escolas sem professores, seja lá qual fôr o nível das mesmas, e, muito menos, ante a falta de professores, improvisar, sem recorrer a elementos de um outro meio, escolas para o preparo de tais professores. Depois, não podemos fazer escolas sem livros. E tudo isto estamos fazendo, invertendo, de modo singular, a marcha natural das coisas. Como não temos escolas secundárias por nos faltarem professores, multiplicamos as faculdades de filosofia, para as quais, como é evidente, ainda será fricante a falta de professores capazes. Se não podemos fazer o menos, como havemos de tentar o mais? Para restabelecer o domínio dêste elementar bom-senso, em momento como o atual, em que a complexidade das mudanças impede e perturba a visão, são necessários estudos cuidadosos e impessoais, de que o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos deverá encarregar-se com o seu corpo de técnicos e analistas educacionais, mobilizando ou convocando também, se preciso e como fôr possível, outros valores humanos, e onde quer que se os encontre.

Está já em curso no Congresso a lei complementar à Constituição, que traçará as diretrizes e bases da educação nacional. Essa lei básica não poderá deixar, dentro dos princípios constitucionais, de proceder a uma ampla e indispensável descentralização administrativa da educação, graças à qual êste Ministério poderá retomar as suas altas e difíceis funções de liderança estimuladora e criadora da educação ao invés da atuação restritiva e rígida com que cerceia e dificulta, hoje, o desenvolvimento e a expansão das iniciativas e experiências novas, e limita

e empobrece a força vivificadora da autonomia e do senso de responsabilidade. No novo regime, a ser implantado, de descentralização e liberdade com responsabilidade, dentro do quadro das bases e diretrizes da educação nacional, os instrumentos de controle e coordenação passam a ser os delicados instrumentos das verificações objetivas, dos inquéritos reveladores, da troca de informações e esclarecimentos, entre os educadores, nas conferências educacionais. Será um regime de sanções mais de opinião pública e de consciência educacional, a se criar no país, do que de atos de autoridade.

As funções do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos deverão ganhar, em a nova fase, amplitude ainda maior, buscando tornar-se, tanto quanto possível, o centro de inspirações do magistério nacional para a formação daquela consciência educacional comum que, mais do que qualquer outra força, deverá dirigir e orientar a escola brasileira, ajudada pelos planos de assistência técnica e financeira com que este Ministério irá promover e encorajar todos os esforços úteis e todas as iniciativas saudáveis, que as energias insuspeitadas da liberdade e da autonomia irão fazer surgir em todo o Brasil.

Os estudos do I.N.E.P. deverão ajudar a eclosão dêsse movimento de consciência nacional indispensável à reconstrução escolar.

A educação nacional está sendo, todos os dias, por leigos e profissionais, apreciada e julgada. Os métodos para êstes julgamentos resumem-se, entretanto, nos da opinião pessoal de cada um. Naturalmente, os julgamentos hão de discordar, mesmo entre pessoas de tirocínio comprovado. Temos que nos esforçar por fugir a tais rotinas de simples opinião pessoal, onde ou sempre que desejarmos alcançar ação comum e articulada. Sempre que pudermos proceder a inquéritos objetivos, estabelecendo os *fatos* com a maior segurança possível, teremos facilitado as operações de medida e julgamento válidos. Até o momento, não temos passado, de modo geral, do simples censo estatístico da educação. É necessário levar o inquérito às *práticas educacionais* . Procurar medir a educação, não somente em seus aspectos externos, mas em seus processos, métodos, práticas, conteúdo e resultados reais obtidos. Tomados os objetivos da educação, em forma analítica, verificar, por meio de amostras bem planejadas, como e até que ponto vem a educação conseguindo atingi-los.

Cumprir-nos-á, assim e para tanto, medir o sistema educacional em suas dimensões mais íntimas, revelando ao país não apenas a quantidade das escolas, mas a sua qualidade, o tipo de ensino que ministram, os resultados a que chegam no nível primário, no secundário e mesmo no superior. Nenhum progresso principalmente qualitativo se poderá conseguir e assegurar, sem, primeiro, saber-se o que estamos fazendo.

Tais inquéritos devem estender-se aos diferentes ramos e níveis do ensino e medir ou procurar medir as aquisições dos escolares nas técnicas, conhecimentos e atitudes, considerados necessários ou visados pela escola.

Enquanto assim não procedermos, não poderemos progredir nem fazer recomendações para qualquer progresso, que não sejam de valor puramente individual ou opinativo. Êste trabalho, pois, não será nenhum trabalho remoto e distante, mas parte integrante e preliminar do programa de reconstrução de nossas escolas e revisão dos seus métodos. Não será por leis, mas por tais estudos, que daremos início à reforma do ensino, que todos anseiam, mas temem, com fundado receio de que se transforme em mais uma experiência frustra de alteração de nomes ou de posição dos elementos no complexo da situação educacional.

Se conseguirmos, porém, os estudos objetivos que aqui sugerimos, e sobre êles fundarmos diagnósticos válidos e aceitos, não será difícil a elaboração dos métodos de tratamento e a indicação dos prognósticos. Os métodos de tratamento surgirão nos guias e manuais de ensino para os professores e diretores de escolas, os quais constituirão livros experimentais de sugestões e recomendações para a condução do trabalho escolar. Em complemento, deveremos chegar até o livro didático, compreendendo o livro de fontes, buscando integrar nestes instrumentos de trabalho o espírito e as conclusões dos inquéritos procedidos.

Com tal planejamento, estaremos prosseguindo o estudo objetivo da educação e lançando as bases de nossa ciência da educação. Uso esta palavra – ciência – com extremo cuidado, porque, entre nós, dela se vem abusando, como, não menos, da palavra técnica.

Esforçar-nos-emos por aplicar métodos objetivos e, quando possível, experimentais, mas tudo conduziremos com o sentimento profundo do caráter provisório do conhecimento mesmo quando, ou talvez, sobretudo, quando científico. A ciência não nos vai fornecer receitas para as soluções dos nossos problemas, mas o itinerário de um caminho penoso e difícil, com idas e voltas, ensaios e verificações e revisões, em constante reconstrução, a que não faltará, contudo, a unidade de essência, de fins e objetivos, que estará contida não só na lei de bases e diretrizes, como a consciência profissional, que pouco a pouco se irá formando entre os educadores. Será por êsse modo que o Instituto pensa se deixar conduzir pelo método e espírito científico.

Dentro da estrutura do Ministério da Educação e Cultura, compete, com efeito, ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos o estudo da educação e seus métodos e conteúdos, nos seus diversos ramos e níveis, nas diferentes regiões do país.

Além dessa função precípua de estudo e pesquisa, veio, posteriormente, pela Lei n. ° 580, de 30-7-938, a lhe ser

atribuído um programa de assistência técnica e de aperfeiçoamento do magistério dos Estados.

Para dar cumprimento a essa dupla tarefa de estudo e assistência técnica, este Instituto vem, desde 1953, ampliando as suas atividades, buscando realizar, pela C.I.L.E.M.E. (Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar) e pela CALDEME (Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino), estudos e pesquisas sobre o ensino em cada um dos Estados da Federação, sobre programas escolares, sobre as matérias do curso médio, e a elaborar para uso do magistério manuais de ensino destinados a consolidar conquistas pedagógicas ou renovar-lhe os métodos.

Procurado, em face desse programa de pesquisa educacional em todo o país e de assistência pedagógica aos Estados, pelos órgãos de cooperação internacional, pôde o Instituto articular com a UNESCO uma colaboração, pela qual receberia o auxílio de especialistas estrangeiros para o melhor aproveitamento do seu programa.

Já se acham trabalhando conosco os professores Bertram Hutchinson e Andrew Pearse e, no próximo ano, deverão vir os professores Havighurst, Jacques Lemberg e Otto Klineberg. Além disto, o professor Charles Wagley, da Columbia University [grifo nosso], já, por duas vezes, esteve conosco, em períodos de três meses, prestando sua alta colaboração no campo da antropologia. A colaboração desses especialistas estrangeiros vem-se somar à dos nacionais, que integram o corpo central de pesquisadores e técnicos dos Centros.

No ano que ora se encerra, deram-se vários passos na concretização desse plano de trabalho, que deve estender-se a todo o país com a instalação de um centro brasileiro de pesquisas educacionais aqui no Rio e cinco centros regionais, localizados no Recife, na Bahia, em Belo Horizonte, em São Paulo e em Porto Alegre.

Tais centros, que deverão absorver as atividades de estudo e documentação do I.N.E.P. e das suas respectivas campanhas (CALDEME e C.I.L.E.M.E.) e ainda as de assistência técnica correspondente ao seu programa de aperfeiçoamento do magistério, deverão completar a sua instalação e entrar em pleno funcionamento em 1956.

A título de experiência, vêm-se instalando e funcionando, mediante convênio, o centro brasileiro e os centros regionais da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, em sedes próprias ou alugadas.

Parece, assim, chegada a oportunidade de consolidar o plano, mediante um decreto presidencial que institua definitivamente os diversos centros, defina os seus objetivos e lhes dê organização apropriada ao desenvolvimento dos seus trabalhos tão altamente especializados.

O projeto do decreto que acompanha esta exposição visa satisfazer a esse propósito, instituindo os centros subordinados ao I.N.E.P., mas com organização, a ser aprovada pelo Ministro, em que se estabeleçam as condições de independência e flexibilidade existentes para as campanhas extraordinárias de educação e o regime de financiamento especial igualmente previsto em nosso sistema de orçamento, a fim de que as atividades ora em vista de concretização possam ter a necessária eficiência e a segurança do seu desenvolvimento.

Apresento a Vossa Excelência as minhas respeitadas saudações.

ANÍSIO S. TEIXEIRA

Diretor do I.N.E.P.

FONTE: Arquivo Histórico INEP

Na exposição de motivos fica claro que pesquisas quantitativas e qualitativas sobre a educação brasileira já estavam em curso; que as Campanhas CALDEME e CILEME, também em curso, continuariam e que o que estava sendo pleiteado era a oficialização de um Centro Nacional e Centros Regionais que na prática já funcionavam em caráter experimental.

Cabe registrar a parceria estabelecida com a UNESCO para a vinda dos professores estrangeiros citados e destes destacamos Charles Wagley que, em conjunto com Thales de Azevedo trabalhou, conforme já comentado, em projeto de pesquisa desenvolvido na Bahia, que versava sobre *Estudo de Comunidade*, quando Dr Anísio assumiu a pasta da educação no governo de Otávio Mangabeira.

Na exposição de motivos fica evidente, também, a valoração que Dr Anísio dá às pesquisas, bem como a percepção dos limites que envolvem os resultados oriundos das mesmas.

Os objetivos, em linhas gerais, do Centro Brasileiro de Pesquisa Educacionais (CBPE) ao ser criado eram: a) Pesquisar as condições culturais, escolares e as tendências de desenvolvimento regionais e sociais brasileiras, visando obter subsídios para uma política educacional no país; b) Elaborar planos, recomendações e sugestões para a revisão e a reconstrução educacional, nos níveis primários, médio e superior e educação de adultos; c) Elaborar livros fontes e de textos, bem como preparar material de ensino e estudos especiais sobre administração escolar, currículos, psicologia educacional, filosofia da educação, medidas escolares, formação de mestres e sobre quaisquer outros temas que contribuíssem para com o aperfeiçoamento dos quadros docentes a nível nacional; d) Treinar e aperfeiçoar administradores escolares, orientadores educacionais, especialistas de educação e professores de escolas normais e primárias.

O CBPE foi organizado em quatro divisões autônoma 1) Pesquisa Educacional (Depe); 2) Pesquisa Social (DEPS); 3) Documentação e Informação Pedagógica (DDIP); 4) Aperfeiçoamento do Magistério (DAM).

Esta formatação indicava, o que se concretiza, a centralidade do órgão para com o registro e a sistematização de dados levantados nos grandes inquéritos e diagnósticos, como os que já vinham sendo desenvolvidos pela CAPES, ao lado do estímulo ao desenvolvimento de pesquisas sociais e educacionais.

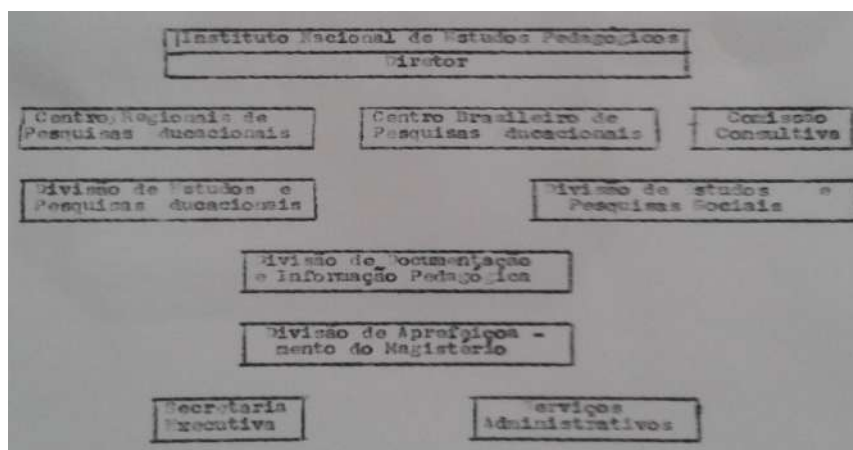
Criavam-se, assim, os meios materiais para a fundação de um núcleo de estudos sobre a educação, com a organização de um vasto acervo bibliográfico e documental. Além disso, a preocupação em levar ao magistério as inovações pedagógicas, assim como os resultados de pesquisas e estudos recentes, sobre temas pertinentes ao ensino e à realidade social, orientou boa parte das atividades ali desenvolvidas. A criação desse centro de pesquisas destaca-se como mais uma das estratégias implementadas pelos renovadores do ensino,¹ no sentido de promover a especialização e a autonomização do campo educacional. Na virada dos anos 50 para os anos 60, a estratégia de criação desse órgão estatal, voltado para o desenvolvimento de pesquisas científicas, determinou a articulação de intelectuais brasileiros com pesquisadores estrangeiros e organismos internacionais em busca de novas parcerias, novos modelos analíticos e de incentivos financeiros. (XAVIER, 1999,p.81)

Este Centro aglutinou ao longo da sua existência, expressivos nomes da intelectualidade nacional, em torno de metas que, prioritariamente, visavam a promoção e o desenvolvimento de pesquisas sobre educação, para subsidiar políticas públicas implementadas no País. Muitos destes intelectuais eram membros das Academias e Associações existentes no país no período, e na grande maioria, educadores e cientistas sociais.

Seu caráter de instituição de pesquisas e assessoramento técnico, somado à sua vinculação a órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco (que garantiriam recursos financeiros à instituição), contribuirão para que o Centro estabeleça uma relação particular – nem totalmente independente nem propriamente autônoma – com o campo político, ou seja, com o poder do Estado. A mesma estrutura do Centro Nacional reproduzia-se nos Centros Regionais, onde foram desenvolvidos estudos referentes ao levantamento das condições econômicas, sociais, políticas e culturais de cada região; além de estudos e projetos mais especificamente voltados para o processo ensino-aprendizagem. (XAVIER, 1999, 81)

Ao tempo que o CBPE foi sendo implementado, foram sendo implementados, também, os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPE), que totalizaram um quantitativo de cinco. O organograma do INEP que se segue, e para os quais Anísio Teixeira buscou o apoio de outras instituições, já registra a nova configuração do órgão com a presença dos Centros.

FIGURA 121: Organograma do INEP, com os Centros



FONTE: Arquivo Histórico do INEP.

Para ser o diretor executivo do centro nacional, ou seja, o CBPE, Anísio Teixeira convidou Péricles Madureira de Pinho; para o Centro Regional de Recife, convidou Gilberto Freyre; para Centro Regional de Belo Horizonte, Mário Casasanta com a colaboração de Abgar Renault; para o Centro Regional de Porto Alegre convidou a profª Elooch Ribeiro Kunz; para o Centro Regional da Bahia, Luís Ribeiro Sena e a profª Carmem Spínola Teixeira, sua irmã; e para o Centro Regional de São Paulo, Fernando de Azevedo.

FIGURA 122: Sede do CBPE no Rio de Janeiro



FONTE: Arquivo Histórico INEP

Segundo Xavier (1999), alguns Centros estabeleceram, de imediato, relação com outras instituições. O CRPE de São Paulo articulou-se com a USP; o de Belo Horizonte, com a Secretaria de Educação; o de Porto Alegre com a UFRG, via Faculdade de Filosofia; o da Bahia articulou-se com a Secretaria de Educação; o de Recife e o do Rio de Janeiro

mantiveram-se articulação com o Inep, sendo que o do Rio de Janeiro, fez-se expansão deste órgão.

A criação do CRPE de São Paulo foi resultante de um convênio entre o Ministério da Educação, através do Inep, e da Reitoria da Universidade de São Paulo (USP). Ali, pessoas ligadas aos Departamentos de Sociologia, de Pedagogia e de Estatística teriam trabalhado no planejamento e na organização daquele instituto de pesquisas educacionais. Discursando na inauguração do centro paulista, em 1956, Fernando de Azevedo festejou a abertura do campo educacional às atividades de pesquisa, "lançando mão das ciências (...) para traçar diretrizes seguras à reconstrução educacional brasileira". Expressava, dessa forma, sua crença nos vínculos existentes entre educação e sociedade, entre educação e ciências sociais; entre o planejamento educacional e a pesquisa social. Os CRPEs representavam para Azevedo a "transição de uma política empírica de educação para uma política científica, realista e racional". (XAVIER, 1999, p.82)

E complementa:

Pode-se concluir que o empirismo a que Fernando de Azevedo se referia tem relação com um tipo de política educacional pautada na concessão de benefícios sociais em troca de votos. Este tema foi retomado posteriormente por Darcy Ribeiro, quando afirmou que a linha de ação política predominante em educação, na época, correspondia a "uma concepção corrente segundo a qual o Inep tinha como função primordial distribuir verbas para os deputados construírem escolas rurais para, em seguida, forçar o Estado a nomear as professoras por eles indicadas". Buscando romper com as concepções predominantes no meio político, tanto o Centro Nacional quanto os Centros Regionais desenvolveram atividades fecundas para o conhecimento da realidade educacional do País e, sobretudo, para o conhecimento de nossas formas de organização social. Como meio de garantir soluções de continuidade e avaliação dos planos e pesquisas desenvolvidas, estimulou-se o levantamento, a ampliação e a sistematização do acervo de dados disponíveis sobre as realidades regionais e nacionais. (XAVIER, 1999, p.83)

O CBPE manteve uma revista, própria, Educação e Ciências Sociais, que circulou de 1956 a 1962, "Essa revista publicou um conjunto de ensaios, relatórios de pesquisa, análises de conjuntura e resenhas de obras, na área da educação e das ciências sociais, que permitiram a perceber importantes aspectos do trabalho ali desenvolvido". (XAVIER, 1999, p.83), além da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBPE), do INEP, criada em 1949 e que ainda é publicada na atualidade.

A preocupação com a qualificação de professores ocupava um lugar central no projeto do CBPE. Ao mesmo tempo que se criavam os centros regionais e os destinavam à pesquisa, Anísio Teixeira não perdia de vista o aperfeiçoamento do magistério. Em torno dessa preocupação, definiu-se o entendimento dele sobre o caráter da pesquisa educacional que se queria desenvolver e em prol desta intenção mobilizou-se grande parte das atividades programadas para o Centro. (XAVIER, 1999, p.83)

Os projetos desenvolvidos pela Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério (DAM) visavam prioritariamente aperfeiçoamento de administradores e orientadores escolares e de professores de escola normal. Cabe destacar, ainda, que entre os cursos previstos, havia o de aperfeiçoamento de professores para as escolas experimentais. Acompanhando o projeto dos Centros regionais, existia o de criação de escolas experimentais ou escolas laboratórios, mas

só o Rio de Janeiro (Escola Guatemala) e a Bahia (Centro Educacional Carneiro Ribeiro) conseguiram colocar em funcionamento uma escola com tal função. Em sendo assim, muitos professores de outros estados se deslocaram para fazer estágios nestas Escolas, pois “as escolas experimentais ou escolas laboratório deveriam funcionar como campo para obtenção de dados e observação dos problemas do ensino primário”.(XAVIER, 1999, p.83)

A Escola Guatemala, segundo observações realizadas anteriormente sobre “School Gary” e a escola Parque, também mantinha um banco e uma lojinha na qual as crianças aprendiam a fazer levantamento de estoque, balancetes financeiros, entre outras atividades. Quiça ai fossem tratados alguns dos conceitos do que na atualidade está sendo utilizado como justificativa para a inclusão da disciplina Educação Financeira nos currículos do ensino básico.

Quanto aos Projetos das DDIPs do CBPE e CRPEs, é importante destacar que:

A função primordial da DDIP era definida pela materialização de fontes e de outros materiais a serem utilizados pelas divisões de pesquisa do CBPE e demais pesquisadores. Embora funcionalmente localizadas como subordinadas às necessidades das divisões de pesquisa – que constituíam o núcleo central da instituição –, as DDIPs incorporavam uma função de caráter mais imediato, no âmbito do projeto de transformação das práticas educacionais. De acordo com os relatórios de atividades dos Centros Regionais de Pesquisa, publicados na Seção "Noticiário" da revista Educação e Ciências Sociais, 4 a estrutura dos mesmos devia compreender, tal como no CBPE, uma biblioteca de educação, um serviço de documentação e informação pedagógica, um museu pedagógico e os serviços de pesquisa e inquérito, de cursos, estágios e aperfeiçoamento do magistério e, quando possível, dentre outros, serviços de educação audiovisual, de distribuição de livros e material didático. (XAVIER, 1999, p.83)

E mais especificamente ao DDIP do Centro Regional da Bahia, acrescenta:

É interessante assinalar que, no Centro Regional da Bahia, a DDIP atuou de forma integrada à DAM, chegando a elaborar um plano de pesquisa para averiguar a evasão de cerca de 600 alunos na Escola Parque [...] a DDIP iniciou suas atividades com a realização de duas conferências, com o objetivo de reunir orientação bibliográfica sobre psicologia e sociologia educacional, para atender a alunos e professores das faculdades de filosofia e de cursos normais. Elaboraram, ainda, um Compêndio de História da Bahia, destinado ao curso de Pedagogia Durante o ano de 1957, a DDIP da Bahia realizou duas conferências, a fim de tornar conhecido o Serviço de Documentação, versando sobre: Pesquisas das fontes bibliográficas da educação baiana e Evolução da educação baiana. Também realizou cinco publicações: Reforma do ensino na Bahia; Memórias históricas da Faculdade de Medicina; Autonomia educacional baiana; Psicologia educacional em 4 bibliotecas baianas; e Sociologia educacional em 4 bibliotecas baianas. As duas últimas procuravam atender os professores e alunos das Faculdades de Filosofia e Escolas Normais, facilitando-lhes a localização do livro. No ano seguinte, a seção "Noticiário" destacava como atividades prioritárias da DDIP: a constituição de acervo documental sobre a educação na Bahia; a realização de pesquisas e levantamentos bibliográficos; e a pesquisa das fontes bibliográficas para o estudo da história da educação baiana. Como coroamento deste esforço, divulgava-se a elaboração do Compêndio de História da Bahia, destinado ao curso pedagógico. Esta obra estava vinculada a um programa mais geral de publicações, cujo objetivo era reunir em diversos volumes um conjunto significativo de fontes para o estudo da história da educação brasileira em cada Estado do País. (XAVIER, 1999, 84)

Como mencionado, antecedendo a estruturação do CBPE, o INEP já desenvolvia em 1952 duas Campanhas, a saber: a Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar (Cileme), que objetivava reunir dados da situação do ensino médio e elementar que servissem de subsídio para o planejamento educacional junto às administrações estaduais e municipais de educação; e a Campanha do Livro Didático e Material de Ensino (Caldeme) que objetivava contribuir para a renovação da literatura pedagógica, mediante a revisão de livros de leitura e a análise dos livros didáticos em uso nas escolas; a elaboração e distribuição de guias de ensino, livros, textos e manuais para o professorado da rede pública de ensino. “Fiéis ao espírito que animou as Campanhas, as Depes nos Centros Regionais orientaram suas atividades no sentido de ampliar os inquéritos e levantamentos já iniciados, dando continuidade também ao estudo crítico e à elaboração de material didático.”(XAVIER, 1999, p.84)

Em sendo assim, no segundo semestre de 1952, Anísio Teixeira e Gustavo Lessa começam a convidar, por correspondências, possíveis autores para escrever os planos do que se tornariam os *guias de ensino* para professores da escola secundária. Cabe ressaltar que professores qualificados, bem como instituições devidamente equipada para este nível de ensino, continuavam sendo um grande desafio a ser enfrentado, na década de 1950, no Brasil.

O quadro a seguir indica os professores que assinaram os acordos, a Instituição a qual se vinculavam, a disciplina escolar do *guia de ensino* e o ano dos acordos assinados.

Quadro 18: Professores contratados para elaboração dos *guias de ensino*.

Guia de Ensino	Autor/Professor	Experiência profissional	Ano do acordo
Manual de Botânica	Karl Arens	Prof. da Faculdade Nacional de Filosofia, do Instituto da Baviera e da FFCL da USP.	1953
	Alarich Schultz	Professor da Universidade do Rio Grande do Sul.	1956
Manual de Biologia Geral	Oswaldo Frota Pessoa	Professor da Faculdade Nacional de Filosofia e de Ciências Naturais na Escola Rivadavia Corrêa	1953
Manual de História Geral	Carlos Delgado de Carvalho	Catedrático de História Moderna e Contemporânea da Faculdade Nacional de Filosofia.	1953
Manual de Zoologia Geral	Paulo Sawaya	Catedrático de fisiologia geral/animal da FFCL(USP), Ginásio Estadual Colégio Universitário	1953
Manual de Francês	Raymond Van der Haegen	Diretor do Instituto Francês da Universidade da Bahia. Professor agregé em França.	1953
Manual de Português e literatura	Mário Pereira de Souza Lima	Catedrático de Literatura Brasileira da FFCL da USP. Lecionou em ginásio estadual.	1953
Manual de História do Brasil	Américo Jacobina Lacombe	Catedrático da Faculdade de Filosofia da PUC/RJ, professor do Colégio Pedro II	1953
Manual de Inglês	John Francis Tuohy	Diretor da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa em São Paulo e professor da FFCL da USP	1953
Manual de Química	Werner Gustav Krauledat	Catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia, do Instituto La-Fayette e professor no Colégio Batista	1953
Manual de Latim	Vandick L. da Nóbrega	Catedrático do Colégio Pedro II	1956
Manual de Literatura	Afrânio Coutinho	Professor do Colégio Pedro II	1957

FONTE: Adaptado pela autora a partir de quadro disponibilizado em artigo de autoria de Juliana Filgueiras.

Como o principal objetivo do Caldeme era a elaboração de *guias de ensino* para professores da escola secundária,

[...] de modo geral os planos dos guias de ensino deveriam ser elaborados por professores considerados unanimidade em suas áreas de estudo. Elaborados os planos, estes passariam por análise de um grupo de especialistas que pertencessem a diversas escolas de pensamento, delineados em cada disciplina. De modo geral, eram organizados encontros com os autores dos planos e professores convidados a dar sugestões, discutir os métodos e conteúdos de ensino. Realizados os exames dos planos, era acordado com o professor a elaboração do manual, que depois de pronto seria novamente encaminhado para análise de autoridades das áreas. (FILGUEIRAS, 2011, p.5)

No quadro, além de evidenciar a competência dos professores convidados para a elaboração dos guias, percebe-se que, pelo menos parte deles, foi pinçada da rede de relação de Anísio Teixeira. Cabe destacar que Américo Jacobina Lacombe, era um membro muito ativo na ABE, Afrânio Peixoto foi reitor de professor da UDF, Delgado de Carvalho foi professor da UDF e o primeiro diretor do Instituto de Pesquisa criado na gestão de Anísio, no Rio de Janeiro, e Osvaldo Frota Pessôa, ex-aluno da primeira turma de Ciências Naturais da UDF, conforme comentado em entrevista anexada anteriormente.

A partir de 1954 começaram a ser assinados os acordos para estudo crítico de livros didáticos e programas de ensino, com os seguintes professores: Jesus Belo Galvão (Português) - assinado em 13/4/1954; Sérgio Mascarenhas Oliveira (Física) - assinado em 19/4/1954; Amílcar Salles (Química) - assinado em 07/1954; James Braga Vieira da Fonseca (Geografia) – assinado em 8/9/1954; Guy de Hollanda (História) – assinado em 1956. (FILGUEIRAS, 2011, p.10)

Dos professores selecionados para realizar o estudo crítico, listados por Filgueiras (2011), destacamos Sérgio Mascarenhas Oliveira¹⁵³, com graduação em Química e Física pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e que foi aluno de Anísio Teixeira, nesta Instituição, conforme pode ser constatado em trecho de entrevista que se segue:

Tenho uma ligação muito forte com o problema da educação fundamental, porque fui aluno do Anísio Teixeira. Embora a educação superior seja muito importante, estamos naquela fase, do país em desenvolvimento, que temos que consertar o avião em pleno voo. Vou cuidar só da educação fundamental? Não posso fazer isso. Temos que tratar da educação técnica, da educação superior avançada. O problema é que temos uma simultaneidade de problemas, que exige um tratamento muito especial e urgente que entenda de sistemas complexos. O caminho do Brasil tem que ser o caminho da ciência, tecnologia e inovação juntamente com o humanismo. (OLIVEIRA, 2012, p.13)

¹⁵³ O físico-químico Sérgio Mascarenhas, 86 anos, é um dos mais destacados e premiados cientistas brasileiros, tanto por suas pesquisas básicas quanto pela criação de instrumentos inovadores – entre eles um sistema de tomografia de solos pioneiro no mundo e um equipamento não invasivo da pressão intracraniana – e, sobretudo, por sua incansável liderança na implantação de áreas e instituições fundamentais do sistema brasileiro de ciência e tecnologia e na divulgação científica. Incluem-se entre as materializações de seus sonhos a área de engenharia de materiais em São Carlos, a Unidade de Apoio à Pesquisa e Desenvolvimento de Instrumentação da Embrapa e o Instituto de Estudos Avançados de São Carlos.

Por esse trecho da entrevista podemos afirmar que o pensar científico do professor Sérgio vai ao encontro do de seu professor Anísio Teixeira e que, após concluir seus cursos universitários, torna-se professor catedrático do Instituto de Física da USP, campus de São Carlos, em 1955. Membro titular da Academia Brasileira de Ciências, fez parte, assim como Frota-Pessoa, de um grupo de intelectuais que, desde jovens, contribuíam para com a melhoria do ensino de ciências e que continuam com tal atitude ao longo de toda a trajetória profissional.

Em São Carlos, temos um programa educacional no Instituto de Física, dirigido pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA), com a universidade e a escola pública, com resultados muito bons, em que alguns professores e alunos de graduação, e até de pós-graduação, dedicam parte do tempo aos professores das escolas fundamentais, criando um clima de solidariedade e de conhecimento. Não existe muita diferença entre o conhecimento gerado no ensino fundamental e no superior, no sentido de que ambos são necessários para a sociedade. (OLIVEIRA,2012, p.13)

As atividades com professores do ensino básico referidas acima ocorrem no Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) mantido pela USP, desde 1980, com esta finalidade. Em depoimento a revista *BahiaCiências* o professor Sérgio comenta que:

Anísio me convidou para trabalhar com ele em educação para ciência e cheguei a publicar na *Revista Brasileira de Educação* análise crítica e dura dos livros didáticos de física e química da época.[...].Com meu declarado interesse em iniciar esforços para modernizar a educação pelo caminho das ciências, Anísio me convidou para ir dar um *crash course* de ensino de ciências inteiramente experimental para professoras primárias na Bahia, em Salvador. Fomos eu e minha esposa Yvonne [Física], cheios de entusiasmo e com inúmeros experimentos simples em ciências para as professoras primárias motivarem seus alunos e a elas próprias e colegas para o ensino que hoje chamaríamos “mão na massa”[Método francês nomeado de “La Main dans la Pâte”,utilizado na Estação Ciências da Universidade de São Paulo, em São Paulo capital]. (OLIVEIRA,2014, s/p)

E como complemento acrescenta a seguinte observação:

Anísio sabia que o desenvolvimento da sociedade brasileira teria que trilhar o caminho da educação pela ciência e tecnologia e sair da velha trilha do blá-blá-blá com que nos colonizaram. Parece incrível que até hoje permaneçamos com esse imobilismo em pleno século XXI. Imobilismo no sentido de que, apesar dos esforços inegáveis trazidos pela criação da Capes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), todos mais recentemente no bojo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), até hoje não houve um decisivo investimento de recursos com musculatura e longo prazo suficientes para nos levar a transformar o presente quadro educacional na ciência, tecnologia e inovação. (OLIVEIRA,2014,s/p)

Na mesma linha do professor Sérgio Mascarenhas, um outro físico renomado brasileiro, que valida as ações de Anísio Teixeira no tocante a educação e seus desdobramentos, é o físico e professor pesquisador José Leite Lopes, como pode ser constatado a seguir:

O grande educador brasileiro foi Anísio Teixeira, que fez reformas no Rio de Janeiro, então Distrito federal, em todos os níveis.[...] Se a reforma que Anísio Teixeira estava fazendo no Rio de Janeiro continuasse no Brasil Inteiro, o Brasil seria certamente diferente hoje. Esse, a meu ver, é o problema número um do país: a *Educação*. Evidentemente, existe a economia, mas qual economista, que desde os anos 40 quando o economista ficou importante como assessor dos poderes da república, apontou a educação como fundamental para o desenvolvimento? Eles falam em transferência de tecnologia, que na verdade, é transferência de fábrica para cá...transferência de tecnologia uma “chupeta”! Porque o operário torce o parafuso aqui como torcia lá e os desenhos, projetos e planos são inventados lá fora. O que é verdadeiramente importante é a educação básica, para que a população esteja apta a se desenvolver, a aprender mais, a ter educação superior e a criar tecnologia, ela própria. A educação deve ter como objetivo dar uma base fundamental para uma vida melhor da população e ser capaz de criar conhecimento novo para um mundo novo que está[sempre] diante de nós. (LOPES,1999, p.480)

Adicionamos a palavra sempre, na última linha da citação, para enfatizar que Anísio Teixeira, também pensava assim, ou seja, tudo está sempre em processo de mudança, em movimento, e o sistema educativo precisava, na sua forma de pensar, levar esse fato em consideração. Por isso endossava o método científico experimental proposto por Dewey, pois o que seria ciências para um homem de ciências como Anísio Teixeira? E é ainda em Lopes (1999), que vamos encontrar uma resposta simples, acompanhada de uma linguagem figurativa tão didática quanto a feita por Anísio Teixeira, para uma aluna da UDF sobre fazer o gigante andar, conforme descrita anteriormente, ou seja:

A Ciência, o que é Ciências? A ciência em ação, a ciência sempre na fronteira...Ora, a ciências não é senão as nossas tentativas de buscar respostas às perguntas que nós fazemos sobre o universo em que vivemos, sobre a estrutura das coisas que nos envolvem e sobre nós mesmos. Ciências é feita via pesquisa científica, a investigação científica. Na pesquisa científica o homem de ciências é como uma pessoa que está na sala escura à procura de um objeto; ele não sabe onde está o objeto nem como ele é, e só quando ele encontra é que aquilo se torna uma coisa conhecida, um objeto que ele estuda e conhece. (LOPES,1999, p.480)

Em sendo assim cabe acrescentar que o que Anísio Teixeira, baseando-se em Dewey acreditava, é que dado os fundamentos das ciências básicas, era necessário estimular o educando a encontrar o objeto na hipotética sala escura e estimulá-lo a estudá-lo, utilizando para isso o método científico experimental.

Exemplo concreto disso, foi a aquisição e distribuição de 400 conjuntos contendo kits de física, química e biologia (curso secundário), bem como os denominados Laboratórios Portáteis (curso primário) adquiridos pelo INEP, através do CBPE, no Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura (IBECC) de São Paulo, UNESCO Brasil, para ser distribuído em escolas públicas, conforme atesta cópia de documentação em anexo, cujos originais estão sob guarda do Arquivo Histórico do INEP.

Os conjuntos adquiridos para serem utilizados no ensino de ciências, foram encaminhados para os cinco CRPE, 80 kits cada, pelo IBECC, para que os Centros fizessem a distribuição entre as instituições previamente selecionadas.

Ainda sobre as Campanhas CILEME e CALDEME e pesquisas desenvolvidas pelos Depes, acrescentamos:

Assim, apesar de a estratégia do lançamento de Campanhas já ter sido ultrapassada com a institucionalização do CBPE, a pesquisa pedagógica desenvolvida nas Depes parece ter mantido a abordagem quantitativista que orientou as campanhas de levantamento de dados sobre situações do ensino, pouco avançando no sentido de uma abordagem qualitativa da questão educacional. O que salta à vista, na maioria das pesquisas apresentadas, é a amplitude dos dados que se buscava reunir, com o propósito de primeiro caracterizar a situação regional, para em seguida caracterizar a situação institucional do sistema escolar. Nesse esforço, a amplitude e a abrangência dos dados, em geral de natureza diversificada – econômicos, fisiográficos, demográficos, administrativos, legislativos, comportamentais, etc. – parecia valer mais que as possibilidades de se estabelecerem relações entre um escopo mais reduzido de dados a partir de um recorte temático mais específico. Os procedimentos em torno dos quais se apresentam tais pesquisas ficavam restritos assim à produção de levantamentos sobre a quantidade e distribuição geográfica de estabelecimentos escolares, referentes a determinado nível de ensino ou, preferencialmente, ao ensino médio e elementar, assim como aos índices de rendimentos dos serviços prestados, como os referidos anteriormente. Também são bastante comuns os diagnósticos relativos a problemas do ensino, sendo estes formulados com base em questionários distribuídos aos agentes escolares (diretores, professores ou outros, conforme o caso), com amostragem variada. (XAVIER, 1999, p.85)

E complementa:

Por serem levantamentos tópicos, localizados geograficamente e institucionalmente, é bem provável que não existisse mesmo intenção de se chegar a uma avaliação da situação diagnosticada, deixando a análise – tópica ou comparada – de caráter qualitativo, para trabalhos posteriores ou mesmo para outros especialistas. Dessa forma, parece que na divisão de trabalho expressa na estrutura do CBPE coube à Depe, talvez por tradição, uma certa preferência pela abordagem quantitativista da questão educacional, medida por meio dos levantamentos e inquéritos realizados, com vistas a uma melhor caracterização do sistema formal de ensino, informando sobre sua capacidade física, suas possibilidades legais e seus pontos problemáticos. Poucas foram as pesquisas desenvolvidas nas Depes nas quais figurassem temas mais gerais como o das relações entre escola e cultura ou entre métodos e conteúdos de ensino e vida social. As linhas de trabalho que se voltavam mais diretamente para a avaliação, elaboração e publicação de material didático parecem ter alcançado resultados mais efetivos no desenvolvimento de pesquisas aplicadas às necessidades prementes do trabalho empreendido no interior das escolas da rede pública de ensino. Outros estudos voltavam-se para a reedição de textos com o intuito de divulgar, para o magistério, os conhecimentos e as informações consideradas úteis para fornecer aos professores uma visão mais operativa do mundo, fornecendo-lhes instrumentos capazes de ampliar o conhecimento da educação e da escola. (XAVIER, 1999, 85)

Para completar a abordagem sobre as atividades desenvolvidas pelas Depes, destacamos que os cursos de formação de especialistas para atuarem na gestão escolar e os de formação de pesquisadores e estudiosos de problemas educacionais ganharam muita relevância no CBPE com o passar dos anos. Dentre estes, o que alcançou maior impacto foi o Curso de Especialistas em Educação para a América Latina. Este curso fazia parte do Projeto Maior nº 1 da Unesco, em parceria com o Ponto IV, e foi promovido pelo CBPE/ CRPE de São Paulo. O Projeto Maior nº 1 da Unesco apresentava como meta geral promover a generalização e melhoria do ensino primário e a formação de professores e especialistas em educação na América Latina.

O curso tinha duração prevista para um período de 10 anos, a começar em 1957, e propunha-se a promover a formação universitária de especialistas em educação (administradores, inspetores, conselheiros, diretores de escolas, etc.). O primeiro curso de formação de especialistas em educação funcionou em 1958, de março a dezembro, e, em 1959, iniciava-se a segunda turma. Entre 1958 e 1963, foram realizados cinco destes cursos, reunindo educadores latino-americanos e brasileiros dos seguintes campos: formação e aperfeiçoamento do magistério, planejamento, organização, supervisão e administração. A seção "Noticiário" de 1962 previa, ainda, a realização de outros cursos, destacando-se, entre estes, os cursos de Aperfeiçoamento em Serviço; Pesquisadores em Administração; e Prática da Educação. Em 1963, realizou-se o V Curso de Especialistas em Educação, oferecendo aos bolsistas brasileiros e latino-americanos as seguintes opções por área de especialização: treinamento em pesquisa educacional, formação de especialistas em educação e em recursos audiovisuais. Em consonância com as recomendações tiradas do Seminário Interamericano sobre Planejamento Integral da Educação (Unesco/OEA/Cepal), o objetivo fundamental destes cursos era treinar em pesquisa educacional trabalhadores dos staffs dos vários Centros de Pesquisas Educacionais do Inep e assessores técnicos da administração educacional dos Estados brasileiros, e também de países latino-americanos, observando-se a ênfase no trato científico, racional e objetivo, dos problemas da administração escolar. (XAVIER, 1999, p.87)

Esta linha tirada do Seminário vai ao encontro do que já defendia Anísio Teixeira no tocante a utilização de metodologia científica em atividades administrativas. Segundo este, a ideia da formação de especialistas que a Unesco oferecia indicava que as mudanças decorrentes da massificação do ensino requeriam novos padrões de formação e de atuação profissional. (TEIXEIRA, 1958)

Na visão do educador, o processo de especialização/burocratização da instituição escolar era uma resposta às mudanças provenientes da massificação, em função da qual as novas relações estabelecidas requeriam um novo tratamento dirigido aos alunos e aos mestres. Nesse sentido, ele frisava a necessidade de especialização sem admitir, no entanto, a possibilidade de hierarquização e fragmentação das atividades do magistério. Assim, a formação de especialistas, para os quais o curso acenava, deveria representar projeções do antigo mestre em capacidades específicas que, naquele momento, já não eram passíveis de serem desempenhadas sem a ajuda de especialistas, ante a "complexidade das tarefas educativas da sociedade moderna". Para fazer frente a tamanha complexidade, a estrutura do CBPE previa a existência de uma Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais (DEPS). [...] a dinâmica desta Divisão de Pesquisas, no cruzamento entre projetos específicos que ora disputaram espaço, ora se associaram em torno a objetivos comuns. A atuação incisiva de Darcy Ribeiro e seu relacionamento, cada vez mais próximo, com Anísio Teixeira, dariam a esta Divisão papel proeminente no desenvolvimento das atividades de pesquisa que justificaram a criação do Centro, da mesma forma que impulsionaram, decisivamente, o desenvolvimento de linhas de pesquisa na área das ciências sociais. Se a marca de Anísio Teixeira funda o projeto do CBPE, a dinâmica de seu funcionamento nos remete à ativa participação de Darcy Ribeiro. Na direção da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais, ele atuou ativamente na proposição de linhas de pesquisa junto aos pesquisadores que compunham a vanguarda das ciências sociais no Brasil. As linhas de pesquisa ali desenvolvidas refletiam as intensas transformações ocorridas no País, nos anos 40 e 50. (XAVIER, 1999, p.88)

Cabe lembrar que no período da proposta destes cursos, o Brasil vivenciava uma rápida urbanização e industrialização, além de movimentos migratórios internos intensos, mobilizações políticas e sociais. Em decorrência dessa nova dinâmica, as pesquisas que dominaram o período, sobre os mais variados temas, foram as da vida social brasileira.

Dentre os estudos programados, observa-se a relevância alcançada pelas pesquisas sobre as hierarquias de prestígio ocupacional, o trabalho e suas relações com a educação escolar em diferentes níveis. Naquele momento, a inclinação fundamental residia nos conhecimentos da estrutura e da organização social, com atenção especial para os processos de mobilidade social e a assimilação cultural. Tal inclinação estava relacionada com o tema do desenvolvimento, e seu estudo apresentava-se como uma espécie de termômetro dos níveis de desenvolvimento alcançados. Assim, enquanto a mobilidade de status social era tomada como indicador de modernização, uma estratificação social rígida denotava um obstáculo ao desenvolvimento social. De maneira geral, os trabalhos voltavam-se para o entendimento da educação como processo de socialização, que passa a ser entendido por meio da análise dos processos de integração e assimilação de grupos de culturas diferentes. Boa parte das pesquisas incluía um amplo programa de levantamento das características da região estudada, compreendendo dados sobre a história, a geografia, a demografia e a economia da região e dos municípios. O levantamento da configuração ecológica visava mapear a distribuição espacial da população, das instituições e associações no quadro rural e urbano. Para além da coleta de dados, alguns programas de pesquisa propunham o estudo da organização da família, dos padrões de comportamento, dos processos de socialização, da organização e funcionamento do sistema escolar e de outras agências, como as instituições religiosas, os centros recreativos, etc. A abertura era ampla, e a análise da problemática educacional, que não se queria restrita, situava o tratamento das questões ligadas à educação formal e informal, nos limites da sua relação com os demais aspectos constitutivos do universo cultural das comunidades estudadas, localizando a instituição escolar em meio a outros espaços de realização da vida da comunidade. (XAVIER, 1999, p.90)

Entretanto, apesar da variedade dos temas, objetos e métodos de pesquisa observados, os chamados estudos de comunidade se sobressaíram no CBPE. Cabe lembrar que estando Anísio Teixeira como secretário de educação do estado da Bahia, a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência da Bahia, criada por ele, firmou convênio com a UNESCO para o desenvolvimento de estudo de comunidade na região dentro do escopo do Projeto UNESCO Brasil.

As linhas de pesquisa relacionadas com os estudos de comunidade consolidaram a predominância desta forma de conceber as ciências sociais no interior do CBPE. Esta perspectiva ganhou maior evidência quando Darcy Ribeiro formulou o Programa de Pesquisas em Cidades-Laboratório. Segundo o coordenador da Deps, o principal objetivo deste programa era "tomar municípios-tipo que se defrontassem com problemas educacionais comuns a cada uma das regiões mais diferenciadas do Brasil, para constituí-los em laboratórios de estudos e, posteriormente, de experimentação educacional" (Ribeiro, 1958). Articulado a este programa de pesquisas, o Plano de Estudos em Comunidades Urbanas seguia a mesma orientação metodológica enfatizando, no entanto, o estudo das condições de socialização e das relações entre ensino formal e as formas culturais em curso nas comunidades urbanas representativas das regiões culturais brasileiras. A pesquisa empírica, consubstanciada nos estudos de comunidade, associada a uma visão pragmática da educação, constituiu a linha teórico-metodológica mais diretamente sintonizada com a tradição intelectual que, em certa medida, se pretendia instaurar no CBPE. (XAVIER, 1999, p.90)

E complementa:

A opção pelos estudos de comunidade enfatizava o caráter regional da pesquisa, e sua originalidade estava no fato de que, pela primeira vez, se propunha que o Estado assumisse o apoio e o incentivo a iniciativas regionais de estudo e investigação. O que estava por trás dessa formulação era a concepção de desenvolvimento nacional articulado aos processos de transição verificados em cada região do País. Tal formulação recomendava o estudo e o conhecimento das características regionais e, a partir destes, a intervenção no sentido de promover ajustes necessários para orientar os processos de transição regional no sentido do desenvolvimento nacional. (XAVIER, 1999, p.91)

5 – O PROJETO DO SISTEMA EDUCACIONAL DE BRASÍLIA

A Lei no 2.874 de 19 de setembro de 1956, versa sobre a delimitação do Distrito Federal e sobre a constituição da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP). Esta Lei definia, dentre as múltiplas atribuições da NOVACAP, a organização de um sistema educacional. Portanto, desde o início da construção de Brasília, foi criado o Departamento de Educação e Difusão Cultural.

Em 1959, através da Portaria nº205 de 19 de junho do mesmo ano, do Ministério de Educação e Cultura, foi instituída a Comissão Coordenadora do Sistema Educacional de Brasília, da qual Anísio Teixeira, ainda na direção da CAPES, do INEP do CBPE, passa a fazer parte. As atribuições definidas para esta Comissão eram de, em cooperação com setores do ministério, planejar, supervisionar, assistir e fiscalizar os trabalhos de construção e instalação da rede educacional de Brasília, bem como elaborar o anteprojeto referente a legislação correspondente.

O Plano de Construções Escolares para Brasília obedeceu ao propósito de abrir oportunidade para a Capital Federal oferecer à Nação um conjunto de escolas que pudessem constituir exemplo e demonstração para o sistema educacional do País. (TEIXEIRA, 1961)

Como as necessidades da civilização moderna cada vez mais impõem obrigações à escola, aumentando-lhe as atribuições e funções, o plano consiste - em cada nível de ensino, desde o primário até o superior ou terciário, como hoje já se está este a chamar - num conjunto de edifícios, com funções diversas e considerável variedade de forma e de objetivos, a fim de atender a necessidades específicas de ensino e educação e, além disto, à necessidade de vida e convívio social. Daí falar-se antes em Centro do que em Escola. O Centro de Educação Elementar compreende pavilhões de "jardim de infância", de "escola-classe", de "artes industriais", de "educação física", de "atividades sociais", de "biblioteca escolar" e de "serviços gerais". É, portanto, algo como se fôsse uma Universidade Infantil. O Centro de Educação Média também possui um programa consideravelmente diversificado, destinando-se a oferecer a cada adolescente real oportunidade para cultivar o seu talento e aí se preparar diretamente para o trabalho ou para prosseguir a sua educação no nível superior. (TEIXEIRA, 1961, p.195)

Em sendo assim, e com o objetivo de reforçar a visibilidade sobre a percepção de Dr Anísio de como deveria ser o espaço escolar e, principalmente, sobre espaços destinados ao ensino das ciências exatas e naturais, fizemos um recorte para apresentar e discutir alguns pontos do anteprojeto em papel timbrado do MEC, da construção referente ao Centro Educacional de Brasília (CEB)¹, destinados a cursos referentes ao ginasial e secundário, arquivado no

CPDOC/FGV, classificação AT t 1959.06.30, que especifica que a população estimada a ser atendida pela Instituição seria de 3000 alunos e 200 profissionais, entre docentes e funcionários.

Para tanto apresentamos nos quadros que se seguem informações detalhadas em um anteprojeto, referentes ao planejado em relação a edificações para o 1ºCiclo do ensino Médio (Curso Ginásial), com estimativa de atender 2000 alunos e para o 2ºCiclo do Ensino Médio, com estimativa de atender 1000 alunos, sendo: Colegial, 500; Normal, 200, Técnicos Comerciais, 200 e Técnicos Industriais, 100 alunos.

QUADRO 19: Informações contidas no Anteprojeto das instalações do CEB 1 para o 1ºCiclo.

ESPECIFICAÇÃO DO ESPAÇO	QUANTIDADE	METRAGEM (m²)
Salas de aula para atender grupos de 35 alunos	36	60
Sala de ciências	4	120
Sala de educação doméstica	2	120
Sala de orientação educacional	4	60
Sala de desenho	4	120
Auditório	2	120
Biblioteca	2	120
Gabinete para professor	16	20
Espaço para atividades práticas. Deste espaço, reservado áreas para:	1	1200
a) Escritório Modelo		80
b) Sala de datilografia		80
c) Sala de desenho		80
Diretoria	1	30
Secretaria	1	60
Sala de professores	1	60
Além de sanitários para alunos, professores e funcionários.		

FONTE: Quadro elaborado pela autora a partir de documentos arquivados CPDOC/FGV.

QUADRO 20: Informações contidas no Anteprojeto das instalações do CEB 1 para o 2ºCiclo.

CURSO COLEGIAL (Clássico e Científico)		
ESPECIFICAÇÃO DO ESPAÇO	QUANTIDADE	METRAGEM (m²)
Salas de aula	20	60
Auditório	1	120
Biblioteca	1	120
Gabinetes de Física com sala de professor e pequena biblioteca	2	120
Anfiteatro para Física	2	120
Laboratório de Química, com sala de professor e pequena biblioteca	2	120
Anfiteatro de Química	2	120
Gabinete de História Natural', com sala de professor e pequena biblioteca	2	120
Sala de Desenho	2	120
Sala de Orientação Educacional		60

Gabinete de professores	4	20
Diretoria	1	30
Secretaria	1	60
Sala de professores	1	60
Sala de material didático	1	60
CURSO TÉCNICO COMERCIAL		
Escritório Modelo	1	200
Secretaria Modelo	1	120
Loja Modelo	1	120
Sala de Desenho Técnico	1	120
Gabinete de Mecanográfico	1	120
Museu Merceológico (ciências comerciais)	1	200
Laboratório	1	80
Sala de aulas	20	60
Sala de orientação educacional e profissional	2	40
Diretoria	1	20
Secretaria	1	60
Sala de material didático	1	60
CURSO NORMAL		
Salas de aula	15	60
Auditório	1	120
Biblioteca	1	120
Sala de Educação para o Lar	1	120
Salas Especiais	3	60
Gabinete de professor	6	30
Diretoria	1	60
Secretaria	1	30
Sala de professores	1	60
Sala de Material didático	2	60
Além de sanitários para alunos, professores e funcionários.		

FONTE:Quadro elaborado pela autora a partir de documentos arquivados CPDOC/FGV.

Analisando as informações dos quadros percebe-se a grandiosidade do que estava sendo pensado para compor os Centros Educacionais, para a preparação em nível médio ou secundário, em Brasília. Com esta estrutura, os centros atenderiam alunos de ambos os sexos e de vários cursos, fossem estes de formação geral ou profissional.

Cada Centro seria uma unidade administrativa e pedagógica subordinada a uma direção única, mas teriam ampla autonomia administrativa, financeira e didática. Anexo aos cursos normais haveriam as escolas de aplicação, que em linha geral, seguiriam o funcionamento do que havia sido instalado no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, no período em que Anísio Teixeira foi o Diretor do Departamento de Educação e Lourenço Filho o diretor da Instituição. Em sendo assim, o destaque ao adicionarmos os quadros recai no quantitativo de aluno por sala no primeiro ciclo e nos espaços para atividades praticas, em especial os laboratórios e

gabinete de História Natural, hoje praticamente inexistente na grande maioria das escolas públicas brasileiras, e que evidenciam uma valorização do conhecimento científico experimental.

Segundo Teixeira (1961), a estrutura da educação secundária, nos Centros de Educação Média, formavam um conjunto de edifícios destinados a: 1. *Escola Secundária Compreensiva*, incluindo: a) cursos de humanidades; b) cursos técnicos e comerciais; c) cursos científicos.; 2. Parque de Educação Média (quadras para vôlei, basquete, piscina, campo de futebol, etc.); 3. Núcleo cultural (teatro, exposições, clubes); 4. Biblioteca e museu; 5. Administração; e 6. Restaurante. (TEIXEIRA, 1961, p.195)

Cabe destacar que a *Escola Compreensiva* referida por Anísio Teixeira, assim como o método “Sèvres”, francês, sustentavam-se em princípios democráticos, objetivando uma formação que incentivava a participação ativa e consciente dos alunos. Jaime de Abreu faz referência a este modelo nos projetos de Anísio Teixeira, para o funcionamento do ensino médio na Bahia, na gestão da educação no governo de Otávio Mangabeira.

Os países desenvolvidos adotaram soluções diferentes para garantir uma articulação perfeita entre o ensino primário e o secundário. Os Estados Unidos foram o primeiro país a tratar do assunto, já no começo do século. Ainda que haja descentralização administrativa e de organização do ensino, pode-se afirmar que mais ou menos 80% desses sistemas estaduais e locais adotaram a *comprehensive school* e a fórmula de 6 anos de ensino primário, 3 de primeiro ciclo secundário e 3 de segundo ciclo. A **comprehensive school [grifo nosso]** é um estabelecimento de segundo grau, não especializado e destinado a todos os púberes e adolescentes de ambos os sexos, os quais recebem, nela, um tipo de educação que, segundo as aptidões de cada um, lhes permite desenvolver plenamente os conhecimentos e capacidades intelectuais e manuais que lhes servirão de base a uma vida útil, individual e coletivamente. Em organização desse tipo, os exames de admissão não têm função e o ensino se processa contínua e progressivamente, segundo as aptidões, as preferências e os interesses de cada aluno. (MOREIRA, 1965, pp20-21)

Como Brasília nasce como cidade planejada, organizada em quadras e o *Plano de Construções Escolares* foi concebido nos primeiros anos de sua criação, ficou decidido que cada quadra teria um jardim da infância, com 4 salas, para atender 160 crianças (8 turmas de 20 crianças, em dois turnos de funcionamento e uma *Escola-classe*, com 8 salas, para funcionar, também, em dois turnos e atender a 480 crianças (16 turmas de 30 alunos). E que para cada grupo de quatro quadras, haveria uma *Escola-parque* - destinada a atender, em dois turnos, um quantitativo de aproximadamente 2000 alunos, das quatro *Escolas-classe*, em atividades de iniciação ao trabalho em pequenas oficinas de artes industriais e para recreação, ou seja, nos mesmos moldes de funcionamento do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, localizado em Salvador, estado da Bahia.

Em Brasília, esta rede de instituições interligadas, recebeu a denominação de Centro de Educação Elementar e contava na sua estrutura física com biblioteca infantil, museu, espaços apropriados para funcionamento das oficinas e recreação, bem como dependências para refeitório e administração.

Complementando o *Sistema*, nos moldes do estabelecido no Rio de Janeiro, seria implantada a educação superior, com a criação da Universidade de Brasília, que seria construída em área própria, o que se concretizou, e compreenderia', inicialmente, a instalação dos Institutos (de Matemática, Física, Biologia, Geologia, Artes, etc.), destinados ao ensino científico básico e especializado; as Faculdades (de Educação, Politécnica, Ciências Médicas, Direito, etc.) destinadas à formação intelectual e ao *adestramento* profissional; a Reitoria, Sala Magna e Biblioteca Central, os Campos de recreação e desportos (estádio, ginásio, piscina, etc.) e o setor de serviços administrativos e gerais.(TEIXEIRA,1961)

Em todo êsse programa, cumpre distinguir a educação comum e obrigatória, destinada a todos, e a educação especial destinada a formar os diversos quadros ocupacionais do país. Quanto à educação para todos, isto é, a elementar, o seu característico, no programa proposto, é o de juntar o ensino propriamente intencional, da sala de aula, com a auto-educação resultante de atividades de que os alunos participem com plena responsabilidade. Por isto, a escola se estende por oito horas, divididas entre atividades de estudos e as de trabalho, de arte e de convivência social. No centro de educação elementar, a criança, além das quatro horas de educação convencional, no edifício da "escola-classe", onde aprende a "estudar", conta com outras quatro horas de atividades de trabalho, de educação física e de educação social, atividades em que se empenha individualmente ou em grupo, aprendendo, portanto, a trabalhar e a conviver. Pode-se bem compreender que modificações deverão ser introduzidas na arquitetura escolar para atender a programa dessa natureza. Já não se trata de escolas e salas de aula, mas de todo um conjunto de locais, em que as crianças se distribuem, entregues às atividades de "estudo", de "trabalho", de "recreação", de "reunião", de "administração", de "decisão" e de vida e convívio no mais amplo sentido dêsse termo. A arquitetura escolar deve assim combinar aspectos da "escola tradicional" com os da "oficina", do "clube" de esportes e de recreio, da "casa", do "comércio", do "restaurante", do "teatro", compreendendo, talvez, o programa mais complexo e mais diversificado de todas as arquiteturas especiais. (TEIXEIRA, 1961, p.198)

Concomitante, ainda com os cargos diretivos descritos anteriormente, Anísio Teixeira ainda se envolveu com a criação, e ativa participação, em 1954, do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) cujas atividades desenvolvidas envolvia, “[...] aulas para uma elite civil: personalidades da administração pública, das empresas, do sindicalismo. Eu [Hélio Jaguaribe] era titular da cadeira de ciência política. E havia também as pesquisas”.(JAGUARIBE apud SANTOS, 1998,s/p)

Para finalizar o capítulo, cabe destacar que Anísio Teixeira, fundamentado em Dewey e seguindo as linhas doutrinárias traçadas por Cubberly, em todos as suas propostas para os sistemas educacionais, a partir da gestão do Rio de Janeiro, se empenhou em organizar a legislação, garantir recursos, além de criar estruturas de apoio e viabilizar a implantação e implementação de programas, planos e projetos, quase sempre amplos, bem articulados e de longa duração, que resultassem em expansão da rede de escolas e qualidade formativa.

CAPÍTULO V –O ESPIRITO CIENTIFICO DE ANÍSIO TEIXEIRA: PERMANÊNCIAS

Iniciamos o presente capítulo adicionado a carta que se segue, traduzida¹⁵⁴, na íntegra, de original em inglês e arquivado no CPDOC, para registrar, através das palavras do próprio Anísio Teixeira, o divisor de águas que foi o curso realizado no *Teacher's College – Columbia University*, na sua vida.

Rio, 4 de dezembro de 1968.

*Sr. Robert A. Ludwig
Instituto de Estudos Internacionais
Colégio dos professores - Universidade de Columbia
Nova Iorque, N. Y. 10027
EUA.*

Prezado Sr. Ludwig:

Sua carta de 15 de abril de 1968 foi enviada para o meu antigo endereço de 1966, devolvida a você e, finalmente, enviada de volta para mim, no meu novo endereço. Só agora a estou recebendo.

Peço desculpas pois acredito que estas informações chegam tarde. Meu Macy Fellowship Grant foi o fato mais importante de minha vida. Eu fiz um curso de verão no Teachers College, Columbia University em 1927 e, em seguida, voltei para o Brasil. Depois foi concedido uma bolsa para o curso regular nos anos 1928-1929. Eu estudei com Kilpatrick (William Heard) e Kandel (Isaac Leon), Filosofia da Educação e Educação Comparada respectivamente, e fiz cursos com os professores Count, Wilson, Mabel Carney e outros. Eu lhe digo, tudo o que sei até hoje, devo o aprendizado a esse período dourado no T.C. e ao Instituto de Estudos Internacionais.

Retornei ao T.C. em 1965-1966 e recebi a maior honra de minha vida, a Medalha de Serviços Distintos do Teachers College..

Estou devolvendo sua carta com as informações na parte inferior e traseira. Talvez seja um pouco demais. Você pode selecionar o que pense que será valioso para seus trabalhos..

Com meus melhores cumprimentos a você e à equipe do I.I.S,

Atenciosamente,

Anísio Teixeira

Na carta enviada no último mês de 1968, portanto menos de dois anos de sua trágica morte, Dr Anísio cita alguns professores do curso, mas não faz referência a Dewey que, como se refere em carta já comentada enviada a Monteiro Lobato, foi *plataforma de lançamento* para muitos estudiosos, inclusive ele próprio.

Tal fato se deve por não encontrar-se Dewey nos EUA e sim em “tour” profissional por vários países do oriente no período em que Dr Anísio realizou o curso de pós-graduação na Instituição e, portanto, Kilpatrick, discípulo do mesmo, foi quem orientou Anísio Teixeira nos trabalhos de conclusão do curso.

Cabe lembrar que, como comentado anteriormente, antes mesmo da visita técnica e dos estudos realizados na América, ainda como Diretor de Instrução da Bahia no governo de Góes Calmon, Dr Anísio já havia entrado em contato com as ideias do famoso filósofo pragmata,

¹⁵⁴ Crédito da tradução da carta pertencente a Luiz Rogério Goes de Britto, bacharel em Letras Estrangeiras Modernas.

como inclusive comprova o livro de Omer Boyle, traduzido e distribuído aos professores primários da Bahia por iniciativa de Anísio Teixeira.

Portanto, ao afirmar que o período no TC foi um bom período da sua vida, podemos inferir que, entre outros pontos positivos vividos na Instituição, teve grande relevância o aprofundamento sobre o pragmatismo e as ideias de Dewey, bem como as *linhas doutrinarias* de Cubberley que, não fazendo parte do quadro docente da Instituição (docente da “Stanford University”), realizou cursos de mestrado e doutorado no TC tornando-se, posteriormente, autor de livros de história da educação e administração escolar, nitidamente afinados com as ideias do que passaria a ser reconhecido como *nova educação americana*, na qual Dewey se incluía.

A bagagem intelectual que é aportada nesse período vai sendo ampliada e reinterpretada a luz de novos autores, mas nunca se afasta das raízes fincadas nessa corrente filosófica e assim permanece ao longo de toda sua trajetória de vida até a finitude.

Tal fato pode ser observado em outros documentos autorais de Dr Anísio, datados a partir de 1964, e comentados a seguir, como por exemplo a carta, enviada ao médico Maurício Rocha e Silva, sócio-fundador da SBPC, e vice-presidente da Instituição no biênio de 1955-1957, no qual Anísio Teixeira foi o presidente. O envio da carta teve como objetivo comentar o livro que o destinatário havia escrito, titulado *Lógica da Invenção*.

Dr Anísio inicia a carta tentando justificar as discordâncias levantadas sobre pontos discutidos no livro, dizendo:

[...] escolhi este Natal, que estou passando sozinho no Rio [...], para lhe escrever sobre o seu fascinante livro - *Lógica da Invenção*. O tema do livro é dos que mais me apaixonam, interessado que sou, como qualquer um do nosso tempo, por que se elabore uma cultura comum baseada nos nossos conceitos de ciência e não nos postulados antigos do senso comum. O seu livro é uma pedra para êsse edifício. Sinto, porém, que nem sempre posso acompanhá-lo. Parece que a dificuldade decorre de que V., como cientista, parte de uma real vivência do método científico, sobretudo no campo biológico, para suas especulações e análises sobre o mundo da percepção, da ciência e da arte, enquanto eu, com formação mais literária (a própria filosofia é literatura) parto do ponto oposto, da filosofia como estudo dos problemas humanos, para a abordagem das intrincadas concepções científicas e a necessidade de revisão da filosofia, para que ela se reajuste à nova visão do universo, a que nos obriga a ciência. (TEIXEIRA, 1965, s/p)

Cabe destacar o interesse manifesto, logo no início da carta, sobre a temática do livro e, principalmente, a percepção de Dr Anísio sobre a necessidade de adequar o conceito de cultura a partir do conceito de ciências e não do sensu comum. E, principalmente, demarcar seu ponto de vista quanto a filosofia. Em seguida passa a elencar na carta as suas discordâncias com relação ao abordado no livro destacando, primeiramente, questões intrínsecas às ciências, como pode ser observado a seguir:

Devido talvez a essa diferença do ponto de partida, várias páginas do seu livro me desconcertam, tais como as das considerações sobre a lógica, que V. reduz à Aristotélica, quando a lógica moderna, sem desprezá-la, já se expandiu e desenvolveu de tal modo, que alguém já disse representar a parcela de contribuição de Aristóteles apenas a uns 15% do atual conhecimento nesse campo. Kant, em seu

tempo, dizia que nessa área seria impossível o progresso. Com a sua massa de conhecimentos e a sua familiaridade com o conhecimento biológico, só ele uma revolução na lógica aristotélica, e mais a sua penetração nos novos conceitos da física, também eles revolucionários em relação aos anteriores conceitos do universo racional e mecânico de Newton, V. preferiu demonstrar as contradições entre as duas lógicas, a sublinhar o imenso progresso feito nesse campo, em que se inclui a matemática, deixando no leitor a impressão do aparente absurdo da visão atual do universo. (ibidem,1965,s/p)

E dando continuidade as suas observações, demonstra um conhecimento aguçado sobre o progresso, no sentido de mudança, que vinha ocorrendo desde o período de Aristóteles, ao acrescenta:

Na mesma linha está a sua utilização do princípio de indeterminação de Heisenberg¹⁵⁵. Nenhum conceito novo foi saudado com mais alvoroço do que este para nos ajudar a sair do racionalismo mecanicista, insuficiente para nos explicar o universo da evolução, que nos revelara a biologia. Também aí fiquei desconcertado com o seu livro, lamentando que não se aproveitasse das novas descobertas para mostrar ao leitor a nova coerência entre o universo físico e o biológico, humano e social. A grande revelação, pela qual a ciência suprimiu a velha separação entre o homem e a natureza e se identificou no mesmo processo de evolução e crescimento, V. não só não a acentua como lhe empresta aquele caráter absurdo, que é apenas resultante da distância entre a ciência de hoje e a observação do senso comum. Ora essa observação do senso comum era apenas a observação sem os instrumentos modernos de observação. Se Aristóteles os tivesse em seu tempo, acredito que tivesse chegado a formulações muito semelhantes às atuais. Não há contradição entre o seu método e o método atual, mas, apenas, uma diferença nos instrumentos de pesquisa e uma consciência maior de que o conhecimento científico é uma hipótese, ou melhor a construção de um modelo que equivale à realidade, enquanto responde às dificuldades de sua interpretação, mas não é a realidade. Daí poder modificar-se e aperfeiçoar-se. A esse esclarecimento V. preferiu acentuar os aparentes aspectos paradoxais do novo saber. (ibidem,1965,s/p)

Cabe destacar a exposição clara e atualizada de Anísio Teixeira sobre o campo das ciências, principalmente, nas observações que faz sobre as limitações do racionalismo mecanicista. Além disso é importante destacar, também, o desejo manifesto de Dr Anísio para que o leitor fosse informado de que as novas descobertas demandam novas configurações, como deixa expresso na seguinte observação: “Também aí fiquei desconcertado com o seu livro, lamentando que não se aproveitasse das novas descobertas para mostrar ao leitor a nova coerência entre o universo físico e o biológico, humano e social”.(ibidem,1965,s/p)

Após os esclarecimentos sobre sua percepção sobre ciências e temas correlatos, dá continuidade a análise do livro, objeto central para a elaboração da carta, acrescentando suas discordâncias com o autor no que se refere ao tipo de abordagem estabelecida entre criação artística e científica, dizendo: “O seu desejo de identificar o processo de criação artística com o processo de criação científica levou-o a especulações que são, sem dúvida, engenhosas e ricas, mas deformam a natureza do real progresso que se opera no campo da ciência em contraste com o da arte”.(ibidem,1965,s/p)

¹⁵⁵Enunciado da mecânica quântica formulado em 1927 por Werner Heisenberg, que estabelece um limite de precisão para que sejam conhecidas certas variáveis como posição, momento linear, entre outras, de uma dada partícula física. Tal princípio é comumente apresentado como um exemplo, como o faz Anísio Teixeira, como exemplo de como a mecânica quântica se diferencia das premissas elementares das teorias físicas clássicas.

Feita esta observação inicial global, acrescenta que “este aspecto, a única identificação possível é de caráter estético dos modelos que elabora a inteligência humana para interpretar a realidade”(ibidem,1965,s/p). Para em seguida chamar a atenção de que “tais modelos são primeiro verificáveis, isto é, verdadeiros no sentido de válidos e correspondentes, até o momento, à realidade e só depois estéticos. A sua beleza é um aspecto secundário da sua correspondência ao que chamamos de "verdade".(ibidem,1965,s/p) E complementa com a seguinte explicação: “Como você não acentua esse novo conceito de "verdade" de pensamento científico hodierno, não lhe ficou difícil uma aproximação entre a criação científica e a criação artística, que está longe de se confirmar nos métodos de consagração de um ou outro produto do labor mental do homem”. (ibidem,1965,s/p)

Esclarecendo que “a arte é uma forma de sentir o universo e a ciência é uma forma de conhecer o universo”,(ibidem,1965,s/p) complementa:

As relações entre os dois mundos consistem, sobretudo, em que o novo conhecimento produz uma nova arte, ou seja, uma nova forma de sentir o universo. E como o conhecimento é uma forma de poder e renova pela sua aplicação a tecnologia humana - essas novas técnicas aumentam a capacidade humana de exprimir sua forma de sentir o universo. Estas, as aproximações. (ibidem,1965,s/p)

E como que desejoso de reforçar o que havia colocado acrescenta:

A diferença fundamental está em que a arte não é uma acumulação de esforços em marcha permanente, como é a ciência, mas sempre e em cada momento, algo de único, podendo ser perfeita ou imperfeita em cada caso e em cada tempo, mas não propriamente progressiva. Daí a exatidão com que V. se refere a 40.000 anos de pintura abstrata. Já com a ciência registra-se continuidade e progresso. Os novos conceitos reconstroem e ampliam os antigos conceitos, em busca de uma unidade cada vez maior em nossa interpretação do universo, interpretação que não é arbitrária nem subjetiva mas objetiva, no sentido, como já disse, de válida, verificável e útil, isto é, instrumental para o controle da natureza ou de processo que é a natureza. (ibidem,1965,s/p)

Os trechos adicionados da carta enviada a Dr Maurício, tiveram a intenção apenas de ilustrar como Anísio Teixeira se mantém ativo e interessado em continuar discutido questões que fazem parte das suas inquietações desde muito jovem. Muitas das quais, a partir do contato com a filosofia pragmática de Dewey.

As colocações de Anísio Teixeira na carta continuam caminhando na direção de ciências como aproximação da realidade e, portanto, susceptível de erros, ajustes e mudanças de prioridades, ou seja, em constante movimento. Com isso Anísio Teixeira exterioriza sua descrença em sistemas fechados que garantem verdades absolutas, reafirmando sua crença no método científico experimental, aberto, proposto por Dewey, fundamentado por princípios estabelecido pela *Teoria da Evolução de Charles Darwin*.

Esta convicção baseava-se em conhecimentos acumulados sobre o universo e sobre a vida biológica que, na era moderna passa a agregar avançadas tecnologias ao que antes era apenas um processo natural e que já apontavam na direção de aceleradas mudanças sociais.

Sendo assim, passa a cultuar a sua crença na democracia por acreditar que em condição tão aberta e tão dinâmica, o poder não pode ser centralizado não mão de poucos e sim, exercido por todos em sufrágio universal. Nessa linha de raciocínio elege a escola pública, como a instituição na qual deveria ser facultada a todos os membros da sociedade em processo de formação, experiências democráticas de convivência.

Acreditava Dr Anísio que o,

[...] novo conceito de universo em expansão e a nova penetração do homem nos mistérios da matéria, reduzindo-se a uma forma de energia, embora sempre suspeitado, constitui algo de novo e de extrema consequência, pois revela-nos que o crescimento e a evolução não são apanágios da coisa viva mas estendem-se a todo universo físico, químico, biológico e social. (ibidem,1965, s/p)

E complementa sua colocação com a seguinte explicação:

A natureza probabilística do conhecimento científico em sua interpretação do mundo físico suprimiu a contradição entre este mundo físico e o mundo humano e abriu as portas para a permanente renovação de um e de outro. Nesse nosso universo que não foi criado mas está em permanente criação, o homem tem que reformular o sentido de cada uma de suas palavras, todas elas embebidas do conceito antigo de universo feito e acabado perdido na música monótona das esferas. E a primeira reformulação é a do conhecimento científico, que não é uma revelação mas a elaboração de instrumentos para atuar no processo e re-dirigi-lo ou modificá-lo. Por isto mesmo, os conceitos de verdade e certeza se alteraram profundamente e se fizeram conceitos de correspondência tão aproximada quanto possível e certificabilidade tão segura quanto possível. Mas esta natureza essencialmente hipotética de todo o nosso saber não deveria levar Camus e com ele V. ao desencanto mas à exaltação, pois, graças a isto é que o progresso é possível e o esforço humano justificável. (ibidem,1965, s/p)

Do trecho acima, chamamos a atenção para o que Dr Anísio expressa, de forma muito clara, ou seja, da necessidade de deslocar o olhar interpretativo do mundo de pontos fixos no passado. Os conhecimentos acumulados pela ciência sinalizam que a partir dos conhecimentos adquiridos, o olhar deveria acompanhar o dinamismo das mudanças em curso.

Em seguida passa a comentar o existencialismo de Camus, para em seguida demonstrar o seu desencanto com posições assumidas por Dr Maurício, no livro, ao que Anísio Teixeira denomina de *nova ciência*, conforme destacado no trecho da carta adicionado a seguir:

Compreendo - mais do que gostaria de compreender - o sentimento de absurdo que dominou o nosso grande e desventurado Camus. Esse absurdo é do homem com a sua comovente capacidade de sofrer e fazer sofrer na sua aparentemente irremediável cegueira, em uma época em estado de confusão, devido à súbita aceleração das mudanças e a necessidade de reformular todos os seus conceitos e modos de agir. O existencialismo de Camus é uma espécie de anti-metafísica, pela qual reproduz velhas fórmulas do pessimismo humano, tão comuns no após-guerra, se é que já saímos dela. Em sua grandeza, entretanto, ele se redime com La Peste, cuja última frase é de extrema lucidez e grandes esperanças: "Há no homem mais coisas a admirar do que a desprezar". Estou a me estender mais do que desejaria neste post-scriptum ao seu livro, que já li e reli cheio de admiração e de encanto pela virtuosidade de sua inteligência e de sua arte. Todos temos, porém, os nossos modos

de encarar a revolução do nosso tempo. Esperava de V. uma contribuição mais direta ao difícil ato de aceitação da ciência em sua nova forma. Contribuição é, sem dúvida, e das mais penetrantes mas não lhe falta a nota camusiana de quase decepção com o novo saber, decepção, que, entretanto, é mais aparente do que real. Talvez tenha você razão e seja este o melhor método de levar o homem a aceitar o construtivo cepticismo científico. (ibidem,1965,s/p)

Dito isto, Dr Anísio registra com clareza o que entende por nova ciência, ou seja, uma ciência que se distancia totalmente da marca positivista, como pode ser verificado a seguir:

A ciência não nos traz mais a verdade mas um simples instrumento para a ação inteligente. Não traz um programa mas meios de criá-lo, ficando ao homem a liberdade de escolher entre as múltiplas alternativas que oferecem o universo pluralista e em crescimento e os novos instrumentos de compreensão e ação que lhe fornece a ciência. Camus queria, talvez, que a ciência lhe desse esse programa de ação e fé humana. Era ainda a busca e o gosto da certeza antiga no mundo estático de ontem. (ibidem,1965, s/p)

E como para deixar totalmente claro a sua percepção sobre a ciência e como lidar com questões posta pelo momento vivido acrescenta:

Cumpre-nos hoje, porém, viver na incerteza, mitigada pela probabilidade, na dúvida, tocada de esperança, e aceitá-las como fonte do novo e razão para nossas escolhas, sempre mais ou menos precárias e mais ou menos felizes. Todo o imenso campo da prudência continua a cargo não da razão mas da inteligência humana. A razão, como a ciência, são apenas meios que ajudam nossas decisões se fizerem mais inteligentes. Inteligência é lucidez, equilíbrio, proporção, levar tudo em conta, que irá substituir o velho e superado culto da razão, que, no fundo, é apenas a "escrava de nossas paixões". O problema do homem é o da escolha de suas paixões. E, neste ponto, é que a contribuição de Camus foi realmente grande. (ibidem,1965, s/p)

Albert Camus(1913-1960), referido por Anísio Teixeira, foi um filósofo e escritor francês, que atuou com jornalista militante de um movimento de resistência que ocorreu na França, denominado de *La Resistance*, durante a Segunda Guerra Mundial. E o livro *La Peste*, publicado em 1947, sua grande obra. Neste o autor questiona assuntos relacionados com o destino e a condição do ser humano no mundo e que, pelo que expressa em trecho da carta acima, está em concordância com o pensar de Anísio Teixeira, no que se refere a crença de Camus (1947) de que há mais coisas para admirar no ser humano do que para desprezar.

As correspondências trocadas entre Dr Anísio e Dr Maurício sobre o livro duraram de 1965 a 1967 centradas, principalmente, na teoria do conhecimento, problema central da filosofia, na qual analisam a relação do conhecimento nas ciências exatas e naturais e nas ciências humanas. O volume de material produzido foi tão significativo que motivou a publicação, em 1968 do livro titulado de *Dialogo Sobre a Lógica do Conhecimento* de autoria de ambos, publicado pela Edart e republicado, em 2007, pela UFRJ.

Portanto, é através deste e de outros documentos selecionados que demostramos que Dr Anísio continua revalidando a sua forma de pensar, ou seja, um pensar cientificamente sustentado no método proposto por Dewey, que entre outros pontos relevantes, propõe

objetivos finais abertos que, pela capacidade de flexibilizar-se, possam assimilar as demandas de um mundo em constante mudança.

Aproximadamente dois anos após o envio da carta em tela a Dr Maurício, Anísio Teixeira elabora, em 1970, um documento que seria orientador de uma palestra para alunos do II Curso de Teoria e Prática de Microfilmagem, realizado pela Fundação Getúlio Vargas, titulado de *Cultura e Tecnologia*, cujo original encontra-se arquivado no CPDOC sob a referência de AT pi Teixeira, A.1970.09.08.

Esta palestra foi publicada posteriormente na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, referente ao trimestre janeiro-março de 1971 e em abril, do mesmo ano, pela FGV em uma publicação denominada de *Informativo*, a qual adicionaram a notícia da morte do autor.

Esta palestra é o último trabalho acadêmico elaborado por Anísio Teixeira, que se tem registro. Em sendo assim, consideramos um marco importante para verificarmos se Dr Anísio revalida a sua forma de pensar cientificamente, nos últimos anos de vida.

Para tanto tomamos a palestra como eixo estruturante do presente Capítulo, e a partir deste fomos, sempre que se fez pertinente, introduzindo trechos de produções anteriores de Anísio Teixeira e de autores que se propuseram a estudar a atualidade do pensamento de Anísio Teixeira.

O documento suporte da palestra em tela, foi organizado em duas partes. A primeira, denominada de introdução, foi subdividida nos seguintes tópicos: 1) Whitehead e suas Reflexões sobre o V Século A.C.; 2) Separação entre o Saber Humanístico e o Saber Científico; 3) Isolamento e Neutralidade da Ciência, como Saber Especializado e Positivo dos Meios; 4) Possibilidade de Extensão do Método Científico ao Processo. Este subdividido em: Cultural e, deste modo, à Restauração da Educação e Humanística do Homem. Já a segunda, titulada de *As Tecnologias e as Culturas*, em: 1. Novo Ângulo de Análise do "Processo" Cultural; 2. A Tecnologia do Microfilme e a Civilização do Livro; 3. Idéia e Conceito de Cultura: Fatores e Causas do "Processo Cultural"; 4) Confusão entre "Fator" e "Fato" Cultural. Efeitos Culturais das Tecnologias da Palavra Oral, Manuscrita e Impressa; 5) A Transição para a Tecnologia Tipográfica. A Contribuição de McLuhan; 6) A Assimilação da Cultura Tipográfica e 7) O Microfilme e sua Significação como Tecnologia Cultural.

Para efeito do que pretendemos ressaltar, centramos o estudo na primeira parte, nos reportando a segunda apenas para finalizar algumas ideias.

No que se refere ao primeiro tópico da introdução, ou seja, *Whitehead e suas Reflexões sobre o V Século A.C.*, Anísio Teixeira inicia a apresentação fazendo referência a um livro escrito por Lucien Price, um conhecido jornalista do filósofo, lógico e matemático britânico, Whitehead ¹⁵⁶(1861-1947) e de sua família, que registrou as muitas conversas que manteve com este e outros convidados deste, entre os anos de 1932 e 1947.

Sobre a obra do jornalista, Anísio acrescenta que “Lucien Price nos preservou em seu livro - *Diálogos de Alfred North Whitehead* - todo um mundo de reflexões espontâneas e ocasionais do grande filósofo, feitas ao longo de conversações entretidas com o mestre incomparável.” (TEIXEIRA, 1970, p. 3), para em seguida passar a apresentar trechos de um desses diálogos que ocorreu em 14 de novembro de 1944 e que perpassa por comentários sobre a crueldade

¹⁵⁶ Fundador da escola filosófica conhecida como a filosofia do processo, aplicada a vários campos da ciência, como ecologia, teologia, pedagogia, física, biologia, economia, psicologia, entre outros.

dos alemães a uma pequena cidade Grega localizada a 105 km de Atenas, que foi destruída pelos alemães em 1944 durante a 2ª Guerra Mundial e que ficou conhecido como o *Massacre de Distoma*, bem como sobre Livingstone, amigo de *Whitehead*, e autor do livro titulado de *O Gênio Grego*, que aborda a altura intelectual e moral a que chegara a civilização helênica.

Portanto, motivado pelo massacre de Distoma e pelos comentários sobre Livingstone e o livro de autoria do mesmo, Anísio Teixeira reproduz, na palestra em curso, o diálogo a seguir estabelecido entre Price e Whitehead e registrado no livro *Diálogos de Alfred North Whitehead*, dizendo:

- Sempre me chocou que a humanidade não tenha avançado moralmente nos últimos dois mil anos.
- O período talvez tenha sido mais longo, diz Price.
- Digamos 3 mil anos, aduz Whitehead.
- Eu diria 25 a 26 séculos, diz Price.
- Bem, meu cálculo seria mais ou menos este. O período em que pensava era o do V século antes de Cristo, na Hélade, e o do VI, em que as forças helênicas vinham ganhando impulso e coesão. Se aceita o V século, então sim, e a questão não é somente a do homem moderno não ter feito nenhum avanço, mas **também a de se** indagar se conseguiu sequer conservar-se à altura moral a que chegaram os gregos.
(WHITEHEAD apud TEIXEIRA, 1971, p.4)

E Dr Anísio acrescenta que “Price citou alguns fatos históricos indisputados para justificar a conclusão que Whitehead considerou e pesou, depois do que disse”(TEIXEIRA, 1971, p.1):

- Não considero de modo nenhum impossível (embora espero que improvável) que o homem possa atingir o ápice dos seus poderes intelectuais e entrar a seguir em uma deterioração que dure milhares de anos. De fato, freqüentemente tenho pensado que esta guerra possa estar determinando o futuro do homem numa ou noutra direção. O **momentum**, o ímpeto do pensamento independente é tão fácil de se perder! O homem pode afundar-se na simples repetição rotineira de atos habituais e de processos sociais costumeiros em nível bastante baixo, quase como se não tivesse cérebro, como certos insetos podem fazer funcionar sociedades estáveis embora não tenham cérebro ... (WHITEHEAD apud TEIXEIRA, 1971, p.4)

E Dr Anísio diz que “Depois de certa pausa, [Whitehead] continua”:

- Basta ver, também, a confusão que a humanidade fez com suas religiões!... Aquêles que conhecem suas histórias tendem a hesitar até em lhes dar o nome de religião. Já considerou quantos dos grandes fundadores de religião surgem por volta do V século A.C.?
- Não pensei. Quando surgiu Buda? pergunta Price.
- Por essas alturas, diz Whitehead. (WHITEHEAD apud TEIXEIRA, 1971, p.4)

Informando para a plateia de que os dois, ou seja, Price e Whitehead, passam a pesquisar, na Enciclopédia Britânica, e confirmam as dúvidas referentes o período dos acontecimentos que colocam em tela, acrescenta que como se trata de um longo diálogo, não seria possível continuar a registrá-lo. E passa a comentar a fala de Whitehead dizendo:

Essa previsão de Whitehead de um possível mergulho do homem na rotina repetitiva do seu próprio pensamento, como sistema fechado de que já não pode sair, não será o que se vem dando em nosso tempo com o pensamento positivo, pragmático e operacional da ciência moderna? É tal aspecto do chamado **progresso** humano que desejamos trazer aqui, à maneira de introdução à nossa palestra sobre **tecnologia e**

cultura, a fim de sublinhar o perigo de estarem as tecnologias limitando, se não destruindo, a inerente natureza transcendente e crítica do pensamento humano. (TEIXEIRA, 1971, p.5)

Após estabelecer o foco central da palestra, a partir das reflexões de Whitehead, Dr Anísio passa a abordar o tópico 2, da parte 1 da palestra, ou seja, a separação entre o saber humanístico e o saber científico, reproduzido na íntegra devido a relevância para o que nos propomos a discutir o capítulo, pois esta questão perpassa todo o pensar de Dr Anísio desde muito jovem.

Que buscava a inteligência humana naquele remoto século V anterior à nossa era? Buscava a sabedoria. E que era a sabedoria senão a aplicação do saber à conduta inteligente da vida humana? Como explicar-se não ser mais a busca da sabedoria objeto do estudo humano? Era a filosofia - o amor da sabedoria - a mestra desse campo da reflexão humana. Que fios da inteligência humana foram destruídos para que esse campo não mais aparecesse na tessitura do saber humano, e a busca do conhecimento se voltasse apenas para a busca do **saber-poder**, e este viesse a limitar-se ao saber extrínseco ao homem, ficando o saber relativo ao mistério dele próprio confiado à divindade, e a nos ser trazido pela revelação, ou então pelas elocubrações da mente humana, debruçada sobre as inclinações e desinclinações ou, se quiserem, os gostos e desgostos do homem? (ibidem, 1971, p.5)

Para iniciar a resposta da questão que ele próprio formula, acrescenta:

Essa história, que é longa, todos nós a conhecemos. O saber grego foi tido como resultado do método de observação, sem dúvida, mas de natureza especulativa e metafísica e, como tal, intemporal, ainda que subjetivo e não comprovado. Vinte e três séculos após a sua luminosa explosão, os homens desenvolveram, acima do método de observação, o método da experimentação, e este lhe deu o conhecimento científico, conhecimento relativo e temporário, mas singularmente eficaz. Este último método, o da experimentação, não permitiu apenas conhecer, mas também descobrir e inventar. E o método da invenção, uma vez criado, deu-nos o imenso conhecimento físico, que já possuímos, e as múltiplas tecnologias com que transformamos o mundo e ganhamos o controle das condições materiais da existência, a tal ponto que hoje um dos problemas humanos é lembrar ao homem que a angústia fundamental da escassez e da miséria continua, por certo, a esmagá-lo, mas já não é nem inevitável nem fatal, como fôra antes dos conhecimentos de que hoje dispõe. A riqueza e a afluência já estão no mundo; o problema de hoje é: o que fazer dela? (ibidem, 1971, p.6)

Dito isto Dr Anísio se impõe um retorno às suas considerações mais gerais sobre saber humanístico e o saber científico, indagando o porque de tal forma de limitação do pensamento humano, para em seguida dizer:

As causas não foram intelectuais, mas sociais, embora se revestissem de grande aparato terminológico. Todo saber humano era global e unificado e sobre ele é que se fundava o poder de controle das grandes forças sociais da cultura da época. Para que a ciência, com seus novos métodos, viesse a ser aceita, parece ter sido prudente aceitar-se o expediente de limitar o saber experimental e verificado, o saber hoje em dia eficaz, o saber pragmático, ao que não afetasse o mundo dos valores humanos, os quais continuaram autônomos, sob a égide do saber revelado sobrenaturalmente, ou então, sob a égide da pura especulação humana, como saber **subjetivo**, governando

as crenças e os gostos, ou desgostos humanos, sem outra eficácia senão a do conforto e consolo que poderia dar aos homens. (ibidem, 1971, p.7)

Torna-se importante destacar que nesse ponto da palestra, Dr Anísio deixa explícito a sua discordância com o fato de que para a ciência, com seus métodos ser aceita, torna-se necessário cultivar um distanciamento entre a mesma e os valores humanos. Este parece ser o “Calcanhar de Aquiles”, na percepção de Anísio Teixeira, na relação que se estabelece entre as áreas das Humanidades e Ciências, com o surgimento da última, o que pode ser confirmado na seguinte colocação:

Com êsse expediente, separaram-se as áreas do conhecimento em conhecimento espiritual e material, conhecimento objetivo e subjetivo, conhecimento religioso e secular, conhecimento de meios e conhecimento de fins. O conhecimento científico passou a ser, essencialmente, um conhecimento de meios e, geralmente, apenas de meios materiais, guardando seu objetivo de eficácia, mas apenas para dar meios ao homem de fazer o que vinha fazendo, ou **livremente** viesse a querer fazer. Assim, quando chegamos à bomba atômica, o problema da ciência era fazê-la, mas jamais o de debater o seu uso. Êste seria resolvido pelos gostos do homem. Gostando êle de destruir, a bomba seria feita para destruir. E Oppenheimer perdeu o seu lugar e quase o convívio dos cientistas, quando julgou dever levantar a questão. (ibidem, 1971, p.7)

Cabe ressaltar que a seção *Através das Revistas e Jornais*, da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, do INEP, de número 93, correspondente ao período janeiro a março de 1964 - último número em que circula com Dr Anísio na direção do INEP, antes de sua saída do cargo em decorrência do golpe militar de 31 de março do mesmo ano - reproduz o texto titulado de *Ciência e Cultura*, de autoria de Julius Robert Oppenheimer, que dirigiu o *Projeto Manhattan*, responsável pelo desenvolvimento da bomba atômica.

No texto podemos identificar os pontos que Anísio Teixeira chama atenção ao se referir a Oppenheimer, e que perpassam por discussões sobre a relação estabelecida entre ciências e humanidades.

No próximo tópico discutido, e que se refere ao isolamento e neutralidade da ciência como saber especializado e positivo dos meios, Dr Anísio chama atenção para:

A separação da ciência do mundo dos problemas humanos para o mundo dos problemas físicos especializou o cientista de tal modo que êle chegou a ser excluído do mundo do pensamento propriamente dito, com o que êle próprio veio a aprofundar a separação, passando a considerar impróprios para o seu espírito os problemas que consideraria **espirituais**, ou **metafísicos**, ou **religiosos**, ou **tecnológicos**, e por fim, de modo geral, os problemas, não diria humanos - pois o bem material é também humano e neste sentido êle enriqueceu extraordinariamente o homem - mas humanísticos, ou seja, os de sua política e os da convivência humana, os problemas dos valores humanos, criando-se, afinal, a falácia das **duas** culturas do homem. (ibidem, 1971, p.8)

E complementa:

Tão físicos se fizeram os objetivos da ciência, que a própria fisiologia teve dificuldade em ingressar nos seus domínios e, depois, a psicologia precisou de um gênio (Freud) para abrir-lhe a porta. E as ciências sociais, de modo geral, só fizeram um começo de caminho, quando se limitaram a ser ciências positivas, querendo apenas estudar os meios para fazer o que fôsse corrente. A ciência era neutra, não aceitando jamais a função crítica que arriscaria pô-la em contradição com os fins, a serem achados ou esclarecidos pelo outro tipo de conhecimento, fundado nos costumes e nas crenças dominantes entre os homens. E aqueles dentre os pensadores sociais que avançaram em seu pensamento não são considerados homens de ciência, mas **pensadores** da primeira cultura, que seria a humana e humanística. (ibidem, 1971, p.8)

Para em seguida tentar explicar como a ciência passa a representar uma nova forma de poder do homem, como o observado no caso citado da bomba atômica e que ainda mantinha-se como pode ser observado a seguir:

A ciência, entretanto, que, talvez para sobreviver, tivera de assim reduzir e limitar o tipo de conhecimento que cultivava, logrou tamanho êxito em sua tarefa, que se fez a força dominante do conhecimento humano, do conhecimento para o poder e a ação. E, sem dúvida alguma, fez-se a fonte do novo poder humano sobre a natureza e as condições materiais da vida, tornando-se a causa principal da presente riqueza do mundo desenvolvido e o instrumento do seu poder material praticamente ilimitado. Por isso mesmo, chega hoje a constituir uma das causas do presente terror humano, não mais apenas do clássico mal-estar da civilização a que se referia Freud. (ibidem, 1971, p.8)

Nesse ponto da exposição, questiona: “Mas, diante de tal **separação e isolamento** do conhecimento científico, o que sucedeu aos outros campos do conhecimento já cultivados pelos homens desde o momento luminoso e criador da antiga Grécia?” (ibidem, 1971, p.9). E é o próprio Dr Anísio que responde acrescentando:

Fêz-se conhecimento humanístico, transcendente ou filosófico, estético ou artístico, metafísico, religioso ou teológico. Era conhecimento sem comprovação, tendo sido, em nosso mundo ocidental - que já houve quem o chamasse de mundo da civilização **acidental** - seu último período unificado (melhor diria sistematizado, de que o primeiro foi o de Aristóteles) o de Santo Tomás de Aquino. Quebrada essa unidade, com a Reforma, entrou em processo de variação até se transformar em crenças de grupos e até, de certo modo, individuais, a serem decididas na intimidade do **ego**, ou da consciência individual. Não pensemos, porém, que essa pulverização individualista do mundo de valores tenha produzido imediata anarquia. A compartimentalização do conhecimento não decorreu de caprichos individuais, mas foi o resultado do jogo de forças sociais de dominação, de ordem, e do natural conservadorismo humano. Em termos mais neutros, do jogo das forças culturais do nosso tempo. (ibidem, 1971, p.9)

Na tentativa de esclarecer como aconteceu a “pulverização individualista do mundo” ao longo do processo histórico, diz:

Os Estados separaram a Igreja do Estado, para assegurar-lhes a coexistência pacífica. Com o Estado ficou o pensamento secular; com a Igreja, o pensamento propriamente espiritual e religioso. Com a ciência ficara o mundo físico, mas o político, econômico e social ficara com as profissões liberais e a iniciativa privada, reduzindo-se o desenvolvimento do conhecimento a seu respeito ao conhecimento convencional,

substancialmente não crítico, proposto à elaboração e conservação das instituições e do poder tal como se fôsse este desenvolvendo. Aí não entravam nem o método da experimentação, nem muito menos o da invenção, salvo em aspectos técnicos que não afetassem senão a maior ou menor eficácia dos meios. Como antes se afirmara a respeito da razão, o saber racional científico era "o escravo das paixões humanas". (ibidem,1971,p.9)

E complementa:

Nessa imensa área do poder secular, oposto ao poder das igrejas, o pensamento humano foi declarado **livre**, considerando-se **livres**, vale acentuar, desde que praticado por homens **livres**, significando isto homens alheios a necessidades materiais, conceito que herdamos ainda dos gregos, e que pensassem dentro do "socialmente estabelecido". Apesar, contudo, desse natural condicionamento, a inteligência humana criou os métodos e as instituições democráticas e desenvolveu a arte e o conhecimento estético, considerado também como forma isolada de conhecimento e, de certo modo, como refúgio, por assim dizer, religioso, para o pensamento secular. As separações e isolamentos da época tinham de resultar em expedientes de acomodação para a possível coexistência.(ibidem,1971,p.9)

E como síntese de todo o processo de compartimentalização do conhecimento ao longo do processo histórico, que na sua perspectiva resultou em distorções que poderiam e deveriam ser revistas e a começar nos processos educativos, acrescenta:

O conhecimento humano desenvolveu-se, nessa época, dentro desse contexto, realmente dividido entre áreas de poder. A ciência foi, talvez, a que logrou - dentro de sua limitação, praticamente aceita pelos cientistas e pela sociedade, de cuidar somente do **material** e dos **meios** - maior liberdade real. E, por isto mesmo, foi a que foi mais longe, pondo-se a serviço do sistema econômico dominante, dando origem à **indústria**, como solução do problema de produção, sem consideração a quaisquer aspectos humanos. Aliada ao sistema econômico predominante, criou as tecnologias que transformaram materialmente o mundo, tecnologias que, por sua vez, moldaram o homem para a fácil conformação às condições do sistema econômico que acabou por assimilar a ponto de incorporá-lo à sua **segunda** natureza. A arte, também isolada como forma diferente e excepcional de conhecimento, criou, à maneira das profissões, suas formas de auto-proteção, passando o artista a ser razoavelmente livre, dentro do conceito **liberal** de livre, e graças a uma relativa alienação social. Separado o pensamento secular das formas profundas e de interação no contexto social, encontrou o homem na arte consolo e conforto. Fêz-se a arte uma espécie de religião leiga e secular. A beleza, na frase de Stendhal, era a "promessa de felicidade" e com essa esperança se acomodou o homem.(ibidem,1971, p.10)

E finaliza o tópico ressaltando a sua crença, ou seja, validando próximo a finitude, o método de Dewey com a seguinte colocação:

Desprovido do método científico experimental [método proposto por Dewey], o pensamento filosófico, político, psicológico, artístico e social ficou entregue a **escolas de pensamento**, sob a liderança de **fundadores**, inspiradores, mestres excepcionais de **doutrinas**, de algum modo **não científicas**, mas ideológicas. Como a democracia criara certa atmosfera **liberal**, isto é, liberdade dentro do sistema estabelecido vigente, esse método compartimentalizado desenvolveu-se em nosso

complexo, organizado, poderoso e confuso mundo moderno, com suas sociedades de **mercado** e culturas do dinheiro.(ibidem,1971, p.10)

Dr Anísio chama atenção de que a “atmosfera liberal”, criada pela democracia passa a se pautar em uma estrutura de Estado laico e não intervencionista, e que para tanto passa a defender: 1º) Um Estado não vinculado a nenhuma crença religiosa e que faz prevalecer a tolerância religiosa; 2º) A não intervenção do Estado, ou intervenção mínima, na economia. Cabe ressaltar que o liberalismo defende a propriedade privada e o funcionamento da economia baseado no lucro e na livre economia. Em sendo assim, as propostas liberais provocam, junto com as bruscas mudanças políticas que delas se originaram, a separação dos assuntos do Estado, que deve se ocupar da política, dos considerados privados, principalmente a economia, acentuando na prática, um processo de compartimentalização que já vinha sendo verificado nas fundamentações teóricas dos excepcionais mestres de doutrinas a que Dr Anísio se refere na citação acima.

Na nossa percepção, Anísio Teixeira considera que uma das causas do liberalismo ter se estruturado e inaugurado, no mundo moderno, dessa maneira, é consequência de inexistência de um conhecimento gerado a partir de um método científico experimental, no pensamento filosófico, político, psicológico, artístico e social, que acaba por permitir que lideranças fundadoras de doutrinas, vinculadas a determinadas escolas ideológicas de pensamento, de algum modo não científicas, e sim ideológicas, tomassem a dianteira de um processo que Dr Anísio reconhece como, organizado e poderoso, mas complexo e ainda muito confuso, no que se propõe a executar. É patente a pressão que a iniciativa privada exerce sobre alguns governos, como no caso do Brasil, para que dinheiro público subsidie atividades privadas em detrimento da saúde e educação pública, bem como infraestrutura.

Em sendo assim fica evidente, mais uma vez, a importância que Anísio Teixeira atribui ao método científico experimental de Dewey, como um processo que possibilita a qualificação da informação e, concomitantemente, a do pesquisador para as intervenções que se fizerem necessárias não só na sua vida pessoal, como, principalmente, na social.

Ciente de que a “certa atmosfera liberal”, era poderosa e complexa, e que portanto não só demandava uma qualificação da informação por um número maior de pessoas como também uma participação efetiva na defesa da democracia, Dr Anísio defende a expansão e qualificação da escola pública, dentro de princípios democráticos, para que um quantitativo cada vez maior de brasileiros pudessem desenvolver e exercitar, desde tenra idade, cognição para participar e valorizar as mediações do *Estado de Direito Democrático* para o qual, respeitando a constituição em vigor, o desejo da maior parte da população fosse soberano.

No quarto tópico da estrutura da palestra, Dr Anísio passa a se reportar sobre a possibilidade de estender o método científico ao processo cultural e desta forma evitar a compartimentalização que separa e coloca em campos opostos, áreas relevantes do processo formativo, justificando os motivos que o impulsiona a propor tal reflexão dizendo:

A educação é um reflexo desse mundo. É ele que separa a educação humanística da educação científica, a educação geral da educação para a profissão e a vocação, a educação de **ciência pura** da educação tecnológica e, de certo modo, a educação artística das demais formas de educação.(TEIXEIRA,1971,p.10)

E já demonstrando direcionar sua fala para o sistema de comunicação comum a uma comunidade linguística e, conseqüentemente, a expressão do pensamento pela palavra, pela escrita ou por meio de sinais, acrescenta a seguinte reflexão

Às vezes, ponho-me a pensar que se a espécie humana apenas dispusesse, como os insetos, de seus sentidos, para completar sua evolução e adaptação ao seu mundo, essas formas divididas de educação poderiam ser fatores dessa evolução para a perfeita conformação dos seus **corpos** à vida possível no mundo. (ibidem,1971, p.12)

É interessante observar que a reflexão de Dr Anísio, na citação acima, acompanha o mesmo raciocínio de Charles Darwin nas pesquisas realizadas no arquipélago de Galápagos, sobre o processo adaptativo dos pássaros de várias espécies de tentilhões. Para em seguida chamar a atenção, como poderá ser constatado na citação que se segue, ao fato das diversas linguagens comunicativas aportada pelo homem e estendidas pelo desenvolvimento tecnológico estar impondo, na percepção dele e que nós concordamos, mudanças mais intensas no homem enquanto ser social, do que enquanto ser biológico, quando complementa:

Mas, havendo o homem descoberto e desenvolvido as línguas como forma de sua convivência e, depois da língua, o alfabeto, e depois a escrita e a tipografia, e, afinal, o telégrafo, o rádio, a televisão e os processos eletrônicos de comunicação, que lhe estenderam os sentidos e multiplicaram seus meios de informação e interação, sua evolução já não vai, talvez, ser biológica, mas social, sendo cada homem uma súpula da espécie, e não simples unidade especializada da espécie. A idéia da igualdade humana nasce, em rigor, daí. Parece, a valer a intuição de Whitehead, que o homem terminou sua evolução biológica nas alturas do século V antes de nossa era, em pleno meio-dia helênico. Daí por diante; não há mais **saltos** biológicos, mas desenvolvimentos sociais. Tais avanços, contudo, vêm sendo verdadeiros saltos, não mais biológicos, talvez, mas tecnológicos, de extensão dos sentidos e das faculdades e poderes materiais e mentais do homem, desde à marcha, pelo andar e pelo transporte, até a mente, pela língua, o alfabeto, a escrita, a imprensa e, finalmente, a comunicação pelo telégrafo, o rádio, a televisão e todos os atuais recursos eletrônicos, inclusive os satélites. A educação, por tudo isso, fêz-se o problema de adaptação do homem não só à **natureza** mas aos seus próprios inventos, às suas próprias tecnologias, concebidas como extensões dos seus sentidos e seus poderes. (ibidem,1971, p.13)

Em relação a questão levantada por Dr Anísio sobre o destaque dado por Whitehead de que o homem, simbolicamente falando, terminou sua evolução biológica no século V e que, portanto, a partir desse período não houve mais saltos biológicos e sim desenvolvimentos sociais, lembramos o quanto Dr Anísio valorizou e apoiou as pesquisas nessa área, conforme demonstramos em capítulo anterior. Almir de Castro, ex diretor-executivo da CAPES chega a afirmar em entrevista que:

[...], atendíamos principalmente ao que, na época, se achava que contribuía para o desenvolvimento. Área de tecnologia, ciência aplicada? Não exclusivamente. Está claro que não considerávamos o desenvolvimento uma coisa estanque, que se atendia apenas com tecnologia e ciência. Sabíamos que há um contexto de interação de todas as coisas e, por isso mesmo, atendíamos também áreas como ciências

sociais, que era um setor abandonado; a Capes foi a primeira agência a se preocupar com as ciências sociais.(CASTRO,2003, p.34)

Portanto ao destacar na palestra tal colocação de Whitehead, Dr Anísio, de certa forma aponta uma justificação para a prioridade dada às pesquisas sociais, nas suas gestões e a forma concomitante como, muitas vezes, tais pesquisas se desenvolveram em conjunto com pesquisas educacionais mais específicas.

Citando classificação de Raymond Williams (1921-1988)¹⁵⁷, no livro titulado de *Cultura e Sociedade*, no qual cinco palavras-chave são destacadas, ou seja, indústria, democracia, classe, arte e cultura, esclarece que “**cultura** é conceito nôvo de nosso tempo, significando o esforço humano por controlar, pela tomada de consciência, pela conscientização do seu processo em nossa vida, o desenvolvimento em que nos lançam as extensões **tecnológicas** dos nossos sentidos e poderes”.(TEIXEIRA, 1971, 14) E complementa:

É pela **cultura**, assim concebida, que o homem vai ganhar o controle da situação extremamente complexa em que está a viver. Mas, como a cultura é algo dinâmico, em constante mudança, o homem somente pode tomar consciência da mesma por esforço extraordinário de educação. E essa educação não pode ser para fazer dêle o inseto especializado da espécie, mas o homem capaz de compreender e controlar todo o processo de sua vida. E jamais será isto possível se a educação apenas o especializar para a produção e suas ocupações pessoais. Há necessidade de habilitá-lo para muito mais do que isso. Habilitá-lo a **compreender** e dirigir a cultura em que está mergulhado e em que vive, a fim de poder aceitá-la e adaptar-se a ela e, ao mesmo tempo, contribuir para sua constante revisão e reforma.(ibidem,1971, p14)

Na citação acima pode-se inferir, de forma indireta, a validação sobre a utilização do método científico experimental de Dewey nos processos educativos, por parte de Anísio Teixeira, pois se é pela cultura que “o homem vai ganhar o controle da situação” e a “cultura é algo dinâmico, em constante mudança”, os objetivos finais do processo formativo não podem ser preestabelecidos de forma rígida e imutável e, sim, dentro de uma ótica de flexibilidade, que possibilite adaptações as novas dinâmicas sociais. Dentro dessa linha de pensamento Anísio Teixeira acrescenta:

Para êsse tipo de educação, teremos de voltar ao tempo em que a educação era a busca da sabedoria - da "arte da vida", ainda na expressão de Whitehead - e não apenas do saber especializado que precisa para seu trabalho produtivo. Êste é apenas parte de sua educação. Para dar-lhe a outra, precisamos que voltem a existir filósofos devotados aos problemas humanos, naquele amplo e transcendente aspecto de que Platão nos deu o exemplo.(ibidem,1971,p.15)

Fica explicita, portanto na colocação, que Dr Anísio continua validando a importância de não privilegiar a dicotomia entre ciências e humanidades nos processos formativos. E nesse sentido acrescenta:

A ciência, melhor diria, o método científico produz o conhecimento positivo [no sentido de validação], a filosofia produziria a sabedoria de como usá-lo para poder

¹⁵⁷ Um acadêmico, crítico e novelista nascido em Gales, cujos escritos em política, cultura, literatura e cultura de massas refletiram seu pensamento marxista.

êle contribuir para a vida feliz e digna do homem. Os valores humanos são o seu estudo, concebidos tais valores como os **instrumentos**, como na ciência física, para o tipo de vida humana feliz e digna de ser vivida. O uso humano da ciência, que nos ensinará a sabedoria, é que tornará tal vida possível e, dêste modo, **humanística** a educação ministrada pela instrução científica.(ibidem,1971, p.16)

Percebe-se no ponto da exposição citado acima, que a defesa de Anísio Teixeira sobre esta questão vai ao encontro do que defende Oppenheimer em trecho do texto de sua autoria citado anteriormente e disponibilizado a seguir, quando diz:

Há mudanças irreversíveis; assim é que o caráter cumulativo fornece paradigma a alguma coisa que é sob outros aspectos, muito mais questionável: a idéia do progresso humano. Não se pode duvidar que, nas ciências, a única direção de crescimento é o progresso. E isto verdadeiro tanto do conhecimento do fato, quanto da compreensão da natureza, quanto do conhecimento da habilidade, da tecnologia, quanto da aprendizagem da execução das coisas. Quando alguém aplica isto à situação humana e lastima-se de que realizamos grandes progressos em automação, processamento de dados e pesquisa espacial, não se realizando, entretanto, progresso moral comparável, está com isto demonstrando uma total incompreensão quanto à diferença entre estas duas espécies de progresso. Não quero dizer que o progresso moral é impossível; mas não é, de modo algum, automático. Retrocesso moral, como vimos na nossa época, é igualmente possível. O regresso científico não é compatível com a prática continuada da ciência.(ibidem,1971, p.18)

O que Anísio Teixeira quer destacar na citação, é o fato de que é impossível retroceder no que foi descoberto. A descoberta existe e vai coexistir com a história do ser humano enquanto este existir e isto é fato. E complementa adicionando mais alguns esclarecimentos sobre alguns pontos que considera importante e que, na nossa percepção, se relacionam com questões levantados na palestra para os alunos do curso da FGV, no que se refere às ciências e a cultura, como pode ser observado a seguir:

É fato verdadeiro, e nós nos orgulhamos de que assim seja, que a ciência é internacional e que realmente é a mesma (com diferenças mínimas de ênfase) no Japão, na França, nos Estados Unidos e na Rússia. A cultura, porém, não é internacional; na verdade sou daqueles que esperam não venha a sê-lo nunca, num certo sentido, e que a influência do nosso passado e de nossa história que é diferente da de outros povos por suas razões próprias, se fará sentir e não se perderá numa homogeneidade total. Não posso subscrever o ponto-de-vista de serem ciência e cultura co-extensivas, de serem a mesma coisa com nomes diversos; e não posso subscrever a opinião de ser a ciência algo útil, embora essencialmente desvinculado da cultura. Penso que vivemos numa época que encontra poucos paralelos na história, onde existem problemas práticos de instituições humanas, como o de tornarem-se elas obsoletas e inadequadas, problemas do intelecto e do espírito, os quais, se não são mais difíceis que o eram em outras épocas, são diferentes, e também difíceis. Talvez possa oferecer uma sinopse do que sejam estes problemas. (TEIXEIRA,1971,p.20)

E referente a sinopse citada, elenca algumas questões mais relevantes como pode ser observado a seguir:

Relacionam-se com o fato de ter acontecido a revolução científica no momento em que se deu o crescimento característico das ciências com sua peculiar estrutura interna; com a conexão entre a descoberta nas ciências e as idéias gerais dos homens

em questões que não se vinculam diretamente às ciências; com a liberdade e necessidade nas ciências, e com a questão do caráter criativo e aberto (sua infinitude); com o rumo que devemos tentar seguir para trazer coerência e ordem à nossa vida cultural, fazendo o que é próprio para um grupo de intelectuais, de artistas, de filósofos, professores, cientistas, estadistas, a fim de ajudar a remodelar a sensibilidade e as instituições, que pedem que as remodelemos, se quisermos sobreviver.(ibidem,1971,p.20)

E ainda na mesma linha de raciocínio de Oppenheimer, Dr Anísio observa que,

[...] a filosofia, dentro do processo de especialização que obceca o nosso tempo, fêz-se também especialidade altamente técnica a estudar uma realidade superior (o ser em si), ou o conhecimento em si, ou a lógica formal em seus aspectos mais delicados e sutis. Tudo isto é essencialmente importante, mas há que fazê-la voltar às suas origens, **metafísicas**, digamos o termo, no sentido literal de "além da física", a fim de novamente ser a "mestra da compreensão da vida", da "arte de viver", a despeito da extrema complexidade do mundo criado pela ciência. Para isto, não irá afastar-se da ciência, mas fazer-se a estudiosa dos usos da ciência e dos valores humanos, das "causas finais", e estudá-las dentro do próprio método científico, como se procedeu com a matemática, também de raízes filosóficas, a fim de nos oferecer os decálogos do comportamento e da sociedade humanos, da "arte de viver".(ibidem,1971, p.21)

Para em seguida Dr Anísio destacar a relevância da educação nesse processo, como pode ser verificado a seguir:

Em nenhum período da história, a necessidade da educação fazer-se a mestra do processo de viver foi tão extrema e urgente, por isto mesmo que a vida se fêz incrivelmente organizada e complexa, tornando o problema de compreender-lhe o processo infinitamente mais dificultoso do que nos tempos em que o homem lutava apenas contra os mistérios da natureza. Estes mistérios, a ciência em grande parte os desvendou. Os novos mistérios são os do uso que o homem fêz do seu conhecimento e saber. Êste, o problema do nosso tempo: estender o método científico aos valores humanos, voltar à busca e ao amor da sabedoria, consumando-se para o mundo social e moral a epopéia da ciência ainda limitada ao mundo físico e material. Julguei imprescindível apresentar tais reflexões neste momento em que passo a examinar, dentro do tipo analítico-positivo e, em rigor, operacional do pensamento moderno, o nosso tema de tecnologia e cultura.(ibidem,1971,p.23)

Dito isso passa a discorrer sobre os tópicos elencados para serem abordados na segunda parte da palestra em curso, ou seja, *As Tecnologias e as Culturas*. No tópico primeiro aborda o *Nôvo Ângulo de Análise do "Processo" Cultural* e explica, antes de iniciar sua fala sobre questões específicas pertinentes ao tópico que o seu desejo nesta parte da palestra é,

[...] examinar os efeitos das tecnologias sobre as culturas humanas, procurando discernir o grau em que tais efeitos, na forma em que se processaram, decorreram do fato de termos assimilado as tecnologias sem maior indagação quanto ao poder delas próprias de nos alterar a visão do mundo e nossos propósitos e modos de vida. A aceitação das tecnologias como as próprias condições do nosso desenvolvimento mental e material pôs-nos em situação de completa dependência, senão impotência, e levou-nos ao desenvolvimento da cultura humana como consequência, por assim dizer automática, do processo de assimilação das referidas tecnologias.(ibidem,1971, p.23)

Justificando o quanto foi inconsistente, longo e difícil o processo cultural, chama a atenção de que “o conceito de **cultura** é relativamente novo, em sua atual significação de esforço do homem para ganhar o controle do processo de vida e desenvolvimento em que o lançaram as tecnologias, ou seja, as extensões de seus sentidos, poderes e faculdades” (ibidem, 1971, p.25), acrescentando que:

Sempre, em rigor, foi isto a cultura, mas não a concebíamos como algo que pudéssemos controlar, e, sim, como efeitos a que tivéssemos de nos adaptar para conseguir o reequilíbrio de nosso espírito, em face das mudanças e perturbações causadas pelas tecnologias de nossa própria invenção e por nós incorporadas ao nosso modo de vida. Com a moderna intensificação do processo tecnológico, viemos a criar o que já se chama a "cultura tecnológica" dos nossos dias, que representa, mais do que tudo, o reino dos **meios** em contraposição ao reino dos **fins** e **valores** fundamentais da vida humana. Este é o problema característico do nosso tempo. Temos que retornar à velha e penetrante afirmação de Dewey de que os meios são parcelas dos fins, não se podendo, portanto, considerá-los neutros nem indiferentes. Para isto, nossa atenção terá de voltar-se para o estudo do processo cultural, visando à possibilidade de seu controle, a fim de se assegurarem a correspondência entre fins e meios e a salvaguarda dos valores que constituem nossa inestimável herança cultural. Tal estudo é que poderá dar-nos **consciência** do processo de cultura sob que vivemos e de que somos hoje cegamente dependentes, e, pela consciência, a **possibilidade** de dirigir e orientar seu desenvolvimento.(ibidem, 1971, p.25)

É importante destacar que além de reforçar o que havia colocado sobre a questão ilustrativa da fala Whitehead, de que os saltos biológicos não ocorrem desde o século V e que a partir desse período só foram registrados desenvolvimentos sociais na história da humanidade, Dr Anísio retoma as ideias defendidas por Dewey no que se refere aos meios serem parcelas dos fins e, portanto, não devem ser considerados neutros ou indiferentes. Em seguida chama atenção para a lugar de destaque assumido na contemporaneidade pela evolução tecnologia incorporada ao processo biológico do Homo sapiens e processada no seio das sociedades nos últimos, para em seguida se reportar ao empoderamento oriundo desse processo dizendo:

[...] o homem, com seus poderes e faculdades estendidos pelas tecnologias, construiu suas culturas, que hoje lhe comandam e dirigem a vida, com força equivalente, senão maior que a do seu meio ambiente físico e natural. Em certa fase de sua história, relativamente recente, descobriu o método de invenção, e com ele desenvolveu seus conhecimentos de forma sem precedentes no passado. Esta foi, por excelência, a obra da ciência. Este novo saber intensificou sobremaneira a descoberta de tecnologias, as quais aumentam e estendem os poderes e faculdades do homem, mas também os influenciam e lhes alteram as formas e modos de perceber, agir e fazer. Os estudos de cultura, nos seus aspectos propriamente humanos, portanto, não envolvem apenas o homem, mas ele e o mundo construído pelas suas tecnologias. Este tem hoje extensão, variedade e complexidade semelhantes, senão maiores, que as de seu mundo físico e natural sujeito a leis mais regulares. A época, pois, em que estamos, de investigação e estudo, pode vir a ser, senão mais ampla, mais complexa que a anterior, de estudo da natureza, no qual o homem já despendeu quase quatro séculos, para ficarmos apenas no período da experiência e da invenção. (ibidem, 1971, 27)

Em seguida apresenta a seguinte ponderação:

O novo campo de estudo compreenderá, com efeito, o estudo do homem e de suas culturas através do espaço e do tempo, envolvendo, senão toda a

própria **ciência**, todos os seus efeitos, e mais tôda história desde os tempos pré-históricos até os dias de hoje. Tais estudos não podem assim reduzir-se, como de certo modo reduziu-se a ciência física e natural, ao laboratório e à experimentação, onde o pesquisador se isola e investiga seu objeto especializado e neutro de estudo. O objeto de estudo agora é a vida humana, que não está tanto no **espaço**, quanto no **tempo**. E a **documentação** relativa à duração da vida humana neste planeta é seu material preliminar e essencial de investigação, exame e interpretação. (ibidem,1971, p.27)

E justifica tal ponderação com a seguinte observação:

Até agora, as culturas humanas não puderam ser estudadas, em suas conseqüências e efeitos, senão **a posteriori**. Sómente estudos **retrospectivos** levam-nos, pelo conhecimento dos efeitos e conseqüências das culturas, a poder operar com o método experimental do raciocínio, o qual consiste em partir dos efeitos para a descoberta das causas e, por essa descoberta, conhecer e explicar, e daí poder chegar a controlar o processo em estudo. O laboratório e a oficina para essa operação, reversa à da simples observação antiga, foram os instrumentos do método de experimentação e de invenção, com o qual construiu o homem pela ciência o mundo **poderoso** dos dias de hoje.(ibidem,1971,p.28)

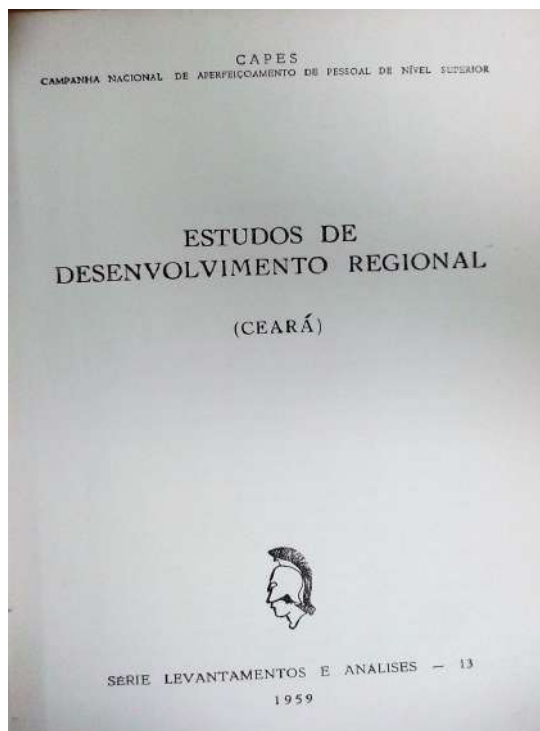
Dando continuidade ao raciocínio que foi desenvolvendo na palestra, Dr Anísio passa a defender que o método científico experimental seja estendido a todos o processo cultural dizendo:

Assim como a pesquisa se estendeu, com o aparecimento desse método, a todo o mundo natural e físico, agora vamos procurar estendê-la a todo o processo cultural, e para isto precisamos, sobretudo, de documentação da vida humana através dos tempos e, no presente, através do espaço, mas dentro do tempo. Em relação ao presente, conduziremos estudos empíricos do processo da sociedade humana. Em relação ao passado, conduziremos estudos de análise, interpretação e descoberta, com o melhor método científico que fôr possível, pois o objeto do estudo, não se perdendo na fugacidade do presente, ganhará a consistência objetiva que requer o que chamamos de estudo racional e teórico, para tornar possível o método da descoberta e invenção.(ibidem,1971,p.29)

A defesa que faz para que pesquisas sustentadas por tal método se estenda, também, para o processo cultural, justifica de certa forma apoios, assim como induções encampadas por Instituições em que Anísio Teixeira assumiu posições diretivas. Como exemplo podemos citar os Estudos de Desenvolvimento Regional, levado a cabo pela CAPES na segunda metade da década de 1950. Foram produzidas monografias contendo informações de todos os estados e do distrito federal, que compõe uma série nomeada de *Levantamentos e Análise*, com o objetivo de subsidiar a tomada de decisão quanto a demanda de qualificação de pessoal de nível superior pela Instituição, mas, também, disponibilizar dados que pudessem subsidiar futuras pesquisas sobre os mais variados campos.

Algumas dessas monografias encontram-se disponíveis para consulta no Arquivo Central da CAPES, em Brasília. A título de ilustração disponibilizamos a seguir a capa da pesquisa referente ao estado do Ceará, datada de 1959, entre tantos outros documentos que foram elaborados em período correlato com o objetivo de produzir “documentação da vida humana através dos tempos e, no presente, através do espaço, mas dentro do tempo”. (ibidem,1971,p.30)

FIGURA: Capa de Estudo de Desenvolvimento Regional desenvolvido pela CAPES, em 1959



FONTE: Arquivo CAPES

Com a intenção de não nos distanciarmos do documento em tela que subsidiou a palestra proferida por Dr Anísio e demonstrarmos que ele continua validando o *Espírito Científico* não só a partir de ideias como, também, pelo método científico experimental de Dewey, acrescentamos:

Sem dúvida, tais estudos sempre se fizeram, e toda a cultura humana anterior ao método experimental é produto do saber de intuição e observação do espírito humano. Mas tal saber limitava-se a saber imaginativo, conceptual, matemático, histórico e lingüístico e, de modo geral descritivo e interpretativo, ou seja, baseado apenas na observação e intuição imaginativa, sem outra comprovação senão a das analogias. Em sentido estrito, todo o saber era de idéias, ou especulativo, e, em relação às situações e fatos, simplesmente descritivo com o registro histórico ou poético da vida humana.(ibidem,1971, p.31)

Com tal colocação Dr Anísio endossa a necessidades de que os novos estudos da *cultura humana* sigam uma metodologia científica, para em seguida fazer referência aos novos estudos em curso, o que demonstra que continua se atualizando em temática afins, e que está, também, centrando suas observações em questões de linguagem, acrescentamos:

Nas últimas décadas, contudo, vêm-se desenvolvendo novas abordagens em tais estudos, parecendo ser possível estudar o processo histórico e cultural por certas linhas de causalidade não completamente exploradas, ou apenas vislumbradas até agora. Com efeito, já se chegou a dizer que o homem é o único animal que não tem linguagem, pois que é ele próprio linguagem. Ora, essa linguagem é que lhe forma o espírito e lhe permite exprimir-se, que é a sua forma de ser e de existir. Ela já é sua cultura e, enquanto dela dispõe apenas em sua fase oral, sua cultura é cultura oral, susceptível de se fixar nos hábitos, costumes e obras do homem, mas com pequeno dinamismo para seu desenvolvimento. Todas as culturas arqueológicas e pré-

históricas são desse tipo até a invenção da escrita, quando começam os períodos históricos, ou sejam do registro da experiência sob a forma mais duradoira que a da simples memória, e mais explícita que a dos simples vestígios materiais remanescentes, que nutrem e nutriram os estudos arqueológicos. Sobrevém depois a fase escrita pré-alfabética e, afinal, a do alfabeto fonético, que vem a revelar-se de espantosas virtualidades. No século XIV, com a invenção da imprensa, essa cultura alfabética dá verdadeiro salto. Servida pela tecnologia da palavra impressa, ganha o homem impulso sem precedente, constituindo-se a tipografia ou o prelo talvez a causa principal do que chamamos civilização moderna.(ibidem,1971,p.33)

Baseando-se nessa linha de raciocínio, Dr Anísio passa a fazer uma retrospectiva de todo o processo até chegar na invenção da imprensa. Para tanto ressaltava que a invasão dos bárbaros provoca a saída da cultura antiga e que o homem da idade média mergulha inicialmente nos “novos estudos linguísticos da língua antiga [...] desenvolvendo estudo específico das tecnologias da linguagem - tais como a gramática e a retórica, que se fazem, com o **trivium** e **quadrivium**, os modos de formação do homem”.(ibidem, 1971,p.34). Para em seguida, cronologicamente, fazer referência ao surgimento do telégrafo, o cinema, o rádio e a televisão, chamando atenção para o fato dessas invenções terem aberto possibilidades inesperadas para o desenvolvimento humano, o que na perspectiva de Dr Anísio facilita a compreensão e explicação,

[...] do porque o homem foi o que tem sido através de sua longa existência. Tudo, ou quase tudo, que nos pareceu **natural** e produto espontâneo de sua **natureza**, estamos passando a ver como produtos das tecnologias e conseqüências das formas de percepção que veio o homem a adquirir e assimilar em virtude dessas próprias tecnologias. De tal modo incorporou o homem a seus comportamentos tais tecnologias, que sua natureza real biológica passou a constituir-se apenas a base de sua **segunda natureza**, entrando esta a atuar, como espontânea e **natural**, inerente ao seu próprio ser, em substituição à sua vida instintiva. A identificação das tecnologias e dos seus efeitos com sua própria **natureza** veio a dar sentido determinístico e inconsciente ao seu desenvolvimento, daí se originando estado de superstição e cegueira em relação a esse desenvolvimento, que o homem passou a julgar determinado e fatal, importando em adaptação e ajustamento ao estabelecido como forma praticamente final da existência humana.(ibidem,1971,p.34)

Com tal reflexão, retoma a retrospectiva e passa a fazer comentários sobre os processos vivenciados pelas religiões, afirmando que a vida moderna as *esvaziou e banalizou*, como pode ser observado a seguir:

A revelação deste fato trouxe-me, pela primeira vez, a explicação do que sucedeu com as grandes religiões, as quais, sem dúvida, representam momentos culminantes do espírito humano, na concepção do destino do homem. A vida moderna as esvaziou e banalizou até o ponto em que as vemos hoje, sem qualquer força eficaz para guiar os homens para a vida de igualdade, fraternidade e beleza, perfeitamente antevista pelos seus grandes criadores originais. Não faltaram ideais ao homem para o encaminhamento feliz de sua existência, mas as tecnologias, por ele criadas, substituíram-se às idéias e o estrangularam dentro de poderosas organizações, que passaram a lhe comandar e **determinar** a existência, por força da linguagem, sem dúvida, como antes, mas da linguagem servida por **tecnologias**, que a arrancaram da fase oral - global e ainda harmônica - para fases de especialização e segmentação, pelas quais se dimensionou uniformemente o homem, sob a forma de fragmento de si mesmo, para uma vida linear, racional e organizada, útil, talvez, ao desenvolvimento do conglomerado humano que deste modo se criou, mas profundamente hostil ao seu desenvolvimento como homem, no sentido global e

harmônico, ideado pelos grandes fundadores das suas filosofias e religiões. (ibidem,1971,p.34)

Complementando a retrospectiva sobre a história do conhecimento no ocidente e que, na percepção dele perpassa pelas religiões, aborda o que denomina de *aventura das ideias*, dizendo:

As duas primeiras grandes experiências, em nosso Ocidente, da vida presidida pela grande aventura das idéias e por uma pobre e elementar tecnologia, na Grécia, e da vida dominada ainda por idéias, mas já servida de vigorosas tecnologias, em Roma, ambas ruíram sob o impacto da **invasão dos bárbaros**, ou seja a simples mobilização da espécie humana. Renasceram ambas depois, na Idade Média, guardando muito da civilização escrita das duas civilizações anteriores, mas conscientemente inspiradas por mais antiga tradição de civilização religiosa, com a herança judaica renovada por Cristo. Podia o período ter tôdas as limitações, mas importou em reviver período ainda envolvido pelo sentido transcendente, religioso e profundo do destino humano.(ibidem,1971,p.37)

É certo que Dr Anísio como profundo conhecedor das histórias da Companhia de Jesus, não só por leituras, pesquisas (como as realizadas no período em que participou da Congregação Mariana, comentadas em capítulo anterior) mas, principalmente, por experiência, em decorrência da longa convivência com jesuítas enquanto aluno de colégios da Ordem, possuía condições de balizar o período que coloca em tela na citação acima no tocante as limitações e transcendências do destino humano. Portanto, imbuído de tal bagagem afirma que é na idade moderna que ocorre a substituição completa da vida instintiva do homem pelas tecnologias e que nesse período,

[...] o homem passa a ser um produto dessas tecnologias, as quais, partindo do prelo, avançaram para a máquina e reduziram a existência do homem a algo equivalente a uma de suas máquinas, criando-se organizações com tal força de dominação de sua vida material, que em máquina teria realmente de se transformar para poder ajustar-se completamente à imensa transformação operada pela indústria. (ibidem,1971,p.36)

Dito isso, Dr Anísio retoma o período tipográfico para uma análise dos efeitos e consequências que resultam na “transformação da sociedade oral, e depois escrita, na sociedade da palavra impressa, de que estamos agora a emergir para a era eletrônica dos novos meios maciços e plurais de comunicação humana”(ibidem,1971,p.38), justificando que através da explanação dessas transformações chegaram ao cerne do tema da palestra que é:

[...]o das novas necessidades de comunicação da presente era de transição entre a ordem linear, visual, homogênea e uniforme da cultura escrita, sucedida pela cultura impressa tipográfica, e a da nova cultura oral dos meios audiovisuais de comunicação, criados pelo telégrafo e telefone, pelo cinema, pelo rádio e pela televisão. O que nos ensinam estudos recentes das culturas humanas foi que essas culturas são, muito mais do que pensamos, resultados das tecnologias que as servem. (ibidem,1971,p.38)

Para e seguida chamar atenção que:

Essas tecnologias da comunicação associam-se às estruturas sociais, afetando-as profundamente e, dêste modo, moldam o tipo de homem ajustado ao respectivo uso da linguagem, seja o da fala apenas oral, o da linguagem escrita do alfabeto fonético, o da palavra impressa, e depois audiovisual, até o de todos êsses modos juntos na cultura presente, simultâneamente oral, escrita, impressa e audiovisual. (ibidem,1971,p.38)

Informando que “cada uma dessas culturas foi servida por métodos próprios de registro conceitual e histórico da experiência humana, com o que se tornou possível sua continuidade e estabilidade”. (ibidem,1971,p.38)

Objetivando, quiça, demonstrar que inicialmente as transformações da comunicação humana se deu de forma lenta, passa a fazer uma retrospectiva do processo conforme pode ser verificado a seguir:

A cultura oral, anterior ao alfabeto, reduzia-se à tecnologia da fala, sendo significativo notar-se que, segundo Seraphim Leite, para os índios brasileiros o membro mais importante da tribo era o senhor da fala, como, já em estado mais avançado, era, entre os romanos da era cicerônica, o orador. A tecnologia da palavra escrita, sucedendo à cultura oral, substituiu o bardo pelo orador e produziu, assim, o exemplar mais perfeito de sua cultura escrita, mas ainda, sob muitos aspectos, oral. Durante largo tempo, a cultura escrita conservou muito dêsse modelo da cultura oral anterior. O orador, o mestre da palavra, seja nos diálogos de Platão, ou nos arrazoados das orações de Cícero, continuou o expoente da cultura manuscrita. A Idade Média aprofundou essa cultura, continuando, entretanto, pela dialética escolástica, como cultura da palavra predominantemente oral. No século XIV, com a descoberta da tipografia, é que se inicia a nova era da cultura da palavra impressa, que transforma radicalmente a cultura anterior. Ainda assim, todo o século XV é apenas, em grande parte, a continuação da cultura manuscrita. Tôda a publicação de livros até 1500, que subiu à cifra de 15 a 20 milhões de livros, compreendendo entre 30 e 35 mil títulos, ou publicações separadas, foi em cerca de 77% de livros manuscritos em latim da era medieval. Sòmente entre 1500 e 1510 é que o livro original impresso entra a competir com o manuscrito. E só depois dessa data é que o livro em vernáculo tem seu começo. De 1530 em diante, o leitor de língua vernácula começa a crescer até vir a superar em número ao leitor do latim. Quanto aos livros, ainda no início do século XVIII, mais de 50% eram em latim. Assim, a época da renascença da cultura antiga era, ao mesmo tempo, a do nascimento da cultura vernácula. (Ver McLuhan, **The Galaxy of Gutenberg**, p. 207-208). (ibidem,1971,p.40)

Cabe ressaltar que foi Anísio Teixeira, junto com Leônidas Gontijo de Carvalho, o responsável pela tradução da versão para português da obra titulada de *A galáxia de Gutenberg*, impressa em 1972, citada acima, de autoria do canadense Herbert Marshall McLuhan (1911-1980), filósofo, educador e estudioso da teoria das comunicações, cujo o original, em inglês, foi publicado em 1962.

Não conseguimos confirmar se a sugestão para que o livro fosse publicado em português pela Companhia Editora Nacional e Editora de Universidade de São Paulo partiu de Dr Anísio, mas é certo que demonstra um grande entusiasmo pela obra, conforme pode ser observado na apresentação e na “orelha” do livro, ambas de sua autoria.

Na segunda metade da década de 60, McLuhan provocava debates inflamados entre os intelectuais em todo mundo pelo tom que imprimia às suas análises e pelo modo como abordava os movimentos da cultura ocidental e suas manifestações na construção do homem do século xx. Suas análises, desconcertantes e proféticas, atraíram a atenção tanto de poetas de vanguarda e de estudiosos dos mass media, como Décio Pignatari, e de um educador de prestígio nas cenas da educação brasileira - de Anísio Teixeira. (ARENA,2004,p.171)

Na citação acima, professor Dagoberto Ruim Arena, UNESP, não só se refere ao envolvimento de Anísio Teixeira com a tradução “The Galaxy of Gutenberg”, cuja capa adicionamos a seguir, como, também, do Décio Pignatari, poeta vinculado ao movimento da Poesia Concreta e professor universitário em São Paulo, que traduziu “Understanding Media the Extensions of Man”, 1964, titulado em português de *Os meios de comunicação como extensões do homem*, publicado pela editora Cultrix em 1969.

Na *orelha do livro* Dr Anísio informa que “McLuhan neste livro estuda a cultura manuscrita na Antiguidade e na Idade Média e daí parte para a análise e a interpretação da cultura da página impressa, da cultura tipográfica, mostrando-nos até que ponto transformou ela a cultura oral anterior”. (TEIXEIRA apud McLUHAN,1972, s/p) E complementa dizendo que “É essa cultura que entra novamente em mudança no princípio de nosso século. McLuhan estuda então a cultura da era eletrônica e o renascimento das formas orais da civilização.” (TEIXEIRA apud McLUHAN,1972, s/p) Portanto, muito similar a forma com que Dr Anísio estrutura a palestra para os alunos da FGV.

A versão em português do livro, publicada pela Companhia Editora Nacional, em parceria com Editora da USP, é disponibilizada em dezembro de 1972, ou seja, quase dois anos após a data em que Dr Anísio proferiu a palestra, mas a apresentação anexada a versão em português encontra-se datada de 1969, o que sugere que Dr Anísio já havia se envolvido com as ideias veiculadas pelo livro muito antes da elaboração da palestra. Quiça no período que passou nos EUA, como conferencista em universidades americanas, após o golpe de 1964. Não conseguimos confirmar esta suposição. O que podemos afirmar, entretanto, é que Dr Anísio considerava a publicação de suma importância, como pode ser verificado pelo que acrescenta, na *orelha do livro*, após a exposição do conteúdo, ou seja:

Trata-se de livro sem paralelo na literatura atual e indispensável à compreensão da transformação caleidoscópica que ora se opera em nossa visão do mundo, em nosso modo de pensar, de sentir e de agir dentro da cena tumultuada da cultura e da vida contemporânea. Impossível resumi-lo, mas cabe acentuar que o livro, além de nos permitir acompanhar a reconstrução da cultura desde o aparecimento do alfabeto e compreender a imensa transição ocorrida com a introdução da imprensa, do jornal e do livro, dá-nos também a visão da reconfiguração da galáxia de Gutenberg com os novos meios de comunicação de nossa era eletrônica. A tudo isto, junta-se a forma nova de apresentar a evolução cultural do mundo, mediante a apresentação dos fatos em configurações sucessivas sob a forma de mosaicos no curso dos acontecimentos. Deste modo, o livro é um exemplo e uma ilustração do próprio sentido da nova e imensa transição que estamos vivendo. (TEIXEIRA, 1969, s/p)

E reforça tal posição quando diz na apresentação:

O que faz deste livro — A Galáxia de Gutenberg — talvez o seu livro fundamental é que nele Marshall McLuhan, baseado em sua identificação das tecnologias com extensões do homem, dos seus sentidos, das suas formas de ser, oferece-nos uma explicação da transformação do homem da cultura oral e manuscrita no homem da cultura tipográfica e moderna, com um poder de penetração e imaginação não atingido por qualquer outro escritor. (ibidem, 1969, s/p)

Na palestra Anísio Teixeira esclarece que:

A transição entre a cultura manuscrita e a tipografia estende-se aproximadamente por dois séculos. Somente a partir do século XVII é que se pode afirmar haver-se chegado à nítida caracterização da cultura tipográfica, que atinge seu apogeu no século XIX. De 1905 em diante, podemos datar a nova era, em que Newton é ultrapassado e se inicia francamente a era eletrônica de hoje. Vivemos, em nosso século XX, período de transição semelhante ao do século XVI. (ibidem, 1969, s/p)

Concordando com Arena (2004) de que ao lermos a “orelha” do livro *A galáxia de Gutenberg* tem-se a impressão de que Dr Anísio exprime um sentimento de que havia finalmente encontrado neste livro abordagens e interpretações muito procuradas, acrescentamos as considerações que vão ao encontro e reforçam o que já destacamos anteriormente.

Após sintetizar em poucas linhas o que escreveu o professor canadense, Teixeira utiliza expressões extremamente elogiosas: "trata-se de livro sem paralelo na literatura atual, ou o livro é um exemplo e uma ilustração do próprio sentido na nova e imensa transição que estamos vivendo" Não são somente as expressões que indicam o entusiasmo, mas também porque ele entende ser a obra uma grande contribuição para o mundo ocidental, por ser uma ferramenta indispensável para compreender o que considerava ser a "transformação caleidoscópica no modo de pensar, de sentir e de agir" dentro da cultura e da civilização. Os estudos de McLuhan envolvem a análise da cultura oral, da tipográfica, e da eletrônica contaminada pela recriação da oral. Para Teixeira, essa análise permite a reconfiguração da galáxia de Gutenberg, com os novos meios de comunicação da era eletrônica. Mas o que seria a galáxia de Gutenberg senão a cultura do homem tipográfico, experimentado na arte de, silenciosamente, com os olhos e com o cérebro, compreender o mundo pela escrita, pela tecnologia do alfabeto? Mas a galáxia se transforma e "ao invés de transformar-se em uma vasta biblioteca Alexandrina, o mundo converteu-se num computador, num cérebro eletrônico, exatamente como numa peça infantil de ficção científica" (McLUHAN, 1972) A visão profética da década de 60 não contava ainda com a expansão dos computadores pessoais e da rede mundial que fazem do planeta uma aldeia global. Os meios de comunicação de massa, entre os quais não havia ainda o computador de uso pessoal em rede, seriam os agentes reconfiguradores da galáxia do mundo impresso e tipográfico criado pela tecnologia de Gutenberg. E era isso que seduzia Anísio Teixeira, essa reconfiguração da sociedade pelos meios de comunicação. (ARENA, 2004, p.172)

Portanto, como Dr Anísio destaca na apresentação da tradução do livro de McLuhan e que é reforçado na palestra sobre tecnologia da tipografia,

[...] precedeu, com efeito, todas as outras tecnologias avançadas que marcam nossa época. A linguagem já nos havia dado as línguas e com elas a mente e a inteligência humana. O alfabeto e a escrita nos deram a civilização, que atingiu seu apogeu intelectual na Hélade e o apogeu material no Império Romano. Com a queda do

Império Romano, a civilização sobrevive na longa era medieval com o cristianismo, ainda uma expressão da cultura escrita greco-judaico-romana, a qual vem a despertar com o Renascimento. Mas é a invenção da tipografia que marca a grande transformação. A tecnologia da imprensa da ao homem, com o livro, — "a primeira máquina de ensinar", na expressão de McLuhan — a posse do saber, e armando-o com uma perspectiva visual e um ponto de vista uniforme e preciso, o liberta da tribo, a qual explode, vindo, nos dias de hoje, transformar-se nas grandes multidões solitárias dos imensos conglomerados individuais. Inicia-se a fase da Galáxia de Gutenberg com a descoberta da tipografia, desdobrando-se a cultura heleno-latina nas variedades das culturas vernáculas e nacionais, fundindo-se os grupos feudais nas nações modernas, com o aparecimento do Público, do Estado, do Indivíduo e das civilizações nacionais. O novo meio de comunicação que é a palavra impressa faz-se o grande instrumento da civilização. McLuhan dá-nos o retrato de toda a época e aos traz até a porta dos tempos de hoje, com a Reconfiguração da Galáxia em face dos novos meios de comunicação. (TEIXEIRA, 1969,s/p)

Cabe destacar a referência que Dr Anísio faz a linguagem, ou seja, à forma com que o ser humano a utiliza para expressar seus pensamentos através da palavra, da escrita ou por meio de sinais. Tal fato é importante, pois a linguística será a base de sustentação das discussões de novos pragmatas, cuja corrente filosófica passa a ser nomeada de neopragmatismo ou pragmatismo linguístico e que vai encontrar, principalmente, em Lewis, Quine, Putnam, Davidson e Richard Rorty, maior representatividade.

A expressão “a linguagem já nos havia dado as línguas e com elas a mente e a inteligência humana”(ibidem.1969,s/p), pode ser tomada como um aceno para que seja mais aprofundada a percepção de Anísio Teixeira sobre linguística e, quiza, alguma antecipação relacionada com o novo movimento pragmático que surge, mas que ainda mantém referências no pragmatismo clássico de Dewey.

Retornando as considerações que Dr Anísio faz sobre McLuhan e o livro *A Galáxia de Gutenberg* citado na palestra e, ainda referente ao que consta na *orelha do livro*, acrescentamos o seguinte trecho:

Não exageram os que dizem ser McLuhan — um dos mais debatidos pensadores da década que ora se encerra — figura a ombrear-se com a dos fundadores do pensamento contemporâneo. O que lhe marca a atuação é o novo ângulo pelo qual procura desvendar as origens e o modo por que se formou o que chamamos o espírito moderno, nossa visão do mundo, nosso modo de ser e existir, nossa cultura. A sua obra é como a revelação de uma fotografia. Não é um criador de pensamento, ou de ideologia, ou de teorias de natureza humana ou de sociedade, mas alguém que busca ver e descrever o que se passou com a evolução do homem em seu esforço por desenvolver-se e criar o seu mundo, inventando as tecnologias que lhe estenderam os sentidos e o poder de formar suas culturas. Tudo isto, porém, fez o homem em seu longo e penoso esforço criador, tomando seu poder como algo de admirável, por certo, mas não sabendo bem como explicá-lo, nem dele tendo a completa consciência. (ibidem.1969,s/p)

Entretanto, apesar do entusiasmo de Anísio Teixeira com as ideias de McLuhan, principalmente as explicitadas no livro *A Galáxia de Gutenberg*, conforme estamos procurando demonstrar, tais ideias foram, em alguns pontos, muito criticadas. Estudiosos

renomados como Raymond Williams, autor do livro titulado de *Cultura e Sociedade*, também citado por Dr Anísio na palestra; Hans Magnus Enzensberger, escritor e ensaísta alemão e Peter Burke, historiador inglês, professor em universidades inglesas e professor-visitante da USP, entre 1994 e 1995, são alguns exemplos de estudiosos que engrossaram a fileira das críticas. A de Peter Burke, por exemplo, registrada no livro de sua autoria titulado de *Uma história Social da Midia*, refere-se ao formalismo de McLuhan em relação a televisão.

Não obstante tais resistências ao conjunto de sua obra no passado, Marshall McLuhan conta na atualidade com o apoio de novos estudiosos, como o pesquisador Eduardo Marisca, filósofo peruano, pós-graduado em “Massachusetts Institute of Technology” (MIT), EUA, que escreveu e publicou o documento nomeado de *Comprender a Marshall McLuhan*¹⁵⁸.

Esclarecemos, entretanto, que ao nos referirmos às críticas às ideias de McLuhan e os contrapontos sobre estas, não foi nossa intenção discutir a obra do autor e sim, realçar o alcance das projeções de Anísio Teixeira sobre tais ideias, principalmente no tocante a relação que McLuhan estabelece entre evolução biológica, evolução tecnológica e sociedades modernas.

Em reportagem datada de 26 de outubro de 2002, o jornalista Marcelo Rezende, inicia a matéria na *Folha de São Paulo*, com a seguinte questão provocadora: “O mundo deu razão a Marshall McLuhan, professor canadense que declarou, no final dos anos 60, que o meio é a mensagem e que todos vivemos em uma aldeia global?” (REZENDE, 2002, s/p) como introdução a uma entrevista realizada com o filho de McLuhan, Erick McLuhan (1941-1918), responsável pela edição crítica das obras de McLuhan - lançadas pela editora “Gingko Press” e que, desde 2000 estava como diretor de um projeto dedicado à obra de seu pai, que deveria ser finalizado em 2005. Nesta entrevista, ao ser questionado sobre o por que do retorno ao pensamento de Marshall McLuhan, Eric McLuhan responde:

Há um público interessado. A maioria das pessoas que se opuseram ao trabalho de Marshall McLuhan, nos anos 60 e 70, já se retiraram da vida acadêmica, e uma nova geração passou a ler seus livros com muito mais frescor, descobrindo como seu pensamento pode ser relevante para a situação que vivemos. McLuhan parece ser o único ao redor que indicou a maneira pela qual essas novas mídias podem ser estudadas. Ele está em um ponto de redescobrimiento. Na verdade, parte do mundo universitário ainda não o aceita, talvez por ter ele possuído uma mente extremamente independente. (McLUHAN apud REZENDE, 2002, s/p)

Parte das críticas direcionadas a McLuhan, apesar dos numerosos cometários elogiosos, inclusive da parte de Anísio Teixeira, deveu-se ao fato de, entre outras questões, McLuhan não assumir uma posição política eminentemente de esquerda nem de direita ao tratar das questões que abordava entre as décadas de 1960 e 1970 e de, principalmente, explicitar seu descrédito na esquerda por utilizar as ideias de Karl Marx como bandeira como pode ser observado no trecho que se segue, de uma entrevista fornecida a revista francesa “L’Express”, em fevereiro de 1972, traduzida por Débora Fleck, e reproduzida na *Revista da Associação*

¹⁵⁸ [Http://www.mutaciones.pe](http://www.mutaciones.pe)

Nacional de Pós-Graduação em Comunicação, para a qual, ao ser indagado se o pensamento revolucionário não poderia trazer uma solução aos problemas do mundo atual (espírito da época), McLuhan responde:

As pessoas de esquerda, pelo que pude perceber até hoje, avaliam tudo em termos de hardware, ou seja, pertencem ao século XIX. Elas se baseiam em categorias muito simplistas de consumidores. Acreditam que se todos os homens tivessem a mesma quantidade de alimento e as mesmas condições de vida tudo se resolveria e passaria a haver paz no mundo. Afinal de contas, Marx é um homem do século XIX. Não é um homem da era elétrica. De modo que eu me preocupo pouco com as pessoas de esquerda, exceto pelo fato de que elas retêm muito a atenção, impedindo-a de se dirigir para “onde as coisas se passam”. Além disso, acho que elas utilizam Marx como meio de indignação. Sabemos que a raiva se tornou para muitos um modo de vida. A maioria dos indivíduos sentem-se realizados quando estão com raiva. Têm a sensação de estarem integrados. O que a China e Rússia desejam é o século XIX. Os chineses e os russos não querem o século XX. E tampouco a África: ela busca o século XIX. (McLUHAN 2011,s/p)

Algo similar que comentaremos posteriormente, se passou com algumas críticas direcionadas a Dr Anísio, referentes a posicionamentos liberais e por não defender posições mais radicais da esquerda brasileira.

Lembrando que na década de 1960, as observações de McLuhan, sobre as mídias, não ultrapassaram a televisão, pois a popularização da internet, só inicia-se uma década depois, retornamos a entrevista com Eric, publicada na *Folha de São Paulo*, adicionando mais uma questão formulada pelo jornalista e que consideramos relevante para estabelecermos conexões com o conteúdo da palestra realizada por Dr Anísio na FGV, para alunos do *II Curso de Teoria e Prática de Microfilmagem*, ou seja: “A internet seria responsável pelo interesse renovado em McLuhan?” (REZENDE, 2002, s/p) Ao que o filho de McLuhan sinalizando que sim, acrescenta:

Ele falava da mídia eletrônica como uma extensão do corpo humano. E o sistema nervoso é a internet. Ele falava dessa situação em uma escala global, como no conceito de “aldeia global”. McLuhan está de volta porque a globalização é um fato. As novas gerações descobrirão um tipo novo de imaginação. O trabalho de McLuhan começa com a literatura; ele era um professor da disciplina, voltado para a era elisabetana, e vivia nos anos 60 do século 20. Ele não era alguém interessado em tecnologia, mas alguém voltado para as pessoas, para o potencial do homem. Ele queria pensar sobre o que as pessoas podem fazer. (McLUHAN apud REZENDE, 2002,s/p)

Na nossa percepção, quando as ideias de McLuhan passam a ser resgatadas na atualidade, depois de um período de críticas e estagnação a partir da década de 1980, resgata-se, também, algumas das ideias defendidas por Dr Anísio que vão ao encontro do que defende este autor, e que, de certa forma, reforça o quanto o pensamento de Dr Anísio é atual. Além disso, ideias de Darwin, endossadas por Dewey, como, por exemplo, mecanismos adaptativos e de sobrevivência da espécie humana, estão presentes no cerne de muitas questões levantadas por

McLuhan. Portanto, um indicativo de que Anísio Teixeira continuava ainda na década de 1960, a reelaborar seu pensamento alicerçado nas ideias de Dewey.

Para uma melhor visualização do conjunto das convergências explicitadas acima, adicionamos a apresentação, na íntegra, elaborada por Anísio Teixeira para a versão em português do livro *A Galáxia de Gutemberg*.

FIGURA: Apresentação feita por Anísio do livro *A Galáxia de Gutemberg*

APRESENTAÇÃO
A obra de McLuhan é uma tentativa original e penetrante de descoberta dessa explicação, que ele vai encontrar escondida em pressentimentos, ocasionais sugestões e raros e acidentais rasgos de luz e consciência. O esforço de McLuhan tem incrível penetração e tal originalidade de intuição e percepção que chega a ser desconcertante, dando-nos, por vezes, uma certa vertigem, sobretudo aos que se fizeram integral e plenamente homens gutenberguianos da cultura da palavra impressa, a cultura que nos fez "indivíduos", que criou o "público", o "Estado", as "nações", o "pensamento científico", desinteressado e objetivo, a "secularização" global da vida humana. No momento em que tudo isso está em crise e estamos ameaçados de voltar à cultura tribal de períodos anteriores, pode-se compreender porque McLuhan está sendo saudado como um precursor, um profeta, um revelador das formas pelas quais o homem chegou ao relativo domínio do mundo material e se adaptou, como pôde, às suas próprias invenções e criações, de tudo resultando a grande fusão — melhor diria, confusão — moderna, a que chamamos nossa civilização ocidental. Para a nova era dessa civilização que está indiscutivelmente a anunciar-se, ler e procurar penetrar o difícil, novo e original pensamento de McLuhan não é apenas um raro e alto prazer, mas dever e necessidade de cada um de nós que sofremos as perplexidades e incertezas da imensa transição. A novidade dos nossos tempos tumultuados, com o início da era eletrônica em substituição à mecânica e tipográfica de nossa extinta era moderna, pela maior transformação tecnológica de toda a história, será a de que vamos entrar na nova era tribal da aldeia mundial pelos novos meios de comunicação, mas agora em contraste com os nossos antepassados espontaneístas e semiconscientes, em estado de alerta, como diz McLuhan. Para estarmos assim despertos, contudo, precisamos, sem dúvida, de o ter lido, como um dos mais autorizados videntes da nova era. Anísio Teixeira Rio, 7/12/1969

FONTE: Livro *A Galáxia de Gutemberg*.

Da apresentação anexada acima, pode-se deduzir que Dr Anísio considera que o livro oferece "uma explicação da transformação do homem da cultura oral e manuscrita no homem da cultura tipográfica e moderna, com um poder de penetração e imaginação não atingido por qualquer outro escrito". (McLUHAN apud TEIXEIRA, 1969, p.11)

O entusiasmo registrado na mesma demonstra que no tradutor residia um leitor identificado com as ideias que o mesmo veicula. McLuhan, afirma Teixeira, não ganharia destaque por criar ideologias ou teorias, mas por "ver e descrever o que se passou com a evolução do homem em seu esforço por desenvolver-se e criar o seu mundo, inventando as tecnologias que lhe estenderam os sentidos e o poder de formar suas culturas". (McLUHAN apud TEIXEIRA, 1969, p.12)

A forma como o autor da obra compreende e explica o impacto das tecnologias na formação cultural do homem moderno é um dos aspectos que seduz Anísio Teixeira, apesar de acrescentar que algumas colocações de McLuhan chegam a ser desconcertantes, o que causa, algumas vezes, até uma certa vertigem, sobretudo nos que se fizeram integral e plenamente homens gutenberguianos da cultura da palavra impressa, a cultura que, segundo Dr Anísio nos fez "indivíduos" e que criou o "público", o "Estado", as "nações", o "pensamento científico", desinteressado e

objetivo, a "secularização" global da vida humana. (McLUHAN apud TEIXEIRA, 1969,p.12)

Ainda abordando o entusiasmo de Anísio Teixeira por questões levantadas por McLuhan, passaremos a tratar de um artigo, publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos de nº119, subsidiado por pequenos artigos que Dr Anísio havia elaborado a partir de provocações do jornalista Artur da Távola^[159], genro de Anísio, para serem veiculados, no jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, no período de 4 a 11 de agosto de 1970, portanto antes do lançamento do livro *A Galáxia de Gutemberg* pela editora.

Neste artigo Dr Anísio faz uma defesa veemente ao ataque que certas áreas do pensamento brasileiro vinha fazendo a produção de McLuhan, por acreditar ser ele portador de uma das mentes mais originais e férteis que havia surgido nos últimos tempos, mas que como tinha um estilo desconcertante, acabava por não agradar e enfurecendo parte significativa do pensamento convencional. (TEIXEIRA,1970)

Esclarece que o mesmo era lido amplamente e, no mesmo artigo critica os que tratavam as obras de McLuhan de *livrinhos interessantes*, dizendo que a ideia pejorativa expressa na utilização do diminutivo de livro antes de interessantes não passa do *extremo desprezo de nossa gaiata arrogância sul-americana*. (TEIXEIRA,1970)

E complementa:

Realmente, toda novidade de McLuhan está em abordar o problema da história de nossa cultura de modo diferente do convencional, que é o oposto desse óbvio implícito, de que falo. A observação humana, ao longo dos séculos, se deteve em dizer-nos o que havia acontecido, chegando ao máximo de como tinha acontecido. Mas porque acontecera, a isto não respondia a história, nem o pensamento humano. O próprio McLuhan ilustra seu pensamento com o caso do progresso humano: "Por que todo esse progresso?" - "Ora, devido ao avanço científico". - "Mas o que causou esse avanço científico, o que nos levou a ele?" - "Aí, falta a explicação". Toda a novidade de McLuhan está em tentar esclarecer esse "porque". (...) Este canadense, por sua vez, policiou-se menos e 'viajou' mais, sem medo de acertar ou errar, de elogiar ou desmerecer. Desafiou-se, simplesmente, como todo homem inquieto e perspicaz. Quis refletir, questionar e, quem sabe, acordar a consciência de alguns para determinadas conseqüências sociais, a partir de suas observações, muitas das quais 'empíricas' e inconsistentes, sobre as alterações que as tecnologias, as novas, principalmente, podiam causar. (TEIXEIRA, 1970, s/p)

Apesar de chamar atenção para o caráter futurista-ficcionista de algumas das afirmações de McLuhan, o que de certo modo até aprecia, pois foi um leitor assíduo de um tipo de literatura com este tipo de estilo, conforme já registramos em capítulo anterior, Dr Anísio endossa e não só passa a agregar opiniões elogiosas como, também, se vale do seu reconhecido prestígio, para recomendar a produção do estudioso canadense. Faz isto por acreditar que o conjunto da obra deste autor anuncia, devido ao acelerado desenvolvimento da eletrônica à época, o início de um novo tempo e que já encontrava-se em curso na data que elabora a apresentação do livro *A Galáxia de Gutemberg*, ou seja: uma *nova era tribal da aldeia mundial*. Mas o que significava tal expressão à época? Significava exatamente o que estamos vivendo na atualidade, ou seja, um novo período de organização global que inaugura, pela junção à vida

¹⁵⁹ Pseudônimo de Paulo Alberto Artur da Távola Moretzsonh Monteiro de Barros.

em sociedade de novas mídias interativas, novas noções de tempo e espaço nos processos comunicativos.

Visto por muitos estudiosos atuais com sendo um presságio de McLuhan, e que Anísio Teixeira já defendia, não resta dúvidas que as novas mídias impactaram a vida em sociedade e, conseqüentemente, pressionam para que novas pesquisas sejam realizadas e, entre estas, as do campo educacional. Em sendo assim, acreditamos que produções de Anísio Teixeira, bem como de pragmatas clássicos como Charles Peirce, William James e John Dewey, devam ser relidas, tendo como ponto de partida a nova configuração vivenciada. Estes autores fizeram suas reflexões centrando-se na questão da experiência. Portanto, acreditamos ser interessante investigar qual deveria ser o lugar, nos processos educativos, da experiência hoje. Ela ainda poderia ser, no contexto atual, renovadas a partir de referências desses clássicos? E neopragmatas, existiriam conexões favoráveis que signifiquem aprofundamentos sobre a práxis?

Deixando as questões postas em tela em suspense e para as quais retornaremos para considerações complementares, voltaremos ao documento subsidio da palestra para darmos continuidade aos comentários que vínhamos adicionando, informando que após discorrer sobre questões discutidas no livro *A Gálgxia de Gutemberg*, Anísio Teixeira, antes de iniciar o tópico seguinte, ou seja, *A Tecnologia do Microfilme e a Civilização do Livro*, faz a seguinte observação:

Parecerá tudo isso perfeitamente desligado do curso de microfilmagem em que estais aqui empenhados. Convocado, entretanto, para trazer aqui alguma contribuição, como educador, pareceu-me ter manifesto cabimento sublinhar como vejo o microfilme no quadro geral da cultura humana. Considero o microfilme como descoberta equivalente à do livro. (TEIXEIRA, 1971, p.40)

Disto isto, passa a discorrer, nos restantes dos tópicos, sobre o processo evolutivo da tecnologia até chegar ao microfilme. Nessa explanação, agora mais voltada para questões mais específicas do processo evolutivo da técnica, perpassa, também, pela ideia e conceito de cultura até finalizar com a seguinte colocação:

Agora mesmo anuncia-se para os meados já iniciados de 1970 a entrada no mercado de algo como televisão por assinatura, paga como pagamos o telefone, e cujo programa adquirimos como adquirimos o disco para a vitrola ou gramofone. É o **cartridge vídeo**, ou **cassete**, que vai nos transformar o aparelho de televisão em um projetor e uma tela para programas de nossa escolha, a ser ligada em qualquer momento, unida à nossa casa por um fio como o telefone. Não só projetará o programa, como o poderá parar, ou repetir a passagem que queiramos melhor observar, ou estudar. Espera-se que seja um novo **choque cultural** como o do rádio e como o da televisão, para informação, diversão, ou publicidade. Essa terceira onda ou vaga cultural está chegando e é fácil imaginar suas conseqüências: vai mudar o **statu quo** na televisão, no cinema, no teatro, na música, no jornalismo, na edição de livros, na indústria da comunicação e da diversão, e em nossos hábitos, nossas atitudes, nossos gostos e nossas desejos de educação e cultura. Com o **cassete**, o microfilme, em sua nova forma, será o instrumento mais universal de educação, a chave de acesso à cultura nos seus segredos e preciosidades mais raros. O livro manuscrito não chegou senão ao comércio de segunda mão, que é o comércio dos

coleccionadores. O livro impresso fêz-se completo comércio para o livro atual e imediato, mas menos isto para o livro fonte e para os originais da cultura passada. O microfilme fará toda a cultura no tempo e no espaço um bem presente e possivelmente universal. O curso, portanto, que estais a fazer é curso de fundamentos, é curso raiz, para o Brasil desenvolvido de amanhã. (ibidem,1971,p.41)

Na citação acima Dr Anísio diz que com *cartridge video* e o *cassete*, um novo choque cultural é esperado. O que dizer então da internet e das várias linguagens veiculadas pela mesma?

Assim como o real, o virtual é um espaço de interações múltiplas. Entretanto, de espectro mais amplo, pois elimina barreiras impostas como já mencionadas referentes a espaço e tempo.

Cabe destacar, entretanto, que mesmo em uma época em que a rede de computadores não havia ainda se popularizado, Anísio Teixeira já deixa claro para os alunos do curso, que pelo potencial de informações disponíveis e que poderiam ser acessadas através da utilização das tecnologias citadas na palestra, que o curso que ora faziam restringia-se a meros fundamentos. Esta colocação vai ao encontro do que McLuhan previa, ou seja, que o homem vivenciaria experiências sensoriais a partir de dispositivos tecnológicos. Acreditava o pesquisador canadense que as extensões evolutivas do homem a partir da incorporação das tecnologias da era eletrônica estavam permitindo a libertação da absorção do conhecimento de dependências físicas e, conseqüentemente, de métodos tradicionais de ensino. Para McLuhan uma nova forma de se conceber a relação ensino-aprendizagem perpassaria, portanto, por uma adequação para a obtenção de conhecimentos a partir, também, dessas novas tecnologias.

Para a professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), Filomena Bomfim, Pós-doutora em Comunicação e Tecnologia pelo Programa McLuhan de Cultura e Tecnologia da Universidade de Toronto, McLuhan entendia os meios de comunicação como extensão do homem e complementa dizendo:

A preocupação inicial era com a apreensão da mensagem. Ele queria provocar um processo de aprendizagem mais efetivo. Para ele, esse processo não se realiza se não houver uma inter-relação dos sentidos do homem. Segundo McLuhan, se o aluno não ouve, não tem o contato através de texto, não pode ter uma aproximação até física com o seu objeto de estudo a apreensão da mensagem fica prejudicada. O que ele quer dizer com isso é que essa inter-relação entre esses vários sentidos cria um ambiente. Ele entende que as novas tecnologias são um ambiente. Além de serem meios de comunicação, elas criam um ambiente no qual o homem vive e age. Os meios tecnológicos hoje em dia criam um ambiente dentro do qual todas as nossas ações são realizadas. Toda a gama de possibilidades de buscar informações acaba moldando a nossa forma de pensar, de agir e de ser. (BONFIM apud DOMINGOS,2006, pp.150-151)

O conceito de mensagem para a linguística, aporta um conjunto de signos, unidades linguísticas que contem um significante (forma ou imagem acústica) e um significado (conceito), que organizados de acordo com um código, são transmitidos por um emissor a um receptor, através de um determinado canal de comunicação. Dito isto cabe destacar que:

As modernas ideias de pragmatismo lingüístico tendem a considerar a língua no seu uso e não mais como algo abstrato, sistematizada em uma estrutura ou forma, como a Lingüística Francesa de linha suassuriana a considerava (sobre Suassure ver Carvalho 2005). Nascida não só contra o racionalismo *a priori*, mas também da verdade imposta por meio autoritário ou da tenacidade, a postura pragmática tem como base a busca da verdade de uma proposição, dependente de sua verificabilidade futura, em sua consequência prática e no seu valor para a vida concreta. O significado do discurso seria, então, produto da experiência de vida e não apenas nos efeitos simples da palavra sobre a mente que a interpreta. (BONFIM apud DOMINGOS, 2006, pp.150-151)

O pragmatismo lingüístico ou newpragmatismo, cujos os principais representantes são: Lewis, Quine, Putman, Davidson e Richard Rorty, entre outros, é uma nova corrente filosófica que surge na década de 1960, quase que concomitante com as ideias de McLuhan, e que coloca a linguagem no centro da experiência. Resgatando, portanto, ideias de pragmatas clássicos como Charles Peirce, William James e John Dewey, responsáveis pela criação do pragmatismo enquanto escola filosófica, mas aportando noções de experiência diferenciadas.

Em sendo assim, decidimos pesquisar se Dr Anísio havia produzido algum documento que sinalizasse algum posicionamento já na linha do pragmatismo lingüístico. Não tivemos êxito, mas localizamos um artigo de autoria do filósofo, professor e escritor Paulo Ghiraldelli, que aborda Anísio Teixeira e no qual afirma:

Muitos foram desmotivados de acreditar em Anísio, então visto a partir de meados dos anos 70 como "escolanovista", "tecnicista", "americanista" e, pior que tudo isso, "liberal" - todas essas palavras que passaram a participar de uma "semântica de tempos de guerra" nos programas de pós-graduação e depois, também, em aulas de graduação. Por conta da luta da direita e da esquerda contra o pensamento dito liberal, todo movimento filosófico de John Dewey foi atacado, transformado por ambas em "tecnicismo". Assim, Anísio, o reconhecido discípulo brasileiro de Dewey, indiretamente, passou a ser fustigado quando então, já morto, não encontrou uma voz suficientemente forte para defendê-lo. Agora, no centenário de nascimento de Anísio Teixeira, livres (ou já quase livres) daquela literatura que dominou os influentes programas de pós-graduação em filosofia da educação nos anos 70 e 80, talvez tenha chegado a hora de fazermos com Anísio o que a literatura filosófica norte-americana tem feito com Dewey nos últimos tempos: começar a lê-lo sem traumas ideológicos, sem padrões e sem (falsas) estrelas dominantes em programas de pós-graduação. Somos capazes disso? Somos capazes de dizer para a velha geração de preconceituosos: "Agora chega!"? Anísio *deve ser* lido como filósofo social e *redescrito* como filósofo atual, vivo. É possível isso? (GHIRALDELLI, 2000, p.23)

No mesmo texto do citado autor, há uma referência a um texto de Anísio Teixeira, publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos titulado *Filosofia e Educação* e no qual uma parte foi adaptada e publicada com o título de *Dewey e a Filosofia da Educação*, no Boletim da Capes, ambos em 1959, ano do centenário de nascimento de John Dewey. Sobre as ideias veiculadas no texto acrescenta: “Anísio Teixeira escreveu o que eu vejo como um dos mais simples e ao mesmo tempo mais interessantes artigos em filosofia da educação produzidos por

um brasileiro, considerando aqui, obviamente, o tempo e o lugar”. (GHIRALDELLI, 2000, p.24)

No texto Dr Anísio, registra sua indignação com as incompreensões, deformações e críticas às ideias pragmáticas de Dewey, justificando que “a designação mais corrente de “pragmatismo” e a identificação dessa filosofia com a frase “**saber é o que é útil**” concorreram para isso. Para em seguida esclarecer que coube a Jonh Dewey “a formulação mais demorada e mais completa desse método de filosofia (mais do que sistema filosófico)” (TEIXEIRA,1959,p.103), para em seguida destacar que Dewey se empenhou em dirimir tais confusões e complementa tal afirmação dizendo que a contribuição foi muito grande, “se não a maior, na empresa de integrar os estudos filosóficos de nossa época no campo dos estudos de natureza científica, isto é, fundados na observação e na experiência, na hipótese, na verificação e na revisão constante de suas conclusões “ (TEIXEIRA, 1959, P.).

Do texto *Filosofia e Educação* de autoria de Dr Anísio, Ghiraldelli (2000) destaca:

De qualquer modo, porém, todo o grande problema contemporâneo continua a ser o da organização da sociedade democrática, com uma filosofia adequada, em face dos novos conhecimentos científicos, das novas teorias do conhecimento, da natureza, do homem e da própria sociedade democrática.[...]. Essa filosofia, que irá determinar a educação adequada à nova sociedade democrática em processo de formação, já se acha esboçada na grande obra de John Dewey, que a traçou tendo em vista, mais especialmente, a sociedade americana, a qual, por um conjunto de circunstâncias, constitui a sociedade que, historicamente, mais se viu sob a influência direta do espírito oriundo dos movimentos pré-democráticos dos séculos XVI e XVIII e mais liberta das influências do feudalismo e da Idade Média. [...]. Como as filosofias, em suas formulações teóricas, ocorrem sempre *a posteriori*, mais como explicações ou justificações das culturas existentes, ou predicções para sua reforma, revisão e reconstrução, não se consegue a sua implantação senão depois de longos esforços e lutas. [...]A educação institucionalizada em escolas resiste, de todos os modos, à ação das novas idéias e novas teorias, e só lentamente se irá transformando, até chegar a constituir verdadeira aplicação da nova filosofia democrática da sociedade moderna. (TEIXEIRA apud GHIRALDELLI, 2000, p.24-25)

E acrescentando que o trecho que destaca demonstra a atualidade do pensamento de Anísio Teixeira, justifica enumerando três pontos que considera relevantes conforme pode ser observado a seguir:

Primeiro: Anísio tinha claro que o *problema* era o da adequação entre a explicação filosófica - que ele, hegelianamente, sabia que se tratava de uma explicação *a posteriori*- e a forma de vida democrática. A forma de vida democrática, exatamente por ser oposta à estagnação da forma de vida feudal, participa do dinamismo do culto ao que é novo, e a América é exatamente onde o *novo* se apresenta quase que como um imperativo. Para mantermos a coerência intelectual, teríamos que participar de uma metanarrativa¹⁶⁰], de uma filosofia, que fosse capaz de ser tão dinâmica quanto as narrativas que ela vem justificar, as narrativas científicas etc. Segundo: a Escola não pode ensinar algo sem *justificativa*, sem um solo que possa ser chamado de metadiscurso e que esteja garantindo o seu discurso, ou sem algo

¹⁶⁰Na filosofia e na teoria cultural, assume o sentido de uma grande narrativa de nível superior, capaz de explicar todo o conhecimento existente.

que possa ser chamado, por exemplo, de epistemologia, uma teoria do conhecimento - conhecimento este que é a base dos conteúdos escolares. Mas note: esse metadiscurso não vai *fundar* ou *fundamentar* o discurso em um sentido tradicionalmente metafísico ou mesmo epistemológico, mas ele precisaria existir no mínimo para termos uma visão harmônica a respeito do que fazemos cotidianamente, enquanto criadores e usuários das ciências e da tecnologia nos seus mais variados modos de aparecimento. Ou seja, o discurso filosófico da educação não tem de ser um discurso fundacionista, embora precise existir na medida em que nossa vida intelectual é, enquanto vida intelectual, *coerente* enquanto professores, podemos abrir mão de garantirmos aos alunos que estamos falando a Verdade em nossa aula, mas não podemos abrir mão de garantirmos a verdade de nossa aula, ou seja, a consistência lógica e didática de nossa aula enquanto aquilo que nossos melhores pares chamam de conhecimento. Terceiro: mas como fazer esta junção, capaz de nos armar com novas sínteses, se a escola resiste às novas idéias, se ela mesma resiste às novas *sínteses* filosóficas que tornariam o discurso educacional - tanto a didática quanto os conteúdos - um conjunto harmônico entre narrativas científicas e as *novas* justificativas, digamos, filosóficas? Em outras palavras: como ver na escola a sua prática, dentro de uma democracia - a forma de vida moderna adotada no Ocidente e exportada para o Oriente -, em harmonia com uma "filosofia da sociedade democrática"? (GHIRALDELLI, 2000, p.24-25)

E complementa:

[...] se pudermos ler o trecho citado como expressões desses três pontos acima, não podemos duvidar que em 1959, no centenário de nascimento de Dewey, Anísio estava refletindo, em filosofia da educação, *mutatis mutandis*, nos mesmos termos que norte-americanos e europeus refletiram, vinte anos depois, quando da publicação de *A Condição Pós-moderna* e *A Filosofia e o Espelho da Natureza*. Minha avaliação, então, é que Anísio rondava o *problema* básico da "filosofia da educação de nosso tempo" como Dewey rondou este problema e, por isso, este último, teve condições de ser lido como um filósofo vivo por Rorty, nos Estados Unidos, e por Habermas, na Europa. Anísio podia estar para nós, quando lemos Lyotard, como Dewey esteve para Rorty quando este leu Lyotard. (GHIRALDELLI, 2000, p.24-25)

A observação de Ghiraldelli (2000), é interessante pois, sendo filósofo e estudioso das produções de pragmáticos contemporâneos, nos ajuda a compreender e demonstrar, para além dos próprios registros de Anísio Teixeira, as inquietações que o mantinha fiel ao pensamento deweyniano e seu método científico experiencial.

Traduzindo o que defende para a prática cotidiana do professor e tentando manter-se dentro do que está considerando filosofia da educação, acrescenta:

Se sou professor, e entro na sala de aula, entro para dizer um discurso *verdadeiro e* moralmente *correto*. Ora, mas o que me *garante* que eu falo a verdade e que eu julgo e ensino a julgar corretamente? Se pudesse ter lido Lyotard ou Rorty, Anísio diria: eis aí a questão, eis aí a contradição: qual filosofia da educação adotar se a filosofia da educação é sempre Filosofia e, portanto, platonismo - a idéia de um mundo básico imutável, ideal, e portanto *mais real*, que subjaz a um mundo contingente, apenas empírico, e portanto *menos real*? Ou mais explicitamente: qual filosofia da educação adotar no interior de uma "civilização em constante e rápida mudança", se esta mudança atingiu até mesmo o que havia de mais estável: as metanarrativas e as bases do conhecimento, ou seja, a epistemologia (seja esta metafísica ou não)? (GHIRALDELLI, 2000, p.25)

E sintetizando uma resposta para as questões levantadas na citação anterior, registra:

É claro que Anísio tinha uma resposta, diferente da de Lyotard [¹⁶¹..] - a idéia da ciência enquanto articulada à paralogia [ou seja, que um bom saber é aquele que percebe suas falhas e constrói novos conceitos] - e mais próxima da de Rorty - ultrapassamento da discussão epistemológica e o aprofundamento da luta pela democracia e pelo seu aperfeiçoamento. (GHIRALDELLI, 2000, p.25)

E como complemento acrescenta:

A resposta de Anísio se enquadra não dentro da resposta do platonista, do padre ou do marxista, aqueles que *sabem o que vai acontecer*. A resposta de Anísio se enquadra no espírito de Lyotard e de Rorty: respostas taxativas, que se parecem com certezas mas, antes que tudo, são muito mais esperanças nebulosas do que quaisquer certezas. Ora, talvez esteja aí, então, a *nova* filosofia da educação: antes "esperança que conhecimento", como já escreveu Rorty. Ou ainda: "pessimismo quanto ao conhecimento e otimismo quanto a prática", como já escreveram Horkheimer e Gramsci. (GHIRALDELLI, 2000, p.26)

Não aprofundaremos as relações estabelecidas por Ghiraldelli (2000) no seu artigo, por ultrapassar o escopo estabelecido para o trabalho. Estas foram adicionadas apenas com a intenção de exemplificar releituras do experiencialismo que tanto defendeu Anísio Teixeira. Acrescentamos entretanto, que na visão global das considerações efetuadas por Ghiraldelli (2000) no seu artigo e citadas na presente monografia, passa a residir uma das grandes concordâncias de Anísio Teixeira com Dewey e McLuhan, ou seja: Está tudo sempre em progresso, ou seja, sempre em movimento, sempre em processo de mudança.

Em sendo assim, concordamos que olhar o mundo apenas pelo retrovisor e nos impormos certezas baseadas apenas no que este olhar alcança do passado, pode gerar equívocos que, na maioria das vezes, são prescritos à nova geração. Tal certeza, por certo, permeava as reflexões e ações de Dr Anísio na vida adulta até a finitude e foi, sem dúvida, um alicerce para o seu pensar sobre o Brasil e o espaço que a educação deveria ocupar no país.

Para reforçar os motivos que podem ter levado Dr Anísio a possuir tamanha convicção, lembramos que o mundo após duas guerras e que atravessaram sua trajetória de vida, passa a conviver com a *Guerra Fria* que, na década de 1960 já acumulava acontecimentos relevantes.

Em outubro de 1962, ocorre a *Crise dos Mísseis em Cuba*, considerada o auge da Guerra Fria e o momento em que mais se esteve próximo de uma terceira guerra mundial, que não foi adiante porque as superpotências URSS e EUA chegam a um acordo. Nesse período há o estabelecimento da linha direta entre a *Casa Branca* e o *Kremlin*, o lendário *telefone vermelho*, com o fim de agilizar as negociações no caso de novas crises, mas que não impede a *Guerra do Vietnã*, em 1964, que deflagram manifestações estudantis em diversas partes do mundo. Por volta desse ano, inicia-se no Brasil um longo período de ditadura militar e ocorrem, posteriormente, mobilizações contra a reforma educacional, que acabam por fechar o Congresso e decretar o Ato Institucional nº 5. Há também nesta década, um forte desejo dos

¹⁶¹ Jean-François Lyotard (1924-1998), filósofo francês que definiu o pós-moderno em seu livro titulado de *A condição pós-moderna, como sendo a "incrédulidade em relação a metanarrativa"*.

jovens em se rebelarem no Brasil e no mundo, quíça por todas as questões postas até então, na busca por liberdade de expressão e liberdade sexual. Nesse sentido, o surgimento da pílula anticoncepcional feminina, no início da década, foi um grande avanço. E a esta segue-se a luta por igualdade de direitos, de salários, de decisão.

Confrontos bélicos da *Guerra Fria* à parte, a televisão que já se fazia presente em milhões de lares, fazendo do mundo uma aldeia global, registrava as conquistas espaciais da URSS, que saíra na frente e, portanto, foi a primeira a mandar um homem (1961) e uma mulher (1963) ao Espaço e a possibilitar que um astronauta saísse da espaçonave em órbita da Terra e flutuasse no vácuo (1965). A URSS foi, também, a primeira a pousar uma sonda na Lua (1966) e receber imagens obtidas da superfície deste. Coube, entretanto aos EUA os créditos de serem os primeiros e únicos, até então, a levar homens à órbita (1968) e depois à própria Lua (1969).

A década de 1960 registra, também, a perda por parte dos países coloniais europeus, com exceção de Portugal, de quase todas as suas colônias, o que modifica o mapa mundi em vigor até então, com a inclusão de mais de 30 novas nações. Ocorre nesta década, também, a Revolução Cultural Chinesa (1966-1976) e reacende o fervor revolucionário das massas maoístas, que passam a perseguir e punir as pessoas consideradas *burguesas reacionárias*. Já no Oriente Médio, é a Guerra dos Seis Dias (1967) que vai aumentar a tensão entre Israel e seus vizinhos árabes. Enquanto que na Tchecoslováquia, a conciliação de marxismo com liberdade individual na chamada Primavera de Praga (1968) sucumbe à invasão do país pelas tropas do Pacto de Varsóvia. Portanto, coroada com a chegada do homem à Lua, em julho de 1969, a década de 1960 chega ao fim, com um grande show de rock, o "Woodstock Music & Art Fair", em agosto do mesmo ano, reunindo em torno de 500 mil pessoas, por três dias, com espaço para amor, música, sexo e drogas.

Entre as invenções que surgem nessa década além da citada pílula anticoncepcional, está o transplante de coração, ambos na área da medicina, além do circuito integrado ou chip e a "Arpanet", embrião da Internet, na área da eletrônica.

É nessa década, também, que a informática começa a ser utilizada comercialmente, embora ainda em pequena escala, assim como os aviões de passageiros supersônico Tupolev Tu-144 (URSS) e o Concorde (Franco-britânico).

Todos esses avanços tecno-científicos, bem como os movimentos, principalmente as revoluções cultural e comportamental que se desenrolaram nesse período, acrescido da explosão demográfica que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial, não ficaram imperceptíveis ao olhar de Anísio Teixeira, como atesta, direta e ou indiretamente, o conjunto de seus últimos escritos e que, portanto, o fortalece para manter seu *Espirito Científico*, em uma crescente trajetória de curva espiral aberta e sustentada pelas ideias pragmáticas de John Dewey.

Cabe entretanto acrescentar, que após o advento do golpe de 1964, Teixeira "foi afastado de suas funções e aposentado compulsoriamente, e com autorização especial do presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, embarca para os Estados Unidos, só retornando em 1966. (GOUVÊA, 2013) De volta ao Brasil reassume o mandato no Conselho Federal de Educação que se encerra em 1968 e é convidado pela Fundação Getúlio Vargas e a Companhia Editora Nacional. Neste mesmo ano é, também, convidado para participar do Caderno Especial do *Jornal Folha de S. Paulo* para comentar a crise de maio na França, e no

qual atua como articulista do periódico de 02 de junho e 30 de dezembro de 1968. Para este Jornal escreve e publica 28 artigos, nos quais discute temas, como: universidade, liberdade de pensamento, democracia, entre outros, nos quais deixa transparecer a sua discordância com a ausência do *Estado de Direito Democrático*, em um período em que o governo militar endurecia suas posições que acabam por culminar no Ato Institucional nº 5 (AI5), de 13 de dezembro de 1968, ou seja, dias depois que envia a carta, cuja cópia encontra-se anexada no início do presente capítulo, e na qual reconhece a importância da Columbia University no seu processo formativo.

Portanto, de certa forma, seus artigos expressam um ideário que é interrompido por um período da história do Brasil nomeado de ditadura militar, e que vai ao encontro do que defendia muitos dos estudantes que participaram da *paciata dos 100 mil*, na região da Cinelândia, Rio de Janeiro, em 1968.

FIGURA: Foto do movimento conhecido A Passeata dos 100 mil, na Cinelândia, Rio de Janeiro.



FONTE: Memorial da Democracia

Cabe destacar que para muitos destes estudantes o ano de 1968 só começou no dia 19 de maio, quando uma manifestação reuniu 20 mil estudantes na França cobrando novos rumos para o ensino, e que no caso do Brasil ficou conhecido como *o ano que não acabou* por ter sido brutalmente interrompido pelo AI-5. Ano que ficou marcado na história mundial e, especialmente na brasileira, como um período de grandes contestações políticas e de costumes que, mudaram o mundo.

O movimento estudantil celebrizou-se como protesto dos jovens contra a política tradicional, mas principalmente como demanda por novas liberdades. O lema *é proibido proibir* expressa bem esse sentimento dos jovens e no Brasil, associou-se a um combate mais organizado contra o regime, como o registrado na região central do Rio de Janeiro.

Em 1970 a ditadura militar no Brasil produz o chamado Milagre Econômico e o Brasil vence a Copa do Mundo. Portanto os slogans na sua defesa passa a ser “Ninguém segura este país”, “Pra frente Brasil”, ou mesmo o que dava um ultimato aos opositores do regime, “Brasil:

ame-o ou deixe-o”. Em sendo assim, quíça por considerar que Anísio Teixeira, representante oficial do comando do segundo *intervalo democrático* da história brasileira o forçam a embarcar em 11 de março de 1971 para uma última viagem, sem direito a passagem de volta ao assassiná-lo quando este se encaminhava a residência do amigo Aurélio Buarque, na rua Praia de Botafogo, Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa, os resultados confirmam nossa premissa inicial de que Anísio Teixeira seria detentor de um *Espírito Científico* que passa a se fazer presente desde muito jovem.

As influências para o desenvolvimento deste *Espírito* localizam-se em histórias de familiares, membros da sua comunidade natal, bem como de alguns professores dos colégios jesuítas que frequentou. Afirmção que ele mesmo confirma em entrevista concedida ao jornalista Odorico Tavares, em 1956.

Nas ativas e diversificadas histórias familiares, quando comparadas com a de outras pessoas de sua geração, encontramos referências que podem explicar o precoce desenvolvimento de um pensar científico em Dr Anísio, como por exemplo: 1) registro de viagens do avô paterno ao exterior, para comercializar pedras preciosas, assim como o patrocínio por parte deste, de intercâmbio para que um dos seus filhos estudasse inglês e técnicas comerciais na Inglaterra; 2) O fato do irmão da mãe, Aristides, ter sido senador por muitos anos e no cargo demonstrar sensibilidade para questionar as condições de vida do negro no Brasil, em uma época em que sua rica família comercializava escravos; 3) Seu pai ter estudado na Faculdade de Medicina da Bahia em período cuja direção era positivista, e de ter participado da Guerra do Paraguai como voluntário para o atendimento de feridos, bem como sua atitude desbravadora do sertão, exercendo a profissão, iniciada na divisa de Minas Gerais – Bahia e que acompanha a rota da mineração até chegar em Caetité, entre tantos outros registros que podem ter alargado o campo de reflexão de Anísio Teixeira. Somam-se a estes outros relacionados a sua cidade natal Caetité, bem como cidades do entorno como, por exemplo, Lençóis.

Estas cidades, desde sua origem, conseguiram atrair e agregar um movimento intelectual decorrente, em parte, da chegada de representantes de cultura letrada oriunda de Minas Gerais, a partir do êxodo provocado pela *Inconfidência Mineira* e, em parte, pelo fluxo de dinheiro resultante da mineração, que possibilitava o acesso de filhos de fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais entre outros, acesso a estudos em centros urbanos bem mais desenvolvidos à época, como Salvador e Rio de Janeiro.

Nesta nova geração que vai se formando, os que voltam para a região, como o pai de Anísio Teixeira, passam a se mobilizar, a nível pessoal e político, para que sejam instalados equipamentos dedicados a instrução e a cultura, tais como, escolas, bibliotecas, tipografia, teatro, cinema, entre outros, considerados essenciais. É essa mobilização, que facilita a instalação de uma escola, por um grupo de protestantes e que, para evitar um crescimento desta religião na região, acaba por facilitar os entendimentos, entre parte do segmento político local e representantes da igreja católica, para a instalação em Caetité de um bispado, assim como de um instituto educacional, sob a direção da mesma ordem religiosa na qual o jovem Anísio concluirá os estudos básicos em Salvador.

Portanto, é o período das influências batizado por Abreu (1961) como sendo um período, “sem maior impropriedade, de um ponto de vista culturalista, como sendo o ciclo latino (francês, especialmente) humanista-clássico, dedutivista, escolástico, de sua formação”. (ABREU, 1961, p.3) e que perpassa o curso de direito e a gestão da Instrução pública da Bahia. Período em que Anísio Teixeira passa a aceitar as ideias evolucionistas de Darwin, mas

em uma perspectiva criacionista. Período em que vive um conflito existencial entre razão e fé, observado em cartas enviadas a familiares e diários de viagens. E esta influência se torna tão forte, que quase o faz ingressar na ordem religiosa da Companhia de Jesus, seguindo os passos de membros dos colégios jesuítas que frequentou.

Em sendo assim ressaltamos que, na nossa perspectiva, características da família, que extrapolam condições financeiras, bem como características do precoce desenvolvimento da microrregião na qual sua cidade natal encontrava-se inserida, quando comparadas as vivenciadas por outras regiões do Estado no período, colocam Anísio Teixeira, desde muito jovem, em contato com questões discutidas na modernidade no que se refere a desenvolvimento local e global, com relação a questões socioambientais, culturais, econômicas e políticas.

Não obstante tais fatos, a maioria dos escritos de sua autoria, alguns revisitados na presente monografia, registra que foram as experiências vivenciadas nos Estados Unidos, principalmente no “Teacher College”, da “Columbia University”, e que lhe proporcionaram um contato com as algumas novas correntes pedagógicas e sociais, mas, principalmente, com o método científico experimental de John Dewey, que possibilitam em Anísio Teixeira um de pensar em uma linha totalmente diferente da dos religiosos católicos. É, portanto o marco do início de um processo de consolidação da forma de pensar cientificamente que defenderá daí por diante, e que até então encontrava-se fortemente matizada por questões religiosas.

Abreu (1961) afirma que a partir deste período, as influências anglo-saxônica possibilitarão a Dr Anísio novas reflexões sobre questões existenciais e profissionais e em especial, ao que se vincula a ciência e a educação, como constatado, e que passam a ser perceptíveis nas suas ações a partir da década de 1930.

Nesse sentido, na nossa percepção, cinco pontos passam a ser considerados fundamentais para Anísio Teixeira quando este assume gestões públicas: 1) a escola básica deve ser pública; a escola deve ser para todos em quantidade e qualidade; 2) a escola tem que ser laica; 3) o professor tem que ser bem formado; 4) a escola tem que ser um espaço de exercício da democracia e, portanto, deve ter base democrática; 5) a pesquisa e o conhecimento científico são imprescindíveis para subsidiar a tomada de decisão na área da educação, bem com para alicerçar os processos formativos dos educandos.

Acreditava Dr Anísio que a tecnologia oriunda das novas descobertas vinha acelerando os processos de mudanças e que, conseqüentemente, demandava um novo método para lidar com o fazer escolar.

Anísio Teixeira não defendia a criação de uma *Ciência da Educação*, pois como ele afirma, “no sentido restrito do termo, como ciência autônoma, não existe nem poderá existir” (TEIXEIRA,1957,p.6) e sim, como complementa, “dar condições científicas à atividade educacional, nos seus três aspectos fundamentais – de seleção de material para o currículo, de métodos de ensino e disciplina, e de organização e administração das escolas”. (ibidem,1957,p.6)

Tais princípios passaram a ser defendidos na gestão da educação de Anísio Teixeira, no Rio de Janeiro, nos anos de 1930, e foram retomados na gestão da educação, quando este foi secretário no governo de Otávio Mangabeira, na segunda gestão da educação pública que assume na Bahia.

Em ambos períodos percebe-se a preocupação de instalar instituições que financiem e desenvolvam pesquisas, que não só envolvam questões educacionais como, também, sociais, ambientais e econômicas. No caso específico da Bahia, existia uma intencionalidade maior, compartilhada por outros intelectuais baianos, de que era necessário retirar o Estado do *atraso* em que encontrava-se mergulhada. Ao visitar ou residir em outros estados e países, os intelectuais baianos, muitos dos quais pertencentes a sua rede de relacionamento, procuravam somar esforços para este desiderato. Exemplo disto foi Clementi Mariani, que enquanto gestor do Ministério de Educação e Saúde, se mobiliza para apoiar o plano de ação de Dr Anísio para Bahia no período. Outro exemplo foi, também, o baiano, Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, que quando assume o mesmo Ministério, quando a gestão de Anísio na Bahia finalizava, o convida para alçar voo de forma a atuar junto ao governo federal.

Em sendo assim, tais princípios se farão presentes, também, em iniciativas referentes a gestão ou criação de órgãos públicos como o INEP, CAPES, CBPE e UNB, bem como em instituições e associações, nacionais e estrangeira, que passará a frequentar, como membro ou em cargos diretivos.

Cabe ressaltar entretanto, que antes do curso de mestrado nos Estados Unidos, o jovem Anísio, recém-formado em direito e ainda sobre profunda crise existencial, em decorrência das dúvidas pessoais sobre ingressar na Companhia de Jesus e dissuadir a família da resistência a sua inclinação, assume posto diretivo no novo governo da Bahia, que se iniciava sob o comando de Góes Calmon.

Na oportunidade, assume a gestão da Instrução da Educação Pública do Estado sem nenhuma referência teórica ou prática na área de atuação, a não ser breves orientações do então governador. Nesse cargo faz duas viagens. Da primeira, em 1925, à Europa, retorna com uma lacuna aberta pela decepção, apesar de algumas visitas a instituições educacionais, quanto aos rumos sociais e orientações do pensamento filosófico, em especial o católico, resultante de experiências propiciadas pela agenda religiosa ao continente e que lhe possibilitaram reflexões sobre o lugar e a forma de funcionamento da Igreja no velho mundo, marcado pelos efeitos da *Primeira Guerra Mundial*.

Entretanto a partir da segunda viagem aos Estados Unidos em 1927, suas expectativas são extrapoladas quanto ao que esperava encontrar, o que o faz retornar, em 1928, para aprofundar estudos que reformulariam, em definitivo, a sua forma de refletir e de agir, quando passa a assumir funções de gestão.

Na leitura de obras publicadas na América, principalmente as dos autores Cubberley e Dewey, Anísio Teixeira vai estabelecer um contato mais profundo com princípios norteadores da *Educação Progressiva* americana. Uma educação orientada para propiciar salas de aulas ativas, cuja proposta pedagógica centrava-se no aluno e não no professor. Uma educação orientada para formar alunos críticos, pensantes, inquisidores, e não meros memorizadores de conhecimentos sistematizados.

Nas ideias de Dewey, Anísio Teixeira irá encontrar também, ponto de apoio para ir de encontro com linhas de pensamento conservadoras, que colocam em campos diametralmente opostos as *Humanidades* e *Ciências* e que, portanto, na percepção dele, não levam em consideração as complexas interdependências existente entre ambas.

Por mais de três décadas a partir de 1930, Anísio Teixeira sustentará suas teses baseando-se na íntima associação entre os padrões culturais e educacionais norte-americanos e o pensamento social e educacional de John Dewey, a ponto de considerar o método científico experimental deste filósofo a sua *plataforma de lançamento*, como expressa em carta enviada a Monteiro Lobato em 1936.

Em 1951, depois de ter passado pela Instrução Pública do Distrito Federal, na qual instala um sistema educacional que perpassa a educação básica, técnica e superior; pela UNESCO, na qual teve participação ativa na elaboração de documentos orientadores sobre as séries iniciais (*Ensino Fundamental*) do processo educativo; pela Secretária de Educação e Saúde da Bahia, no governo de Otávio Mangabeira, no qual inicia a execução do *Centro Educacional Carneiro Ribeiro*, conhecido como *Escola Parque* e cria a Fundação Baiana de Ciências, na qual financia e acompanha pesquisas sobre *Estudos de Comunidade*, em três regiões da Bahia, Anísio Teixeira assume a direção da CAPES e um ano depois a do INEP e ligado a este cria o CBPE, assim como os cinco centros regionais que se articulam ao mesmo. Nestes órgãos Anísio Teixeira ainda fundamentado em referências anglo-saxônicas, estabelece parcerias nas quais a UNESCO e universidades norte-americanas assumem papel de destaque. Além disso mobiliza membros da sua ampla e consolidada rede de relações para implantar ações que contribuem para a consolidação do sistema educacional brasileiro, que passou a abarcar desde os níveis do *Jardim de Infância* até a Universidade, com significativos desdobramento para o início de um processo de institucionalização da pesquisa e da pós-graduação no Brasil.

Em 1959, ano do centenário de nascimento de John Dewey, Anísio Teixeira demonstrando que as influências do pragmatismo continuavam vivas, escreve o texto titulado *Dewey e a Filosofia da Educação*, no qual destaca que a contribuição de Dewey foi muito grande, “se não a maior, na empresa de integrar os estudos filosóficos de nossa época no campo dos estudos de natureza científica, isto é, fundados na observação e na experiência, na hipótese, na verificação e na revisão constante de suas conclusões” (TEIXEIRA, 1959, s/p). Nesta citação Anísio Teixeira destaca o método experimental científico de Dewey a que teve acesso, ainda muito jovem, e que passa a fundamentar suas ações em todas as gestões públicas que assumiu a partir de então. Percebe-se portanto, o interesse de Dr Anísio para que este método seja vivenciado e apreendido pelos docentes, bem como pelos educandos. Para tanto promove cursos, intercâmbios, implanta laboratórios modernos, entre outras iniciativas.

Ainda na direção dos já referidos órgãos federais, Anísio Teixeira, é convocado para participar da proposta de estruturação do sistema educacional de Brasília, bem como a criação e implementação da UNB, da qual se torna reitor por curto período de tempo em decorrência do golpe de 1964.

Nos anos sessenta, principalmente com o advento do *Golpe*, ainda que mostrando-se pessimista, em alguns registros escritos, quanto aos rumos do Brasil (em especial os artigos publicados pela *Folha de São Paulo*), bem como aos rumos da sociedade e da cultura norte-americanas, continua reafirmando a sua crença em princípios básicos defendidos por Dewey. Princípios que se relacionam com ciência e democracia, em um mundo em processo acelerado de mudança.

Portanto, continuará a chamar a atenção para a importância da educação e da escola como espaço experimental para o exercício de convivências democráticas, bem como para lidar,

eticamente, com os conhecimentos sistematizado, assim como com novos que surgirão a partir das contínuas demandas das movimentações humanas.

A sua produção ao longo da vida, de certa forma, procura sempre retratar que [...] “as práticas fundadas no que a ciência observou, descobriu e acumulou, e, por seu turno, obedecendo aos mesmos métodos científicos, se transformaram em práticas tecnológicas e deste modo renovadas, elas próprias se constituíram em fontes de novos problemas, novas buscas e novos progressos”.(TEIXEIRA, 1957,p. 6). Em sendo assim, com a maturidade intelectual, Anísio Teixeira passa a destacar esta questão e se apoiará, como por exemplo, em ideias como a do estudioso e professor canadense, McLuhan. O pensamento deste, apesar de muito criticado pelos seus aforismos, vai ao encontro do que defende Dewey e Dr Anísio endossa, ou seja, as tecnologias vinham dando um acelerado “up grade” ao ser humano no mundo moderno.

Dr Anísio defendia que com as descobertas das pesquisas científicas em curso, novas tecnologias continuariam sendo agregadas, encurtando, portanto, o tempo dos impactos que poderiam provocar na sociedade, o que demandaria contínuas pesquisas científicas no campo social e, conseqüentemente, educacional.

Na atualidade, algumas pesquisas na área das humanidades, estão ampliando os seus escopos de estudo e envolvendo a linguística, o que deu origem a uma nova corrente filosófica denominada de *Neopragmatismo*, iniciado nos anos 1960, na qual alguns de seus defensores se reportam às ideias de pragmatas clássicos, como Dewey. Não podemos afirmar que Dr Anísio tomou contato ou se interessou em aprofundar conhecimentos sobre esta corrente. É certo entretanto, que em algumas publicações faz referência a linguística.

Entre os anos de 1960 e 1970 Anísio Teixeira mantém uma correspondência mais permanente com George Counts, um antigo professor do “Teachers College” da “Columbia University”. Na última carta enviada a Counts, arquivada no CPDOC/FGV, sob a referência AcT 1960.07.01, Dr Anísio questiona: quem está substituindo Dewey e Kilpatrick? E Counts? Este último influenciado por Dewey e Francis Parker, tornou-se um teórico conceituado da *Educação Progressiva*. Dr Anísio cita na carta referências teóricas importantes de quase toda a sua vida adulta, após contato com a cultura americana, ao tempo que questiona quem vai dar continuidade a esse movimento filosófico na perspectiva dele, tão inspirador. Na percepção de Anísio Teixeira, os citados são referências de suma importância para o pragmatismo norte-americanos e ligadas ao “Teacher College”.

Em sendo assim, nos parece quase que natural que Dr Anísio, ao encontrar-se em idade avançada, se manifestasse preocupado com a continuidade desta corrente filosófica a qual se vinculou e defendeu de forma tão veemente ao longo de quase toda sua vida profissional.

Para finalizar acrescentamos que Anísio Teixeira defendeu, assim como Dewey, a contínua edificação da democracia, por acreditar que esta forma de governo propicia espaços para mediações. Postura dialógica defendida e presente na sua própria conduta, que sempre procurava aproveitar o que há de melhor nas ideias de um expositor, independente do mesmo ser de uma linha mais de esquerda ou de direita, como é o caso do filósofo francês Alexis de Tocqueville (1805-1859) citado, duas vezes no texto *Democracia é O problema*, de sua autoria, publicado em 1968, em pleno endurecimento da ditadura militar no Brasil e disponibilizado na parte pré-texto deste trabalho monográfico.

Ao garantir uma participação qualificada a todos pela educação, acreditava Anísio Teixeira que o conjunto das pessoas de uma sociedade tenderia a encontrar soluções mais plausíveis para os sempre renovados conflitos que são, continuamente, postos em tela em um mundo em vias de passar por aceleradas mudanças. E que para tanto seria necessário investir na única instituição capaz de garantir e qualificar a participação de muitos nas tomadas de decisões, ou seja, a escola pública. Instituição que, pela sua natureza, deveria ser um lugar de exercício da democracia e com capacidade de preparar as novas gerações para as demandas de convivências tanto as presenciais, como as virtuais, que à época ainda não existiam com a formatação sofisticada da atualidade, mas que já apresentavam indícios de que por certo ocorreriam.

Na atualidade os neopragmatas como Richard Rorty retomam a estudos de Dewey como ponto de partida para desenvolver estudos sobre pragmatismo linguístico, pois o ambiente interativo da internet vem demandando novos estudos sobre experiências comunicativas. Portanto, são as constantes mudanças que impulsionam novas pesquisas. Pesquisas para as quais um pensar científico como o defendido por Anísio Teixeira, será sempre imprescindível, principalmente em países em que ampliam-se as distancias entre o que a lei garante e o que realmente ocorre nas instituições educativas do país, como explicita o artigo, de sua autoria, titulado de *Valores Proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras*, datado de 1962, e disponível na *Biblioteca Virtual Anísio Teixeira*. Em sendo assim, sempre haverá demandas para que novos estudos e intervenções sejam colocados em prática, não só no que se refere a escola, como a outros espaços ocupados pela sociedade, principalmente em um país como o Brasil no qual a *Democracia é [continua sendo] O problema*, como Anísio Teixeira tituló a matéria de sua autoria, citada anteriormente, alguns meses antes do Ato Institucional nº5 decretar o início dos denominados *anos de chumbo*.

Para finalizar afirmamos e em acordo com definição estabelecida por Einstein, que Anísio Teixeira foi um *Homem de Ciências* e também de muita ação em prol desta, que soube trabalhar se articulando nos espaços abertos pela ampla rede de relação que estabeleceu e foi se consolidando com a participação de pessoas de variadas formações.

Em sendo assim este estudo não só confirmou a premissa da existência do *Espirito Científico* de Dr Anísio, como demonstrou as influências e desdobramentos deste, o que por certo poderá contribuir com novos estudos sobre histórias da educação e das ciências no Brasil. Cabe esclarecer que alguns dados sistematizados na pesquisa, além de contribuírem para elucidar pontos das categorias influências e desdobramentos, foram estrategicamente registrados com a intencionalidade de contribuir para o desenvolvimento de futuros estudos sobre temas aportados pelos recortes adicionados.

E apenas como mais uma curiosidade do bacharel Anísio Teixeira acrescentamos que em entrevista, para um documentário sobre o pai, Carlos Teixeira afirmou que o pai gostava de observar a curiosidade das crianças. E cita como exemplo formigas caminhando no jardim, para depois acrescentar que Dr Anísio manteve ativa uma coleção de besouros na vida adulta.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jaime. Anísio Teixeira e a educação na Bahia. In: Anísio Teixeira: pensamento e ação. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960. p.01-68.
- ALMEIDA, Adir. Movimentar o Binóculo, Entrelaçar Saberes: Arthur Ramos e o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental no Rio de Janeiro de 1930. Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação Vitória-ES, 2011. Disponível em www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/790.doc Acesso de novembro de 2016.
- ALVEAL, Carmem Margarida. Senhores de Pequenos Mundos: Disputas por Terras e os Limites do Poder local na América Portuguesa, SECULUM - REVISTA DE HISTÓRIA [26]; João Pessoa, jan./jun. 2012.
- AMÂNCIO, Márcia Helena. As Batalhas de Anísio Teixeira: análise do contexto de influência do I Plano Nacional de Educação. Tese de Doutorado, UNB, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24341/1/2017_M%C3%A1rciaHelenaAm%C3%A2ncio.pdf> Acesso em 12 de novembro de 2017.
- AZEVEDO, Eliane Elisa. Avanços das Ciências Médicas e Realizações Científicas na Bahia de 1945 a 1964. Gazeta Médica da Bahia, 77: 1(Jan-Jul):54-63. 2007.
- AZEVEDO, Thales. A Ciência na Trajetória Espiritual de Anísio. Cadernos IAT: série memória da educação, n 2, Salvador, setembro de 1989.
- BARATA, Germana. Sérgio Mascarenhas: uma vida de atuação e esforços para o diálogo entre ciência e sociedade. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 64, n. 4, p. 12-13, Dez. 2012 . Disponível em:<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de maio de 2017. <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252012000400006>.
- BACKES, Marli Terezinha Stein; BACKES, Dirce Stein; MEIRELLES, Betina Hörner Schlindwein and ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Noções de natureza e derivações para a saúde: uma incursão na literatura. *Physis* [online]. 2010, vol.20, n.3, pp.729-751. ISSN 1809-4481. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312010000300003> > Acesso 10 jun.2016.
- BAHIA: Quatro Séculos de História da Bahia. Álbum de Comemoração do 4º Centenário/publicado pela Revista fiscal da Bahia. Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia. Localização 94(813.8)Q2. Salvador – Bahia, 1949b.
- : Fundação Para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia: Atuação no período de 1951-1965. Relatório de 1966, composto e impresso na Fundação Gonçalo Muniz, Salvador, 1967, 76p.
- BANDEIRA, Moniz Luiz Alberto. O feudo. A casa da torre de Gárcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005, 601 pp.
- BARBOSA, Ruy; SPINOLA, Thomaz; VIANNA, Ulysses, Reforma do Ensino Secundário e Superior – Parecer e Projecto, Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro,1882, 121p.

-----, Ruy; SPINOLA, Thomaz; VIANNA, Ulysses, Reforma do Ensino Primário – Parecer e Projecto, Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1883, p.

BOAVENTURA, Edivaldo M. Anísio Teixeira e a autonomia da educação baiana. *Revista da Bahia*. Salvador, v.32, n.31, jul. 2000. p.70-83. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/boaventura4.html>>. Acesso em: 02 de abril de 2017.

BONOW, Iva Waisberg. ANÍSIO SPINOLA TEIXEIRA: Missionário e Mártir da Educação Democrática no Brasil. In: Anísio em movimento: a vida e as lutas de Anísio Teixeira pela escola pública e pela cultura no Brasil. Org. ROCHA, João Augusto de Lima et al. - Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992.

BUYSE, Omer. *Methodos Americanos de Educação Geral e Tecnica*. Tradução de Luiz Ribeiro de Senna, Imprensa grafica do Estado, Salvador, 1927,153p.

CABRAL, Luiz Gonzaga, S.J. Coleção Inéditos e Dispersos II Theatro, Livraria Cruz Braga,1925.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Anísio Teixeira: Itinerários*. In: Seminário "Um olhar sobre Anísio". Mesa Redonda "Política Educacional", Rio de Janeiro, 3 set. 1999. Rio de Janeiro, UFRJ/CFCH/PACC, Fundação Anísio Teixeira, 1999.

CASTRO, Almir de. 1951-1964: a CAPES em tempos de Anísio Teixeira. In: CAPES 50 anos: depoimentos ao CPDOC/ FGV / Organizadoras: Marieta de Moraes Ferreira & Regina da Luz Moreira. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, CPDOC; Brasília, DF.: CAPES, 2003. p. 30-41, 337p.

CHIBERNI, SILVIO, Notas de aula, “Filosofia: Noções introdutórias”, “Epistemologia: Noções introdutórias” e “Observações sobre as relações entre a ciência e a filosofia”, DF- Unicamp. Disponível em:<www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/textosdidaticos.htm>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

CONTRIM, Carla. E “As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas (Alto Sertão da Bahia, 1870-1930) Epígrafe, São Paulo, Edição Dois, pp. 25-46, 2015.

CORRÊA, M. História da Antropologia no Brasil (1930-1960): testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson. São Paulo: Vértice: Editora da Unicamp,1987.

COSTA, Emília, Da Monarquia à República – Momentos Decisivos , – 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999. Disponível em: <https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/2938298/mod_resource/content/1/1%20-%20Emilia_Viotti_da_Costa_-_Da_Monarquia_a_Republica_-_Momentos_Decisivos.pdf> Acesso: 30 de maio de 2017.

CUBBERLEY, Ellwood P. Public Education in the United States: a study and interpretation of american educational history, 3º ed. Chicago 1945, 583p.

CUNHA, Luiz Antônio. 1997 repete 1937? *Unificação e Segmentação no Ensino Brasileiro*. In: Seminário "Um olhar sobre Anísio". Mesa Redonda "Política Educacional", Rio de Janeiro, 3 set. 1999. Rio de Janeiro, UFRJ/CFCH/PACC, Fundação Anísio Teixeira, 1999.

-----, Luiz Antônio.. A Educação Brasileira na Primeira Onda Laica : do Império à República / Luiz Antônio Cunha. – Rio de Janeiro : Edição do Autor, 2017. 530 p

CURY, Carlos Roberto, Anísio Teixeira (1900-1971). Revista Trimestral de Educación Comparada, UNESCO: Oficina Internacional de Educación, vol XXX, nº4, pp.561-572, Paris, 2000.

DANTES, Maria Amélia, Recordações sobre o processo de constituição da História das Ciências no Brasil (Depoimento) Revista Maracanã Edição: n.13, Dezembro 2015, p. 158-163. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/revmar.2015.20129> > Acesso em 12 maio de 2017.

D'ESQUIVEL, Márcio Oliveira e SANT'ANA, Claudinei. O Método Mútuo e as Orientações para o Ensino de Desenho Linear: um estudo introdutório sobre as implicações para escola primária na Bahia republicana. Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática (2:2014:Bauru, SP). Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/enaphem/anais>> Acesso em: 8 de março de 2005

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 3.810, de 19 de março de 1932. Organização do Instituto de Educação, Exposição de Motivos. Prefeitura do Distrito Federal, Diretoria Geral de Instrução Pública. Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1932

DOMINGOS, Adenil Alfeu, A arma natural da política: a palavra. In: Mídia e Democracia, Organizado por Jeferson O. Goulart – São Paulo, Annablume, 2006, 204 p.

EINSTEIN, Albert. Como Vejo o Mundo, Ed. Nova Fronteira, 1981

FAUSTO, Boris. História do Brasil 2ed, EDUSP, São Paulo, 1995, 648p.

FIALHO, Nádia Hage. Universidades Estaduais no Brasil: Pauta para a Construção de um Sistema Nacional articulado de Educação. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 21, n. 38, p. 81-93, jul./dez. 2012.

FILGUEIRAS, Juliana Miranda, As Ações da Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

FREIRA, Gilberto, Tempos Mortos e Outros Tempos, 2ed Editora Global, Recife, 2006, 378p.

GARDNER, Howard. A nova ciência da mente. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, 456p.

GOUVEIA NETO, Hermano. Anísio Teixeira: Educador Singular. Companhia Editora Nacional, 1973, 149p.

GUIMARÃES, E. M. B. Um painel de cangalhas e bicicletas: os descaminhos da modernidade no Alto Sertão da Bahia (Caetité 1910-1930). 2012. 150 p. [Dissertação \(Mestrado em História\) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UNESP, Franca, 2012.](#)

HELLO, Ernest. L Homme: La vie- La science- L art, Paris 1899.

HAMLIN, D. W. Uma História da Filosofia Ocidental. Tradução de: Ruy Jungmann, Jorge Zahar, 1990.

HEYMANN, Luciana Quillet. Memórias de Signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: Arquivos de Anísio Teixeira e Lourenço Filho. In: A reorganização do

Campo Educacional do Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes/ Org. MAGALDI, Ana Maria e GONDRA, José, G., Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. Era dos Impérios: 1875-1914. Trad. Yalanda Stidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

-----, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX:1914-1991.Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____,Eric J. A Era do Capital.15ed. São Paulo - :Paz e Terra, 1975.

WARDE, Mirian Jorge . O International Institute do Teachers College, Columbia University, como epicentro da internacionalização do campo educacional Cadernos de História da Educação, v.15, n.1, p. 190-221, jan.-abr. 2016 ISSN: 1982-7806 (On Line) DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/che-v15n1-2016-7>

KESSELRING, Thomas. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. Revista Ciência e Ambiente v.3, n.5, jul./dez. 1992, republicado na Revista Episteme, Porto Alegre, n.11, p.153-172, jul./dez.2000.

KANT, Immanuel Sobre a pedagogia. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 3.^a Ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.

KOYRÉ, A., Do Mundo Fechado ao Universo Infinito (Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2006), 4a ed

LACOMBE, F. E HEILBORN, G., Administração- Principios e Tendências-,2^a Edição, Editora Saraiva, São Paulo, 2008.Disponível em:<

<http://www.eaofvirtual.com.br/v1/attachments/article/58/ADM%20PRINC%C3%8DPIOS%20E%20TEND%C3%84NCIAS.pdf> ACESSO em 2 de janeiro de 20016.

LEITE, Serafim, Paginas de história do Brasil, São Paulo Editor: Cia. Ed.Nacional, 1937

LIMA, Hermes. Anísio Teixeira: estadista da educação, Ed, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978, 212 p. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/livro10/chama_capitulo1.html> Acesso em 24 de março 2015

LOPES, Marcos Carvalho. Em cima das árvores: a filosofia e o restante da cultura. Trilhas Filosóficas (Impresso), v.IV, p.37-49, 2011.

LÜHNING, Angela. Verger, Bastide e Métraux: três trajetórias entrelaçadas Rev. USP • São Paulo • n. 95 • P. 128-141 • Set/Out/Nov, 2012.

MACEDO, Roberta. O Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal nos anos 1930. Tese de Doutorado-Puc-Rio,2015.

MAINKA, Peter Johann. A política educacional do Estado prussiano na época de Kant e as tendências pedagógicas do período.Quaestio: revista de estudos em educação, [S.l.], v.7, n.2, p.p. 167-183, Sorocaba São Paulo, nov. 2009. ISSN 2177-5796. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2825>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

MACHADO, Carlos José. As diferentes maneiras de se estudar a invenção científica.*Cienc. Cult.*[online]. 2005, vol.57, n.1, pp.29-31. ISSN 2317-6660.

MACHADO NETO, Antônio Luiz.. Contribuição baiana à filosofia jurídica e a sociologia do direito. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1966. (Separata da Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, ano 61, fax 1, 1966). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/viewFile/66501/69111> Acesso em 21 de julho de 2017

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 E 50. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 14 No 41, 1999.

-----, Marcos Chor; LOPES, Thiago da Costa. Entre Chicago e Salvador: Donald Pierson e o Estudo das Relações Raciais. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 30, nº 60, p. 115-140, janeiro-abril 2017.

MANN, George (org.) The mammoth encyclopedia of science fiction. 2001 New York: Carroll & Graf.

MARTINS, Angela Maria. Breves reflexões sobre as primeiras escolas normais no contexto educacional brasileiro, no século XIX, Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.35, p. 173-182, set. 2009 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639621/7189> Acesso em 15 de julho de 2017.

MATTA, Raymundo. *Anísio Teixeira e a arte de identificar vocações para a educação*. Salvador: FUNDAT/Instituto de Estudos e Pesquisas em Educação e Mestrado da UFBA, Salvador, 1994. 22p.

McLUHAN, Marshall. A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico, traduzido por Leonidas G. Carvalho e Anísio Teixeira, Companhia Ed. Nacional e Ed.USP Rio de Janeiro 1971.

MENDONÇA, Ana Waleska P. C. et al Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos de 1950/1960. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro , v. 11, n. 31, p. 96-113, Apr. 2006.

MOREIRA, João Roberto. Alguns aspectos comparativos do ensino médio. Rev. Estudos Pedagógicos, nº99, Vol. XLIV , Jul-Set, Rio de Janeiro, 1965.

MOTOYAMA, Shozo. Palestra Ciência e Tecnologia no Brasil Passado, Presente e Futuro em Perspectiva III Seminário Científico e Tecnológico Bio-Manguinhos/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2015. Disponível: <http://docplayer.com.br/15529813-Ciencia-e-tecnologia-no-brasil-passado-presente-e-futuro-em-perspectiva.html> Acesso: 15Mai 2017.

NEVES, Erivaldo Fagundes. A Saga dos Bandeirantes: Guerra aos Índios Tapuia, 34 da Revista de História da Biblioteca Nacional Rev.Afro-Ásia, núm. 24,, pp. 97-128, UFBA 2000

-----, Erivaldo Fagundes. Sampauleiros Traficantes: Comércio de Escravos do Alto Sertão da Bahia para o Oeste Cafeeiro Paulista. POLITEIA: História e Sociedade v. 10, n 1, p. 151-171, 2010. Disponível <http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/668/654> Acesso: 06 de junho de 2016

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira (Coleção educadores), Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Recife, 2010, 152p.

ODUM, Eugene. *Ecologia*, 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1977. 201 p. il. (Biblioteca Pioneira de Biologia).

OLIVEIRA, Hildérico Pinheiro de. Anísio Teixeira e a Fundação que tem seu Nome. In: *Anísio em Movimento*. Org. ROCHA, João Augusto Senado Federal, Brasília 2002, 299 p.

OLIVEIRA E SILVA, Arlette Pinto. A presença do educador na ABE. *Educação*. Rio de Janeiro, v.32, n.101, abr./jul. 2000. p.12-17. Disponível em <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/oliveiraesilva.htm>>. Acesso em: 13 de setembro de 2017.

OLIVEIRA, Waldir Freitas e COUTO, Edilece Souza, Colégio Antônio Vieira, 1911-2011, Edufba, 2011, 307p.

OLIVEIRA, Sergio Mascarenhas A ressurreição de Anísio no século XXI. *Revista BahiaCiências*, Edição 3, 2014, Disponível em: <http://bahiaciencia.com.br/2014/10/a-ressurreicao-de-anisio-no-seculo-xxi/> Acesso: 24 de maio de 2017.

ORTIZ, Ivanice, Família, escravidão e liberdade no Alto Sertão: Caetité, 1830-1860, In: *Lugares dos Historiadores : Velhos e Novos Desafios – Anais do Simpósio Nacional de História*, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares> Acesso: 2 de maio de 2016.

PAIM, Antonio A UDF E A Idéia de Universidade. *Tempo Brasileiro* Rio de Janeiro 1981 135p.

PAIM, ANTONIO. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, vol 1 6ªed. Edições Humanidades, 2007. 199p.

PEIRANO, Mariza, Edmund Leach. In: *Os Antropólogos*, Org: Everado Rocha e Marina Frid, Editora PUC-Vozes, 2014.

REIS, Josenice. *Dissertação de Mestrado: Instâncias Formativas, Modos e condições de Participação nas Culturas do Escrito: O caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928)*, 2010 -----. *Circulação de Cultura Letrada e a Comunidade de Leitores em Caetité-BA (1897-1930)*. *Anais do VII Congresso de História da Educação no Brasil. Circuitos e Fronteiras da História da Educação*. Cuiabá, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br> Acesso em: 28 de junho de 2017

REIS, P. e GALVÃO, C. O diagnóstico de concepções sobre os cientistas através da análise e discussão de histórias de ficção científica redigidas pelos alunos *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias* Vol. 5 Nº 2 (2006) Disponível em:<

http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=AT_Corresp&PagFis=469&Pesq> Acesso: 1 de setembro de 2017.

RIBEIRO, Núbia Braga. Catequese e Civilização dos Índios nos Sertões do Império Português no Século XVIII, *Rev: HISTÓRIA*, São Paulo, 28 (1): 2009.

ROCHA, Nádia; TRANQUILLI, Alessandra e LEPIKSON, Bianca. A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX: A Preocupação com Aspectos de Saúde Mental *Gazeta Médica da Bahia* 2004;74(2):Jul-Dez:103-126.

RODRIGUES, José. As Aulas no Cinema. Documentário de Joanna Grudzinska, 2015, s/p., Disponível em: <http://pgl.gal/o-movimento-da-escola-nova-entre-as-duas-guerras-mundiais-num-documentario-de-joanna-grudzinska/> Acesso em 14/06/2018.

ROMEIRAS, Francisco Malta. Carlos Zimmermann S.J. e o ensino da Microscopia Vegetal, Brotéria 174, 2012, pp 113-125.

-----, Francisco Malta. Das Ciências Naturais à Genética: A divulgação científica na revista Brotéria (1902-2002) e o ensino científico na Companhia de Jesus nos séculos XIX-XX em Portugal, Tese Doutorado, Universidade de Lisboa, 416p, 2014.

SANTANA, Elizabete Conceição. A Voz dos Professores Baianos no Início da República: A Revista do Ensino Primario (1892-1893 Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.36, p. 70-82, dez.2009 - ISSN: 1676-2584

SANTOS, Patricia. O Brasil no laboratório de Hélio Jaguaribe, Entrevista, Folha de São Paulo, 1998

SCHWARTZMAN, Simon, Ciências naturais, ciências sociais e humanidades (com um adendo sobre a necessidade de rever o sistema de avaliação da CAPES), versão2, 2008. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/buzlios.pdf> > Acesso 05 jun.2016.

SERAFIM, Leite, Novas Páginas de História do Brasil, Editor: Cia. Ed.Nacional, São Paulo 1965, 324p. Disponível: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/351/Novas-paginas-de-Historia-do-Brasil> > .Acesso: 15Mai 2017.

TANURI, Leonor. História da formação de professores, Rev. Brasileira de Educação, Nº14, pp. 61-88, 2000.

TAVARES, Odorico. Prioridade número um para a educação. Entrevista de Anísio Teixeira ao Diário de Notícias da Bahia, 1952. Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação. Arquivo Anísio Teixeira, PROEDES/UFRJ, AST/06/33/1952.

TEIXEIRA, Anísio. Ciência e humanismo. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.24, n.60, 1955. p.30-44.

TEIXEIRA, Anísio. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.25, n.61, jan./mar. 1956. p.145-149.

-----, Anísio. Ciência e arte de educar. *Educação e Ciências Sociais*. v.2, n.5, ago. 1957. p.5-22.

-----, Anísio. O espírito científico e o mundo atual. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.23, n.58, 1958. p.3-25.

-----, Anísio. Filosofia e educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.32, n.75, jul./set. 1959. p.14-27.

-----, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan América, 1927. 50p. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/visita.htm> > Acesso 15 jun.2016.

-----, Anísio. Aspectos americanos de educação. Salvador: Tip. De São Francisco, 1928. 166p.

-----, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199.

- , Anísio. Cultura e tecnologia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.55, n.121, jan./mar. 1971. p.12-37.
- , Anísio. O pensamento precursor de McLuhan. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.54, n.119, jul./set. 1970. p.242-248.
- THEOBALDO, Carlos Eduardo. A contribuição jesuítica na implantação do português do Brasil. In: *Revista do Espaço Acadêmico*, n. 87, ago. 2008.
- TORREND, Pe Camillo, Relatório Molestia do Cacaueiro, 1918, In ARGÔLO, Ronaldo Costa, *Histórias do Cacau*, Centro de Pesquisas - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira 2013, 25p.
- VARGAS, José Israel. Ciências em tempo de crise – 1974-2007/ José Ismael Vargas; Márcio Quintão Moreno, organizador – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, 379p. .<http://Disponível em:<www.academia.org.br/academicos/paulo-carneiro/discurso-de-recepcao> ACESSO 2017 de maio de 2016
- VARGAS, Milton História da ciência e da tecnologia no Brasil: uma súmula / Milton Vargas. – São Paulo : Humanitas / FFLCH / USP : Centro Interunidade de História da Ciência, 2001.146 p.
- VERGARA, M. R. Ciência e modernidade no Brasil: A constituição de duas vertentes historiográficas da ciência no século XX. *Revista da SBHC*. Rio de Janeiro. v. 2, n. 1. 2004. p. 22-31.
- VIANA FILHO, Luís. Anísio Teixeira: a polêmica da educação. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990, 242p.
- Teixeira: a polêmica da Educação, São Paulo, Editora Unesp; Salvador, Edufba, 2008.
- VICENZI, Leticia Josephina Braga de. A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil. *Forum Educacional*. Rio de Janeiro, v.10, n.3, jul./set. 1986.
- VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. O Arquivo Guido Beck: Origem, Relevância Histórica e Principais Dificuldades Rev da SBHC, n. 12, p.19-26, 1994.
- VILLELA, Heloísa de O. Santos. A primeira escola normal do Brasil: uma contribuição à história da formação de professores. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação – UFF – Niterói, 1990.
- XAVIER, Libânia e PINHEIRO, José Gledson, Da Lab School às escolas experimentais do Rio de Janeiro nos anos 1939. *Hist. Educ. (Online) Porto Alegre* v. 20 n. 50 Set./dez., 2016 p. 177-191
- ZILLES, U. ,Fé e Razão na Filosofia e na Ciência, *Rev. Trim. Porto Alegre* v. 35 Nº 149 . p. 457 – 479, 2005

